MCMXXXII

CRUZES PAULISTAS

85 ANOS DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932

Propriedade do
Patrimônio Cultural da Nação Brasileira

Edição
Núcleo Paulistas de Itapetininga! Às Armas!!
Sociedade Veteranos de 32-MMDC

1° Edição

Itapetininga/SP

Gráfica Regional
2017

Produção Editorial

Revisão, Ampliação e Edição	Sociedade Veteranos de 32 - MMDC Núcleo Paulistas de Itapetininga! Às Armas!! http://mmdc.itapetininga.com.br
Projeto Gráfico e Diagramação	Gráfica Regional, Itapetininga (SP)
Capa e Assistência Editorial	Fabio Silveira Jefferson Biajone
Comissão Editorial	cruzespaulistas@gmail.com

Exemplar de nº 0001

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo – SP)

920
B4702I

CRUZES PAULISTAS

Edição Comemorativa dos 85 anos
da Revolução Constitucionalista de 1932

Itapetininga (SP), Gráfica Regional / 2017 / 600 páginas

Organizadores e Colaboradores:
Jefferson Biajone
Afrânio Franco de Oliveira Mello
Helio Rubens de Arruda e Miranda
Benedito Montenegro Neto
Osvaldo Bretas Soares Filho
Cintia Akiko Tsunemoto

ISBN **978-85-65703-22-2**

Índice:

**1. São Paulo; 2. História; 3. História Militar Terrestre;
4. Revolução; 5. Revolução Constitucionalista de 1932;
6. Histórias de Vida; 7. Memórias; 8. Brasil**

CDD-920

Agradecimentos aos Mecenas de

CRUZES PAULISTAS

85 ANOS DA REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA DE 1932

que não tergiversaram em investir recursos em prol da cultura, do saber, das artes e do civismo, concretizando a aspiração de trazer a lume esta edição comemorativa nos seus mil exemplares.

PRO BRASILIA FIANT EXIMIA

bolsacreto®
Uma usina de soluções construtivas

CAMARGO®
Plano Familiar

Cemitério Jardim
Colina da Paz

N Sra. Aparecida

Empresa de Ônibus Circular
Nossa Senhora Aparecida Ltda.
Fretamento e Turismo

Revista Top da cidade

COMMARK
COMUNICAÇÃO TOP

r.amaral
clínica de cirurgia plástica

Roberto do Nascimento Amaral
CRM 55.862

Dr. Calil Aboarrage
Cirurgião Dentista
CRO 2801

MIS - I
Museu da Imagem e do Som de Itapetininga

Internet ultra rápida
ZUKNET
NETWORKS

VOCÊ
tem um dever a
CUMPRIR
Consulte
M.M.D.C.
a sua consciencia!

COMISSÃO EDITORIAL

EDIÇÃO MCMXXXVI

ORGANIZADORES

Dr. BENEDICTO MONTENEGRO

ALBERTO AGUIAR WEISSOHN

REDATORES

A. GUANABARA DE ARRUDA E MIRANDA

HORACIO DE ANDRADE

DADOS COMPILADOS POR

OSWALDO BRETAS SOARES

COMISSÃO EDITORIAL

EDIÇÕES MMXVI e MMXVII

ORGANIZADORES

Prof. Dr. JEFFERSON BIAJONE

AFRÂNIO FRANCO DE OLIVEIRA MELLO

BENEDITO MONTENEGRO NETO

HELIO RUBENS DE ARRUDA E MIRANDA

OSVALDO BRETAS SOARES FILHO

REDATORES

AIRESPHY PANTOJO VIOTTO

AYDIL MARQUES DE SOUZA

CINTIA AKIKO TSUNEMOTO

ORITIA ABREU SERAFIM

RENAN ARANTES FERREIRA DA SILVA

DADOS COMPILADOS POR

CINTIA AKIKO TSUNEMOTO

FABIO HENRIQUE SILVEIRA

MARCOS FELIPE DE SOUZA BONINI

THAIS DE SOUZA LOPES

Sumário

Prefácio de Cruzes Paulistas (1936) 15

Nota de Introdução à Cruzes Paulistas (2017)
Professor Jefferson Biajone 19

Prefaciadores Convidados
Adilson Cezar 35
Afrânio Franco de Oliveira Mello 37
Antonio Carlos Aristides 42
Benedito Montenegro Neto.....45
Camila Lourenço Giudice 48
Carlos Roberto Carvalho Daróz 53
Cláudio Moreira Bento.....55
Edilberto de Oliveira Mello.....58
Eduardo Negrão 62
Eric Lucian Apolinário.....65
Euclides Cachioli de Lima 69
Guilherme Mantovani Coli 72
Helio Rubens de Arruda e Miranda 74
José Paulo Ferreira Teixeira.....77
José Pedro Seppi 79
Júlio Cézar Benites Teixeira 81
Marcelo Antonio Ribeiro Camargo.....85
Maria Helena de Toledo Silveira Melo 87
Marinho Monteiro.....89
Mário Fonseca Ventura 92
Nivaldo Cesar Restivo e Mauro Cezar dos S. Ricciarelli...95
Paulo Adriano L. L. Telhada 97
Rodrigo Gutenberg.....99
Sérgio Marques 101
Sérgio Olimpio Gomes 104
Tiago Rodrigues Peggau e Silva 106

Um histórico sobre o Movimento Constitucionalista
de 9 de Julho a 28 de Setembro de 1932 109

M.M.D.C.
A mística em torno da designação 114

A Campanha Pro Monumento-Mausoléu de 32
Presidência, Comissão Central e Fiscal.....117
O Histórico do Monumento-Mausoléu de 32.....118

Pedro de Toledo
O Governador da Revolução.....124

Cruzes Paulistas: os que tombaram em 1932
pela Glória de servir São Paulo.....131
Relação das biografias feitas 133

Apêndice I – Forças Constitucionalistas
por setores de combate durante a revolução.....579

Apêndice II – Estatísticas de Cruzes Paulistas
segundo seus efetivos constitucionalistas.....589

Oração ante à última trincheira
agora é o silêncio 593

Hino da Revolução de 32
Nove de Julho é a luz da Pátria.....597

Decálogo da Vitória
O movimento constitucionalista vencerá 598

Para sempre Cruzes Paulistas
Edição digital e QR CODE de acesso.....600

Prefácio de Cruzes Paulistas (1936)

Este livro, tem dois objetivos: um, contribuir para a história de um episódio que encheu de orgulho o povo paulista e, outro, o de prestar um preito de gratidão aos heróis que encontraram morte sublime nos vários campos de luta, iluminados pelo ideal que animou a grande jornada.

A guerra de 1932 era inevitável. Motivos de várias naturezas a fizeram irromper, como uma fatalidade.

Os responsáveis pela política e pela sociedade paulista já não podiam, sem taxa de covardia, sobrepor-se a torrente que provinha de todas as classes, conclamando pela reivindicação de seus direitos. A liberdade era já um ludibrio. A antiga autonomia de São Paulo desaparecera por completo. As arbitrariedades, que se cometiam por toda parte, eram de ordem geral. E se em São Paulo elas atingiam, por vezes, as raias do absurdo, é provável que também em outras unidades do país, se produzissem com a mesma violência e repetição.

Aqui, no entanto a reação começou a se fazer sentir o primeiro lugar. São Paulo, com sua responsabilidade de primeiro Estado, aquele cujo comércio e indústria sempre estiveram em plano destacado no concerto da Nação, sentiu o dever cívico de pugnar pelas suas reivindicações e pelos direitos de todos os brasileiros.

A ideia então foi lançada. Pela palavra, escrita ou falada, começou a espalhar se a semente da Constituição. Os resultados foram imediatos. Todas as classes se interessaram. Não havia dissidências. Os partidos políticos se uniram. Trabalhadores de todos os ofícios começaram a bater na mesma tecla. Os jornais, acompanhando o ritmo que se formava, publicavam diariamente, com insistência e, principalmente, com eloquência, a necessidade de uma reação junto aos poderes públicos, a fim de ficar extinta a ditadura e podermos, enfim, respirar livremente, empreender o rude trabalho de uma nova Carta Magna.

Está nos livros que as revoluções nada criam. Demolidoras e destruidoras levam quase sempre consigo, da instituição feita ruínas, o bom e o mal. Restaurar, sobre escombros e em alicerces de solidez duvidosa, o bom que havia dantes,

não é tarefa das mais fáceis; com menos dificuldade se reintegra o mau - e o que de tudo resta, um dia, é desesperadora confusão.

Será por isso que os governos de emergência, imediatamente posteriores a cada revolução, tendem a eternizar-se e a aprofundar raízes? É que a ditadura, como espécie característica desses governos ocasionais, não ponha pressa em devolver o país ao império da lei?

O certo é que são Paulo, timbrando em pautar a sua ação pelas normas igualitárias do direito, e necessitando paz efetiva para continuar o seu trabalho fartamente produtivo, não poderia suportar, por tempo indefinido, o regime discricionário. O próprio Interventor, que para cá receberá delegação do governo central, Pedro de Toledo (cujo nome, haja o que houver, hoje e de futuro, sempre se deverá pronunciar com unção religiosa), compreendeu, desde logo, que, sem violência clamorosa ao sentimento geral, não poderia presidir aos destinos de sua terra com as simples credenciais da delegação. Ele mesmo, sereno e prudente, ergueu protestos que não foram ouvidos.

Nesse ambiente de dúvidas e desconfianças, o povo de São Paulo não podia viver. De todos os pontos se esboçavam reações. Pedia-se apenas um condutor. Dentro do coração do povo bandeirante acendiam-se as primeiras faíscas da guerra pelo bem do Brasil. E a fogueira cresceu. Tomou vulto. Alimentada pelo são patriotismo, em demonstrações de completo sacrifício por princípios que precisavam ser defendidos a todo transe, aqui já se não pedia mais do que justiça às reivindicações pleiteadas. Também não fomos ouvidos. Apenas chegavam ao conhecimento público notícias de novas violências e boatos de adiamentos indefiníveis à convocação da Constituinte. Nessas condições, não era mais possível sufocar os assomos da alma febril do povo de São Paulo. E surgiu, então, numa alvorada vermelha, mas esplendorosa, o 23 de Maio.

Tombaram cadáveres na luta que se travou.

Bravos paulistas caíram mortos, varados a tiros.

Mas do sangue, que tingiu algumas ruas da capital de São Paulo, rompeu o ideal que se incutiu no espírito de todo o povo, fazendo-o, uno e magnífico, lançar o desafio de rebelião que estalou a 9 de julho de 1932. Já então ninguém

vingaria impedir a torrente que se formara. Ninguém seria capaz de se opor à vontade férrea de toda a população paulista, ansiosa por inscrever, mesmo à custa de todos os sacrifícios, com tinta de fogo, o seu protesto formal contra os desmandos por que passava o Brasil, sem ordem e sem lei.

Três meses de lutas se seguiram... *São Paulo* – conforme disse um escritor – *não perdeu. Revelou-se na guerra o mesmo gigante da paz*. Alimentado pelo povo em todas as suas classes, desde as mais humildes até as mais opulentas, desde os mais incultos até os expoentes de sua intelectualidade, São Paulo formou um exército dos mais disciplinados e realizou feitos formidáveis, que causaram terror e espanto às forças regulares que combatiam. Em oficinas próprias fabricaram-se armas de guerra, das mais eficientes e perfeitas; em laboratórios, químicos dedicados estudavam dia e noite a possibilidade de novos inventos, e por toda a parte, nos lares e nas fábricas, as mulheres paulistas, absolutamente integradas no grande movimento de ideal, tinham um único objetivo: servir.

No último dia de Setembro, conhecemos a dor da derrota. Um frêmito de decepção sacudiu a alma de todo o povo. Sofremos. Choramos. Por uns poucos de dias, toda a população se sentiu como o que manietada, incapaz até de uma repulsa viva à situação que se criou como o fim da guerra.

Mas os soldados chegavam das fronteiras. Dia a dia, hora a hora, desembarcavam na capital do Estado. Suas Almas sangravam. A derrota do exército constitucionalista feria-os como ferro em brasa. Não fora vã, no entanto, a experiência da guerra. O fogo das trincheiras, as privações de toda sorte que sofreram, não foram inúteis. Porque, mesmo a despeito da dor que sentiam, em suas almas continuava, ardente e palpitante, a vibrar o fogo do civismo, que os levara ao campo de luta.

Foi assim que se formou, logo após, a Federação dos Voluntários, levantando bem alto, para que todos a vissem e a seguissem como a um phanal, a bandeira da redenção que iria seguir à frente dos exércitos, na paz acentuadamente esboçada em todo o país.

O grito foi ouvido. São Paulo inteiro fremiu à nova ordem de *sentido*. Congregaram-se de novo as facções partidárias. Formou-se um ambiente energético e patriótico. As injunções,

que partiram de São Paulo para todos os pontos do país, tinham cada dia maior repercussão. Era preciso atendê-las.

Foi confirmado então a data para eleição dos membros da Constituinte. O legítimo povo de São Paulo uniu-se, mais uma vez, formando frente única e levando, ao Congresso, elementos que representavam bem o seu espírito cívico. Formou-se assim a Assembleia que elaborou a nossa Magna Carta. Os princípios definidos por São Paulo tornaram-se vitoriosos. A 16 de Julho de 1934 foi assinada a Constituição dos Estados Unidos do Brasil.

Neste livro figuram os nomes dos que, pelo ideal de servir São Paulo e, lógica e principalmente, o Brasil, tombaram nos vários setores da guerra de 32. Dizer o que fizeram e o Espírito de heroísmo e de sacrifício que os dirigiu, é dispensável.

Cada uma das biografias traçadas das pormenores do que foi a guerra, em toda a sua crueza, e a maneira e alevantada e nobre porque morreram os bravos de São Paulo, nativos ou não.

Este livro é um pantheon.

De cabeça descoberta, como fazemos ao penetrar em templo sagrado, iremos lavrando, página por página, uma obra de gratidão e reverência.... Cada linha contém um orgulho para quantos lutaram ao lado dos que se foram, um exemplo para as crianças de hoje, uma lição e um incentivo, sempre fecundos, para gerações de amanhã.

Nota de Introdução à Cruzes Paulistas (2017)

Jefferson Biajone (*)

Há pouco mais de dois anos atrás, a 8 de Julho de 2015, realizou-se a solenidade comemorativa dos 83 Anos da Revolução Constitucionalista de 1932 no Setor Sul na sede da Floresta Nacional de Capão Bonito (FLONA), órgão federal pertencente ao Ministério do Meio Ambiente.

Nesta solenidade, foram relembrados a memória e os feitos de forças constitucionalistas que nos meses de julho a outubro de 1932 lutaram pela defesa do Setor Sul do Estado em Capão Bonito e demais cidades da região, a citar Buri, Itapeva, Campina do Monte Alegre, Guapiara, Ribeirão Branco, Apiaí, Itararé, Itaberá, Itapetininga e São Miguel Arcanjo.

Na própria localidade ocupada pela FLONA se deram em 1932 os combates do Morro do Alemão (22 de agosto a 26 de agosto) e do Fundão (31 de agosto a 1 de setembro) nos quais batalhões de voluntários civis e de militares da Força Pública de São Paulo e do Exército Brasileiro enfrentaram o avanço de forças adversárias advindas dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Paraíba e Pernambuco, todas constituintes do Destacamento em Operações no Setor Sul sob comando do general Waldomiro Castilho de Lima.

Foi no combate do morro do Alemão, ocorrido inclusive há pouco quilômetros da atual sede da FLONA, que veio a falecer de armas na mão o terceiro-sargento Octávio Seppi, do batalhão universitário paulista 14 de Julho, unidade de voluntários composta por estudantes, acadêmicos e profissionais liberais que, a 14 de julho de 1932, foi destacada para integrar o Exército Constitucionalista do Setor Sul, este com sede em Itapetininga e sob o comando do coronel Brazilio Taborda.

No mesmo dia em que o sargento Octávio Seppi falecia em combate, o segundo-tenente José Maria de Azevedo, também do seu batalhão, tombava nas cercanias da FLONA com o município de Buri, na defesa do Auto Blindado 14 de Julho, uma das invenções da genialidade bélica paulista que sob a direção do bravo capitão Afonso Negrão e de sua intré-

pida guarnição, veio a encalhar em um barranco e se tornar alvo de disparos de fuzis, metralhadoras, granadas e até de peças de Artilharia advindos de forte efetivo inimigo que tentava a todo transe capturá-lo.

Décadas depois, companheiros do batalhão do sargento Octávio Seppi retornaram aos campos de combate da FLONA e lá inauguraram, a 23 de maio de 1951 e em parceria com o então Instituto Nacional do Pinho, monumento no formato piramidal em homenagem ao sacrifício realizado pelo jovem voluntário e seus companheiros no altar da Constituição.

Anos mais tarde, com a extinção do referido Instituto e a fundação da FLONA em seu lugar, o monumento passou aos cuidados desta entidade e foi quando, a 23 de dezembro de 2014, tivemos a grata oportunidade de visitá-lo a caminho para Buri a fim de reconhecer novas trincheiras nessa localidade recentemente encontradas.

Da visita ao monumento e dos contatos que foram estabelecidos com a direção e servidores da FLONA naquela ocasião, surgiu a ideia de realizarmos uma solenidade de reinauguração do monumento pelo fato da placa nele existente em nome do voluntário Octávio Seppi estar por completo carcomida pela ferrugem inexorável do tempo.

Para tanto, elaborei uma nova placa a ser afixada ao lado da antiga no monumento, tendo por dados biográficos sobre o voluntário os constantes em **CRUZES PAULISTAS** (1936) cuja integralidade de suas páginas, em imagens escaneadas, se encontram *online* em uma rede social, brilhante iniciativa concretizada pelos amigos Silvio Luiz da Rocha e Carlos Felipe do Nascimento.

Por conseguinte, além da placa, necessário foi encontrar o paradeiro de familiares de Octávio Seppi, o que consegui via buscas realizadas com a ajuda do acadêmico Gabriel de Melo Dantas Ceglio junto às redes sociais em fins de março de 2015, sendo que a 12 de abril um oficio da Sociedade Veteranos de 32-MMDC, na sua sucursal no munícipio de Itapetininga, foi encaminhado ao Sr. José Pedro Seppi, sobrinho neto de Octávio Seppi.

Neste oficio, informações históricas sobre o voluntário e detalhes sobre a solenidade de reinauguração foram compartilhados, confirmando a data da mesma para 8 de julho de 2015, cuja parceria a referida Sociedade, nos seus núcle-

os MMDC de Itapetininga e Buri, pode contar com a FLONA e policiais militares integrantes do 22º e o 54º batalhões de Polícia Militar do Interior (22º BPM/I e 54º BPM/I), sediados, respectivamente, em Itapetininga e em Itapeva.

Com o pleno aceite da família Seppi obtido em fins de abril e o exitoso concurso de todos os envolvidos, a Solenidade Comemorativa dos 83 Anos da Revolução Constitucionalista do Setor Sul ocorreu na data supramencionada e pode contar com a presença de representantes das prefeituras de Capão Bonito e Buri, autoridades civis e militares do Exército Brasileiro e da Polícia Militar do Estado de São Paulo, direção e servidores da FLONA, bem como integrantes da Sociedade de Veteranos de 32-MMDC capitaneados por seu presidente, o coronel PM Mário Fonseca Ventura, vindo da capital para prestigiar o evento e conceder a Medalha Constitucionalista *post mortem* ao sargento Octávio Seppi e ao cabo *blindado* Durvalino de Toledo, este último representante da formidável *Legião Negra*, tropa de afrodescendentes que igualmente se bateu com denodo e valor pela Constituição não só no Setor Sul, como também nos demais setores da revolução.

Após o encerramento da solenidade, contudo, uma surpresa me aguardava. Quando o representante da família Seppi, o senhor José Pedro Seppi, já havia se despedido de todos e se preparava para retornar à capital, chamou-me à parte para um abraço e ao expressar o seu agradecimento pelas homenagens ali prestadas, presenteou-me com um exemplar de **CRUZES PAULISTAS** (1936) que por décadas pertencera a sua família.

Grande foi a minha emoção, bem como a dos demais que testemunharam a cena, porquanto a inesperada concessão concretizava para mim a aquisição da maior obra escrita da Epopeia de 32, a mesma que nas palavras do ínclito Paulo Lébeis Bomfim, príncipe do poetas brasileiros, considerada é a *Bíblia da Revolução Constitucionalista de 1932*.

Deveras sensibilizados pelo presente recebido em função do reconhecido valor histórico que ele reúne, agradeci efusivamente ao amigo José Pedro Seppi e, em ato contínuo, por motivos que até hoje ignoro, tive a feliz inspiração de dizer a ele que **CRUZES PAULISTAS** (1936), por conta dos oitenta anos de sua única edição a completar em 2016, poderia ter para neste ano uma nova edição, por que não 100% digital,

adentrando assim o século XXI, tendo em vista a sua maior divulgação junto às gerações presentes e futuras, por meio da rede mundial de computadores.

Recordo-me com clareza de que ao ouvir essa ideia, o amigo José Pedro Seppi apenas sorriu e me disse: Biajone, publicar este livro na internet seria algo fantástico, mas se prepare para o trabalho de digitação porque o livro tem mais de quinhentas páginas! Desejo-lhe sorte! Não desanime!

E realmente, ao folhear a obra que acabara de receber, centenas de vidas ceifadas durante o maior movimento cívico da história do Estado de São Paulo passaram em revista perante os olhos dando-me a real impressão de que a tarefa seria por demais nobre e ao mesmo tempo acintosamente complexa para ser encaminhada apenas por duas mãos.

Foi então que a partir daquele memorável 8 de Julho de 2015 que intenso trabalho de equipe foi colocado em prática para que a nova edição de **CRUZES PAULISTAS** viesse a lume no formato digital em comemoração aos seus oitenta anos de vida editorial em 2016 e, em face da fortuita coincidência do ano de 2017 ser o comemorativo dos oitenta e cinco anos da epopeia de 32, um novo formato para essa edição seria lançado, qual fora, impresso em mil exemplares.

Assim idealizado todo o trabalho da nova edição de **CRUZES PAULISTAS** em torno de seus dois formatos, ocorreu-me a ideia de para a versão digital aproximar alunos partícipes do projeto de iniciação científica *Morada de Heróis* do curso superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (ADS) da Faculdade de Tecnologia (Fatec) de Itapetininga.

Com efeito, *Morada de Heróis*, nacionalmente divulgado e internacionalmente premiado em congresso científico-acadêmico, data do ano de 2014 com o levantamento de túmulos de ex-combatentes das revoluções de 1924, 1930 e 1932 e da Segunda Guerra Mundial que poderiam ser visitados no cemitério municipal onde jazem por meio do conceito de caminhos fechados da Teoria de Grafos, conteúdo de Matemática Discreta, uma das disciplinas na formação profissional do tecnólogo em ADS.

No dia dos Finados de 2015, *Morada de Heróis* ganhou destaque na imprensa nacional por ter sido a primeira iniciativa acadêmica-científica do país a disponibilizar a história

de vida, imagens e depoimentos de ex-combatentes em QR CODE cuja leitura via dispositivo móvel poderia ocorrer junto aos seus túmulos no Cemitério Municipal de Itapetininga.

A plataforma de acesso a esses conteúdos foi desenvolvida por Sérgio Augusto Peiretti e Fabrizio Fernades De Freitas, acadêmicos de tecnologia em ADS da Fatec de Itapetininga em parceria com o Núcleo MMDC e o Portal dos Ex-Combatentes desse munícipio, sendo que a 26 de outubro de 2015, três QR CODEs impressos em pequenas placas de PVC foram afixados nos túmulos dos veteranos capitão Francisco Fabiano Alves (revoluções de 1924, 1930 e 1932), soldado Antenor de Oliveira Mello Junior (Revolução de 1932) e pracinha José Ribamar de Montello Furtado (Segunda Guerra Mundial), os primeiros ex-combatentes desses conflitos armados a terem o resgate de suas histórias de vida realizado por essa tecnologia no país.

A iniciativa *Morada de Heróis* prosseguiu com a afixação de placas nos túmulos de ex-combatentes sepultados em outros municípios, a citar o do soldado Oscar Kurtz Camargo (Capão Bonito), o do cabo Clineu Braga de Magalhães (São Paulo) e o do pracinha Newton La Scaleia (São Paulo).

Em 23 de maio de 2016, um banner elaborado por integrantes de *Morada de Heróis* em parceria com pesquisadores da Sociedade Veteranos de 32-MMDC, nas suas sucursais de Atibaia, São Paulo Zona Norte, Santo Amaro e Itapetininga foi doado ao acervo permanente do Monumento e Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32 em São Paulo (Obelisco do Parque do Ibirapuera) contendo os QR CODEs que dão acesso à biografia dos jovens do M.M.D.C., Mário **Martins** de Almeida, Euclides **Miragaia**, **Dráusio** Marcondes de Sousa, Antônio **Camargo** de Andrade, bem como de Orlando de Oliveira Alvarenga, do mártir Paulo Virginio, do governador Pedro de Toledo e do general Júlio Marcondes Salgado. Todas as suas biografias, cujo acesso se dá pela leitura nos QR CODEs desse banner, são as existentes nas páginas de **CRUZES PAULISTAS**.

Com todas essas realizações em nível digital em andamento, compreendi que a edição comemorativa dos oitenta anos desta obra poderia ser disponibilizada gratuitamente para *download* a qualquer internauta que tivesse acesso ao *link* de sua postagem, o qual foi elaborado e que graças à

hospedagem sem ônus algum ofertada pelo amigo Marcelo Antonio Ribeiro Camargo em seus provedores, pode entrar em funcionamento a 31 de Janeiro de 2016, data em que a nova edição de **CRUZES PAULISTAS** (ISBN 978-85-65703-16-1) foi trazida a lume 100% digital no endereço *http://mh.itapetininga.com.br/1932/cruzespaulistasdigital.htm*

Quanto a sua edição comemorativa dos 85 anos do movimento constitucionalista (ISBN 978-85-65703-22-2), entendi que o seu formato impresso, além de uma tiragem mínima de mil exemplares, poderia contar com um QR CODE no canto superior da lombada do livro, possibilitando a qualquer pessoa com dispositivo móvel dotado de leitor de QR CODE realizar o *download* de **CRUZES PAULISTAS** na sua íntegra em PDF, sem ao menos precisar ter o exemplar em mãos. Ademais, na parte interna da contracapa deste livro, um outro QR CODE poderia existir para dar acesso ao *link* da edição digital, o que não só interligaria ambas as edições entre si, como também mantendo a obra impressa sempre atualizada.

Assim vislumbrados os caminhos para uma maior divulgação de **CRUZES PAULISTAS** em consonância com as tecnologias do século XXI, a 31 de janeiro de 2016, encetei o início do trabalhos necessários ao cumprimento de ambos os desideratos, organizados que foram em três frentes.

Para tanto, uma comissão editorial comum às duas edições comemorativas foi instituída, para a qual pude contar com o magnífico concurso do genealogista Afrânio Franco de Oliveira Mello, vice presidente do Núcleo MMDC de Itapetininga; do jornalista Helio Rubens de Arruda e Miranda, presidente do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga, este filho do veterano Alcindo Guanabara de Arruda Miranda, um dos redatores da edição de 1936; do senhor Benedito Montenegro Neto, neto do veterano Dr. Benedicto Montenegro, presidente da comissão organizadora dessa mesma edição e do senhor Osvaldo Bretas Soares Filho, filho do veterano Oswaldo Bretas Soares, compilador da obra publicada naquele último ano.

Com relação as frentes dos trabalhos, a primeira ficou por conta da completa digitação, atualização da ortografia, revisão e ampliação dos textos na obra existentes. Nesta frente foram também levantados os setores de combate e os batalhões e regimentos que os veteranos retratados em **CRUZES**

PAULISTAS pertenceram durante a revolução de 32.

Já a segunda frente teve por finalidade levantar novos prefácios para a obra, bem como elaborar estatísticas referentes a dados quantitativos que seriam de interesse histórico aos leitores do século XXI.

E, por fim, a terceira frente, que teve por missão obter as aquiescências necessárias dos atuais descendentes dos membros da comissão organizadora de 1936, acatando desse modo os reclames da Lei de Direitos Autorais em vigor.

Com início na primeira frente, para o cumprimento de seus trabalhos foram convidados acadêmicos de tecnologia em ADS do projeto *Morada de Heróis* da Fatec de Itapetininga para a digitação completa do texto, atualização ortográfica e inserção dos incrementos que a nova edição trouxe.

Com efeito, nestas tarefas operaram voluntaria e intensamente, em meio à multiplicidade de afazeres estudantis e pessoais, os acadêmicos Airesphy Pantojo Viotto, Aydil Marques de Souza, Renan Arantes Ferreira, Pedro Henrique Ferreira Collaço e Cintia Akiko Tsunemoto, todos naquele primeiro semestre de 2016 que cursando estavam o último semestre da graduação tecnológica em ADS na referida Fatec. Desta frente participou também, voluntaria e abnegadamente, a amiga Orítia Abreu Serafim, diretora da Juventude Constitucionalista Exército *Aldo Chioratto* da Sociedade Veteranos de 32-MMDC.

Para se realizar a completa digitação de suas 516 páginas, **CRUZES PAULISTAS** (1936) foi dividido em três partes, sendo a primeira que foi da folha de rosto à página que antecedeu a relação de biografias dos seiscentos e vinte e oito ex-combantes (página 1 a página 34), a segunda que foi da página 35 à página 440 e a terceira que foi da seguinte à relação por ordem alfabética das biografias contempladas (página 441 a 516).

A primeira e terceira partes, aproximadamente 100 páginas de conteúdo escrito em termos em introdução, biografias do governador Pedro de Toledo, general Júlio Marcondes Salgado, dos jovens do M.M.D.C. e de Orlando de Oliveira Alvarenga, bem como dezenove discursos e homenagens prestadas por personalidades diversas, foram digitadas por Orítia.

Já para a terceira parte, esta forte em 410 páginas nas quais se encontram textualizados os seiscentos e vinte e oito

perfis biográficos dos combatentes falecidos de 32, a estratégia empregada foi dividir o seu quantitativo de páginas em cinco lotes contendo a biografia de cinquenta a sessenta combatentes cada entre os acadêmicos Airesphy, Aydill, Renan e Cintia.

Como não havia condições de fornecer a cada um deles um exemplar de **CRUZES PAULISTAS**, contei com a ajuda do acadêmico Pedro Henrique Ferreira Collaço que realizou o *download* da totalidade de suas páginas digitalizadas existentes na rede social dos amigos Silvio e Carlos outrora anunciada e organizou a primeira e terceira partes e mais os seis lotes da segunda parte em oito pastas zipadas contendo os arquivos de imagem das páginas digitalizadas correspondentes a cada parte/lote.

Uma vez prontas e de posse dessas pastas, alojei-as em um serviço gratuito de armazenamento na Internet, o que gerou oito links de acesso que repassados foram a Oritia, Airesphy, Aydill, Renan e Cintia para que realizassem o respectivo *download* de seus lotes e iniciassem a digitação.

Assim organizado esse expressivo trabalho a ser realizado em dez mãos, seu início se deu a 18 de março de 2016, tendo chegado ao término a dezesseis semanas depois, mais precisamente a 15 de julho do mesmo ano.

Durante esse período, as duzentas e trinta e duas fotografias de personalidades biografadas e mais as dez imagens constantes em **CRUZES PAULISTAS** foram individual e digitalmente tratadas com *software* específico, sendo algumas delas quase que completamente reconstruídas por conta de manchas e desgastes que já possuiam quando publicadas em 1936.

Assumi pessoalmente a realização deste trabalho, reservando para cada domingo daqueles quatro meses, o tratamento de dez a quinze imagens/fotografias.

Na primeira frente de trabalho iniciada em março, procederam os digitadores com um dilatado trabalho de revisão ortográfica de todas as partes do texto à medida que avançavam em seus lotes, diagramando para o formato digital os seiscentos e trinta e cinco perfis de personalidades e de combatentes biografados, bem como inserindo a denominação da unidade e do exército constitucionalista que cada um dos seiscentos e vinte e oito combatentes mortos estiveram vincu-

lados em vida durante a revolução.

Tal inserção não foi tarefa fácil, porquanto demandou a consulta de variadas referências, tanto bibliográficas quanto hipertextuais (constantes nas edição digital), o que foi feito de forma brilhante pela acadêmica Cintia Akiko Tsunemoto, a mesma colaboradora que durante os meses de julho a setembro de 2016 organizou estatisticamente dados considerados relevantemente históricos de **CRUZES PAULISTAS**, a citar os quantitativos de mortos em termos de setores, localidades, exércitos constitucionalistas e unidades militares de origem. O profícuo trabalho realizado por Cintia resultou nos apêndices I e II que ilustram a obra tanto no seu formato digital, quanto impresso.

A segunda frente tratou da aquisição de prefácios, uma ampliação que julguei importante proporcionar em termos de reconhecimento para o contributo histórico-social da obra segundo o juízo de valor que dela teriam dezenas de personalidades nacionalmente reconhecidas pelo entusiasmo que demonstram ao culto e à preservação da memória e dos feitos da epopeia de 32.

Com efeito, vinte e sete foram as personalidades que aceitaram o convite e encaminharam os seus prefácios, sinalizando com a importante contribuição que fizeram o reconhecimento do valor de **CRUZES PAULISTAS** pelas seguintes entidades das quais são honradas integrantes:

Academia Itapetiningana de Letras
Academia de Polícia Militar do Barro Branco
Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo
Câmara dos Deputados
Centro Paula Souza – Fatec Itapetininga
Faculdade de Direito do Largo de São Francisco
Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil
Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga
Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Sorocaba
Instituto Júlio Prestes
Liga da Defesa Nacional – Rio Grande do Sul
Museu da Polícia Militar do Estado de São Paulo

Polícia Militar do Estado de São Paulo
Portal dos Ex-Combatentes de Itapetininga
Sociedade Veteranos de 32-MMDC e suas sucursais da Zona Norte de São Paulo, Santo Amaro, Jaguariúna, Itapira e Itapetininga,

Entrementes, é em uníssono com os demais membros da Comissão Organizadora que agradeço, a cada uma das personalidades a seguir declaradas, a valorização que seus escritos conferiram à **CRUZES PAULISTAS** nesta sua edição comemorativa que digitalmente veio a lume em 2016 e impressa em 2017 para levar adiante o testemunho do idealismo, da bravura, do civismo e do patriotismo que uma pujante geração do século passado deixou assinalado para as gerações presente e futuras.

Isto posto e na ordem alfabética de seus primeiros nomes, de **CRUZES PAULISTAS** são os prefaciadores:

Adilson Cezar, professor
Afrânio Franco de Oliveira Mello, genealogista
Antonio Carlos Aristides, entusiasta de 32
Benedito Montenegro Neto, entusiasta de 32
Camila Lourenço Giudice, artista plástica
Carlos R. Carvalho Daróz, coronel do Exército Brasileiro
Cláudio Moreira Bento, coronel do Exército Brasileiro
Edilberto de Oliveira Mello, coronel da PMESP
Eduardo Negrão, jornalista
Eric Lucian Apolinário, historiador
Euclides Cachioli de Lima, cabo da PMESP
Guilherme Mantovani Coli, bacharel em Direito
Helio Rubens de Arruda e Miranda, jornalista
José Paulo Ferreira Teixeira, coronel da PMESP
José Pedro Seppi, entusiasta de 32
Júlio Cézar Benites Teixeira, professor
Marcelo Antonio Ribeiro Camargo, professor
Maria Helena de Toledo Silveira Melo, entusiasta de 32
Marinho Monteiro, psicólogo e sociólogo
Mário Fonseca Ventura, coronel da PMESP
Mauro Cezar dos Santos Ricciarelli, coronel da PMESP
Nivaldo Cesar Restivo, coronel da PMESP
Paulo Adriano L. L. Telhada, coronel da PMESP

Rodrigo Gutenberg, historiador e professor
Sérgio Marques, capitão da PMESP
Sérgio Olimpio Gomes, major da PMESP
Tiago Rodrigues Peggau e Silva, entusiasta de 32

Além do prefaciadores, há também a apreciação conferida por outras personalidades reconhecidas pela dedicação à preservação da memória de 32, mas que optaram por participar com textos menores e mais voltados a particularidades em específico da epopeia constitucionalista.

A essas personalidades, o agradecimento da Comissão Editorial é igualmente efusivo pelas valiosas apreciações que conferiram à presente obra, as quais, para que possam motivar outras apreciações dentre os seus futuros leitores, foram publicadas na edição digital, igualmente acessível pelo QR CODE existente no verso da contracapa desta edição impressa. Isto posto, de **CRUZES PAULISTAS** são os apreciadores:

Anderson Luiz Alves dos Santos, major da PMESP
Antonio Carlos Soares, sargento da PMESP
Camila Giudice, artista plástica
Carlos Henrique Lorenço Rovina, tenente da PMESP
Guilherme Mantovani Colli, bacharel em Direito
Markus Runk, entusiasta de 32
Tiago Rodrigues Peggau e Silva, entusiasta de 32
Oritia Abreu Serafim, entusiasta de 32
Vitor José Bazzo, capitão da PMESP

Não obstante os prefácios e as apreciações colhidos, uma terceira frente dos trabalhos, esta relacionada aos direitos autorais de **CRUZES PAULISTAS**, precisou ser tratada, o que novamente muito concorreu o destino para que essa necessidade em particular fosse de pronto encaminhada.

De fato, um dos autores-redatores e membro da comissão da Campanha Pró-Monumento e Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32 cujo **CRUZES PAULISTAS** (1936) foi edição e propriedade, o escritor e advogado Alcindo Guanabara de Arruda e Miranda, foi pai do amigo Helio Rubens de Arruda e Miranda, jornalista e presidente do Instituto Histórico Geográfico e Genealógico de Itapetininga, o mesmo que, em 2012, havia me recebido em sua casa para retratar o histórico

da participação de seu pai nas revoluções de 1924 e 1932.

Foi nesta visita que Helio Rubens apontou o nome do pai Alcindo na listagem dos organizadores do exemplar da família de **CRUZES PAULISTAS** (1936); listagem esta na qual constam como organizadores o Dr. Benedicto Augusto de Freitas Montenegro e o Sr. Alberto Aguiar Weissohn; como redatores os senhores Alcindo Guanabara de Arruda e Miranda e Horacio de Andrade e como compilador dos dados o Sr. Horacio de Andrade, todos veteranos de 32 cujos esforços para a elaboração e publicação da referida obra precisam nesta nota de introdução ser rememorados e reconhecidos, uma vez **CRUZES PAULISTAS** foi também decisiva para o captação dos recursos necessários à construção do Monumento e Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32 em São Paulo.

A eles e seus descendentes que tomaram e quiçá tomarão contato com **CRUZES PAULISTAS** nas suas edições comemorativas digital e/ou impressa, apresentamos em nome da comissão organizadora, dos prefaciadores e apreciadores e dos demais colaboradores, os mais efusivos agradecimentos em reconhecimento ao serviço que seus antepassados prestaram ao legarem ao patrimônio cultural da nação brasileira tamanho testemunho e exemplo de fé, idealismo, civismo, patriotismo e bravura.

Outrossim e apesar do artigo 41 da Lei de nº 9.610 de 19 de fevereiro de 1998 regulatório dos Direitos Autorais no país preconizar que **CRUZES PAULISTAS** (1936) seria de domínio público a contar do 1º de janeiro do ano subsequente ao falecimento de todos os seus autores, obedecida ainda a ordem sucessória da lei civil, importa reconhecer que tanto a edição digital (2016) quanto a impressa (2017), ambas comemorativas, revistas e ampliadas, vieram a lume sem qualquer fim lucrativo, mas sim com o propósito de levar adiante para o século XXI o sacrifício realizado por seiscentos e trinta e cinco heróis retratados em suas indeléveis páginas de glória.

Isto posto, a presente obra nas suas duas edições anunciadas se ampara no direito autoral ao respeitar à referida ordem sucessória de três de seus cinco membros da anunciada comissão organizadora da Campanha Pró-Monumento, o senhor Benedito Montenegro Neto, neto do Sr. Benedicto Montenegro, o Sr. Helio Rubens de Arruda e Miranda, filho de Alcindo Guanabara de Arruda e Miranda e o Sr. Osvaldo Bretas Soares Filho, filho do Sr. Oswaldo Bretas Soares, os quais

não só aquiesceram em pleno com a sua elaboração, como também desejaram integrar a sua atual comissão editorial.

Oxalá possamos tomar contato também com os familiares dos dois outros membros da comissão editorial de 1936, quais sejam, Horacio de Andrade e Alberto Aguiar Weissohn, para que então possamos compartilhar com eles da alegria da presente publicação.

Nesses termos, agradecemos qualquer informação de nossos leitores que possa levar aos familiares destes dois veteranos de 32 que até o lançamento da edição impressa de **CRUZES PAULISTAS** no auditório do SESI de Itapetininga, a 1º de Julho de 2017, não nos foi possível encontrar.

Para este e outros fins que nossos leitores interessados estejam em prol do engrandecimento desta obra, o *electronic mail* **cruzespaulistas@gmail.com** se encontra à disposição.

Maiores agradecimentos, contudo, se fazem necessários. Tratam-se dos verdadeiros mecenas que empresas e personalidades itapetininganas diversas se tornaram ao não tergiversarem em investir recursos para que a maior obra de todos os tempos da revolução de 32 viesse a lume em mil exemplares.

De fato, são de **CRUZES PAULISTAS** os mecenas

Bolsacreto
Cirurgião Dentista Dr. Calil Aboarrage
Cirurgião Plástico Dr. Roberto do Nascimento Amaral
Empresa de Ônibus Circular N. Senhora Aparecida Ltda.
Museu da Imagem e do Som de Itapetininga
Plano Familiar Camargo e Jardim Colina da Paz
Revista TOP da Cidade (Commark Comunicações TOP)
Zuknet Networks

Ademais, outras personalidades há que contribuíram para o esforço da publicação de **CRUZES PAULISTAS** bem como para a realização da solenidade comemorativa de seu lançamento a 1º de julho no SESI de Itapetininga, data na qual foi inaugurado o Monumento *Gaviões de Penacho* no Parque Fausto Tavares Ramalho, também nesta cidade e iniciativa da parceria ocorrida entre a sua Prefeitura Municipal, a Sociedade Veteranos de 32-MMDC, o Comando de Policiamento do Interior Sete e a Associação Fundo de Auxilio Mútuo dos Militares do Estado de Sao Paulo. Isto posto, agradecemos a

Adria Lúcia Mantz
Antonio Carlos Soares
Antonio Edison de Camargo
Antonio Joaquim da Costa
Antonio Valdir Gonçalves Filho
Benedito Aparecido Del Antonio Sampaio
Benedito Montenegro Neto
Benedito Tadeu Galende
Calil Aboarrage
Carlos Eduardo Falconi
Carlos Henrique Lorenço Rovina
Celso Rodrigues da Silva
Clodoaldo Gomes
Dimas Iwanczuk Traczuk
Edson José Galvão Nogueira
Fabio Arruda Miranda
Isolina Maria Leite de Almeida
José Eduardo Gomes Franco
João Francisco Aguiar
José Paulo Ferreira Teixeira
Josué Alvares Pintor
Júlio Cézar Benites Teixeira
Mara Aparecida Trigilio
Marcelo Antonio Ribeiro Camargo
Marcos Antonio Gonçalves Scudeler
Maria Helena de Toledo Silveira Melo
Mauro Cezar dos Santos Ricciarelli
Nivaldo Cesar Restivo
Pedro Henrique Ferreira Collaço
Ricardo Della Rosa
Roberto Allegretti
Roberto do Nascimento Amaral
Roberto Soares Hungria
Roberto Soares Hungria Neto
Ronaldo da Silva Braz
Sataporn Butsai
Sérgio Augusto Peiretti
Simone Aparecida Curraladas dos Santos
Tiago Rodrigues Peggau e Silva
Valmir Bispo dos Santos
Vitor José Bazzo

A guisa de conclusão desta nota de introdução, tal como afirmado foi no prefácio de edição de 1936, trata-se o livro **CRUZES PAULISTAS** de um panteão para o qual convido os leitores a adentrarem no templo sagrado que suas páginas encerram, cada uma delas um testemunho de gratidão e reverência, sacrifício e coragem, honra e desprendimento; cada uma de suas linhas um rasgo de orgulho e de saudade, tanto para aqueles que lutaram ombro a ombro com os que nesta obra se encontram retratados, quanto para aqueles que destes últimos são descendentes, a vicejar pelo Brasil afora e pelo mundo, herdeiros que são de seus sacrifícios derradeiros pela constitucionalização do país.

Não obstante a inexorável passagem do tempo de 85 anos da epopeia de 32, permanece **CRUZES PAULISTAS** como testemunho firme, irretocável e duradouro, esta coleção exemplar de mortes galvanizadas no crisol da Constituição, de que heróis houve em nossa história pátria que não abdicaram da honra de tombar pela glória de servir São Paulo na sua máxima legenda *Pro Brasilia Fiant Eximia!*

SUSTENTAE O FOGO QUE A VICTÓRIA É NOSSA!

(*) Professor universitário, pesquisador de História Militar Terrestre do Brasil e presidente-fundador do Núcleo Paulista de Itapetininga! Às Armas!! sucursal da Sociedade Veteranos de 32-MMDC em Itapetininga/SP.

PAULISTA!
eu
já cumpri o meu
dever.
& VOCÊ ?
M.M.D.C.

Primeiro Prefácio

Adilson Cezar (*)

Convidado para ser um dos prefaciadores para a edição comemorativa da célebre obra **CRUZES PAULISTAS**, aceitei sem pestanejar.

Sinto-me lisonjeado pela lembrança propiciada pelos simpatizantes itapetininganos da causa paulista, o professor Jefferson Biajone e o genealogista Afrânio Franco de Oliveira Mello, mas classifico estas poucas linhas mais como um comentário para a reflexão do leitor do que uma pré-introdução a este precioso documentário.

A começar pelo próprio título que nos remete à recordação do que ouvimos, vimos e aprendemos sobre a maior comoção pública que envolveu a sociedade brasileira – a Revolução Constitucionalista de 1932. Não precisamos de explicações para essa manchete, pois pode ser classificada como "parlante", isto é que graças ao seu simbolismo – fala por si só. Cruzes, instrumento de sacrifício, elemento que denota dor...

Paulistas, relativo à gente que ocupa o espaço do Estado de São Paulo, não necessariamente desta originada, pois muitos são irmãos de outras plagas, mas generalizamos, pois, o termo representa mais, é aquele capaz de verter seu sangue e carne por um ideal. A este se acrescenta o ano da agonia – 1932.

A cruz ou cruzes, como em sua expressão é a mais comum representação, apresenta ao mesmo tempo, duplicidade de informação, se de início é a da dor, da luta, é também o da redenção e da vitória moral. Folhear esse arquivo, simplista em toda a sua essência, pois desejoso de marcar de forma indelével os nomes de cada um dos paulistas que sucumbiram em defesa do ideal, criou para nós um manancial de informações privilegiadas e guia mais ou menos seguro para o conhecimento dos que tombaram.

Certamente esse testemunho não fica distante de nos comunicar o aspecto altamente emocional. Quantos ao lerem e relerem suas páginas amareladas pelo tempo, não deixa-

rão rolar pelas faces seguidamente mornas lágrimas. É por excelência documento primário a favorecer com dados aos historiógrafos e por isso atingiu o fim colimado pela Comissão Organizadora que o idealizou e tornou realidade. Era na época aquele grupo remanescente da heroica conflagração, que senão vitoriosa pelas armas se fez pelo ideal, que deveria ser comungado por todos os brasileiros ou cidadãos de bem.

A Comissão pela Campanha Pró-Monumento e Mausoléu do Soldado Paulista de 32 foi a responsável pela organização e edição dessa magnífica obra em 1936. Evidentemente todos sabiam que o trabalho de catalogação, elaboração de um resumo biográfico de cada um dos envolvidos, bem como se possível de uma fotografia, estava fadado desde o início à existência de lacunas. Mas o grande mérito a nosso ver, foi exatamente a não desistência diante dessa perspectiva e da reunião existente, embora com ausências, surja esse impactante monumento.

Se o obelisco e mausoléu representam na pedra e no concreto, a imponência e orgulho de todos nós paulistas, cuja grei no passado recente, tanto dignificou a honra do homem brasileiro pela defesa desse ideal libertário e de clamor pela ordem.

CRUZES PAULISTAS, obra muito singela, está destinada a ser o arauto que eterniza não no anonimato, mas na identificação de cada um destes heróis destemidos.

Mesmo que se passem os tempos, uns e outros descendentes ou não, inúmeros, mas vigorosamente vinculados ao sangue ou à causa, após o estudo, verificando nomes, idades, profissões e imaginando como foi essa realidade, não serão insensíveis e percebermos na face, o sulco reluzente percorrido pela gota da lágrima cálida.

Convite único para sentirmo-nos pertencentes a essa raça de gigantes.

(*) Presidente do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba e da Academia de História Militar Terrestre do Brasil de São Paulo General Bertholdo Klinger

Segundo Prefácio

Afrânio Franco de Oliveira Mello (*)

CRUZES PAULISTAS é um livro que traz nominalmente os nossos heróis mortos na Revolução Constitucionalista de 1932. Com efeito, fotos e uma pequena biografia de cada um deles enriquecem sobremaneira o livro que editado foi em 1936, tendo por organizadores o Dr. Benedito Montenegro e Alberto Aguiar Weissohn, redatores Alcindo Guanabara de Arruda Miranda e Horácio Andrade e dados compilados por Oswaldo Bretas Soares, com reduzida tiragem, editado pela Gráfica da Revista dos Tribunais.

Oitenta anos dessa tiragem se passaram e **CRUZES PAULISTAS** é atualmente considerado obra rara e um exemplar seu, se porventura encontrado em algum sebo, é de alto valor. Esta sua nova edição, portanto, assim foi justificada e pode contar com as devidas atualizações, revisões e ampliações, a par de uma versão digital para que seu acesso fosse garantidamente irrestrito e gratuito.

Por ser maçom, membro da Loja Firmeza de Itapetininga há 40 anos, filho de maçom e de soldado da Revolução Constitucionalista, também membro da Loja Firmeza, hoje com 164 anos de fundação, fui convidado pelo prof. Jefferson Biajone para integrar a comissão organizadora da obra e em meu prefácio escrever sobre a participação da Maçonaria nesse movimento de 1932.

A Loja Firmeza, contava meu pai Antenor de Oliveira Mello Júnior, foi Hospital de Passagem para os feridos que voltavam da frente de combate e ali faziam a triagem.

Meu pai, ferido em combate, passou por esse local e foi redirecionado ao Hospital da Escola Peixoto Gomide. Essa condição de Hospital foi posteriormente confirmada por diversos amigos do meu pai que lutaram na Revolução de 1932, inclusive o veterano Péricles Leonel Ferreira.

A Loja Firmeza teve em 2012 o reconhecimento de ter sido Hospital pela Sociedade Veteranos de 32-MMDC a qual lhe concedeu a medalha MMDC e uma placa alusiva a esta condição em cerimônia pública, esta última afixada em uma

de nossas paredes e, lá se encontram, para orgulho de todos nós Maçons, membros e visitantes da Loja Firmeza.

A participação da Maçonaria, em São Paulo foi muito mais efetiva. Temos registro das atividades de seus membros, contadas no livro sobre o Grande Oriente de São Paulo, em comemoração aos 75 anos de sua fundação e escrito pelos maçons José Castellani e Roque Ferreira, que nos traz uma síntese de sua história, durante o período de 1921 até 1996. Esses registros estão aqui inseridos de forma reduzida, sem perder a sua integridade.

Todos conhecem os motivos que levaram o povo paulista a lutar.

Um maçom, jornalista e tribuno, Ibrahim Nobre, com sua pena tecia críticas acerbas ao golpe e à situação social. Já a partir de 1931 e no início de 1932, cristalizava-se o pensamento da população paulista, no slogan **Civil e Paulista**, que viria, finalmente, a ser atendido por Vargas, com a nomeação de um outro maçom e embaixador Pedro de Toledo, ex-Grão Mestre do Grande Oriente Estadual, para o cargo de interventor federal em São Paulo; tal indicação não aliviou o mal e a tensão reinante, começando então, a fermentar a revolta, que desembocou na Revolução Constitucionalista de 1932.

O movimento teve suas reuniões preparatórias com inúmeros maçons e tiveram lugar na sede do O Estado de São Paulo, jornal republicano fundado em 1875 por Américo de Campos (da Loja Amizade), Francisco Rangel Pestana (da Loja América) e José Maria Lisboa (da Loja Amizade).

Sob a liderança do diretor do jornal, Júlio de Mesquita Filho (da Loja União Paulista II), que sucedera ao seu pai, Júlio de Mesquita (da Loja Amizade), das reuniões participavam muitos jornalistas e maçons, como Paulo Duarte (da Loja União Paulista II), destacado prócer do movimento.

A revolta já tinha sido iniciada a 23 de maio de1932 quando, durante uma manifestação, alguns jovens, entre eles Martins, Miragaia, Drausio e Camargo, foram mortos pela polícia de Vargas, na Praça da República, dando origem ao movimento M.M.D.C.

A 9 de julho de 1932, sábado, às 11:40 horas, sob o comando do coronel Euclydes Figueiredo, eclodia a revolta, com a tomada do Quartel General da 2ª. Região Militar.

No dia seguinte Pedro de Toledo era aclamado gover-

nador de São Paulo. Desde o início, houve o firme apoio da população de São Paulo, que acorria aos postos de alistamento de voluntários, principalmente para o Posto Central de Recrutamento, instalado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco.

Por conta da deflagração da revolução e do massivo alistamento em todo o estado, as forças constitucionalistas puderam contar também com a participação ativa de maçons e das Lojas, tanto no auxilio aos serviços de retaguarda como nas frentes de batalha.

A 28 de setembro a luta chegava ao fim e, a 1º de outubro, era assinado o armistício, em termos intencionalmente humilhantes para São Paulo e seu governador. Nesse dia, o ilustre ex-Grão-Mestre do Grande Oriente Estadual de São Paulo, Pedro de Toledo, recebia com extrema serenidade e dignidade a desgraça que se abatia sobre si e sobre São Paulo. Ele foi deposto e preso no dia seguinte, dizendo apenas *São Paulo não foi derrotado! Fomos traídos e vencidos no campo das armas! Os ideais que nos levaram à luta, porém, serão vitoriosos!*.

Em 1934, foi outorgada a Constituição de 16 de julho que, embora de uma inquietante fragilidade, representava um passo no caminho da normalidade democrática.

Períodos turbulentos depois do final da Revolução de 1932. Outubro de 1937, decretação do estado de guerra, em virtude do *Plano Cohen*, plano de terrorismo comunista. Documento que fora forjado por um oficial integralista. Embuste de Vargas, utilizando em seu proveito, as lutas de extremistas. Depois disso foi implantado o chamado Estado Novo. Grande repercussão nas entidades sociais brasileiras. A 25 de novembro de 1937, o General Newton Cavalcanti, membro do Conselho de Segurança Nacional, aconselhava ao governo, o fechamento da Maçonaria brasileira. Tivemos o fechamento de algumas lojas no Estado de São Paulo.

Em 2 de junho de 1938, sob o nº.1179, um decreto, que era um escancarado apoio ao regime totalitário imposto ao país, exigia que as Lojas Maçônicas eliminassem os obreiros que professassem a ideologia contrária ao regime político-social brasileiro, propondo inclusive a troca da trilogia *Liberdade, Igualdade e Fraternidade por Ordem, Fraternidade e Sabedoria.* Tratava-se, pois, de uma manifestação velada de

apoio ao regime imposto pelo golpe de 1937, pois, incluindo a palavra Ordem como sinônimo de cega disciplina e submissão, eliminava ao mesmo tempo, sintomaticamente, a palavra Liberdade, a mesma liberdade pela qual São Paulo lutara em 1932.

Algumas informações a respeito desse fechamento de Lojas: na Loja Piratininga, na folha 84 do livro de Atas 45, de 20 de outubro de 1937, encontramos a seguinte menção:

Tendo sido, por ordem das autoridades do país, fechados os templos maçônicos e interrompidos os nossos trabalhos, os trabalhos de reabertura foram, por deliberação da Diretoria, lançados em um livro de atas a partir de 17 de janeiro de 1940, data em que foi permitido o funcionamento das Lojas.

Assinado A. Pacheco Júnior – Secretário.

Na Loja Fé e Perseverança de Jaboticabal, consta em ata de 29 de outubro de 1937, que o Venerável Mestre, Major Hilário Tavares Pinheiro, informou que:

Em virtude da Lei Federal editada pelas autoridades competentes do país, foi fechada toda a Maçonaria brasileira e, por esse motivo, fica, de hoje em diante, fechada esta Loja, até ulterior deliberação.

Na Loja Ordem e Progresso, da Capital, o Livro de Atas nº. 18 termina à folha 68, com a ata da Sessão de 27 de setembro de 1937, estando o resto das folhas em branco, A seguinte, no Livro nº. 19, é de 05 de outubro de 1941 e, nela, constam que os trabalhos foram abertos às 15 horas conforme convocação do Irmão Serpa, o qual foi aclamado Secretário, em continuação ao seu mandato, interrompido pela ordem do governo federal.

Na Loja Firmeza, de Itapetininga, não consta registro de atas no período que vai de outubro de 1937 a janeiro de 1940. A 20 de janeiro de 1940, cogitava-se autorização policial para a reabertura da Loja. No Livro da História da Firmeza, esse período ficou sem registro, pois a Comissão não encontrou nenhuma ata para a transcrição no livro.

A Loja Amizade, que deixara a Grande Loja em 1935, tornando-se independente e retornando ao Grande Orien-

te do Brasil, em 1936, suspendeu atividades em outubro de 1937 e, a 25 de abril de 1939, transformava-se em Sociedade Beneficente Amizade. Os Boletins Oficiais da Maçonaria foram interrompidos em outubro de 1937 e restabelecidos a partir de 1943.

Isso tudo, resquício pela participação da Maçonaria na luta de 1932.

Ao fim de todas as lutas da Revolução de 1932, com a efetiva participação da Maçonaria, foi a indignação de Ibraim Nobre em sua prosa contundente, a voz encorajadora de Guilherme de Almeida, em poemas imorredouros, e os versos de Tobias Barreto, escritos nas paredes da Faculdade de Direito, que mostraram o espírito da gente paulista e de sua juventude acadêmica.

Juntemos as almas gratas
De colegas e de irmãos,
O vento que acorda as matas
Nos tira os livros das mãos,
A vida é uma leitura
E quando a espada fulgura,
Quando se sente bater,
No peito heroica pancada,
Deixa-se a folha dobrada,
Enquanto se vai morrer.

Os heróis, cujas vidas estão contadas no livro **CRUZES PAULISTAS** não morreram, apenas dormem em vigilância eterna aos princípios da Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

(*) Genealogista e vice-presidente fundador do Núcleo Paulistas de Itapetininga! Às Armas!! da Sociedade Veteranos de 32-MMDC

Terceiro Prefácio

(*) Antonio Carlos Aristides

Com muito orgulho recebi o convite para ser um dos prefaciadores da edição comemorativa do livro **CRUZES PAULISTAS**, revista, atualizada e ampliada em seu conteúdo para em formato digital (2016) e impresso (2017), possibilitar o conhecimento de que foram os heróis de nosso maior movimento cívico da História de São Paulo, a Revolução Constitucionalista de 1932.

Sou um entusiasta deste movimento, mas não tive a felicidade de possuir em minha família algum integrante que tenha sido combatente ou que participou dos esforços de guerra envolvidos. Não obstante, tive a felicidade de vir a conviver com três ex-combatentes de 32, ainda que por pouco tempo.

Pelo fato desses três veteranos não terem falecido em combate, seus nomes e vidas não se encontram listados em **CRUZES PAULISTAS**, mas seus feitos contribuíram para enaltecer o sacrifício que os companheiros tombados em prol da Constituição realizaram por São Paulo e pelo Brasil. Assim sendo, resgato a seguir os principais lances de suas vidas em 32, uma homenagem simbólica que por meio deles presto a todos os heróis eternizados em **CRUZES PAULISTAS**.

Inicio com o veterano Nelson Paula Mendes (in memoriam), tenente reformado da Polícia Militar do Estado de São Paulo e que voluntário ingressou nas fileiras da então Força Pública de São Paulo, tendo entrado em combate no Setor Norte – Alto da Serra da Mantiqueira, o lendário Túnel da Mantiqueira, Vila Queimada, Queluz e Areias. Numa feita, contou-me ele muito emocionado que após a assinatura do Armistício em outubro de 1932, estava ele e demais companheiros embarcados no último trem que deixou o setor com destino a Mogi das Cruzes transportando tropas já desarmadas e que acabou sendo covardemente metralhado por forças ditatoriais.

Recordo-me com lágrimas nos olhos de sua pungente narrativa sobre quando ouviu as metralhadoras sendo acionadas contra os vagões do trem, cujas janelas e vidros se

estilhaçaram com a penetração dos projetis que feriam e matavam indistintamente a quem não estivesse deitado sobre o piso dos vagões, entre estes um amigo seu, oficial médico de um dos batalhões retirantes, que alvejado e morto fora exatamente ao seu lado.

No meu contato com veteranos de 32, estórias como a do tenente Nelson não são incomuns e nem tampouco irreal foi a batalha pela sobrevivência que ele e seus companheiros enfrentaram. Assim sendo, aproveito ao máximo cada minuto de convívio com eles, escutando, gravando e fotografando, tentando de alguma forma perenizar o que deles aprendo, ouço e reflito a respeito. Faço o mesmo quando tenho a oportunidade de visitar campos nos quais essa batalha ocorreu e que narrada foi na vida e na morte dos ex-combatentes inscritos nas páginas de **CRUZES PAULISTAS**, obra também conhecida como a Bíblia da Revolução de 32.

O segundo ex-combatente que conheci foi Benedito Monteiro, mais conhecido por Bê Monteiro, dançarino por excelência, músico, artesão em madeira nos seus rijos 100 anos de vida. Soldado de artilharia e telemetrista, esteve por São Paulo na defesa do Forte de Itaipu bem como no interior do estado, a citar Borda da Mata, Artur Nogueira, Cosmópolis, Bandeirantes, Túnel da Mantiqueira e Fazenda Apiagui, onde interessante episódio ocorreu. Numa dada ocasião, pelo fato da entrega das rações ter sido cortada para ambos os lados da contenda, Bê dividiu uma touceira de cana que havia encontrado com um soldado inimigo que horas antes havia trocado tiros de fuzil com ele. A fome, por certo imensamente grande e desesperadora, havia contribuído para aquele inesperado cessar fogo.

O terceiro dos meus veteranos, um menino de 96 anos do qual sou fã de suas muitas estórias de 32 foi naquele inesquecível ano um menino de 12 anos e que, como os demais garotos de sua época, não tergiversou perante o chamado constitucionalista e como escoteiro estafeta transportou malotes dos correios e mantimentos para os camaradas a caminho do *front*. Seu nome: Alfredo Pires Filho, cuja dedicação à causa de 32 foi reconhecida pelos seus superiores, os quais lhe concederam a mais alta condecoração do Escotismo, a comenda Medalha Flor de Lis.

Anos depois, Alfredo foi partícipe de outro esforço de

guerra, agora no maior conflito armado do século XX, a Segunda Guerra Mundial, então no treinamento de pilotos que seguiram para a Itália no combate às forças nazi-fascistas que ameaçam a liberdade e a democracia mundiais.

Nelson, Bê Monteiro e Alfredo, três homens cujas histórias de vida foram entrelaçadas por uma revolução que propiciou a São Paulo a galvanização de seu povo em torno de um ideal que se não foi exitoso no campo militar, o foi, sobejamente, no campo dos ideais. O preço da Constituição obtida em 1934, contudo, não foi pequeno: seiscentas e trinta e quatro **CRUZES PAULISTAS** nesta obra sabidas por terem sido fincadas ao solo!

(*) Contador, fotógrafo e entusiasta da Revolução de 32.

Quarto Prefácio

Benedito Montenegro Neto (*)

Muito me honra ter recebido o convite para prefaciar a edição comemorativa de **CRUZES PAULISTAS**. Inestimável obra em cujo prefácio que escrevi trago algumas passagens de 32, nas palavras de meu avô, o professor doutor Benedicto Montenegro. Ei-las:

A Revolução de 32 foi uma consequência natural do despertar da consciência cívica e patriótica do povo paulista, desejoso de conduzir o país de volta ao regime constitucional, usurpado pela ditadura implantada em 1930. Daí sua denominação muito justa e adequada de Revolução Constitucionalista.

Tendo conhecimento direto dos horrores de uma guerra, a de 1914 -1918 quando integrei, no posto de tenente-coronel, médico-chefe de serviço, isto é a Missão Médica Militar que o Brasil enviou à França, lá assisti em sangrentos combates, a destruição em massa de uma mocidade sadia, que representava o futuro de suas Pátrias.

Sabedor da organização de batalhões integrados por estudantes das nossa escolas superiores e de seus diplomados, senti-me na obrigação de constituir uma unidade médica, nos moldes das que funcionaram na 1ª Grande Guerra, que pudesse em caso de necessidade prestar socorros, aos feridos pelos tiros inimigos, aos acidentados e aos que contraíssem as doenças oriundas da impossibilidade de se estabelecerem condições higiênicas adequadas, durante as operações de guerra.

Com a eficiente colaboração da colônia Italiana da Capital, chefiada pela Exma. Srª condessa Marina Crespi, cuja casa se transformou em verdadeira colmeia de trabalho executado pelas senhoras e senhoritas italianas ou de origem italiana e com a competente direção técnica do prof. Luigi Manginelli, organizou-se uma unidade cirúrgica de guerra, denominada de Unidade Cirúrgica Itália, composta de sete caminhões transformados em ambulâncias e do material ne-

cessário para a instalação de um hospital de frente de batalha com capacidade para sessenta leitos.

Essa unidade instalou-se no Grupo Escolar de Capão Bonito, convenientemente adaptado para servir de hospital de sangue, por indicação do comandante do Exército Constitucionalista do Setor Sul, coronel Brazílio Taborda.

Assim foi determinado porque esse setor estava desprovido de qualquer elemento médico que pudesse servir de socorro aos combatentes. Testemunharam tais fatos os componentes dos vários batalhões que operavam no setor Sul e em particular os do Batalhão 14 de Julho, assim denominado porque fora formado precisamente nessa data, mas cujo nome inicial era Batalhão Universitário Paulista por ser constituído, na sua maioria de alunos das nossas escolas superiores ou de seus diplomados.

Pelo hospital de Capão Bonito, que funcionou durante os três meses da Revolução, passaram cerca de dois mil combatentes entre feridos, doentes e acidentados.

Terminada a revolução, a mocidade que dela tomou parte convidou-me para presidir uma reunião de ex-combatentes, cuja finalidade era fundar uma agremiação de caráter cívico, social e político e que recebeu o nome de Federação dos Voluntários de São Paulo. Outros combatentes já haviam fundado o Centro de Cultura Cívica Paulista, C.C.C.P.

Alguns meses decorridos do início do governo do doutor Armando de Sales Oliveira, me chamou para me incumbir de fundar um partido para apoiar seu governo. Após consultas aos integrantes da Federação dos Voluntários, do antigo Partido Democrático da Ação Nacional, ala moça do velho Partido Republicano Paulista e de elementos da Indústria, do Comércio, da lavoura e das profissões liberais. Assim surgiu o Partido Constitucionalista, que teve como Presidente o Dr. Laerte de Assumpção, cabendo-me a primeira vice-presidência.

Embora sem qualquer pendor para a política e sem a mínima ambição de posição, aceitei a inclusão de meu nome na lista dos candidatos a deputado estadual, tendo sido eleito com expressiva votação nas eleições de 14 de outubro de 1934, o que me valeu a 1ª vice-presidência da Assembléia Constituinte Estadual de 1935, posteriormente transformada em Assembléia Legislativa, cabendo a Presidência das mesmas ao doutor Laerte Assumpção. Por motivo de moléstia de nosso ilustre presidente, me coube a honra de presidir a

maioria das seções, inclusive a de 9 de julho de 1935, na qual promulguei a Constituição de São Paulo.

Na sua vocação profunda pela liberdade e pela lei, o povo cônscio dos seus deveres, teve de traçar com as próprias mãos, a diretriz do seu futuro. Vinte e três de Maio foi o primeiro protesto. Nele se patenteou o despertar das consciências. Todas as vozes se fundiram numa só voz, a voz de São Paulo, naquele toque de reunir que congregou os paulistas para a reivindicação de seus direitos.

Não havia como resistir ao movimento insopitável. O povo como um só corpo e uma só vontade, deliberou a conquista de sua autonomia. Porém, as máximas conquistas de liberdade não se efetivam e não se cimentam sem o sangue dos apóstolos.

Não faltaram eles naquela jornada do brio paulista, para consolidar com o holocausto das suas vidas em flor, o esplêndido triunfo. Neste momento, como que sentimos a ronda vigilante dos vultos imortais de Martins, de Miragaia, de Drausio e de Camargo, atalaias da nossa honra, jovens que tombaram galhardamente, foram os primeiros mártires da epopéia Constitucionalista. Não se tornou inútil o sublime sacrifício.

São ainda esses nomes tutelares da nossa dignidade, e com eles os que morreram por São Paulo, que nos dirigem para o influxo da sua lembrança na cruzada do erguimento da nossa terra.

Foi a beleza da revolução que envolveu o povo. Todos cooperaram. A colônia de russos brancos de Vila Alpina, com cerca de 700 membros, era paupérrima. No entanto, o sangue de liberdade e do direito latejava em suas veias como nas nossas. A despeito de sua pobreza, os russos jejuaram, em seu templo, todo um dia e os alimentos economizados foram doados à causa da Constituição.

Finalmente termino com os versos de nosso príncipe dos poetas brasileiros, Guilherme de Almeida

Marcha soldado Paulista,
Marca teu passo na história,
Deixa na terra uma pista,
Deixa um rastilho de glória.

(*) Neto do Prof. Dr. Benedicto Montenegro, presidente da Comissão Editorial de ***CRUZES PAULISTAS*** *(1936)*

Quinto Prefácio

Camila Lourenço Giudice (*)

CRUZES PAULISTAS exalta a vida de cada herói que não retornou ao seu lar, e deixou uma família com as honras de quem batalha por um ideal. Esta obra, contudo, não conta explicitamente à história das mulheres que suportaram seus entes e soldados desconhecidos. Irmanadas por uma causa, a de São Paulo, ritmadas em um único batimento de coração para que o bem maior fosse alcançado.

Mulheres de fibra, estas são as mulheres paulistas.

E a estas mulheres, J. Rodrigues, autor do livro *A Mulher Paulista no Movimento Pró-Constituinte* (1933) rende uma homenagem: *A mais lidima representante das filhas do Cruzeiro, glória e honra de seu povo, canteiro exuberante de virtudes, estrela refulgente no céu da Pátria.*

Estas filhas do Cruzeiro, se comparam à flâmula agitada nos duros três meses de conflito que se seguiram de julho a outubro naquele sacro ano de 1932.

Era o tremular da bandeira de treze listras, que poderíamos interpretar no preto de suas listras, o luto das mulheres que por seus filhos e maridos, oram quando seu corpo jaz de volta das trincheiras sem o sopro de vida em seus lábios.

O branco é pelas lágrimas derrubadas de saudades e tristeza pelo que foram com destino incerto, porém com a glória já eternizada em seus corações.

O vermelho é do sangue que brota das fardas, daquele em que se aconchegou no colo da terra úmida e gelada daquelas trincheiras em que provou seu valor, ao Brasil, regido por grandes mulheres, que ladearam como os pontos cardeais seus valorosos soldados, as quais formaram seus alicerces em solo sagrado.

Dá-se o ponto de partida para uma grande transformação na vida das mulheres em São Paulo. Quando seu filho, seu pai, seu marido, seu irmão saem de casa, a mulher se vê logo obrigada e mais que disposta a assumir as funções que eram dos homens. As mães se desprendiam de seus filhos alegando ser um orgulho dar a vida de seu filho para São

Paulo.

Não houve mulher mais apaixonada que a mulher paulista.

Foi um desprendimento tão valoroso, que tiveram papéis muito importantes para a manutenção da causa de 32.

As mulheres logo entram em cena, misturando todas as classes sociais, angariando ouro na Campanha do Ouro Para o Bem de São Paulo, doando suas joias, alianças e tudo o que estivesse ao dispor para patrocinar a causa.

Logo começam a costurar fardamentos e chegam ao incrível número de 450 mil peças. O empenho notável da Cruz Vermelha, ao treinar dia e noite mulheres para atender em frentes de combate os soldados feridos.

Há a abertura de *Casas do Soldado* para o atendimento ao combatente ferido, e davam toda assistência necessária.

As fábricas de panelas começaram a produzir capacetes de aço, com a mão-de-obra feminina. Além de todo o empenho das mulheres para produzir a alimentação para encher o bornal dos soldados, das cartas de apoio e das cartas de amor, que mantinham os ânimos das tropas.

Foram criadas a Cruz Verde, a Cruz Azul, a Cruzada Pró-Infância, a Casa Maternal, e todas essas, lideradas por grandes voluntárias que arrecadavam doações, acolhiam voluntários, crianças, e as mães gestantes.

Cada farda apresentada em campo de batalha correspondia a uma mulher que colocou seu empenho na produção. Cada bandeira estendida tinha estrelas pregadas carregadas de esperança. Cada capacete representava uma mensagem de fé e trazia a proteção da mulher, a proteção do amor, a mais forte que existe.

A mulher paulista chora, ora e trabalha pelos soldados. Alimenta as tropas em palavras de emoção e eterno reconhecimento. São dignos dos mais rasgados elogios à dedicação, abnegação e santidade da Mulher Paulista.

Relata-se nas frentes das atividades das senhoras paulistas, um verdadeiro delírio de trabalho, como um formigueiro incomparável a armazenar para que de nada viessem a carecer aqueles que se destinava tanto desprendimento e caridade aliados ao mais elevado patriotismo.

Mas elas não atuavam apenas no âmbito da retaguarda.

Algumas mulheres não se conformavam por não poder

lutar na vanguarda, de armas nas mãos, no campo de combate pela causa constitucionalista, mas insistiram e conseguiram cravar à baioneta o seu nome nos anais dos feitos militares da epopeia de 32.

Foi o caso destas três ilustres destemidas mulheres: Maria Sguassabia, Nhá Chica e Maria Soldado, das quais podemos citar algumas passagens interessantes.

Maria Sguassabia, nascida em Araraquara, moradora de São João da Boa Vista, professora, fez parte da Coluna Invicta, a Coluna Romão Gomes, e o fato curioso que o historiador Hernani Donato em seu livro *Revolução de 32* (1982), destaca, é que os inimigos sentiam-se humilhados por serem prisioneiros de uma mulher, e que eles se irritavam, evitando ferir uma mulher e fugindo de serem feridos por ela, abriam-lhe o caminho.

Nhá Chica, por sua vez, participou do Batalhão de Voluntários Ituanos, e foi descrita por um voluntário como *uma mulher de idade que, fardada e armada de revólver, acompanhava seus mininos...* Mulher valente foi Nhá Chica até o fim da campanha.

Já Maria Soldado é um dos nomes mais conhecidos entre as mulheres que participaram da revolução de 32. Maria José Bezerra era natural de Limeira e quando da deflagração da revolução em 9 de julho se encontrava em São Paulo trabalhando como empregada doméstica. Pressurosa em participar, manifestou à sua patroa o desejo de seguir para a frente de combate, a fim de alistar-se na Legião Negra, tropas compostas por afrodescendentes, como ela. Inicialmente alistada como enfermeira voluntária, conseguiu ela o seu intento ao desembarcar em Capão Bonito onde participou dos principais combates do setor sul, entre eles o de Buri.

Por ter sido ferida em ação, recebeu a honrosa autonomásia de Maria Soldado, pois sabia manejar o fuzil, a granada e a baioneta sempre quando preciso foi perante a sanha do inimigo.

Foi uma mulher guerreira por toda a vida e trazia na sua alma as cores de São Paulo, a qual ela amava de coração. Saudosa por nosso Poeta Paulo Bomfim partilhou de seu convívio e o agraciou com belas histórias, as quais o inspirou no livro *Aquele Menino*. Hoje seus restos mortais jazem no Monumento Mausoléu ao Herói de 32, o Obelisco.

J. Rodrigues dizia: *...Bendita terra que tais filhas geraste, Benditas filhas que tal terra merecestes*.

E foram filhas benditas! Maria Sguassabia, Nhá Chica, Maria Soldado e tantas outras mulheres de 32 que a história não registrou, mas que lutaram na vanguarda e na retaguarda, cada qual a sua maneira, cada qual com o seu amor por São Paulo.

Pois com suas bênçãos, armaram grandes movimentos pró-soldados. Convocaram as mulheres da classe artística, e também queriam correr os mesmos riscos que os bravos voluntários. Eram mulheres idealistas, fortes, torrão de chão. Com muito brio. Não desanimavam. Possuem a força de seus antepassados bandeirantes.

Nas palavras de Plínio Barreto:

As senhoras paulistas tem sido a alma do movimento libertador que levou para as trincheiras quase a totalidade da população válida de São Paulo. De tudo, os tesouros do coração, das joias maternais mais valiosas, se tem elas despojado para alimentar a guerra. Não há sacrifício a que se furtem nem heroísmo de que se não tenham mostrado para que não faltem soldados a São Paulo e aos soldados nunca desfaleça o ânimo. A tudo tem renunciado, inclusive à felicidade nos lares, para que São Paulo seja na guerra o que tem sido na paz – um lutador indomável.

De todas as doçuras da vida, de todos os triunfos sociais, de todas as caricias da prosperidade abdicaram elas para que São Paulo restitua ao Brasil a dignidade perdida e para que os paulistas não consintam que se implante no território nacional a escravidão política, que é a maior das ignominias a que um povo pode descer. As afeições mais ternas, os sentimentos mais delicados, tudo foi imolado pelas admiráveis damas paulistas em holocausto a São Paulo e ao Brasil.

Pode-se dizer que a parte principal na epopeia que São Paulo está escrevendo com sangue de seus filhos, cabe às mulheres.

Não há sofrimento que se compare ao desses nobres corações que se despedaçam em silêncio, enquanto nos lábios sorrisos heroicos se enfloram e palavras de entusiasmo desabrocham num estímulo irresistível aos que vão para as trincheiras jogar numa partida suprema, a felicidade e a vida.

Esse heroísmo, que faz a admiração de todos nós, já co-

meça a causar impressão fora de São Paulo. As damas cariocas, tocadas por ele, já se aprestam também a concorrer para a causa constitucionalista com sacrifícios fora do comum. O concurso à campanha constitucionalista, se não nos viesse da intrepidez vigorosa dos homens, nos viria da bravura encantadora das mulheres.

Viva a mulher paulista!

Seu peito encarna a última trincheira. A trincheira da esperança. A trincheira da paixão. A trincheira do ideal que nunca morreu. A fonte mais divina e inspiradora da perpetuação e geração de heróis.

Mulher paulista! Nunca descansai!
Vigiai e orai por seus filhos!
Vigiai por seu São Paulo querido!
Apenas lutai! Eterna mulher de 32!

(*) Artista Plástica e entusiasta da Revolução de 32

Sexto Prefácio

(*) Carlos Roberto Carvalho Daróz

Nos últimos dias de outubro de 1932, Oswaldo Aranha afirmou que "caiu, com o movimento paulista, o último reduto do passado". Embora encerrando boa dose de exagero, a frase de efeito proferida pelo então ministro de Getúlio Vargas não estava de todo equivocada. Depois de 1932, o Brasil não mais seria o mesmo.

A Revolução Constitucionalista de São Paulo, iniciada em 9 de julho, constitui um dos mais marcantes acontecimentos da história contemporânea brasileira. As motivações do movimento remontam às divergências entre São Paulo e o Governo Provisório de Vargas, materializadas pelos desencontros de natureza econômica e, acima de tudo, política. Durante cerca de três meses forças paulistas bateram-se nas trincheiras contra as tropas federais enviadas para sufocar o movimento, estas em quantidade esmagadoramente superior. A intensidade do conflito foi tamanha, que o brasilianista Stanley Hilton definiu a revolução como *a guerra civil brasileira*.

Em razão da importância do Estado, a guarnição militar federal desdobrada em São Paulo era relativamente numerosa e possuía significativo poder de combate, embora Vargas tivesse tomado à precaução de enfraquecê-la a partir de 1931. Enquadradas pela 2ª Região Militar, diversas unidades do Exército Brasileiro estavam baseadas no estado, como os 4º, 5º e 6º Regimentos de Infantaria; o 2º Regimento de Cavalaria Divisionária; o 4º Regimento de Artilharia Montada; os 2º e 3º grupos de Artilharia Pesada; o 2º Grupo de Artilharia de Dorso; os 2º e 4º Batalhões de Caçadores; o 2º Batalhão de Engenharia; o Destacamento de Aviação de São Paulo; o Hospital Militar do Cambuci; o 4º Esquadrão de Cavalaria, dentre outros. No total, 7.049 oficiais e praças.

Como resultado da articulação realizada antes do movimento pelo general Isidoro Dias Lopes e pelo coronel Euclydes Figueiredo, a guarnição do Exército em São Paulo aderiu à causa paulista em bloco, unindo-se às tropas da bem organizada e bem adestrada Força Pública de São Paulo e aos

milhares de voluntários que se apresentaram logo nos primeiros dias do movimento. Executando o plano de operações previamente elaborado, a maior parte dos meios paulistas foi reunida na 2ª Divisão de Infantaria em Operações e desdobrada no vale do Rio Paraíba do Sul, cujo comando coube ao coronel Figueiredo. Até mesmo uma pequena, porém, aguerrida, força aérea – os *Gaviões de Penacho* –, foi organizada e operou até os derradeiros momentos do conflito.

Entre os mais de 7 mil militares do Exército participantes da revolução, estava o meu avô, o sargento enfermeiro Pefani Daróz, motivo pelo qual muito me honrou o convite do Prof. Dr. Jefferson Biajone para prefaciar **CRUZES PAULISTAS.**

Nascido em Cerquilho, filho de imigrantes italianos, servia no 4º Regimento de Artilharia Montada, com sede em Itu, quando irrompeu o movimento constitucionalista. Acompanhando sua unidade, lutou nas frentes do Vale do Paraíba e Mineira, realizando o transporte de feridos e ministrando os primeiros socorros aos feridos. Sobreviveu aos combates e, mais tarde, já como oficial do Exército Brasileiro, guarneceu a ilha de Fernando de Noronha e integrou a Força Expedicionária Brasileira na Itália, durante a Segunda Guerra Mundial.

Da mesma forma que ocorreu com os integrantes da Força Pública e com os voluntários paulistas, o número de soldados do Exército que lutaram pela causa constitucionalista vitimados na revolução permanece incerto, mas calcula-se em muitas centenas a quantidade de mortos e feridos.

CRUZES PAULISTAS é um relato de sacrifício e um memorial à capacidade do homem de realizar, quando motivado por uma causa, mesmo que isso custe sua própria vida.

Sua leitura nos leva à reflexão sobre temas tão caros à nossa sociedade e tão escassos em tempos atuais, como dever, responsabilidade, compromisso, honra, sacrifício e até heroísmo.

CRUZES PAULISTAS é, pois, uma obra imprescindível para aqueles que se propõem a compreender a Revolução Constitucionalista de 1932.

(*) Coronel de Artilharia do Exército Brasileiro e Historiador Militar

Sétimo Prefácio

Cláudio Moreira Bento (*)

Desde a Infância em Canguçu, no Rio Grande do Sul, minha terra natal, ouvia falar na Revolução de 32 e sua projeção local sobre o Combate do Cerro Alegre, na vizinha Piratini, a antiga capital farroupilha, quando ali foi aprisionado o ex-presidente gaúcho, Antônio Augusto Borges de Medeiros, que saíra em campo na liderança de um grande grupo de gaúchos em defesa dos paulistas e justo no dia 20 de setembro de 1932, no 97° aniversário do início da Revolução Farroupilha. E ali, por pouco, não foi preso meu pai, Prefeito de Canguçu, que atendera o chamado de Borges de Medeiros e estava a caminho quando ocorreu o combate do Cerro Alegre.

E daí por diante sempre estudamos este movimento, o traduzindo no artigo *A Revolução Paulista de 1932 - Operações Militares* na Revista A Defesa Nacional (1993) e, na mesma revista, já no ano de 1997, publicamos o artigo *Operações da Aviação do Exército e da Revolução em Resende na Revolução de 1932.*

Este movimento abordamos também na obra História da Polícia Militar de São Paulo, publicado pela Policia Militar do Estado de São Paulo (PMESP) em seu sesquicentenário, por iniciativa do hoje patrono de cadeira na Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), o grande historiador da PMESP coronel PM Edilberto de Oliveira Mello.

Outrossim, como membro da Comissão de História do Exercito do Estado-Maior do Exército de 1971 a 1974 compulsamos a documentação do Exército relativa a esta Revolução, desconhecida dos revolucionários e comentada por um jornalista paulista sob o titulo: *Todos os revolucionários paulistas eram valentes*. Isto após me entrevistar.

Mas vamos a outras considerações, agora em reverencia aos bravos tombados cujos nomes foram perenizados em **CRUZES PAULISTAS** sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, a qual esta para São Paulo, assim como a Revolução Farroupilha 1835-1845, a qual esta para o Rio Grande do Sul.

Episódio histórico este último sobre o qual muito pesquisei e escrevi como no livro O Exército Farrapo e os seus chefes (BIBLIEX, 1992) em que demonstrei que a revolução farroupilha foi um laboratório de táticas e estratégias militares gaúchas. E mais do que isto, uma escola de líderes de combate que depois de combaterem quase 10 anos em campos opostos como republicanos farrapos e imperiais, se irmanaram na defesa do Brasil nas guerras externas contra Oribe e Rosas (1851-1852), contra Aguirre em 1864 e contra o governo do Paraguai (1865-1870).

E de igual modo pode ser considerada a Revolução de 1932, um laboratório de táticas e de formação de líderes e soldados para enfrentaram a Segunda Guerra Mundial, entre os quais o soldado constitucionalista paulista Carlos de Meira Mattos que se consagrou como herói brasileiro nesta guerra, bem como os bravos paulistas do 6º Regimento de Infantaria - Regimento Ipiranga - que em Fornovo receberam a rendição alemã, sem nos esquecer dos bravos da Polícia Militar do Estado de São Paulo que integraram a Força Expedicionária Brasileira como a sua Polícia Militar, o que o acadêmico coronel PM Telhada preservou em livro de sua autoria.

Esta é, pois, a minha contribuição em homenagem aos bravos paulistas reverenciados no livro **CRUZES PAULISTAS** que doaram suas vidas em defesa de suas verdades ao atender convite do professor Jefferson Biajone de Itapetininga, onde desenvolvem ele e seus camaradas louvável e dinâmica atuação de preservação, pesquisa e divulgação da rica e bela História Militar paulista naquele munícipio.

Mas me orgulho de formar nesta memoração ao lado dos membros da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil, o patrono em vida coronel PM Edilberto de Oliveira Mello, do presidente benemérito da Academia de História Militar Terrestre do Brasil em São Paulo - general Bertoldo Klinger - professor Adilson Cézar e mais dois acadêmicos da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil na PMESP, os coronéis PM Telhada e Arruda, sem esquecer o coronel PM Paulo Rocha Marques, hoje impossibilitado de participar e o promissor historiador major PM Hélio Tenório dos Santos, todos cultores da História Militar de São Paulo, e em especial, das gloriosas História e Tradições da Policia Militar deste Estado.

Para finalizar, a minha homenagem e a da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil aos organizadores da edição de 1936 de **CRUZES PAULISTAS**, o doutor Benedito Montenegro e o senhor Alberto Weissolin, aos redatores senhores Alcindo Guanabara de Arruda Miranda e Horacio de Andrade e, mais recentemente, aos que o digitalizaram a obra disponibilizando-a na rede mundial de computadores, os senhores Carlos Felipe do Nascimento e Silvio Luiz da Rocha.

Grande serviço que estes cidadãos de ontem e hoje prestaram para a perenização da memória dos bravos que tombaram em 32, relacionados em **CRUZES PAULISTAS**.

Por fim, neste livro faltam os comandados de Borges de Medeiros que tombaram no combate de Cerro Alegre e que poderiam ser lembrados em **CRUZES PAULISTAS** como os revolucionários gaúchos mortos desconhecidos de 1932, *que não foram poucos*, segundo os historiadores deste combate, os acadêmicos da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil Osório Santa Figueiredo e Jose Luiz Silveira, mas que a História os esqueceu. Mas História é Verdade e Justiça!

(*) Coronel do Exército Brasileiro e
Presidente-fundador da Federação de
Academias de História Militar Terrestre do Brasil

Oitavo Prefácio

Edilberto de Oliveira Mello (*)

A palavra heroica, sempre a palavra heroica do poeta de 32, Paulo Bonfim, poderia sugerir o resgate de **CRUZES PAULISTAS**, batizadas por ele como a Bíblia da Revolução.

Essa mensagem do poeta foi captada por dois jovens de Itapetininga, meu primo Afrânio Franco de Oliveira Mello e o professor Jefferson Biajone, os quais se propuseram a lançar nova edição do livro sagrado dos paulistas em 2016 e em 2017, comemorando ao mesmo tempo os oitenta anos da edição de 1936 e mais um ano dos oitenta e quatro da arrancada Bandeirante na defesa da nossa Carta Magna.

Certamente Afrânio e Biajone se inspiraram, para a nobre missão, nos exemplos de ícones da terra, Fernando Prestes, Júlio Prestes, Ataliba Leonel, Venâncio Aires, Francisco Fabiano Alves e tantos outros sonhadores de um Brasil de primeira grandeza, projetando-se no concerto das Nações.

Antes de novas considerações sobre **CRUZES PAULISTAS**, a nossa Bíblia, permita-me o leitor umas palavras sobre a nossa Força Pública que, enfraquecida pelas Revoluções da década anterior, sendo em 1930 desfalcada de suas Esquadrilhas de Aviação, Artilharia, Metralhadoras pesadas e farta munição. Mesmo assim, a Corporação se rearticulou em 1932, revigorando a disciplina e a instrução, enquadrando seus batalhões, formando novos soldados, fornecendo oficiais e graduados para o comando e estruturação de novas unidades militares, formadas pelos intrépidos voluntários paulistas.

Em meus 12 anos de idade morando em Itapetininga, eu assistia, emocionado, as passagens de trens e mais trens carregados de tropas em direção a Itararé. Mas aconteceu que os amigos de ontem, Flores da Cunha e políticos gaúchos bandearam para o ditador Vargas e Itararé foi uma cidade aberta. Em poucos dias Buri foi tomada, palco de muitos combates, muitos mortos, e entre estes o nosso cadete Ruytemberg Rocha, o Patrono do Diretório Acadêmico XV de Novembro de nossa Academia do Barro Branco.

Mais um mês, a tropa inimiga sitiava Itapetininga, embo-

ra o coronel Brazilio Taborda resistisse aos ferozes combates dos invasores de São Paulo.

No fronte mineiro outra traição, agora dos políticos das alterosas que abandonando o ideal constitucionalista com seu governador Olegário Maciel, garantiram que os soldados mineiros não atacariam São Paulo, mas atacaram e, em pouco tempo, a cidade de Campinas também era sitiada, defendida palmo a palmo pelo intrépido Coronel Romão Gomes.

Com a derrota no Túnel da Mantiqueira, toda a nossa tropa no Vale do Paraíba retrocedeu até Taubaté. Então Itapetininga, Campinas e Taubaté foram as nossas três últimas trincheiras, defendendo a capital de São Paulo.

Quando, em fins de setembro, os contratempos da guerra impunham mais retraimentos, mesmo assim a Tropa de Tobias de Aguiar lutava bravamente sem munição, sustentando duros combates, valendo-se da matraca, como arma de guerra.

Agora, prezado leitor, vamos falar dos nossos mortos de 32, que precisavam de uma morada e para tal foi nomeada uma Comissão formada de homens ilustres, para a construção do Monumento Obelisco e Mausoléu do Ibirapuera.

Durante muitos anos, até que se tornasse realidade o Monumento, a homenagem ao 9 de Julho era comemorada em desfiles nas escolas, nos jornais, revistas e no rádio, vibrando nos ares as palavras aveludadas de Cesar Ladeira.

No Cemitério São Paulo, desde 1933, centenas de homens da Força Pública, o Comandante Geral à frente, saudavam os seus heróis mártires lá sepultados, exaltando a figura ímpar do general Júlio Marcondes Salgado, herói mártir e ícone da história Militar Paulista.

Em 1935, o Cemitério da Consolação acolheu o corpo do velho moço de 32, o Dr. Pedro de Toledo que, num momento cruciante da sua vida, a sua voz vibrante, o sangue bandeirante vibrando em suas veias, enfrentando o ditador Vargas, e bradando *EU FICO COM SÃO PAULO!!!*

Nesse mesmo Campo Santo já dormiam o sono eterno, desde maio de 32, Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo que, espiritualmente perfilaram em continência ao grande governador, a figura imponente e impoluta do presidente da Nação Piratininga.

Em maio de 1954, parte do Monumento foi inaugurada.

A massa humana adentrou ao Templo Sagrado de cabeça descoberta, ajoelhando frente ao Cristo que encimava o Altar.

Também ajoelharam perante o *Herói Jacente*, rodeado *daqueles jovens que morreram cedo para viver sempre,* os inspiradores da sigla MMDC – Mario, Martins, Dráusio e Camargo. Ao lado, um nome nos lembrou a cidade de Cunha, onde Paulo Virgínio se agigantou, enfrentando os carrascos da Ditadura que lhe deram uma ferramenta para abrir sua cova, na qual foi enterrado ainda vivo, depois de ferozes torturas, queimando, o seu corpo varado de tiros, e em sua agonia extrema ele balbuciava *São Paulo vence... São Paulo vence.*

Anos mais tarde o Monumento Mausoléu foi inaugurado, o Columbário já recebendo os restos sagrados de Pedro de Toledo, de Marcondes Salgado e de todos os heróis imolados nos campos da guerra, recolhidos em centenas de cemitérios, não só de São Paulo, mas de vários Estados.

Algum trovador, com sua Lyra, declamou que os mortos de 32 são inspirações do Alto, são imortais. Ressoam também, até nossos dias, as palavras candentes de Ibrahim Nobre, o Tribuno da Revolução: *Podem arrancar a gente ao coração da Pátria, mas não se arranca a Pátria coração da gente.*

Finalizando, prezado leitor, permita-me citar quatro versos do Poeta Tobias Barreto, inspiradores dos universitários de São Paulo do lendário Batalhão 14 de Julho que partiam para as trincheiras:

Quando se sente bater
No peito heroica pancada
Deixa-se a folha dobrada
Enquanto se vai morrer

No fecho destes escritos vem à cena comovente da prisão e deportação dos nossos ilustres guerreiros: Pedro de Toledo, todo o seu Secretariado e muitos políticos e militares. Embarcaram em Santos, rumo a Lisboa, a capital portuguesa, hospedaria dos nossos exilados.

Agora é um exilado, excelente poeta, que descreve: *embarcou conosco, no Vapor Siqueira Campos, uma passageira clandestina. Durante toda viagem ela nos fez sofrer e chorar.*

Em Lisboa encontramos uma Praça chamada São Paulo e era lá a reunião em todas as tardes, aquela passageira clandestina conosco, amargurando nossas almas, os corações doridos e as lágrimas inundando nossos olhos. Essa passageira clandestina se chamava Saudade!

(*) Coronel Veterano da
Polícia Militar do Estado de São Paulo

Nono Prefácio

Eduardo Negrão (*)

Sempre que alguma notícia ou algum informe da Revolução de 32 chega ao meu conhecimento pela mídia, recordo-me saudosamente de meu falecido pai, Affonso Negrão, veterano dessa revolução que no Setor Sul do Estado de São Paulo teve por missão comandar o trem blindado e, posteriormente, o auto blindado 14 de Julho, duas armas da genialidade bélica paulista que naquele setor foram primeira vez empregadas durante o todo o conflito.

Meu pai não tinha muito o costume de contar episódios sobre sua participação na revolução e eu também, muito menino, pouca importância liguei na época em que poderíamos ter conversado mais a respeito. No entanto, durante minha adolescência pude tomar contato com muitas das histórias por ele vivenciadas em combate, em especial por intermédio de livros escritos por ex-combatentes que com ele lutaram no Setor Sul.

Em um desses livros, o intitulado *Trem Blindado* (1933) de autoria de Fernando Penteado Médici, meu pai foi citado nominalmente diversas vezes por conta dele ter sido designado comandante de dezenas de homens que dentro de uma composição ferroviária completamente blindada por uma combinação de chapas de aço, madeira e areia, tiveram seu batismo de fogo a 26 de Julho de 1932 no confronto contra forças adversárias na Estação de Rondinha, a alguns quilômetros da cidade de Buri onde estava em andamento uma grande combate naquelo mesmo dia.

Ao ser designado comandante do Trem Blindado, meu pai se encontrava na condição de 1º tenente de 2º linha do Exército Brasileiro, posto que atingiu a 19 de outubro de 1926, após ter sido 2º tenente no 4º Batalhão de Caçadores daquela Força Armada.

Em um de seus documentos que ficaram de posse de nossa família, há uma carteira sua de membro efetivo da Legião Paulista, entidade que ele ingressou em 1926 e que na qual consta esses seus dados do Exército. Em busca de maio-

res informações, solicitei ao amigo prof. Jefferson Biajone que quando da sua visita ao Arquivo Histórico do Exército, no Rio de Janeiro em julho de 2013, buscasse elucidar esses dados e datas, mas infelizmente nada foi encontrado na pesquisa por ele realizada com os pesquisadores do Arquivo, restando apenas os informes constantes em sua carteira, hoje uma inestimável relíquia de nossa família.

Não obstante, uma vez a frente do Trem Blindado meu pai teve sob seu comando militares da Força Pública do Estado de São Paulo e também voluntários do Batalhão 14 de Julho, estes últimos, jovens universitários paulistanos que foram seus amigos para o resto da vida.

Da vitória obtida no combate contra as forças adversárias em Buri e Vitorino Carmillo, teve o Trem Blindado outras missões, pelas quais meu pai foi elogiado pelo comandante do Exército Constitucionalista do Setor Sul, o coronel Brazilio Taborda, que a 2 de setembro de 1932 o promoveu ao posto de capitão por atos de bravura, tendo publicado em boletim interno do Setor Sul que meu pai era *a coragem em pessoa*.

O trem blindado, contudo, foi substituído pelo Auto Blindado 14 de Julho, que por não estar atrelado a uma linha férrea, tinha a vantagem de poder se mover pelos capões e estradas no Setor Sul.

Esse auto blindado, que mais parecia um tanque de guerra por estar blindado até os pneus, teve meu pai e seus jovens companheiros daquele batalhão como guarnição, tendo entrado em vários confrontos com o inimigo, a citar os combates do Morro do Alemão (22 de agosto de 1932) e do Fundão (ambas localidade próximas a atual Floresta Nacional de Capão Bonito) ocorrido entre 31 de agosto e 1 de setembro de 1932.

Foi no combate do Fundão que o Auto Blindado encalhou e foi alvejado pelo inimigo que não poupou munição de fuzil, de granada e até de peça para tê-lo destruído. Por sorte, soldados da Legião Negra e da Força Pública resgataram seus integrantes, salvaguardando a retirada deles, dentre os quais, meu pai, ferido por vários tiros de fuzil que ricochetearam dentro do veículo e o deixaram vacilando entre a vida e a morte.

Do que resultou desse épico episódio, os livros que anos depois foram publicados por seus companheiros de revolu-

ção não registraram, mas é conhecimento de nossa família que meu pai seriamente ferido foi na realidade socorrido pelo próprio inimigo, sendo que um irmão seu, também oficial da reserva do Exército Brasileiro, mas servindo junto às forças contrárias, foi quem salvou a vida de meu pai, garantido o tratamento necessário à sua recuperação. No entanto, um dos projetis que o atingiu nunca fora removido de seu corpo, o que lhe incomodava sempre que precisava fazer longas viagens, em especial de avião.

No restante de sua vida entre nós, meu pai Affonso Negrão soube continuar sendo o herói que a revolução conheceu, fosse nos pequenos ou grandes gestos, sempre resoluto, abnegado e dedicado ao próximo e ao bem comum.

Foi com misto de saudade e ao mesmo tempo de orgulho que recebi do amigo Biajone o convite para ser um dos prefaciadores desta edição **CRUZES PAULISTAS**, pois este livro foi um de seus de cabeceira e lembro-me dele folheando-a de quando em quando, embevecido pelas memórias de seus companheiros tombados na altar da Constituição, da Liberdade e da Democracia.

(*) Paulistano, Jornalista e Professor Universitário.

Décimo Prefácio

Eric Lucian Apolinário (*)

Como dedicado pesquisador dos fatos ocorridos em 1932, faço deste prefácio para **CRUZES PAULISTAS** um documento, o qual muito me sinto honrado pelo convite para elaborar e que almejo que siga o rastro desta obra para a posteridade como fonte de pesquisa e inspiração das gerações presentes e futuras do que foi a nossa São Paulo em 32.

Em 2011, fundei o Núcleo MMDC de Itapira, que tem o coronel Francisco Vieira (Chico Vieira, o *Homem de Aço*) como patrono. Com a passagem dos anos, pude me aprofundar cada vez mais nas pesquisas, colecionando enorme volume de fontes sobre meu principal tema: os combates no Setor Leste, especialmente nas imediações de Eleutério, mas que englobam os combates de Pouso Alegre, Minas Gerais, no início de Julho, até a defesa de Campinas, já entre setembro e outubro de 1932.

Inúmeros motivos me levaram a pesquisar sobre o tema, entre eles, a questão do voluntariado me chamou muita atenção. Como poderia, enorme porcentagem de uma população civil, pegar e armas, mesmo que sem total preparo militar e lutar em uma guerra fraticida? Quais eram seus ideais? Quais eram seus anseios? Porque e para que estavam deixando suas casas, famílias, empregos para embarcar até as fronteiras paulistas e se entrincheirarem contra batalhões do exército federal com preparo militar, infinitas cargas de munição e artilharia pesada?

Em toda a vasta bibliografia sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, podemos encontrar diversos diários escritos por voluntários que seguiram para a frente de batalha e em todos eles, podemos encontrar relatos fascinantes que comprovam a real vontade de servir a São Paulo, lutar pela democracia, pela liberdade e pelo futuro do Brasil.

Além dos diários e memórias publicados em formato de livros, ainda encontrei diversos outros manuscritos, matérias de jornais e revistas, tive a honra e a incrível oportunidade de conhecer alguns heróis paulistas e poder ouvir deles, suas

experiências e tudo o que sentiam naquele momento histórico.

A partida dos bravos itapirenses é o que diz uma matéria da edição de domingo, 17 de Julho de 1932 do jornal *Cidade de Itapira*:

Como em todas as outras cidades do interior do Estado de São Paulo, Itapira efervescia de civismo e empolgação, era a Revolução! Há uma semana, na madrugada do dia 9 de Julho de 1932, São Paulo pegava em armas, para lutar por um ideal. Na capital, postos de alistamento angariavam voluntários para unirem-se aos batalhões do Exército e da Força Pública, que partiriam até as fronteiras do Estado rumo a Minas Gerais, onde, seguindo o plano inicial, uniram-se a batalhões mineiros e rio-grandenses numa marcha triunfal até a capital da República, Rio de Janeiro.

Na quarta-feira, 13 de Julho, às 19h30 horas, um grupo de senhorinhas empunhando bandeiras de São Paulo e do Brasil, percorreu as principais ruas da cidade entoando hinos, erguendo vivas. Discursaram diversos oradores, entre eles o Cap. João Ribeiro Pereira da Cruz, Nazareth Ferreira Alves, Dr. Alcides da Silveira Faro, Dr. Theodoro Quartim Barbosa e Francisco da Cunha Ribeiro, figuras expoentes no cenário político e social itapirense.

O MMDC era agora o principal responsável pela logística de todo o movimento armado. Precisavam urgentemente de voluntários para a guerra. Organizaram-se então, algumas caravanas cívicas para viajar até as cidades do interior, onde intelectuais e líderes políticos faziam pronunciamentos públicos nas praças, exaltando a necessidade e importância do voluntariado

> *Continua intenso, o entusiasmo que, pela causa constitucionalista se nota, nesta cidade, bem como em todo o Estado. De toda parte surgem novas adesões ao sagrado movimento e, os batalhões patrióticos enchem-se de novos voluntários.*

Com a notícia divulgada dias antes pela Comissão Revolucionária, instalada à Agência Chevrolet, propriedade da firma J. Pupo & Cia de Francisco Vieira e João Pupo, a po-

pulação aguardava ansiosa, a chegada da caravana que viria trazer à Itapira a sua palavra *cheia de patriotismo, de brasilidade e de fé na sagrada causa porque se batem paulista*.

Ao meio dia, a Banda Lira Itapirense, responsável por abrilhantar o comício cívico com suas músicas, aguardava no coreto da Praça da Matriz, no centro de Itapira. Porém, o horário foi mudado para depois do almoço a pedido dos caravanistas, de modo a permitir maior divulgação do convite feito à população e aguardar maior aglomeração de pessoas.

O Dr. Alcides Faro, Juiz de Direito da Comarca, subindo ao coreto, apresentou ao povo de Itapira os membros da Caravana Cívica e em nome desta convidava o povo a comparecer no mesmo local, às 14h.

Por meio desta e de outras táticas de propaganda, São Paulo, que inicialmente possuía um contingente de aproximadamente 7 mil praças do Exército na II Região, pouco mais de 12 mil reservistas de primeira categoria, e os batalhões da Força Pública, já mobilizados, representando quase 8 mil homens, conseguiu arregimentar um imenso número de voluntários, chegando perto dos 20 mil.

Infelizmente a lista oficial de todos os voluntários da cidade de Itapira se perdeu com o tempo. Sabemos através das pesquisas que o núcleo da Federação de Voluntários em Itapira, que se manteve ativo por alguns anos após a guerra, possuía tal lista, mas em algum momento a lista e outros documentos importantes sobre esta organização se perderam ou simplesmente não foram preservados.

Não há um número exato de nomes, uso por base relatos, documentos da Sociedade Veteranos de 1932-MMDC e o único jornal local cujos arquivos sobreviveram à passagem do tempo, o *Cidade de Itapira*.

Não há como falar sobre os acontecimentos de 1932 em São Paulo, sem citar o voluntariado.

Evento tão marcante para a guerra que se seguiu. Homens partindo para as trincheiras sem nenhuma experiência militar, de todas as classes sociais, de todas as cores.

Mulheres trabalhando em fábricas, guerreiras que não desanimaram e se empenharam na logística de guerra. Voluntários que deram suas vidas à Causa Paulista. Por eles, e para eles, devemos nosso respeito e admiração eterna!

Deixo aqui, para finalizar este pequeno prefácio, minha

homenagem ao voluntário Itapirense, que a exemplo dos outros voluntários de todos os setores que a revolução de 32 se manifestou, representa a figura incansável do paulista bandeirante, do paulista soldado, do paulista cidadão.

Com efeito, após a queda de Eleutério, ainda permaneceu em batalha, resistiu no Morro do Gravi, e, após o recuo paulista em Mogi Mirim, continuou a resistência, levando consigo outros heróis, remanescentes dos combates em Amparo, Itapira, Pedreira e Mogi Mirim. Defendendo Jaguari e Campinas.

Salve Voluntários de 32!

(*) Pesquisador, curador, colecionador e diretor do Museu Histórico de Itapira. Presidente-fundador do Núcleo Cel. Francisco Vieira da Sociedade Veteranos de 32-MMDC em Itapira/SP.

Décimo Primeiro Prefácio

Euclides Cachioli de Lima (*)

Poder contribuir com este prefácio é uma daquelas raras sensações de felicidade que com nossa alma embevecida – em um misto de satisfação e prazer, ante a beleza da obra e seu rico conteúdo – que foi instado a discorrer sobre a maior relevante fonte de consulta para os que se dedicam a pesquisar os aspectos da sociedade paulista nos idos de 1932, a tal ponto de ser denominada a Bíblia da Revolução de 32! por Paulo Bomfim, nosso emérito príncipe dos poetas.

Com efeito, **CRUZES PAULISTAS** nas suas edições comemorativas (2016 e 2017) irá, sem sombra de dúvidas, contribuir para o fortalecimento da cultura e da história de nossa aguerrida gente.

Digo isto, pois quando eu estava nos bancos acadêmicos da Faculdade de Direito recebi a incumbência de proferirmos considerações sobre os aspectos militares da Revolução Constitucionalista de 1932.

Naqueles idos, eu integrava o efetivo do policiamento montado do centenário Regimento de Cavalaria 9 de Julho e em uma visita que realizei na Sociedade Veteranos de 32 – M.M.D.C. ali pude conversar com ex-combatentes que por conta da tarefa que recebi na faculdade, me presentearam com um exemplar de **CRUZES PAULISTAS** (1936) que promovida foi em prol da campanha pela construção do Monumento e Mausoléu ao Soldado Paulista de 32, nosso atual obelisco no Ibirapuera.

Naquela fortuita visita, passei ter em mãos este livro de honra contendo o registro dos nomes e respectivas biografias de 634 heróis que morreram pelo ideal constitucionalista.

Conhecer um pouco da história desses heróis me ajudou a compreender não só o aspecto bélico desejado, como também o momento social e político que se configurava aquela quadra existencial de nosso país, porquanto paulistas, baianos, cearenses, capixabas, gaúchos, paranaenses, em fim, brasileiros de todos os matizes e rincões – paulistas *por mercê de Deus* – como diz a Canção da Polícia Militar do Estado

de São Paulo (PMESP), sublevaram-se contra um governo ditatorial em prol de um diploma constitucional tão necessário.

De fato, hoje é de conhecimento geral que o movimento não se restringiu apenas às terras de Piratininga, mas foi nacional com focos revolucionários ao redor de todo país. Nesse sentido, **CRUZES PAULISTAS** foi para mim a engrenagem mestra para que eu pudesse compreender todo esse contexto, o qual se encontra refletido na biografia de cada combatente falecido nele registrada.

Para nós, militares estaduais, **CRUZES PAULISTAS** é ainda um excelente documento para conhecermos um pouco de nossos vultos históricos, pois foi das fileiras da Polícia Militar do Estado de São Paulo, à época Força Pública/Guarda Civil do Estado de São Paulo, que adveio expressiva parte dos combatentes e, assim, honrarmos suas memórias.

Combatentes esses na sua maioria soldados, cabos e sargentos, praças de carreira que a exemplo de outras tantas revoluções e movimentos armados nas quais a milícia bandeirante participou em sua brilhante e sesquicentenária trajetória, não hesitaram em atender ao chamado de seus superiores hierárquicos e, ao tomarem das armas para o cabal cumprimento de suas missões sob o fogo nutrido da metralha e o aço frio da baioneta, o fizeram, muitas vezes, com o sacrifício da própria vida nas trincheiras, túneis e barrancas de 32.

Isto posto, pertencer ao quadro de Praças dessa briosa corporação é para mim motivo de muito orgulho, pois sou também um herdeiro do significado histórico desses sacrifícios perpetrados por nossos bravos antepassados de farda e profissão cujos lances finais de suas vidas se encontram perenizados nas páginas desse importante documento historiográfico.

Quiçá possa o exemplo do senso do dever deles e dos demais militares da Força Pública e do Exército Brasileiro, voluntários e civis retratados por **CRUZES PAULISTAS** contribuir para a difusão dos ideais da Epopeia Constitucionalista em nossa atual sociedade, revitalizando assim a chama do Direito, tão enfraquecida nos dias atuais.

Para tanto, eu gostaria de convidar os leitores a debruçarem-se sobre esta obra, ampliando seus horizontes e fomentando em seus círculos sociais o debate sadio acerca do civismo, da abnegação e do patriotismo nela contidos.

Oxalá que o ânimo comemorativo que envolve este trabalho não se perturbe, mas ganhe momentum e possa inspirar muitos outros trabalhos a serem realizados no século XXI que esta edição adentra, evitando assim que as brumas bruxuleantes do esquecimento arrefeçam a pujante memória e os brilhantes feitos de nossos heróis.

(*) Cabo da Policial Militar do Estado de São Paulo

Décimo Segundo Prefácio

(*) Guilherme Mantovani Coli

Registro indelével da Epopeia de 1932, a obra **CRUZES PAULISTAS** corporifica o espírito democrático e a cultura da preservação de nossas raízes históricas, prestando-se como eficaz lastro moral e cognitivo acerca de nosso passado.

São diversas as gerações de intelectuais e entusiastas da Revolução Constitucionalista de 1932 que tiveram neste magnânimo livro sua Bíblia e fértil terreno para pesquisas e intelecções. É, portanto, um dos cânones da cultura nacional.

Passados oitenta e cinco anos da Revolução Constitucionalista de 1932, a sociedade brasileira é novamente brindada com a oferta desse conteúdo histórico sólido e maduro. O livro que o prezado leitor tem em mãos não se trata apenas de uma reedição, longe disso.

A bem da verdade, a Comissão Editorial lançou-se na hercúlea missão de revisar e introduzir informações e notas olvidadas pelas faltas de tecnologia e confluência de dados, hoje em abastança.

Assim, a presente edição de **CRUZES PAULISTAS** (2017) da qual tive a honra de ser convidado prefaciar é um verdadeiro estudo renovado sobre a Revolução de 1932.

Indubitavelmente, esta revolução é evento histórico cujo mapeamento é um dos mais desenvolvidos e organizados do país. Justamente pelo espírito de união e perseverança que informa a presente obra, foi possível o transcorrer de mais de oito décadas sem a desagregação e relativização de sua importância polivalente na realidade brasileira. E tal manutenção é em grande medida resultado de sua organização analítica.

Na convergência dos esforços individuais, a história da Revolução Constitucionalista se fortalece e se renova, ensinando ao Brasil lições da mais alta envergadura moral e cívica e um modelo de conduta a todas as gerações.

Este livro que o amigo leitor toca é um dos símbolos desse espírito de conservação da história brasileira. É fruto da união de cidadãos reverentes ao passado glorioso brasileiro e do eterno dever de respeito àqueles que viveram pouco para morrer bem e morreram jovens para viver sempre.

Como membro efetivo da Sociedade Veteranos de 32-MMDC e presidente-fundador de sua sucursal no município paulista de Amparo, tenho imensa satisfação de poder contribuir, ainda que em diminuta parcela, no resguardo da história desta minha cidade no tocante à Epopeia de 32. Com efeito, reverencio-me perante as nossas trincheiras gloriosas, fincadas nos morros da Serra da Mantiqueira, ainda hoje vigilantes e protetoras de nossos belos vales.

Amparo ousou resistir em 32. Ficou sob o fogo cruzado durante semanas, sendo doloridamente um tampão protetivo dos caminhos para Campinas e São Paulo. Ousou vencer; entregou seus filhos; ganhou o Brasil. Parte da história de Amparo está imortalizada em **CRUZES PAULISTAS**.

Em nossa trajetória de pesquisa foi neste livro que encontramos os dados fundamentais sobre os heróis amparenses que tombaram em 32. Assim, é íntima a relação de nosso burgo com esse cânone da literatura historiográfica brasileira. Com efeito, são eles

Antonio de Camargo Andrade
O "C" do MMDC a 23 de maio de 1932
José Angelo Matthioli
a 18 de julho de 1932
Alonso Ferreira de Camargo
a 30 de agosto de 1932
João Garibaldi dos Santos
a 10 de setembro de 1932
Humberto Beretta
a 18 de setembro de 1932
Argemiro Alves Sylvestre
a 18 de setembro de 1932
Nicolau Maffei
a 22 de setembro de 1932

Isto posto, mais do que a oportuníssima edição comemorativa desta obra há décadas esgotada na sua tiragem original, novas gerações de entusiastas poderão deleitar-se com o conteúdo aqui metodologicamente analisado e publicado. Quem ganha é Amparo, quem ganha é São Paulo, quem ganha é o nosso Brasil.

(*) Bacharel em Direito pelo Largo de São Francisco

Décimo Terceiro Prefácio

Helio Rubens de Arruda e Miranda (*)

Quando fui convidado para participar como prefaciador da edição comemorativa do livro **CRUZES PAULISTAS**, dois sentimentos me afloraram: o de orgulho, por ter sido lembrado para participar dessa obra tão importante para São Paulo e para o Brasil, e o de saudades de meu querido e inesquecível pai Alcindo Guanabara de Arruda e Miranda, um dos autores desse livro publicado em 1936.

Lembro-me dele e da minha mãe, Elsa de Arruda e Miranda, falarem sobre o Movimento Constitucionalista de 1932, ao qual ambos estiveram intimamente ligados e com grande fervor participaram. Mesmo estando com apenas 14 anos, quando meu pai prematuramente se foi, ainda guardo na memória e no coração o sentimento de patriotismo que ele me ensinou e da sua idealística dedicação ao Estado de São Paulo e ao Brasil, locais que ele defendeu nas trincheiras da guerra embalado pelo ardor e a virtude dos grandes heróis da pátria.

Minha mãe – com quem tive oportunidade de conviver por bem mais tempo – também jamais perdeu o entusiasmo e a fé em nossa terra, características típicas dos bandeirantes. Muitas vezes a vi repetindo entusiasmadamente os versos da poesia *Bandeira de Treze Listas* de Guilherme de Almeida. Com ênfase e vibrando, ela ressaltava frases como *são treze lanças de guerra cercando o chão dos Paulistas!* E *cada lista é uma trincheira; cada trincheira é uma glória!*, entre outros trechos dessa maravilha poética elaborada pelo grande poeta de São Paulo.

Lembro de meu pai contando suas aventuras no fronte: *Certa vez um tiro atingiu meus óculos, por muita sorte não morri...* e das lembranças que ele trouxe das batalhas: uma bandeira paulista já desgastada pelo uso; um quadro dele vestido com a farda do exército revolucionário e uma espada.

Lembro-me dele falando da obra que ajudou a escrever – **CRUZES PAULISTAS** – e das dificuldades que teve que enfrentar. E hoje me quedo a pensar como ele conseguiu na-

queles tempos de comunicação tão difícil, o milagre de obter as fotos e os históricos de cada um dos guerreiros que tombaram em defesa da pátria. Se atualmente, com internet e as muitas facilidades de comunicação, uma ação dessa envergadura já representaria um trabalho muito penoso, imagino o quanto ele teve que se esforçar, há 80 anos, para conseguir reunir esse precioso material.

Eu era muito novo ainda e não me lembro de detalhes contados por ele, mas recordo-me da minha mãe contar que a coleta de informações foi muito difícil, pois se enfrentava muitos problemas, desde a falta de recursos até a coleta de informações sobre os bravos soldados falecidos. Muitos não estavam com endereços atualizados, outros tinham se mudado de casa. Havia receio de algumas famílias que temiam represálias por parte do governo vitorioso. Em alguns casos, não eram obtidos nem os dados corretos dos soldados falecidos, exigindo uma checagem nem sempre possível e sempre demorada. Havia também o pesar dos familiares, ainda traumatizados pelos acontecimentos, alguns sem querer sequer falar sobre o assunto.

Outrossim, o perigo das correspondências serem extraviadas era real, não só as feitas de propósito (muitos dos novos dirigentes foram cooptados pelo ditador) mas também por falha mesmo da comunicação (o serviço de correio não era tão eficiente como hoje...). Lembro também da mamãe falar que alguns companheiros do papai, desanimados com a derrota, eram pessimistas com relação à obra e diziam que a ideia de realizar o livro era uma utopia pois a obtenção das informações seria muito difícil e muito demorada. Achavam eles que essa empreitada era uma bobagem, uma perda de tempo, que o livro ficaria muito caro e outras argumentações negativistas, inclusive que não seria permitida a sua publicação.

Não obstante, com tenacidade, personalidade forte e decisão – a mesma que demonstrou nos campos de batalha – Alcindo Guanabara de Arruda e Miranda e seus companheiros da Comissão Organizadora da obra com o apoio de muitos outros companheiros também idealistas, o incentivo de seus superiores e o apoio de familiares, inclusive de seu irmão Darcy de Arruda Miranda que também lutou bravamente em defesa da Democracia.

Como resultado, Alcindo e seus companheiros se mantiveram na luta e obtiveram a almejada vitória: resgataram a biografia de combate dos heróis tombados nas batalhas e publicaram o livro **CRUZES PAULISTAS**.

Certamente, se meu pai vivo fosse ainda, estaria muito feliz e recompensado por saber que a obra que ajudou a fazer e que tanto esforço exigiu, está sendo agora reeditada nessa edição comemorativa graças aos esforços de outros paulistas igualmente idealistas.

Minha mãe, quando se referia ao livro dizia: *esses heróis paulistas merecem ser lembrados a vida toda!*

Se eu fosse escrever tudo o quanto sei e sinto em relação a meus pais e as suas participações na Revolução Constitucionalista de 1932, ocuparia muitas páginas, mas não posso deixar de agradecer à minha irmã Sonia Marly de Arruda e Miranda que me ajudou com dados para este prefácio.

Assim sendo, encerro por aqui, agradecendo ao professor Jefferson Biajone e ao genealogista Afrânio Franco de Oliveira Mello, artífices das edições digital e impressa deste livro de grande valor histórico para São Paulo e para o Brasil, glorificante da vida dos paulistas que tombaram em defesa do solo pátrio. Honrosamente paulista, sempre!

(*) Jornalista e Presidente do
Instituto Histórico Geográfico e Genealógico
de Itapetininga

Décimo Quarto Prefácio

José Paulo Ferreira Teixeira (*)

Morrer não é apenas desaparecer fisicamente do mundo e não ser mais lembrado pelas gerações futuras, mas morrer defendendo um ideal e dar o seu bem mais precioso, a própria vida, como as personalidades descritas no livro **CRUZES PAULISTAS**, isto sim é morrer por completo.

A iniciativa de se relançar o livro que perpetua em suas páginas a lembrança dos heróis da revolução de 1932, a Revolução Constitucionalista, é das mais louváveis, e tem o dom de despertar na consciência do povo paulista e brasileiro os atos heroicos daqueles tempos.

Devemos lembrar que São Paulo lutou sozinho, mas não somente por São Paulo, mas pelo Brasil, e apesar de encontrar grandes obstáculos como escassez de material bélico, pouco transporte, combustível e alimentação, enfim, transtornos quase instransponíveis, nada disso intimidou o povo de São Paulo que foi à luta, e por quase três meses sustentou o fogo contra a ditadura em prol de um bem maior, a Constituição.

Os heróis aqui retratados, militares do Exército, Força Pública e, principalmente civis, que acorreram a preencher os efetivos dos batalhões recém-criados e cheios de entusiasmo partiram para o campo de batalha.

Devido, principalmente, à escassez de armas e munições, foram esses combatentes muito criativos, e a fim de superar esse obstáculo, uma das soluções mais inventivas foi à criação das matracas, que imitando o som das metralhadoras, aterrorizou muitos inimigos.

A defesa do túnel, marcante episódio da Revolução, na divisa de São Paulo e Minas Gerais, deixou marcado a maneira como as tropas paulistas lutaram e dá uma dimensão das batalhas em outros locais de combate que foram travadas no território paulista.

Embora alguns logradouros públicos, tais como ruas, avenidas, praças e até escolas tenham os nomes de alguns dos heróis retratados neste livro, ainda é insuficiente à sua

lembrança, já que vários não contém a sua biografia de vida, tal como é divulgado neste livro.

Relembrar esses heróis renova no povo de São Paulo o seu compromisso de viver em um país mais justo, e que sob o império da lei é muito melhor para todos.

Muito se escreveu sobre a Revolução de 1932, porém a maioria desses livros se encontra completamente esquecida, e que a iniciativa do relançamento de **CRUZES PAULISTAS** possa ser difundida e outros relançamentos possam ocorrer como uma coleção paulista de livros da Revolução Constitucionalista de 1932.

(*) Coronel PM e Diretor do
Museu da Polícia Militar do Estado de São Paulo

Décimo Quinto Prefácio

José Pedro Seppi (*)

Qual não foi minha surpresa quando fui convidado para prefaciar esta edição comemorativa de **CRUZES PAULISTAS**, tarefa que a princípio entendi não ser o mais digno merecedor e nem reunir os mais adequados atributos; entretanto, como todo bom paulista em cujas veias correm o sangue constitucionalista, jamais me furtaria ao desafio do bom combate.

Foi num final de tarde chuvoso, a 8 de julho de 2015, nas entranhas da Floresta Nacional do município de Capão Bonito, dia de suma importância para o resgate da memória de 32 para a minha família que ocorreu a reinauguração do Monumento ao Voluntário Octávio Seppi, primo de meu pai, sargento do lendário batalhão 14 de Julho, estudante universitário de medicina falecido em combate naquelas longínquas paragens a 26 de agosto de 1932.

Foi após a solenidade de reinauguração desse monumento que entreguei nas mãos do amigo Jefferson Biajone, exemplar da edição de **CRUZES PAULISTAS** que pertenceu a nossa família há largos anos.

Foi um momento de grande emoção, orgulho e júbilo para mim, porquanto esse singelo e despretensioso ato, segundo as palavras desse meu valoroso amigo e fiel depositário do espírito constitucionalista, o munira com a ferramenta necessária para tornar possível um projeto dele de lançar a presente edição comemorativa a qual veio na hora mais propícia: às vésperas de **CRUZES PAULISTAS** completar 80 anos de vida editorial em 2016 e das comemorações dos 85 anos do movimento constitucionalista em 2017.

E de fato veio em hora mais propícia. Afinal, não fosse os seus muitos exemplos de coragem, bravura e determinação, justo e inestimável registro histórico de nossos heróis imolados no campo de batalha, seria muito triste se esta obra literária não adentrasse o século XXI. Uma obra forjada pela impressão da dor, das lágrimas, do sangue vertido em combate e da morte que ceifou tantas vidas, sonhos e ideais.

Profissionais liberais, jovens, estudantes, trabalhadores

da cidade e do campo, cidadãos comuns, pais, filhos, irmãos e amigos.... Quantos não voltaram? Quantas famílias prantearam seus pais, filhos, irmãos e amigos? Passar em revistas as páginas deste livro é rememorar o sacrifício realizado por cada um deles.

Minha família sentiu na própria carne todo o sofrimento da perda de Octávio Seppi, que na flor da idade abandonou a vocação e sonhos de vida individuais em prol de um ideal coletivo; entretanto, não há tristeza que resista à força da honra, da justiça e da glória e desde então a lembrança do sacrifício desse nosso ente querido é mantida na família como exemplo de abnegação, coragem e comprometimento, sendo motivo de muito orgulho, culto e reconhecimento.

Cabe aqui uma destacada e especial deferência aos voluntários que como ele espontaneamente se alistaram e engrossaram as fileiras constitucionalistas em resposta ao chamado da justiça. Homens e mulheres oriundos de todas as classes sociais, que trouxeram legitimidade ao movimento e quando envolvidos diretamente na batalha foram preponderantes, pois mesmo não sendo profissionais de armas nelas se abraçaram e fizeram a diferença, nunca se deixando abater, nem mesmo perante a superioridade numérica das forças adversárias, lutando bravamente em todas as frentes e trincheiras nas quais estiveram presentes e envolvidos.

Segundo dados de alistamentos da época, estima-se que em todos os setores do exército constitucionalista, 70% dos efetivos em armas foram compostos por voluntários. Outrossim, rogo que essa obra seja um instrumento de propagação de seus exemplos, para que sirvam de inspiração à nossa juventude e que dela floresçam homens e mulheres com ideais e convicções firmes, permitindo, assim, uma sociedade mais livre, justa e solidária.

Valorosos voluntários, especialmente aos que tombaram na defesa dos nossos direitos de liberdade, igualdade e fraternidade, marcando indelevelmente com o próprio sangue nosso chão paulista e brasileiro, seu sacrifício não foi em vão e com essa obra, em honra à sua memória, fé, bravura e heroísmo, reafirmamos o compromisso inabalável de não esquecê-los jamais e de mantermos viva a chama do ideal constitucionalista...

(*) Cidadão paulista de Diadema/SP

Décimo Sexto Prefácio

Júlio Cézar Benites Teixeira (*)

Muitos dos que sucumbiram na afanosa Revolução Constitucionalista de 1932, apenas desapareceram objetivamente, pois continuam presentes em nossa imaginação os seus concursos prestadios, e hão de se perpetuar em todas as gerações vindouras devido a **CRUZES PAULISTAS**, cujo conteúdo histórico é o relato fiel dos fatos que imortaliza os protagonistas e há de servir para que a humanidade conheça seus legados e os classifiquem, dentro de sua escala de valores, como heróis ou não. Tanto aqueles que os conheceram como os que nunca os viram falar antes, experimentarão, ao lerem esta obra, sentimentos de admiração pelos seus feitos.

A Revolução de 1932, iniciada em São Paulo contra o governo brasileiro de Getúlio Vargas e pela demora de uma Constituição, teve o apoio também de outros Estados como Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Dentre as localidades deste último estado que se posicionaram favorável à causa paulista apontamos Caçapava do Sul, Vacaria, Lagoa Vermelha, Pelotas, Cerro Largo, São Sepé, Encantado e Lajeado, mas estes movimentos foram abafados por forças do Governo.

O general Flores da Cunha desenvolvera uma ação fulminante sobre os grupos revolucionários determinando a prisão de todos os líderes do movimento, logo em seguida, Borges de Medeiros, o então tenente Walter Peracchi Barcellos e outros elementos da força pública estadual foram presos em Serro Alegre, no município de Piratini.

Antes, porém, o general Flores da Cunha recebeu telegrama de Borges de Medeiros Flores, dizendo-lhe que entre a ditadura e a sorte do Rio Grande do Sul não era permitido hesitação; deveria o interventor federal ficar com o Rio Grande do Sul e convidando-o a ser o condutor do movimento revolucionário se esse surgisse.

Menos de uma hora depois, Flores da Cunha respondeu que renunciaria o cargo para ficar ao lado do Rio Grande, mas que enquanto fosse interventor não permitiria que a ordem

fosse perturbada, por ser seu cargo de confiança do governo central.

Ao comunicar sua decisão a Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório, Flores da Cunha se deixou levar pelo poder persuasivo de Getúlio Vargas que não aceitou sua renúncia alegando que acabara de receber notícias que forças federais na capital de São Paulo se rebelaram e que ele esperava contar com atitude digna, leal e corajosa do nobre amigo da frente do Rio Grande.

Na ocasião, o coronel Aparício Gonçalves Borges era comandante do 1º Batalhão de Caçadores da Brigada Militar, sua unidade foi uma das primeiras a receber ordens para seguir para São Paulo, mas, antes da partida, foi chamado ao Palácio do Governo, onde Flores da Cunha deu-lhe instruções referentes à campanha.

Conta Harry Rotermund, em seu livro *A última ordem do coronel Aparício Borges* (1941), que a resposta que o altaneiro comandante deu ao interventor federal, após receber as ordens foi a seguinte: *As ordens que recebo são contra os meus princípios, mas as cumprirei porque sou soldado*.

Foi numa segunda-feira, às 21:30 horas do dia 11 de julho de 1932, que começou o embarque do Batalhão com 359 praças em duas composições de trem com destino a São Paulo. Aos 40 minutos do dia 12 põe-se em movimento a primeira composição ao som da corneta do corneteiro Timóteo que põe toda a sua alma no toque de silêncio, enquanto o trem vai se afastando. Uma hora depois segue a segunda.

No dia 18 de julho, Aparício Borges apresenta-se com o Batalhão ao general Waldomiro Lima, comandante das Forças em Operações no setor Sul que imediatamente lhe confere a missão de constituir sua unidade, a vanguarda de toda a coluna, na Linha Sorocabana.

Na manhã do dia seguinte, 19, o 1º Batalhão de Caçadores avança sobre Itararé. Durante uma semana o Batalhão prossegue marcha sendo, em todo momento, hostilizado pelas forças rebeldes, mas também consegue efetuar algumas prisões.

Ao amanhecer do dia 26 os comandantes recebem suas missões. O capitão João Tácito dos Santos comandante da Primeira Companhia substitui a Terceira nos postos avançados; o pelotão do tenente Lourival Rodrigues Sobral, que fa-

zia a testa da vanguarda é destacado para fazer o reconhecimento da frente; o coronel Aparício Borges destaca a Terceira Companhia do capitão Nicomendes Moreira Roehring para guarnecer as alturas e a esquerda da estrada de rodagem que ligava Rondinha e Buri, onde deveria esperar a chegada da artilharia, incumbida de bombardear a Estação de Buri e os ninhos de resistência do inimigo.

Dirigindo-se a linha de frente, o comandante Aparício constata que os rebeldes se encontravam em posição defensiva, ocupando diversas cristas, numa frente de mais de dois quilômetros e num terreno em forma de ferradura.

Toma então as suas providências e posiciona a Segunda Companhia do capitão David de Oliveira Rego, o segundo tenente Januário Dutra, que comandava uma seção de metralhadoras pesadas, um pelotão da Segunda Companhia comandado pelo segundo tenente Alfredo Gomes Jacques e outro sob as ordens do segundo tenente Arisoli Fagundes.

O comandante Aparício dirige pessoalmente a batalha e está ora na frente dos pelotões da Primeira Companhia, ora dos da Segunda Companhia.

O tenente Benites, toma com seus homens as trincheiras inimigas e efetua 283 prisioneiros, mas os adversários são numerosos e o combate fica cada vez mais intenso. O tenente Jacques ao avançar, cai ferido; o tenente Arisoli no momento que se apronta para se lançar dentro de uma trincheira adversária, é atingido por uma tiro que o prostra ao solo.

O combate toma feições violentíssimas e o coronel Aparício pede reforço ao major Camilo. O inimigo desencadeia violenta fuzilaria e procura estabelecer uma cortina de fogo, a fim de barrar a investida do Batalhão, mas este com o comandante Aparício na vanguarda, não obstante a violência e a reação do adversário, continua avançando.

Porém, diante da violência da guerra, nem os mais experientes combatentes ficam imunes aos projetis inimigos, ao procurar transpor as barreiras de ferro e fogo que o inimigo levantara para estugar o passo dos homens da Brigada Militar, uma rajada intensa atinge fatalmente o comandante Aparício. Além da sua irreparável perda, tombaram no campo de honra o tenente Arisoli, do cabo corneteiro Timóteo Alves e do soldado Ercias Anes.

Feridos gravemente o segundo tenente Alfredo Gomes

Jacques, o segundos sargentos Miguel Barbosa das Neves e Porciano da Silva Marques, os terceiros sargentos Ovídio Knaipp e Frazão Dutra, o cabo Delfino Marques dos Santos e os soldados Fortunato Camargo da Silva, Marcelino Brites, Soares, Brasiliano Ferreira da Cruz, Valentino Prado do Nascimento, João Tavares de Lima, Octacílio Reichert, Albino Silva e Antônio Francisco de Souza.

A Revolução Constitucionalista não acaba aqui, houve outros combates como o do Fão, cujo episódio é até hoje lembrado na comunidade de Barra do Dudulha, por considerar que representou um momento político do Rio Grande do Sul, em que pessoas contrárias a Getúlio Vargas apoiaram à causa paulista, mesmo reprimidos por forças governamentais gaúchas.

Ao encerrar minha singela participação nesta grandiosa obra, quero agradecer ao professor Jefferson Biajone, mentor desta edição comemorativa de **CRUZES PAULISTAS** por confiar-me esta missão. A cada linha escrita, na tentativa de desincumbir-me da missão, crescia minha responsabilidade e o medo da insensatez, uma vez que não praticamos no dia a dia, o nobre exercício de reproduzir os fatos.

De toda a sorte, neste resumo, a omissão involuntária de nomes e fatos é inevitável, haja vista minhas limitações e o limite de espaço, porém pode servir para instigar o leitor à pesquisa.

(*) Mestre em Educação, professor da PUCRS,
Presidente da Liga da Defesa Nacional
do Rio Grande do Sul

Décimo Sétimo Prefácio

Marcelo Antonio Ribeiro Camargo (*)

Inovar o passado é reinventar o presente e revolucionar o futuro. Com estas palavras de grande significado, inicio as minhas impressões sobre esta edição, comemorativa aos oitenta e cinco anos da Revolução Constitucionalista de 1932, do livro **CRUZES PAULISTAS**.

Tive a honra e o prazer de acompanhar e participar dos estudos sobre o desenvolvimento da primeira plataforma digital para acesso à história dos ex-combatentes, através do recurso de QR CODE instalado em seus túmulos, no Cemitério Municipal de Itapetininga. A ideia é tão incrível, e fortemente conectada às tendências tecnológicas, que a meu ver estabelece uma nova forma de homenagem e eternização da memória e dos feitos desses heróis.

Com a participação de alunos e professores da Faculdade de Tecnologia de Itapetininga – Fatec *Professor Antonio Belizandro Barbosa de Rezende*, vinculada ao Centro Paula Souza e com o total apoio da Direção desta unidade, a Profª. Drª. Isolina Maria Leite de Almeida, todos os esforços empreendidos para aquela nova modalidade de resgate digital da história das revoluções de 1924, 1930, 1932 e também da Segunda Guerra Mundial culminaram em grande sucesso, obtendo em 2015 significativo destaque na imprensa regional e nacional.

Denominada *Morada de Heróis*, esta iniciativa acadêmica e científica vem servindo como modelo para a geração de soluções inovadoras e criativas, não só no que possa ser útil à Sociedade Veteranos de 32-MMDC nas suas sucursais em todo o Estado de São Paulo e a portais de Ex-Combatentes ao redor do país, como também para outros processos de resgate e valorização de nossos antepassados, tenham sido eles ex-combatentes ou não.

Minha relação com o tema Revolução Constitucionalista de 1932 vem se fortificando, a cada dia, por meio de simples ações que visam a divulgação de material e conteúdo histórico. É gratificante poder colaborar e perceber a força que o significado desse movimento vem adquirindo nos últimos

anos, além do excelente alcance obtido, inclusive, em esferas internacionais.

Ver o resultado grandioso da ação conjunta de tantos envolvidos, voluntariamente, é, além de recompensante, uma demonstração clara de que estamos no caminho certo.

Mas esse caminho nem sempre nos leva para o lugar que desejamos ir. Em diversos momentos do passado, as inovações surgiram em decorrência de guerras. A indústria bélica nunca deixou de ser uma fonte de ideias que mudam o mundo, seja para pior, seja para melhor.

De fato, grande parte de nosso conforto, das ferramentas de uso cotidiano, das coisas que já não conseguimos nos distanciar, como a internet, os recursos de localização, micro-ondas, comida enlatada, surgiram em épocas de combate, tristeza, dor e destruição.

Não obstante, mesmo em tempos de paz continuamos em estado de alerta, numa guerra silenciosa contra os males da sociedade. As tecnologias de informação e comunicação são nossas armas atuais.

O cenário de nossa batalha na atualidade é digital e virtual.

Nossos jovens alunos são na realidade soldados de uma luta diária contra a ignorância, em constante busca pela conquista do conhecimento, enxergando em exemplos como a das edições digital e impressa de **CRUZES PAULISTAS** oportunidades para a vitória.

De fato, semelhante resgate traz a lume para as gerações dos presente século da tecnologia da informação a maior obra de todos os tempos sobre a Revolução Constitucionalista de 1932, mostrando-nos inclusive que a rede mundial de computadores é a porta para uma nova revolução, desta vez, com menos dor e sofrimento, mas que também será lembrada como um momento único em toda a nossa história.

Irmãos em armas, irmãos de lutas, continuemos a postos!
Esta é nossa missão!
Em frente para a Vitória!

(*) Professor Universitário, Publicitário, Analista de Sistemas e entusiasta da Revolução de 1932.

Décimo Oitavo Prefácio

Maria Helena de Toledo Silveira Melo (*)

Honra-me, escrever sobre esta edição comemorativa dos 85 anos da Revolução Constitucionalista de 1932 do livro **CRUZES PAULISTAS**.

A edição de 1936 deste livro sagrado tinha dois objetivos: primeiro – contribuir para a história da maior revolta popular armada brasileira que, faz o povo paulista sentir muito orgulho; o segundo – homenagear e perpetuar o nome dos soldados que perderam a vida nos campos de batalhas.

80 anos após a publicação da edição de 1936, os objetivos originais da obra encontram-se resgatados e fortalecidos nessa edição comemorativa, pois por meio dela será possível para as gerações do presente século, conhecer o glorioso movimento constitucionalista, narrado em suas biografias e depoimentos contidos nas páginas do livro.

Como filha de um soldado voluntário de 32, eu e meus irmãos sempre estivemos familiarizados com a História da Revolução, aprendemos a amar e respeitar a Bandeira Paulista, que era hasteada todos os anos no dia 9 de julho em nosso quintal e também a honrar e reverenciar todos aqueles que lutaram pelo ideal maior, a liberdade de um povo.

Mais recentemente, tive a grande oportunidade de poder divulgar, virtualmente, fatos e histórias sobre a Revolução e seus soldados ao ser convidada para fundar e presidir um núcleo de correspondência em Jaguariúna, São Paulo.

O livro **CRUZES PAULISTAS**, que possuo por herança, é uma valiosíssima fonte de consulta que uso frequentemente para pesquisa e também para divulgar várias informações e histórias nele relatadas no blog de meu núcleo de correspondência, uma modalidade de sucursal da Sociedade Veteranos de 32 – MMDC existente em mais de vinte localidades históricas do interior do Estado de São Paulo.

Esta edição comemorativa possibilitará que seu conteúdo atinja mais leitores neste nosso vasto país, levando o conhecimento sobre a História da Revolução Constitucionalista de 1932 a professores e educadores para que possam

ensinar por meio da história destes guerreiros brasileiros e estrangeiros, valores cívicos e morais que são enaltecidos nesta obra e infelizmente, tão em falta na juventude brasileira da atualidade.

Esta nova edição de **CRUZES PAULISTAS** possibilitará ainda aos integrantes da Sociedade Veteranos de 32 – MMDC, entusiastas, historiadores, estudantes e público em geral, a oportunidade de possuírem um exemplar desta obra rara e de grande importância, sendo que a sua versão digital torna isso ainda mais possível.

Neste livro, com 634 biografias de heróis falecidos, o leitor poderá conhecer um pouco da ousadia, da coragem, da solidariedade, dos valores éticos, da justiça e da importância da família manifestos durante o maior movimento cívico do Estado de São Paulo.

Ao meu ver, a melhor descrição sobre o livro já foi escrito na apresentação da edição de 1936, qual seja,

Este livro é um Panteão. De cabeça descoberta, como fazemos ao penetrar em templo sagrado, [...] Cada linha contém um orgulho para quantos lutaram ao lado dos que se foram, um exemplo para as crianças de hoje, uma lição e um incentivo, sempre fecundos, para as gerações de amanhã.

(*) Presidente-fundador do 10º Núcleo MMDC
Trincheiras Paulistas de 32 de Jaguariúna
da Sociedade Veteranos de 32-MMDC

Décimo Nono Prefácio

Marinho Monteiro (*)

Ser convidado para escrever um prefácio para **CRUZES PAULISTAS** é para mim um motivo de grande honra, porquanto entendo que cada cruz fincada em nosso solo paulista advinda da Revolução de 32 significa uma história de heroísmo e de amor a São Paulo e ao Brasil.

Objetivo nesse prefácio deixar patente o espírito operoso e realizador de um povo cujo perfil revelara uma firme determinação e férrea vontade de vencer , em uma época que ficou na memória de muitos que sobreviveram esse que foi o maior movimento cívico da História do Estado de São Paulo.

Como São Paulo foi a luta quase sem armas, o Governador Pedro de Toledo confiou aos seus mais operosos técnicos toda colaboração no esforço de guerra de criação e fabricação de armamentos diversos, para cujo desiderato ele reuniu as mentes mais brilhantes da engenharia paulista de então, a citar alunos, professores e servidores da Escola Politécnica, do Instituto de Engenharia de São Paulo e do Laboratório de Ensaios de Materiais..

Para tanto foi criada a Defesa Móvel de São Paulo, sob a responsabilidade do engenheiro Dr. Francisco Sales Vicente de Azevedo, que assumiu toda a criação e preparação de blindagem de carros blindados, tanques, trens e lanchas, um expediente de proteção sugerido pelo coronel Palimércio de Resende. Em sua briosa equipe figuraram intelectuais de renome na engenharia brasileira, os doutores Gaspar Ricardo, Mario Whately e Francisco Antonio Cardoso.

Dentre essas máquinas de guerra, o primeiro aparato fabricado foi o famoso Trem Blindado nº 1 (TB-1), dois carros de vagões e uma locomotiva, blindados e com seteiras que permitiriam a passagem de canos de fuzil metralhadoras acionados por soldados em seu interior.

O TB-1 foi comandado pelo 1º tenente Affonso Negrão, nas cercanias das estações de trem de Rondinha, Buri, Victorino Camillo, Aracassú e Engenheiro Hermillo, tendo entrado em contato com o inimigo sem que a sua blindagem estives-

se completamente concluída, vindo a receber vários disparos que vazaram a sua carapaça, mas mesmo assim, conseguiu cumprir a missão: aniquilar enorme força adversária reunida em Rondinha para tomar Buri em 26 de Julho de 1932.

Dias depois, produz a Politécnica de São Paulo o Carro Blindado, o famoso FS-1, um ford completamente blindado e portando pesadíssima metralhadora automática. Este nova arma paulista seguiu para o Setor Sul onde após seu batismo de fogo no Combate do Fundão (Atual Floresta Nacional de Capão Bonito) recebeu a denominação de Auto Blindado 14 de Julho, em homenagem a sua guarnição, composta de soldados daquele lendário batalhão universitário.

Além do TB-1, TB-2, TB-3 da Rede Ferroviária Sorocabana e do Auto Blindado FS-1, seguiram para outros setores da Revolução, na rede ferroviária Mogiana, os TB-4 e TB-5 e o TB-6, da Central do Brasil, os quais enfrentaram forças inimigas nos setores Leste e Norte.

Tal como ocorrera com o TB-1 no setor Sul, pesadas baixas adversárias ocorreram, assim como fatalidades do lado paulista, a citar a morte do maquinista do TB-5, colhido por um tiro de fuzil que encontrou uma entrada na blindagem, ricocheteou e o alvejou mortalmente.

Já o TB-6, genialidade bélica paulista, este veio completamente camuflado, tendo entrado em ação na linha da Central do Brasil tendo por comandante o bravo capitão Paulo Duarte, que em suas memórias *Palmares ao Avesso* (1947) relata o morticínio causado em meio a tropa inimiga por essa máquina que apelidada fora de *Fantasma da Morte*.

O destemido capitão Romão Gomes foi um dos que requisitaram os Autos Blindados, FS-3, tendo o FS-4 que foi apelidado de *Piolhinho* pois não dava trégua às forças inimigas nas cercanias da cidade de São Jose do Rio Pardo. Mais tarde, o FS-4 acabou tendo uma avaria e teve que ser tombado e queimado para que não caísse nas mãos inimigas que queriam captura-lo a todo custo.

No Vale do Paraíba, perto da cidade Guaratinguetá, foi empregado um tanque projetado pelo engenheiro militar tenente Saldanha da Gama, armado com quatro metralhadoras e um lancha chamas que emitia um jato de fogo de 300 metros.

Armas de guerra marítima também foram fabricadas, a

exemplo da Lanchas Blindadas, denominada de MF-11 e que seguiu para o Rio Grande na divisa de São Paulo e Minas no triangulo mineiro e a MF-12 que seguiu para o Rio Paraíba.

Pedidos dessas lanchas foram feitas pelo comando constitucionalista do Setor Sul para protegerem as barrancas dos Rios das Almas e Paranapanema, que foram as MF-13 e 14, mas as lanchas ficaram nos estaleiros de Santo Amaro, Inacabadas, pois não tiveram tempo de chegar ao seu destino com o Armistício em outubro de 1932.

Acidentes fatais também ocorreram na fabricação dessas armas, tendo sido o mais fatal de todos o que ocorreu quando se era experimentado um novo morteiro para as forças paulistas, quando então uma explosão prematura da granada em seu cano levou a morte do coronel Marcondes Salgado, comandante da Força Pública de São Paulo, ao ser morto por um estilhaço que lhe atingiu a carótida. Também faleceu com a explosão o bravo capitão Jose Marcelino, ainda sendo feridos outros oficiais, incluindo o general Bertoldo Klinger que assistia à experimentação.

De tudo que a genialidade militar paulista pode produzir em tão pouco espaço de tempo, São Paulo demonstrou que em termos de criatividade, inteligência e perspicácia o Estado estava à altura dos desafios daqueles tristes dias, lutando até o último cartucho e defendendo o quanto pode e com o que pode sua última trincheira.

Glória aos nossos engenheiros e técnicos de 32!

Glória a nossa juventude de 32 que colocou a prova suas criações!

Glória aos heróis de **CRUZES PAULISTAS!** o testemunho último de fé dessa juventude pela causa da Constituição, da Liberdade e da Democracia!

(*) Psicólogo e sociólogo. Autor da obra São Paulo: a Máquina de Guerra de 1932 e diretor da ONG Makanudos de Jahvé.

Vigésimo Prefácio

Mário Fonseca Ventura (*)

O fascínio de um jovem adolescente por um livro começou muito cedo. O pai tinha pertencido ao Batalhão José Bonifácio, na Revolução Constitucionalista de 1932, como voluntário e seus tios falavam sobre esse episódio com muita emoção.

Num velho baú da família lá estava o **CRUZES PAULISTAS** e o então aluno do Ginásio Padre Eustáquio, nos anos 1950, em Poá, São Paulo, folheava a obra com certa devoção pela figura do pai no Movimento. Por relacionar a maioria dos mortos em combate na Revolução de 1932, era considerado como se fosse um livro sagrado.

Os anos se passaram e, já aluno oficial do antigo Centro de Formação e Aperfeiçoamento (atual Academia de Polícia Militar do Barro Branco), aquele adolescente, agora Cadete Mario Fonseca Ventura, voltaria a ter contato com **CRUZES PAULISTAS** na biblioteca da Escola de Oficiais.

Interessadíssimo na história de 1932, o livro sagrado passou a ter um valor inestimável para o jovem que se interessava pelas batalhas em que seu pai participou e quais eram os reais motivos para a guerra cívica, fratricida, que levaram irmãos brasileiros a se enfrentarem mortalmente.

Cabral e esteve, em 1960, na inauguração do Monumento Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32, na Praça Ibrahim Nobre. Compreendeu então o valor da campanha Pró-Monumento e a importância que teve **CRUZES PAULISTAS** nisso tudo. Um grupo de combatentes de 32 precisava angariar fundos para a construção de um cemitério para aqueles que faleceram no Movimento.

A fascinante obra foi editada em 1936, retratando o momento histórico da mais alta relevância para São Paulo e para o próprio Brasil. Todo o dinheiro arrecadado foi destinado para a construção do Monumento Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32. Conhecido como o Obelisco do Ibirapuera, é a maior obra arquitetônica do gênero na América Latina.

O aluno oficial Ventura conheceu os principais vultos da

Revolução, com destaque, naquela época, para o general Izidoro Dias Lopes, general Bertoldo Klinger, coronel Euclides Figueiredo, interventor Pedro de Toledo, comandante geral da Força Pública, coronel Júlio Marcondes Salgado, Mario Martins de Almeida, Euclydes Bueno Miragaia, Dráusio Marcondes de Souza, Antônio Américo de Camargo Andrade, Orlando de Oliveira Alvarenga, o caboclo Paulo Virgínio, e centenas de heróis anônimos que participaram da Epopeia de 32.

Dentre os episódios marcantes registrados em **CRUZES PAULISTAS** está em destaque o MMDC, sigla formada pela morte dos heróis Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, reconhecidos como heróis nacionais, tendo seus nomes colocados no Panteão existente em Brasília, ao lado de Caxias, Tiradentes, Almirante Barroso e muitos outros.

Em 1962, o jovem aluno oficial Ventura participou da vigília e guarda fúnebre do cadete Ruytemberg Rocha que, em 1932, comissionado como tenente, participou da Revolução e foi morto em 26 de agosto daquele ano num combate em Buri. Esse episódio ficou marcado para o resto de sua vida. Ruytemberg tinha seu nome na obra **CRUZES PAULISTAS**.

Os anos se passaram. O aluno oficial Ventura foi declarado aspirante a oficial em 7 de setembro de 1963 e galgou todos os postos da carreira policial militar que abraçou. Continuou desfilando na Data Magna de São Paulo, no 9 de Julho, e estreitou seus laços com a Sociedade Veteranos de 32-MMDC.

Já coronel da reserva, em maio de 1996, filiou-se a referida Sociedade e pode então compreender, em toda a sua extensão o valor inestimável do livro **CRUZES PAULISTAS**. Conheceu o poeta Paulo Bomfim, também associado a ela, e entendeu o porquê do poeta rotular a obra como sendo *a Bíblia da Revolução Constitucionalista de 1932.*

Os veteranos de 32, principalmente o então presidente Geraldo Faria Marcondes, o secretário Geraldo Pires de Oliveira, Silveira Peixoto e centenas de ex-combatentes da Revolução possuíam o exemplar de **CRUZES PAULISTAS** e, em suas palestras, trechos do livro eram usados.

Alunos de universidades, faculdades, escolas, ao procurarem a Sociedade, em busca de dados sobre a Revolução, para seus trabalhos acadêmicos, eram direcionados para o livro considerado o mais importante do episódio que marcou

a História do Estado de São Paulo.

O príncipe dos poetas, Paulo Bomfim, já em 1996, dizia que o livro precisava ser reeditado.

Persistiu nisso até que conseguiu, pela Imprensa do Estado, que isso fosse realizado. Mas, apenas cem exemplares foram confeccionados, não atendendo a crescente demanda que tínhamos na Sociedade.

Por isso é que o presidente da Sociedade Veteranos de 32-MMDC elogia uma vez mais o jovem professor Jefferson Biajone e seu operoso camarada Afrânio Franco de Oliveira Mello, ambos do Núcleo de Correspondência de Itapetininga pelo relançamento de **CRUZES PAULISTAS**, numa edição digital comemorativa dos oitenta anos de vida editorial desta obra e numa edição impressa comemorativa dos oitenta e cinco anos da Revolução Constitucionalista de 32 que possibilitarão aos pósteros, seja no mundo digital e físico, ter em mãos a obra mais importante alusiva aos heróis que tombaram em 32 na luta pela reconstitucionalização do País.

(*) Coronel PM e presidente da Sociedade Veteranos de 32-MMDC.

Vigésimo Primeiro Prefácio

Nivaldo Cesar Restivo (*)
Mauro Cezar dos Santos Ricciarelli (**)

O convite para prefaciar **CRUZES PAULISTAS** nos aportou como uma missão e um dever. Uma missão universal e um dever diante de todas as gerações. Somos paulistas à imagem dos que nos precederam e precisamos garantir que nossos descendentes ouçam forte o passado que os forjou.

Prefaciar a nova edição desta valorosa obra, no momento em que assumimos o Comando Geral da Polícia Militar do Estado de São Paulo (PMESP), convida-nos a refletir e reconhecer a grandiosa dimensão histórica e humanística que nos cabe. Assim, é imperioso preservar a memória e os feitos desta altiva Instituição pública seguidora da nossa sempre [...] *veterana e nobre Força Pública*.

Cumpre-nos participar desse esforço que almeja garantir o acesso das futuras gerações aos feitos de 32. De fato, as novas edições digitais e impressas de **CRUZES PAULISTAS** ampliarão o alcance da obra original e permitirão a reflexão vindoura daqueles que lerão a história vendo o passado sob novas perspectivas.

Na guerra não há vencedores ou perdedores, há combatentes; lutam corpos, ideias e ideais. São Paulo ainda vive 32, celebrando e lutando pelo progresso do Estado, pelo avanço das suas instituições, pelo aperfeiçoamento dos serviços ofertados à sociedade e, sobretudo, pela tranquilidade e segurança de seus cidadãos.

Para São Paulo, a Epopeia de 32 faz parte do seu século XX. **CRUZES PAULISTAS** é um dos legados desse surpreendente Movimento Cívico-Militar e, décadas depois, o *Espírito Militar Paulista* enaltecido na denodada pena do coronel Pedro Dias de Campos permanece vivo e transcende gerações.

Com efeito, esse sempre revigorado espírito militar do paulista se fez presente ao longo dos 185 anos de existência da milícia bandeirante.

Ele se renova em cada policial militar no mesmo solo paulista, quando há um chamado de qualquer cidadão, nas mais diversas dificuldades e o solicitante conta com um Soldado para lhe atender, ouvir, proteger, defender e até lutar em sua defesa, arriscando a própria vida pela sua segurança, pela causa pública. Temos, no presente, também registros de

policiais militares mortos em serviço, porque enfrentaram o perigo em defesa de um bem maior, como o fizeram Heróis de 32, também integrantes da Força Pública.

Quem morre lutando faz desaparecer somente o seu corpo; o ideal fica, fortalecido, renovado e vivo. Assim, 32 nos levou 634 vidas por um ideal; este é o ideal puro de uma legião de idealistas.

E lembremos que o corpo de Guilherme de Almeida, o poeta da Revolução que escreveu a canção da nossa Polícia Militar entoada por seus integrantes em todos os rincões paulistas, descansa no Mausoléu de 32.

É inspirador participar da celebração dos 80 anos da primeira edição da obra nestes 85 anos de Revolução Constitucionalista de 1932 que ensejaram um projeto maior de preservação da memória e se materializou igualmente na posterior construção de um Mausoléu dos combatentes mortos na Revolução.

Os habitantes da capital paulista e seus visitantes deslumbram-se com o Obelisco no horizonte de quem transita sentido Parque do Ibirapuera pela Avenida Vinte e Três de Maio.

Recentemente, o Mausoléu passou por grande reforma, conduzida pela Polícia Militar, reforçando a estrutura do monumento e fortalecendo um grande símbolo da história edificado na capital do Estado.

Por fim, sabemos que para a missão – ora cumprida – de prefaciar a distinta obra estamos alinhados também com uma plêiade de entusiastas e idealistas soldados paulistas, pois compartilhamos do mesmo júbilo de dezenas de outros prefaciadores. Por esse labor, como justa homenagem, outros 635 prefácios se justificariam.

(*) Coronel PM Comandante Geral e
(**) Coronel PM Sub Comandante
da Polícia Militar do Estado de São Paulo

Vigésimo Segundo Prefácio

Paulo Adriano L. L. Telhada (*)

Foi com muito orgulho que recebi o convite para ser um dos prefaciadores da edição comemorativa dos 85 anos da Revolução de 1932 do livro **CRUZES PAULISTAS**.

Anos atrás, quando ainda jovem tenente PM, após muita procura, consegui adquirir um exemplar original desta obra publicada em 1936, o qual li com um misto de admiração, vibração patriótica e comoção, pois retratava a biografia dos mortos das tropas Paulistas na Revolução Constitucionalista.

Várias vezes consultei a obra quando escrevi meus dois livros: *A Polícia de São Paulo nos Campos da Itália* e *Quartel da Luz - Mansão da ROTA* (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar).

Li várias biografias dos heróis paulistas mortos no campo da honra, hoje alguns são nomes de ruas em várias cidades de nosso estado e outros heróis dos batalhões onde servi.

Para citar um exemplo, somente no 1º Batalhão de Polícia de Choque Tobias de Aguiar (ROTA), dez militares do efetivo do Batalhão doaram a vida pelo solo e povo paulista:

Sargento João Bernardo Vieira, (+ 16 Julho de 1932), cabo Eduardo Vieira de Mello (+ 20 de Julho de 1932), cabo Jordão Camargo de Oliveira (+ 05 de Agosto de 1932), sargento Manoel Marino Tapia (+ 18 de Agosto de 1932), cabo Nelson Pinto (+ 19 de Agosto de1932), soldado Pedro Marciano de Almeida (+ 23 de Agosto de 1932), segundo tenente Joviniano Vitoriano de Oliveira (+ 18 de Setembro de 1932), soldado Bento Soares (+ 18 de Setembro de 1932), soldado Seraphim Dias de Carvalho (+ 18 de Setembro de 1932) e cabo João Cosmo dos Santos (+ 19 de Setembro de 1932).

A edição não só trazia a vida daqueles heróis bem como em sua maioria ainda apresentava uma foto deles, o que prova que na época em que foi elaborado, **CRUZES PAULISTAS** foi um esmerado trabalho de pesquisa.

Infelizmente poucos paulistas conhecem ou conheceram esse valoroso livro.

É de suma importância às novas gerações conhecerem essa obra, conhecer a biografia de homens simples, pessoas humildes e honradas que o destino tornou heróis por lutarem e morrerem por um ideal, pela liberdade e direitos do povo

paulista e do povo brasileiro.

Histórias como a do *Amendoim*, um morador de rua de Presidente Prudente, sem qualquer identificação que não se furtou ao dever de cidadão paulista e foi ao combate, enquadrado num Batalhão de voluntários e lá no campo de batalha lutou lado a lado com irmãos de armas de todas as classes sociais, onde acabou tendo a vida ceifada por um projétil de fuzil inimigo.

Centenas de história verídicas retratadas de forma marcante, jovens estudantes, jovens dos campos, jovens militares, homens das classes alta, média e humilde da sociedade; esse livro é um marco na História do Estado de São Paulo.

Nesse Brasil atual tão cheio de maus exemplos, sem atitudes patrióticas, onde nossa mocidade é ensinada a somente procurar vantagens, nunca se sacrificar pelo coletivo, não é orientada a lutar por nobres ideais e sim a desprezar os valores cristãos, sociais e cívicos, a leitura de **CRUZES PAULISTAS** lembrará que há mais de 80 anos os jovens daquela época fizeram justamente o contrário:

Eles se sacrificaram pelo coletivo, lutaram por ideais patrióticos e cristãos, resgataram a honra e o bom nome dos paulistas, muitos deles ofertaram a vida em holocausto e agora tem seus nomes gravados na eternidade como heróis de 1932, heróis de São Paulo e do Brasil.

Se esses jovens se levantassem hoje de seus túmulos e vissem a que ponto chegou nosso Brasil no início desse século XXI, com certeza partiriam novamente ao combate, exigiriam uma Pátria honrada e justa para o sofrido povo brasileiro e arrancariam do governo essas indignas pessoas que desonram a história nacional com suas falcatruas, desmandos e atitudes criminosas.

Que orgulho em ser Paulista e ter na nossa história momentos de glória como os ocorridos na Revolução Constitucionalista de 1932, que nos inspira e fortalece nos momentos de dúvida e tristeza perante um mundo tão cheio de desprezo pela honra e dignidade do ser humano. Viva a Revolução de 1932, Viva os heróis eternos de São Paulo.

Parabéns aos organizadores dessa edição comemorativa de **CRUZES PAULISTAS**, os senhores resgataram a história de centenas de heróis para as novas gerações de paulistas.

(*) Coronel PM e Deputado Estadual
pelo Estado de São Paulo.

Vigésimo Terceiro Prefácio

Rodrigo Gutenberg (*)

Ao Povo!

Oitenta e cinco anos depois, associado a insígnes irmãos de armas, tenho a honra, em sua estrita rota, de participar da escritura constitucionalista que para mim é a magna, porquanto que o cartapácio **CRUZES PAULISTAS** tem uma especificidade que jamais encontraremos em outra escritura, afinal, não há outro compêndio que ratifique a biografia de tantos homens com arquétipos de moral e caráter tão indubitáveis, que deram sua maior dimensão épica, a vida, de uma maneira incontestavelmente deglutível.

A preservação de **CRUZES PAULISTAS**, pantheon paulista, é extremamente urgente, pois, tornou-se um livro incomum e inaudito. Deveria ser reverenciado, nas primordiais salas de aulas, ser assunto elementar, ladeado pelo ensino da Carta Magna, a Constituição Brasileira, pois há concatenação. A pena e o fuzil esmiúçam os ditadores, forjam a ideologia constitucional e o sufrágio universal.

A alavanca de manejo do fuzil estará sempre pronta, unida com a historiografia, dando subsídios de pujança física e cognitiva, uma simbiose de conhecimento intelectual e potência para os homens da lei, desta contemporaneidade. Paulistas, conheceis *a lucta* e os fundamentados políticos do São Paulo de 1932, há vasta biblioteca para consulta, dos mais prolixos aos mais sintéticos.

Não mais roa a corda de sua obrigação, dedique-se e prontifique-se como, por exemplo, os voluntários do Batalhão Universitário, pródigo Batalhão 14 de Julho, dos estudos ao civismo e a partir daí, se preciso for para a inevitável condição belicosa. Cubra-se com o pendão, empunhe o livro e o fuzil.

O Batalhão 14 de Julho teve a glória e a morte, no Setor Sul fez uma história com centenas de nomes, marchando por mais de 1.900 km, com doze insígnias das mais heroicas, que irrigaram a terra paulista com seu sangue rubro, forte e varonil, impermista gênese bandeirante.

Palmo a palmo a epopeia de 32 vivida foi escrita e contada por militares e professores, tais como, Áureo de Almeida Camargo, Brazilio Taborda, Clineu Braga de Magalhães, Alves Bastos, e Honório de Sylos que escreveu: *a vida do soldado é parecida com a vida de estudante*.

Ainda estou em 1932. A Força Pública do Estado de São Paulo, o Partido Republicano Paulista, o Partido Democrático, a Associação Comercial, entre outros grupos, até mesmo secretos, desde 1930 se preocupavam enormemente com a volta do Brasil ao regime legal e o brutal déficit bélico, econômico e de autonomia do São Paulo.

Após o massacre do dia 23 de maio, foi fundada a Guarda Paulista, liderada por Aureliano Leite, Paulo Nogueira Filho, Prudente de Morais Neto e Joaquim Abreu Sampaio Vidal. Era o embrião do MMDC, a organização que uniu civis e militares. O MMDC foi o elo entre o povo e as armas, o vínculo entre todas as classes sociais, conglobou todas as classes de trabalho, uniu de todos os paulistas por um único ideal, a Constituição.

O acrônimo também englobou mulheres e crianças, todos associados pelo mesmo princípio. Imediatamente, o MMDC organizou-se em dezenas de núcleos, por toda a capital, o desfecho foi impecável. Irretocavelmente em seu nono dia de existência a organização recrutou mais de 5.000 cidadãos que se metamorfosearam em soldados paulistas! Os generais Isidoro Dias Lopes e Bertholo Klinger, os coronéis Euclydes de Figueiredo e Palimércio Rezende e o presidente Pedro de Toledo viam-se completamente seguros, unanimemente todos os paulistas, de nascimento ou não, adeririam à revolução contra o regime ditatorial.

Estou em 2016, e aos que pensam que a História da Revolução Constitucionalista acabou, enganam-se por completo.

A Sociedade Veteranos de 32 – MMDC existe para que essa história seja perena. Com efeito, assim como o M.M.D.C. do 24 de maio, a Sociedade Veteranos de 32 também organizou-se e potencializou-se em dezenas de núcleos, espalhados pela enorme terra bandeirante.

Os núcleos dessa entidade, suas sucursais na capital e no interior de nosso Estado e mesmo além deste, têm sido rutilantes para a preservação da memorável História Constitucionalista, funcionando cada qual como uma caserna que também destina homens e mulheres para as trincheiras da missão de resgatar a memória e os feitos de nossa São Paulo de Piratininga.

(*) Historiador e presidente do Núcleo General Euclydes Figueiredo da Sociedade Veteranos de 32-MMDC na Zona Norte de São Paulo

Vigésimo Quarto Prefácio

Sérgio Marques (*)

Prefaciar esta nova edição de **CRUZES PAULISTAS**, livro que para mim já era referência histórica e sentimental, pois os heróis contidos em suas páginas traduziam o esforço em holocausto por um Ideal coletivo, leva-me a uma profunda reflexão...

Em visita aos locais de combate, ao Mausoleu/Obelisco de 1932, no bairro do Ibirapuera, na Capital, aos cemitérios, tais personagens santificados tornaram- se pessoas conhecidas e admiradas. Mas, afinal, quem eram esses idealistas?

Eram os paraibanos, jovens, farmacêuticos, militares, húngaros, pernambucanos, pintores, alemães, bibliotecários, negros/pardos, mecânicos, italianos, solteiros, cearenses, jornalistas, baianos, capitães, telegrafistas, mineiros, pilotos, sexagenários, generais, espanhóis, engenheiros, portugueses, voluntários, do Mackenzie, soldados, escreventes, gaúchos, libanês, professores, paulistas, russos, tenentes, alagoanos, do exército nacional, comerciantes, maranhenses, da guarda civil, brancos, goianos, esportistas, paranaenses, bombeiros, escocês, vaqueiro, cariocas, advogados, cabos, potiguares, ferroviários, inglês, dentistas, sargentos, sapateiros, bancários, da força pública, ambulantes, casados, lavradores, motoristas, agrimensores, do largo São Francisco, maranhense, arquitetos, tenentes, austríaco, bancários, mato-grossense, eletricistas, capixaba, índios, nipo-brasileiros etc. São eles os novos Bandeirantes dos quatro cantos do Brasil e do Mundo...

Navegar pelas páginas de **CRUZES PAULISTAS** é ter a oportunidade de observar aqueles que não mais são anônimos, na vida e na morte, como os voluntários *Amendoim*, de Presidente Prudente, e José da Silva, de Bragança Paulista, o *Pretinho*, componente do Batalhão Bahia, de Bragança Paulista.

É sofrer pelo primeiro Soldado Constitucionalista tombado na refrega, Pedro de Souza Ramos, do Exército, filho Jacareí, morto em São José do Barreiro, em 15 de julho de 1932, seis dias após a deflagração do Movimento. É perceber

a amizade nascida em Garça. São Paulo e forjada na trincheira! O voluntário José Augusto Escobar, farmacêutico que era, soube que seu amigo Sílvio Cervellini estava gravemente ferido nas trincheiras de Buri, no sul do Estado, área dominada por Ditatoriais. José tentou resgatá-lo, mais também acabou por ser atingido... O mês de agosto foi o sepulcro para ambos!

É imaginar o que um pernambucano, da cidade de Pedra, Manoel dos Santos Sobrinho, cadete da Força Pública, comissionado no posto de capitão tem em comum com Aristeu Valente, Jorge Jones e Fernando Camargo, voluntários do Batalhão 23 de Maio? Dia 18 de agosto marcou a data de suas lápides em defesa de uma trincheira, em defesa de um nobre ideal...

É imaginar, como anunciava seu sobrenome, o martírio a que passaria Alberto Martyre, voluntário Paulistano, adotado por São Manoel. Após sua rendição e prisão, em 26 de agosto, uma assassina baioneta ditatorial daria fim a sua trajetória...

É sentir a dor de Dona Laura, mãe do menino de 15 anos, Waldemar de Souza Ferreira, do 4º Batalhão de Caçadores Paulistas da Força Pública, o mais jovem soldado voluntário Paulista em campo a derramar sua preciosa e consagrada seiva...

É imaginar o que sentiram os voluntários Ferrúcio Tolesi, de São José do Rio Pardo, e Moacyr Simões da Rocha, de Campinas. Aprisionados pelas Forças Ditatoriais, em ocasiões distintas, foram enviados para um campo de concentração, ou melhor, um presídio militar na Ilha das Flores, Rio de Janeiro. O primeiro morreu instantaneamente em 8 de setembro após encostar na cerca eletrificada... Moacyr, também interno do presídio, adoeceu, perecendo dois dias após Ferrúcio.

É reverenciar Francisco Eugênio Antunes, cabo do 5º Batalhão de Caçadores Paulistas da Força Pública, que sucumbiu na data de seu aniversário, 10 de agosto, com 32 anos de idade, no ano de 1932.

É conhecer os guardas-civis mortos em ação, tais como Natal Martinetto, Francisco Perotti e Raimundo Testa; os dois últimos, com apenas um dia de campanha, partiram em 22 de setembro. Fato similar ocorreu com o cabo do 2º Batalhão de Caçadores Paulistas da Força Pública Pedro Briante da Silva, baiano de nascimento, falecido em 17 de julho de 1932, me-

nos de 24 horas após assumir seu posto.

É reconhecer que os soldados do fogo, Bombeiros da Força Pública, também ofereceram-se em holocausto pela causa Constitucionalista. 13 foram abatidos, 13 são as listras da Bandeira Paulista, inclusos os sargentos Agenor Rocha e Antônio de Souza Landim.

É enlutar-se pelos três filhos voluntários de Dona Helena Ribeiro Boaventura, que rumaram para a luta, contudo, dois a deixaram definitivamente: Bolívar e Yolando.

Por fim, muitos estrangeiros adotaram as Terras de Piratininga e o Brasil como nova pátria. Alguns lutaram na Primeira Guerra Mundial em Exércitos opostos.

Todavia, em 1932, não se escusaram ante ao novo apelo. Um deles é o escocês Ronald Douglas Maclean, findo em 7 de setembro de 1932, no dia Independência do Brasil...

Brasileiros e Paulistas de nascimento e de coração, muito obrigado!!!. Seus corpos padeceram, entretanto, suas memórias e seus atos são eternos...

(*) Capitão da Polícia Militar do Estado de São Paulo e Chefe do Setor de Memória Institucional do Centro de Comunicação Social da PMESP.

Vigésimo Quinto Prefácio

Sérgio Olimpio Gomes (*)

Com orgulho aceitei o convite para prefaciar a edição comemorativa dos 85 anos da Revolução Constitucionalista de 1932 de **CRUZES PAULISTAS**, uma obra que lista os soldados paulistas que morreram durante a Revolução. Um livro que impressiona pela quantidade de mártires, em sua maioria jovens, e também por dar um nome e um rosto a esses heróis.

Em 1930, o Brasil passou por uma transformação política, quando Getúlio Vargas se utilizou das Forças Armadas para dar um golpe de Estado depondo, o então Presidente, Washington Luiz, com o intuito de impedir a posse do recém-eleito, Dr. Júlio Prestes de Albuquerque. Estabelecendo, dessa forma, um governo provisório que se estendia sem medidas que visassem a Democratização do País.

Em seu governo ditatorial, Getúlio promoveu mudanças de maneira autoritária, sem consultas eleitorais, fechou o Congresso Nacional, anulou a Constituição de 1891 e depôs governadores de diversos estados, nomeando interventores.

O povo brasileiro de diversos estados reagiu e saiu as ruas exigindo do governo a criação de uma carta magna que regesse a legislação do país, algo que Vargas vinha adiando cada vez mais, além de eleições gerais para presidente da república.

No dia 23 de maio, as forças do governo e as populares se encontraram e se defrontaram na Praça da República, o que resultou na morte de jovens estudantes que estavam na busca pelo estabelecimento da Democracia no Brasil, dentre eles: Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo. Suas mortes não seriam em vão e viriam simbolizar o heroísmo dos soldados constitucionalistas, dando origem à sigla MMDC (iniciais dos quatro jovens mortos).

Foram quase três meses de batalhas sangrentas, encerradas em 2 de outubro daquele mesmo ano, com a derrota militar dos constitucionalistas. Entretanto, moralmente o movimento foi vencedor, pois logo depois do término do conflito, o governo federal convocou eleições para uma Assembleia

Constituinte, que promulgou a Constituição do Brasil em 1934.

A Revolução de 1932 demonstra que o jovem já foi mais atento e participativo nos problemas do Brasil e na construção da República e do Estado Democrático. Que país teremos, se a classe mais idealista e cheia de energia em busca de transformações, encontra-se inerte?

Infelizmente, a juventude atual está receosa, desamparada, inerte, anestesiada e descrente, emanando palavras de descontentamento, todavia, palavras só ganham intensidade quando acompanhadas por ações amparadas por um ideal, que lhes reforcem o sentido.

Precisamos resgatar a força, a coragem, a perseverança, o espírito de conquista, o fogo do entusiasmo dos jovens, para que o ideal revolucionário da juventude de 1932 permaneça aceso honrando a memória dos heróis constitucionalistas.

Finalizo acreditando que este livro seja a memória e o despertar da juventude Brasileira para a defesa dos valores democráticos e a construção de uma pátria livre, justa e solidária.

(*) Major da PMESP e Deputado Federal pelo Estado de São Paulo.

Vigésimo Sexto Prefácio

Tiago Rodrigues Peggau e Silva (*)

CRUZES PAULISTAS é a bíblia da Revolução Constitucionalista de 1932. Com essas palavras define o poeta Paulo Bomfim a mais importante obra já editada sobre a Epopeia Paulista. Centenas de livros sobre a Revolução foram publicados, especialmente entre as décadas de 30 e 80 do século XX. Contudo, não apenas livros cuidaram de preservar e difundir a memória de 32.

Nossa Epopeia foi também o tema de diversas matérias em revistas e jornais, documentários e filmes, que foram editados, produzidos e exibidos nos últimos 85 anos. Entre os documentários e curtas-metragens destacam-se *32X78* (1978) de Nuno César de Abreu; *1932 – A Herança das Ideias* (1982) de João Batista de Andrade e *A Guerra dos Paulistas* (2002) de Laíz Bodansky e Luis Bolognesi.

Já os primeiros filmes e longas-metragens datam da década de 30. Anos em que uma das opções de entretenimento da população era comparecer elegantemente trajado e assistir, nas salas de cinema, a filmes como *O Vampiro de Dusseldorf* (1931) e *King Kong* (1933).

Naquela época, o cinema nacional engatinhava.

Começavam a serem produzidos os primeiros filmes dotados de som. Alguns cineastas brasileiros viram na Revolução de 1932 um bom assunto para seus filmes e, a partir de imagens gravadas entre julho e outubro daquele ano, produziram filmes que tinham na Revolução seu tema central.

Alguns desses filmes são verdadeiros clássicos como: *Heróis Brasileiros da Revolução de 1932* (1936) de Francisco de Almeida Fleming; *Julho de 32* (1934) de Amadeu Castelaneto; *Nas Linhas de Fogo do Setor Sul* e *O Grande Combate de Buri* (1932) de João Baptista Groff; *Revolução de 32 em São Paulo* (1934) de Armando Leal Pamplona; *Revolução em São Paulo* (1932) de João Stefan e o não tão famoso, mas não menos importante, *Batalhão 14 de Julho* (1932) de José de Oliveira Pirajá.

Todos retratam o grande espírito cívico do qual se im-

buiu o povo de São Paulo naqueles 89 dias que ajudaram a mudar a história do Brasil.

Todos prestam homenagem aos mais de 600 mortos paulistas cujas pequenas biografias constam desta monumental obra **CRUZES PAULISTAS** que ora prefaciamos.

Infelizmente muitas dessas películas se perderam com o passar do tempo. Outras estão apenas aguardando o momento certo de serem redescobertas, escondidas em algum porão ou acervo, particular ou público deste País.

Cabe a nós, pesquisadores do presente e do futuro, continuar a busca por essas imagens – a maioria já em domínio público – e, divulgando-as para as novas gerações, ajudar preservar a memória da Revolução de 32 e a daqueles que nela tombaram.

A Internet, que já conta com a edição digital do livro **CRUZES PAULISTAS** desde 31 de Dezembro de 2017 é ferramenta imprescindível para busca e divulgação de filmes que tratam de 32.

É por meio dela, sem dúvida, que, neste século XXI, as gerações vindouras terão acesso aos registros escritos e audiovisuais da Revolução Constitucionalista.

(*) Entusiasta e pesquisador da Revolução de Constitucionalista de 1932.

PARA COMPLETAR
O BATALHÃO
ALISTE-SE
M.M.D.C.

Um histórico do Movimento Constitucionalista

Liga do Professorado Católico de São Paulo

Estávamos no ano de 1932.

O Brasil passara por uma transformação política a partir de 1930, quando o Dr. Getúlio Dorneles Vargas chefiando um golpe militar, destituíra, do poder o Dr. Washington Luiz Pereira de Souza, então Presidente da República, já no término do seu mandato, a fim de impedir a posse do Presidente recém-eleito, Doutor Júlio Prestes de Albuquerque, alegando irregularidade no pleito em que havia sido derrotado, como candidato oponente. Estabelecendo um governo provisório, substituíra os Presidentes de Estados, por Interventores Federais o que vinha se prolongando indefinidamente, sem que medidas objetivas fossem tomadas no sentido da Democratização do País.

O regime, francamente discricionário, inquietava os brasileiros, que clamavam pela Constituição, derrubada por aquele golpe. Entendimentos realizavam-se, hora no Rio de Janeiro, hora no Rio Grande do Sul, hora em São Paulo, tendentes a encaminhar o Governo Provisório da República no rumo da restauração legal, o que parecia cada vez mais difícil em face da opressão exercida pelo mesmo, cerceando cada vez mais, a liberdade dos brasileiros.

Os ânimos exaltavam-se principalmente em São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais e as manifestações populares sucediam-se em nosso Estado, espezinhado, ferido nos seus mais delicados sentimentos cívicos.

A 23 de maio de 1932, quatro paulistas tombaram, gloriosamente, pela Causa Constitucionalista: Miragaia, Martins, Dráusio e Camargo, barbaramente trucidados pela polícia ditatorial, na Praça da República. Sua morte viria a representar o heroísmo do soldado Constitucionalista, e, deu origem à sigla M.M.D.C., surgindo daí a Sociedade Veteranos de 32.

A exaltação dos ânimos chegava ao auge, principalmente em São Paulo, teatro do trágico acontecimento. Todas as classes sociais e o povo em geral, em uníssono, tinha um só desejo, uma só meta: a Constituição e o direito de viver em

liberdade.

A figura de um paulista avultava então, imponente e majestosa, conclamando com seu verbo inflamado a gente bandeirante, para a arrancada Constitucionalista: Ibrahim Nobre, o tribuno, que seria, sem dúvida, a alma dessa Epopeia, o dínamo propulsar, o símbolo, o momento decisivo da consciência paulistana.

E foi de São Paulo, de onde partiu o brado da Independência, que partiu também o brado pela volta ao regime Constitucional, a 9 de julho de 1932.

Era seu Interventor Federal o ilustre paulista, Dr. Pedro de Toledo, que logo se integrou no Movimento Revolucionário irrompido na madrugada daquele dia, congregando militares, governo e povo. Renunciando ao cargo, foi imediatamente aclamado Presidente do Estado de São Paulo, que se levantava em armas, contra a Ditadura. O Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Santa Catarina e Mato Grosso, aderiram ao Movimento.

A sua frente, por um Brasil livre e redimido, ilustres militares, como os Generais Euclides de Figueiredo Bertoldo Klinger, Isidora Dias Lopes, Marcondes, Salgado e outros, preparavam a arrancada heroica pela legalidade, enquanto o Governo Ditatorial organizava a resistência. Formavam-se batalhões que seguiam para todas as frentes de batalha.

Os homens acorriam em massa aos postos de alistamento. As mulheres transformavam a retaguarda numa segunda frente de combate. Presentes nas fábricas de munições, nas oficinas de costura, nos hospitais de sangue, nas cantinas, provendo, incentivando, fiéis às tradições heroicas da mulher paulista, participante de todos os feitos da nossa História.

São Paulo, em pé de guerra, improvisava tudo quanto era necessário para levar o Brasil à Vitória: granadas, fuzis, bombardas, canhões, capacetes de aço e até um Trem Blindado. – a arma fantasma dos paulistas - além do carro Lança Chamas, construídos por técnicos e que eram temidos pelo inimigo, pois agiam em várias frentes. Aviões modernos de outros já obsoletos atuavam, também, e os pilotos paulistas realizavam feitos extraordinários.

A cidade enchia-se de cartazes coloridos, conclamando os homens a se alistarem: *Você tem um dever a cumprir -*

Consulte a sua consciência.

Eles estão à sua espera para completar o Batalhão - Aliste-se – Paulista, às armas. Todos eles apresentavam soldados constitucionalistas, as Bandeiras Paulistas e Brasileira - e a sigla M.M.D.C.

A mocidade, encabeçada pelos estudantes da tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, envergando a gloriosa farda caqui, partia, garbosamente, com seus capacetes de aço, para as diversas frentes de combate, em defesa dos princípios democráticos que sempre nortearam o povo brasileiro. Velhos e até meninos, seguiam o seu exemplo, com determinação, que foi o traço dos seus ancestrais.

Muitos deles não voltariam, mas o imperativo que os animava estava escrito no brasão de sua terra *Pro Brasília Fiant Exímia*.

Aos poucos, porém, a situação definia-se implacável. A realidade era apenas uma: São Paulo estava só. Só, numa luta hercúlea e desigual, contra o inimigo bem equipado e poderoso. A Terra Bandeirante, cavada de trincheiras extensas, formava com a muralha de seu peito, uma cinta granítica de defesa. Mas o Ideal não esmorecia. Tombavam os heróis. Cruzes de madeira assinalavam os que caíam. E a luta prosseguia. O Exército Constitucionalista batia-se com denodo em todas as frentes, sob o comando dos chefes militares, e, sem contar com a ajuda daqueles que a isso se comprometeram.

Morria o General Marcondes Salgado, vítima da explosão de uma granada quando, procedia a experiência bélica. Morriam militares ilustres em Pouso Alegre, em Cruzeiro, no Vale do Paraíba, em Buri, Campos Novos e até nos céus do Guarujá.

Outros milhares tombavam nos altiplanos do Túnel, nos socavões de Eleutério. Em todas as frentes de combate, o heroísmo paulista fazia-se presente. São Paulo choravam seus mortos, mas a luta continuava. Era preciso vencer.

E veio a Campanha do Ouro para o Bem de São Paulo, impressionante de generosidade e civismo. O povo desfazia-se das suas joias, da sua prataria, para a obtenção de recursos que permitissem a continuação da luta, até a Vitória final.

Alianças, símbolo do amor eterno, eram oferecidas aos milhares. Um monumento era erguido na Praça do Patriarca um Bandeirante apresentando a urna depositária das dádivas

do generoso povo paulista. Alianças e anéis simbólicos substituíam os originais, doados à Campanha.

Vale salientar, a cooperação dada em todas as iniciativas pelo elemento estrangeiro, e, por brasileiros de outros Estados, aqui residentes, integrados de corpo e alma no Movimento Redentor.

A igreja presente, pelo seu grande chefe, o Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva e por grande número de sacerdotes, abençoava as bandeiras dos batalhões que partiam, propiciando magnífico espetáculo de comovente fé cristã.

Os batalhões infantis desfilavam pela cidade, estimulando os adultos ainda indecisos. Se for preciso, nós partiremos também. E muitos deles, na verdade, partiram clandestinamente.

E a luta prosseguia. Inglória, agora, pela quebra de compromissos assumidos, e, pelas tradições. São Paulo estava só.

E a realidade delineou-se implacável. Parecia perdida a mais bela conquista que a Revolução pleiteava a Constituição do país. Terminada de maneira imprevista, os seus principais chefes, civis e militares, foram exilados, seguido a bordo do Siqueira Campos para Portugal.

Com eles foi à saudade da Pátria querida pela qual lutaram com denoto, dando o melhor do seu idealismo e coragem. Guilherme de Almeida, o Poeta da Revolução, combatente, patriota, escreveu o caminho do exílio, uma das mais belas páginas literárias, que terminava assim: *viaja conosco uma passageira clandestina, de volta a Portugal, seu país de origem. Ela é a saudade. Naquela nação irmã, foram os exilados recebidos com carinho e respeito.*

Sob o ponto de vista militar, São Paulo foi batido pelas forças tremendamente superiores da Ditadura. Entretanto, a política e moralmente, foi vencedor, pois o seu sacrifício idealista, um como libelo, fez com que o Governo Provisório, sem mais delongas, reintegrasse o País no regime da Lei.

Vitória dos ideais Democráticos da nossa gente, da brava gente bandeirante. A razão e o Direito vencem - ainda que desarmados.

E hoje, no Ibirapuera, ergue-se imponente na sua majestade o Mausoléu do Soldado Constitucionalista, Panteão

de Glória dos que tombaram por um ideal sagrado.

Todos os anos, para lá são transladados, restos mortais dos que pereceram no cumprimento de um dever, até que o último herói lá esteja completando a plêiade de bravos, mortos por um **Brasil uno**, **democrático** e **constitucionalizado**.

PRÓ BRASILIA FIANT EXIMIA
(Pelo Brasil se façam grandes coisas)

É a palavra de ordem escrita no Brasão instituído pelo Governador Pedro de Toledo, em 1932, durante o Movimento Constitucionalista.

É o lema de todos os paulistas.

Ontem, hoje e sempre.

M.M.D.C.

A Mística em torno da designação ocorre por M.M.D.C. ser uma designação exata e rigorosa.

Passemos, todavia, a analisar os fatos: caiu a noite de 23 de maio de 1932. Indignaram-se os paulistas com a chegada um dia antes do Ministro Oswaldo Aranha que do Rio de Janeiro, então Capital Federal, à São Paulo viera para resolver a sorte de nosso Estado, como se feudo fosse. Liderados por Ibrahim Nobre (tribuno de raros e empolgantes recursos), Silvio de Campos, Cesário Coimbra e outros, decidiram invadir a sede do Partido Popular Paulista (ex-Legião Revolucionária), à Rua Barão de Itapetininga, no atual n° 298, esquina da Praça da República. E começou a fuzilaria.

Daí a minutos, tombam os quatro primeiros heróis daquele que viria a ser o maior movimento cívico da história de São Paulo:

Euclydes Bueno Miragaia, de 21 anos;

Mario Martins de Almeida que atingido no peito, morre no meio da rua;

Dráusio Marcondes de Souza, de 14 anos, e que morreu no dia 27;

Antonio Americo de Camargo Andrade, de 31 anos, deixando viúva e três filhos;

Manuel Jacinto Lessa recebeu um tiro no antebraço e Orlando de Oliveira Alvarenga foi atingido por um tiro na coluna, vindo a falecer em consequência desse ferimento a 12 de agosto de 1932.

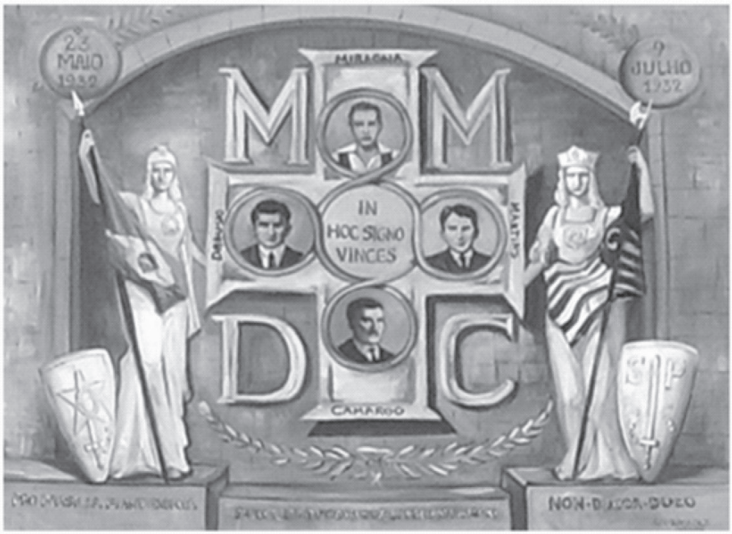
A ideia da fundação da sociedade civil M.M.D.C. nasceu no dia imediato, durante um jantar no Restaurante Posillipo, no qual tomaram parte J.A. Sampaio Vidal, Prudente de Morais Neto, Paulo Nogueira Filho e Aureliano Leite.

Edgar Santista Pereira propôs dias depois para patronos espirituais da sociedade os nomes dos quatros moços paulistas mortos a 23 de maio. Mas que eles se representassem apenas iniciais em ordem crescente – C.D.M.M.

Vingou porém, a ideia do companheiro veterano doutor Aureliano Leite que apresentam a ordem decrescente:

Euclydes Bueno **MIRAGAIA** – M
Mário **MARTINS** de Almeida – M
DRÁUSIO Marcondes de Souza – D
Antônio Américo de **CAMARGO** Andrade – C

Logo, tendo sido a sociedade civil M.M.D.C. criada aos 24 de maio de 1932 e oficializada pelo decreto nº 5.627-A de 10 de agosto daquele ano, nasceu assim a imorredoura sigla M.M.D.C., designação exata destes quatro heróis que tiveram pela Lei Federal de nº 12.430, de 20 de junho de 2011, seus nomes inscritos no Livro dos Heróis da Pátria existente no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.



Quadro da artista plástica Camila Lourenço Giudice

Já em memória a Orlando Alvarenga e aos heróis anônimos da Revolução de 32, o Governo do Estado de São Paulo promulgou a Lei de nº 13.840, de 1º de Dezembro de 2009, a qual instituiu o *Dia de Orlando Alvarenga e dos Heróis Anônimos da Revolução constitucionalista de 1932* para ser comemorado, anualmente, no dia 12 de agosto, passando a integrar o Calendário Oficial do Estado.

Não obstante, foi da noite de 24 de maio de 1932 que brotou o Movimento Constitucionalista que deflagrado seria a 9 de Julho, levantando-se São Paulo uníssono em defesa da Lei e da Ordem - *pola lei e pola grei* - legenda esta que se acha inscrita na Medalha da Constituição, comenda oficializada pela Resolução de nº 330 de 25 de Junho de 1962 da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, com o intuito de perenizar o sacrifício realizado por todos aqueles que participaram da Revolução Constitucionalista de 1932, fossem eles voluntários civis ou militares.

Monumento-Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32 (2017)

Campanha Pró-Monumento e Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 1932

*

Presidente de Honra
Dr. PEDRO DE TOLEDO

*

Diretor Geral
Dr. BENEDICTO MONTENEGRO

COMISSÃO CENTRAL

Vice-Diretores

Dr. Alarico Franco Caiuby
Dr. Henrique Smith Bayma
Padre Luiz de Abreu
Dr. Romão Gomes
Dr. Valdomiro Silveira

Diretores-secretários

Dr. A. C. Pacheco e Silva
Sr. Alberto Aguiar Weissohn
Dr. Ernesto Leme
Cel Francisco Vieira
Dr. Miguel Coutinho

Diretores-Tesoureiros

Sr. Horacio de Mello
Sr. Herbert V. Levy
Dr. Mariano Wendel

COMISSÃO FISCAL

Dr. B. Manhães Barreto
Dr. Euzebio Queiroz Mattoso
Dr. Gastão Vidigal

Histórico do Monumento-Mausoléu de 32

Em 1933 reuniu-se, por iniciativa da Sociedade Cívica de Veteranos de 32, um grupo de ilustres paulistas, para estudar a forma de se levantar um Monumento Mausoléu, aos heróis que tombaram em 1932.

Reunião do Conselho Orientador Central, dos veteranos da Revolução de 32 (dia 23 de fevereiro de 1935), na sede central, Rua Quintino Bocaiúva, Nº 54 – 1º andar – Sala 114, para a eleição da Comissão Exercutiva e lançamento da Campanha para construção de um mausoléu aos mortos da Revolução Constitucionalista. Essa comissão reuniu-se pela primeira vez em 6 de março de 1935, sob a presidência de Romão Gomes, tendo como participantes: Dr. Benedicto Montenegro, João Montenegro, Alberto Aguiar Weissohm e Alcindo Guanabara de Arruda Miranda

O então vereador Paulo Vieira, também veterano da Revolução, havia conseguido da Câmara Municipal, a aprovação de uma verba de 20 mil cruzeiros, para a edificação de um monumento à memória de Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, os primeiros jovens tombados em 1932, no dia 23 de maio, na Praça da República.

Essa construção não se efetivou, pois, Paulo Vieira, procurado por elementos da Sociedade Cívica de Veteranos de 32-MMDC, concordou em transferir a verba para o Monumento e Mausoléu ao Soldado Paulista de 32.

A intenção foi plenamente justificada, pois repousariam também no Mausoléu, os restos mortais de Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo e também do caboclo Paulo Virgínio, mártir de Cunha.

Inúmeras foram as dificuldades encontradas pela Comissão composta, entre outros, pelo médico Prof. Dr. Benedicto Montenegro – Presidente; Sr. Herbert Victor Lévy, Alberto Aguiar Wisson e Horácio de Mello – tesoureiros; Sr. Antonio Carlos Pacheco e Silva, Antonio Fonseca Telles, Henrique Bayma, Waldemar Martins Ferreira e José Benedito Machado Florence – secretários e conselheiros.

A primeira iniciativa da comissão foi a abertura de um concurso, baseado em condições formuladas por um grupo

de arquitetos, engenheiros e artistas plásticos, que julgariam os trabalhos apresentados.

Concomitantemente, com a abertura do concurso, foi também iniciada uma subscrição pública para a construção do Mausoléu.

Dos dezessete artistas concorrentes com projetos, cujo prêmio seria a edificação do Mausoléu de 32, tirou o primeiro lugar Galileo Emendabili e Mário Pucci.

No ano de 1934, o governo do Estado contribuiu com 500 mil cruzeiros, verba incluída nas Disposições Transitórias da Constituição do Estado, de 1935.

Tais foram os empecilhos surgidos, dali para a frente, que a comissão encarregada de promover e superintender a construção, se viu obrigada a encerrar suas atividades. Os fundos obtidos foram depositados em banco.

Em 1946, a Assembléia Legislativa votava verba de 2 milhões de cruzeiros que, somada às doações populares perfez a quantia de 9 milhões; entretanto, a elevação do custo de material e mão-de-obra, tornou impossível a construção.

Em 1947, o prefeito Cristiano Stocler das Neves, delimitava definitivamente, com a comissão do Mausoléu, uma área no Ibirapuera, para construção do mesmo segundo a Lei Municipal de nº 3.758, de 20 de maio de 1949, que dispôs sobre a execução das obras que servirão de alicerce ao Monumento aos Mortos de 32.

Essa lei foi promulgada pelo prefeito Asdrubal Euritysses da Cunha, sendo que no seu artigo 1º afirma que o prefeito municipal *mandará executar, mediante concorrência pública, as obras que servirão de alicerce ao futuro Monumento aos Mortos de 32*, cuja ereção se acha prevista pelo artigo 19 das Disposições Transitórias da Constituição do Estado.

Já o artigo 2º da referida lei afirma:

> *A execução das obras a que alude o artigo anterior fica condicionada a entendimentos prévios entre aquela autoridade e a Comissão Pró-Monumento constituída para superintender os trabalhos e no sentido de ser a pedra fundamental do referido Monumento lançada no dia 9 de julho do ano em curso.*

Além desta lei, o decreto nº 1.078 de 6 de julho de 1949

dispôs sobre a localização do Monumento aos Mortos de 32 como sendo no Parque Ibirapuera. Com efeito, no artigo 1º deste decreto, consta que o Monumento seria no referido parque, na parte central da praça circular localizada no prolongamento da avenida Brasil, a mil e cem metros, aproximadamente, da avenida Brigadeiro Luiz Antônio..

Em 1951 sendo governador do Estado Lucas Nogueira Garcez, a comissão apelou, uma vez mais por um auxílio à construção. O governador enviou imediatamente uma mensagem à Assembléia Legislativa que, prontamente atendeu, abrindo um crédito especial de 15 milhões.

Os trabalhos de construção no Parque do Ibirapuera iam adiantados, pois a comissão pretendia inaugurar o Monumento ao Soldado Constitucionalista nas comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo, em 1954.

As paralisações freqüentes atrasaram novamente a construção do Mausoléu, que só retomou seu ritmo quando o governador Ademar de Barros destinou uma verba de 70 milhões de cruzeiros, para completar o Monumento.

Não foi possível inaugurar o Mausoléu em 1954, mas antecedendo o translado dos restos mortais dos heróis da Revolução Constitucionalista de 1932, no dia 9 de Julho desse ano, foram transladados Martins, Miragaia, Dráusio, Camargo e Paulo Virgínio, tomando posse no chão que lhes fora reservado.

Foi uma auspiciosa coincidência, pois na verdade 9 de Julho começou a 23 de Maio, na Praça da República e, seus heróis mereciam realmente chegar antes daqueles que posteriormente tombaram.

Convocada pelos veteranos de 1932-MMDC foi realizada na noite de 26 de maio de 1955, no torreão do antigo edifício do Palácio do Governo, no Pátio do Colégio, importante reunião daquela associação. Debateu-se, num clima de ordem e civismo, o veto do governador do Estado ao projeto de lei que concedia 23 milhões de cruzeiros para a conclusão do Monumento do Soldado Constitucionalista.

Compareceu grande número de associados daquela entidade, em sua maioria veteranos da revolução, tendo presidido os trabalhos o senhor Mércio Prudente Corrêa, que fez um apelo ao governo e ao povo para que não deixassem a meio caminho as obras do Mausoléu.

Foram formulados vários protestos pelo veto ao projeto de auxílio e, logo em seguida, foi oferecido um voto de aplauso ao vereador Paulo Vieira, autor do projeto que concede 20 milhões de cruzeiros às obras do monumento.

Falaram diversos oradores, todos exaltando o sentido da obra do escultor Galileu Emendabili, que também se achava presente. O presidente Mércio Prudente Corrêa destacou a figura do professor Benedicto Montenegro, presidente da Comissão Pró-Monumento, cuja luta ao longo de tantos anos deveria se transformar, agora, num estímulo aos que desejassem ver de pé a homenagem ao soldado de 32.

Galileu Emendabili, responsável pela grande obra inacabada do Ibirapuera, não escondeu sua decepção pelo veto aposto ao projeto que dava origem à reunião. Revelou que a conclusão da obra depende ainda de mais 40 milhões de cruzeiros, mas acredita que a Câmara Municipal, a Assembléia Legislativa, o povo e o próprio Executivo estadual não permitirão que essa ajuda se ausente da homenagem que se quer fazer aos mortos de 32.

O Monumento Mausoléu teve sua inauguração definitiva em 9 de Julho de 1960.

O Obelisco ocupa uma área de 1.932 metros quadrados de entorno em memória ao ano da revolução, área essa em forma de coração, sendo que a base ou a parte mais larga do coração, corresponde à parte frontal do Monumento – Avenida Pedro Álvares Cabral, e o ápice está apontado para a Avenida 23 de Maio.

De uma praça em forma de coração, fez emergir uma espada, o Obelisco, cravada no *coração da mãe terra paulista*, em cujo seio, a terra, abriga os filhos mortos, os combatentes.

Adentra-se no Obelisco de 72 metros de altura, medidos da base até o seu vértice, por duas de suas quatro faces, cada qual voltada para cada um dos pontos cardeais – norte – sul – leste e oeste – a simbolizar os quatrocentos anos de São Paulo, alusivos ao IV Centenário da cidade, por duas portas esculpidas em bronze, posicionadas em faces opostas, com altos relevos figurativos da vida de São Paulo e do esforço de guerra que empreendeu.

Cada face do Obelisco tem 576 metros quadrados de superfície, revestida em mármore travertino romano clássico e esculpidas em altos-relevos.

O interior do Obelisco, por sua vez, representa internamente um Canhão Cívico que troará toda a vez venham a ser arranhadas as liberdades democráticas e os direitos constitucionais assegurados pela Carta Magna brasileira.

Assim, o Obelisco vem a ser, externamente, a Espada do Martírio do Corão da Mãe Terra Paulista – a praça – ferido de morte pelos filhos da Terra caídos na trincheira. Internamente, por sua vez, superadas as Portas da Vida e da Glória, inseridas junto à base passa o Obelisco a ser um Canhão Cívico, sempre alerta e moralmente municiado para ser acionado, em caso de violação à ordem democrática e em defesa do Estado Democrático de Direito.

A Cripta, simboliza a Cruz do Martírio, suportando, por meio de portentosa laje de concreto, a base do Obelisco, a qual é centralizada no entroncamento dos braços da cruz. A Cripta mede 81 metros de comprimento.

Os restos mortais dos combatentes encontram-se consagrados nos columbários, dispostos ao longo dos eixos, maior e menor da cruz da Cripta. Por outro viés a Cripta, além da Cruz, é a Bainha da Espada.

Os eixos maior e menor da Cripta, são sustentados por arcos, a partir de seu ingresso, sempre em grupos de 3 – a tríade, – em reverência a Deus, homenageando ainda as Arcadas do Velho Mosteiro franciscano – a Faculdade do Largo de São Francisco – do qual saíram inúmeros estudantes caídos nas trincheiras, em prol do ideário constitucionalista, a sacrificar-se no maior conflito civil-militar da história do Brasil.

Ingressa-se na Cripta a partir do acesso pela Avenida Pedro Álvares Cabral, por 9 degraus, um dos sinais distintivos a memorar a data do início dos combates.

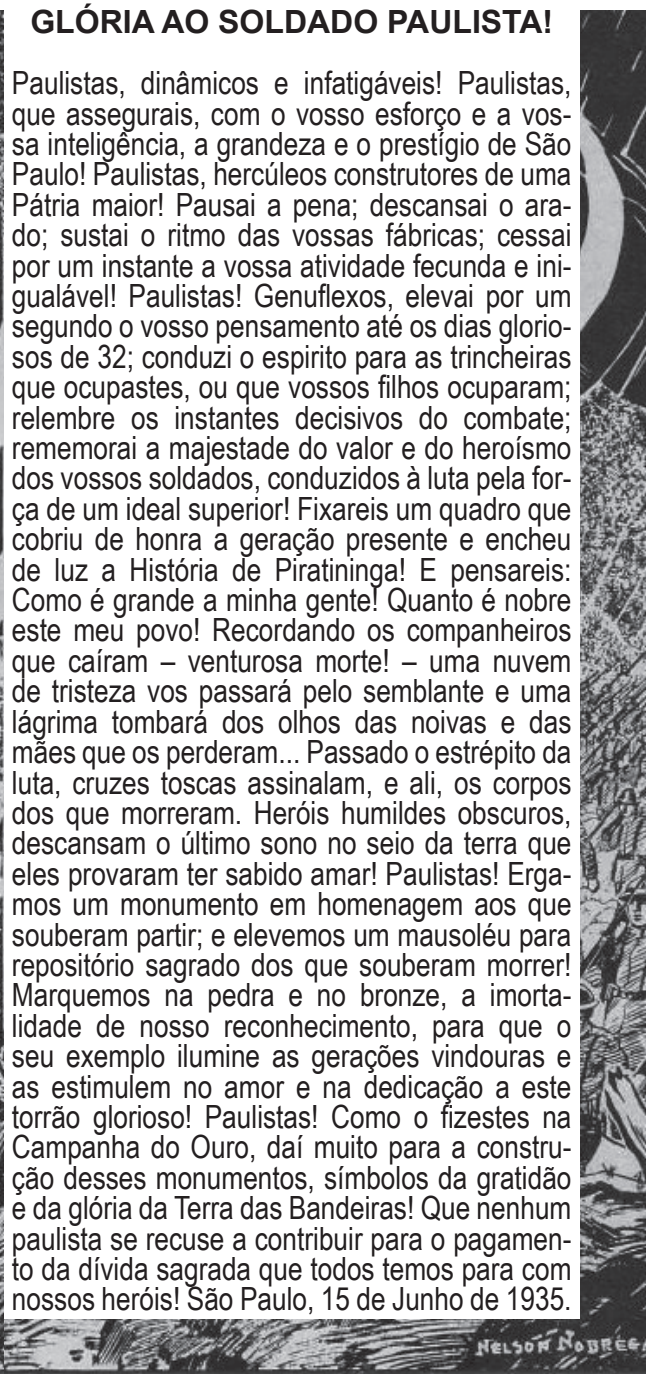
Toda a luz vem, ou da terra, ou do piso, brotando ainda das paredes do Monumento. Luz indireta pois, dado que a Luz dos Mortos vem da Terra.

Os três portões de acesso à Cripta se abrem pra fora, para o mundo, a levar esta Luz a todos os povos da Terra, iluminando-os sobre o ideário do exercício do poder sob a égide da Lei.

No centro da Cripta, é colocada a imagem do Herói Jacente no entroncamento dos braços da Cruz do Martírio, que figura o Guardião da defesa pela constitucionalidade do país.

GLÓRIA AO SOLDADO PAULISTA!

Paulistas, dinâmicos e infatigáveis! Paulistas, que assegurais, com o vosso esforço e a vossa inteligência, a grandeza e o prestígio de São Paulo! Paulistas, hercúleos construtores de uma Pátria maior! Pausai a pena; descansai o arado; sustai o ritmo das vossas fábricas; cessai por um instante a vossa atividade fecunda e inigualável! Paulistas! Genuflexos, elevai por um segundo o vosso pensamento até os dias gloriosos de 32; conduzi o espirito para as trincheiras que ocupastes, ou que vossos filhos ocuparam; relembre os instantes decisivos do combate; rememorai a majestade do valor e do heroísmo dos vossos soldados, conduzidos à luta pela força de um ideal superior! Fixareis um quadro que cobriu de honra a geração presente e encheu de luz a História de Piratininga! E pensareis: Como é grande a minha gente! Quanto é nobre este meu povo! Recordando os companheiros que caíram – venturosa morte! – uma nuvem de tristeza vos passará pelo semblante e uma lágrima tombará dos olhos das noivas e das mães que os perderam... Passado o estrépito da luta, cruzes toscas assinalam, e ali, os corpos dos que morreram. Heróis humildes obscuros, descansam o último sono no seio da terra que eles provaram ter sabido amar! Paulistas! Ergamos um monumento em homenagem aos que souberam partir; e elevemos um mausoléu para repositório sagrado dos que souberam morrer! Marquemos na pedra e no bronze, a imortalidade de nosso reconhecimento, para que o seu exemplo ilumine as gerações vindouras e as estimulem no amor e na dedicação a este torrão glorioso! Paulistas! Como o fizestes na Campanha do Ouro, daí muito para a construção desses monumentos, símbolos da gratidão e da glória da Terra das Bandeiras! Que nenhum paulista se recuse a contribuir para o pagamento da dívida sagrada que todos temos para com nossos heróis! São Paulo, 15 de Junho de 1935.



PEDRO DE TOLEDO

Foi com a proclamação da República que Pedro de Toledo entrou para a política. Iniciado o novo regime, abandonou ele a sua banca de advogado em São José de Além Paraíba, em Minas Gerais, voltou para São Paulo e, pelo Partido Republicano Paulista, foi eleito deputado à Câmara Estadual.

Vinte anos conservou ele o posto que lhe fora confiado pelos paulistas no alvorecer da República. Deixou-o em 1910, chamado pelo marechal Hermes da Fonseca, para dirigir o ministério da Agricultura. Antes de findar o quatriênio, foi escolhido para o elevado posto de ministro plenipotenciário do Brasil junto ao Quirinal, em Roma. Mais tarde, seus serviços foram reclamados na legação de Madri e, posteriormente, na embaixada em Buenos Aires, cargo que deixou para recolher-se à vida privada.

Pedro Manuel de Toledo, nasceu em 29 de junho de 1860, em São Paulo e contava, em março de 1932, setenta e dois anos incompletos, de idade.

Nesse ano agitado e glorioso para os paulistas, Pedro de Toledo foi chamado pelo governo da República para a administração do seu Estado, que reclamava e exigia um interventor *civil e paulista*.

A fibra do grande brasileiro ia ser posta à prova mais vibrante da sua fortaleza. De início, desambientado, alheio às lutas políticas, das quais se achava afastado no seu retiro quieto da Capital Federal, aguardava calmamente o instante em que, tomado o pulso à situação, pudesse organizar conscientemente o seu secretariado, dando ao governo paulista uma estabilidade capaz de firmar-lhe a vida e de assegurar à população desassossegada o franco evolver do seu progresso.

Foi quando a ditadura, pelo sr. Oswaldo Aranha, ministro da Justiça, intentou novamente intervir, de maneira ostensiva, na organização interna dos paulistas.

Maio se findava. Pedro de Toledo governava, tendo por secretários os diretores gerais das diversas secretarias de Estado. O velho bandeirante, prudente e capaz, não se precipitava. Estudava ainda os homens e a política de sua terra, aos quais ele vivia estranho há muito tempo.

Houve quem supusesse que essa demora era uma hesitação de medo. Partilharam dessa opinião os políticos que

disputavam secretarias e o ministro que viera do Rio para tentar uma conciliação com a imposição de elementos mais convenientes aos interesses da ditadura.

Pedro de Toledo não hesitava. Com os olhos postos no futuro, com a certeza de estar vivendo um dos mais dramáticos e angustiosos momentos de São Paulo, não queria agir em falso e procurava o caminho da salvação. De um lado, a briga mal dissimulada dos partidos amargurava-lhe a grande alma de patriota; de outro lado, a insidia da intervenção ostensiva do governo central na economia interna da sua administração, revoltava-lhe o brio e o sentimento de paulista.

Veio, então, o Povo Paulista em seu socorro.

Findava o dia 23 de Maio. As ruas se encheram de vozes vibrantes a cantarem o Hino do Brasil e a reclamarem a independência de São Paulo dentro da unidade federativa.

O ministro da ditadura sentiu o látego de repulsa popular. Os políticos sentiram a força eclodir do sentimento cívico paulista. E Pedro de Toledo recebeu energias para agir como mandava seu imenso coração e seu lúcido espírito.

Velho-moço de setenta e dois anos, Pedro de Toledo afrontou a tempestade política.

Venceu-a.

Diante do povo, que se acotovelava e cantava nos jardins do Palácio dos Campos Elíseos, cujos portões o Governador mandara abrir de par em par, mandou Pedro de Toledo que fosse lida a composição do seu secretariado: Justiça: Waldemar Martins Ferreira; Agricultura: Francisco da Cunha Junqueira; Educação: F. Rodrigues Alves Sobrinho; Viação: F. E. Fonseca Telles; Fazenda: Paulo de Moraes Barros; Prefeitura: Goffredo da Silva Telles.

Falhara a missão do sr. Oswaldo Aranha. Falharam as ambições demasiadas dos partidos. Vencera a vontade honesta de Pedro de Toledo, alicerçada sobre o cadáver de cinco patriotas, tombados sobre o lajedo e o gramado da praça da República e apoiada pela alma paulista em ebulição.

23 de maio!

Honesta, sinceramente, Pedro de Toledo procurou harmonizar os interesses do governo de São Paulo com os da República. Tentou quebrar as arestas dos ressentimentos jun-

tos dos paulistas e das contínuas provocações da ditadura, das quais se fazia para-choque.

Inútil trabalho, que gastou muito das suas energias.

A cada dia novo, os paulistas somavam um novo toque na sua maltratada altivez – essa altivez augusta que fez do Bandeirante o pioneiro da Nacionalidade.

E preparou-se a Revolução, á revelia de Pedro de Toledo.

Anoitecer de 9 de julho de 1932. O governo está reunido no Palácio dos Campos Elíseos. Pedro de Toledo, comovido, consciente da imensidade do instante naquela hora vivido, ouviu a declaração de que a Revolução Constitucionalista se iniciava.

E, grande, heroico, com os olhos molhados de emoção, disse:

— Eu fico com São Paulo.

Nessa mesma hora mandava expedir ao ditador o telegrama em que renunciava à interventoria paulista em obediência ao anseio do seu povo.

No largo do Palácio, hoje Pátio do Colégio, incontida multidão regurgitava, entusiasmada. Batalhões do Exército e da Força Pública formavam alas, em parada. Ia ser aclamado o Governador de São Paulo.

Pedro de Toledo, chapéu nas mãos, as cans veneráveis sopradas pelo vento, cercado por luzido piquete de lanceiros da Força Pública em uniforme de grande gala, chegou em automóvel aberto. Indescritível a ovação que recebeu. As tropas apresentaram armas. As bandas militares tocaram o Hino Nacional. E milhares de chapéus voaram pelos ares, atirados pelo insopitável entusiasmo popular.

O rádio levou a todo o Brasil as palavras nesse dia proferidas dentro do Palácio do Governo de São Paulo. E levou, também, a emocionante voz popular sagrando a aclamação do seu Governador!

O que foi a atuação de Pedro de Toledo nos três meses de luta, todo paulista sabe e se resume em três palavras: coragem, valor e abnegação.

Terminada a Revolução, ele esperou a chegada do vencedor das armas. Não temeu prestar contas à ditadura da sua

co-participação na rebeldia magnífica, que afirmara ao mundo a força do civismo bandeirante.

Preso e exilado, manteve a mesma serena, suave e forte atitude de resignada altivez.

E quando voltou do exílio, mais velho, cansado dos sofrimentos suportados em terra alheia, encontrou o fiel e grato povo de São Paulo a espera-lo para pagar-lhe a dedicação imensurável do seu sacrifício. Nunca homem algum foi recebido e aclamado nas ruas de Piratininga com tamanho ardor, com tantas flores e com tal sinceridade.

Era o Governador de São Paulo que retornava.

Pedro de Toledo retomava o posto que, nos corações dos paulistas, lhe estava reservado e que só ele ocuparia.

Pedro de Toledo, Governador de São Paulo, faleceu na Casa de Saúde Dr. Eiras, no Rio de Janeiro, às 4 horas e dez minutos do dia 29 de julho de 1935. Seu corpo veio para São Paulo, que o reclamou, para tê-lo na morte como o teve em vida.

Um trem especial, levando comissões diversas, entre as quais a da Federação dos Voluntários de São Paulo, foi espera-lo na fronteira do Estado e o escoltou até a Capital, onde a população em peso, silenciosa e triste, o esperava e o recebeu em seus braços amigos.

Foi sepultado no Cemitério da Consolação, depois de receber a benção cristã na igreja do Coração de Jesus. E levou para o além a comovida prece de todos os paulistas.

Pedro Manuel de Toledo nasceu a 29 de junho de 1860, era filho de sr. Manoel Joaquim de Toledo e de dona Anna Innocencia Barbosa de Toledo e irmão, das sras. dd. Anna de Toledo Passos, casada com o dr. João Passos, e Brasília de Toledo Duarte, viúva do sr. Adolpho Eugenio Teixeira Duarte, e dos srs. Joaquim Barbosa de Toledo e Antonio Carlos de Toledo, já falecidos.

Fez seus primeiros estudos em São Paulo, formando-se professor pela Escola Complementar e, a seguir, bacharel pela Faculdade de Direito, colando grau em 1884. Iniciou imediatamente a sua carreira na advocacia e, levado por ela, mudou-se para São José de Além Paraíba, em Minas Gerais. Em Belo Horizonte, casou-se com d. Francisca da Gama Cerqueira de Toledo, já falecida, de cujo consorcio deixou duas filhas: d. Dulce de Toledo Moreira, casada com o sr. Lino Moreira, e d. Maria Eugenia de Toledo Oliveira, casada com o sr. Jorge Olintho de Oliveira.

Seus restos mortais foram transladados para o Monumento-Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 1932 em 9 de Julho de 1957

Em 26 de dezembro de 1972, teve a homenagem póstuma de ter uma medalha criada com o seu nome, a Medalha *Governador Pedro de Toledo* por força do Decreto nº 814 da Assembleia Legislativa de São Paulo e em resposta à solicitação da Sociedade Veteranos de 32 – MMDC para que se fosse instituída uma comenda honorífica com o objetivo de homenagear personalidades civis e militares, nacionais e estrangeiras, que por seus méritos e serviços de excepcional relevância prestados ao culto da Epopeia Cívica de 9 de Julho de 1932 e a São Paulo, assim a fizeram por merecer.

Os membros do Governo de São Paulo durante a guerra de 32 fotografados em Lisboa, terra de seu exilio. Sentado, o dr. Pedro de Toledo, ladeado pelos drs. Waldemar Martins Ferreira e Paulo de Moraes Barros. Em pé, da direita para esquerda os drs. Joaquim Sampaio Vidal, F. Rodrigues Alves Sobrinho, Thyrso Martins, F. E. Fonseca Telles e Francisco da Cunha Junqueira.

CRUZES PAULISTAS

os que tombaram em 1932 pela Glória de servir São Paulo

Comissão Editorial de Cruzes Paulistas (1936)

É muito possível que haja falhas neste livro. É quase certo não figurarem, em suas páginas, os nomes de todos os que morreram na guerra civil de 1932, encabeçada por São Paulo e Mato Grosso. Não obstante o acurado trabalho, por muitos meses, de seus coordenadores, e o constante pedido que se fez, pela Imprensa e pelo rádio, da colaboração do povo Paulista, seria temerário afirmar que conseguimos a biografia de quantos, heroicamente, caíram nos campos e nas trincheiras da luta. Se omissões ocorreram, a respeito da nossa boa vontade, e a solicitude com que o povo Paulista acudiu o nosso apelo, fique bem claro que a nenhum de nós, coordenadores e colaboradores, cabe culpa nas omissões, mas sim ao tempo, que é sempre escasso para completar a homenagem devida aos efeitos soberanamente grandiosos.

Comissão Editorial de Cruzes Paulistas (2017)

Passados 80 anos de sua publicação em 1936, continua válida a afirmação de que haja falhas neste livro, mesmo suas duas edições comemorativas. Dos 635 nomes levantados pela Comissão Editorial de 1936, optamos por colocar o do Dr. Pedro de Toledo a parte e os demais, que faleceram em combate, em decorrência deste ou em circunstâncias bélicas variadas, organizados no sumário a seguir apresentado. Historicamente, é sabido que esta listagem não é exaustiva de todos os que faleceram durante a revolução. Nesse sentido, estamos à disposição em cruzespaulistas@gmail.com para o recebimento de outros perfis biográficos que possam eventualmente emergir em novas pesquisas, possibilitando assim a continuidade dos trabalhos de atualização desse importante documento e testemunho histórico.

PARA SEMPRE CRUZES PAULISTAS!

PANTEÃO PAULISTA

Elegia aos mortos de 32 que repousam no Mausoléu do Ibirapuera

Quem cai assim, quem tomba assim não morre!
Não perece jamais. Antes, revive
nos fastos e na glória de seu povo
como tocha de fé, viva e imortal!.
.....

Neste santuário cívico, ante as vistas
do Jaraguá em prece e o amor grei,
repousam, nobres, os heróis paulistas
que tombaram, lutando em prol da lei.

Guerreando a tirania, que desonra,
grafaram com o sangue da própria História
engrandecidos por viver com honra
eternizadas por morrer com glória.

Possam as aves dar-lhes, benfazejas,
O clarim dos gorjeios matinais...
E tu, garoa bandeirantes, sejas
as lágrimas paulistas eternais.

E vós que no futuro aqui chegueis,
Iluminados pelos mesmos sois
do patriotismo que engrandece os reis,
da incandescência que incendeia heróis.

Orai por eles com fervor fraterno,
segui-lhes o civismo que se expande,
para grandeza de São Paulo eterno
e eternidade de um Brasil bem grande.

PÉRICLES NOGUEIRA SANTOS
Ten. Cel da Policia Militar do Estado de São Paulo

Relação das biografias feitas

Mario Martins de Almeida..... 144
Euclydes Bueno Miragaia..... 145
Dráusio Marcondes de Souza..... 146
Antônio Américo de Camargo Andrade..... 147
Orlando de Oliveira Alvarenga..... 148
Júlio Marcondes Salgado..... 150

Abel Simões de Carvalho..... 157
Abelardo Marins..... 157
Acrizio Sant' Anna..... 158
Adão Costa Mendes..... 159
Adolpho Duarte..... 160
Adriano Cintra..... 161
Affonso de Simone Netto..... 161
Affonso de Souza Guimarães..... 162
Agenor Alves Meira..... 163
Agenor de Goes..... 164
Agenor Rocha..... 165
Agostinho de Moura Uchôa..... 165
Agostinho Pereira de Oliveira..... 166
Agnaldo de Macedo..... 167
Albano José Pires..... 168
Alberto Julian..... 169
Alberto Martyre..... 170
Alberto Pierroti..... 170
Alceu Vieira..... 171
Alcides Moreira..... 172
Alexandre Petta..... 173
Alexandrino de Azevedo Guerra.. 173
Alexandre Poludarow..... 174
Alfredo Albertini..... 175
Alfredo Clement Filho..... 176
Alfredo Lopes da Silva..... 176
Alfredo Lucio..... 177
Alfredo Ometecidio..... 177
Alfredo Pacifico Bellagamba..... 178
Alfredo Ruiz..... 178
Alfredo Shammas..... 179
Alfredo Ximenez..... 180
Alípio Baptista Pinto..... 180
Alípio Benedicto..... 181
Almachio de Castro Neves..... 182
Almir Dehar..... 183
Alonso Ferreira de Camargo..... 183
Altino Silva..... 184
Alvaro de Oliveira Silva..... 184
Alvaro Peres..... 185
Alvaro Ribeiro de Souza..... 185
Alvaro dos Santos Mattos..... 186
Amadeu dos Santos..... 187
Amador de Barros Junior..... 187
Amendoim..... 188
Americo Briza..... 189
Americo Silva..... 189
Anacleto Fernandes..... 190
André Olindo Lednik..... 191
Angelino Guerino..... 192
Angelo Stefanini..... 192
Antenor Baptista..... 193
Antenor de Oliveira e Silva..... 193
Antonio Alves de Araujo..... 194
Antonio Alves Junior..... 195
Antonio Amaro..... 195
Antonio Augusto..... 196
Antonio D'Angelis..... 197
Antonio Araujo..... 197
Antonio de Barros Cesar..... 197
Antonio Bello..... 198
Antonio Bianchi..... 198
Antonio Camargo..... 199
Antonio de Campos Collaço..... 200
Antonio Candido da Silveira..... 201
Antonio Cassano..... 201

Antonio D' Amin..... 202
Antonio Duarte da Fonseca..... 203
Antonio Fernandes de Oliveira.... 204
Antonio Francisco Amaral..... 204
Antonio Gomes..... 204
Antônio João dos Santos..... 205
Antonio Manoel Alves..... 206
Antonio Maria..... 206
Antonio Milanese..... 207
Antonio Navas Prado..... 207
Antonio Ortega Haro..... 208
Antonio Ribeiro Junior..... 209
Antonio Rodrigues de Oliveira..... 210
Antonio Roser..... 210
Antonio dos Santos..... 211
Antonio Silveira..... 211
Antonio Souza Landim..... 212
Antonio Xavier de Mattos..... 212
Argemiro Alves Sylvestre..... 213
Aristeu Sylvestre de Jesus..... 214
Aristeu Valente..... 214
Aristides Xavier de Britto..... 215
Aristoteles de Abreu Patroni..... 215
Armando Augusto..... 216
Armando Barbosa..... 217
Armando Barros..... 217
Armin Buhrer..... 218
Arnaldo Vilhena..... 218
Arsenio Guilherme..... 219
Ary Cajado de Oliveira..... 220
Ary Carneiro Fernandes..... 221
Ascanio Baptista Martins Soares. 222
Augusto Antunes..... 223
Augusto Correa Leite..... 224
Augusto Fiordelice..... 225
Augusto de Moraes..... 225
Augusto Saturnino de Britto..... 226
Augusto de Souza Barros..... 227
Aureo Paes..... 227
Ayres Bento de Oliveira..... 228
Ayrton Roxo..... 229

Belisario Ferreira Lima..... 230
Benedicto Antonio Pedroso..... 231
Benedicto Araujo..... 232
Benedicto Brandão..... 232
Benedicto Bueno..... 233
Benedito Carlos Brunini..... 233
Benedicto Correa..... 234
Benedicto Dias de Carvalho..... 234
Benedicto Egydio Barbosa..... 235
Benedicto Ferreira da Silva..... 235
Benedicto Gama Ricardo..... 236
Benedicto Gonçalves Ribeiro..... 236
Benedicto José do Carmo..... 237
Benedicto Lopes de Souza..... 237
Benedicto Lourenço de Oliveira... 237
Benedicto Pereira..... 238
Benedicto Pereira da Silva..... 238
Benedicto Rodrigues de Almeida 239
Benedicto dos Santos..... 239
Benedicto Sergio..... 239
Benedicto Montenegro..... 240
Benigno Nogueira Franco..... 241
Benjamim Capusso..... 242
Benoni Cardoso..... 243
Bento Alves do Nascimento..... 243
Bento de Barros..... 244
Bento Camargo..... 244
Bento Soares..... 245
Bernardo Nunes..... 245
Bolivar Ribeiro Boaventura..... 246
Bonifacio Dias de Carvalho..... 247

Caetano de Sylvio..... 248
Cantidiano Guimarães..... 249
Carlos Candido Gomes..... 249
Carlos Frederico Leis..... 250

Carlos Gonzalez..... 250
Carlos Mattiz..... 251
Carlos Schumacker..... 252
Carlos Chiaretti..... 250
Carmo Turano..... 253
Carolino Amaral Rodrigues..... 254
Casemiro Dias de Almeida..... 255
Celso de Almeida Senna..... 256
Celso de Moraes Pinto..... 257
Cesar Matheus..... 258
Cesar Penna Ramos..... 259
César Stricht..... 260
Claro Luz Ferreira..... 260
Claudionor Barbieri..... 261
Clineu Braga de Magalhães..... 262
Cosmo dos Santos Senne..... 263
Curt Mirwald..... 263
Custodio dos Santos Pedroso..... 264

Dagoberto Fernandes de Gasgon..... 265
Daniel Pereira de Andrade..... 266
Dante Marteletti..... 267
Dario Ferreira Martins..... 268
David Silva..... 268
Delmiro Sampaio..... 268
Dilermando Dias dos Santos..... 269
Dimas Maria..... 270
Diogenes Muniz Barreto..... 270
Diogo Oliver..... 271
Domingos Allemagna..... 272
Domingos Felix..... 273
Domingos Giglio..... 273
Domingos Francisco de Medeiros..... 274
Domingos Massulo..... 275
Domingos Ramos de Oliveira..... 275
Donaciano Carlos de Siqueira..... 276
Donato Vessechi..... 276
Dorival Gomes..... 277
Dblinio Ceribello..... 277
Dulcidio Camargo Gonçalves..... 277
Durval Moreira do Amaral..... 278

Edgard de Oliveira Vasconcellos. 279
Edmundo Placido Chiavegato..... 279
Eduardo Antonio de Paula..... 279
Eduardo Vieira de Mello..... 280
Elias de Almeida..... 280
Elias Bedran..... 281
Eloy Fernandes..... 281
Elydio Antonio Verona..... 282
Emilio Ribas..... 283
Ennes Silveira Mello..... 283
Enoch Barreira de Macedo..... 284
Erico Neves de Mello..... 284
Ernesto Firmino..... 285
Estanislau José de Oliveira Sob.º 285
Estevão Chopinski..... 286
Eurides Maciel de Almeida..... 287
Evaristo dos Santos..... 288

Fabio Ferreira Velloso..... 289
Fausto Feijó..... 289
Fernando Andrade Camargo..... 290
Fernando Pinheiro..... 291
Fernando Pinheiro Franco..... 292
Fernão de Moraes Salles..... 293
Ferrucio Tolesi..... 294
Firmiano Cardoso..... 294
Firmino Barbosa..... 295
Firmino Ferreira Leão..... 295
Florencio Ferreira..... 296
Francisco Alves de Oliveira..... 296
Francisco Antonio Renda..... 297
Francisco Antonio da Silva..... 297
Francisco de Assis..... 298
Francisco Bullutas..... 298

Francisco Christino de Assis..... 299
Francisco Dissimoni..... 299
Francisco Duprat Coelho..... 299
Francisco Eugenio Antunes..... 300
Francisco Ferreira Alves Filho..... 300
Francisco Floriano Rodrigues..... 301
Francisco Gomes de Carvalho.... 301
Francisco Honorio de Souza..... 302
Francisco José de Oliveira..... 302
Francisco José dos Santos..... 303
Francisco Magalhães de Araujo.. 303
Francisco Monteiro..... 304
Francisco de Paula P. Colli..... 304
Francisco Pereira..... 305
Francisco Perotti..... 306
Francisco Prado Junior..... 307
Francisco Teixeira de Carvalho Filho..... 308
Francisco Vieira..... 309
Francisco Walter de Menezes..... 309
Franklin Cornelio Lamosa..... 310
Franz J. Schramm..... 311

Gabriel Soares..... 312
Galdino Rosa..... 312
Gastão Lopes Leal..... 313
Georgino Gonçalves do Nascimento..... 314
Geraldo Alves de Carvalho..... 314
Geraldo Benedicto da Silva..... 315
Germano Funke..... 316
Glycerio Rodrigues..... 317
Gino Nazoni..... 318
Godofredo Braga..... 318
Guerino Luiz Mazola..... 318
Gustavo Borges Junior..... 319

Heitor Diniz Campello..... 320
Henrique Ivano Kammermann..... 320
Henrique Junqueira Franco..... 321
Hermes Fagundes Carneiro Braga..... 322
Hermes de Moura Borges..... 323
Hermes Ribeiro de Freitas..... 324
Hiran Leite de Abreu..... 325
Hugo Prado..... 326
Humberto Angelo Beretta..... 327
Humberto Benemeritti..... 327
Humberto Gomes Maia..... 328
Humberto Marques..... 328
Hygino Messa..... 329

Ignacio Leopoldo de Camargo..... 330
Indalecio da Costa..... 331
Ipiroldes Martins Borges..... 332
Ivampa Duarte Lisbôa..... 332
Izaias Gomes..... 333
Iziquiel de Freitas..... 333

Jacinto Kerry Valente..... 334
Jair Fontes de Godoy..... 335
Januario dos Santos..... 336
Januario Zingaro..... 336
Jason Xavier de Barros..... 337
Jayme de Aguilar Barbosa..... 337
Jayme Taveira..... 338
João de Almeida Silva..... 339
João Alves de Moraes..... 339
João Alves Dias..... 339
João Alves Pimenta..... 340
João Antonio..... 341
João Augusto Navarro..... 341
João Aurelio de Almeida..... 342
João Baptista de Araujo..... 343
João Baptista Bueno dos Reis..... 344
João Baptista de Godoy..... 345
João Baptista M. d'Almeida..... 346
João Baptista de Oliveira Faria.... 346

João Baptista do Prado..... 347
João Bernardo Vieira..... 348
João Brasil..... 349
João Capistrano dos Santos..... 349
João Carlos de Araujo Ribas..... 350
João Carlos Hermann..... 350
João Corrêa dos Santos..... 350
João Cosmo dos Santos..... 351
João Ferreira..... 351
João Francisco..... 352
João Garibaldi dos Santos..... 352
João Giangola..... 353
João Idalino Monteiro..... 353
João Izidori..... 354
João Joaquim Böhn..... 354
João Jonas..... 355
João José de Mello..... 355
João Medeiros Simas..... 356
João de Paula Franco..... 356
João Pereira dos Santos..... 357
João Pinho..... 358
João Procopio Modesto..... 358
João Sampaio..... 359
João Sebastião Gomes..... 359
João Tavares filho..... 360
Joaquim Alves..... 360
Joaquim Francisco de Assis..... 361
Joaquim Francisco Silva..... 361
Joaquim Heléne..... 362
Joaquim Ignacio de Carvalho..... 362
Joaquim Leal..... 362
Joaquim Marques de Oliveira..... 363
Joaquim Nunes Cabral..... 364
Joaquim Rodrigues Moura..... 365
Joaquim Soares Cabral..... 365
Jordão Camargo de Oliveira..... 365
Jorge de Almeida Quirino..... 366
Jorge Hansen..... 367
Jorge Jones..... 367
Jorge Moreira de Souza..... 368
Jorge Palmyro Mercado..... 368
Jorge Pires Ramalho..... 369
Jorge dos Santos..... 369
Jorge Zohlner..... 370
José Manuel Filho..... 370
José Marcelino da Fonseca..... 371
José Alves Bernardo..... 371
José do Amaral Palmeira..... 372
José Angelo Gomes Ribeiro..... 373
José Antonio do Nascimento..... 375
José Antonio da Silva..... 375
José Arrais Sanches..... 376
José Augusto Escobar..... 377
José Augusto Lobo..... 378
José Barbosa da Silva..... 379
José Benedicto..... 379
José Benedicto Moreira Cesar.... 380
José Benedicto Rocha..... 381
Jose Benedicto Salinas..... 382
José Bruno Marins..... 383
José Bueno Barbosa..... 383
José Cabral..... 383
José Camargo..... 384
José Candido de Oliveira..... 385
José Carlos Ferreira..... 386
José Celestino Soares..... 386
José Cesarini..... 387
José Cerino de Carvalho..... 387
José Cesar..... 388
José Corrêa..... 388
José Costa..... 389
José Costa Junior..... 389
José Custodio Alves..... 390
José Custodio dos Santos..... 391
José Dário de Arruda..... 391
José Dias..... 392
José Eleuterio dos Santos..... 393
José Elias Junqueira..... 393

José Estacio Galvão..... 394
José Feliciano da Silva..... 394
José Ferreira..... 395
José Ferreira dos Santos..... 395
José Fogaça Bittencourt..... 396
José Fonseca de Arruda..... 396
José Francisco das Neves..... 397
José Francisco da Silva (1.º) 397
José Gabriel Martins Ferreira..... 398
José Gabriel de Souza..... 399
José Guedes..... 400
José Guimarães..... 400
José Homero Roxo..... 401
José Honorio Prado..... 402
José Jeronymo de Vasconcellos. 403
José Lobo..... 403
José Lopes da Cruz Camargo..... 404
José Lourenço..... 404
José Manual Filho..... 405
José Marcelino da Fonseca 405
José Maria..... 406
José Maria de Azevedo..... 407
José Maria de Moura..... 408
José Marques Gines..... 408
José Matthioli..... 409
José Mendes Leal..... 410
José de Moraes Filho..... 410
José Moreira..... 411
José Novaes..... 411
José Novaes Greff Borba..... 412
José de Oliveira..... 412
José de Oliveira Filho..... 413
José Pedro de Silos Santos..... 413
José Pereira..... 414
José Pereira de Oliveira..... 415
José Pereira Reymão..... 415
José Pinto de Andrade Junior..... 416
José Preiz..... 416
José Pugliesi..... 417
José Queiroz dos Santos..... 418
José Ramos da Silva..... 418
José Rodrigues do Nascimento... 419
José Ruffino..... 419
José dos Santos..... 420
José Silva..... 420
José da Silva..... 420
José da Silva Leme..... 421
José Sylvano Filho..... 421
José Siqueira..... 422
José Soares..... 422
José Teixeira da Rocha Filho..... 423
José Tobias das Neves..... 423
José Vicente Ferreira..... 424
Josino Vieira de Góes..... 424
Josué Grande..... 425
Joviniano Victoriano de Oliveira.. 426
Julio Cenalvo..... 426
Julio de Cerqueira Cesar Filho.... 427
Julio Marcelino de Faria..... 428
Julio Pinheiro..... 429
Juvenal Lyra..... 430

Lamartine Mariano Leme..... 430
Laudelino Antonio de Brito..... 431
Laurindo Augusto de Souza..... 431
Lauro de Barros Penteado..... 432
Lauro Bento..... 433
Lauro Sodré..... 434
Levy da Silva..... 435
Lino Teixeira Cabral..... 435
Lourenço Carlos de Sampaio Góes..... 436
Lucio Paim..... 436
Luiz Antonio de Oliveira..... 437
Luiz Coelho..... 437
Luiz Faccini..... 438
Luiz Fernandes Diogo..... 439

Luiz França..... 439
Luiz Gonzaga Freire..... 440
Luiz Gonzaga Martins Ribas..... 441
Luiz Mariano Bueno..... 441
Luiz Natalício..... 442
Luiz Rodrigues de Souza..... 442
Luiz Rohrer..... 443
Luiz Toschi..... 444

Manoel Faria Inojosa..... 445
Manoel Ferreira Cardoso..... 445
Manoel de Freitas Novaes..... 446
Manoel Gonçalves..... 447
Manoel Gonçalves..... 448
Manoel Joaquim Vila D'Alba..... 448
Manoel Lemes da Silva..... 449
Manoel Machado..... 449
Manoel Marino Tapia..... 450
Manoel Marques de Oliveira..... 451
Manoel Martins..... 452
Manoel Paschoal..... 452
Manoel Pedro de Almeida..... 453
Manoel Penha..... 453
Manoel Rodrigues da Rocha..... 454
Manoel dos Santos..... 454
Manoel dos Santos Sobrinho..... 455
Manoel da Visitação Pitta Jr..... 456
Manuel Aquilino dos Santos..... 456
Manuel Fernandes 457
Manuel Thomé da Silva..... 457
Marcellino Fernandes..... 457
Marcellino José de Freitas..... 458
Marcellino Martyr de Oliveira..... 458
Marcilio Dias do Amaral Junior.... 459
Mario Camargo..... 460
Mario da Cunha Canto..... 461
Mario Furtado..... 462
Mario Gomes..... 462
Mario Hilario Dallari..... 463
Mario Leme Walter..... 464
Mario Lovi..... 466
Mario Machado Bittencourt..... 466
Mario Masini..... 468
Mario Meira de Castro Muniz Aragão..... 469
Mario Mosqueira..... 470
Mario Rodrigues Fon..... 470
Mario Sardelli..... 471
Matheus Barbosa de Rezende.... 472
Maximiano Corrêa dos Santos.... 473
Maximiano Guedes..... 473
Melchiades Neres de Campos..... 474
Menaldo Camargo da Silva Rodrigues..... 475
Miguel Carmine Pitoscia..... 476
Miguel Rodrigues..... 476
Milton Magalhães..... 477
Misael Cayret..... 478
Moacyr Simões da Rocha..... 479
Modesto Sant'Anna..... 480
Moysés Alves dos Santos..... 480
Moisés Justino..... 481

Nabor de Moraes..... 482
Natal Martinetto..... 483
Natal Meira Barros..... 484
Nazario Salvador de Paula..... 485
Nelio Baptista Guimarães..... 486
Nelson Lomanto..... 487
Nelson Pinto..... 487
Nelson Spielman..... 488
Nicanor Nogueira..... 488
Nicola Roselli..... 489
Nicolau Maffei..... 490
Norival Lacerda..... 491

Octacilio Dias Fernandes..... 492
Octavio de Rosa..... 493
Octavio dos Santos Calheiros..... 494
Octavio Seppi..... 495
Odilon de Oliveira..... 496
Olavo Azevedo..... 496
Odolzan Galvão..... 497
Onesio Garcia..... 497
Orlando de Moraes Feria..... 498
Orestes Natalino..... 498
Osorio Franco Vilhena..... 499
Orozimbo Bezerra de Lima..... 500
Oswaldo de Arruda Reis..... 500
Oswaldo Bond..... 501
Oswaldo Corrêa..... 502
Oswaldo José Barbosa..... 502
Osvaldo Santini..... 503
Othoniel Marques Teixeira..... 504
Otto Gomes Martins..... 505

Paulino Duenha..... 506
Paulo de Araujo..... 507
Paulo Bifano Alves..... 508
Paulo Ferreira de Sá..... 508
Paulo Limoeiro..... 509
Paulo Pinto da Silveira..... 510
Paulo Gonçalves dos Santos 511
Pedro Alba..... 517
Pedro Antonio Conceição..... 517
Pedro Barbosa..... 517
Pedro Barbosa da Silva..... 518
Pedro Briante da Silva..... 518
Pedro Cunha..... 519
Pedro Marciano Alcantara..... 519
Pedro Medeiros..... 519
Pedro Meira..... 520
Pedro Pereira..... 520
Pedro Rodrigues..... 521
Pedro Rosa..... 521
Pedro de Souza Ramos..... 522
Pedro Thomé de Freitas..... 522
Pedro Viviane..... 523
Persio de Souza Queiroz Filho.... 524
Pires (Cabo Pires) 524
Placido Barbosa..... 525
Plinio Zacchi..... 526
Prudente Meirelles de Moraes..... 527

Quirino Cardoso..... 528

Raul Eustachio dos Santos..... 529
Raul Maçone..... 529
Raul Raimo..... 530
Raul dos Santos Machado..... 531
Raymundo Testa..... 531
René Carneiro Fernandes..... 532
Reynaldo Cajado de Oliveira..... 532
Roberto Fernandes..... 533
Rodolpho Lago..... 534
Rodolpho Pereira Lima..... 534
Rogerio Armelin Guanaes..... 535
Romario de Mello Nery..... 536
Ronald Douglas Mac Lean..... 536
Roque Giangrande Filho..... 537
Roque Pezzo..... 538
Rosalino Silva..... 538
Rubens Cotrim..... 539
Rubens Fraga de Toledo Arruda.. 540
Ruy Barbosa Lima..... 541
Ruy Camargo..... 542
Ruytemberg Rocha..... 543

Sabino Rodrigues da Silva..... 544
Sandoval Meirelles..... 544
Sebastião Alves..... 545
Sebastião Barreto de Oliveira..... 546

Sebastião Chagas..... 546
Sebastião Chaves..... 547
Sebastião Fernandes..... 547
Sebastião Ferreira da Silva..... 547
Sebastião Francisco de Oliveira.. 548
Sebastião Marques..... 548
Sebastião Ribeiro Gomes..... 549
Sebastião da Silva..... 549
Sebastião Teixeira da Silva..... 550
Sebastião Valentim..... 551
Segundo Murari..... 551
Seraphim Dias Machado..... 552
Sergio Antunes de Andrade..... 553
Severino Dias de Souza..... 553
Severino Nunes da Costa..... 554
Severino Soares Cabral..... 554
Silverio Euzebio Guimarães..... 555
Sizenando Moreira..... 556
Sylvio Cervellini..... 557
Sylvio Fleming..... 557

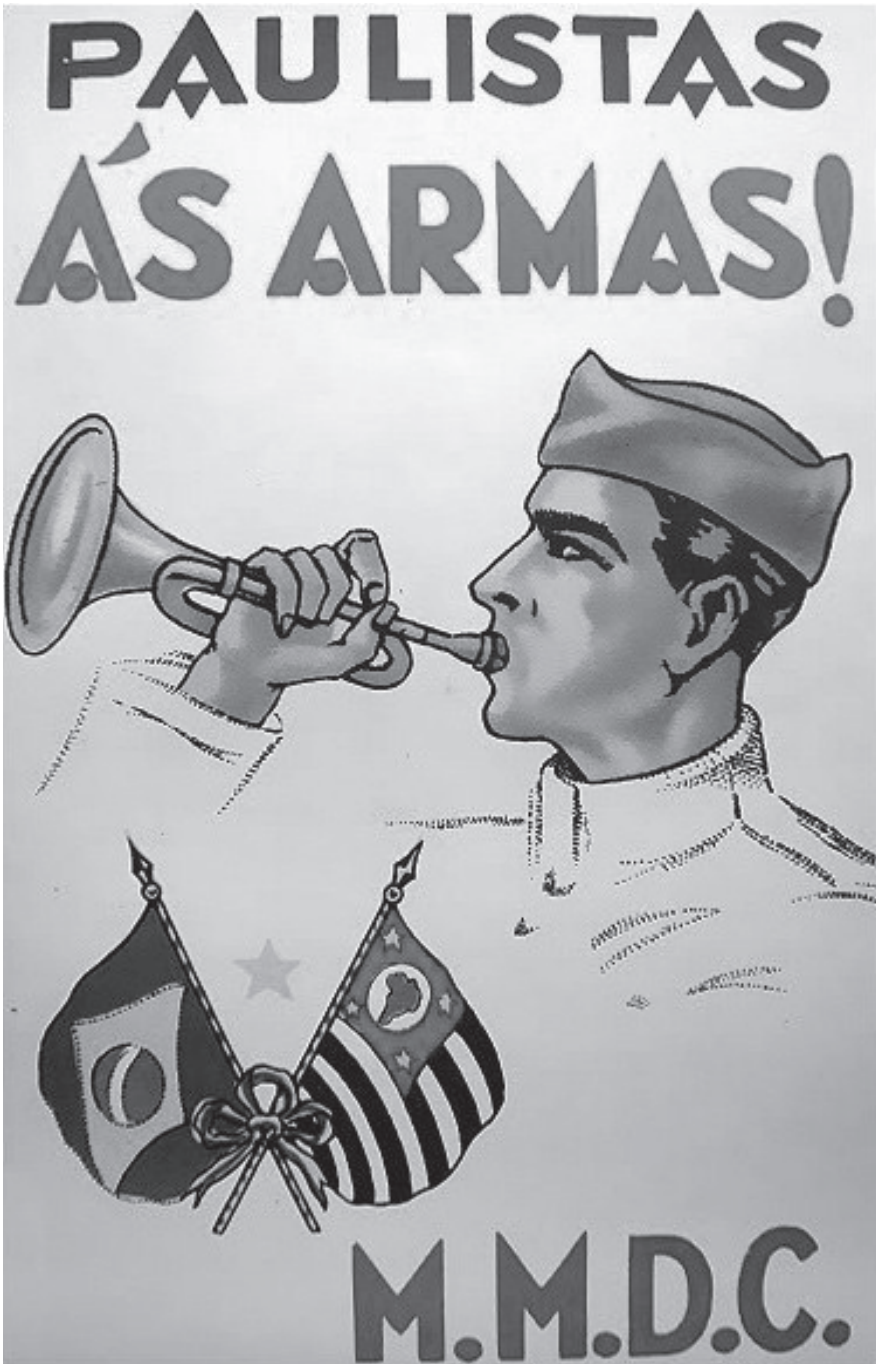
Thiago Ferreira..... 559
Thomaz de Araujo..... 560
Thomaz José do Nascimento..... 560
Thomaz Justino Rodrigues..... 561
Tito Guimarães Junqueira..... 562
Torquato Gonçalves de Andrade. 563

Ubirajara Leme de Aguiar..... 564
Ulysses França..... 564

Valeriano Corrêa dos Santos..... 565
Venancio Ramos..... 565
Vicente Amato..... 566
Vicente de Oliveira..... 566
Vicente Pinheiro..... 567
Vicente de Souza Barros..... 567
Victoriano Borges..... 568
Virgilio Cunha..... 569
Virgilio Estevam da Costa..... 569
Virgilio Gomes..... 569
Virgilio Ribeiro..... 570

Waldemar de Souza Ferreira..... 571
Waldemar Urbani..... 572
Waldomiro Gonzaga Silva..... 572
Waldomiro Machado..... 573
Walter Scaglione..... 573
Walter Voss..... 574
Willy Scheerschmidt..... 574

Yolando Ribeiro Boaventura..... 576


PAULISTAS
Á'S ARMAS!
M.M.D.C.

23 de maio de 1932!

A cidade estava eletrizada. Sentia-se, na estranha magnificência daquela tarde de sol, que uma força nova palpitava, animando todos os corações para algum inédito cometimento. Os olhares de todos se cruzavam em íntimas interrogações. Nas sacadas, rostos ansiosos perscrutavam, de instante, o burburinho das ruas. Os homens se procuravam. Uma vontade mútua de servir os aproximava. Trocavam-se impressões.

Dezessete horas... Dezessete e meia... Dezoito horas…. Talvez um pouco mais, talvez... Uma voz límpida e forte entoou as primeiras notas do Hino Brasileiro. Foi o rastilho. Outras se fizeram ouvir. Milhares de vozes acompanharam o cantor anônimo. O povo falava enfim. A multidão irresistivelmente, caminhou para a praça que tem sido o coração cívico de São Paulo – A Praça do Patriarca, em cujo lampadário parece brilhar o espírito e a coragem de José Bonifácio.

Na exaltação do instante magnífico, em que se rompia o amalgama triturante da nossa liberdade, os manifestantes não mediram o seu entusiasmo e atiraram-se, com a simplicidade dos heróis, à represália contra os fracos paulistas que haviam cedido à tentação de aquecer-se ao calor do poder.

Verificou-se o ataque. Tentava-se extinguir, até pela violência, a sede do partido político que apoiava o interventor federal de então. Seus adeptos reagiram. Tiros partiram de todos os lados. E quatro vidas moças, algumas recém-abertas para o mundo, tombaram no gramado e no lagedo da Praça da República, sacrificadas à vontade paulista de retomar a direção de seus negócios. Mais tarde, outra vida, ferida naquele anoitecer agitado de 23 de maio, veio somar-se às quatro primeiras.

Assim morreram Mario Martins de Almeida, Euclydes Bueno Miragaia, Drausio Marcondes de Souza, Antonio Américo de Camargo Andrade e Orlando de Oliveira Alvarenga.

Das iniciais dos quatro primeiros formou-se o símbolo: M. M. D. C. que na guerra de 32 foi a alma forte que levou, intemeratamente, desde o primeiro instante, toda a mocidade paulista para os campos de batalha.

A história do heroísmo desses bravos e a significação de sua morte, não é preciso escrever: o coração paulista, cioso de suas glórias, transmitirá, de geração em geração, como um culto, o ideal do seu valor.

M. M. D. C. será, para todo o sempre, o retrato do brio e da dignidade paulista! Os nomes que o inspiraram precisam ser biografados. Darão um novo brilho a esta obra. Serão o seu pórtico e o seu orgulho. Eis os seus nomes:

Mario MARTINS de Almeida

Nasceu em São Manuel, no Estado de São Paulo, no dia 8 de fevereiro de 1901.

Foi estudante do Mackenzie College, tendo terminado seus estudos sob a direção do professor Alberto Kullman.

Era fazendeiro em Sertãozinho estando, naquele dia, em São Paulo, de passagem, em visita a seus pais.

Foi sepultado no Cemitério da Consolação e com o Decreto de n.º 24.712, de 6 de Julho de 1955 do Governo do Estado de São Paulo, seus restos mortais foram trasladados para o Monumento Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 1932.

A Lei Federal de nº 12.430, de 20 de junho de 2011 inscreveu o seu nome ao lado dos nomes de Dráusio Marcondes de Souza, Euclydes Bueno Miragaia e Antônio Américo de Camargo Andrade, heróis paulistas da Revolução Constitucionalista de 32, historicamente conhecidos como

Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo (M.M.D.C.), no Livro dos Heróis da Pátria existente no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.

Filho do coronel Juliano Martins de Almeida e de d. Francisca Alves de Almeida, falecida e irmão dos srs. João Batista Martins de Almeida, Juliano Martins de Almeida Filho, ambos falecidos; Galeano Martins de Almeida, casado com d. Maria Sampaio Martins; d. Alice Martins de Almeida Pannain, casada com o dr. Luiz Alberto Pannain; d. Guiomar Martins de Almeida Sampaio, casada com o sr. Manuel Sampaio de Barros Junior e d. Vera Martins de Almeida Amaral, casada com o Dr. Alvaro do Amaral.

Euclydes Bueno MIRAGAIA

Nasceu em São José dos Campos, no dia 21 do mês de abril de 1911. Foi aluno da Escola de Comércio Carlos de Carvalho, de onde se passou, no terceiro ano, para a Escola de Comércio Alvares Penteado.

A 23 de maio, quando foi ferido e morto, era auxiliar de um cartório em São Paulo.

Com o Decreto de n.º 24.712, de 6 de Julho de 1955 do Governo do Estado de São Paulo, seus restos mortais foram transladados para o Monumento Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 1932.

A Lei Federal de nº 12.430, de 20 de junho de 2011 inscreveu o seu nome ao lado dos nomes de Mário Martins de Almeida, Dráusio Marcondes de Souza e Antônio Américo de Camargo Andrade, heróis paulistas da Revolução de 1932 historicamente conhecidos como Martins,

Miragaia, Dráusio e Camargo (M.M.D.C), no Livro dos Heróis da Pátria existente no Panteão da Pátria e da Liberdade de Tancredo Neves, em Brasília.

Foi filho do senhor José Miragaia e de dona Emilia Bueno Miragaia. Deixou os seguintes irmãos: Dyonisia Miragaia Carmine, Maria Apparecida Miragaia, Joaquim Bueno Miragaia, Benedicta Bueno Miragaia e Ivino Bueno Miragaia.

DRÁUSIO Marcondes de Souza

O mais jovem. Pouco mais que uma criança. Homem pelo sentimento. Patriota como poucos. Ferido no dia 23 de maio, a despeito dos cuidados de seus pais e de seus parentes, nada foi possível fazer à sua saúde.

No dia 28 de maio, a uma hora e cinquenta minutos, falecia de uma peritonite. Ao baixar seu corpo à sepultura, no jazigo da família, no Cemitério da Consolação falaram um representante da Liga Paulista pró-Constituinte, o senhor João Felizardo Junior e, por último, seu progenitor, o senhor Manuel Octaviano Marcondes de Souza. Dráusio nasceu à rua Bresser, na cidade de São Paulo, no dia 22 de setembro de 1917, filho do senhor Manuel Octaviano Marcondes de Souza, farmacêutico e de dona Ottilia Moreira da Costa Marcondes. Deixou os seguintes

irmãos: Yvonne, Carlos Joffre, Danilo e Darclé Marcondes de Souza. Em seu leito de dores, animando sua mãe, Dráusio, numa conformação apenas não admirável porque partia de seu espírito heroico, dizia: *Eu estava destinado para este sacrifício. Se mil vidas tivessem, todas elas dariam pela nobre causa da libertação da terra que me viu nascer*.

Com o Decreto de n.º 24.712, de 6 de Julho de 1955 do Governo do Estado de São Paulo, seus restos mortais foram transladados para o Monumento Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 1932. A Lei Federal de n.º 12.430, de 20 de junho de 2011 teve o seu nome inscrito no Livro dos Heróis da Pátria existente no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília. A 15 de agosto de 2014, a medalha *Dráusio Marcondes de Souza* foi oficializada pelo Decreto n.º 60.730 do Governo do Estado de São Paulo, comenda criada pela Sociedade Veteranos de 32-MMDC para o culto e preservação da memória da juventude constitucionalista.

Antônio Américo de CAMARGO Andrade

Nasceu no dia 3 de dezembro de 1901 em São Paulo, filho do senhor Nabor de Camargo Andrade, falecido e de dona Hermelinda Nogueira de Camargo.

Foi casado com d. Inaiah Teixeira de Camargo e deixou três filhos: Clesio, Yara e Hermelinda.

Foi irmão do senhor Cyro de Camargo de Andrade e de dona Laura e Rita de Camargo Sampaio Ferraz.

Com o Decreto de n.º 24.712, de 6 de Julho de 1955 do Governo do Estado de São Paulo, seus restos mortais foram transladados para o Monumento Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 1932.

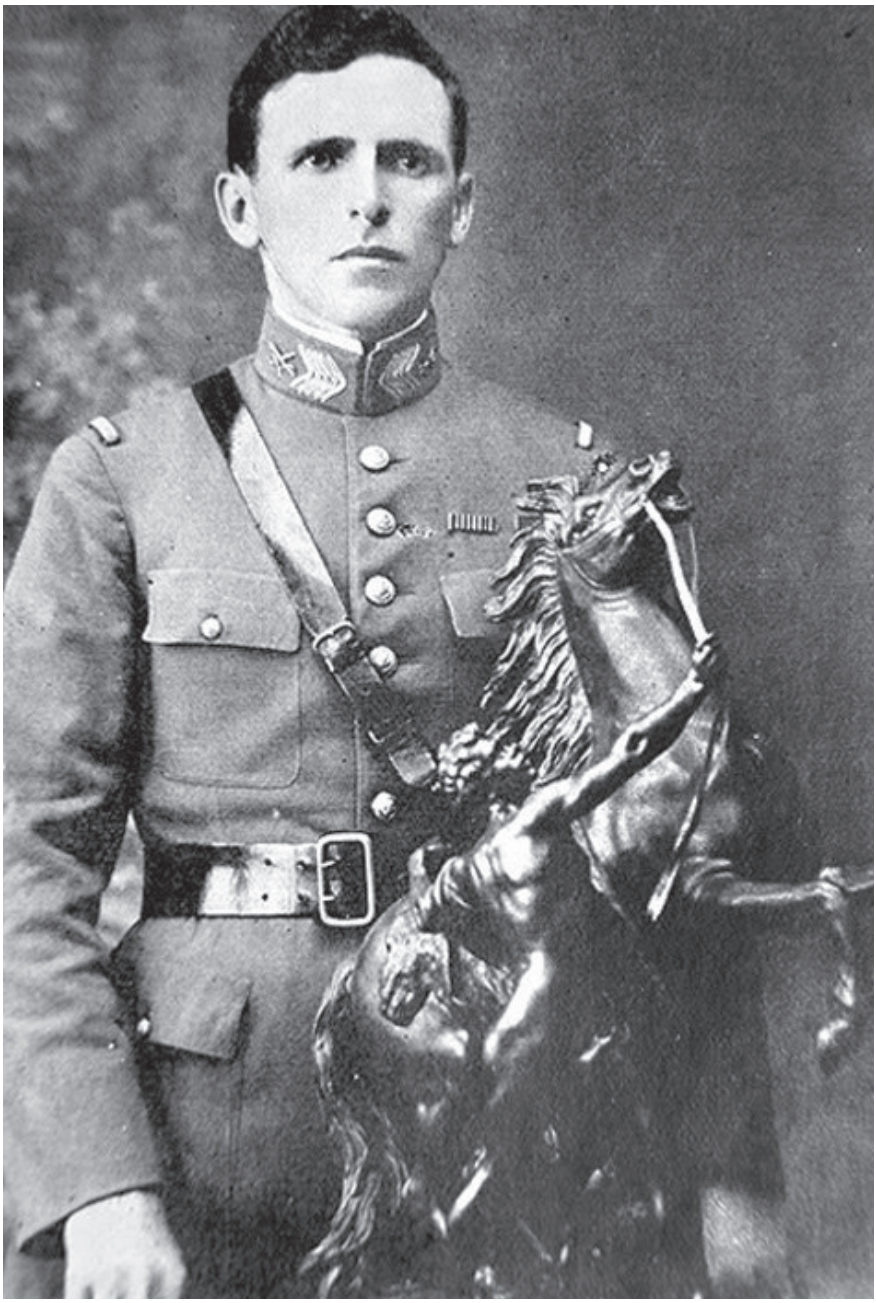
A Lei Federal de nº 12.430, de 20 de junho de 2011 inscreveu o seu nome ao lado dos nomes de Dráusio Marcondes de Souza, Euclydes Bueno Miragaia e Mário Martins de Almeida, paulistas da Revolução Constitucionalista de 32, historicamente conhecidos como Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo (M.M.D.C.), no Livro dos Heróis da Pátria existente no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, em Brasília.

Orlando de Oliveira ALVARENGA

Nasceu em Muzambinho, Estado de Minas Gerais, no dia 18 de dezembro de 1899. Era filho do senhor Ozorio Alvarenga e de d. Maria Oliveira Alvarenga. Deixou viúva dona Annita do Val e um filho de nome Oscar. Irmão do senhor Antonio Alvarenga, residente em Rio Preto.

Seu falecimento deu-se no dia 12 de agosto de 1932, em um quarto do Hospital Santa Rita, para onde fora conduzido depois de ferido gravemente durante as ocorrências do dia 23 de maio. Exercia as funções de escrevente juramentado. Foi sepultado no Cemitério São Paulo, sendo que com o Decreto de n.º 33.034, de 4 de Julho de 1958 do Governo do Estado de São Paulo, seus restos mortais foram transladados para o Monumento Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 1932.

Em 25 de abril de 2002, o Decreto de n.º 46.718 do Governo do Estado de São Paulo oficializou a comenda *Colar Cruz do Alvarenga e dos Herois Anônimos* que instituída foi pelo Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de Sorocaba por iniciativa de seu presidente, o professor Adilson Cézar que idealizou a comenda para as comemorações dos setenta anos da Revolução Constitucionalista de 1932 naquele ano.



JÚLIO MARCONDES SALGADO

Desde fins do ano de 1930, quando se instalou em São Paulo um governo estranho à sua gente, desconhecedor dos seus problemas, alheio à sua técnica administrativa, certo mal-estar se assenhoreou dos paulistas, sempre ciosos do seu esforço e do seu progresso. Um anseio que se tornou em brado de todas as horas se manifestou na exigência de um interventor *civil e paulista* em substituição ao *militar não paulista*. De tal forma a opinião pública se demonstrou forte nessa exigência que o militar foi substituído, assumindo o governo um magistrado, paulista e civil. Seu governo durou dias apenas. Elementos militares forçaram a sua saída. Outro militar foi nomeado para a interventoria.

Novos brados, nova grita incessantemente repetida, exigia um interventor *civil e paulista*. Já então se conspirava francamente no sentido de obter pela força a reconstitucionalização do país e a reentrega dos Estados a si próprios. As eleições para a Assembleia Constituinte, apesar de marcadas para maio de 1933, só se realizariam se o governo ditatorial se visse constrangido a não adiá-las.

Júlio Marcondes Salgado, tenente-coronel da Força Pública, compreendia e sentia sinceramente o estuar do coração paulista. Era, assim, um dos conspiradores para a Revolução em preparo. Quando Pedro de Toledo foi nomeado interventor em São Paulo, como o *civil e paulista* reclamado pelo povo, Marcondes Salgado foi promovido a coronel e recebeu a missão de comandar a veterana e nobre Força Pública do Estado.

Desde então, o valente militar não descansou, no preparo da sortida que ficaria marcada na história de São Paulo e do Brasil como a mais bela página de heroísmo e valor coletivo. Tomou parte nas combinações preliminares, encarregou-se de aliciar oficiais, explicando-lhes com profunda sinceridade e coragem moral a verdadeira significação do movimento. Deu balanço nas armas e munições disponíveis da Força.

Fez, enfim, quanto lhe era possível para que a explosão do movimento tivesse todas as garantias possíveis de vitória.

Iniciada a luta, o coronel Salgado desdobrou-se em ação enérgica e sempre pronta. Atendeu aos seus deveres de comandante da milícia estadual e colaborou com as autoridades na organização dos batalhões de voluntários – e estes eram tantos que em pouco faltaram armas para os encaminhar para as trincheiras.

A 23 de julho, segundo sábado da Revolução, o serviço de publicidade do Quartel General das Forças Constitucionalistas dava a público o seguinte comunicado:

> *Sofremos, esta manhã, uma grande perda, que não arrefecerá o nosso ânimo combativo, mas que indubitavelmente causará às tropas e aos civis profundo pesar. Essa perda foi a do bravo comandante da Força Pública de São Paulo, o brilhante oficial coronel Julio Marcondes Salgado. O ilustre militar não caiu vitimado pelos adversários, mas por um desastre deplorável. Hoje cedo, o general Bertholdo Klinger, acompanhado dos seus oficiais, tenentes Saraiva e Pedro Celestino Filho, e o coronel Julio Marcondes Salgado, dirigiram-se a Santo Amaro afim de assistirem a experiências de um novo tipo de morteiro. Quando ali chegaram, várias experiências já tinham sido feitas com êxito. Prosseguiram os trabalhos normalmente, quando uma das granadas, em vez de projetada para fora do tubo onde fora lançada, explodiu dentro dele. Com a explosão, voaram estilhaços para todos os pontos e um deles apanhou o coronel Marcondes Salgado no pescoço, seccionando lhe a carótida. O bravo comandante da Força Pública caiu morto instantaneamente. O general Klinger recebeu um estilhaço no braço, ferindo-se ligeiramente. Feridos foram, também levemente, alguns oficiais do exército e da polícia. Dos civis presentes, parece que todos saíram ilesos. A triste cena causou profunda impressão em todos os assistentes. Foram tomadas pelo governo, imediatamente, providências, não só para os funerais do distinto oficial, como para que as operações de guerra não sentissem, com o seu falecimento inesperado, a mínima perturbação. São Paulo ficou privado do concurso de uma das figuras militares mais representativas, mas nem por isso sofrendo, no seu poderio militar e na capacidade de ação da sua Força Pública, diminuição alguma.*

O Dr. Pedro de Toledo, governador do Estado, determinou tocantes e profundas homenagens ao coronel Marcondes Salgado, cujos funerais foram de imponência rara, acompanhados por imensa multidão silenciosa e triste até o Cemitério São Paulo, onde o seu corpo foi depositado na sepultura n. º 1, sob o olhar comovido dos paulistas.

O governador baixava, a seguir, a seguinte resolução:

> *O doutor Pedro de Toledo, governador do Estado de São Paulo, por aclamação do Povo Paulista, do Exército Nacional e da Força Pública.*
>
> *Considerando que o coronel Julio Marcondes Salgado, comandante geral da Força Pública do Estado de São Paulo, no decorrer de sua vida militar, através de todos os postos e de todas as armas, sempre se revelou um militar exímio, sereno cumpridor dos seus deveres, o que lhe valeu a estima dos seus comandantes e de todo o povo paulista;*
>
> *Considerando que, neste momento histórico da vida paulista, representou papel de singular relevância, pelo que bem mereceu as considerações e honras com que foi distinguido, prêmio de um trabalho realizador e fecundo, no qual revelou a têmpera do velho caráter bandeirante;*
>
> *Considerando que encontrou a morte no dia de hoje, quando cuidava de dar às forças do exército constitucionalista novos meios de eficiência e de garantia da vitória da nobre causa por São Paulo abraçada;*
>
> *RESOLVE,*
> *nos termos do decreto 5.602, de 23 de julho de 1932, considerar promovido ao posto de general comandante da Força Pública do Estado de São Paulo o coronel Julio Marcondes Salgado.*

O decreto aludido criava, na Força Pública, o posto de general, até então inexistente. Com honras extraordinárias

São Paulo provou ao valente soldado o quanto sabia estimar o seu sacrifício e os esforços anteriormente feitos para a perfeita eclosão do movimento constitucionalista.

DADOS BIOGRÁFICOS

O general Júlio Marcondes Salgado, nascido em Pindamonhangaba a 1. º de julho de 1890, era filho do Sr. Victoriano Clementino Salgado e de D. Aneuphrosina Salgado, tendo por irmãos Sergio, Luiz, Joaquim, Francisco, Euclydia e Francisca Marcondes Salgado. Casara-se com D. Ophelia Marcondes Salgado.

Ingressara o general Salgado na Força Pública em 1907, galgando os postos à custa de estudos e força de vontade. Exímio cavaleiro, tomou parte em diversos concursos hípicos, logrando conquistar várias taças e bronzes de valia. Foi condecorado pelo rei Alberto da Bélgica.

Em 1924 e 1930, teve atuação destacada nos movimentos revolucionários, sempre, porém, ao lado das autoridades constituídas.

Seu nome é lembrado com saudade por todos os paulistas. Seus restos mortais se encontram no Monumento Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 1932.

EM FRENTE PARA A VITÓRIA!

ABEL SIMÕES DE CARVALHO

9° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Inscrito na Falange Acadêmica, de Santos, Abel Simões de Carvalho foi incorporado ao 9° Batalhão de Caçadores da Reserva, que foi destinado à frente Norte e operou em Vila Queimada. No último dia de Agosto ocupava uma trincheira do Morro Verde, naquele setor, quando sobre ele caiu uma granada de artilharia, ferindo vários dos seus ocupantes, inclusive Abel, que não pode ser retirado da trincheira em face do intenso ataque nesse instante desencadeado pelas forças ditatoriais.

Dados Biográficos – Abel Simões de Carvalho, filho do Sr. Antonio S. de Carvalho e de D. Maria M. de Carvalho e irmão de Miguel, Antonio e Oswaldo Simões de Carvalho, nascera em Santos, a 20 de Agosto de 1912. Solteiro, dedicava-se ao comércio.

ABELARDO MARINS

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Leste

São deficientes os dados sobre o voluntário Abelardo Marins. Incorporado a um dos batalhões, que foram destacados para o Setor Leste, morreu nas margens do rio Eleutério. Pela situação em que foi encontrado seu corpo, depreendeu-se, facilmente, a luta que teve para conservar a vida. Gravemente ferido na Fazenda Aliança, em Itapira, conseguiu atravessar o rio, vindo a morrer na margem oposta, na Fazenda Santa Joana. De uma bissaca encontrada quase que junto a seu cadáver foi recolhida uma carta endereçada à sua esposa, D. Eugenia Marins.

ACRIZIO SANT'ANNA

6° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Acrizio Sant'Anna pertencia à 1° Companhia do 1° Batalhão do 6° Regimento de Infantaria com o qual combateu desde os primeiros dias da revolução. Atingido por uma granada de 75 cuja explosão dilacerou totalmente as suas pernas e mais o braço esquerdo, seu moral se manteve elevadíssimo a ponto de, mesmo sofrendo dores incalculáveis, ter forças para animar seus comandados a prosseguir na luta. A sua unidade ocupava um dos setores mais batidos pela artilharia inimiga, no Morro Frio, pouco além de Areias. Ferido a 7 de Agosto de 32, faleceu no mesmo dia, no Hospital de Silveiras onde foi sepultado. Posteriormente foi seu corpo trasladado para Jacareí, onde foi recebido com excepcionais homenagens do povo e das autoridades locais. De São Paulo diversas comissões e personalidades de destaques foram a Jacareí especialmente para tomar parte nessas homenagens.

Dados Biográficos – Filho do Sr. João Domingues Sant'Anna, e D. Lucia Carolina Sant'Anna, nasceu em Jacareí, SP, a 2 de Setembro de 1902. Tinha por irmãos, Aurelio, Annibal, Alzira, Attilio e Amandina Sant'Anna. Ingressou no Exército Brasileiro, tomando parte da Revolução de 1924 ao lado do general Isidoro. Pertenceu à Coluna da Morte do tenente João Cabanas e com ela percorreu parte de São Paulo e de outros Estados até a Foz do Iguaçu, onde a referida coluna se dissolveu. Em seguida, internou-se no Uruguai, onde durante dois meses ganhou a vida em trabalhos braçais. Apresentando-se depois ao Cônsul Brasileiro em Montevideo, com mais 24 outros ex-revolucionários, foi repatriado, chegando a Santos a 4 de Junho de 1925, sendo daí preso. A 23 de Julho do mesmo ano, foi posto em liberdade e excluído do Exército Brasileiro.

Na revolução de 1930, atendeu ao chamado do general Isidoro, o qual o promoveu a 2° sargento. Vitoriosa a revolução, foi transferido para o 6° Regimento de Infantaria e, em 1931, para a Escola de Sargentos para ser promovido a 1° sargento. Seguiu para o Setor Norte a dia 10 de Julho de 1932 e entrou em combate no município de São José dos Barreiros.

ADÃO COSTA MENDES

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Apesar de sua idade que o poderia isentar de grandes sacrifícios, Adão Costa Mendes foi dois primeiros a se apresentar como soldado do Exército Constitucionalista, tendo feito parte de um dos batalhões enviados ao Setor Sul, em Itapetininga. Morreu, nessa cidade, no dia 18 de Julho, acometido de um colapso cardíaco. Seus dados bibliográficos são deficientes. Sabe-se, apenas, que era casado e que contava 40 anos de idade.

Proclamação ao Povo de São Paulo

Neste momento, assumimos as supremas responsabilidades do comando das forças revolucionárias, empenhadas na luta pela imediata constitucionalização do país. Para que nos seja dado desempenhar, com eficiência, a delicada missão de que nos investiu o ilustre governo paulista, lançamos um veemente apelo ao povo de São Paulo, para que nos secunde na ação primacial de manter a mais perfeita ordem e disciplina em todo o Estado, abstendo-se e impedindo a prática de qualquer ato atentador dos direitos dos cidadãos, seja qual for o credo político que professem. No decurso dos acontecimentos que se seguirão, não encontrará a população melhor maneira de colaborar para a grande causa que nos congrega, do que dando, na delicada hora que o país atravessa, mais um exemplo de ordem, serenidade e disciplina, característicos fundamentais da nobre gente de São Paulo.

General ISIDORO DIAS LOPES
Coronel EUCLYDES DE FIGUEIREDO
Manhã de 10 de Julho de 1932

ADOLPHO DUARTE

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Adolpho Duarte, cujo nome verdadeiro era Moysés Duarte, incorporou-se em São Paulo, no dia 10 de Julho, seguindo imediatamente para a linha de frente, como 3° sargento do Batalhão Bahia, fazendo parte do Corpo de Saúde.
Seu comandante foi o tenente-coronel Rodolpho Ramos. Serviu ao Exército Constitucionalista até o fim da luta, tendo falecido em São Paulo, no dia 9 de Outubro, em consequência de pertinaz moléstia, desconhecida dos médicos que o trataram, adquirida em campanha. Foi sepultado em São Paulo, no Cemitério da Quarta Parada.

Dados Biográficos – Nasceu em São Paulo no dia 30 de Setembro de 1898, filho do Sr. Sylvestre Luiz Duarte e de D. Virginia da Silva. Era casado com D. Zina Duarte e deixou dois filhos: Rubens e Therezinha. Era oficial de justiça.

Os soldados de agora não trazem em suas fardas o matiz de nenhuma fação. São homens que tudo oferecem, mesmo o sangue, para redimir a pátria dos erros e dos desatinos perpetrados pela oligarquia outubrista que se apoderou da jornada liberal e a degradou a uma inexpressiva troca de valores pessoais.

JOÃO NEVES DA FONTOURA

ADRIANO CINTRA

Batalhão de Caçadores Francanos (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Caiu Adriano Cintra nas proximidades de Campinas a 25 de Setembro, quando com o Batalhão de Caçadores Francanos se dirigia para aquela cidade. Visado pelos aviões da ditadura, foi o batalhão bombardeado. Estilhaços de uma das granadas lançadas atingiram no mortalmente. Sepultado em Campinas, Franca reclamou mais tarde os seus restos transportando-os para o seu Cemitério. Adriano Cintra estava nessa ocasião sob o comando do tenente-coronel Francisco de Andrade Junqueira.

Dados Biográficos – Francano, nascera a 24 de Setembro de 1905, filho do Sr. Belmiro Cintra e de D. Maria José Mendes Cintra. Solteiro, trabalhava ultimamente no Rio de Janeiro. Viera a São Paulo visitar sua mãe nas vésperas da Revolução. Iniciada esta, imediatamente apresentou-se ao comando do batalhão de sua terra natal, com o qual operou.

AFFONSO DE SIMONE NETTO

6° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Sob o comando do tenente coronel Milton de Freitas Almeida e incorporado voluntariamente sob o número 2411 na 3ª Companhia do 6º Batalhão de Caçadores da Reserva. Affonso de Simone Netto foi um valente soldado no Setor Sul.
Desde 21 de Julho, data em que se apresentou ao quartel de Quitaúna, esteve em todos os combates travados pelo seu batalhão. Findou sua carreira um estilhaço de granada que o atingiu no tórax em 31 de Agosto, nas trincheiras de Buri. Affonso foi sepultado no Cemitério de Conchas, onde desde então a sua memória tem sido largamente homenageada.

Dados Biográficos – Natural de Conchas, neste Estado, filho do Sr. Geraldo de Simone e de dona Conchetta Manzo de Simone, contava 24 anos de idade, exatamente: nascera em 29 de Agosto de 1908. Solteiro, residia em Sorocaba, onde era substituto efetivo do Grupo Escolar. Era irmão de João e Turio de Simone.

AFFONSO DE SOUZA GUIMARÃES

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Voluntário dos primeiros dias, Affonso de Souza Guimarães combateu no Setor Sul de operações durante a primeira parte da campanha. Atacado de grave enfermidade, recolheu-se à Capital para tratar-se. Um ano e meio lutou contra a moléstia que, afinal, o venceu em 24 de Dezembro de 1933. Foi sepultado no Cemitério da Freguesia do Ó.

Dados Biográficos – Nascido em 8 de Dezembro de 1886, em Campinas, era filho do Sr. Alexandre Pacheco da Silva Guimarães e de D. Alzira Ortiz de Camargo Guimarães; D. Maria, casada com Paschoal de Lucca; e D. Ricardina Guimarães Reis, viúva.

São Paulo, 14 de Julho de 1932. – Meus patrícios – solicitado pelos meus conterrâneos moradores neste Estado, para subscrever uma mensagem que reivindica a ordem constitucional do país, não me é dado, por moléstia, sair do refúgio a que forçadamente me acolhi mas posso ainda por estas palavras escritas afirmar-lhes, não só o meu inteiro aplauso, como também o apelo de quem, tendo sempre visado a glória da sua pátria dentro do progresso harmônico da humanidade, julga poder dirigir-se em geral a todos os seus patrícios, como um crente sincero em que os problemas da ordem política e econômica que ora se debatem, somente dentro da lei magna poderão ser resolvidos, de forma a conduzir a nossa pátria à superior finalidade dos seus altos destinos. Viva o Brasil Unido!

SANTOS DUMONT

AGENOR ALVES MEIRA

Regimento de Engenharia do M.M.D.C. (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporou-se em São Paulo, à Quarta Companhia do Primeiro Batalhão do Regimento de Engenharia do M. M. D. C., seguindo para a frente sob o comando dos tenentes Milton da Silva Rodrigues e Paulo de Paiva Castro. No subsetor de Bianor, setor de Queluz, um dos mais difíceis no início da Revolução Constitucionalista, Agenor Alves Meira recebeu a morte, instantânea, vítima de um tiro de fuzil. Sepultado na própria trincheira, foi depois trasladado para o Cemitério de Queluz e, posteriormente, em 1º de Agosto de 1934, sua cidade natal, Bauru, o reclamou para o carinho da sua gente. Sua morte deu-se em circunstancias trágicas: Numa feita, Agenor foi designado para reforçar a guarda de uma passagem perigosa, que estava aos cuidados de dez soldados da Força Pública. A retaguarda desses vinte bravos, um pelotão guardava o flanco. Inesperadamente, porém, sem qualquer aviso, o pelotão retirou-se, desguarnecendo a posição. Cercados, atacados por todos os lados, aqueles vinte valentes defenderam-se tenazmente. Venceu o Maior número. Morreram muitos dos defensores, entre os quais Agenor. Outros ficaram ferido. Outros foram feitos prisioneiros. Os mortos foram deixados insepultos por cinco dias, como desforra covarde aos que souberam antes morrer que se entregar. Um lavrador das vizinhanças é que, mais tarde, pôde sepulta-los na própria trincheira.

Dados Biográficos – Nasceu Agenor Alves Meira em Bauru, em 25 de Agosto de 1900, filho do Sr. Laurindo Alves Meira e de D. Maria Guilhermina Duarte Meira, tradicional família bauruense. Escrevente do cartório de paz, solteiro, era figura conhecidíssima nos meios sociais e boêmios da Capital da

Noroeste. Era irmão dos senhores José, Américo, Francisco, Luiz e Antônio Alves Meira; de D. Zelia, casada com o Sr. Orlando Cardoso; senhorinhas Maria Stella, Maria de Lourdes e Edith Alves Meira, e dos jovens João e Sylvio Renato.

AGENOR DE GOES

8° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública de São Paulo)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Soldado compenetrado do seu dever, a 10 de Julho partia com o seu batalhão para a frente de luta, ao Sul. Pertencia ao 8° Batalhão de Caçadores Paulista, comandado pelo Cel. Pedro de Morais Pinto, estando incorporado a 1° Companhia sob o n° 158. Tomou parte na defesa das diversas posições daquele setor confiadas ao seu batalhão, até 10 de Setembro. Nesse dia foi alcançado e morto pelos tiros inimigos. Seu corpo ficou depois reduzido a cinzas quando o incêndio ateado pelo inimigo à macega apanhou seus despojos, às margens do rio das Almas.

Dados Biográficos – Agenor de Goes era filho de Guareí, onde nascera aos 29 de Outubro de 1905. Eram seus pais o Sr. João de Goes e D. Antonia de Goes. Casado com D. Maria Augusta de Pontes, deixou dois filhos menores: Darcy e Agenor. Tinha três irmãs: Julia, Benedicta e Georgina de Goes. Durante muitos anos foi destacado em Guareí, onde deixou muitas e firmes amizades e onde ainda hoje residem sua viúva e filhos. Foi de Guareí que ele partiu para reunir-se ao seu batalhão, logo na manhã seguinte à do dia em que estalou a revolução.

AGENOR ROCHA

Corpo de Bombeiros de São Paulo
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Heróis de todos os dias, no combate ao fogo, os soldados do Corpo de Bombeiros enfrentaram com a serenidade dos fortes a luta pela causa de São Paulo. Dentre eles, Agenor Rocha. 3º sargento radiotelegrafista, não foi nessa qualidade que ele lutou. Foi para a trincheira e em combate morreu. Viajando a serviço em uma locomotiva, junto com outros companheiros de luta, foi esta visada por forte tiroteio inimigo nas proximidades de Muniz de Souza, Setor Sul. Saltaram todos para revidar, abrigando-se ao longo da linha. Em dado momento, a locomotiva se pôs em movimento, colhendo Agenor que, à sua frente, deitado, respondia ao ataque. Esmagou lhe totalmente o tórax. Com a homenagem e o carinho da sua corporação e do povo de Faxina (atual Itapeva), foi seu corpo trasladado para aquela cidade, onde ainda hoje repousa.

Dados Biográficos – Nasceu Agenor Rocha em Piracicaba, no ano de 1899, filho do Sr. Antonio Bento da Rocha. Era casado com D. Maria da Rocha.

AGOSTINHO DE MOURA UCHÔA

2º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública de São Paulo)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

O Capitão Agostinho de Moura Uchôa comandava a 4ª Companhia do 2º Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, uma subunidade do Exército, os Legionários de Bragança e uma parte do Batalhão Bahia, que resistiram, com o heroísmo que fez lendárias as nossas forças, às investidas repetidas e firmes do adversário contra o Túnel invicto. Eram muitas trincheiras sob a sua responsabilidade e ele não confiava nas ligações a não ser quando feitas por ele mesmo. Assim, percorria-as constantemente, iniciando, ordenando e observando. Numa dessas peregrinações, na tarde de 5 de Agosto, um projetil logrou alcança-lo na cabeça, dando-lhe morte instantânea. Lutara um mês e três dias, pois que partira de São Paulo em 12 de Julho. Seu corpo repousa no Cemitério São Paulo, nesta Capital, para onde foi trasladado.

Dados Biográficos – Nascido na Paraíba do Norte em 17 de Outubro de 1891, era filho do Sr. Antônio da Cunha Andrade e de D. Maria Conceição de Moura Uchôa. Casado com D. Silveria Valle Vieira Uchôa, não deixou filhos. Era irmão de D. Nauá Uchôa, casada com o Sr. João Vieira de Mello; D. Lila Uchôa, casada com o Sr. Humberto Friocoli; e Sr. João Moura Uchôa, casado com D. Maria Stella Uchôa. Deixando muito moço a sua terra, Agostinho foi para a capital do Rio Grande do Norte, cuja academia de direito cursou até o 3° ano. Interrompendo os seus estudos, veio para São Paulo, incorporando-se a Força Pública como soldado. Estudioso e esforçado, conquistou na carreira o posto de capitão em que morreu. Estava, ultimamente, como comandante da 4° Companhia do 5° Batalhão de Caçadores Paulista. Era veterano das campanhas de 1924 e 30, tendo em ambas se batido ao lado das autoridades constituídas.

AGOSTINHO PEREIRA DE OLIVEIRA

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Iniciada a Revolução na noite de 9 de Julho, em 10 Agostinho de Oliveira apresentava-se para incorporação no Batalhão Paes Leme, no qual recebeu o nº 77 da Primeira Companhia. Com esta unidade do Exército Constitucionalista, seguiu para Pouso Alegre e para todas as outras posições que lhe foram designadas. O famoso setor de Vila Queimada, onde o bombardeio era continuo e as cargas quase ininterruptas, marcou o fim de sua jornada no 1º dia de Setembro. Apanhado em cheio por uma rajada de metralhadora, Agostinho Pereira de Oliveira teve o peito crivado de tiros. Morreu olhando de frente o adversário, oferecendo-lhe o tributo magnifico dos seus 17 anos. Foi sepultado na mesma trincheira onde caíra. Em campanha alcançou a graduação de sargento.

Dados Biográficos – Nasceu em Serra Negra em 12 de Outubro de 1914, filho do farmacêutico Alfredo Mariano de Oliveira e de D. Maria Pereira de Oliveira. Era irmão de Moacyr, Yvette, Ruth e Nilton de Oliveira. Forte no físico, também o era nos estudos. Apesar de quase menino, Agostinho cursava, já, o quinto ano ginasial. Era aluno do Liceu Nacional Rio Branco, onde os colegas e professores prestaram à sua memória várias homenagens. Esportista, formava na vanguarda dos atletas paulistano. Em 1931, obteve o 2º lugar na disputa da travessia de São Paulo a nado, prova anual de grande repercussão nos meios esportivos.

AGNALDO DE MACEDO

Batalhão Barreto Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

A 5 de Setembro, quando combatia nas proximidades de São José do Rio Pardo, caiu esmagado por uma chuva de projéteis. Encerrou, assim a sua cooperação eficiente ao Batalhão Barreto Leme, Coluna Romão Gomes, ao qual estava incorporado.

Dados Biográficos – Mineiro, natural de Soledade, onde nascera a 2 de Abril de 1907, comerciava em Vargem Grande, neste Estado. E tão integrado estava na comunidade paulista, e sentia tanto a beleza da luta em que nos empenhamos, que não hesitou em combater ao nosso lado e ao nosso lado morrer. Eram seus pais o Sr. Ramiro de Macedo e D. Ada Junqueira de Macedo, com os quais vivia, solteiro que era.

ALBANO JOSÉ PIRES

Integrante de Unidade da Força Pública de São Paulo
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Albano José Pires é mais uma prova de quanto a terra paulista prende e se faz amar pelo alienígena. Entrando para a Força Pública, ali fez os estágios necessários e estava, ultimamente, a serviço da Repartição do Material Bélico, de onde saiu para a trincheira, sob o comando do tenente coronel Salvador Moya. Combateu no Setor Sul, valentemente. No combate do Fundão, recebeu grave ferimento na cabeça, sendo imediatamente hospitalizado em Capão Bonito, onde faleceu quase ao chegar, dia 31 de Agosto. Sepultado naquela cidade, foi posteriormente seu corpo trazido para o Cemitério da Quarta Parada, nesta Capital.

Dados Biográficos – Nascido em Portugal em 24 de Junho de 1874, Albano José Pires viera há muito para o Brasil. Era filho do Sr. Francisco Pires e de D. Leopoldina Augusto Pires. Adaptando-se ao meio, naturalizou-se brasileiro e constituiu família. Era casado com D. Maria dos Reis Pires, de cujo consorcio deixou os seguintes filhos: Leopoldina e Luiza, solteiras; Albano, casado com D. Emma Ferreira Pires; Alzira, casada com o Sr. Nilo Ramos Nogueira; e D. Haydée, casada com o Sr. Fernando Magdalena. Veterano de lutas passadas, Albano fizera a campanha de 1924, contra os revoltosos, tendo mesmo tomado parte na coluna que os perseguiu pelo norte do país. Em 1930, serviria no corpo de Aviação da Força Pública. Possuía excelente fé de oficio.

ALBERTO JULIANO

2º Batalhão 9 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado ao 2° Batalhão 9 de Julho, Alberto Juliano seguiu para a Setor Sul de operações, respondendo ao apelo que seus sentimentos cívicos dirigiam ao seu espirito. Lutou com dedicação e coragem, só se retirando do seu posto quando, doente, após a retirada de Apiaí-Xiririca (Eldorado), que tanto sacrifício nos custou, foi intimado pelos médicos a ir para a Capital do Estado. Aí, no entanto, nada conseguiu para a sua saúde, falecendo no dia 2 de Setembro.

Dados Biográficos – Nasceu em São Paulo no dia 27 de Março de 1906, filho do Sr. Miguel Juliano e de D. Angela Maria de Monaco Juliano. Deixou os seguintes irmãos: Josepha, Antonio e Miquelina Juliano. Alberto Juliano era professor de grande cultura. Lecionou no Liceu Franco-Brasileiro, em São Paulo; na Escola Normal de Tietê e, posteriormente, havia sido nomeado lente catedrático do Ginásio do Estado, em Tatuí, na cadeira de Latim.

As crianças... Que linda página estão escrevendo com as mãozinhas franzinas – as crianças paulistas! São meninos os escoteiros que partem, cheios de ufania, para a frente, com as ambulâncias da Cruz Vermelha. É um garotinho esse engraxate, flor nascida no esterquilínio dos cortiços e crescida na enxurrada das sarjetas, que dá todos os tostões de sua feria em benefício dos que estão arriscando a vida nas linhas de foto. É comovente o gesto daquela menina, que convida as criaturinhas de sua idade a comungarem coletivamente pelo triunfo da revolução. E que diremos daquele moleque maltrapilho, que vara multidões, e, tocando familiarmente o braço de Pedro de Toledo, exprime o que lhe vai na alma com esta frase de uma eloquência empolgante: Aí! Batuta!.

Doutor ALCANTARA MACHADO

ALBERTO MARTYRE

1° Batalhão Esportivo (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Este voluntário da Lei, teve seu nome justificado. Sua morte martirizou-o: depois de ter o coração atravessado por um golpe de baioneta, teve o crâneo esmagado pela coronha da mesma arma. Isto depois de feito prisioneiro por tropas da polícia mineira durante um combate travado em Santo Antônio do Jardim, nas proximidades de Espirito Santo do Pinhal. Assassinado naquele lugarejo, ali mesmo foi sepultado. Mais tarde seus despojos foram trasladados para São Manoel. Alistara-se Alberto Martyre em São Paulo, em 20 de Julho, incorporando-se à Segunda Companhia do 1º Batalhão Esportivo. Morreu no dia 26 de Agosto. Seu martírio foi testemunhado por meros moradores de Santo Antônio do Jardim.

Dados Biográficos – Paulistano, era filho do Sr. Luiz Martyre e de D. Rosalia Martyre. Solteiro, exercia a profissão de barbeiro em São Manoel, cidade que lhe prestou as mais significativas homenagens quando seus restos foram para ali trasladados. Era irmão de Nicola, Braz, Rosa, Helena e Amelia Martyre.

ALBERTO PIERROTTI

1° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

A 13 de Julho, Alberto Pierrotti apresentou-se às autoridades de Limeira, pronto para a luta. Mandado para São Paulo, coube-lhe integrar o 3° Pelotão da Primeira Companhia do 1° Batalhão de Caçadores da Reserva. Com ele partiu na manhã seguinte, rumo a Queluz e fazenda Pedro de Moraes, onde se travaram os primeiros combates do setor Norte. De Queluz para Areias, de Areias para Silveiras, ele acompanhou o seu batalhão em todos os combates travados naquela frente, até 9 de Setembro, dia em que uma rajada de metralhadora o prostrou, morto instantaneamente. Sepultado em Silveiras, mais tarde foi seu corpo trasladado para Limeira, onde nasceu.

Dados Biográficos – Nascido em Limeira, a 8 de Agosto de 1906, eram seus pais o Sr. Antonio Pierrotti e D. Maria Gonçalves Pierrotti. Solteiro, comerciante, Alberto Pierrotti era estimadíssimo em sua terra. Ali residem seus irmãos Belmiro, Scenilia, José, Durval, Dulce, Mario e Carlos Pierrotti.

ALCEU VIEIRA

Batalhão do Braz (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Reservista do Exército, logo no início da Revolução, abandonou o cargo que exercia no corpo de guarda-livros da Estrada de Ferro Sorocabana, em Mairinque, tornando-se um dos organizadores do Batalhão do Braz, com o qual seguiu para frente, comissionado no posto de capitão e com as responsabilidades do comando da Primeira Companhia. Honrou os galões nos combates travados em Eleutério, Serra Negra e Socorro. Destacado depois para o subsetor de Amparo, ali organizou a linha de resistência que protegeu a retirada das demais tropas para Campinas. Nessa defesa morreu crivado de tiros e esmagado pela superioridade enorme de número e de armamento das tropas ditatoriais. Foi um valente a quem Amparo é grata e cujo corpo vela carinhosamente no Cemitério local.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Leopoldo Vieira e de D. Aurora Vieira, hoje residente em Pilar, nascera em Tatuí em 12 de Fevereiro de 1906. Era noivo em Sorocaba, onde ainda residem os seus irmãos Antônio, Patapio, Joaquim, Petronio e Helena Vieira. Tabém era irmão de D. Ismenia, casada com o engenheiro Manoel Cascães e Marietta, casada com o industrial Sr. Adelino Lobo. O periódico amparense *O Comércio*, quando da trasladação do seu corpo para aquela cidade, publicou a seguinte nota:

No dia 9 de Setembro tombou na luta que se travara nos arredores desta cidade o heroico capitão Alceu Vieira, comandante do Batalhão do Braz. O distinto jovem, apenas estalara o movimento constitucionalista, pôs-se ao lado de São Paulo, empregando todo o vigor da sua mocidade em prol da causa que abraçara. Patriota e valente, destacara-se sobremodo e conseguira impor-se aos seus comandados. Destacado para esta cidade, com os seus soldados, fez-se admirado de quantos dele se acercaram e seu nome, devido à sua atuação destemida, tornou-se conhecido de todo o povo de Amparo.

ALCIDES MOREIRA

2º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública de São Paulo)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

O Túnel foi o grande sorvedouro de vidas de valentes soldados da Força Pública. Posição invicta, prova incontestável do valor dos nossos combatentes, teve no 2º Batalhão da Força um dos seus grandes e valorosos sustentáculos. Por isso mesmo, foi essa unidade a que mais contribui para sua defesa, amontoando gloriosamente os corpos dos homens valentes que a compunham, Alcides Moreira era cabo do 2º Batalhão de Caçadores Paulista, um dos primeiros atingidos pela incrível fuzilaria adversaria. Em 19 de Julho, durante uma dura refrega, tombou, vítima de um tiro de fuzil em plena fronte. Morreu de pé. Seu corpo foi sepultado em Cruzeiro, pouco aquém do Túnel.

Dados Biográficos – Em 14 de Agosto de 1907, na fazenda Nova Louzan, em Espirito do Pinhal, nascera Alcides, filho do Sr. Manoel Moreira e de D. Maria das Dores Moreira. Casado com D. Antônia Christiniano Moreira, deixou duas filhinhas: Yolanda e Verma. Tinha os seguintes irmãos: Orlando, Alberto, Maria da Dores, Alice, Durvalina, Edith e Dirce Moreira.

ALEXANDRE PETTA

1º Batalhão da Liga de Defesa Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Apresentou-se aos primeiros dias. Incorporado ao 1º Batalhão da Liga de Defesa Paulista, combateu no Setor Norte. Em 26 de Setembro, quando num caminhão que o levaria e a outros companheiros para outra trincheira, foi alcançado pela fuzilaria inimiga. Com Alexandre Petta, tombaram mais três bravos, nessa tarde e no caminhão fatídico, que se afastava de Silveiras.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Antônio Petta e de D. Alice Petta, nascera Alexandre em Piracicaba no ano de 1900. Solteiro, exercia sua atividade como empregado no comércio da sua cidade natal.

ALEXANDRINO DE AZEVEDO GUERRA

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Nem só aqueles que morreram em combate ou nos hospitais de sangue são mortos de São Paulo de 32. São-no, também os que, não suportando as agruras da trincheira, dela trouxeram a moléstia que mais tarde os faria sucumbir. Alexandrino de Azevedo Guerra está nesse caso. Pertenceu a um dos batalhões de engenharia da guerra de 32. Durante a campanha apanhou uma moléstia que veio a prostra-lo dois anos mais tarde, em 6 de Dezembro de 1934, na Vila Guilhermina, Capital. Foi sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Natural de Taubaté, nascido em 17 de Outubro de 1896, era filho do Sr. Adriano de Azevedo Guer-

ra e de D. Maria Conceição Guerra. Casado com D. Cecilia Sene Guerra, deixou uma filhinha, Maria de Lourdes. Foi um bom soldado do Exército Constitucionalista.

ALEXANDRE POLUDAROW

1º Batalhão Bandeirantes (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

O movimento Constitucionalista acionado por São Paulo teve vários aspectos edificantes. Um deles foi a adesão incondicional de todo o povo. Não houve partícula do Estado que se não manifestasse solidaria. Todos quantos filhos de São Paulo ou brasileiros aqui residentes, sentiram o ideal que havia na guerra e se apresentaram, pressurosos, para defender, por todas as formas, os princípios que o moveram. Outro aspecto comovente foi a adesão de estrangeiros, filhos adotivos de São Paulo e que tinham o Brasil por sua segunda pátria. Desses estrangeiros, muitos foram sacrificados. E em plano de destaque está Alexandre Poludarow, homem de recursos e de situação definida, russo do nascimento. Incorporou-se ao Exército Constitucionalista na Capital de São Paulo, seguindo para o Setor Sul, como capitão comandante do 1º Batalhão Bandeirantes, no dia 18 de Setembro. Experimentado e culto, oficial da Rússia, do Regimento de Cossacos do Tzar, veterano da Grande Guerra, Poludarow estava fadado a prestar relevantes serviços. Não quis a sorte que isso acontecesse. No dia 29 de Setembro, em consequência de ferimento no estômago, produzido por tiro de fuzil, sucumbia ele nas margens do rio Guapiara, no citado setor. Seu corpo foi transportado para a Capital do Estado, onde lhe foi dada sepultura, com todas as honras militares, no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Nasceu em Rostoff, na Rússia, no dia 30 de Agosto de 1893. Era filho do Sr. Theodoro Poludarow e de D. Anna Poludarow. Deixou viúva D. Olga Poludarow e uma filha de nome Margarida.

ALFREDO ALBERTINI

Batalhão Tiro Naval de Santos (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor do Litoral

Os elementos estrangeiros que mourejam sua vida em São Paulo integram-se de tal forma com a terra e com a gente nossas que ideais e sofrimentos se tornam comuns. Alfredo Albertini era nascido na Itália. Vindo para São Paulo, apaulistou-se integralmente. Quando se iniciou a Revolução Constitucionalista, sentiu-se tanto quanto nós. O Tiro Naval de Santos, embarcou para a luta. Alfredo, não podendo ir no mesmo dia, seguiu-o e foi alcançá-lo em Silveiras a 15 de Julho. Ali combateu valentemente, provando a sinceridade do seu amor à Pátria que adotara. Obteve graduações.
E a dois de Setembro, consumou o sacrifício de sua vida quando, de madrugada, ocupava uma posição perigosa. Seu corpo, transportado para Santos, repousa ao Cemitério do Paquetá.

Dados Biográficos – Natural da província de Roma, Itália, nascera a 17 de Fevereiro de 1900, filho do Sr. Serafino Albertini e de D. Rosa Frabbretti, ainda residentes naquele país. Irmãos, deixou dois: Amalio e Elvira, esta casada com o Sr. Archangelo Mauro. Alfredo foi combatente da Grande Guerra de 1914/1918 e residia ultimamente em Santos, onde exercia a profissão de mecânico e era conhecido como exímio motorista.

ALFREDO CLEMENT FILHO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Industrial, como seu pai, Alfredo Clement Filho esqueceu os seus interesses e ingressou em um dos primeiros batalhões de voluntários que seguiram para a luta. Um pouco além de Pinheiros, no Setor Norte, em posição à esquerda daquela cidade paulista, lutou bravamente a coluna comandada pelo Capitão Epaminondas Augusto Sandim. Nela incorporado, alcançou ele a graduação de sargento por atos de valor na defesa das posições que lhe foram confiadas. No alto de um contraforte da Mantiqueira, próximo a fazenda do Sertão, abriu ele uma trincheira que, a 25 de Agosto, desabando, matou-o. No Cemitério São Paulo, Capital, hoje repousa o seu corpo, velado pela família e pelos seus companheiros de luta.

Dados Biográficos – Paulistano, nascido aos 16 de Junho de 1905, era filho do Sr. Alfredo Clement, comerciante e industrial nesta Capital, e de D. Maria Aligostes Clement. Noivo da senhorinha Maria Gil, deveria casar-se dentro de um ano. Acudindo, porém, ao chamamento de São Paulo, a ele entregou-se inteiramente. Só tinha uma irmã, a Sra. D. Lydia, esposa do Sr. Raphael Murillo Laurindo.

ALFREDO LOPES DA SILVA

3º Batalhão de Caçadores Voluntários (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Alfredo Lopes da Silva pertenceu ao 3º Batalhão de Caçadores Voluntários e partiu para o Setor Sul de operações, sob o comando do major Garrido. As notícias colhidas sobre esse combatente da Revolução Constitucionalista são deficientes. Sabe-se, contudo, através de referências de seus companheiros, que portou-se bravamente, tendo morrido no dia 25 de Setembro, no setor de Itapetininga, em consequência de ter sido atingido, no peito, por um tiro de fuzil. Contava, presumivelmente, trinta anos de idade. Foi sepultado no Cemitério dessa cidade.

ALFREDO LUCIO

Batalhão do Braz (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Pertencendo à 2° Companhia do Batalhão do Braz, Alfredo Lúcio combateu nas posições do Setor Sul de operações, demonstrando-se, sempre, um soldado capaz e valente. Em meio a campanha, vindo ao Gramadinho, entre Itapetininga e Capão Bonito, morreu instantaneamente, atingido por um tiro de fuzil, acidentalmente disparado por um companheiro. A sua sepultura ainda não foi localizada. Contando mais ou menos 28 anos, Alfredo Lucio é, hoje, apenas um nome incluído na lista imensa dos heróis de 32, porque nada mais pudemos saber a seu respeito.

ALFREDO OMETECIDIO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Estava incorporado a uma das unidades que compunham a tropa comandada pelo Capitão Epaminondas Augusto Sandim, responsável pelo flanco esquerdo da frente de Pinheiros e cujas trincheiras estendiam-se em linha desde esta vila até a Fazenda da Capela do Jacu. Posição defendida valorosamente, havia sido ocupada sem anterior preparo de terreno. Assim, as trincheiras ressentiam-se de grandes falhas. Uma delas, na qual se achava Alfredo Ometecidio além de outros combatentes, inclusive dois oficiais, desmoronou, repentinamente, sepultando-os. Os socorros chegaram tarde e só puderam ser removidos os cadáveres, que foram sepultados no Cemitério de Cruzeiro.

ALFREDO PACIFICO BELLAGAMBA

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública de São Paulo)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Na aurora da Revolução Constitucionalista, Alfredo Pacifico Bellagamba, que pertencia ao 7° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, partiu para uma das frentes de combate, sob o comando do coronel João Dias de Campos. Lutou com denodo pela causa abraçada por São Paulo. Depois de tomar parte em muitos combates, o bravo soldado foi atingido no Setor de Campinas, morrendo no dia 23 de Setembro. Foi sepultado nessa cidade, na sepultura 104, quadra 11, no Cemitério local.

Dados Biográficos – Nasceu em Restinga, município de Franca e era filho do Sr. Pacifico Bellagamba. Era irmão de José Bellagamba.

ALFREDO RUIZ

3º Batalhão 9 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Empregado no comércio de Bauru, atendeu ao primeiro apelo de São Paulo, indo incorporar-se sob nº 41 na 3º Companhia do 3º Batalhão 9 de Julho, com o qual partiu para a frente de Eleutério, tomando posição em 4 de Agosto. Dois dias depois, um projétil inimigo cortava-lhe o esforço e a vida, prostrando-o morto na trincheira que ele não chegara a conhecer bem. Foi sepultado no Cemitério de Itapira em vala que recebeu o número 1897. Alfredo Ruiz residia em Bauru, onde era auxiliar do Bar São Paulo.

ALFREDO SHAMMAS

7° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado ao 7° Batalhão de Caçadores da Reserva, em Santos, a 15 de Julho, seguiu para o Setor Sul, no dia 20 do mesmo mês, sob o comando do coronel Grimualdo Favilla. Pouco tempo pode combater. Seu natural entusiasmo o atraia sempre para os lugares onde a luta era mais cerrada e mais terrível. Destacado para servir no Posto de Comando do seu batalhão, pediu e obteve dispensa dessa vantagem que talvez lhe poupasse a vida. No Setor de Itararé foi alcançado, no dia 23 de Agosto, por um tiro de fuzil que lhe atingiu o ventre. Morreu quatro horas depois. Sepultado em Avaré, foi seu corpo mais tarde, em 1934, trasladado para Santos onde hoje repousa.

Dados Biográficos – Santista, era filho de Assad Shammas e de D. Marianna Shammas. Deixou os seguintes irmãos: Suraia, Haife, Jorge e Saulo Shammas, além de D. Rosa de La Santa, Laurice Coney, Alexandre e Asson Shammas, todos casados. Era solteiro, comerciário e contava 25 anos de idade, pois nascera a 5 de Março de 1907.

O movimento constitucionalista de que São Paulo, com a solidariedade das forças armadas, na plena consciência das suas responsabilidades para com o país, tomou a iniciativa, é de caráter essencialmente nacional. Só a insidia, a perfídia e a mentira podem pretender atribuir-lhe um aspecto regionalista e partidário.

VIVALDO COARACY

ALFREDO XIMENES

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor do Litoral

Na corte inumerável dos Soldados da Lei muitos vultos se perderam – soldados desconhecidos da grande causa. Deles restam, apenas, símbolos de heroísmos anônimos perdidos na imensidão da gloria de que São Paulo se cobriu naqueles oitenta e poucos dias de maravilhosa unanimidade. Alfredo Ximenes saiu de Santos para a guerra. Um soldado, um número, um nome. Nada mais. A sombra da morte sepultou tudo quanto ele foi ou seria. Nome que fica nesta página, para lembrança de uma vida entregue à vida de São Paulo.

ALIPIO BAPTISTA PINTO

Batalhão Operário de Santos (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

O Batalhão Operário de Santos, que se formou pouco depois de deflagrado o movimento constitucionalista, contou em suas fileiras o soldado Alípio Baptista Pinto. No Setor Norte, para onde seguiu, tomou parte em vários sangrentos combates. E foi ainda, de armas na mão, quando se achava nas trincheiras do Morro Verde, no setor de Vila Queimada, que, juntamente com alguns companheiros de armas, tombou, morto em consequência de ferimentos produzidos por granada. O acontecimento, em que o Exército Constitucionalista, se viu privado de punhado de heróis, deu-se em 1º de Setembro. Seu sepultamento foi feito provavelmente, no próprio local em que caiu. Os dados biográficos sobre Alípio Baptista Pinto são os mais deficientes. Sabe-se, apenas, que era natural de Santos, onde residia, e que trabalhava na Companhia Santista de Tecelagem, quando se apresentou para a guerra de São Paulo.

ALIPIO BENEDICTO

Batalhão Bento Gonçalves (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Na Vila Queimada, pouco além de Cruzeiro, muito poucos eram os momentos de descanso para a valente tropa. Mesmo as horas das refeições eram perturbadas pelo explodir surdo das granadas e pelos assobios insistentes dos tiros disparados pelas inúmeras armas automáticas adversarias. Um instante houve, porém, em que relativa calma cobria com seu manto suave a tropa exausta. Dez rapazes, voluntários do Batalhão Bento Gonçalves, 11° Batalhão de Caçadores da Reserva, fizeram uma roda, para descansar conversando, recordando talvez os dias de há pouco ainda nas suas cidades cheias de sol e de alegria. Quase dois meses completos de luta haviam decorrido. Era 1° de Setembro. De repente, mal ouvindo o seu zumbido assobiante, uma granada explode em cheio sobre o grupo de rapazes, atingindo a quase todos. Alipio Benedicto recebeu um quinhão pesado de estilhaços. E ali mesmo morreu.

São Paulo, que é o orgulho do Brasil pelo trabalho, pela riqueza, pela cultura e pelo civismo, levanta-se como um só homem, para repor o Brasil no regime da lei.

MARIO BRANT

ALMACHIO DE CASTRO NEVES

6° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Engenheiro Bianor foi um dos primeiros e difíceis baluartes da defesa do Exército Constitucionalista. Ali, muitos bravos voluntários e, mesmo, muitas forças regulares receberam o seu batismo de fogo. Foi o setor onde a bravura individual dos combatentes era posta duramente à prova a todos os instantes. Foi ali que o tenente Almachio de Castro Neves morreu, a 2 de Agosto, defendendo com a sua tropa a ponte do Salto. Uma rajada de metralhadoras apanhara-o em cheio.
Pelo seu valor largamente demonstrado, a sepultação do seu corpo num Cemitério particular de Engenheiro Passos, foi feita solenemente, com todas as honras militares. Ainda ali repousam os restos desse moço de 23 anos que, tendo nascido fora de São Paulo, integrou-se sinceramente nas hostes paulistas que defendiam a Lei.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Alberto de Castro Neves e de D. Constança Reis de Castro Neves, nascera Almachio no Rio de Janeiro a 20 de Maio de 1909, irmão de Alberto, Almerio, Alcides, Almir e Alda de Castro Neves. Feito o curso de preparatórios no Instituto Jurema, daquela Capital, ingressou na Escola Militar do Realengo de onde saiu aspirante a oficial em 1931. Em Março de 1932, foi classificado no 1° Batalhão do 6° Regimento de Infantaria e destacado para servir em Santos. Esportista dedicado, serviu em diversas embaixadas, algumas das quais encobrindo apenas suas atividades como auxiliar precioso dos preparadores da Revolução Constitucionalista. Era oficial capaz, profundamente dedicado à causa pela qual morreu. Em campanha, fez interessante diário, mais tarde oferecido pela família à Federação dos Voluntários de São Paulo.

ALMYR DEHAR

Integrante de Unidade do Exército Brasileiro
Aviação Constitucionalista

Cabo do Exército Brasileiro, engajou-se no Serviço de Aviação do Exército Constitucionalista. Voava na qualidade de observador. No dia 28 de Agosto, o aparelho em que voava capotou quando aterrava no Campo de Marte. Nesse desastre, morreu Almyr Dehar.

ALONSO FERREIRA DE CAMARGO

Batalhão 14 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Com idade bastante para desejar prestar os seus serviços em trabalhos menos pesados da retaguarda. Alonso Ferreira de Camargo preferiu, no entanto, as agruras da trincheira.
Alistou-se no Batalhão 14 de Julho, em cujo encalço embarcou para Itararé. Com ele, tomou parte em vários renhidos combates, até 23 de Agosto, quando, colhido por estilhaços de granada, em Buri, ficou gravemente ferido. Trazido para a Capital e internado no Instituto Paulista, ali faleceu em 30 do mesmo mês. Seu corpo foi trasladado para Amparo, onde nascera.

Dados Biográficos – Filho do Sr. João Bellarmino Ferreira e de D. Francisca Viegas Ferreira de Camargo, nascera Alonso em Amparo, neste Estado, em 27 de Setembro de 1887. Contava, pois, 45 anos ao incorporar-se. Casado com D. Maria Fausta Nogueira de Camargo, deixou duas filhas: Celina e Inah. Era irmão dos Srs. Dr. Laudo Ferreira de Camargo, desembargador da Corte Suprema e ex-interventor federal em São Paulo, casado com D. Noemia de Almeida Camargo; Sr.

Clovis Ferreira de Camargo; e Sras. D. Lecticia, casada com o Sr. Benedieto Lino de Campos e Ottilia, casada com o Sr. Paulo Nogueira. Alonso Ferreira de Camargo ocupava cargo de relevo na Secretária da Agricultura, tendo sido escolhido, por várias vezes, para importantes comissões. Viajado, conhecia a Inglaterra, a França, a Suíça e a Alemanha, falando correntemente, além do português, o francês e o alemão.

ALTINO SILVA

1° Batalhão de Engenharia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Como soldado da 4° Companhia, do 1° Batalhão de Engenharia, Altino Silva estava incorporado à Coluna Sandim. Lutou quase que até o fim da Guerra Constitucionalista, sendo considerado um bom e valente combatente. Atingido, porém, na cabeça, por tiro de fuzil, na Colônia do Piagui, morreu instantaneamente. Seu passamento deu-se no dia 25 de Setembro de 1932, presumindo-se que esteja sepultado em Aparecida do Norte.

Dados Biográficos – Nasceu em Piedade, no dia 18 de Agosto de 1913, filho de Antonio Augusto da Silva e de D. Laudelina Maria Leite. Deixou os seguintes irmãos: Antonio Augusto da Silva Filho, Alice Silva Fabbri, Hilda Silva Nequerito e Analia Silva Viaro. Era solteiro e trabalhava no comércio.

ALVARO DE OLIVEIRA SILVA

7º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Soldado do 7º Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, faleceu em Jundiaí, vítima de uma peritonite consequente de um ferimento adquirido em combate. Esteve internado na Casa de Saúde Fratelanza Italiana naquela cidade, tendo seu óbito se verificado em 26 de Setembro. Contava 26 anos de idade e fora sempre, um bom soldado.

ALVARO PERES

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

Santista de nascimento ou de adoção, Alvaro Peres deixou a linda cidade litorânea em procura de um posto onde também ele pudesse servir à causa heroica de sua terra. São Paulo recorrera à guerra para a conquista de um direito que era seu e lhe havia sido tomado. Alvaro Peres foi e não voltou. Uma sepultura rasa, sem cruz e sem marca, esconde o seu corpo avaramente, como escondidos foram os seus atos pela força incoercível do destino. Seu nome, porém, não será esquecido. Esta página lembrará aos pósteros que ele morreu com honra, combatendo por São Paulo.

ALVARO RIBEIRO DE SOUZA

Batalhão Bento Gonçalves (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Integrante do Batalhão Bento Gonçalves, 11º Batalhão de Caçadores da Reserva, Alvaro Ribeiro de Souza tomou parte na campanha lutando no setor Norte. Em 12 de Setembro, em trincheira da linha Pinheiros--Queluz-Silveiras, foi gravemente ferido, baixando ao Hospital de sangue de Cruzeiro, onde veio a falecer no mesmo dia. Segundo informações que obtivemos, está sepultado no Cemitério daquela cidade.

Dados Biográficos – Irmão de Benedito, Gastão e José Ribeiro de Souza, também combatentes da Revolução Constitucionalista, e de Antônio, Manoel, Philomena e Cornelia, Alvaro era filho do Sr. Antônio Augusto de Souza e de D. Anna Ribeiro de Souza. Nascera em São José do Rio Pardo em 19 de Novembro de 1903. Era solteiro e farmacêutico.

ALVARO DOS SANTOS MATTOS

8º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública de São Paulo)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

No 8º Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública Alvaro dos Santos Mattos era sargento, posto que honrou na campanha travada desde Itararé até o rio das Almas, em cujas margens, em 16 de Setembro, caiu mortalmente ferido. Morreu como morreram muitos outros, no calor da refrega, sem que se pudesse dizer em que circunstâncias precisas. Morreu por que lutou e lutou porque era um bravo. Está sepultado no Cemitério do Gramadinho, município de Itapetininga.

Dados Biográficos – Paulistano de nascimento, Alvaro era filho do Sr. Manoel de Mattos e de D. Maria Conceição dos Santos, e completara há pouco 23 anos.

AMADEU DOS SANTOS

8° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Em serviço de transporte de tropas, Amadeu dos Santos, voluntário da Falange Acadêmica, de Santos, incorporado ao 8° Batalhão de Caçadores da Reserva, conduzia um caminhão na estrada Rio-São Paulo. Perseguido e metralhado por um avião, ia ele escapando incólume quando uma bomba lançada pelo mesmo aparelho explodiu, ferindo-o gravemente. Internado na Santa Casa de Mogi das Cruzes, dali levado para a de Santos, por iniciativa de sua família, escapou da morte imediatamente mas ficou sofrendo de insidiosa e pertinaz moléstia que, um ano depois, a 31 de

Agosto de 1933, o arrancava definitivamente ao carinho dos seus. Os voluntários santistas fizeram o seu enterramento no Cemitério do Soboó, onde ainda hoje repousa em modesta e rasa campa.

Dados Biográficos – Amadeu dos Santos era santista, nascido a 9 de Agosto de 1900, filho do Sr. Luiz dos Santos e de D. Florinda Cardoso dos Santos.

AMADOR DE BARROS JUNIOR

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Era um dos muitos mineiros que se sacrificaram pela causa de que São Paulo se fizera pioneiro. Lutou no Setor Sul até o dia 29 de Julho quando foi gravemente ferido. Transportado para São Paulo faleceu no Instituto Paulista a 1° de Agosto.

Dados Biográficos – Médico, clinicava na cidade de Batatais, neste Estado. Era natural de Jacutinga, Estado de Minas Gerais, onde nascera em 1902, filho do Sr. Amador de Barros e D. Maria Esmeria de Barros. Eram seus irmãos os Drs. Sylvio e Francisco de Barros.

Sim, meus senhores, a História do Brasil vem toda refulgente da glória cívica do Clero. E, neste instante, em que São Paulo é o galhardo cruzado da casa liberal, nada mais consequente do que ter o povo bandeirante, junto a si, ombro a ombro, essas gloriosas batinas que foram as cimentadoras da nacionalidade. Elas estão hoje com a causa constitucionalista, como no passado, estiveram sempre, invariavelmente, ao lado das causas nobres do brasil. É por isso, meus senhores, que os soldados da Lei podem dizer com ufania; a farda e a batina, o exército e o clero, isto é, a justiça dos homens e a justiça de Deus, estão, irmanadas, combatendo ao lado de São Paulo, em prol do Brasil. E é por isso que São Paulo, depois de 53 dias de luta ciclópica, pode também exclamar, com sereno orgulho, absolutamente tranquilo da sua vitória: Brasileiros, já não há força, no mundo, que possa nos subjugar! Brasileiros, sabei-o, nós somos invencíveis! Deus está conosco!

PAULO SETUBAL

AMENDOIM

Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Era um tipo de rua. Desses como há muitos por essas cidades e ruas. Idade Indefinida. Alma anestesiada pelo álcool, pelo sereno das noites dormidas ao léu, pelo sonho inacabado que fez dele um judeu errante da vida. Todos o conheciam em Presidente Prudente. Frequentador assíduo do xadrez da cadeia local como vagabundo contumaz. Figura comum do homem sem terra, sem lar, sem mais afeto que o da piedosa caridade pública. Um prato de comida aqui, um café acolá, um catre de vez em quando. Essa a vida de Amendoim, vulgo pitoresco que a gente de Presidente Prudente se acostumara a ver e a considerar como uma espécie de mascote a quem não se negava o pão e – quanta vez! – o níquel com que ele dessedentaria a garganta ressequida, ansiosa de um pouco de álcool. Um dia, abriu-se um posto de alistamento de voluntários para a Guerra pela Constituição e por São Paulo. O vagabundo apresentou-se. Nome? Só o que lhe dera o povo: Amendoim. Filiação? Esquecera ou não queria que o nome de seus pais fosse conhecido, nem mesmo na hora suprema em que fazia oferta da vida por uma nobre causa. E lá foi ele como soldado do Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente. Em campanha, era outro Amendoim: valente, destemido, ousado, calmo. Se era de luta, lutava. Se era de folga, deitava-se de costas, olhando o céu e pensando talvez na sua infância, na sua primeira mocidade, nas águas marulhantes do seu passado escoando-se rapidamente a caminho do grande mar onde todos os rios vão um dia desaguar... Amendoim morreu combatendo no setor de Salto Grande. Anônimo na vida, foi anônimo na morte. Desapareceu como aparecera. Sem deixar rastros, uma hora qualquer em que a fuzilaria zonzeava os combatentes e a artilharia punha sons de trovoada na alma valente dos soldados da lei.

AMERICO BRIZA

Batalhão Pinhalense (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Incorporou-se em Espirito Santo do Pinhal, dia 12 de Julho, ao Batalhão Pinhalense, com o qual embarcou para o setor Leste. Tinha a graduação de cabo. Em 25 de Agosto, em combate nas proximidades de Santo Antônio do Jardim e de Grama, foi gravemente ferido por arma de fogo em local que impossibilitava todo o socorro imediato, pelo que esteve durante o dia e a noite seguinte abandonado. Vivo ainda foi atacado por animais esfomeados que o morderam a ponto de deixar o seu rosto irreconhecível. Em 26, quando chegava os socorros, falecia. Sepultado no próprio lugar onde morrera, foram os seus despojos mais tarde trazidos para o Cemitério São Paulo, na Capital.

Dados Biográficos – Nascera Americo em Cravinhos em 28 de Fevereiro de 1910, filho do Sr. José Briza e de D. Theraza Hallgrim. Tinha por irmãos: D. Mercedes Coimbra, Henrique Briza, Laura Briza e Ingelborg Briza. Era noivo da Senhorita Amélia Bozane e tinha a profissão de eletricista.

AMERICO SILVA

Batalhão 7 de Setembro (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Servindo no Batalhão 7 de Setembro, com a graduação de cabo e sob as ordens imediatas do capitão-ajudante e comandante da Primeira Companhia daquela unidade, Arlindo Viana, Americo Silva operava com uma metralhadora pesada no flanco direito da Serra do Picú, em lindes da fazenda

Pedro de Moraes, além de Queluz e já no Estado do Rio. A linha paulista estava sendo forçada extraordinariamente pelo adversário. A fuzilaria era intensa. O ninho da metralhadora pesada, cujo responsável era o sargento Fontenelle, do 4º Regimento de Infantaria, foi visado fortemente. Americo Silva tombou ali, com um tiro de fuzil na cabeça, tendo morte instantânea, às 14 horas de 5 de Agosto. Foi sepultado em Queluz, onde se acha ainda seu corpo. Sua inscrição fora feita sob nº 18 na Primeira Companhia daquele batalhão.

ANACLETO FERNANDES

Legião Negra (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Sargento reservista da Força Pública, veterano da Revolução de 24, durante a qual recebeu graves ferimentos em combates travados no Cambuci, incorporou-se à Legião Negra, alcançando ser comissionado no posto de capitão. Operando com a sua tropa no Setor Sul, ali tombou valentemente. Seu corpo foi sepultado em Santos, onde ele residia.

Nunca um ideal tão nobre se generalizou de forma tão intensa na alma de um povo, conquistando-lhe a inteira preocupação e tornando-lhe o único devotamento. Foi como a faísca que, na sua explosão estonteadora, fundisse, em um só metal, todas as energias disponíveis e transmutasse em aço os nervos dóceis e tranquilos dos habitantes desta terra.

CANTIDIO MOURA CAMPOS

ANDRE OLINDO LEDNIK

1º Batalhão da Liga de Defesa Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado ao 1º Batalhão da Liga de Defesa Paulista em 27 de Julho, André Olindo Lednik seguiu paro Setor Norte no dia imediato, tomando parte em diversos combates e operações militares. A 26 de Setembro por ocasião da retirada das nossas tropas de Areias para Silveiras, o caminhão em que ele vinha com vários outros rapazes, foi alcançado por uma rajada de metralhadoras que feriu muitos e matou cinco, entre os quais, instantaneamente, André Olindo, com um projetil na cabeça. Seus despojos, inumados na frente, foram mais tarde trazidos por sua família para São Paulo, repousando, hoje, no Cemitério de Vila Mariana.

Dados Biográficos – Solteiro, mecânico de profissão, André Olindo Lednik nascera na capital paulista em 27 de Julho de 1904, filho do Sr. André Lednik e de D. Eugenia Zangross Lednik. Era um moço trabalhador e alegre. Tinha por imãos: Julio, casado com D. Angelina Lednik; D. Adelina, casada com Mario Lopes; D. Anna, casada com José Fiorini; Alfredo, João, Thereza, Helena, José, Armando, Luiz, Nelson e Olgo Lednik.

ANGELINO GUERINO

Batalhão Pinhalense de Voluntários (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Pinhalense, incorporou-se ao batalhão que sua cidade organizou: o Batalhão Pinhalense de Voluntários, que teve por comandante o tenente Leite, da Força Pública de São Paulo. Deixou Espirito Santo do Pinhal, com sua unidade, dia 15 de Julho, seguindo para o Setor Leste, onde os combates foram difíceis e as posições disputadas no alto dos montes ásperos. Esteve no ataque de Cascata e depois foi mandado para Guatapará, posto que ocupou a partir de 6 de Agosto. E ali morreu, alcançado por estilhaços de granada.

Dados Biográficos – O 9 de Julho, editado em Espirito Santo do Pinhal durante a revolução, publicou a seu respeito as seguintes palavras: *... A causa de São Paulo é a da Justiça e os que tombam batalhando por um nobre ideal seguem em fagulhas luminosas para o reino da imortalidade. Angelino Guerino, varado pela metralha da ditadura, é o herói que escreveu com todo o sangue da sua vida estuante de moço, as legendarias tradições dos nossos antepassados. O seu nome não perecerá jamais na memória dos filhos do Pinhal ...* Angelino Guerino era filho de Emilio Guerino e dona Margarida Guerino, natural desta cidade, solteiro, com 23 anos de idade. Alistou-se no dia 15 de Julho, tendo seguido para Pouso Alegre. Grandes homenagens lhe foram prestadas em sua terra natal, avultando entre elas um movimento popular no sentido de ser dado o seu nome a uma praça ou rua importante da cidade.

ANGELO STEFANINI

2° Batalhão 9 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Deixou Casa Branca a 18 de Julho, vindo alistar-se. Foi incorporado ao 2° Batalhão 9 de Julho, com ele partindo para o sul do Estado, sob o comando do capitão Tenorio de Britto. Quando as nossas tropas se retiraram de Apiaí, tiveram que transpor o Ribeira. Angelo não venceu as forças das águas e pereceu afogado, na altura de Ivoporunduva, município de Iporanga. Era 4 de Agosto.

Dados Biográficos – Casabranquense, nascera em 1911, filho do Sr. Diomede Stefanini e de D. Angelina Sasso Stefanini, italianos de nascimento. Angelo era solteiro e residia com seus pais. Exercia a profissão de alfaiate.

ANTENOR BAPTISTA

2° Batalhão da Liga da Defesa Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Ao incorporar-se, Antenor Baptista recebeu o n° 253 na 3° Companhia do 2° Batalhão da Liga da Defesa Paulista. Operou no Setor Leste, até poucos dias antes de terminar a luta. Na estação de Pedro Americo, a 28 de Setembro, um tiro de fuzil o prostrou, morto instantaneamente. Foi sepultado em Campinas, onde ainda se acha.

Dados Biográficos – Não foi possível obter dados precisos. Constou-nos que era de Mogi Mirim, onde teria nascido no ano de 1900.

ANTENOR DE OLIVEIRA E SILVA

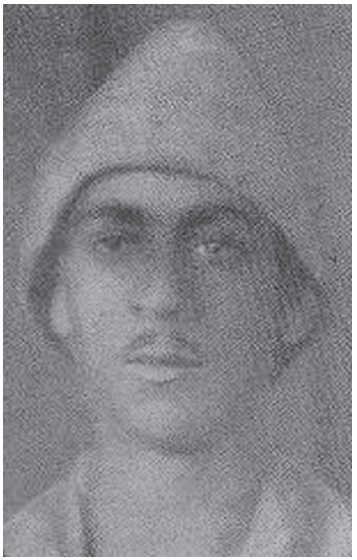
6° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública de São Paulo)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Sob o comando do tenente-coronel Indio do Brasil, o 6° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública de São Paulo operou no Setor Sul. Como soldado da 2° Companhia, Antenor de Oliveira e Silva tomou parte em diversos combates travados de Itararé a Buri, onde a luta foi mais intensa. Durante forte fuzilaria, morreu combatendo. Ali mesmo foi sepultado, como tantos outros, na vala comum dos heróis.

Dados Biográficos – Nascera Antenor em São Paulo, em 1901, filho do Sr. Leopoldo Silva e de D. Marcellina de Oliveira. Era casado.

ANTONIO ALVES DE ARAUJO

Batalhão Chavantes (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul



Muitas vezes faltaram aos nossos soldados elementos eficientes de ataque e de defesa. Escasso, escassíssimo era o número de armas automáticas. Daí a necessidade de fingir que as possuíamos. Metralhadoras leves ou pesadas, montadas sobre caminhões, passavam de trincheira a trincheira, de posição a posição, dando aqui uma rajada, duas mais adiante, para voltar logo mais, em vai e vem vertiginosos nos momentos mais árduos da peleja. Era assim a luta em São Paulo! Antônio Alves de Araújo conduzia um desses caminhões a pequena distância das trincheiras de Ribeirópolis. Numa das voltas que fazia dezenas de vezes por dia, um tiro de fuzil apanhou-o na nuca, dando-lhe morte instantânea. Era 21 de Setembro. Antônio viera de Ribeirão Claro, Estado do Paraná, incorporando-se ao Exército Constitucionalista em 1º de Agosto. Seu corpo, dado à sepultura à beira da estrada Ribeirópolis-Fartura, no local onde morrera, foi transportado mais tarde para Ribeirão Claro. Sua incorporação fora feita no Batalhão Chavantes.

Dados Biográficos – Natural de Santos, neste Estado, nascera em 3 de Outubro de 1914. Contava, pois, menos de 18 anos. Eram seus pais o sr. João Alves de Araújo e d. Aurora Alves de Araújo. Criado em sua terra natal, era ali muito conhecido, especialmente nas rodas esportivas. Trabalhava no comércio e era solteiro.

ANTONIO ALVES JUNIOR

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A bravura é um grande predicado. Por ela voluntários, sem experiência, se fizeram heróis. Mas quando essa bravura se junta à competência, então seu valor tornar-se muito Maior. Foi o que se deu com Antonio Alves Junior. Era maquinista da Sorocabana e foi aproveitado, no Setor Sul, em seu próprio oficio. Trabalhou, então, eficazmente. Em um dos reconhecimentos que fez, porém, na direção de uma locomotiva, foi infeliz. Ferido gravemente, foi hospitalizado em Sorocaba, onde morreu no dia 10 de Agosto.

ANTONIO AMARO

1° Batalhão do Rio Preto (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Mato Grosso

Português de nascimento, Antonio Amaro há muito se integrara com a nossa gente da cidade e do sertão. Morava em Tanabi. Iniciada a Revolução, fez parte da comissão local do M.M.D.C, a eficientíssima organização da retaguarda. Não ficou satisfeito, porém, com o valioso auxílio que ali prestava. Quis fazer mais. E, conhecedor da região do Porto do Taboado, tornou-se guia das tropas comandadas pelo capitão José Teixeira Pinto. A 12 de Agosto, ia ele à frente da tropa, próximo ao córrego do Jacu Queimado, quando, ao frontear a residência do Sr. João Wenceslau, uma força adversária atacou-a de surpresa.
Antonio Amaro foi o primeiro a cair, com um ferimento na cabeça, morto no mesmo instante. Seu corpo foi pelos adversários jogado ao rio Paraná, sem que os remanescentes da tropa que ele guiava – o 1° Batalhão do Rio Preto – pudessem dar-lhe sepultura cristã.

Dados Biográficos – Nascera Antonio Amaro em Castello Velho, Portugal, a 24 de Abril de 1891, filho do Sr. Eduardo Amaro e de D. Anna Amaro. Casado com D. Christina Martins Amaro, era comerciante e proprietário em Tanabi. Brasileiro naturalizado, exercera, por vezes, cargos públicos naquela cidade paulista.

ANTONIO AUGUSTO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Antônio Augusto, português de origem, era foguista na Estrada de Ferro Sorocabana quando estalou a Revolução Constitucionalista. Seus serviços foram requisitados. Ele, embora estrangeiro, pôs-se imediatamente à disposição para servir à causa que São Paulo defendia. E foi no seu posto de trabalho que no dia 8 de Agosto, entre as estações Muniz de Souza e Engenheiro Maia, foi ferido na perna, por inúmeros tiros. Transportado para o hospital de Sorocaba ali morreu alguns dias depois. Foi sepultado em Itapetininga.

Dados Biográficos – Nasceu em Portugal, no dia 12 de Abril de 1908, filho de José Varanda e de D. Maria Magdalena. Era casado com D. Sylvina Amelia e deixou uma filha de nome Amélia Augusto.

ANTONIO D'ANGELIS

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Natural de Sorocaba, Antonio D'Angelis, em meio da Revolução Constitucionalista, resolveu incorporar-se, como a Maior parte dos homens validos do Estado, ao Exército que se formara. Foi destacado para o setor de Campinas, onde tomou parte em duros combates. Acometido, porém, de gripe pneumônica, foi transportado para Sorocaba, onde faleceu em consequência da referida moléstia.

ANTONIO DE ARAUJO

7º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Antônio de Araújo era soldado da 1ª Companhia do 7º Batalhão de Caçadores Paulista, então sob o comando do tenente-coronel João Dias de Campos. Com a sua unidade bateu-se desde o princípio da revolução no Setor Leste, onde afinal tombou, durante um dos numerosos e terríveis combates ali travados. Foi sepultado no Cemitério de Itapira.

Dados Biográficos – Nascera Antônio de Araújo em Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 1904. Nenhum outro dado nos foi possível obter a seu respeito.

ANTONIO DE BARROS CESAR

4° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Quando Piracicaba deu os primeiros voluntários para a Revolução Constitucionalista, Antonio de Barros Cesar quis estar na vanguarda. Incorporado ao 4° Batalhão de Caçadores da Reserva, lutou no setor de Silveiras, no Setor Norte, até 9 de Setembro, dia em que, vitimado por um choque traumático, consequente à explosão de uma granada de artilharia, tombou numa das trincheiras da Serra da Bocaina.

Dados Biográficos – Professor público, natural de Piracicaba, onde nascera a 19 de Março de 1902, Antonio era filho do Sr. Arthur Ribeiro Barros Cesar e de D. Alice Ribeiro Cesar e irmão de Carlos de Barros Cesar, combatente do mesmo batalhão.

ANTONIO BELLO

12° Regimento de Infantaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Antônio Bello fazia parte do 12° Regimento de Infantaria que, em grande parte, passou-se, sob o comando do coronel Andrade, a defender a causa Constitucionalista. Como todos seus companheiros, honrou as tradições do histórico regimento que, em 1930, debaixo dos Maiores sacrifícios, lutou denodadamente, em Belo Horizonte, na defesa de seu quartel, pela causa da lei. Seu passamento deu-se em Silveiras, no dia 12 ou 13 de Agosto, em meio de renhido combate.

ANTONIO BIANCHI

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporou-se a um dos batalhões que seguiram para a frente, logo ao princípio da luta. Esteve em diversos combates, mantendo posições perigosas e de grande responsabilidade. No Batedor, flanco esquerdo do Túnel, no setor Norte, Antônio Bianchi distinguiu-se. E foi ali que, ao lançar uma granada de mão, perdeu a vida. O petardo explodiu antes de lançamento, estraçalhando-lhe a mão e ferindo-o gravemente no peito. Trazido para São Paulo e aqui hospitalizado, faleceu no dia 17 de Setembro. Foi sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Camillo Bianchi e de D. Maria Musette, Antônio Bianchi, nascera em Amparo em 2 de Dezembro de 1907. Solteiro, de vida morigerada, exercia, no anonimato da vida vertiginosa da metrópole, a profissão de empregado no comércio.

ANTONIO CAMARGO

4 º Esquadrão do Regimento de Cavalaria (Força Pública)
Exército Constitucionalista

Soldado do 4 º Esquadrão do Regimento de Cavalaria da Força Pública, seus serviços foram prestados, durante a Revolução, na guarda de locais e depósitos importantes da Capital. Esteve assim, na invernada do Bairro Branco, onde havia, em fins de Setembro, importante deposito de explosivos. Por causa ignoradas, esse deposito explodiu dia 29 desse mês, atirondo de maneira terrível a população dos arredores. Dos escombros foi retirado o corpo de Antônio Camargo, morto no cumprimento do seu dever de soldado. Está sepultado no Cemitério de Sant'Anna nesta capital.

Dados Biográficos – Antônio Camargo era paulistano, filho do Sr. Juvenal Rafique e de D. Bendicta de Camargo. Casado com D. Floriza da Conceição Camargo, deixou quatro filhos menores: Oswaldo, Elvira, Helena e Antônio. Tinha uma irmã: D. Vicentina Camargo.

São Paulo vencerá. Vencerá pela grandeza da causa do Brasil. Vencerá pelo poder dos seus exércitos, pela força das suas armas e da menor de todas as armas, a que não descalibra nem desraia, não se apressa nem se consome, não se liga na refrega nem se rende ao inimigo – a resolução inabalável de vencer.

VOLUNTÁRIO ANÔNIMO

ANTONIO DE CAMPOS COLLAÇO

Companhia Isolada de Santo Amaro (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

Incorporado à Companhia Isolada de Santo Amaro, sob n° 136, Antônio lutou com ela nos diversos combates travados no litoral paulista. Escapou com vida ao fim da luta. Trouxe, porém, das trincheiras, a moléstia insidiosa que um ano mais tarde o mataria, em Jaçanã, onde fora hospitalizado em virtude da sua doença. Foi um soldado digno da farda que o cobria e do ideal pelo qual lutava. Morreu em 31 de Agosto de 1934. Está sepultado no Cemitério São Paulo, nesta Capital.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Antônio Ribeiro Collaço e de D. Aurea de Campos Collaço, nascera Antônio em Cananéia em 16 de Março de 1907. Solteiro, trabalhava no comércio de São Paulo. Deixou os seguintes irmãos: Manoel, João, Laudiciana, Olga, Wanda e Carlos de Campos Collaço.

Estou louco que este estado de cousas termine, pois tenho um desejo imenso de vê-los. Se eu quisesse, poderia ir agora vê-los, pois tenho direito a um descanso, e, modéstia à parte, eu o mereço. Já perdi quase 8 quilos e a 28 e 29 do passado, só me alimentei a café e água açucarada. Nunca, porém, me consolaria, se durante a minha ausência houvesse um samba e eu não estivesse com o meu povinho! Acredito que nestes dois ou três dias tenhamos de dar nova lição aos inimigos. Que Deus, mais uma vez, nos proteja.

Tenente Coronel REGALO BRAGA

ANTONIO CANDIDO DA SILVEIRA

2º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Mais um dos valentes do 2º Batalhão de Caçadores Paulista tombado na defesa do Túnel, a posição invulnerável contra a qual se quebraram todas as arremetidas desesperadas das tropas ditatoriais. Antônio Candido da Silvaeira pertencia a 4ª Companhia e estava sob o comando do tenente coronel Octaviano Gonçalves da Silveira. Valente e ousado, conquistou em campanha o posto de 3º sargento. Tombou, varado por tiros de fuzil, em 15 de Agosto. Descansa hoje no Cemitério de Cruzeiro.

Dados Biográficos – Antônio Candido da Silveira era mineiro, nascido em Curvello, no ano de 1898, filho do Sr. Antônio Candido da Silveira e de D. Maria Magdalena da Silveira. Foi sempre um soldado disciplinado e ativo.

ANTONIO CASSANO

Batalhão 7 de Setembro (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Dedicado em extremo à causa a que se entregara, Antonio Cassano, sargento do Batalhão 7 de Setembro, incorporado nos primeiros dias da Revolução, não resistiu ao sacrifício que dele era exigido. Seu organismo fraquejou e terrível moléstia o consumiu em poucos dias. A 26 de Julho, faleceu ele em São José dos Campos depois de, embora muito doente, já ter prestado relevantes serviços à Campanha Constitucionalista.

Dados Biográficos – Nascido em São Paulo a 28 de Janeiro de 1910, era filho do Sr. Januário Cassano e de D. Caetana Cassano e irmão de D. Maria, casada com o Sr. Darcy Fonseca Lima e de D. Antonietta, casada com o Sr. Manoel Teixeira da Silva. Empregado no comércio conseguira uma posição de destaque entre os seus companheiros, pelo seu esforço e dedicação ao trabalho.

ANTONIO D'AMIN

7° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Com o n° 54, Antonio D'Amin foi incorporado à 3° Companhia do 7° Batalhão de Caçadores da Reserva, em Santos, a 26 de Julho. No dia seguinte, comandado pelo coronel Grimualdo Favilla, o batalhão seguiu para a frente de luta, tomando parte em diversas operações. Levemente ferido numa perna, obteve licença do comando para poucos dias de visita à família. Ao chegar, porém, a Itapetininga, o seu fuzil metralhador, carregado e destravado, disparou no momento em ele descansava. Cinco tiros alcançaram-no quase no mesmo lugar, em baixo do queixo, provocando o dilaceramento da parte superior da cabeça, nos pontos de saída dos projeteis e causando-lhe morte instantânea. Os socorros prestados pelos seus companheiros tiveram que reduzir-se a encaminhar o corpo ao serviço médico para embalsamento e entrega à família, que procedeu ao seu enterramento em Santos, no Cemitério do Paquetá. O Batalhão de Reserva de Santos prestou ao morto grandes homenagens, oferecendo à família o féretro e a carreta que o conduziu à necrópole.

Dados Biográficos – Santista, Antonio D'Amin nasceu a 2 de Janeiro de 1901, filho do Sr. João D'Amin e de D. Maria

de Jesus. Casado com D. Thereza D'Amin, deixou um filho, Nelson, com 10 anos de idade. Estabelecido com uma casa de comércio em sua cidade natal, gozava de largo círculo de relações. Era irmão do Sr. Daniel Sampaio, de D. Francisca Jesus da Costa, casada com o Sr. Manoel Seixas da Costa, e de D. Esther de Jesus Rodrigues, casada com o Sr. Carlos Fish Rodrigues.

ANTONIO DUARTE DA FONSECA

4° Batalhão 9 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Com a 3° Companhia do 4° Batalhão 9 de Julho, Totó Duarte, como ele era conhecido, partia, a 28 de Agosto, para a frente mineira de combate. Poucos dias pode lutar. A 4 de Setembro, em combate no morro do Gravi, subsetor de Itapira, um estilhaço de granada matou-o. Sua carreira foi curta. Bastou, porém, para demonstrar-lhe o valor.

Dados Biográficos – Nascido em Tambaú, a 20 de Outubro de 1905, era Antonio filho do Sr. Francisco Duarte da Fonseca, residente em Santos. Casado com D. Jandyra Medeiros Duarte, deixou um filhinho de poucos dias de idade. Tinha os seguintes irmãos: Alfredo, Antonia, Apparecida, Benedicto, Lourdes e Marietta Duarte da Fonseca. Possuia o senso de civismo em alto grau. Em 1930, foi um dos primeiros a se apresentar para o combate aos revolucionários de então. Era comerciante em café e cereais.

ANTONIO FERNANDES DE OLIVEIRA

2° Grupo de Artilharia de Montanha (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Gravemente ferido em Buri, a 29 de Julho, Antonio Fernandes de Oliveira, sargento do 2° Grupo de Artilharia de Montanha, faleceu no mesmo dia. Seu corpo foi sepultado em Campinas.

Dados Biográficos – Nascido em Rio Claro, a 21 de Janeiro de 1901, era filho do Sr. Rafael Tobias de Oliveira Sobrinho e de D. Aurora de Oliveira e irmão de Juvenal e Moacyr Tobias de Oliveira. Casado com D. Marianna Teixeira, deixou uma filhinha a que dera o nome de Zilda. Farmacêutico.

ANTONIO FRANCISCO AMARAL

5º Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Corneteiro do III Batalhão do 5º Regimento de Infantaria, servia no Túnel como ordenança do coronel Alexandrino Gaya, que comandava aquela unidade do Exército. Disciplinado, ativo e valente. Pouco antes de tombar, ferido de morte, dizia convicto e serenamente aos companheiros que morreria ao cumprir a primeira ordem que lhe fosse dada por seu comandante. E assim foi.

São Paulo, que é o orgulho do Brasil pelo trabalho, pela riqueza, pela cultura e pelo civismo, levanta-se como um só homem, para repor o Brasil no regime da lei.

MARIO BRANT

ANTONIO GOMES

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Um bravo quase anônimo, que sofreu a tortura de passar, ferido gravemente, três dias abandonado na terra-de-ninguém onde o combate fora travado. Levado ainda com vida para o hospital de Itararé, ali faleceu no dia 28 de Setembro, sendo sepultado no Cemitério local. As informações e seu respeito são escassas. Soubemos, apenas, que nascera em Santos, em 1902 e que foi ferido, por tiro, durante um combate.

ANTONIO JOÃO DOS SANTOS

2º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Antônio João dos Santos foi vítima da fatalidade. Saiu dos tiros inimigos em toda a primeira semana de luta, para tombar pelo tiro da arma de um companheiro que dormia e, acordado por um pesadelo, viu nele um inimigo contra quem disparou o fuzil, matando-o. Foi no dia 24 de Julho no setor do Túnel. O valente e heroico 2º Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, cuja resistência tornou invicta a difícil posição, perdera um dos mais bravos dos seus elementos. Está sepultado em Cruzeiro.

Dados Biográficos – Natural de Pontal, nascera Antônio em 1903, filho do Sr. João Antônio dos Santos e de D. Silveria da Conceição. Incorporou-se a Força Pública em Agosto de 1927. Em campanha, foi promovido a cabo de Companhia de Metralhadoras.

Este movimento que inflamou as nossas almas, serenas, mas inquebrantáveis, de pacíficos trabalhadores, é uma reivindicação irreprimível de direitos tão sagrados, que, abertamente, ninguém, nunca ousaria contestar!

UM CIDADÃO PAULISTA

ANTONIO MANOEL ALVES

3° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Veterano da Força Pública, alcançara em anos sucessivos de esforços o posto de 1° sargento, posto em que partiu com a sua unidade – Companhia de Metralhadoras do 3° Batalhão de Caçadores Paulista – para o Setor Norte. Valente e capaz, foi promovido em campanha ao posto de 2° tenente. No comando de um troço de homens, morreu combatendo em defesa tenaz da sua posição, em Ingaçaba, a 21 de Setembro. Comandava o seu batalhão o tenente-coronel João Ferreira Leal.

Dados Biográficos – Desde 1919, Antonio Manoel Alves se destacara no seio da sua milícia. Nesse ano, pela sua atuação durante um surto grevista, recebeu elogios individuais do secretário da Justiça; em 1922, tomou parte na repressão ao movimento revolucionário comandado pelo general Clodoaldo da Fonseca, em Mato Grosso; em 1926, recebeu, conferida pelo presidente da República, a medalha de valor militar, pela sua cooperação contra os revoltosos de 1924; e em 32, seus atos de bravura valeram-lhe o galão de oficial combatente da Força Pública. Era Antonio Manoel natural de Guaratinguetá, nascido em 1895, filho do Sr. Antonio Manoel Alves e de D. Antonina Alves da Costa. Era casado.

ANTONIO MARIA

6º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Como soldado da 3ª Companhia do 6º Batalhão de Caçadores Paulista, sob o comando do tenente coronel Índio do Brasil, Antônio Maria combateu pela causa paulista no setor Sul. No bairro do Capinzal, distrito de Guapiara, município de Capão Bonito, onde a luta por vezes assumiu caráter extremamente violento, perdeu ele a vida em 3 de Agosto.

Dados Biográficos – Filho do Sr. João Francisco e de D. Benedita Maria de Jesus, nascera Antônio Maria em São Luiz do Paraitinga, no correr do ano de 1889.

ANTONIO MILANESE

Batalhão da Liga de Defesa Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Antônio Milanese, incorporou-se à 3ª Companhia do Batalhão da Liga de Defesa Paulista, em 22 de Julho, seguindo no mesmo dia para frente de Cunha, onde tomou parte em várias refregas. Era um valente a cuja proximidade se acolhiam os menos aventurosos, reconhecidos ao seu valor. Por isso mesmo, quando uma rajada de metralhadora atingiu o sargento Milanese, na serra do Quebra-Cangalha, em Cunha, dia 25 de Setembro, outros vários soldados foram com ele para o hospital. Expirou no dia seguinte, sendo sepultado em Cunha mesmo. Posteriormente seu corpo foi trasladado para São Paulo.

Dados Biográficos – Filho de Antonio Milanese e de D. Josephina Pradella, nascera Antônio em Botucatu em 15 de Agosto de 1894. Casado com D. Annita Laurito Milanese, deixou quatro filhos: Wilson, Walter e Antônio Paulo. Era comerciante e sócio do bar Ponto Chic da Capital.

ANTONIO NAVES PRADO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

Partindo de Santos, Antônio Naves Prado rumou, vestido de camisa e calção caqui, para as trincheiras onde se defendia o direito de São Paulo e o Brasil viverem livres como livres souberam fazer-se. Depois, ninguém sabe o quanto ele foi soldado. Guardando-o no seu regaço, a morte escondeu os seus feitos e até o seu corpo, com o mesmo egoísmo com que a Mãe-Pátria guarda e esconde nos panteões os corpos dos seus heróis. Porque a morte também sabe escolher. Ela detesta os fracos e os covardes.

ANTONIO ORTEGA HARO

Batalhão Anhanguera (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Soldado da Companhia de Granadeiros do Batalhão Anhanguera, que tinha por comandante o capitão Caio Dias Baptista, partiu para a frente no dia seguinte ao da sua incorporação: 29 de Agosto. Uma semana depois, nas proximidades de Itapira – exatamente a 4 de Setembro, no morro do Gravi – Ortega foi alcançado e morto num choque com o inimigo. Sepultado na própria trincheira, seu corpo foi mais tarde trasladado para Catanduva, onde residia.

Dados Biográficos – A 23 de Agosto de 1907, nasceu Ortega em Ipaussu. Residia em Catanduva, onde cursara o Instituto Vicente de Carvalho e o Liceu Nacional Rio Branco, bacharelando-se em ciências e letras. Já em 1930, tomara parte na defesa das fronteiras paulistas, incorporando ao 4° Batalhão de Cavalaria, sob o comando do tenente Adacto de Mello. Deu baixa desse batalhão em 25 de Abril de 1932. Logo depois, requereu alistamento no corpo de aviação do Exército, submetendo-se, a seguir, a observação de saúde no Hospital Militar. Não chegou, porém, a ter solução do seu pedido.

Bem sei que o momento é de ação. Ação enérgica e disciplinada. Assim, só a voz de comando deve ser a voz dominadora do dia, para a realização dos nossos objetivos. Ao se aprestar, porém, um pugilo de bravos à marcha para a guerra em que estamos empenhados, não faz mal que uma palavra de fé e de comovida admiração se faça ouvir em continência à bravura cívica.

DAGOBERTO SALLES

ANTONIO RIBEIRO JUNIOR

Batalhão Borba Gato (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Saiu de São Paulo, incorporado ao Batalhão Borba Gato, comandando a sua Segunda Companhia. Recém-egresso do Batalhão Escola, recebeu, para partir, os galões de 2º tenente. Em Itapetininga, acumulando o comando também da Terceira Companhia foi o responsável pelo policiamento da cidade e do campo de aviação, diariamente bombardeado pelos aviões da ditadura e onde a sua energia se mostrou forte na ação e na iniciativa. Promovido a 1º tenente, em meados de Agosto, foi mandado para a frente de luta, comandando as mesmas subunidades e lá assumindo o comando de todo o batalhão. Portou-se dignamente e com tal bravura que logo lhe foram conferidos os galões de capitão. Nesse posto foi ferido em combate. Trazido para Itapetininga, faleceu no Hospital de Sangue em 15 de Setembro.

Dados Biográficos – Nasceu Antônio Ribeiro Junior na Capital, em 16 de Dezembro de 1908, filho do Sr. Antônio Ribeiro e de D. Adelaide Figueiredo Ribeiro. Irmãos, deixou José, Manoel e Adelaide Ribeiro. Era solteiro e foi sepultado em Itapetininga.

ANTONIO RODRIGUES DE OLIVEIRA

Batalhão Nossa Senhora da Aparecida (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

No batalhão que tinha o nome da padroeira do Brasil. Nossa Senhora da Aparecida, Antonio Rodrigues de Oliveira, deixou São Paulo para combater em prol da Constituição. Notícias muito vagas dizem que ele morreu combatendo. Não informaram, porém, em que setor. Nada mais se soube. Nem mesmo quem era. O mistério que o envolve integra-o na lista não pequena dos soldados anônimos e heroicos que São Paulo teve ao seu lado desde o dia primeiro do primeiro tiro de guerra à ditadura.

ANTONIO ROSER

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Os dados biográficos sobre Antônio Roser são deficientes. Presume-se, apenas, que deveria ter pertencido a um dos batalhões de emergência da Força Pública ou que se tivesse incorporado a um dos batalhões dessa milícia que estavam atuando no Setor Sul. O certo, no entanto, é que Roser morreu, de armas na mão, combatendo pelo ideal que empolgava todo o povo de São Paulo, no dia 26 de Setembro, no hospital de Itapetininga, para onde fora transportado em consequência de grave ferimento por tiro de fuzil que recebera. Foi sepultado nessa cidade, sendo anos mais tarde seus restos mortais transferidos para o Mausoléu de 32 na capital. Antonio Roser era brasileiro e contava 28 anos de idade, presumíveis.

São Paulo acolhedor dos filhos de todos os outros Estados da União, como de toda gente, de todas as outras raças, tem nesse espírito de cosmopolitismo bem entendido, a força do seu desenvolvimento espantoso. Aqui, meus amigos do Pará, todos nós nos sentimos bem num clima de congraçamento espontâneo, sem os exclusivismos desnecessários, que nada creiam e nada constroem.

ARMANDO MENDES

ANTONIO DOS SANTOS

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Não era esse o seu nome de batismo. No, entretanto, desde pequeno os seus deram-lhe o nome de Antonio, esquecendo-se, com o tempo, que em realidade ele se chamava Jorge. Alistando na Força Pública, esteve em campanha como soldado do 5° Batalhão de Caçadores Paulista. Morreu em combate.

Dados Biográficos – Natural de Bragança, onde nascera em 1915, era filho do Sr. João dos Santos e de D. Elvira dos Santos. Brasilio, Sebastião, José e Catharina dos Santos eram seus irmãos. Escassas informações obtivemos a respeito deste moço, tombado em campanha aos 17 anos.

ANTONIO SILVEIRA

3° Companhia (Corpo de Bombeiros)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Os soldados do Corpo de Bombeiros, denodados que têm o perigo embargando os seus passos todos os dias, souberam lutar em 32 com a mesma serenidade e a mesma firmeza que empregam na luta constante contra o fogo dos incêndios. Antônio Silveira era um soldado do fogo, incorporado à 3ª Companhia., sob o comando do capitão José Pinto de Oliveira, Embarcando a 28 de Julho para a trincheira, voltava algum tempo depois com um estilhaço de granada incrustado no pulmão. No Hospital Militar, expirou em 28 de Setembro. Está sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Nascido em Atibaia, em 1911, era Antônio filho do Sr. Bendito Silveira e de D. Jovina Maria Silveira. Morreu solteiro.

ANTONIO DE SOUZA LANDIM

Integrante de Unidade do Corpo de Bombeiros
Exército Constitucionalista do Setor Norte

3º sargento do Corpo de Bombeiros, Antônio de Souza Landim seguiu para a luta sob o comando do capitão José Pinto de Oliveira, em 28 de Julho. Instrutor granadeiro, foi comissionado no posto de 2º tenente. Em Pinheiros, flanco esquerdo da linha de resistência no setor Norte, ele instruiu no manejo de granadas as tropas em operações. Durante uma lição, explodiu lhe na mão uma granada. Ferido gravemente, faleceu momentos depois. Era dia 8 de Setembro.

Dados Biográficos – Mineiro, filho de Monte Santo, tinha 35 anos de idade, pois nascera em 1897. Seus pais eram o sr. João de Souza Landim e d. Maria José de Jesus. Era casado com d. Anna da Silva, residente em São Paulo.

ANTONIO XAVIER DE MATTOS

4º Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Como elemento do 3° Batalhão do 4º Regimento de Infantaria Antônio Xavier de Mattos foi destacado paro Setor Norte de operações. São deficientes os dados biográficos colhidos sobre esse combatente, sabendo-se, contudo, por informações de companheiros de luta e de seus comandantes, que foi um bravo e valente soldado do Exército Constitucionalista. Morreu no setor de Cruzeiro, no dia 25 de Agosto.

A luta é nossa porque nossas armas assim querem e os bons brasileiros exigem; mais uns dias e poremos a nação no terreno em que merece e deve ficar para o benefício de todos.

ADOLPHO LEITE FILHO

ARGEMIRO ALVES SYLVESTRE

Batalhão 14 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Dos bancos da Faculdade de Direito, quase desertos naqueles dias inesquecíveis de 32, partiram muitos moços para as trincheiras constitucionalistas. Dentre estes, Argemiro figurava na dianteira. A mesma data marcou a sua incorporação e deu nome ao batalhão que o levaria para a gloria e para a morte: 14 de Julho. Pertenceu ao segundo pelotão da Terceira Companhia, lutou bravamente no Setor Sul e morreu com o olho esquerdo vazado por um tiro de fuzil, no momento em que se encontrava de pé para lançar uma granada do parapeito de uma trincheira que ocupava no combate do Cerrado. Sepultado ali mesmo no dia 18 de Setembro, teve mais tarde seu corpo levado para Amparo onde nasceu.

Dados Biográficos – Quartanista da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, professor do Liceu Coração de Jesus, do qual foi também aluno, sua memória recebeu deste estabelecimento de ensino várias homenagens, dentre as quais um cartão com os seguintes dizeres:

PROFESSOR ARGEMIRO ALVES SYLVESTRE
Filho de Sr. José Sylvestre Martins e de D. Maria Rita da Conceição Sylvestre. Nasceu em Amparo em 28 de Junho de 1904. Modelar ex-aluno do Liceu, quartanista de Direito, integrou o Batalhão 14 de Julho dando à São Paulo o máximo do seu contingente: a vida que perdeu heroicamente no combate do Cerrado a 18 de Setembro de 1932. Mestre incansável e dedicadíssimo do nosso Externato, a sua morte prematura, si bem que heroica, deixa um vácuo profundo em todos os seus colegas e discípulos. A ele conceda Nosso Senhor o descanso eterno.

Solteiro, deixou além de seu pai os seguintes irmãos: Martinho Alves Sylvestre, Eugenia Alves Sylvestre de Souza, Julia Sylvestre Dias, Brasiliano e Marcellino Alves Sylvestre, Leontina Sylvestre Loureiro, Ramira e Benedito Alves Sylvestre.

ARISTEU SYLVESTRE DE JESUS

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Funcionário do Instituto do Café, deixou o emprego, incorporando-se, em 12 de Julho, em um dos primeiros corpos de voluntários partidos para o combate. No Setor Norte, em 30 de Agosto, quando fazia perigosa patrulha de reconhecimento, além das trincheiras de Villa Queimada, um tiro de fuzil atingiu-o em plena fronte, matando-o instantaneamente. Foi sepultado onde tombou.

Dados Biográficos – Nasceu Aristeu Sylvestre de Jesus em São José do Rio Pardo, em 3 de Setembro de 1907, filho do sr. Avelino de Jesus e de d. Maria Sylvestre de Jesus. Solteiro, deixou, além dos pais, três irmãos: Maria Magdalena de Jesus, Avelino de Jesus e Agenor de Jesus, este casado com d. Alzira Vicentina Alves.

ARISTEU VALENTE

Batalhão 23 de Maio (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Incorporado ao Batalhão 23 de Maio operou no setor Leste, até 18 de Agosto. Nesse dia, com mais dois companheiros, sob o comando de Manoel dos Santos Sobrinho, preferiu morrer a entregar-se numa posição situada na linha Lindoia-Socorro. Foram quatro os que tombaram juntos massacrados pela força adversária.

ARISTIDES XAVIER DE BRITTO

2° Regimento de Cavalaria Divisionário (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado ao 2° Regimento de Cavalaria Divisionário, lutou bravamente no Setor Norte. Embarcado aos primeiros dias da revolução, foi também dos primeiros a completar o sacrifício da sua mocidade: morreu, varado por tiros de fuzil, dia 22 de Julho, apenas semana e meia depois de iniciada a guerra. Esteve sempre sob o comando do major Ary de Freitas.

Dados Biográficos – Campinas era sua terra natal. Ali nascera a 7 de Janeiro de 1912, filho do Sr. Salustiano Xavier de Brito e de D. Antonietta Xavier de Britto.

ARISTOTELES DE ABREU PATRONY

3° Batalhão de Caçadores Voluntários (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Itapetininga estava sendo bombardeada por aviões do Governo Federal. Verificou-se, em virtude da intensidade desse bombardeio, quase que pânico entre a tropa. Metralhadoras antiaéreas começaram de revidar. Civis e militares, brava, mas desorganizadamente, fazia fogo. Queriam atingir aviões. E foi em meio desse tiroteio, que Aristoteles de Abreu Patrony foi inopinadamente atingido no ventre por um tiro de fuzil. Transportado para o Hospital de Sangue em estado grave, o bravo voluntario não resistiu senão uma semana aos seus ferimentos, tendo falecido no dia 11 de Agosto.

Aristoteles ocupava o posto de 2° tenente do 3° Batalhão de Caçadores Voluntários, Companhia de Sapadores, e seguira para a frente, sob o comando do major Garrido, no dia 3 de Agosto.

Dados Biográficos – Nascera em São Simão, em 1887, e era filho do Sr. Miguel Patrony e de D. Thereza de Abreu Patrony. Deixou os irmãos Miguel Patrony Filho; João, Elias, Eurides Patrony e D. Maria de Lourdes Oliveira, casada com o Sr. Mario de Oliveira. Foi casado com D. Maria Petrony e deixou uma filha menor de nome Wanda. Era químico. Seu sepultamento se deu em Itapetininga.

ARMANDO AUGUSTO

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista do Setor Mato Grosso

Sargento telegrafista do Quartel General da Força Pública, Armando Augusto preferiu, ao estalar da Revolução Constitucionalista, servir a um setor de mais ação. Foi para as trincheiras, de Porto Taboado onde trabalhou bravamente. As consequências desse esforço, no entanto, foram fatais para seu organismo, que nunca mais voltou a antiga forma, sucumbindo em 19 de Abril de 1936.

Dados Biográficos – Nascido em São Paulo no dia 23 de Dezembro de 1912, filho do sr. José Maria Pinto, já falecido e de d. Dorothea Barbosa Guerra. Deixou os seguintes irmãos: Manuel de Jesus Trindade, 1º tenente radiotelegrafista da Força Pública; sargento Theodoro de Oliveira Trindade; Antônio Pinto. Maria Palmyra Pinto, Porphyrio dos Santos Pinto.

ARMANDO BARBOSA

2° Esquadrão do Regimento de Cavalaria (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

No 2° Esquadrão do Regimento de Cavalaria da Força Pública, Armando Barbosa tinha o n° 279. Partiu para o Setor Sul sob o comando do Major Sebastião Amaral. Feito prisioneiro em campanha, foi transportado pelas forças adversárias para Ponta Grossa, onde uma febre tifoide o matou. Esteve hospitalizado no Hospital de Evacuação n° 1 e foi sepultado naquela cidade paranaense.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Manoel Barbosa e de D. Maria Sonato Barbosa. Armando nascera em São Paulo e completava 20 anos na época em que morreu.

ARMANDO BARROS

Batalhão 7 de Setembro (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Os primeiros a partir foram ocupar posições consideradas mais necessárias de manter a todo custo. Entre elas figurava como primeira e principal o Túnel, na fronteira São Paulo-Minas. Necessária se fazia a sua defesa intransigente pois que, comprometida ou entregue essa posição, estaria irremediavelmente comprometida toda o Setor Norte, cujo eixo de comunicações era Cruzeiro, a dois passos do Túnel. Perdido o Túnel, toda a extensa linha do Batedor até a extrema direita de Areias e do Morro Frio teve que ser retraida para estabelecer nova resistência na altura de Cachoeira. Para o Túnel foi o Batalhão 7 de Setembro e dentre os seus soldados, Armando de Barros, que ali morreu combatendo valorosamente.

ARMIR BUHRER

Integrante de Unidade do Exército Brasileiro
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Armir Buhrer fazia parte do grupo de pilotos paranaenses que ingressaram, em 1929, na Escola de Aviação Militar. Em 1931 foi transferido para o Destacamento de Aviação de São Paulo. Um ano depois, deflagrado o movimento, abraçou, também, o ideal que eletrizava todo o povo paulista, incorporando-se, por isso, em sua arma, no Exército que se formou. Desde logo teve ocasião de demonstrar suas ótimas qualidades de piloto, destacando-se em várias incursões que realizou. Morreu, a 28 de Agosto no Campo de Marte, quando fazia evoluções aéreas com um aparelho Newport. Seu corpo foi sepultado no Cemitério de Villa Mariana, quadra 42, letra U.

Dados Biográficos – Nasceu em Porto Amazonas. Distrito e Comarca de Palmeira, no Estado do Paraná, no dia 11 de Novembro de 1907 e era filho do sr. Conrado Buhrer.

ARNALDO VILHENA

6° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Arnaldo Vilhena, natural de Franca, ficou incorporado ao 6° Batalhão de Caçadores da Reserva e serviu ao Exército Constitucionalista, desde os primeiros dias de luta, no Sul. Fazia o serviço de ligação na frente de Buri. Depois de tomar parte em vários combates, foi atingido por estilhaço de granada no setor de Ligiana, precisamente a 15 de Agosto, dia de seu aniversário e, também, o em que as posições paulistas, naquele setor, foram atingidas por mais de mil tiros de canhão, além de intensa fuzilaria.

ARSENIO GUILHERME

9º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Vila Queimada foi um dos mais rudes setores da luta constitucionalista. Os combates assumiam, sempre, o caráter de grandes batalhas, não raro resolvidas a arma branca. Foi num destes combates entrechoques bravios que Arsenio Guilherme perdeu a vida. Alcançara-o um schrapnell. Seu corpo ficou retalhado e quase irreconhecível. E a 3ª Companhia do 9º Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública perdeu, nessa tarde de 17 de Agosto um dos seus mais jovens e bravos soldados. Para Jaú, onde reside sua viúva, foram, em 9 de Julho de 1934, transportados os seus restos, repousando hoje perto da família, depois de ter, por algum tempo, descansado no Cemitério de Cruzeiro.

Dados Biográficos – Mineiro, nascido em Araguari a 25 de Agosto de 1909, era filho do Sr. Possidonio Guilherme e de D. Rita Maria de Jesus. Era casado com D. Alice Abib Guilherme, não deixando filhos. Na Força Pública era querido pelo seu comportamento e disciplina.

São Paulo vencerá. Vencerá pela grandeza da causa do Brasil. Vencerá pelo poder dos seus exércitos, pela força das suas armas e da menor de todas as armas, a que não descalibra nem desraia, não se apressa nem se consome, não se liga na refrega nem se rende ao inimigo – a resolução inabalável de vencer.

VOLUNTÁRIO ANÔNIMO

ARY CAJADO DE OLIVEIRA

2º Regimento de Cavalaria Divisionária (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

No dia seguinte aquele em que iniciou-se a Revolução Constitucionalista, Ary Cajado de Oliveira incorporou-se ao Quartel Central dos Motoristas, em cujo serviço partia para a frente no dia 18 de Julho. Temperamento ousado, não se contentou com os serviços que prestava naquela repartição de campanha. Pediu e obteve a sua transferência para o 2º Regimento de Cavalaria Divisionária. Lutou pouco, porque foi um dos primeiros a tombar. No dia 23, quando municiava sua trincheira, em vai e vens do e para o Posto de Comando, foi apanhado por uma rajada de metralhadoras que lhe causou morte instantânea. Sepultado em Queluz, foi seu corpo mais tarde trazido para a Capital e inumado no Cemitério da Consolação.

Dados Biográficos –Natural de Guariba, neste Estado, onde nascera em 30 de Julho de 1907, Ary era filho do Sr. José Augusto de Oliveira e de D. Adalgisa Cajado de Oliveira e casado com D. Maria de Lourdes Cajado de Oliveira. Era irmão do Dr. Reynaldo Cajado de Oliveira, também voluntário, que, incorporado ao Batalhão Caçadores de Piratininga, também morreria em outra trincheira pouco tempo depois. Deixou os seguintes irmãos: D. Aurea, casada com o Sr. Sylvio Cajado de Oliveira; Sr. Horácio Cajado de Oliveira, casado com D. Odila Junqueira; D. Sylvia, casada com o Sr. José Raposo Junior; e senhorita Hilda Cajado de Oliveira.

Depois de um batalhar sem tréguas, em que foram atiradas contra nós as forças armadas de todo o país, teve a ditadura de se convencer de que elas não bastavam, para nos abater e humilhar. Improvisamos rapidamente todos os nossos meios de defesa e resistimos ao monstro, apoiados nas colunas de aço da opinião pública, impossível de ser vencida pelo canhão ou pela espada. Mobilizamos a indústria e o que produziu e está produzindo ultrapassa os limites da mais prodigiosa imaginação. A engenharia, ligada aos industriais e a beneméritos operários, que tudo deram, de boa vontade, para salvar a pátria, merecem de todos nós os mais entusiásticos agradecimentos e louvores. O mesmo cumpre-nos dizer da mulher paulista, cuja obra de assistência nos engrandece, engrandecendo-a.

UM VOLUNTÁRIO PAULISTA

ARY CARNEIRO FERNANDES

Batalhão 14 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A 12 de Julho, três dias depois, portanto, de iniciada a Revolução, Ary Carneiro Fernandes, incorporava-se ao Batalhão 14 de Julho, sob o comando do capitão Aristeu Leite Penteado. A data que deu nome ao seu batalhão, marcou também o dia da sua partida para a frente. Dois meses depois, a 18 de Setembro, morreu no combate do Cerrado, setor Sul.

Dados Biográficos – Era filho do Sr. José Ignacio Fernandes e de D. Dalila Carneiro Fernandes e irmão das senhoras: D. Julieta Rocha, Nazareth D. Faro, Ophelia Leite, Yolanda Barbosa, Inah Amsalak, Lilah Rodrigues, Gustava e Dulce Carneiro Fernandes e dos Srs. Romeu, José Ignacio, Oscavo, Olavo, Luiz e René Carneiro Fernandes, este também gloriosamente tombado em outro setor da luta. Formado pelo Ginásio do Estado, Ary Carneiro Fernandes prosseguia seus estudos na Faculdade de Direito, de onde saiu para se incorporar ao Exército da Lei.

ASCANIO BAPTISTA MARTINS SOARES

Batalhão Jauense (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Muitos oficiais, comissionados pelos diversos comandos por força da necessidade, deram provas exuberantes de capacidade cívica e militar. Muitos moços, arrancados do terra-a-terra de sua vida civil ao chamamento de São Paulo, mostraram-se capazes de desenvolver a mesma energia produtiva no campo de batalha. O major Ascanio não era militar. Não obstante, soube comandar e agir como militar. Os seus soldados do Batalhão Jauense estimavam-no. E aqueles que o acompanharam nas duras batalhas às margens do rio Paranapanema o respeitavam e queriam. Morreu vítima de um acidente; um dos rapazes sob o seu comando, em Bernardino de Campos,a 30 de Setembro, disparou ocasionalmente o fuzil que levava. E o projetil perdido atingiu na cabeça o Major Ascanio, matando-o. Desesperado, o causador do desastre tentou suicidar-se. Impediram-no. O corpo do valente Major foi transportado para Jaú e lá sepultado. Fora ali que ele se incorporara ao Exército Constitucionalista.

Dados Biográficos – A 18 de Fevereiro de 1899, nascera Ascanio Soares em Villa Nova, Estado de Sergipe, filho do sr. Francisco Martins Soares e de d. Maria Francellina Martins Soares. Casado com d. Leonor Martins Soares, deixou duas filhinhas: Maria Nazareth e Maria Thereza. Deixou também os seguintes irmãos: José, Geraldo, Francisco José, Thereza, Anna Maria e Lord Brasil Martins Soares.

AUGUSTO ANTUNES

Batalhão Catanduva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Este não morreu em combate. Artista que era, um pintor, Augusto Antunes, empolgado como quantos residiam em São Paulo, pela Revolução Constitucionalista, incorporou-se, logo no início da guerra, ao Batalhão Catanduva. Partiu para a frente. Combateu com firmeza e abnegação. Logo, porém, juntamente com inúmeros companheiros, foi feito prisioneiro e, a seguir, encaminhado para o presidio da Ilha das Flores. Tais foram, no entanto, as perturbações que atormentaram o espirito de Augusto Antunes nesse presidio, que companheiros e autoridades socorreram-no várias vezes, até que, melhor examinado, foi removido para o Hospital Nacional de Alienados, onde morreu no dia 27 de Setembro.

Dados Biográficos – Natural do Estado do Rio, onde nasceu em 1900, era filho do Sr. Victorino Augusto da Rocha e de D. Candida da Rocha. Conforme já informamos acima, Augusto Antunes exercia a profissão de pintor

Desumano e estúpido, o ataque sobre Campinas é, ainda, um ato de manifesta inutilidade. Não é com ele que as forças ditatoriais quebrarão o ânimo das tropas constitucionalistas e estabelecerão, no seio das populações civis, o terror propício ao avanço dos exércitos que combatem a lei. O assassino de populações inocentes provoca apenas a indignação geral e redobra o ardor guerreiro do povo. Lavrando o nosso protesto de brasileiros e de homens civilizados, contra essa violência abominável, esperamos que o Ministro das Relações Exteriores dê ao mundo e aos seus irmãos do Brasil, com a condenação formal do inominável delito, a prova de que ainda há, no Governo Ditatorial, quem se preocupe com o bom nome do Brasil e defender os nossos foros de nação culta. Se assim não suceder, concluiremos que o atual Ministro das Relações Exteriores não é o mesmo homem que, em carta celebre, por ocasião da última campanha presidencial, escreveu estas palavras: Desmandando-se assim, o governo perderá o respeito público. Colocando-se a autoridade fora da lei, não pode ser obedecida.

PLINIO BARRETO

AUGUSTO CORRÊA LEITE

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Poucos dias pôde Augusto Corrêa Leite lutar. Antes de findar o mês de Julho, nos primeiros embates com as tropas ditatoriais em São José do Barreiro, um estilhaço de granada matou-o instantaneamente. Em 26 de Julho foi sepultado naquela cidade paulista o Anspeçada Augusto do 5º Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública.

Dados Biográficos – A 25 de Setembro de 1893, em Pindamonhangaba, nasceu Augusto, filho de D. Benedita Maria da Gloria. Casado com D. Dolor Martins Leite, deixou quatro filhinhos: Benedito, Helena, Manoel, e Evilasio.

Não, senhores, o movimento paulista, essa onda que arrastou a um mesmo destino todas as classes sociais, no desabalo sem controle de todas as investidas, não promana de um simples conluio político, não tem a encabeçar-lhe quaisquer chefetes eleitorais, porque, acima e fora dos partidos, se consolidou no coração do povo e desse coração, somente dele, rebentou para a vitória final!

MANOEL VICTOR

AUGUSTO FIORDELICE

5º Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Atingido na cabeça por tiro de fuzil durante um sério combate travado na frente de Silveiras, faleceu em 12 de Setembro. Coincidindo esse combate com a retirada das nossas forças, seu corpo ficou na mesma trincheira onde tombara valarosamente. Augusto pertenceu à Seção de Metralhadoras do 5º Regimento de Infantaria.

Dados Biográficos – Natural de Ribeirão Preto, nascido em 17 de Fevereiro de 1909, era filho do Sr. Thomaz Fiordelice e de D. Luiza Marino. Era solteiro

AUGUSTO DE MORAES

4º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Toda a retirada exige sacrifício de vidas, coragem e disciplina para que se faça em ordem, metodicamente. Todas as retiradas feitas pelas tropas constitucionalistas foram garantidas por grupos de oficiais e soldados que se ofereciam para as linhas de resistência necessárias. Em Porto Barbosa, no Setor Sul de operações, a retirada de 12 de Setembro foi garantida apenas por dois homens: Augusto de Moraes, cabo, e Joaquim Nunes Cabral, tenente. Sozinhos, eles garantiram a evacuação das posições pelo resto da tropa. Foi um sacrifício majestoso. Ambos tombaram no posto. E tão unidos que, quando exumamos na beira da estrada Itaí-Itaporanga não houve como diferencia-los. No Cemitério de Itaí foram sepultados juntos e juntos foram dali levados para o de Araraquara, Augusto de Moraes pertencia ao 4º Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública.

AUGUSTO SATURNINO DE BRITTO

6° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Em Marilia, onde residia, apresentou-se no dia 1° de Agosto para incorporar-se na graduação de cabo da 7° Companhia do 6° Regimento de Infantaria, sob o comando do tenente Plinio Coriolano. Combateu no Setor Norte, com grande valor e desprendimento, até 6 de Setembro, data em que dois tiros de fuzil atingiram-no simultaneamente no coração e na cabeça. Nessa ocasião, seu pelotão defendia uma trincheira difícil na serra da Bocaina, flanco direito de Silveiras. Ali mesmo sepultado, foi mais tarde trasladado para o Rio de Janeiro, onde repousa no túmulo da família.

Dados Biográficos – Filho do engenheiro Saturnino de Britto e de D. Alice Saturnino de Britto, nascera em Santos, neste Estado a 11 de Junho de 1905. Tinha por irmãos Francisco, Maria e Clotilde Saturnino de Britto. Três escolas de agronomia foram por ele cursadas: a de Recife no início; a do Rio de Janeiro, a seguir, e finalmente, a escola Agrícola Luiz de Queiroz, em Piracicaba. Ali formou-se com distinção, dado o seu entusiasmo por aquela ciência. Adquiriu, logo depois, uma fazenda em Marilia, para pôr em prática o que aprendera. De lá saiu para incorporar-se ao Exército Constitucionalista, com o mesmo entusiasmo e sinceridade que punha sempre em todas as suas iniciativas.

AUGUSTO DE SOUZA BARROS

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Ao estalar a Revolução de 1932, os engenheiros de São Paulo foram os primeiros a se reunirem, afim de prestarem seu precioso concurso a causa. O governo os aceitou e os aplaudiu. Desde logo, do Instituto de Engenharia, começaram a sair levas e levas de profissionais, todos elevados, muito justamente, para os lugares de Delegados Técnicos, designados para dirigirem os trabalhos em todos os municípios do Estado. O Dr. Augusto de Souza Barros, distinto engenheiro paulista, foi designado para o município de Guararema, no posto de seu Delegado Técnico. Em consequência da Revolução, faleceu em dias de Julho, contando 43 anos de idade. O Dr. Augusto de Souza Barros, natural do Estado de São Paulo, era filho do Dr. Antonio de Souza Barros e de D. Augusta Loureiro de Souza Barros.

AUREO PAES

Batalhão Visconde de Taunay (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Aureo Paes veio de longe. Incorporou-se em Campo Grande no Estado de Mato Grosso e pertenceu ao 1° Pelotão, da 1° Companhia, do Batalhão Visconde de Taunay. Destacado para o Setor Sul, foi um dos bravos defensores da causa constitucionalista. No combate travado na Capela dos Ferreiras, daquele setor, foi atingido por tiro de fuzil. Transportado para a Santa Casa de Itapetininga, não resistiu a seus ferimentos, vindo a falecer no dia 16 de Setembro.

Dados Biográficos – Nasceu em Campo Grande e tinha 27 anos de idade. Era filho de Miguel Paes. Solteiro.

AYRES BENTO DE OLIVEIRA

Batalhão 7 de Setembro (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Foi um dos primeiros que acorreram ao apelo lançado pelo governo de São Paulo. Inflamado, desde o primeiro instante, pela ideia das reivindicações constitucionais que empolgavam todo o povo bandeirante, Ayres Bento de Oliveira incorporou-se, em São Paulo, no dia 11 de Julho, tendo seguido para a frente, a 22 do mesmo mês, no Batalhão 7 de Setembro, de que foi comandante até o dia em que a morte o derrubou de armas na mão.

Seu último combate deu-se em Engenheiro Neiva, no Setor Norte, onde recebeu ferimentos mortais. Transportado imediatamente para o Hospital de Sangue de Guaratinguetá, já nada foi possível fazer. Duas horas depois de ferido, Ayres Bento de Oliveira, com o mesmo sorriso que emoldurou os últimos momentos de tantos heróis, desaparecia do número dos vivos, deixando um sulco profundo de tristeza no coração de seus comandados e de saudade no coração de quantos o conheciam.

Dados Biográficos – Ayres Bento de Oliveira nascera em Caraguatatuba, no dia 27 de Novembro de 1903, filho do Sr. José Bento Rangel e de D. Sebastiana Felícia de Oliveira. Era casado com D. Helena de Simone Oliveira e deixou quatro filhos: Ada, Aladya, José e Ayres. Deixou, também, três irmãos: Paulo, Plinio e Benedito de Oliveira.

AYRTON ROXO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Um mês depois de começada a revolução, Ayrton Roxo apresentou-se ao centro de alistamento da Cavalaria do Rio Pardo, ao lado de outros valentes rapazes de Ribeirão Preto, de onde ele também procedia. Combateu nas linhas do sul do Estado. Gravemente ferido, na fazenda Santa Ignez, Ayrton arrasta-se até a beira do rio Paranapanema. A trincheira ia ser abandonada e ele não queria ser feito prisioneiro. Atirou-se ás águas turvas, buscando a margem esquerda, onde estaria entre os nossos. Suas forças não bastaram para o esforço. E o rio o arrastou. Um sitiante apanhando seu corpo, deu-lhe sepultura cristã, na fazenda Washington Luís, uma légua rio abaixo. 16 de Setembro marcou a sua morte.

Dados Biográficos – Natural de Ribeirão Preto, onde nascera a 8 de Setembro de 1908, era filho do farmacêutico Sr. José Paiva Roxo e de D. Maria de Lourdes Guimarães Roxo e tinha por irmãos Ubirajara e Clovis Roxo, todos residentes naquela cidade. Solteiro, comerciava em café na sua cidade natal. Ali formara-se no ginásio.

Quer dentro do Brasil, quer lá fora – no estrangeiro – o esporte de São Paulo tem dado provas, mais que bastantes, da sua eficiência e vitalidade. Estas provas foram dadas em épocas de plena tranquilidade, mas o momento, agora é muito outro. Resta que nele, nesta hora grandiosa, o esporte paulista venha demonstrar que é uma das grandes forças vivas do nosso São Paulo e do nosso Brasil.

ANTONIO PRADO JUNIOR

BELISARIO FERREIRA LIMA

5° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Lado a lado com 2° Batalhão de Caçadores Paulista, o Dois de Ouro da defesa do Túnel, combatia o 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria – o Três de Ouro da magnifica resistência do Exército Constitucionalista ás tropas invasoras. Comandava esta unidade o coronel Antônio Alexandrino Gaia.
E pertenceu a ela Belisario Ferreira Lima, soldado valente e esforçado. Ferido por um tiro de fuzil no ventre, duas semanas depois de iniciada a revolução, no dia seguinte, a 27 de Julho, morria ele no Hospital de Cruzeiro. Aquela cidade do Norte guarda o seu corpo na sepultura rasa n° 584 do Cemitério local.

Dados Biográficos – Foi no Estado de Goiás, na fazenda Alhas d'Água do município de Catalão, que Belisario Ferreira Lima nascera, a 18 de Fevereiro de 1913, filho do Sr. Virgilio Ferreira da Lima e de D. Maria Juliana de Jesus, residentes, com os demais filhos, Joaquim, Nestor, Virmondes, Manoel e Amazilia, em Goiandira, naquele Estado. Solteiro.

BENEDICTO ANTONIO PEDROSO

18° Batalhão de Cavalaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Por meio da biografia dos mortos da Revolução Constitucionalista vai ressaltando aqui e ali o que foi o empolgante movimento. Verifica-se quão unificado esteve o povo de São Paulo, não se podendo definir nem classes, nem idades e nem profissões. Benedicto Antonio era garimpeiro. Contava 40 anos de idade. Incorporou-se ao 18° Batalhão de Cavalaria de Campo Grande, lutou bravamente em prol do ideal comum que vibrava no coração do povo de São Paulo e de Mato Grosso. Em um combate ocorrido no rio Paranapanema foi ferido vindo a morrer em Mairinque quando a caminho de São Paulo.

Batalhão 14 de Julho, tu não mentiste e não mentirás ao teu nome que tem a eloquência de um símbolo e a força de um compromisso. Vencerás, com os teus irmãos do Exército, da Milícia Estadual e do voluntariado, que, como tu, quando desnudaram a espada, jogaram fora a bainha. Vencerás, com São Paulo, pela pátria comum. Vencerás, porque não há bastilhas que resistam ao sítio implacável das consciências livres, ao assalto das forças desencadeadas pelo espírito, à investida fulminante de um povo inteiro, fortificado pelas bênçãos de Deus, revestidos da couraça luminosa do direito, ungido pelo sangue dos heróis e dos mártires!

ALCANTARA MACHADO

BENEDICTO ARAUJO

Batalhão Marcilio Franco (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado ao Batalhão Marcilio Franco, auxiliar da Força Pública, Benedicto Araujo partiu de Campinas para o Setor Sul a 20 de Julho. Em guerra, não temia tomar parte nos trabalhos mais arriscados. Foi assim que, sempre pronto para os mais penosos deveres, avançou com uma patrulha de reconhecimento na estrada de rodagem de Capão Bonito a Guapiara, a 7 de Agosto. Estabelecido contato com o adversário, durante a escaramuça havida recebeu ele um tiro de fuzil no coração. Sepultado em Guapiara, foi seu corpo mais tarde transladado para São João da Boa Vista, onde lhe foram prestadas excepcionais homenagens.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Luiz Theodoro de Araujo e de D. Maria de Mello Araujo, nasceu Benedicto em São João da Boa Vista, em Abril de 1909. Descendia de antiga e respeitada família sanjoanense e era queridíssimo ali, onde ainda residem seus irmãos: José, Geraldo, João, Luiz, Maria e Anna Araujo.

BENEDICTO BRANDÃO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Quando a coluna Romão Gomes operou com felicidade e firmeza nos setores de Grama, Caconde, São José do Rio Pardo e outros, Benedicto Brandão esteve com ela. E lutou bravamente até que, atacado de grave enfermidade, veio para a retaguarda tratar-se. Em tratamento ficou, mesmo depois da guerra, vindo afinal a falecer a 22 de Maio de 1933. Nascido em Casa Branca, contava Benedicto 20 anos de idade e era filho do Sr. Bento Brandão.

BENEDICTO BUENO

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Procedente do Túnel, deu entrada no hospital de Cruzeiro, a 21 de Julho, Benedicto Bueno, soldado do Batalhão Bahia, gravemente ferido na cabeça, morrendo horas depois. Foi sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Nasceu Benedicto Bueno em Bragança, no ano de 1914, filho do Sr. Felix Napoleão Bueno. Solteiro ainda, ganhava a vida como lavrador naquele município, onde hoje repousam os seus despojos transladados de Cruzeiro.

BENEDICTO CARLOS BRUNINI

1° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

O 1° Batalhão de Caçadores da Reserva deixou São Paulo meia dúzia de dias, no máximo, depois de declarado o início da Revolução. Era um pugilo de moços, ardorosos e valentes. Vindo de Mato Grosso para incorporar-se ás hostes da lei, Benedicto Carlos Brunini, o Carlito alegre e pronto para brincar como lutar, pediu e obteve, licença, a 14 de Agosto para ir servir no 1° Batalhão de Caçadores da Reserva. Desta Unidade exclusiva de voluntários foram tirados elementos para compor a coluna que o capitão Boaventura tornou conhecida pelos seus atos de bravura. Carlito, com outros rio-clarenses, fez parte da coluna. A 12 de Setembro, a Coluna Boaventura garantiu a retirada das nossas forças para Silveiras, no início do retraimento para Engenheiro Neiva. Nesse dia, Carlito morreu com a cabeça atravessada por um tiro de fuzil. Ali mesmo foi sepultado.

Dados Biográficos – Benedicto Carlos Brunini nascera em Campinas a 27 de Maio de 1908, filho do Sr. Raul Brunini e de D. Alice Nunes Brunini. Residiu em Rio Claro, onde era estimadíssimo, motivo por que se considerava também um tanto rio-clarense. Residia ultimamente no Estado de Mato Grosso, onde comerciava. Solteiro ainda, deixou, além de sua mãe, oito irmãos.

BENEDICTO CORRÊA

Batalhão Fernão Salles (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Cabo da 2° Companhia, do 2° Pelotão, do Batalhão Fernão Salles, Benedicto Corrêa combateu, brava e eficientemente, no Setor Sul, durante todo o período da revolução. Morreu depois do movimento constitucionalista, em consequência de moléstia mental que contraiu nas trincheiras. Os dados biográficos sobre esse defensor da causa paulista são insuficientes, sabendo-se, apenas, que se incorporara em Caconde.

BENEDICTO DIAS DE CARVALHO

8° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Elemento disciplinado, consciente dos ideais que a Força Pública ia defender com a mocidade de São Paulo, combateu com vigor como soldado do 8° Batalhão de Caçadores Paulista, que operou no Setor Sul. A 16 de Agosto, em Guapiara, município de Capão Bonito, morreu lutando.

Dados Biográficos – Nascera Benedicto Dias de Carvalho em Paraibuna, no ano de 1898. Tomara parte, anteriormente, na revolução de 1930. Quando em Itararé, arriscou a vida salvando duas crianças de um incêndio.

BENEDICTO EGYDIO BARBOSA

2° Esquadrão do Regimento de Cavalaria (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Com o 2° Esquadrão do Regimento de Cavalaria da Força Pública, a que pertencia, Benedicto Egydio Barbosa partiu para o Setor Sul no dia 14 de Julho. Durante dezesseis dias combateu. A 30 do mesmo mês, gravemente ferido por tiro, foi hospitalizado, sem, contudo, resistir aos ferimentos. Faleceu pouco depois dos primeiros socorros recebidos no hospital. Está sepultado no Cemitério de Capão Bonito.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Praxedes Lino Barbosa e de D. Maria Izarina Monteiro Barbosa, nascera Benedicto em Taubaté, a 7 de Setembro de 1900. Deixou os seguintes irmãos: Gabriela, Benedita, Maria Antonia e Milton. E uma filha: Maria Zita Barbosa.

BENEDICTO FERREIRA DA SILVA

Batalhão Bento Gonçalves (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

O voluntário Benedicto Ferreira da Silva incorporou-se em São Paulo, no dia 11 de Agosto, sendo designado para o Batalhão Bento Gonçalves, que era comandado pelo tenente-coronel Urbano Cesar da Cunha Lessa. Participou de inúmeras ações de guerra no Setor Norte, até que, ferido por estilhaços de granada em Morro Verde, setor de Vila Queimada, morreu juntamente com outros companheiros, no dia 1° de Setembro.

Dados Biográficos – Nascera, provavelmente, em São Carlos do Pinhal, onde residia. Era filho do Sr. João Bruno Ferreira da Silva e casado com D. Sebastiana Ferreira da Silva. Não conseguimos o nome de sua progenitora.

BENEDICTO GAMA RICARDO

1° Batalhão de Engenharia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Quando se formou no Batalhão Operário, em Santos, Benedicto Gama Ricardo, que ali residia, incorporou-se a ele. Mais tarde, já na frente, foi transferido para a 4° Companhia do 1° Batalhão de Engenharia, sob o comando do major Milton da Silva Rodrigues, obtendo então as divisas de sargento. Ainda no princípio da luta, quando as nossas forças assediavam Engenheiro Bianor, Ricardo feriu-se gravemente com estilhaços de uma granada de mão que pretendia lançar contra o adversário. Recolhido a Santos, faleceu poucos dias depois de terminada a Revolução, em virtude dos ferimentos naquela ocasião recebidos. Está sepultado naquela cidade praiana.

Dados Biográficos – Nascido em Campinas, no ano de 1890, filho do Sr. João Ricardo, era Benedicto casado com D. Rosa Lourenço dos Santos e residia em Santos, exercendo a profissão de estivador.

BENEDICTO GONÇALVES RIBEIRO

3° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

No 3° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Benedicto Gonçalves Ribeiro era cabo, posto em que combateu na retomada de Mococa, nos combates do Córrego Raso, Ponte do Ignacinho e outros, no Setor Leste sob o comando do capitão Ferreira, da Coluna Romão Gomes. Durante o mês de Setembro, quando o deslocamento de tropas se fazia velozmente, em caminhões, para atender os pontos fracos da luta, Benedicto sofreu um desastre, ferindo-se muito. Hospitalizado no trem hospital da Companhia Paulista, faleceu dois dias depois, sendo sepultado em Limeira. A 22 de Abril de 1934, seus restos foram transladados para Mococa, que o recebeu com expressivas homenagens.

Dados Biográficos – Benedicto era filho do Sr. José Gonçalves e D. Leopoldina Theodora e nascera em Mococa, neste Estado. Era solteiro.

BENEDICTO JOSÉ DO CARMO

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Em um dos batalhões formados pela Força Pública, quando em Campinas, foi incorporado o voluntário Benedicto José do Carmo. Foi escalado para o 7° Batalhão de Caçadores Paulista dessa milícia e entrou em ação quase a seguir. Morreu em combate, no dia 25 de Setembro, no setor de Campinas, tendo sido sepultado nessa cidade, onde se encontra.

BENEDICTO LOPES DE SOUZA

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Com a Companhia do Batalhão Paes Leme que tentou a tomada de Pouso Alegre, a 21 de Julho, Benedicto Lopes de Souza – um nome entre a massa de nomes dos soldados da Revolução – combateu contra as forças ditatoriais e sucumbiu sob a avalanche dos seus tiros. Sepultado naquela cidade mineira, foi depois trasladado para o Cemitério São Paulo, na Capital.

BENEDICTO LOURENÇO DE OLIVEIRA

3° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Sargento do 3° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, com ele partiu para a frente de Eleutério, onde tomou parte em diversos combates travados nas proximidades de São José do Rio Pardo sob o comando do tenente coronel José Ferreira Leal. Em um desses combates, Benedicto desapareceu. Nem seu corpo foi mais encontrado.

Dados Biográficos – Nascido em são José do Rio Pardo no ano de 1903, Benedicto Lourenço de Oliveira era filho do Sr. João Assumpção de Oliveira e de D. Gertrudes Assumpção de Oliveira.

BENEDICTO PEREIRA

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Benedicto Pereira figura neste livro como soldado da Força Pública, incorporado ao 5° Batalhão de Caçadores Paulista, mas não há muitas notícias positivas sobre ele. Ferido no Setor Norte, feito prisioneiro em seguida, faleceu em virtude dos ferimentos recebidos, no campo de concentração de prisioneiros, para onde fora levado. Seu corpo, trazido para São Paulo, descansa atualmente no Cemitério de Taubaté, onde ele residia ao partir para a luta, durante a qual demonstrou extraordinário valor.

Dados Biográficos – Nascido em Taubaté no ano de 1904, era filho do Sr. José Benedicto Pereira e de D. Anacleta Conceição.

BENEDICTO PEREIRA DA SILVA

Batalhão Bento Gonçalves (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Componentes do Batalhão Bento Gonçalves, descansavam, no dia 1 de Setembro, após forte combate no Morro Vermelho, no Setor Norte. Aproveitando a passageira serenidade conversavam descuidados. Repentinamente, uma granada adversaria caiu exatamente no meio do grupo, sacrificando doze rapazes-soldados. Entre estes, Benedicto Pereira da Silva, voluntário incorporado aquele batalhão sob o comando do tenente coronel Urbano Cesar da Cunha Lessa.

BENEDICTO RODRIGUES DE ALMEIDA

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Benedicto Rodrigues de Almeida era soldado da Força Pública e pertencia ao 7° Batalhão de Caçadores Paulista dessa milícia e seguiu para uma das frentes de combate, sob o comando do coronel João Dias de Campos. Morreu em um dos combates no Setor Leste, não se sabendo, contudo onde foi sepultado.

BENEDICTO DOS SANTOS

9° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Segundo consta, Benedicto dos Santos pertencia ao 9° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública e seguiu para o Setor Sul de combate ao estalar da Revolução Constitucionalista. Morreu ás 19 horas do dia 21 de Julho, com o crânio fraturado num desastre de caminhão, quando seguia para a linha de frente na estrada Piraju-Itaí. Foi sepultado no Cemitério de Piraju. Contava 26 anos de idade e era solteiro.

BENEDICTO SERGIO

4º Batalhão de Cavalaria do Exército (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado à 1° Companhia de Desdobramento do 4° Batalhão de Cavalaria do Exército, Benedicto Sergio se apresentara a 20 de Julho em Taubaté, seguindo para a frente dois dias depois. Em Setembro, depois de haver tomado parte em inúmeras lutas, Benedicto foi ferido por estilhaços de granada no setor de Queluz. E um mês depois, a 22 de Outubro, falecia em virtude dos ferimentos recebidos. Está sepultado em Taubaté, sua terra natal.

Dados Biográficos – Nascido a 5 de Maio de 1912, era filho do Sr. Abel Pinto e de D. Maria Eugenia Pinto. Solteiro e operário, era irmão de Maria da Conceição, Raul, Geraldo, Lúcia e Tarcisio Pinto.

BENEDICTO MONTENEGRO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A Revolução Constitucionalista foi fértil em demonstrações magnificas de amor ao torrão paulista. Gente de todas as idades apresentou-se para a luta. Benedicto Montenegro é um exemplo. Com 19 anos incompletos apresentou-se e foi incorporado ao 4° Regimento de Infantaria, com ele tomando parte saliente em todas as operações de campanha. A 22 de Agosto um tiro de fuzil prostrou-o morto instantaneamente. Trazido para São Paulo, foi seu corpo sepultado no Cemitério da 4° Parada.

Dados Biográficos – Paulistano, nascido em 1913, Benedicto era filho do Sr. Raymundo Montenegro, e de D. Mathilde da Silva Montenegro. Solteiro, deixou os seguintes irmãos: Cesar, casado com D. Nathalia Montenegro; Barnabé, casado com D. Olinda Montenegro; D. Thereza, casada com o Sr. Hercilio Cunha; D. Benedicta, casada com o Sr. José Fonseca; Alfio e Mathilde, solteiros.

Brasileiros de São Paulo: Mais uma vez o destino entrega aos filhos desta terra a tarefa portentosa de lutar a favor de uma grande nação. Pena é que essa luta nos obrigue a empunhar as armas. Mil vezes felizes seríamos se os nossos combates se travassem em torno das urnas, à sombra do regime da lei. Mas é certo que para lá caminhamos. Formam ao nosso lado as Maiores forças do país. A vitória da grande causa não poderá ser impedida. O vosso patrono, Campos Salles, diria, nesta altura, que o espírito protetor da República vela pelos destinos do Brasil. E uniria à vossa a sua sorte, na arrancada redentora.

DAGOBERTO SALLES

BENIGNO NOGUEIRA FRANCO

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Foi dos primeiros a seguir para o combate. Incorporou-se ao Batalhão Paes Leme, de que era comandante o capitão Pietcher. Como superior imediato, Benigno Nogueira Franco tinha Fernão de Moraes Salles, morto, como ele, no mesmo combate, travado ás portas de Pouso Alegre a 21 de Julho. Durante a refrega, foi atingido por um tiro de fuzil na testa. Por iniciativa do Bispo Diocesano daquela localidade mineira, foi sepultado no Cemitério local. Mais tarde, seu corpo foi trazido para São Paulo, sendo inumado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Benigno era quase menino quando se incorporou: nascera em Olimpia a 13 de Fevereiro de 1914. Em 1932, era estudante. Eram seus pais o Sr. José Carvalho Franco e D. Teda Nogueira Franco. Deixou os seguintes irmãos: Eudoxia, Raul, Padre Ortelho, Venina, José e Teda.

Bate-se São Paulo pelo restabelecimento da lei. Não almeja restaurar um regime de erros. Não pretende reviver ídolos. Não o preocupam pessoas, que estas são transitórias e passageiras, mas tão somente as novas diretrizes porque elas terão de nortear-se, se não quiserem ficar no caminho, sufocadas pelo pó das passadas que o seu povo está marcando na frente, abrindo ao país a nova e segura vereda da sua ressurreição.

DR. WALDEMAR FERREIRA

BENJAMIN CAPUSSO

Batalhão Bento Gonçalves (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Cabo do Batalhão Bento Gonçalves, Benjamim Capusso tinha o n° 36 do 2° Pelotão da 1° Companhia. Nesse posto, operou no setor Norte, até 1° de Setembro. Nesse dia, na posição que ocupava no Morro Vermelho, subsetor de Vila Queimada, foi ferido levemente por estilhaços de granada. Enquanto pensava os ferimentos foi atingido em cheio por uma rajada de metralhadora adversaria, tendo morte instantânea. Ali mesmo foi sepultado.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Angelo Capusso e de D. Albina Capusso, nascera Benjamin em Bragança, no ano de 1911. Era irmão de Antonio Capusso, como ele voluntario do Exército Constitucionalista. Residia em sua cidade natal, onde era comerciante

Venho falar ao povo de minha Terra, cônscio de que serei bem ouvido, tão somente pela grandeza da causa que defendo. A alma Paulista acaricia um sentimento generoso, bem de seu caráter nobre - o sentimento de gratidão para com aqueles que afirmaram, ainda uma vez, a capacidade moral da Terra de Piratininga. Esse sentimento, todavia, precisa ser exteriorizado de maneira tal, que as gerações vindouras, radiantes e jubilosas, sintam, como nós sentimos orgulho são e muito humano, de ter nascido nessa terra. Não é possível, vós bem o sabeis, que continuem em esparsos, nos diversos campos de Batalha, os despojos daqueles que, partiram, oferecendo a posteridade o exemplo Incomparável do heroísmo de um povo. Aqueles que, de armas na mão, tombaram combatendo os titãs de Piratininga, vão ser reconduzidos ao seio de sua terra. Os que tombara. pela Constituição, pelo Brasil e por São Paulo, Deve repousar do coração geográfico de nossa terra, da mesma maneira que vivem no coração paulista. E isso por iniciativa e concurso do Povo desta terra. As epopéias Bandeirantes, firmando gloriosas tradições para São Paulo, tiveram seu ponto culminante em Julho de 32, e é justo que um suntuoso Monumento simbolize o heroísmo de um povo em armas, contra o despotismo e a opressão. Paulistas, mais uma vez eu vos concito a cooperar com satisfação para vossa própria grandeza. O pouco que oferecerdes irá concorrer para saldar, em parte, o muito que devemos ao soldado Paulista. Lembrai-vos que São Paulo venceu; mas muitas vidas foram sacrificados em holocausto ao ideal. Coopere com a Comissão pro Monumento e Mausoléu oferecendo voz do concurso moral e material.

OSVALDO BRETAS SOARES

BENONI CARDOSO

1° Batalhão da Liga da Defesa Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Gravemente ferido na frente de Silveiras a 25 de Setembro, Benoni Cardoso foi imediatamente hospitalizado em Cunha, onde sofreu, logo que chegou, amputação de uma perna. Não resistiu, porém, a intervenção cirúrgica e faleceu no dia seguinte. Pertencia ele á 3° Companhia do 1° Batalhão da Liga da Defesa Paulista, tendo partido de São Paulo para a frente a 18 de Julho.

Dados Biográficos – Nascera Benoni Cardoso em Jacareí, aos 20 de Fevereiro de 1903, filho do Sr. Antonio Cardoso e de D. Julia Siqueira Cardoso e irmão de Marcolina e Orlando Cardoso. Foi, durante anos, empregado da Ligth and Power, na seção de pinturas.

BENTO ALVES DO NASCIMENTO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

Acostumado ao calor da terra santista, em cujas praias ia sentir a nostalgia esquisita de lugares onde nunca fora, daqueles lugares longínquos de onde vinha a brisa marinha, Bento Alves do Nascimento rompeu a rotina de sua vida para lançar-se ás agruras da guerra, porque ela era feita em nome de um ideal que era também o seu. Seu capacete de aço não se distinguia entre os outros milhares iguais. Seu nome não tinha expressão outra que os milhares de nomes escondidos sob o uniforme cáqui. Que é um nome para o soldado que luta? Morreu assim: anônimo, na grande plêiade anônima dos que se bateram pela Constituição. Do seu passado, da sua vida antes e durante a campanha, só restou o seu nome Bento Alves do Nascimento. Este nome aqui fica escrito, sem história outra que esta grande história: - morreu por São Paulo na Revolução Constitucionalista de 1932.

BENTO DE BARROS

Batalhão Barreto Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Ao Batalhão Barreto Leme, coluna Romão Gomes organizado em Campinas, incorporou-se Bento de Barros a 19 de Julho, passando a pertencer ao grupo extranumerário da 2° Companhia, como cabo padioleiro. Nessa função, operou no Setor Leste. Dedicado ao seu posto, muitas vezes arriscou-se em favor de feridos tombados sob chuvas de tiros. Na estrada que liga a cidade de Grama a Poços de Caldas, em terras da fazenda Totó de Mello, Bento de Barros morreu a 5 de Setembro, quando cumpria seu nobre mister, vitimado por um tiro de fuzil na cabeça. Ali foi sepultado mais tarde, depois de cessado o combate. A cidade de Araraquara, porém, reclamou o seu corpo, que hoje repousa no Cemitério local.

Dados Biográficos – Nascido em Santos, a 15 de Janeiro de 1905, Bento de Barros era solteiro e artífice.

BENTO CAMARGO

4° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Bento Camargo, que pertencia ao 4° Regimento de Infantaria prestou relevantes serviços à causa abraçada por São Paulo, desde o início do movimento revolucionário de 1932. Tomou parte em vários combates no Setor Norte, sendo afinal, atingido por um tiro de fuzil, em Silveiras, em plena luta. Transportado para o Hospital de Sangue de Cachoeira, não pôde resistir aos graves ferimentos que recebeu, tendo falecido no dia 26 de Agosto. Foi sepultado nessa última cidade.

BENTO SOARES

1° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Soldado da 4° Companhia do 1° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Bento Soares lutou durante toda a campanha no setor Leste sob o comando do tenente coronel Virgilio Ribeiro dos Santos. Durante a defesa de Amparo, a 18 de Setembro, tombou morto no seu posto. Está hoje sepultado em Amparo, que assim homenageia o seu valente defensor. Bento Soares era casado e filho do Sr. Lucas Cesar e de D. Joana Soares.

BERNARDO NUNES

Batalhão Marcilio Franco (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

No exército dos voluntários civis que se fizeram militares por amor a São Paulo – contava-se um bravo em Bernardo Nunes. Incorporou-se em Santos, na Legião Negra e partiu rumo ao Setor Sul, onde transferiu-se, em campanha, para o Batalhão Marcilio Franco. Entrou em vários combates. Demonstrou-se um soldado bravo e destemido. Em um deles, porém, travado em Apiaí, ainda no Setor Sul, foi atingido por um tiro de fuzil, morrendo instantaneamente. Não havendo tempo e nem recursos, no momento – tal era o calor do combate naqueles dias históricos – o corpo do bravo soldado, segundo declarações de companheiros seus, foi sepultado no próprio local em que tombou. São deficientes os elementos para traçar-se a biografia de Bernardo Nunes, que sempre se revelou um valente, disciplinado e bom soldado. Presume-se que nasceu na cidade de Santos, não se sabendo ao certo a sua idade.

BOLIVAR RIBEIRO BOAVENTURA

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Da família de Bolivar Ribeiro Boaventura, três irmãos estiveram a postos na arrancada constitucionalista. Dois morreram. E o que ficou, guarda a tradição de heroísmo e de valor da família. Bolivar incorporou-se em São Paulo, no dia 10 de Julho. Partiu a 15, como tenente do Batalhão Paes Leme, sob o comando do capitão Pietcher. Durante a campanha, não temeu missões difíceis. Numa delas, quando assentava um morteiro em posição avançada, o deslocamento do ar produzido por explosão de uma granada provocou a queda de uma arvore, que o alcançou, ferindo-o bastante. Hospitalizado em São Paulo, não melhorou. Transferido mais tarde para Campo Grande, no Estado do Rio de Janeiro, ali faleceu em consequência dos ferimentos, quase um ano mais tarde, a 5 de Maio de 1933.

Dados Biográficos – Nascera Bolivar no dia de Natal de 1891 em Batatais, neste Estado, filho do Sr. Theophilo O. Boaventura e de D. Helena Ribeiro Boaventura. Casado com D. Rosina S. Boaventura, deixou dois filhos: Helena e Rubens. Era irmão dos Drs. Oswaldo e Raul R. Boaventura; Irmã Dolores; Odette, Xerxes, Leonidas, Nair e Nelson R. Boaventura; e do capitão Lelio Ribeiro Boaventura, comandante da coluna que tomou o seu nome e operou valentemente no setor Norte; e de Yolando Ribeiro Boaventura, morto durante a luta em Vila Queimada.

BONIFACIO DIAS DE CARVALHO

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Soldado da Força Pública, Bonifacio Dias de Carvalho pertencia a 2° Companhia do 5° Batalhão de Caçadores Paulista, com ela partindo para o Setor Norte no dia 10 de Julho, sob o comando do capitão Odilon Aquino de Oliveira. Exatamente um mês depois, a 10 de Agosto, Bonifacio morreu em difícil combate havido em Vila Queimada. Foi sepultado no Cemitério de Cruzeiro.

Dados Biográficos – Bonifacio Dias de Carvalho era filho do Sr. Luiz Dias de Carvalho e de D. Maria da Conceição. Nascera em Bairro Alto, no ano de 1908. Solteiro, era militar de profissão.

Uma dádiva

Esta cena passou-se na sede da Liga de Defesa Paulista. Aproximou-se da mesa de recepção da correspondência para os soldados do batalhão da Liga que se acha nas linhas de frente uma mulher do povo. Senhora idosa, mechas de cabelos grisalhos escapando do lenço preto que trazia à cabeça, mãos ásperas, de veias salientes e pele encarquilhada, atestando longos anos de trabalhos duros, a voz hesitante dos humildes, Italiana autêntica, mal falando o português, explicou ao que vinha:

– Meu filho, que é soldado deste batalhão, me escreveu uma carta das trincheiras em..., me contando como é que eles vivem lá. E eu queria que os senhores me dessem licença para mandar um saco de biscoitos, feitos por mim, para todo o batalhão.
– Para todo o batalhão?
– Sim... se são todos irmãos de meu filho...

Camaradas do Exército! Quem voz fala, pela lógica de uma conduta jamais descontinuada através de sua vida, feita só no Exército, a serviço do Brasil, é o porta-bandeira do próprio Exército, unido, disciplinado e honesto, digno de uma nação digna.

General BERTHOLDO KLINGER

CAETANO DE SYLVIO

6° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

No Posto de Comando do capitão Honorio de Castro, o 1° sargento da 1° Companhia do 6° Batalhão de Caçadores da Reserva. Caetano de Sylvio riscava mapas de campanha quando uma granada adversaria, explodindo no telhado do Posto de Comando desmorando-o, soterrando Caetano. Retirado sob os escombros, poucos minutos a mais teve de vida. Estava mortalmente ferido nos rins e na espinha dorsal. A força de que ele fazia parte estava operando em Vitorino Carmillo, de onde o seu corpo veio para a Capital, sendo sepultado no Cemitério da Consolação.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Henrique de Sylvio e de D. Carolina Palmieri de Sylvio, nascera Caetano em São Paulo aos 17 de Julho de 1908. Casado com D. Maria Verardi de Sylvio, deixou dois filhos: Carolina e Henrique. Eram seus irmãos: Angelo, já falecido; Osiris, morto durante a Grande Guerra, em combate nos exércitos aliados; Romulo, casado com D. Benedicta Castro de Sylvio; Isis, casado com D. Brasilina Armentano de Sylvio; Cecilia, casada com o Sr. Humberto Rossi; e Magdalena de Sylvio, solteira. Caetano era perito-contador, tendo, por vezes, exercido cargos públicos de responsabilidade.

CANTIDIANO GUIMARÃES

5° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Soldado do 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria, da 7° Companhia, Cantidiano Guimarães seguiu para a frente, rumo ao Setor Norte, no dia 15 de Julho, sob o comando do major Antonio Alexandrino Gaia. Sua atuação inicial deu-se no setor do Túnel onde procedeu com dedicação e bravura. Partiu, depois, para outros pontos, junto ao seu batalhão. Sua morte, no entanto, não se deu em combate. No dia 13 ou 14 de Setembro, acidentalmente, recebeu um tiro de fuzil disparado por um de seus companheiros, tendo morte instantânea. O fato deu-se em Lorena, sendo seu corpo sepultado no Cemitério local. São deficientes os dados biográficos de Cantidiano Guimarães. Sabe-se, apenas, que nasceu em Goiás e que tinha, presumivelmente, 25 anos de idade.

CARLOS CANDIDO GOMES

5° Regimento de Infantaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

O tenente Carlos Candido Gomes operou no setor do Túnel comandando a 8° Companhia do 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria, desde 18 de Julho até 30 do mesmo mês, dia em que tombou, honrando o posto que ocupava. Está sepultado em Guaratinguetá.

Dados Biográficos – Nascido a 21 de Junho de 1898, era filho do Sr. Carlos C. Gomes e de D. Sarah Gomes. De seu consorcio com D. Carmen B. Gomes, deixou dois filhos: José e Carlos Augusto.

CARLOS FREDERICO LEIS

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista

Carlos Frederico Leis, ao estalar do Movimento Constitucionalista, ofereceu os seus préstimos – os préstimos de sua profissão de engenheiro – ao comando do Exército, sendo designado para o Corpo de Engenharia, em Quitauna. Lá foi encarregado dos trabalhos de preparo de munições em geral, em que se demonstrou um verdadeiro técnico. Em meio desses serviços, porém, foi acometido de grave moléstia de que veio a falecer no dia 9 de Setembro de 32.

Dados Biográficos – Brasileiro naturalizado, Carlos Frederico Leis nascera na Alemanha e contava 37 anos de idade. Era casado com D. Magdalena Leis e deixou dois filhos: Roland e Walter.

CARLOS GONZALEZ

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado em Bragança, a 16 de Julho, Carlos Gonzalez recebeu o número 154, na 5° Companhia (Coluna Bragantina) do Batalhão Bahia. Nesse mesmo dia seguiu com destino ao Túnel. Pouco pôde lutar. A 23 de Julho gravemente ferido, foi trazido para Cruzeiro, onde morreu pouco depois de chegar.

Dados Biográficos – Carlos era nascido em Bragança a 3 de Maio de 1911, filho do Sr. Francisco Gonzalez Bernal e de D. Maria Gonzalez. Esforçado e trabalhador, Carlos Gonzalez dedicava se ao comércio em sua terra natal. Estava noivo, ao partir, da senhorinha Raphaela Pelegrini.

CARLOS MATTIZ

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A causa revolucionaria abraçada por São Paulo, pelo ideal que a alimentava, era tão empolgante, seus movimentos eram tão céleres que, a princípio, não foi possível regularizar, perfeita e suficientemente, formando arquivos completos, a entrada das legiões de voluntários que se apresentavam, todas as horas, nos postos de alistamento. Está nesse caso, presumivelmente, o soldado Carlos Mattiz. Os dados que se possui sobre o mesmo são precários. Sabe-se, no entanto, que tinha 28 anos de idade, e que lutou com denodo em todos os combates em que interferiu. Faleceu em combate na Estação Ferroviária Ligiana, no Setor Sul, a 19 de Setembro de 1932 e foi sepultado no Cemitério Municipal de Itapetininga.

A mobilização industrial de São Paulo ao serviço da guerra, em que se coordenaram todos os esforços de nosso labor fecundo e se juntaram todas as reservas da nossa produção intensa e variada, é um acontecimento impressionante e prodigioso, onde melhor se pode notar o senso de ordem e de método, a lúcida noção de disciplina, a admirável capacidade de sistematização e de organização que sempre caracterizaram as realizações do povo paulista. Durante a grande guerra, os técnicos franceses que dirigiram a luta, puderam chegar à conclusão de que, para que cada soldado se mantivesse e combatesse nas linhas de fogo, era necessário o rendimento integral do trabalho de cinco homens na retaguarda. Pois agora, na guerra que estamos fazendo, a mesma coisa mais ou menos se passa. E para que não faltasse aos valorosos soldados da lei, que se estão batendo nas frentes de batalha, todo copioso material de toda a espécie de que carecem para a vitória foi preciso conjugar, dar forma e método, ao trabalho dos homens que ficaram e transformar, de um momento para outro, a nossa indústria de paz em indústria de guerra. Esta foi a empresa a que se propôs e vem realizando a Federação Industrial do Estado de São Paulo.

Perdi o braço esquerdo. Mas isso não é nada. Foi por São Paulo. Minha terra merece muito mais.

LUIZ DA SILVA

CARLOS SCHUMACKER

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Foi na fazenda Moraes, município de Queluz, que se deram os primeiros embates difíceis da campanha naquele setor. A fazenda Moraes era caminho para Engenheiro Passos. Dali, dos seus morros elevados e íngremes, os voluntários paulistas despejavam sobre as tropas de fuzileiros navais e do Exército ditatorial as suas escassas munições. E foi ali que, a 29 de Julho, Carlos Shumacker, o inglês-paulista, caiu varado de estilhaços de Schrapnell, depois de haver combatido apenas quinze dias. Seu corpo foi sepultado em Queluz.

Dados Biográficos – Carlos Schumacker nasceu em Londres, Inglaterra a 12 de Fevereiro de 1915, filho do Sr. Guilherme Schumacker e de D. Jandyra Schumacker, vindo para o Brasil com seus pais, durante aquele mesmo ano de 1915. Considerava-se paulista e como paulista foi que partiu para a luta em que sacrificou a sua vida. Era irmão dos senhores Frederico e Guilherme Schumacker.

CARMO CHIARETTI

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Soldado do 2° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, em cuja 4° Companhia tinha o n° 93, Carmo Chiaretti foi dos primeiros a entrar em fogo na famosa defesa do Túnel, onde foi gravemente ferido. Hospitalizado em Cruzeiro, ali faleceu a 29 de Agosto, sendo sepultado no Cemitério local. Carmo Chiaretti era militar de profissão e nascera em 1895.

CARMO TURANO

Batalhão Francisco Glycerio (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Em Ignacio Uchôa, Carmo Turano incorporou-se a 2° Companhia de Guerra Alta Araraquarense, subunidade do Batalhão Francisco Glycerio, coluna Romão Gomes, partindo com ela, a 19 de Julho, para a frente de São José do Rio Pardo, sob o comando do capitão Elpidio Silveira. Ferido gravemente durante a retirada de Grama, faleceu em São José do Rio Pardo a 17 de Setembro. Sepultado naquela cidade, em Outubro do ano seguinte, foram seus restos transladados para Cedral, onde reside sua família. Conquistara em campanha as divisas de sargento e aureolou a sua morte com um halo de heroísmo, pois suas últimas palavras foram um viva a São Paulo!

Dados Biográficos – Carmo Turano – Carminho, como era conhecido entre os íntimos e os camaradas de campanha – nascera em Rio Preto a 4 de Outubro de 1910, filho do Sr. Francisco Turano, e de Rosa Petreca Turano. Solteiro, tinha, não obstante, vastas relações sociais. Deixou os seguintes irmãos: Salvador, industrial em Ignacio Uchôa; D. Maria, casada com Vicente Garisto; D. Isolina, casada com Vicente S. Galante, também combatente de 32; D. Antonietta, casada com o Dr. Alvaro Réa; D. Assumpta, casada com Vicente Victagliano; e senhorinha Luiza Turano.

CAROLINO AMARAL RODRIGUES

8° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Abandonando os seus afazeres de corretor da Bolsa de Café, Carolino Amaral Rodrigues incorporou-se ao 8° Batalhão de Caçadores da Reserva, com ele seguindo para o Setor Norte. Em Agosto, combatendo nas trincheiras de Pinheiros, recebeu pesado ferimento. Trazido para São Paulo e aqui hospitalizado na Santa Casa, não resistiu, falecendo no dia 18 daquele mês.

Dados Biográficos – Nascido em Anápolis, neste Estado, a 22 de Abril de 1895, filho do Sr. Candido Augusto Rodrigues e de D. Carolina Amaral Rodrigues, Carolino residia em Santos onde, como dissemos, era corretor da Bolsa de Café. Seus irmãos Cassio, Carlos, Clovis e Celso Amaral Rodrigues também fizeram parte do Exército Constitucionalista. Era irmão, também das Sras. D. Cecilia, casada com o Sr. Plinio Ferraz; Candida, casada com o Dr. Oswaldo Lindenberg; e Cesarina, casada com o Dr. Lelio de Souza Aguiar.

São Paulo vencerá pelos recursos materiais e morais que lançou à peleja. São Paulo vencerá, porque avança a favor da corrente impetuosa que vai submergindo a ditadura impotente para represa-la. As hostes da ditadura não podem vencer, porque marcham a malgrado, cravejadas somente pela disciplina que desfalece aos revezes: porque combatem sem ideal, a única couraça que se amolga aos sofrimentos da guerra; porque se chocam pela frente com a metralha constitucionalista e pela retaguarda a hostilidade do povo. A revolução vencerá. A revolução é São Paulo com a Nação, contra um homem com um pequeno grupo de desfrutadores do poder. É um levante pela restauração da ordem legal contra a duração do poder discricionário. A vitória é certa. A vitória é iniludível. A vitória é infalível. Incumbe a vós, senhores generais, o dever de abreviá-la, antes que se desmantele a economia nacional, se consuma a riqueza do país, se arruíne o crédito público e pereça a fina flor da geração paulista que empunha as armas pela libertação do Brasil.

AUGUSTO MARIO CALDEIRA BRANT

CASEMIRO DIAS DE ALMEIDA

Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A 29 de Julho, o tenente Casemiro Dias de Almeida incorporou-se ao Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente. A 10 de Agosto tomou posição pela primeira vez, no setor Sul, sob o comando do coronel Pedro Dias de Campos. Destacado para comandar uma patrulha de reconhecimento, missão sempre reservada aos mais valentes e fortes, nela tombou, próximo a Serrinha, na linha de combate Itaporanga-Fartura. Foi sepultado naquela localidade e, mais tarde, foram seus despojos trasladados para Fartura, cuja população lhes prestou grandes homenagens. Casemiro morreu a 8 de Setembro, sendo elogiosamente citado em Ordem do Dia do comando, a 15 do mesmo mês.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Joaquim Venancio e de D. Isabel de Oliveira Dias, nasceu Casemiro Dias de Almeida em Itaberá, município de Fartura, no ano de 1905. Casado com D. Isaura de Freitas Almeida, deixou um filhinho de nome Osny, hoje totalmente órfão por ter sua mãe falecido um mês depois de seu valente esposo. Casemiro era irmão de Evilasio, Waldomiro, Adair, Olinda, Floriza, Maria, Carmen e Possidonio Dias de Almeida. Em 1930, tomou parte na revolução como sargento reservista que era do 2° Regimento de Cavalaria Divisionária. Sua memória foi cultuada em Presidente Prudente em uma de cujas ruas figura o seu nome. Na vida civil era dentista.

CELSO DE ALMEIDA SENNA

Batalhão Borba Gato (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Pai de numerosa família, aos primeiros movimentos de São Paulo pela constitucionalização do pais, Celso de Almeida Senna ofereceu ao Exército Constitucionalista dois de seus filhos: Edivaldo e Arguinaldo. A seguir ofereceu-se ele mesmo. Envergando a farda cáqui dos soldados da Lei, Celso partiu com a 1° Companhia do Batalhão Borba Gato, sob o comando do capitão Antonio Ribeiro Junior, a 18 de Julho, para o Setor Sulde combate. Seu valor elevou-o ao posto de 2° tenente. Próximo a Buri, ferido por um tiro de fuzil, foi feito prisioneiro. Embora ferido, fugiu, arrastando-se cerca de 20 quilômetros a procura de seu batalhão. Encontrado por uma patrulha, foi por ela levado a Itapetininga e ali hospitalizado. A hemorragia cansada pelo ferimento, os excessivos esforços da fuga exauriram-no. A 15 de Agosto, apesar de todos os cuidados, morreu no hospital. Como excepcional homenagem a sua bravura, o coronel Basilio Taborda permitiu a imediata trasladação do seu corpo, em trem especial, para Bragança, onde residiam os seus e onde lhe foram prestadas homenagens tocantes. Ali repousa ele hoje, em jazigo perpétuo doado pela Prefeitura Municipal.

Dados Biográficos – Celso de Almeida Senna era natural da Bahia, tendo nascido em 1877. Casado com D. Amelia Borba de Almeida Senna, deixou ele dez filhos; Aguinaldo e Edivaldo, também combatentes, apesar de não terem ainda vinte anos; Glycia Maria, Geraldo, Nelson, Aurea, Euvaldo, Cleta, Dalizia e Djalma.

CELSO DE MORAES PINTO

9° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

O 9° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública atuou no Setor Sul de operações, desde o início da revolução. N° 31 da sua 2° Companhia o sargento Celso Moraes Pinto, tomou parte com ele em diversos combates, inclusive no que se travou em Itaporanga a 8 de Agosto, dia em que tombou, morto, com um tiro de fuzil na cabeça. Foi sepultado naquela cidade sulina, onde ainda se encontra o seu corpo.

Dados Biográficos – Celso nascera em Caeteté, Estado da Bahia, no ano de 1896, filho do Sr. João de Deus Pinto e de D. Celsa de Moraes Pinto. Casado com D. Adelphia Acondizia de Moraes Pinto, não deixou filhos. Irmãos, tinha-os os seguintes: Honorato, Noberto, Catão, Priscilia e Francisca. Veterano da Força Pública, Celso tomou parte saliente nas revoluções de 24 e de 30, sendo várias vezes elogiado pela sua ação.

Não represento nenhum interesse de partido ou de facção. Sou apenas obscuro magistrado que tem procurado, modestamente, honrar sua toga, um brasileiro que cultiva carinhosamente um grande amor à nossa pátria e deseja ardentemente a felicidade de todos os que se abrigam à sombra de sua bandeira, num regime de ordem dentro da lei, como expressão da vontade geral e norma inviolável do poder; de modo que o mais humilde cidadão tenha assegurado o seu patrimônio jurídico, sua dignidade de homem livre.

WASHINGTON OLIVEIRA

CESAR MATHEUS

A Tribuna (Repórter-Fotográfico)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

A imprensa foi uma das grandes e poderosas forças da Revolução Constitucionalista. O seu incitamento diário, o otimismo que punha em seu noticiário, o reflexo fiel que foi do entusiasmo público, muito contribuíra para o espetáculo magnifico dado ao mundo por São Paulo em 32. Também a imprensa concorreu com sangue. Jornalistas diversos abandonaram as redações em busca das trincheiras, já para lutar como soldados do ideal, já para colher, em reportagens arriscadas, notícias para edições continuas. E alguns ficaram, olhos abertos para o céu de Piratininga, estendidos, projetados para o futuro pela morte. Cesar Matheus era repórter-fotográfico de A Tribuna, de Santos. Fora ás linhas de frente buscar aspectos inéditos. Trazia-os. Mas ao se aproximar de Pindamonhangaba, seu auto sofreu um desarranjo. Enquanto o motorista concertava-o, Matheus passeava pela estrada. Outro motorista apressado, porém, correndo doidamente sem dar aviso, surge de repente na estrada. Matheus não teve tempo de fugir e foi apanhado em cheio. Levado para o hospital de Pindamonhangaba, ali faleceu pouco depois – a 29 de Setembro. Morreu no exercício da sua profissão de repórter de guerra. Merece entrar para o pantheon dos mortos de 32.

Dados Biográficos – Cesar Matheus era espanhol de nascimento. Nascera em Granada aos 11 de Março de 1895, filho do Sr. Olochio Matheus e de D. Angelina Matheus. Casado com D. Aurelia Penha Mattos, deixou cinco filhos: Carlos, Liana, Cesar, Nair e Celso.

CESAR PENNA RAMOS

Batalhão 14 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Revolução Constitucionalista. São Paulo, 9 de Julho de 1932. Cesar Penna Ramos. Batalhão 14 de Julho. 1° Companhia do 2° Pelotão. Soldado número 55. Assim começou o bravo voluntário o seu diário de campanha. Conta que se incorporou dia 13. Dia 14 embarcou para o Setor Sul. Depois, descreve os vai e vens da luta: Itararé, Itapeva, Buri, Capão Bonito, Fundão, Cerrado, Serraria do Americano, Fazenda da Condóca, etc., Bombardeios, choques, avanços e retiradas. E, finalmente, quando já ferido, com o ventre varado por tiros de metralhadora, prisioneiro do adversário, entrega seu diário a um oficial médico que o atende e escreve com esforço, sob a data de 18 de Setembro:

Que sensação desgraçada o estar ferido sem esperança de socorro. Mamãe, adeus!

Sua bravura foi reconhecida pelas tropas adversárias, que lhe prestaram homenagens militares e sepultaram-no no Cemitério de Capão Bonito, de onde seus restos foram posteriormente transladados para Taubaté.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Virgilio Ramos Ortiz e de D. Maria da Gloria Penna Ramos, nascera Celso em Taubaté a 12 de Maio de 1908. Aos vinte anos, bacharelou-se em ciências e letras pelo Ginásio do Estado e em Março de 32, três meses antes da Revolução, recebera grau na Faculdade de Direito da Capital. Advogava desde os tempos de estudante. Era irmão dos Srs. Ramiro, Araldo, Edgard e Dr. Sylvio Penna Ramos. Era solteiro.

CESAR STRICHT

14° Bateria de Morteiros (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Era muito jovem. Teria 17 anos de idade. O sentimento patriótico tocou-o como a todo o povo paulista. Não discutiu. Não tremeu. Tomada a resolução de servir a guerra, incorporou-se em Quitaúna, no dia 8 de Agosto, tendo seguido para a frente no mesmo dia, junto a 14° Bateria de Morteiros, sob o comando de Jeronymo Ricardo de Mattos. Entrou em vários combates. Demonstrou-se um soldado exemplar. No dia 22 de Setembro, entrava em Ribeirópolis, quando foi atingido, na região abdominal, por tiro de fuzil. Hospitalizado em Pirajú, Cesar Stricht veio a falecer nos últimos dias de Setembro, sendo seu corpo dado a sepultura naquela cidade. Cesar Stricht, nasceu em São Paulo e contava 17 anos de idade.

CLARO LUZ FERREIRA

5° Regimento de Infantaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Pinheiros foi cenário de combates terríveis, talvez os piores do Setor Norte, excetuando o Túnel. No choque havido a 19 de Agosto, o sargento Claro Luz Ferreira recebeu um balázio na cabeça, morrendo instantaneamente.

Claro Luz honrou o seu batalhão: 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria, cuja atuação lhe valeu o codinome de 3 de Ouro. O comando da 2° Divisão de Infantaria em Operações promoveu-o a 2° tenente, por atos de bravura. Esteve em campanha, sem uma trégua, desde 16 de Julho.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Francisco Ferreira e casado com D. Anna da Luz Ferreira, Claro Luz, que nascera na Bahia no ano de 1899, deixou os filhos Wandir e Carlos.

CLAUDIONOR BARBIERI

Batalhão Baptista da Luz (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Em Silveiras, a 12 de Setembro, Claudionor Barbieri consumou o sacrifício da sua mocidade em bem do ideal que levou São Paulo à Revolução Constitucionalista. Incorporara-se ele a 9 de Agosto, em Piracicaba ao Batalhão Baptista da Luz, sob o n° 87 da 1° Companhia. Sua morte constou do boletim do comando do seu batalhão, com elogiosas referências. Foi sepultado no próprio campo de luta.

Dados Biográficos – Nascido em Bariri, em 26 de Outubro de 1914, Claudionor era filho do Sr. Carlos Barbieri e de D. Honoria Penachi Barbieri, solteiro, dedicava o seu tempo aos estudos. Eram seus irmãos: Montgolfier, Carlos, Joel, Floripes, Ulda, Circe e Nirce Barbieri.

CLINEU BRAGA DE MAGALHÃES

Batalhão 14 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Dia funesto para as nossas forças do Setor Sul, 17 de Setembro o foi especialmente para o Batalhão 14 de Julho, que nesse dia perdeu vários dos seus mais valentes soldados. Entre eles, Clineu Braga de Magalhães, componente de um grupo heroico que isolado e cercado por forças adversárias no combate do Cerrado, resistiu com galhardia até a tomada de sua trincheira pela enorme onda de atacantes que a acometeu. Nos assentamentos do batalhão consta que o cabo de n° 22 do 2° Pelotão da 2° Companhia, Clineu Braga de Magalhães, foi um herói, morto em combate com um tiro no coração. Sepultado em Capão Bonito, foram seus restos trasladados para o Cemitério São Paulo, na Capital, a 10 de Outubro de 1932.

Dados Biográficos – Nasceu em Taquaritinga a 22 de Agosto de 1911, Clineu era filho do Sr. Renato Alves de Magalhães e D. Anália Braga de Magalhães. Cursava, em 1932 o 3° ano de Engenharia Civil da Escola Politécnica, curso em que demonstrou ser um artista nato, capaz de grandes realizações e de, também, captar amizades e simpatias sinceras, posteriormente demonstradas em várias homenagens de que sua memória foi alvo. Seu nome foi dado a uma das principais ruas de sua terra natal. Tinha ele três irmãos: Neusa, Paulo e Climene, esta senhora do Dr. José Leme Lopes. Anos mais tarde, a 17 de Setembro de 2016, Clineu teve o seu diário de campanha digitalizado e disponibilizado na rede mundial de computadores por intermédio de uma placa de QR CODE (ao lado) afixada em seu túmulo no Cemitério São Paulo durante uma homenagem que lhe foi prestada pela Sociedade Veteranos de 32 - M.M.D.C. que na ocasião lhe conferiu *post mortem* a Medalha Constitucionalista.

COSMO DOS SANTOS SENNE

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Na frente de Engenheiro Neiva, último reduto do Exército Constitucionalista no Setor Norte, morreu a 23 de Setembro o cabo do 2° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Cosmo dos Santos Senne. Morreu quando procedia a um reconhecimento, difícil missão reservada aos mais bravos. E ele, que estivera presente aos duros embates do Túnel, era o realmente.

Dados Biográficos – Baiano, nascera Cosmo na cidade de Brejinho, em 1905, filho do Sr. Manoel Cosme dos Santos e de D. Maria Celina Gozanga.

CURT MIRWALD

4° Batalhão de Caçadores Voluntários (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

No decorrer deste livro, nestas páginas consagradas a quantos deram seu sangue em holocausto à causa abraçada por São Paulo, apareceram muitos estrangeiros. São os que, diante do entusiasmo reinante, pelo ideal por que se formou o Exército Constitucionalista, não titubearam em empunhar armas e seguir para as várias frentes de combate. Entre estes contou-se Curt Mirwald, incorporado no 4° Batalhão de Caçadores Voluntários, na 5° Companhia da Brigada do Sul e que lutou até o último dia da revolução. Sua morte deu-se em circunstâncias especiais. Morreu no dia 3 de Outubro, num desastre de caminhão, próximo a capital de São Paulo, quando nossas tropas estavam se retirando. Foi sepultado em São Paulo.

Dados Biográficos – Nasceu em Memel, Alemanha, no dia 8 de Abril de 1899, filho do Sr. Germano Mirwald e de D. Thereza Mirwald. Era casado com D. Elizabeh Mirwald e deixou três filhos: Arnaldo, Henrique e Hans.

CUSTODIO DOS SANTOS PEDROSO

3° Companhia (Corpo de Bombeiros)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Ferido cruelmente em combate, Custodio dos Santos Pedroso não suportou a viagem, em ambulância, feita para o Rio de Janeiro como prisioneiro de guerra. Lá foi sepultado. Tinha ele, no Corpo de Bombeiros, o n° 206 da 3° Companhia.

Dados Biográficos – Custodio era filho do Sr. Francisco José Pedroso e de D. Escholastica Maria da Conceição, sendo natural de Guararema, neste Estado. Contava apenas 19 anos de idade. Era solteiro e, antes de ingressar naquela corporação, exercia o oficio de pedreiro.

M. M. D. C.

Quando da memorável jornada de 23 de Maio, que marcou o início da grande campanha militar em que São Paulo ora se empenha, quatro destemidos jovens paulistas tombaram no campo d aluta, banhando com seu sangue moço a bandeira de nossas altas e nobres reivindicações. Homenagens significativas evocaram-lhes a memória imperecível, em empolgante movimento de consagração. Mas isso não era bastante. Era indispensável que os nomes dos abnegados lidadores da causa paulista ficassem mais intimamente ligados à revolução que os fizera suas primeiras vítimas. Daí a ideia de se dar à guarda paulista uma denominação que bem de perto os lembrasse a todos os paulistas. Mas, como? As dificuldades todas, porém, desapareceram afinal com o adotar-se a solução de se compor, com as iniciais dos nomes dos quatro mortos queridos, o designativo do batalhão em que se alistariam seus irmãos de ideias. Nasceu assim o M. M. D. C. – duradouro preito de veneração à memória de Miragia, Martins, Drausio e Camargo, precursores da vitoriosa campanha constitucionalista. Ao pronuncia essas consoantes, voltem-se pois, todos os paulistas para o exemplo dignificante dos primeiros heróis da jornada máxima.

Do Jornal Estado de São Paulo de 16/07/1932

DAGOBERTO FERNANDES DE GASGON

2° Batalhão de Engenharia do M.M.D.C. (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Segundo tenente da 1° Companhia do 2° Batalhão de Engenharia do M.M.D.C., Dagoberto Fernandes de Gasgon prestou assinalados serviços ás forças constitucionalistas, principalmente no subsetor de Vila Queimada, em que os esforços da engenharia foram tão grandes quanto os das forças combatentes. A 17 de Setembro, vítima de terrível moléstia contraída durante a luta, o tenente Gasgon faleceu no Hospital do Isolamento, nesta Capital. Quando ele morreu o capitão Joaquim do Amaral Mello, comandante da 1° Companhia do 2° Batalhão de Engenharia o elogiou em ordem do dia, promovendo-o ao posto imediato de 1º tenente e declarando: - *O seu nome há de ficar esculpido em ouro na história desta Cruzada Santa que todos nós defendemos e que ele soube defender com ardor e abnegação de filho extremoso*.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Domingos Fernandes de Gasgon e de D. Gabriela de Paula Fernandes de Gasgon, nascera Dagoberto em Rio Claro, neste Estado, a 8 de Julho de 1901. Residente em Santos, era lente dos ginásios Luso-Brasileiro, Municipal Santista, Associação Instrutora José Bonifácio e do Lycey Feminino. Arquiteto e urbanista, articulava com erudição sobre essas difíceis especialidades, colaborando na *A Tribuna*, *Folha de Santos* e *Comércio de Santos*. Formado pela *Ecole do Génie Civil*, dedicara-se inteiramente a sua profissão, nela conquistando posição de relevo. Dagoberto Fernandes de Gasgon era irmão de José Baptista, Paulo, Gabriel e Albertina Fernandes de Gasgon, que também prestaram, em vários setores, ativos serviços à Causa Constitucionalista.

DANIEL PEREIRA DE ANDRADE

1° Batalhão da Milícia Civil (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Cabo do 1° Batalhão da Milícia Civil incorporado à Coluna Romão Gomes, Daniel Pereira de Andrade apresentara-se para a luta nos primeiros dias da Revolução, partindo imediatamente para o subsetor de Prata, em São João da Boa Vista. Combateu até 8 de Setembro, dia em que tombou, morto instantaneamente por um tiro de fuzil que lhe perfurou o pulmão esquerdo de cima para baixo. Está sepultado em Casa Branca, em tumulo perpetuo oferecido pela Prefeitura local.

Dados Biográficos – Daniel era jauense, nascido a 11 de Novembro de 1903, filho do Sr. Manoel de Andrade e de D. Isabel Pereira de Andrade, residentes atualmente em Bariri. Solteiro, dedicava-se ao jornalismo e exercia as funções de escriturário do Tesouro do Estado, na Capital, ao tempo de sua incorporação. Era irmão de Noemi, Lydia, Esther, Dario, Isabel, Paulo, Augusta, Wasthi e Urias Pereira de Andrade. Sobre seu tumulo, em Casa Branca, seus pais mandaram gravar a seguinte inscrição: - *Aquele que confia no Senhor, à sombra do Altíssimo descansará*. 11-XI-1903 a 8-IX-1932.

DANTE MARTELETTI

2° Batalhão Esportivo (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Dante Marteletti foi uma das cinco vítimas de um desabamento de trincheira ocorrido nas proximidades de Pinheiros a 25 de Agosto. Pertencia ele ao 2° Batalhão Esportivo, e se incorporara a 15 do mesmo mês. Na ocasião do desastre estava servindo sob as ordens do capitão Epaminondas A. Sandin. Sepultado em Cruzeiro, foram seus restos mais tarde trasladados para o Cemitério do Araçá, em São Paulo.

Dados Biográficos – Filho do Sr. José Marteletti e de D. Maria Verinizzi Marteletti e irmão de Armando, casado com D. Ercilia Bertoni; Eugenio, casado com D. Lourdes Aranha Marteletti; Helena, casada com Alberto Puccinini; Victorio, Ludovico e Elvira Marteletti, Dante nascera em São Paulo a 8 de Julho de 1911. Mecânico da Light and Power, era muito relacionado nos meios esportivos, principalmente no Clube de Regatas Tietê, de que era sócio. Estava para casar-se com a Zuleika Zulian.

Nós estamos aqui, todos de pé e em armas. Chamaram-nos de separatistas porque procuramos não só libertar São Paulo como todo o Brasil, desse estelionato civil que queria fazer de nós escravos. Não somos separatistas... É mentira. Nós deixamos nossas casas numa comunhão de ricos e de pobres, de operários e patrões, para nos defendermos. Nossas mãos calejadas pelo trabalho pegaram em armas, para que sobre a sepultura da nossa dignidade não colocassem um epitáfio de lama.

IBRAHIM NOBRE

DARIO FERREIRA MARTINS

4° Batalhão de Cavalaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

Soldado do 4° Batalhão de Cavalaria, Dario Ferreira Martins pouco tempo pôde combater. Alguns dias apenas. Durante um dos primeiros choques havidos no litoral, recebeu ele ferimentos tais que a 16 de Julho, em Ubatuba, faleceu em consequência deles. Está sepultado naquela cidade litorânea. Natural de Batatais, Dario era filho do Sr. Benedicto Baptista Matins e de D. Adelina Ferreira Martins. Era casado.

DAVID SILVA

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incendido da flama que palpitou no coração de todo o povo paulista, David Silva incorporou-se a um dos batalhões que se formaram, seguindo, imediatamente, para o Setor Sul. Sabe-se que foi um bravo. Lutou com denodo, morrendo, em meio de renhido combate que se travou nas proximidades de Itapeva, no dia 29 de Agosto. Foi sepultado no Cemitério de Itapeva, na sepultura n° 340.

DELMIRO SAMPAIO

Batalhão Batalhão Santo Amaro (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

No combate travado pela Companhia Isolada do Batalhão Santo Amaro, em Lageado, distante sete quilômetros de Xiririca(Eldorado), frente Sul-litoral, Delmiro Sampaio morreu a 2 de Outubro, alcançado em cheio por uma rajada de metralhadora. Ele se afastara dos companheiros na direção do adversário a ponto de desarticular-se. Pressentido, foi visado e morto. Sepultado no próprio local de sua morte, seus despojos foram posteriormente trazidos para Santo Amaro.

Dados Biográficos – Delmiro Sampaio era natural de Pernambuco e contava, aproximadamente, 22 anos de idade. Era um rapaz alegre e folgazão, muito conhecido pelo apelido de Pernambuco.

DILERMANDO DIAS DOS SANTOS

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Grandes exemplos foram dados ao Brasil, em 1932, pela mocidade paulista, entusiasta da causa que a sua terra defendia. Meninos ainda vestiram o uniforme cáqui e lutaram como homens. Uns voltaram. Outros não. Dilermando era também menino. Mesmo assim incorporou-se ao Batalhão Paes Leme, sendo incluído na 2° Companhia sob n° 276 do 2° Pelotão. A 14 de Julho, era soldado. A 15, embarcava para o Setor Norte. A 1° de Setembro, depois de ter curtido todas as amarguras das trincheiras ininterruptamente batidas pela artilharia e pela fuzilaria adversaria, um estilhaço de granada rompeu-lhe o crânio, matando-o num instante. Sepultado na própria trincheira, seu corpo foi depois trazido para a Capital.

Dados Biográficos – Em carta destinada à sua progenitora, Dilermando contou, ao partir, porque partia:

Alistei-me com vários colegas de classe, porque todos que tinham calça comprida foram; por isso fui. Eu sei que vai sentir muitas saudades de seu filho, mas isso não é nada porque eu vou em defesa de São Paulo.

Este valente era filho do Sr. José Corrêa dos Santos e de D. Izaura Dias dos Santos. O único filho homem. Eram suas irmãs Idalia e Coralia. Estudante do Ginásio S. Luiz, nascera Dilermando Dias dos Santos em Taquaritinga a 15 de Outubro de 1916.

DIMAS MARIA

Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Dimas Maria pertenceu ao Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente. Foi dos primeiros a se apresentar e seguiu para umas das frentes de combate sob o comando de Miguel Brisola de Oliveira. Era considerado um valente. Sua disciplina foi sempre louvada. Morreu quando tentava atravessar o rio Paranapanema, carregando um metralhadora, por ocasião da retirada de Piraju, em fins de Setembro. Seu corpo foi encontrado muito tempo depois, nas margens do rio que lhe foi fatídico. Seus despojos estão sepultados em Piraju. Dimas Moreira era trabalhador ambulante, razão pela qual, certamente, não foi possível colher melhores dados sobre sua vida.

DIOGENES MUNIZ BARRETO

Batalhão Barreto Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Diogenes Muniz Barreto era cabo e tinha o n° 30 no 2° Pelotão da 2° Companhia do Batalhão Barreto Leme, coluna Romão Gomes. Incorporado em Campinas a 19 de Julho, a 27 do mesmo mês seguiu para o Setor Leste. Lutando no setor de São José do Rio Pardo e ocupando posição na Fazenda Totó de Mello, situada na estrada de Grama a Poços de Caldas, foi ferido em Agosto, durante renhido combate, em diversas partes do corpo. Feito prisioneiro foi hospitalizado em Poços de Caldas, onde ficou em tratamento. Com seus sofrimentos agravados em virtude de tratamento inadequado, foi removido, após terminada a lutam para a Santa Casa de Araraquara, onde já não pôde ser salvo, A gangrena tomara conta do seu corpo. Assim, entre dores terríveis, faleceu Diogenes a 8 de Dezembro, quatro meses depois de ferido. Está sepultado em Araraquara.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Justo Muniz Barreto e de D. Anna Sampaio Barreto e irmão de Demosthenes, Irayde e Alexandrina Muniz Barreto, nascera Diogenes em Agudos, a 2 de Março de 1910. Era solteiro e exercia a profissão de contador.

DIOGO OLIVER

5° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Foi no Túnel famoso e invencível que Diogo Oliver, cabo do 3º Batalhão do 5° Regimento de Infantaria caiu, atingido no peito por tiros de fuzil, a 27 de Julho de 1932, depois de quinze dias de luta. Seu corpo repousa no local de tantos combates heroicos, no alto da Serra da Mantiqueira.

Dados Biográficos – Nasceu em Itapira a 12 de Novembro de 1911, filho do Sr. Florencio Oliver e de D. Eustachia Fernandes e irmão de Agostinha e Antonio Oliver. Solteiro e comerciante, prestava o serviço militar, para o qual fora sorteado.

Já a luta fratricida se alastra, ameaçadora e tremenda, por outras unidades da União brasileira, sem que, entretanto, se disponha o poder central a um movimento de abnegado patriotismo. É a guerra civil, generalizada e odienta, no se cortejo de blasfêmias e maldições. É a guerra civil, despovoando os lares, enlutando viúvas inconsoláveis, orfanando criancinhas meigas, hoje desamparadas do braço paterno, lançadas amanhã nas incertezas de um futuro sempre mais escuro e tenebroso. É a guerra civil, levantando barreiras entre cidade e cidade, entre Estado e Estado, quebrando laços que se apertaram na comunhão da pátria, destroçando amizades que se criaram na paz e no trabalho. É a guerra civil, é o Brasil maculado na sua civilização cristã, é o Brasil diminuindo aos nossos próprios olhos, é o Brasil enfraquecido e desconsiderado perante estranhos, presa fácil e cobiçada de ambições traiçoeiras e incontidas. E quando, amanhã, por sobre os campos onde se degladiaram irmãos de sangue, de crenças e ideais, luminosa e rutilante surgir a estrela da vitória, haverá um único vencido, um só: – o Brasil, o nosso grande estremecido Brasil.

Dom DUARTE LEOPOLDO E SILVA

DOMINGOS ALLEMAGNA

Batalhão 9 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Morreu Domingos Allemagna a 4 de Setembro, atingido na cabeça por tiros de metralhadora quando defendia a posição que ocupava no morro do Gravi, próximo a Itapira, onde foi sepultado. Era ele cabo da 1° Companhia do 4° Batalhão 9 de Julho, tendo se incorporado em São Paulo a 18 de Agosto.

Dados Biográficos – Natural de Jaboticabal, nascera a 26 de Dezembro de 1904, filho do Sr. Arturo Allemagna e de D. Josephina Fucciolo Allemagna. Viajava para a Casa Pratt quando se incorporou e era noivo da Dolores Martins.

São Paulo espera que cada um cumpra o seu dever

Se você não foi ainda mobilizado pelos Serviços Civis Auxiliares, aliste-se num batalhão e marche para as linhas de combate! Cumpra o seu dever! Cada soldado que vai para a frente de combate contribui para a garantia de nossa vitória. Ali perto há um posto de alistamento. Vá! Já se alistaram milhares de homens com destino às trincheiras. Seja um deles também! O seu lugar é ao lado deles. Em frente para a vitória!

DOMINGOS FELIX

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

O 2° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública foi um dos grandes baluartes da defesa do Túnel, perdendo ali muitos dos seus mais valentes soldados. Pertencia ao 2° Batalhão de Caçadores Paulista o cabo Domingos Felix, n° 132 da 2° Companhia, morto a 31 de Agosto no Hospital de Sangue de Cruzeiro. Nesse mesmo dia pela manhã, recebera ele, um mortal ferimento na cabeça quando combatia. Partira de São Paulo no primeiro dia de operações: 10 de Julho. E combatera sempre de maneira a honrar a sua farda de soldado paulista. Está sepultado em Cruzeiro.

Dados Biográficos – Solteiro, militar de profissão, Domingos Felix nascera em Poá, município de Mogi das Cruzes, a 5 de Agosto de 1911, filho do Sr. Lourenço Felix Dias e de D. Thereza de Jesus Dias. Casado com D. Cecilia Camargo Felix, havia entrado para a Força Pública apenas três meses antes do início da Revolução Constitucionalista.

DOMINGOS GIGLIO

Batalhão Floriano Peixoto (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A 10 de Agosto, no subsetor de Guapiara, município de Capão Bonito, morreu Domingos Giglio, atingido na cabeça por tiro de fuzil. Sargento do Batalhão Floriano Peixoto, incorporara-se nos primeiros dias da Revolução. Sepultado em Guapiara, foi trasladado para o Cemitério de Mococa a 22 de Abril de 1934.

Dados Biográficos – Motorista em Mococa, sua terra natal, nascera Domingos a 8 de Janeiro de 1906, filho do Sr. Vicente Giglio e de D. Maria José Cabrioli.

DOMINGOS FRANCISCO DE MEDEIROS

11° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado em São Paulo, ao 11° Batalhão de Caçadores da Reserva, do Batalhão Bento Gonçalves, Domingos Francisco Medeiros partiu para uma das frentes de combate, sob o comando do tenente coronel Urbano Cesar da Cunha Lessa. Segundo informações de oficiais e companheiros, foi um valente soldado, tendo se destacado em inúmeros combates travados no Setor Norte, onde se encontrou sempre na primeira linha. Foi, também, uma das vítimas dos estilhaços da granada que estourou em Morro Verde, no setor de Vila Queimada, no dia 1° de Setembro. O que mais influiu para a admiração que se formou em torno do Domingos Medeiros foi a sua idade. Tinha 50 anos e se portara, sempre, como um jovem, pela tenacidade e bravura. Seu corpo foi sepultado no próprio local em que tombou. Junto ao seu corpo foi encontrada uma ficha com o seu retrato e um endereço: Rua Christovam Diniz, 9.

DOMINGOS MASSULO

Batalhão Bahia (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Enquadrado em tropa regular, Domingos Massulo esteve incorporado ao 4° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, ocupando posição em Pinheiros, Setor Norte de operações. Ali morreu e foi sepultado a 22 de Agosto, um mês e pouco após a sua apresentação.

Dados Biográficos – Irmão de Angelina, Elvira e Maria Massulo e filho do Sr. Nicolau Massulo e de D. Maria Massulo, era Domingos natural de Rio Claro, nascido a 8 de Março de 1906. Ferroviário e solteiro, Domingos estava ultimamente trabalhando na São Paulo Railway Co.

DOMINGOS RAMOS DE OLIVEIRA

Batalhão Legião Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Foi soldado da Legião Paulista. Incorporado ao Exército Constitucionalista em obediência a um imperativo de servir ao seu Estado, no momento em que este levantou bem alto a bandeira constitucionalista, Domingos Ramos de Oliveira seguiu, desde logo, para a frente, rumo ao Setor Norte. Durante um renhido combate, em que tomou parte, foi ferido no dia 21 de Agosto. Hospitalizado em Cruzeiro, a despeito dos esforços médicos empregados, não pôde sobreviver, vindo a falecer sete dias depois, isto é, a 28 de Agosto. O bravo voluntário foi sepultado no Cemitério de Cruzeiro, na sepultura que tomou o número 345.

DONACIANO CARLOS DE SIQUEIRA

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Um outro mais dos valentes sacrificados do 2° Batalhão de Caçadores Paulista – Donaciano Carlos de Siqueira, sargento da 1° Companhia, combatente do Túnel, onde chegara, após estágios em Mogi das Cruzes, São José dos Campos e Cruzeiro, a 16 de Julho. Dia 22, menos de uma semana depois, seu corpo era sepultado a cinquenta metros distante da boca do Túnel, com o hemotórax varado por tiros de fuzil. Ainda se encontra lá.

Dados Biográficos – Soldado disciplinado da Força, Donaciano nascera na Bahia, cidade de Bela Flor, em data ignorada. Era filho do Sr. Irsolino Carlos de Siqueira e de D. Maria Rosa de Jesus.

DONATO VESSECHI

7° Companhia de Bombarda do Centro de Instrução Militar (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Inicialmente incorporado ao Batalhão José Bonifácio, Donato Vessechi passou posteriormente a pertencer a 7° Companhia de Bombarda do Centro de Instrução Militar da Força Pública, com a qual partiu para o Setor Norte a 28 de Agosto. Tomou parte em diversas operações, morrendo acidentalmente no dia 9 de Setembro, vítima de um tiro disparado pelo seu próprio fuzil, em Guaratinguetá. Foi sepultado naquela cidade.

Dados Biográficos – Lavrador, solteiro, Donato Vessechi nascera em Itapira a 9 de Outubro de 1909, filho do Sr. Francisco Vessechi e de D. Maria Antonia Palmeira.

DORIVAL GOMES

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

São deficientes os dados da incorporação do voluntario Dorival Gomes. Sua atuação, porém, é conhecida. Informações colhidas junto a seus companheiros dizem bem de sua bravura e de sua disciplina nos campos de combate. Morreu, nas proximidades de Faxina (Itapeva), no dia 24 de Agosto. Foi sepultado no Cemitério local, na sepultura n° 334.

DUBLINIO CERIBELLO

4° Batalhão de Cavalaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Fazia o serviço militar no 4° Batalhão de Cavalaria, aquartelado em São Paulo, quando iniciou-se a Revolução. Dia 10 de Julho partia com o seu batalhão para o Setor Norte, sob o comando do capitão Arthur de Azevedo Marques O'Relly. Além de Cunha, na estrada que vai a Parati, no Estado do Rio de Janeiro, recebeu ele um tiro de fuzil que o prostrou imediatamente. Foi sepultado no local onde morreu.

Dados Biográficos – Solteiro, exercendo antes de entrar para o exército a profissão de motorista e eletricista, Dublinio Ceribello era filho do Sr. Tranquillo Ceribello e nascera em Itu a 24 de Junho de 1907.

DULCIDIO CAMARGO GONÇALVES

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Dulcidio Camargo Gonçalves pertence ao contingente numeroso dos que foram sacrificados na heroica defesa do Túnel. Estava incorporado a 5° Companhia do Batalhão Bahia, constituída de voluntários bragantinos. Alistado a 14 de Julho, a 16 seguia para aquela posição. E a 5 de Agosto seu corpo descia

para o Cemitério de Cruzeiro. Mais tarde, seus despojos foram trasladados para Bragança, onde hoje repousam.

Dados Biográficos – Residente em Bragança, Dulcidio era nascido no distrito de Tanque, município de Atibaia, filho do Sr. Manoel Eleuterio Gonçalves e de D. Andrelina C. Gonçalves. Gozava franca estima em Bragança, onde era empregado no comércio.

DURVAL MOREIRA DO AMARAL

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

De Taubaté onde estava destacado, como sargento que era do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Durval Moreira do Amaral partiu diretamente para o Setor Norte a 10 de Julho. Valente, mereceu em campanha a promoção de 2° tenente, posto que honrou sobremaneira. Um dia, o seu comandante, capitão Odilon Aquino de Oliveira, reuniu seus oficiais e suboficiais e disse-lhes de uma posição perigosíssima que era preciso guarnecer. Não queria destacar. Pedia voluntários, pois que aquela missão representava inevitavelmente a morte. Durval apresentou-se. Com ele, Milton Ferreira. E ambos partiram para além um pouco do Morro Pelado, adiante de Silveiras. A 3 de Setembro, seu corpo foi trazido para a retaguarda e mandado para São Paulo onde, com grandes homenagens, foi sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Irmão de Walter, Deoclides, Gastão, Lourival e Dilermando do Amaral e filho do Sr. Euclydes Ribeiro do Amaral e de D. Ada Moreira do Amaral, nascera Durval em Santos aos 15 de Fevereiro de 1911. Casado com D. Celina Sampaio, deixou dois filhos: Pedro Mauricio e Ada, esta recentemente falecida. Por ocasião do seu enterramento, na Capital, seu pai disse a um jornalista: ...*orgulho-me da sua morte, pois ele soube ser um valente e uma consciência a serviço desta luta sacrossanta. O seu exemplo ficará como o melhor ensinamento para todos aqueles que ainda são crianças e não puderam servir ao glorioso Estado de São Paulo*.

EDGARD DE OLIVEIRA VASCONCELLOS

6° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

No setor de Pinheiros, no Setor Norte, Edgard de Oliveira Vasconcellos morreu de armas na mão, no dia 25 de Agosto, ao lado de vários bravos companheiros. Motivou a perda dessas vidas preciosas o desabamento de uma trincheira. Edgard ocupava o posto de suboficial, para o qual fora comissionado em virtude de sua bravura. Era natural do Norte do país, contava, presumivelmente, 23 anos de idade e fazia parte do 6° Regimento de Infantaria, na coluna Sandin.

EDMUNDO PLACIDO CHIAVEGATO

Batalhão Veteranos de Campinas (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

No hospital do Círculo Italiano, em Campinas, falecia a 3 de Fevereiro de 1933, Edmundo Placido Chiavegato, ferido em combate, no setor de S. José do Rio Pardo, Coluna Romão Gomes, exatamente cinco meses antes: a 3 de Setembro de 32. Até essa data, tomara parte com o Batalhão Veteranos de Campinas, a que pertencia, em rudes pelejas travadas naquele setor. Está sepultado em sua terra natal.

Dados Biográficos – Filho do Sr. João Chiavegato e de D. Regina Chiavegato, Edmundo Placido nascera em Campinas a 14 de Setembro de 1908. Solteiro, deixou muitas e solidas amizades.

EDUARDO ANTONIO DE PAULA

1° Companhia do Corpo de Bombeiros (Corpo de Bombeiros)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Sob o comando do capitão Joaquim Ferreira de Souza, o cabo Eduardo Antonio de Paula, da 1° Companhia do Corpo de Bombeiros, morreu em combate travado no Fundão, Setor

Sul de operações, a 17 de Agosto e foi sepultado no Cemitério de Capão Bonito. Mereceu os melhores elogios de seu comando pela atuação mantida em campanha.

Dados Biográficos – Eduardo Antonio de Paula era nascido em São Paulo no ano de 1910, filho do Sr. Antonio de Paula e de D. Anna Maria de Paula. Solteiro.

EDUARDO VIEIRA DE MELLO

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Num dos primeiros combates, travados em Cunha contra os fuzileiros navais, morreu Eduardo Vieira de Mello, soldado n° 31 da 2° Companhia do 2° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, a 20 de Julho. Atingido no peito por tiros de fuzil foi, depois de ferido assim, todo machucado a coronhadas. Está sepultado naquela cidade paulista.

Dados Biográficos – Casado com D. Laura R. de Mello, de cujo casamento deixou um filhinho de nome Alaurisio, Eduardo era nascido no Estado de Pernambuco, a 10 de Janeiro de 1901, filho do Sr. Antonio Vieira de Mello e de D. Maria Vieira Mello.

ELIAS DE ALMEIDA

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Também o Batalhão Bahia teve muitos dos seus elementos sacrificados na defesa do Túnel. A 25 de Julho, perdia ele o soldado Elias de Almeida, n° 30 da 2° Companhia, morto num dos numerosos choques havidos naquela difícil posição. Foi sepultado no Cemitério de Cruzeiro. Paulistano, nascera em 1911, filho de D. Palmyra Costa. Era casado.

ELIAS BEDRAN

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Elias Bedran é mais um elemento do contingente bragantino do Batalhão Bahia sacrificado no Túnel. Morreu a 21 de Julho com o crânio literalmente esfacelado. No batalhão, tinha o n° 102 da 2° Companhia, recebido no dia 14 de Julho, quando se apresentara à incorporação. Só três dias após a sua morte pôde o seu corpo ser sepultado.

Dados Biográficos – Natural do Líbano, Síria, nascera a 10 de Novembro de 1900 e há muito radicara-se no Brasil, a ponto de se considerar paulista. Residia em Bragança, onde comerciava de sociedade com seu irmão Mansur Bedran. Era solteiro.

ELOY FERNANDES

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Eloy Fernandes incorporou-se em Santos no Exército Constitucionalista, sendo destacado para servir junto a um dos batalhões da Força Pública que seguiram para o Setorl litoral-sul. Pelo seu esforço e denodo, ocupava a graduação de cabo. No combate travado em Barra do Batatal, setor de Xiririca (Eldorado), Eloy Fernandes foi atingido na cabeça por tiro de fuzil, a 17 de Setembro, tendo morte quase instantânea. A seu lado tombou combatendo João Faria, de que também falaremos. Foi sepultado no mesmo local em que morreu, onde ainda se encontra.

Jovens valorosos que partis. Atendei! É a mulher paulista que vos fala. Partam confiantes para a conquista do Brasil Melhor. Não vos inquieteis com o que ficou atrás. Vossos filhos, vossas mães, vossas esposas serão cuidadas. Porque... é mister que vossa mão não trema, que vossos braços não se entibiem, que vossas mentes guardem a serenidade que requer a ação grandiosa que ides, todos juntos, meus paulistas realizar!.

MARIA ANTONIETA DE CASTRO

ELYDIO ANTONIO VERONA

3° Batalhão 9 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

A 1° Companhia, do 3° Batalhão 9 de Julho, depois de operar em Eleuterio, Espirito Santo e Jaguari, estava, em fins de Setembro, na fazenda Japonesa, situada entre Jaguari e Campinas. Elydio Antonio Verona, que fazia parte do 3° Pelotão, durante um momento de tréguas, deixou, com outros companheiros, a trincheira, em busca de alimentação. Ao voltarem, foram surpreendidos pela fuzilaria adversaria, fora da trincheira. Defenderam-se, respondendo ao tiroteio, estendidos no chão. Um projetil apanhou Verona no alto da cabeça, saindo-lhe pela nuca, foi sepultado no próprio local.

Dados Biográficos – Nascera Elydio a 10 de Julho de 1913 em Santa Eudoxia, comarca de São Carlos, filho do Sr. José Verona e de D. Elisa Verona Pazzin. Comerciante, com o curso da Escola de Comércio Pedro II, residia, como seus irmãos Avelino, Mathilde, Santo, Mario e Casemiro Verona, em Rio Preto.

EMILIO RIBAS

Batalhão Tiro Naval (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Com o Tiro Naval, ao qual pertencia, Emilio Ribas tomou parte em diversos combates, distinguindo-se sempre. Colheu, porém, nas trincheiras, insidiosa moléstia que o obrigou a voltar para Santos onde faleceu a 18 de Setembro. Está sepultado naquela cidade praiana.

Dados Biográficos – Solteiro, empregado no comércio, Emilio Ribas era santista de nascimento, filho do Sr. Manoel Ribas e de D. Celestina Valdez Ribas.

ENNES SILVEIRA MELLO

4° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Alistado a 16 de Julho, a 23 Ennes Silveira Mello embarcava com o 4° Batalhão de Caçadores da Reserva, a que estava incorporado, para o Setor Norte, tomando parte na defesa da Fazenda Moraes e de Queluz. Em Agosto, estava nas proximidades de Pinheiros, combatendo sempre com entusiasmo e valor. Na manhã de 15, com diversos elementos do seu batalhão procedia a construção de um abrigo contra aviões na própria trincheira defendida. Tudo estava calmo. Nem um tiro a perturbar a serenidade da manhã. Ennes e três outros caminharam por cerca de vinte metros para apanhar taquaras que serviriam para camuflar a defesa. De surpresa, partem rajadas sobre rajadas de uma moita na véspera ainda não ocupada. Caem os quatro, todos feridos. Transportado para o Hospital de Sangue de Cruzeiro e ali socorrido, não resistiu aos ferimentos. Morreu a 17 de Agosto. Seu corpo foi levado para Piracicaba e lá sepultado.

Dados Biográficos – Filho do Sr. José da Silveira Mello e D. Malvina Sampaio Mello, nascera Ennes em Piracicaba a 27 de Novembro de 1905. Agrimensor, solteiro, Ennes Silveira de Mello era queridíssimo em Piracicaba, onde a sua morte e a atitude então assumida pela senhora sua mãe determinaram uma vibração tão grande que para substitui-lo na luta se apresentaram dezenas de rapazes.

ENOCH BARREIRA DE MACEDO

6° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Nos campos de Buri, morreu a 15 de Agosto o voluntário do 6° Batalhão de Caçadores da Reserva, Enoch Barreira de Macedo, durante o combate nesse dia travado. Foi sepultado no próprio local onde tombou.

Dados Biográficos – Natural do Estado do Piauí, Enoch Barreira de Macedo residia há muitos anos em Tietê, onde exercia a profissão de pintor e era estimadíssimo. Grandes homenagens lhe prestou a população local. Entre elas a de dar a uma das ruas da cidade o seu nome.

ERICO NEVES DE MELLO

Integrante de Unidade do Exército Brasileiro
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Presente a diversos combates travados no Setor Norte, Erico Neves de Mello escapou incólume para ter morte horrível na retaguarda. Conduzia ele um caminhão carregado de gasolina que, em virtude de um forte choque dado pelo veículo, explodiu, quase carbonizando-o. Transportado para o Hospital de Sangue de Guaratinguetá, viveu ainda nove dias, vindo a falecer a 17 de Agosto, sendo ali sepultado.

Dados Biográficos – Solteiro, rio-grandense do Sul, nascera Erico a 11 de Abril de 1911 em Bagé, filho do Sr. Nelson Neves de Mello e de D. Eponina M. de Mello.

ERNESTO FIRMINO

4° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Da Companhia de Metralhadoras do 4° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública fazia parte o soldado n° 43, Ernesto Firmino, considerado pelo seu comandante como um dos mais valentes homens da tropa. Quando a cia., sustentava a defesa de Itapira, em fins de Agosto, Ernesto foi alcançado por uma rajada adversaria, tombando muito ferido. Levado para o Hospital de Sangue de Mogi Mirim e ali socorrido, não resistiu, porém, vindo a falecer no dia 28 de Agosto, sendo sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Irmão de Guilherme, José Benedicto e Maria Benedicta Firmino e filho do Sr. José Benedicto Firmino e de D. Leocadia Firmino, Ernesto era nascido em Guaratinguetá a 30 de Outubro de 1914.

ESTANISLAU J. DE OLIVEIRA SOBRINHO

Batalhão Borba Gato (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Oficial do Batalhão Borba Gato, esteve em todos os combates travados pela sua unidade durante a Revolução. Nas trincheiras, porém, contraiu terrível moléstia de que veio a morrer algum tempo depois, a 6 de Janeiro de 1934.

Dados Biográficos – Estanislau José nascera em Mogi Mirim a 5 de Agosto de 1912, filho do Sr. Alfredo Eduardo de Oliveira e de D. Maria do Carmo Pereira Lima. Era irmão de Benedicto, casado com D. Malvina de Paula Noronha de Oliveira; D. Suzana, casada com o Sr. Eugenio Woods Lacerda; D. Dulce, casada com o Sr. Jorge do Rego Freitas; e senhorinha Maria Nazareth de Oliveira. Corretor na Capital, era noivo da senhorinha Maria Stella de Faria Jordão.

ESTEVÃO CHOPINSKI

Batalhão de Assalto (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Tivemos ocasião de salientar, no decorrer deste livro, que muitos foram os estrangeiros que, solidários com a causa defendida por São Paulo, inscreveram-se no Exército Constitucionalista, servindo tanto na vanguarda como na retaguarda. Estevão Chopinski, veterano da Grande Guerra, foi um combatente das forças paulistas. Incorporou-se em São Paulo, no Batalhão de Assalto, também chamado de índios loiros e seguiu para o Setor Norte, ocupando o posto de segundo tenente, estando diretamente sob o comando do major Arcy da Rocha Nobrega. Morreu em Vila Queimada, no Morro Verde, no dia 1 de Setembro, em consequência de uma granada que vitimou não só o nosso biografado, mas outros soldados da mesma companhia. Consta-nos que foi sepultado no próprio local. Seus dados biográficos são muito deficientes. Soube-se, apenas, que era de nacionalidade húngara, presumindo-se por uma carta encontrada em um de seus bolsos que fosse casado com D. Bertha Voigt.

Não! Fiquem os brasileiros certos de que São Paulo não está fazendo obra regional nem obedece ao mando de qualquer partido político. São Paulo, formando um só bloco, levado de um só sentimento, vai derramar o seu sangue pelo direito e pelo Brasil. Só uma bandeira lhe tremula no pulso firme: a Constituição. Só uma aspiração lhe enche o peito leal; a grandeza do Brasil.

A revolução outubrista feita, graças ao labor contínuo e infatigável da imprensa, no dia seguinte ao da vitória transformou-se em algoz desalmado da sua liberdade, estabelecendo um regime de censura brutal, encarcerando as almas altivas que se insubordinavam contra os métodos de vilania adotados pelos evangelistas da véspera, assassinando humildes operários e destruindo, num vandalismo que escandalizou a cultura continental, prelos e rotativas, pelo crime de não se acomodarem às vantagens pecuniárias liberalizadas pelo suborno revolucionário.

AUSTREGESILO DE ATHAYDE

EURIDES MACIEL DE ALMEIDA

5° Regimento de Cavalaria Divisionária (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

1° sargento do 5° Regimento de Cavalaria Divisionária, com quartel em Castro, Estado do Paraná Eurides Maciel de Almeida veio para São Paulo logo que se iniciou a Revolução, fazendo parte do contingente daquela unidade que soube compreender a nobreza dos ideais de São Paulo na guerra de 32. Promovido a subtenente, combateu sob o comando do tenente Carlos Assumpção no Setor Norte de operações, demonstrando sempre capacidade e coragem. Em Pinheiros, foi vítima do desmoronamento de uma trincheira sob a qual morreu asfixiado no dia 5 de Agosto. Foi sepultado no Cemitério de Cruzeiro.

Dados Biográficos – Filho do Sr. José Maciel de Almeida e de D. Arminda Leocadia de Almeida, Eurides era nascido em Piraí, Est. do Paraná, em Maio de 1903. Casado com D. Marietta Amado Maciel, deixou dois filhos menores: Nelson José e Nelson Jorge.

A Constituição é a Liberdade. E a Liberdade é o alicerce da Pátria. É por ela, por essa Constituição, e, portanto, por essa Liberdade, há vinte meses cavilosamente sonegada ao Brasil, que vós, meus colegas, firmes e convictos, abandonais hoje o livro, e, firmes e convictos, empunhais o fuzil. O vosso gesto, moços estudantes, a vossa partida para o combate, partida assim consciente e refletida, diz bem alto da justiça e da beleza.

PAULO SETUBAL

EVARISTO DOS SANTOS

2° Companhia (Corpo de Bombeiros)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sob o n° 88 da 2° Companhia, o Corpo de Bombeiros contava com Evaristo dos Santos, que foi capaz de lutar no Túnel com a mesma energia com que, na Capital, não temia jogar a vida na extinção de incêndios. Durante um choque, violentíssimo das forças ditatoriais, a 3 de Agosto, Evaristo recebeu um projetil que lhe penetrou na região cervical, matando-o instantaneamente. Foi sepultado em Cruzeiro, em cujo Cemitério a sua cova tem o n° 575 da quadra 37.

Dados Biográficos – Nascido em Caçapava, no ano de 1902, Evaristo era filho do Sr. Fortuna Geraldo e de D. Julia Maria da Conceição e irmão de Geraldo, José, Bento, Antonio, Argemiro, Avelino e Georgina dos Santos. Casado com D. Eulalia Freire do Rego Barros, era pai de uma menina a que dera o nome de Nina.

Oficinas de Costuras

Desde o início do movimento Constitucionalista, começaram a surgir em nossa Capital as oficinas de costuras, onde senhoras e senhoritas se dedicam, o dia todo a parte da noite, a preparar as diversas peças de fardamentos para os bravos soldados da lei. O departamento de estatística da Associação Comercial de São Paulo, já obteve os dados referentes aos trabalhos de algumas dessas oficinas de costuras, algumas delas com poucos dias de funcionamento. Esses dados, muito incompletos ainda, todos referentes ao período terminado em 31 de Julho; são os seguintes:

Oficinas que forneceram uniformes – 1; senhoras e senhoritas trabalhando nas oficinas e registradas para executarem trabalhos em seus domicílios – 3.873; moços e meninos ocupados em serviços internos e de transportes – 209; números de peças de fardamentos entregues aos departamentos militares – 61.756 e máquinas de costura em serviço nas oficinas – 343. No número de pessoas só estão incluídas as registradas nas oficinas, uma para cada domicílio. Entretanto, é sabido que em cada domicilio trabalham muitas pessoas. O trabalho continua a ser feito com grande entusiasmo e a organização de cada oficina está melhorando com o decorrer dos dias. Os serviços são feitos com a Maior perfeição e eficiência, aumentando a quantidade de peças produzidas.

FABIO FERREIRA VELLOSO

Batalhão Marcilio Franco (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado ao Batalhão Marcilio Franco, Fabio Ferreira Veloso obteve, em Agosto, a sua transferência para uma das unidades que constituíam a defesa do setor de Pinheiros, então sob o comando do capitão Celso Ferreira Velloso, seu irmão, comissionado no posto de coronel. Ao se transportar para a nova posição Fabio sofreu um terrível desastre de automóvel no dia 22 de Agosto, nele perdendo a vida. Sepultado em Taubaté, seu corpo foi mais tarde levado para Pirassununga, em cujo Cemitério se encontra.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Joaquim Ferreira Velloso e de D. Amelia Baptista Ferreira Velloso, nascera Fabio no Distrito Federal a 6 de Maio de 1913. Tendo perdido muito cedo seus pais, vivia com seu irmão, Capitão Celso, que lhe fazia as vezes de pai e que o mantinha na Escola Normal de Pirassununga.

FAUSTO FEIJÓ

5° Regimento de Infantaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

A 13 de Julho, Fausto Feijó apresentou-se. Incorporado ao 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria, 9° Companhia, a 16 era mandado para o Setor Norte e a 19 conhecia o Túnel, com todas as agruras daquela posição. Um dia houve necessidade de um pugilo de homens capazes de servir de tropa de cobertura na retirada de Queluz. O tenente Cunha Mello, ajudante de ordens do coronel Sampaio, que comandaria o pelotão, pediu voluntários. Uma centena, Fausto Feijó a frente, se apresentou. Foram escolhidos 54, todos campineiros. No cumprimento dessa missão, difícil e honrosa, ele tombou, morto com um tiro de fuzil na cabeça. Foi sepultado no Cemitério de Pinheiros.

Dados Biográficos – Empregado no comércio em Campinas onde nascera a 15 de Fevereiro de 1915, Fausto Feijó era solteiro, filho do Sr. Benedicto Feijó e de D. Ermantina Bueno Feijó.

FERNANDO ANDRADE CAMARGO

Batalhão 23 de Maio (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Em Vila Americana, dia 19 de Julho, apresentou-se ao alistamento de voluntários Fernando de Andrade Camargo. Incorporado à 3° Companhia, do Batalhão 23 de Maio, embarcou para o Setor Leste a 27 seguinte. Esteve presente aos combates travados na frente Socorro-Lindoia. Ao tentar, com um pelotão de ataque, retomar uma trincheira, foi vitimado pela metralhadora que a defendia, tendo sido sepultado em Monte Sião, Estado de Minas Gerais.

Dados Biográficos – Solteiro, dedicava-se ao comércio. Era nascido em Barretos, no ano de 1914, filho do Sr. João Baptista de Andrade e de D. Benedicta Ferreira de Camargo Andrade.

É soberbamente belo e surpreendente o que se faz e passa por todos os recantos e departamentos do Estado; belo e surpreendente no civismo, no devotamento, nas larguezas, na atividade e na nobre emulação que a todos empolga. A operosidade e eficiência, o esforço e trabalho da Escola Politécnica e da nossa indústria em geral, na fabricação e invento dos engenhos e utensílios de guerra, roçam pelo inacreditável. Um prodígio!

Dentro dos ideais constitucionalistas, cuja bandeira foi hasteada nos pampas e está servindo de pendão aos Exércitos de São Paulo, de Mato Grosso, do Pará de Santa Catarina e do Espírito Santo, as montanhas levantaram-se na mais tremenda insurreição civil de que há lembrança nos seus fatos inesquecíveis. Pois não foi o povo espanhol na insurreição civil, na hostilidade às tropas que fez empalidecer a estrela de Napoleão?

PINHEIRO CHAGAS

FERNANDO PINHEIRO

6° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Sob o comando do coronel Milton Freitas de Almeida, como soldado do 6° Batalhão de Caçadores da Reserva, Fernando Pinheiro, que se incorporara em São Paulo, seguiu para o Setor Sul de Operações. Serviu com denodo pela causa constitucionalista que abraçara até o dia em que, na frente de Buri, a 15 de Agosto, foi atingido no crânio por uma tiro de canhão, do qual morreu instantaneamente. Seu corpo foi sepultado pelos seus próprios companheiros em local até hoje desconhecido. Fernando Pinheiro, que era órfão de pai e mãe, nasceu no Rio de Janeiro.

Roncando, surdo ao rumor que lhe ia abaixo, alheio ao perigo insistente que as hélices sussurravam, o avião cor de aço de São Paulo rompia a noite, na procura das posições adversárias. E vencendo a cortina de tiros, transpunha serenamente as linhas de combate para ir levar à retaguarda do exército invasor a certeza de que os paulistas não sabiam ceder, curvando-se. Aves maravilhosas, planavam alto como os ideais da Revolução Constitucionalista, ou baixavam, indiferentes ao metralhar inimigo, para contar-lhe que no coração de São Paulo ardia uma chama sagrada, alimentada pelo sangue dos bravos, pela abnegação da mulher, pelo ouro secular das joias de família – diziam-no os nossos aviões no ribombar das suas granadas, feitas por mãos costumadas a manejar o instrumento de paz, mas que sabiam, também, bater, malhar, o ferro dos campos para fazer dele uma espada, uma arma de guerra. Honra aos heróis do ar! Glória a São Paulo, que improvisou o soldado e fez pra ele uma arma inigualável – a arma da sua fé, consagrada pela hóstia do sacrifício espontâneo e integral!

ALCINDO GUANABARA DE ARRUDA E MIRANDA

FERNANDO PINHEIRO FRANCO

Batalhão Piratininga (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Na manhã de 5 de Agosto – eram 6 horas – Fernando Pinheiro Franco, voluntário da 2° Companhia, do Batalhão Piratininga, em campanha desde 29 de Julho, estava de sentinela na trincheira do Morro Verde em Vila Queimada. Pressentindo algo de anormal nas proximidades, levantou a cabeça para ver melhor. Um tiro de fuzil alcançou-o nesse instante, na fronte. Trazido seu corpo para a retaguarda, foi sepultado no Cemitério de Mogi das Cruzes.

Dados Biográficos – Funcionário do City Bank, noivo da senhorinha Ebe Menozzi, Fernando Pinheiro Franco era nascido em Mogi das Cruzes a 10 de Fevereiro de 1912, filho do Sr. Galdino Pinheiro Franco e de D. Julia Pinheiro Franco. Eram seus irmãos: Djalma, Maria Aparecida, Guiomar, Nelson, Djanira, Maria Julia, José Francisco e Galdino Pinheiro Franco Filho.

FERNÃO DE MORAES SALLES

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Incorporando-se a 11 de Julho, Fernão de Morais Salles recebeu o comando de uma Companhia, do Batalhão Paes Leme, seguindo com ela, no dia 15, para a fronteira de Minas Gerais, na altura de Borda da Matta e Pouso Alegre. Recebendo ordem de avançar, obedeceu. Seu trem, que seguia sem grandes preocupações porque lhe fora assegurada a adesão das forças aquarteladas em Pouso Alegre, foi surpreendido, próximo aquela cidade mineira, por cerrada fuzilaria. Desembarcando a tropa, Fernão Salles organizou a defesa, e deu o exemplo. Resistiu várias horas daquele dia 25 de Julho. Um tiro de fuzil, atingindo-lhe a cabeça, deu-lhe, à tarde, morte instantânea. Seu corpo, trazido para São Paulo, foi sepultado no Cemitério da Consolação, tendo-lhe sido prestadas extraordinárias homenagens.

Dados Biográficos – Fernão de Moraes Salles era filho do Sr. José Pedroso de Moraes Salles e de D. Maria Izabel Cantinho Salles. Contava 44 anos, tendo nascido em Campinas a 20 de Maio de 1888. Casado com D. Lucilia Freire de Moraes Salles, não deixou filhos. Fazendeiro e capitalista, era figura expressiva da alta sociedade paulistana. Ele era irmão de Mario, Octavio, Laura, Julieta, Ibanez, Ruth, José e Rubens de Moraes Salles, este falecido dois anos mais tarde.

FERRUCIO TOLESI

Batalhão Marechal Floriano (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Como soldado da 6° Companhia, de Granadeiros do Batalhão Marechal Floriano, Ferrucio Tolesi partiu para o Setor Sul a 5 de Agosto. Poucos dias depois, numa escaramuça, foi feito prisioneiro, sendo remetido para a Ilha Grande. Lá, a 8 de Setembro, foi fulminado ao encostar-se na cerca de arame eletrificado de que a ilha era cercada. Sepultado na própria ilha, posteriormente foram seus despojos trasladados para São José do Rio Pardo, que cultua a sua memória.

Dados Biográficos – Natural e residente em São José do Rio Pardo, nascido a 20 de Setembro de 1912, Ferrucio Tolesi era muito considerado em sua terra, onde exercia a profissão de farmacêutico. Solteiro ainda, ajudava muito a seus pais Sr. Albino Tolesi e D. Theresinha Tolesi. Deixou os seguintes irmãos: Elvira, Ottorino, Romeu, Ernani e Renato Tolesi.

FIRMIANO CARDOSO

3° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Nos primeiros meses de 1932, Firmiano Cardoso ingressara para a Força Pública, sendo-lhe designado para servir o 3° Batalhão de Caçadores Paulista. Com ele partiu logo que começou a Revolução para o Setor Leste. No combate de Jaguari em Setembro, Firmiano desapareceu, sendo considerado morto, não obstante não ter sido encontrado o seu corpo.

Dados Biográficos – Nascido em Falcão, no Estado do Rio de Janeiro, era filho do Sr. José Cardoso e de D. Joanna Maria Cardoso e casado com D. Annunciata Maria da Conceição, deixando dois filhos: Nilo e José.

FIRMINO BARBOSA

Batalhão da Milícia Santista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Apresentando-se, logo no início da Revolução Constitucionalista, ao Batalhão da Milícia Santista, Firmino Barbosa, quase a seguir, foi incorporado à Força Pública. Seguiu para o Setor Suldo litoral. Informam seus comandantes e companheiros que foi um soldado valente e destemido. Morreu no lugar denominado Votopuca, em Ribeira de Iguape, onde foi sepultado.

Dados Biográficos – Nasceu em Santos a 18 de Fevereiro de 1910, filho do Sr. Feliciano Barbosa e de D. Anna Barbosa. Era solteiro e trabalhava no comércio de Santos, na firma J. Moreira.

FIRMINO FERREIRA LEÃO

Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

No Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente, Firmino Ferreira Leão tinha a graduação de sargento. Nos últimos dias da Revolução, a 29 de Setembro, quando combatia no município de Salto Grande, disputando a ponte sobre o rio Pardo, foi atingido e morto por um tiro de fuzil. Seu corpo foi transportado para Ourinho e sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Veterano da revolução de 30, Firmino Ferreira Leão granjeara fama de valente na luta. Em 32, justificou-a. Natural de Pernambuco, contava 36 anos de idade e exercia a profissão de oleiro no bairro de Anhumas. Presidente Prudente prestou-lhe várias homenagens, entre elas a de dar o seu nome à antiga rua Pernambuco.

FLORENCIO FERREIRA

8° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A 12 de Julho, o 8° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública sob o comando do tenente coronel Pedro de Moraes Pinto, foi mandado para guarnecer a fronteira Sul, no município de Itararé. Florencio Ferreira fazia parte dessa tropa. Sustentando diversos combates e em virtude das circunstâncias da guerra, sua posição, a 10 de Agosto era no rio das Almas. Fazendo uma patrulha de reconhecimento além daquele pequeno rio, teve um choque com os adversários, durante o qual sucumbiu. Seu corpo foi sepultado em Capão Bonito.

Dados Biográficos – Nascido em Bom Jesus da Lapa, no Estado da Bahia, filho do Sr. João Ferreira e de D. Angela Maria de Jesus, Florencio, que era solteiro, tinha nome bem-visto na milícia estadual.

FRANCISCO ALVES DE OLIVEIRA

4° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Francisco Alves de Oliveira, soldado do 2° Batalhão do 4° Regimento de Infantaria, 5° Companhia, foi destacado para servir no Setor Norte. As circunstâncias em que se verificou a sua morte são pouco precisas, sendo provável que tivesse sido assassinado por um de seus companheiros. O boletim que noticia sua morte diz apenas: *por outros motivos*.

A transpirar angelitude em seus rostos ainda adolescentes, fortalecidos por uma comunhão muito vivaz, sacudidos por uma rajada mais forte de amor pelo seu torrão, os moços paulistas, na sua quase totalidade, se aprestaram para as pugnas onde se decidem os destinos da pátria. Ao apelo da honra, repercutido de quebrada em quebrada, como clarinadas matinais, ei-los a verter na ara santa da pátria, o sangue generoso, em holocausto de um Brasil Maior e melhor.

Cônego FRANCISCO BASTOS

FRANCISCO ANTONIO RENDA

Batalhão Esportivo (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Francisco Antonio Renda, voluntario da 3° Companhia, do 1° Batalhão Esportivo, tombou valorosamente no setor Leste de operações a 18 de Setembro, vitimado por tiro de fuzil. Está sepultado em São Paulo no Cemitério do Araçá. Postumamente, pelo seu valor, foi promovido ao posto de segundo tenente.

Dados Biográficos – Filho do Sr. José Candido Renda e de D. Charlotte C. Renda, e irmão de João, Carlos, Eulalia, Odette e José Renda, Nasceu na Capital a 5 de Julho de 1908. Dedicava-se ao comércio.

FRANCISCO ANTONIO DA SILVA

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Leste

A Força Pública acolheu, além de sua tropa regular, muitos voluntários que se lhe apresentaram, tanto em São Paulo, como em Campinas. Francisco Antonio da Silva foi dos que se incorporaram nessa última cidade sendo destacado para combater no setor que a defendia. Morreu em Campinas, no dia 22 de Setembro, sendo sepultado no Cemitério local.

FRANCISCO DE ASSIS

4° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Vila Queimada foi, como Túnel, um sorvedouro de vidas moças que lutavam pelo grande ideal da Revolução. Em Agosto, os combates ali se sucediam, quase ininterruptamente. Num deles, já nos últimos dias do mês, perdeu a vida Francisco de Assis, sargento da 1° Companhia, do 4° Batalhão de Caçadores Paulista, da Força Pública, que lutava desde 16 de Julho. Filho de José de Assis, militar de profissão, Francisco nascera em São Paulo no ano de 1910.

FRANCISCO BULLUTAS

Batalhão Bento Gonçalves (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Onze homens foram sacrificados de uma só vez naquele fatídico dia 1° de Setembro. Conversavam no Morro Vermelho, setor de Vila Queimada, num intervalo da luta. Uma granada caiu em cheio sobre eles. Francisco Bullutas, voluntário do Batalhão Bento Gonçalves, 11° Batalhão de Caçadores da Reserva, foi, como todos os outros, vitimado.

FRANCISCO CHRISTINO DE ASSIS

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista

Como soldado do 5° Batalhão de Caçadores Paulista, da Força Pública, Francisco Christino de Assis seguiu para uma das frentes de combate, ao alvorecer da Revolução Constitucionalista. Como seus companheiros demonstrou-se um soldado disciplinado e eficiente. Morreu em pleno combate, não se sabendo, onde foi sepultado.

FRANCISCO DISSIMONI

Batalhão Marcondes Salgado (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Francisco Dissimoni pertencia à 1° Companhia do Batalhão Marcondes Salgado. Seguiu para a frente sob o comando do capitão Leoncio Antonio de Amorim. Quantos assistiram à atuação, em campanha, do nosso biografado, não regateiam elogios a sua bravura e a sua eficiência. E de tal modo se portou que, em pouco, foi promovido à graduação de terceiro sargento. Nesta graduação morreu na Fazenda Piteira, setor de Mogi Mirim, no dia 11 de Setembro de 1932, atingido na cabeça por tiro de fuzil. Foi sepultado no próprio local onde tombou, sendo, posteriormente, trasladado para S. José do Rio Pardo.

Dados Biográficos – Nasceu em S. José do Rio Pardo, no dia 25 de Abril de 1907, filho de Pedro Dissimoni e de D. Rosa Chiaruria. Deixou os seguintes irmãos: Luiz, João, Antonio, Paschoal, Maria e Domingos Dissimoni. Era solteiro e exercia a profissão de bancário, no Banco do Comércio e Industria.

FRANCISCO DUPRAT COELHO

5° Regimento de Infantaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Nas notícias deste livro sobre os bravos que caíram heroicamente em 32, o Túnel será citado muitas vezes. Posição de valor estratégico formidável, chave de todo o serviço de reabastecimento do Setor Norte, pois que, perdida, toda essa frente teria que se retrair, desde o Batedor até Silveiras, a sua defesa honrou verdadeiramente as velhas tradições paulistas. Não cedeu até o último instante, apesar das investidas fortíssimas e insistentes das forças ditatoriais. Incorporado à 9° Companhia, do 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria, Francisco Duprat Coelho perdeu a vida no Túnel a 27 de Agosto.

Dados Biográficos – Em Campinas, a 9 de Janeiro de 1914, nascera Francisco Duprat Coelho, filho do Sr. Honorio Francisco Coelho e de D. Francisca Coelho. Solteiro, residia com a família em sua terra natal.

FRANCISCO EUGENIO ANTUNES

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Também Vila Queimada é um nome bastante vezes citados nestas páginas. Posições difíceis, Vila Queimada e o Túnel exigiram larga contribuição de vidas. Francisco Eugênio Antunes, cabo da 2° Companhia do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, lutando desde os primeiros combates travados no Setor Norte, perdeu a vida com um tiro de fuzil na boca, a 10 de Agosto entre Vila Queimada e Engenheiro Bianor. Seu corpo ficou em poder das forças adversárias, devendo ter sido sepultado no próprio campo de luta.

Dados Biográficos – Filho do Sr. João José Antunes de Camargo e de D. Maria José do Espirito Santo e casado com D. Izaltina Costa, de cujo consórcio deixou um filho de 10 anos – Floriano, Francisco Eugenio Antunes nascera a 10 de Agosto, de 1900, morrendo, portanto, com exatamente 32 anos.

FRANCISCO FERREIRA ALVES FILHO

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

A investida feita por uma Companhia do Batalhão Paes Leme a cidade de Pouso Alegre, no dia 21 de Julho, não foi bem-sucedida, nela ficando mortos mais de uma dezena de rapazes, inclusive o seu comandante, Fernão de Moraes Salles. Francisco Ferreira Alves Filho estava incorporado a essa tropa na graduação de cabo e foi alcançado por um estilhaço de granada, morrendo no mesmo dia. Sepultado em Pouso Alegre, Mogi Mirim reclamou o seu corpo e hoje o tem no Cemitério local.

Dados Biográficos – Funcionário do Tesouro do Estado, Francisco era filho do Sr. Francisco Ferreira Alves e de D. Zulmira de Brito Ferreira Alves, nascido em Mogi Mirim em 30 de Outubro de 1902. Desquitado de sua esposa, tinha uma filha de nome Francy Franco Ferreira Alves. Deixou também os seguintes irmãos: Venancio, casado com Zuleika Ferreira Alves; D. Maria da Conceição, casada com Alfredo Milano; D. Anna, casada com Ealdo Queiroz Telles Junior; e senhorinhas Maria de Lourdes e Maria Aparecida Ferreira Alves.

FRANCISCO FLORIANO RODRIGUES

9° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

O 9° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública foi embarcado para o sul do Estado a 12 de Julho, tomando parte nos diversos combates travados no setor Itararé-Itaporanga, onde perdeu o soldado n° 95 da 1° Companhia Francisco Floriano Rodrigues, morto instantaneamente por tiro de fuzil.

Dados Biográficos – Nasceu Francisco Floriano Rodrigues em Capão Bonito a 10 de Junho de 1905. Filho do Sr. Vicente Souto Rodrigues e de D. Amelia Floriano Rodrigues, era casado com D. Divina Leme Rodrigues e tinha uma filhinha de nome Albertina. Sua fé de oficio na Força Pública era muito boa, tanto no 9° como no 4° Batalhão de Caçadores Paulista, a que pertencera anteriormente.

FRANCISCO GOMES DE CARVALHO

6° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Cabo da esquadra da 1° Companhia do 6° Batalhão de Caçadores Paulista, Francisco Gomes de Carvalho tomou parte nas operações do setor Sul, tendo sido gravemente ferido nos campos de Buri. Hospitalizado em Itapetininga, faleceu a 15 de Agosto em consequência dos ferimentos, sendo sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Nascido em São Paulo no ano de 1909, Francisco era filho do Sr. Augusto Gomes de Carvalho e D. Lucrecia Maria da Conceição e casado com D. Geralda Aparecida.

FRANCISCO HONORIO DE SOUZA

2° Batalhão dos Funcionários Públicos (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Está sepultado em Silveiras o voluntário Francisco Honorio de Souza, do 2° Batalhão dos Funcionários Públicos, denominado Coronel Baptista da Luz, morto com um tiro de fuzil na cabeça a 12 de Setembro. Desde 19 de Agosto estava ele nas trincheiras.

Dados Biográficos – Piracicabano, nascido a 29 de Maio de 1912, Francisco Honorio era filho do Sr. Antonio Honorio de Souza e de D. Olivia de Souza Oliveira. Irmão de Lydia, Antonia, Olivia, Barbara, Celina, Maria da Gloria, Roberto e Lizino Honorio de Souza, exercia ele o cargo de turbineiro no Engenho Central de sua terra.

FRANCISCO JOSÉ DE OLIVEIRA

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sob o n° 96 da 4° Companhia do Batalhão Bahia, o cabo voluntário Francisco José de Oliveira foi também um sacrificado do Túnel. Poucos dias lutou, pois que a 23 de Julho foi gravemente ferido. Hospitalizado em Cruzeiro, morreu no mesmo dia, sendo sepultado no Cemitério local. Sua campa tomou o n° 579. Francisco José de Oliveira contava 21 anos de idade.

FRANCISCO JOSÉ DOS SANTOS

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

São deficientíssimos os dados colhidos a propósito de Francisco José dos Santos. Sabe-se apenas que, incorporado a um dos batalhões da Força Pública, seguiu para uma das frentes de combate nos primeiros dias da Revolução Constitucionalista, durante a qual morreu. Não se conhece o local onde foi sepultado.

FRANCISCO MAGALHÃES DE ARAUJO

5° Regimento de Cavalaria da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Chico Netto, como era conhecido Francisco Magalhães de Araujo, depois de ver partir seu pai para a frente, pediu para prestar serviços também. Incorporou-se ao M.M.D.C e ficou servindo na guarda na cidade. Depois de alguns dias, entusiasmado, insistiu tanto que obteve sua transferência para o 5° Regimento de Cavalaria da Reserva, com o qual partiu para a Fazenda do Garcez, em Queluz. Participou dos combates lá havidos, bem como dos de Engenheiro Bianor e de Pinheiros, onde encontrou a morte a 23 de Agosto, atingido na frente por um tiro de fuzil inimigo. Lá mesmo foi sepultado.

Dados Biográficos – Muito moço ainda, exercendo as funções de auxiliar de contabilidade de *O Estado de São Paulo*, Francisco era filho do Sr. Francisco Odorico de Araújo, combatente também, incorporado ao Batalhão General Osorio e de D. Homesinda Magalhães de Araujo. Era irmão de Galdino, Luiz, e Mathilde Magalhães de Araujo.

FRANCISCO MONTEIRO

Batalhão Floriano Peixoto (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Apenas seis dias pôde Francisco Monteiro lutar: partindo para a frente no dia 21 de Julho como sargento da 2° Companhia do Batalhão Floriano Peixoto, a 26 morria em Buri, durante uma escaramuça em que se viu cercado pelas forças contrarias. Foi sepultado no próprio campo.

Dados Biográficos – Mineiro, filho de Ouro Preto, onde nascera a 26 de Dezembro de 1891, Francisco Monteiro exercia a profissão de tintureiro e tomara parte anteriormente, na revolução de 1930. Era filho do Sr. Salviano Monteiro e de D. Maria Monteiro, e casado com D. Francisca de Almeida Monteiro, de cujo consorcio deixou dois filhos: Sandoval e Gertrudes Monteiro.

FRANCISCO DE PAULA PACHECO COLLI

6° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Terminava o Curso do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva (CPOR) quando foi declarada a Revolução. Aspirante a oficial, foi incorporado ao 6° Regimento de Infantaria no posto de 2° tenente, a 11 de Julho. A 15, seguiu para o Setor Norte. Combateu valentemente em diversas posições, honrando o galão que conquistara. A 12 de Setembro, próximo a Pinheiros, quando assentava em posição difícil uma Metralhadora Pesada, foi localizado e visado pelas forças ditatoriais. Atingido na boca, morreu instantaneamente. Trazido para São Paulo foi seu corpo sepultado no Cemitério do Araçá.

Dados Biográficos – Solteiro, trabalhando num escritório da cidade, Francisco de Paula Pacheco Colli, era um esforçado. Seu curso no Centro de Preparação de Oficiais da Reserva foi feito com suavidade, dada a sua vontade de estudar e de progredir. Filho do Sr. Antonio Colli e de D. Bernardina Pacheco Colli. Francisco era natural da capital, e nasceu a 28 de Março de 1907. Tinha três irmãos: Helena, Adolpho Antonio e Judith, esta casada com o Sr. João Levy Silva.

FRANCISCO PEREIRA

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Depois de tomar parte nas operações de guerra do setor Sul, em Guapiara, Buri e Capão Bonito, Francisco Pereira, cabo da 4° Companhia do Batalhão Floriano Peixoto, foi mandado para Itapira, São José do Rio Pardo e outras posições do setor de Leste, já então transferido para o Corpo de Bombarda do 7° Batalhão de Caçadores Paulista. Próximo a Itapira, a 9 de Setembro, numa luta quase corpo a corpo, na trincheira por ele ocupada com outros caiu uma granada de mão. Rápido, Francisco se atirou a ela, julgando chegar a tempo de a lançar fora da trincheira. Esse gesto de dedicação sacrificou sua vida. Ferido mortalmente, foi hospitalizado no Círculo Italiano de Campinas. Dois dias depois, a 11, morreu em consequência dos ferimentos. Seu corpo foi reclamado, pela cidade de Ribeirão Bonito que ainda o tem no Cemitério local.

Dados Biográficos – Francisco Pereira nasceu em Ribeirão Bonito a 21 de Setembro de 1905, filho do Sr. José Antonio Pereira e de D. Anna Candida Pereira. Deixou nove irmãos e um filho de nome Walter. Sua terra natal, onde ele residia e tinha a profissão de motorista, prestou-lhe grandes e merecidas homenagens.

FRANCISCO PEROTTI

Integrante de Unidade da Guarda Civil
Exército Constitucionalista do Setor Leste

A história de sua atuação em campanha é de um dia apenas. Partindo para o setor Leste a 22 de Setembro, a 23 seu corpo era trazido para Campinas, em cujo Cemitério foi sepultado. Francisco Perotti, chegando as trincheiras de Carlos Gomes, era pouco depois surpreendido por uma força ditatorial. Intimado a render-se, reagiu, matando dois e ferindo outros dos atacantes. Como consequência, uma saraivada de tiros de fuzil o alcançou, dando-lhe morte instantânea.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Romão Perotti e de D. Angelina Perotti, Francisco era natural de São Carlos, nascido a 12 de Julho de 1892. Casado com D. Leonilda Aliene Perotti, deixou cinco filhos: Angelina, José, Oswaldo, Roque e Dinorah.

Por intermédio do Departamento da Administração Municipal, do M. M. D. C., do Instituto de Café e de mais de 80 associações de classe, entre as quais merece destacar a Associação Comercial, Cristã de Moços, e dos usineiros, recebeu o governo do Estado os seguintes donativos:

Em animais: 16.150 bois, 9.870 porcos, 2.390 cavalos, 680 carneiros, 720 cabritos e 19.420 frangos, num total de 50.320 animais.
Em cereais: 22.400 sacos de feijão, 9.600 de arroz, 8.800 de milho, 3.700 de batatas, 4.100 de farinha, 9.800 de açúcar, num total de 59.800 sacos. Recebeu ainda: 2.500 sacos de sal, 7 toneladas de macarrão, 145 mil dúzias de ovos, 5.800.000 cigarros, 310 mil sacos de algodão e aniagem, 70 mil pares de meia, 22.000 cobertores de lã, 11.200 cachecóis, 600 binóculos de campanha, 22.000 capacetes de aço, 250.000 caixas de produtos farmacêuticos, e outras dezenas de milhares de objetos ainda não classificados, que seria enfadonho enumerar pelo rádio.

MANOEL OLYMPIO ROMEIRO

FRANCISCO PRADO JUNIOR

Batalhão Fernão Salles (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado em fins de Julho ao BatalhãoFernão Salles, Francisco Prado Junior partia a 2 de Agosto para as trincheiras do Sul. Vinte e dois dias depois, no bairro do Pinhalzinho, distrito de Guapiara do Município de Capão Bonito, tombava ele para sempre, com um tiro de fuzil no coração. Demonstrara, nos combates em que tomara parte, segurança e valor.

Dados Biográficos – Nascido em Campinas a 30 de Dezembro de 1897, Francisco Prado Junior era filho do Sr. Francisco Prado e de D. Maria Julia da Rocha Prado e irmão de: Cyro, casado com D. Zuleika de Castro Prado; D. Valentina, casada com José Leme do Prado; Maria, casada com o Dr. Alberto A. Fortuna; D. Esther, casada com Anselmo A. Pithon; senhorinhas Judith, Edith, Julieta e Therezinha da Rocha Prado; e José da Rocha Prado, também combatente constitucionalista como voluntário do 1° Batalhão de Caçadores da Reserva. Bacharel em ciências e letras pelo Ginásio de Campinas, Prado Junior foi por algum tempo chefe de carteira de cobrança do Banco Comercial, dedicando-se, ultimamente, as atividades de corretor em sua cidade natal. Era solteiro.

FRANCISCO T. DE CARVALHO FILHO

6° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Francisco Teixeira de Carvalho Filho foi um bravo entre os bravos soldados da Revolução Constitucionalista. Também foi dos primeiros que se apresentaram. E foi um destacado. E foi um herói.

Sua apresentação em Quitauna deu-se no dia 16 de Julho. Quatro dias depois seguiu para a frente. Destacado para o Setor Sul, desde o princípio seu valor foi conhecido. Da graduação de soldado passou a de cabo e de cabo foi promovido a terceiro-sargento. Nesta graduação a morte o encontrou de armas na mão e ideal firme no coração. Morreu em circunstâncias heroicas, as quais foram assim narradas:

Ele e mais alguns companheiros sustentavam, em Buri, a retirada da companhia que estava sendo envolvida pelas forças adversárias, quando foi atingido, no peito, por tiro de fuzil que lhe roubou a vida. O infausto acontecimento deu-se a 15 de Agosto. Foi um dos heroicos soldados do 6° Batalhão de Caçadores da Reserva que atuou, com brilho, sob o comando do tenente coronel Tenorio de Brito. Seu corpo foi sepultado no Cemitério de Buri, pelas forças do general Waldomiro Lima e, mais tarde, trasladado para Assis.

Dados Biográficos – Nasceu em Campos Novos de Paranapanema, a 20 de Novembro de 1905. Era filho de Francisco Teixeira de Carvalho e de D. Clementina Teixeira de Carvalho e irmão de Vivaldo, Adelizes, Adelia, Stella, Edenu, Julio, Custodia, Azarias e Maria Teixeira de Carvalho. Diplomado em odontologia, exercia sua profissão em Assis, sendo muito estimado pela população local.

FRANCISCO VIEIRA

Batalhão Marcilio Franco (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Originariamente incorporado à Legião Negra, Francisco Vieira foi, mais tarde, agregado ao Batalhão Marcilio Franco que, sob o comando do seu titular, brilhou no Setor Sul de operações de guerra. Tomou parte em todos os combates que se travaram na frente de Capão Bonito, tendo sido ferido gravemente, a tiros de fuzil, quando atravessava, em canoa, o rio das Almas, no dia 10 de Setembro, com o intuito de tomar uma trincheira adversária que se achava no lado oposto. Transportado para o Hospital de Sangue de Gramadinho, não resistiu aos ferimentos que recebera, morrendo horas depois.

FRANCISCO WALTER DE MENEZES

4° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sargento ajudante do 3° Batalhão do 4° Regimento de Infantaria, Francisco Walter de Menezes deixou Quitauna a 10 de Julho para o Setor Norte. Em campanha foi promovido a suboficial e nessa graduação combateu na frente de Silveiras Ferido por estilhaços de granada, foi recolhido ao Hospital de Sangue de Cachoeira, onde faleceu e foi sepultado a 26 de Agosto.

Dados Biográficos – Pai de Celia, Walter, Zilá e Lais, casado com D. Paulina Marcondes de Menezes, Francisco Walter era nascido a 23 de Maio de 1896, filho do Sr. José das Chagas Menezes e de D. Felismina Maria da Conceição. Não obstante ser formado em odontologia, preferiu continuar a vida militar, para que tinha grande vocação, demonstrada de forma precisa durante a campanha de 32.

FRANKLIN CORNELIO LAMOSA

8º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A luta desenvolvida no setor sul foi, como nos demais setores, difícil e custosa em vidas. Rijos combates se travaram nas regiões de rio das Almas e de Capão Bonito. Num deles, a 18 de Agosto perdeu a vida Franklin Cornelio Lamosa, soldado do 8º Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, vitimado por estilhaços de granada. Foi sepultado em Capão Bonito.

Dados Biográficos – Natural de Ubatuba, nascido em 1883, Franklin Lamosa era filho do Sr. Victorino C. Lamosa e casado com d. Maria Rosalina Lamosa, tendo deixado três filhos: Durvalina, Benedicto e Mercedes em Tatuí, residentes com a sua mãe.

De viagem para São Paulo, no trem, presenciei, entre outras, uma cena interessante. Numa das estações da estrada, à parada do trem, vi um soldado velho de aparência humilde. Um oficial, ao vê-lo, desceu do comboio e o apertou demoradamente, trocando palavras de amizade. Logo depois, um padre que ia no mesmo vagão abraçou, também, o referido soldado. Soube daí a pouco quem era. Estivera em Cunha. Assistira ao combate travado naquela cidade e ora voltava para combater no setor do Sul. Conhecera o padre e o oficial há tempos. À despedida quando de novo o trem partia, o veterano, dirigindo-se ao padre, disse uma frase que define, na sua simplicidade, a bravura do soldado constitucionalista:

– Padre, reze por nós. Porque o que não nos falta é coragem.

ANTONIO DE SOUZA CUNHA

FRANZ J. SCHRAMM

Batalhão de Assalto (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Na retomada de uma trincheira em Pedreira, setor de Vila Queimada, o capitão Franz J. Schramm, comandante da 1° Companhia do Batalhão de Assalto, dirigiu o assalto, avançando à frente dos seus soldados contra a posição adversaria. Uma certeira rajada de metralhadoras abateu-lhe o ímpeto, matando-o instantaneamente, mal havia dado poucos passos a descoberto. Incorporado a 16 de Agosto, a 20 seu corpo baixou à sepultura no próprio local onde tombara.

Dados Biográficos – Oficial combatente da Grande Guerra, o capitão Franz J. Schramm era natural de Vienna, filho do Sr. Franz Schramm e de D. Maria Schramm, nascido a 18 de Agosto de 1891. Era casado com D. Antonietta Schramm. Comerciante, exercia sua atividade em São Paulo.

Para dar uma ideia do que tem sido a atividade do Serviço Sanitário do Estado, basta dizer que, sob a forma de ambulâncias de vários tipos, para batalhões e para suprir o estoque de hospitais de sangue foram enviados os seguintes medicamentos: 4.000 vidros de água oxigenada; 1.200 quilos de algodão; 5.000 litros de álcool para uso médico; 800 vidros de adrenalina Parke Davis; 4.050 caixas de Cardiazol; 1.200 caixas de Balsoformio; 16.242 ampolas de soro antitetânico; 4.025 ampolas de soro disentérico; 1.279 ampolas de soro antiofídico; 5.129 ampolas de soro fisiológico; 7.161 ampolas de soro glicosado; 3.922 de soro hemostático; 2.512 ampolas de soro antigangrenoso; 150.152 cápsulas antigripais; 77.150 cápsulas contra bronquite; 3.359 tubos de catgut; 8.237 quilos de desinfetantes diversos; 219 quilos de formol; 57.819 metros de gaze; 20 quilos de iodo metálico; 3.270 lençóis; 18.605 tubos de vacina antivariólica; 412 litros de vacina buco disentérica; 5.963 talas de diversas medidas e para mais de 400 padiolas, foram fabricadas em poucos dias pela Inspetoria de Moléstias Infecciosas. Um fato deve ser notado. Dentre os diversos medicamentos, figura o soro antigangrenoso fabricado pelo Instituto Butantan, medicamente esse que, não poderia ser obtido se São Paulo não contasse com recursos próprios, pois o estoque existente na praça, de procedência estrangeira, era diminuto.

JOSÉ TOLEDO PIZA

GABRIEL SOARES

4° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Gabriel Soares foi soldado n° 61, do 4° Batalhão de Caçadores da Reserva, Batalhão Piracicabano. Escalado para ao Setor Norte, tomou parte saliente em vários combates, tendo morte instantânea em uma sangrenta luta travada no setor de Pinheiros, em dias do mês de Agosto. Foi atingido por tiro de fuzil. Está sepultado atualmente em Jacareí.

Dados Biográficos – Nasceu em Caçapava, no dia 18 de Julho de 1904, filho do Sr. José Benedicto Soares e de D. Maria Candida de Jesus. Solteiro.

GALDINO ROSA

Esquadrão de Metralhadoras do Regimento de Cavalaria (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sob o comando do capitão José de Oliveira França, Galdino Rosa, do Esquadrão de Metralhadoras do Regimento de Cavalaria, seguiu no dia 11 de Julho para Itararé. Lá esteve vários dias. Tomou parte em vários combates. Revelou-se o soldado disciplinado e bravo que sempre fora. Com o decorrer da Revolução, Galdino transferiu-se para outro setor e foi Engenheiro Bianor, me meio de renhido combate, que foi ferido e morto no dia 7 de Agosto.

Dados Biográficos – Natural de Tatuí, Galdino Rosa nasceu em 1908 e era filho do Sr. José Rosa e de d. Maria das Dores, Morreu solteiro.

GASTÃO LOPES LEAL

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

A Revolução Constitucionalista iniciou-se. Gastão Lopes Leal encontrava-se no Rio de Janeiro a negócios. Quis regressar imediatamente. Impossível. Tentou com inúmeros paulistas voltar a São Paulo para incorporar-se a qualquer dos batalhões patrióticos que então se formaram. Seus esforços e os de seus companheiros foram inúteis. E achava-se, assim, procurando um meio qualquer para chegar ao seu Estado natal, quando, em fins de Setembro, foi escolhido por um grupo de paulistas, também retidos no Rio, para acompanhar um grande avião da Panair que os mesmos haviam resolvido enviar a São Paulo, afim de ser incorporado á esquadrilha aérea do Exercito Constitucionalista.

No dia 25 de Setembro, Gastão Lopes Leal tomou lugar no citado avião, que era pilotado pelo aviador alemão Walter Voss. Acompanhavam-no também, o mecânico da Panair Joaquim Taveira e o vigia da mesma empresa Manuel Machado. Abastecido de Combustível, feitos todos os reparos e preparativos para dez horas de voo, o aparelho decolou, para cair ao solo em Meriti, causando a morte de toda a tripulação. Os motivos do desastre não foram conhecidos. Soube-se apenas que haviam sido confiados a Gastão Lopes Leal documentos de relevante valor, os quais não foram nunca divulgados por terem sido apreendidos pela Polícia do Rio, após o acidente. Um grupo de amigos efetuou o sepultamento do bravo paulista no Cemitério de São João Baptista, no Rio, tendo sua sepultura tomado nº 12.104, na quadra 27.

Dados Biográficos – Nasceu em Santos, a 6 de Dezembro de 1897, filho do Sr. Manuel Lopes Leal e d. Alice da Costa Leal. Transferindo, mais tarde, sua residência para São Paulo, juntamente com sua família, cursou o Ginásio São Bento, seguindo, posteriormente para a Suíça, onde terminou seus estudos na Universidade de Minerva, em Zurich. Regressando ao Brasil, casou-se com d. Tilde Boccolini, deixando do seu consorcio um filho de nome Armando.

GEORGINO G. DO NASCIMENTO

5.º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Está na memória de todos os que foram os combates travados no Túnel da Mantiqueira. Lá se viu, bem nítido, ressaltar o heroísmo do soldado constitucionalista. Não houve perigos a que não se expusessem. Não houve bravura que não fosse executada. E, por certo, será sempre um padrão de gloria para quantos tomaram parte na Revolução o ter lutado no trágico setor que tantas vidas preciosas roubou. Georgino Gonçalves do Nascimento, Sargento da 4.ª Companhia do 5.º Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, foi um dos bravos do Túnel. Sob o comando do tenente-coronel Inojosa, trabalhou intensamente no terrível setor, onde encontrou a morte, em meio a renhido combate, no dia 27 de Julho. Transportado para Cruzeiro, seu corpo foi sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – São insuficientes os dados biográficos sobre esse valente militar. Sabe-se apenas que era filho de Jorge Erides e que nasceu no Estado de Minas Gerais.

GERALDO ALVES DE CARVALHO

9.º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Geraldo Alves de Carvalho, cabo da Companhia de Metralhadoras do 9.º Batalhão de Caçadores Paulista da Força Publica, depois de combater no setor Sul, além de Itapetininga, foi

mandado paro Setor Norte, transferido para o batalhão Misto. A 19 de Agosto, em missão do comando, que era prodigo de elogios a sua bravura e resistência física, tombou ele em Vila Queimada, onde foi sepultado.

Dados Biográficos – Solteiro, nascido em Guaratinguetá no ano de 1906, Geraldo era filho do Sr. Joaquim Alves de Carvalho e de D. Maria Thereza de Carvalho.

GERALDO BENEDICTO DA SILVA

Batalhão Legião Negra (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

A 14 de Julho, naquele entusiasmo cívico que incandesceu o espírito e o coração da gente bandeirante, Geraldo Benedicto da Silva incorporou-se ao Exército Constitucionalista. Quatro dias depois, como soldado do Batalhão Henrique Dias, da Legião Negra, sob o comando do tenente Silvino Mendes Oliveira, seguiu para a frente, rumo ao setor Norte. Sua bravura foi logo constatada. Nos primeiros combates que tomou parte revelou-se um soldado disciplinado, inteligente e operoso. Dentro em pouco era elevado a graduação de sargento. E foi nesse graduação, à frente de seus soldados, que, no dia 11 de Agosto, em Cunha, recebeu no ventre um ferimento por tiro de fuzil. Removido para o hospital de Guaratinguetá, pouco resistiu. Foi sepultado no Cemitério local, na sepultura nº 19.785, quadra H.

Dados Biográficos – Em Morro Agudo, no ano de 1908, Geraldo Benedicto viu a luz de seus dias, sendo filho de José Benedicto da Silva. A cidade de São Joaquim, onde ele vivia, prestou significativa homenagem a sua memória, pois que

Geraldo da Silva foi o primeiro soldado morto entre os que, ao estalar do movimento constitucionalista, partiram dessa cidade com fé e esperança para defender os ideais que empolgavam todo o povo bandeirante.

GERMANO FUNKE

Batalhão de Assalto (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

A guerra de 32 contou, desde o início, com o concurso de todo o povo paulista. Brasileiros ou estrangeiros, todos sentiram a elevação da causa por que São Paulo se batia e daí o incentivo que todos queriam prestar, moral e materialmente, à luta que se travara. Germano Funke, austríaco de nascimento, está nesse caso. Alistado no Exército Constitucionalista foi designado para o Batalhão de Assalto, do destacamento do tenente coronel Agnello de Souza. Faleceu em consequência de ferimento recebido na cabeça em um combate travado em Vila Queimada, no setor Norte, em meados de Agosto.

Dados Biográficos – Germano Funke nasceu a 20 de Fevereiro de 1896, na cidade de São Pedro de Lins, na Aústria. Era casado com D. Thereza Funke e deixou dois filhos: Guilherme e Oscar. Em 32 era funcionário da Firma Byington & Cia.

Os tambores estão rufando, milhares de homens entram pelos quarteis, de onde saem soldados da liberdade. Rodam mais caminhões, entre os vivas e palmas invejosos, dos que ainda não seguiram. E lá se vão, dispostos a tudo. Levam, por lema: vencer ou morrer lutando. Mães brasileiras! As mães paulistas sabem que vós estais rezando baixinho pela vitória dos seus filhos. Depois da oração, dormem sossegadas. Aqui ninguém sabe o que seja medo. Deus está ajudando.

PERCIVAL DE OLVEIRA

GLYCERIO RODRIGUES

3° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Apesar de haver tomado parte em muitos combates, Glycerio Rodrigues, soldado do 3° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública veio a morrer em virtude de um desastre de automóvel quando em serviço na frente de Ribeirão Preto. Ferido, foi hospitalizado no Hospital Militar da Força Pública, onde faleceu a 3 de Novembro de 32.

Dados Biográficos – Filho do Sr. José Pedro Rodrigues Sobrinho e de D. Maria Rodrigues Nogueira, Glycerio Rodrigues era solteiro, natural de São José dos Barreiros e contava 26 anos de idade.

GINO NAZONI

4.º Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sorteado para o serviço militar, Gino Nazoni estava incorporado ao 3° Batalhão do 4.º Regimento de Infantaria como soldado nº 342 da Companhia de Metralhadoras, quando se iniciou a Revolução. Seguindo, imediatamente, tomou parte nas operações do Setor Norte. Designado, a 19 de Agosto, para receber correspondência no Posto de Comando, foi vitima em caminho, de estilhaços de uma granada que estourou junto a ele. Está sepultado em Silveiras.

Dados Biográficos – Natural de Jardinópolis, solteiro, lavrador, Gino Nazoni nascera a 6 de Fevereiro de 1910, filho do Sr. Octavio Nazoni e de D. Angelina Bucce.

GODOFREDO FRAGA

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista

Heróis e soldados saíram de Santos, em multidão, para as trincheiras da Guerra Constitucionalista. Uns deixaram história. Outros perderam-na, queimada na própria gloria de morrer combatendo. Godofredo Fraga figura entre os últimos. Quem foi, o que fazia, onde nascera, não soubemos. Soldado desconhecido, de quem ficou o nome para ser gravado no mármore que lembrará aos que vierem depois de nós – os nossos filhos e os filhos dos nossos filhos – como se soube morrer por São Paulo no ano de 1932. Depois, para que melhor história para os heróis do que a certeza apenas de que souberam honrar a sua terra e a sua gente?

GUERINO LUIZ MAZOLA

4° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Seu período de serviço militar como sorteado estava perto do fim quando estalou a Revolução. Estava Guerino servindo no 4° Regimento de Infantaria e com ele partiu logo para o Setor Norte, destacado para o pelotão de comando. Cumpriu missões arriscadas e fez patrulhas perigosas. Numa dessas missões, a 16 de Agosto a tarde, estilhaços de torpedo lançado por um avião alcançaram-no três quilômetros além de Silveiras, junto à estrada Rio-São Paulo. Hospitalizado em Silveiras, ali morreu quatro horas depois. Sepultado no Cemitério local, mais tarde foram seus despojos transferidos, com grandes homenagens, para sua cidade natal.

Dados Biográficos – Nascido em Descalvado a 3 de Novembro de 1909, Guerino era filho do Sr. Luiz Mazola e de D. Celica Bertoni e irmão de Gilda, Angelina, Arlindo, Yolanda e Maria Mazola. Solteiro, lavrador, merecia o melhor conceito em sua terra natal, que lhe prestou grandes e significativas homenagens.

GUSTAVO BORGES JUNIOR

9.º Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Ferido por estilhaços de granada de avião, em Ligiana, a 31 de Agosto, morreu Gustavo Borges Junior no Hospital de Sangue de Itapetininga a 2 de Setembro. Sobre sua morte o coronel Brazilio Taborda, comandante do Exército Constitucionalista do Setor Sul, disse em ordem do dia de 3 de Setembro:

Morreu ontem na Santa Casa desta cidade um grande herói! O seu nome – Gustavo Borges – soldado da 1.ª Companhia do 9.º Batalhão de Caçadores da Reserva, deve ser cultuado com veneração e orgulho por todos os brasileiros que amam a sua pátria e que a querem ver grandiosa e soberana num regime de ordem e liberdade. Gustavo Borges, mortalmente ferido em combate por estilhaços de granada, morreu dando vivas a São Paulo e a Constituição! Momentos antes de expirar chamou o médico e pediu-lhe que o fizesse enterrar o mais para a frente possível porque nem depois de morto desejaria voltar a São Paulo, para onde só era digno de retornar depois de alcançada a vitória. Em seu capacete de campanha, que guardarei comigo para só o entregar à sua família, Gustavo Borges escrevera em português e inglês: - Vencer ou morrer! A morte mais sublime é a morte do herói! Tombar com honra na primeira linha! – Soldados da Constituição! Honrai a memória deste bravo tombado no campo da batalha!

Está sepultado no Cemitério de Itapetininga, em sepultura perpetua oferecida pela Prefeitura que, também, deu o seu nome a uma das ruas da cidade. Foram-lhe prestadas na ocasião do enterro, todas as honras militares. Seus restos mortais foram posteriormente translados para o Monumento Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 1932.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Gustavo Borges e de D. Emma Borges, Gustavo era nascido em Berlim, Alemanha, por ocasião de uma vilegiatura feita por seus pais. Era, porém, bem paulista pelos seus sentimentos e pelo coração. Já seu avô morrera em combate, defendendo Itararé em 1891. Solteiro, mecânico, era irmão de D. Elisa, casada com o Sr. Hans Selgson e de Jacintho, casado com D. Emma Borges.

HEITOR DINIZ CAMPELLO

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Ao que tudo faz crer, Heitor Diniz Campello incorporou-se ao batalhão extra da Força Pública que se formou em Campinas. Serviu como elemento do 7° Batalhão de Caçadores Paulista. Em meio de sangrento combate, travado a 1° de Setembro no setor de Campinas, teve morte instantânea. Foi sepultado no Cemitério daquela cidade, onde ainda se encontra.

HENRIQUE IVANO KAMMERMANN

4.º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Soldado da 1.ª Companhia do 4.º Batalhão da Força Pública, Henrique Ivano Kammermann seguiu para o Setor Norte, sob o comando do major Genesio de Castro e Silva. Tomou parte em vários combates, tendo recebido graves ferimentos em Queluz. Transportado para o hospital de Cruzeiro, veiu a falecer nessa cidade no dia 11 de Agosto, sendo sepultado no Cemitério da mesma cidade.

Dados Biográficos – Nosso biografado nasceu na Capital de São Paulo, em 1914 e era filho de José Kammermann e de D. Augusta Deserich. Morreu solteiro.

É de extrema gravidade a hora que passa. Minha consciência impele-me a dizer à nação, de público, que a ditadura transformou um movimento de reivindicações cívicas em arma de opressão e de ideais suspeitos. Devo à Nação estas palavras de reprovação ao atual governo do Brasil, por o haver ajudado a instalar-se, sem cogitar de posições e tudo arriscando, enquanto outros talvez divisassem nele vantagens e proveitos pessoais. Podem os homens ser vítimas das suas ideias, mas tem o dever de expô-las quando pensam servir aos interesses de sua pátria.

ARTHUR BERNARDES

HENRIQUE JUNQUEIRA FRANCO

Batalhão de Assalto (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Com a trincheira envolvida por numerosas forças adversárias, já ferido pelo rude embate travado, Henrique Junqueira Franco, sargento do Regimento de Cavalaria do Rio Pardo em operações no rio das Almas, Setor Sul, negou-se á rendição imposta e disparou os últimos tiros de sua arma. Uma carga cerrada de tiros de fuzil alcançou-o, matando-o. Era dia 15 de Setembro. Henrique se incorporara a 18 de Julho e iniciara a luta a 25 do mesmo mês. Seu nome é lembrado pelos companheiros como o de um cavalheiro e o de um valente. Foi sepultado pelo adversário na própria trincheira em que morrera. Um ano e pouco depois, a 7 de Outubro de 1933, seu corpo foi trazido para São Paulo e sepultado no Cemitério da Consolação.

Dados Biográficos – Comerciante forte de café, Henrique Junqueira Franco era nascido em São Carlos a 28 de Julho de 1898, filho do Sr. Alvaro Ferreira Franco e de d. Maria Amelia Junqueira Franco. Seus três irmãos – Samuel, José e Renato – foram também combatentes como voluntários do batalhão Piratininga. Casado com d. Marina Freire Junqueira, deixou um filho a que dera o nome de Sergio. Grande apreciador da equitação, era sócio da Sociedade Hípica Paulista, que lhe prestou várias homenagens, entre as quais a de colocar o seu retrato no salão nobre da sede.

HERMES FAGUNDES CARNEIRO BRAGA

Batalhão 9 de Julho (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Foi dos primeiros a se apresentar o voluntário Hermes Fagundes Carneiro Braga, que se incorporou em São Paulo, no dia 13 de Julho e que, como soldado da 1° Companhia, do Batalhão 9 de Julho seguiu para a frente quatro dias depois. Apesar de muito jovem, demonstrou, aliado ao seu patriotismo, uma bravura e disciplina invulgares. Lutou quase até o fim da revolução. Seu falecimento deu-se a 27 de Dezembro de 1932, em consequência de uma congestão pulmonar contraída quando nas trincheiras em Bragança, ocasião em que foi removido para São Paulo. Essa perturbação orgânica complicou-se com forte pleurisia, não tendo sido possível debelar o mal.

Dados Biográficos – Nasceu em São Paulo, no dia 19 de Agosto de 1915, filho do Sr. Hermes Carneiro Braga e de D. Leonor Fagundes Carneiro Braga. Era irmão de Helio e de Nelly Fagundes Carneiro Braga. Estudante.

O nosso valor e o nosso brio voltaram de novo. Falou às nossas almas a voz de Fernão Dias Paes Leme. E já agora nada mais poderá conter o ímpeto dos modernos bandeirantes, a honra o nome de seus Maiores, na conquista de hegemonia da pátria brasileira. A mocidade paulista conseguiu, num instante memorável, abrir de par em par as janelas do seu idealismo para olhar bem de frente a gloria que a espera. Ao apelo da honra e do brio, como se fossem clarinadas, formaram-se os batalhões para combater em prol de um Brasil melhor, de um Brasil Maior.

Cônego FRANCISCO BASTOS

HERMES DE MOURA BORGES

Batalhão 7 de Setembro (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

O Túnel foi uns sorvedouros de vidas. Foi, também uma fábrica de heróis. Lá se revelaram a bravura e o brio do soldado paulista. Militares ou civis, homens do Exército, da Força Pública ou voluntários, trabalharam lado a lado, demonstrando-se, em todos os minutos, bravos soldados do Exército Constitucionalista. Provaram, também, antes do mais, serem homens alcandorados por um alto Ideal, pois que só gente assim, com tal fibra, suportaria, como suportaram, as prolongadas lutas do histórico local. Foi no Batedor, nas proximidades do Túnel, que Hermes de Moura Borges, do Batalhão 7 de Setembro, incorporado ao Exército Constitucionalista no dia 11 de Julho, e que seguira para frente seis dias depois, sob o comando do capitão Ayres Bento de Oliveira, morreu. Uma granada, no dia 19 de Setembro, seccionou uma de suas pernas, sendo a seguir varado por tiros de fuzil. Não pode resistir a gravidade dos ferimentos. Morreu duas horas depois e está sepultado no Cemitério da 4.ª Parada, em São Paulo.

Dados Biográficos – Nasceu em Franca, a 31 de Outubro de 1908 e era filho do Sr. Telmo Borges e de D. Garmandia Moura Borges. Era formado em odontologia e morreu solteiro.

HERMES RIBEIRO DE FREITAS

4º Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Egresso da Escola Militar do Exército Brasileiro, Hermes Ribeiro de Freitas foi declarado aspirante a oficial de Infantaria em 1932 e classificado no 4º Regimento de Infantaria. Nessas condições é que serviu ao Exército Constitucionalista, tendo emprestado o melhor do seu esforço em prol da reconstitucionalização do país. Morreu no dia 27 de Setembro de 32, no Gramadinho, no Setor Sul, vítima de um tiro assassino de um seu companheiro, com quem desaviera-se. Foi sepultado no Cemitério do Araçá, na Capital do Estado.

Dados Biográficos – Nasceu na cidade de São Luiz do Maranhão, no dia 15 de Outubro de 1910, filho do Dr. Manuel Lustosa de Freitas Paranaguá, Juiz Federal no Estado do Maranhão e de D. Izabel Ribeiro de Freitas. Solteiro.

Acredito, mercê de espesinhamentos irritantes de um governo deliberado a envolver São Paulo numa atmosfera pesada de suspeitas e desconfianças, que no grande Estado sulino se tenham formado, de fato, aspirações separatistas, porventura justificáveis em espíritos apaixonados, dispostos a soluções extremas. Estas aspirações, porém, e precisamente neste ponto se revela o grande erro de apreciação do ilustre chefe das tropas ditatoriais, nem contaminaram o sentir geral das massas paulistas, nem conseguiram a adesão dos mentores políticos ou culturais do Estado, que todos integrados como se acham no amor intenso do Brasil, não poderiam tolerar o esfacelamento da grande Pátria, em cujo pavilhão auriverde resplandece a própria luz dos céus.

JULIO DE FARIA

HIRAN LEITE DE ABREU

6° Regimento de Infantaria. (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Músico do 4° Regimento de Infantaria, abandonou o seu instrumento de arte, trocando-o pelo fuzil de guerra e seguiu para a frente incorporado ao 6° Regimento de Infantaria. Combateu bravamente no setor de Silveiras e em outras posições do Setor Norte. Ferido gravemente em combate havido em Silveiras, foi recolhido ao Hospital de sangue de Cachoeira, onde faleceu. Foi sepultado em Caçapava.

Dados Biográficos – Filho do Sr. José Leite de Abreu e de D. Benedicta Pires de Abreu e irmão de Antonio, Nair, Guaracy, Zulmira, Dayr e Juracy Leite, nascera Hiram em Sertãozinho a 18 de Fevereiro de 1898. Casado com D. Amelia de Abreu, deixou dois filhos: Ivonne e Ivano.

Os moços, todos absolutamente civis, que formam o meu batalhão, tornaram-se militares completos. Sua disciplina é a mais rigorosa e a mais coragem com que se batem, onde quer que seja marcada sua posição, tem feito a admiração de todos quantos a observam. Um fato, entretanto, é impressionante. Por mais militarizados que os meus comandados estejam; por mais vinculados à revolução pelas armas em que estão empenhados, em nenhum momento diminuiu o seu senso cívico. Na guerra, como na paz; na luta como nos comícios; no campo como em suas escolas ou em seus afazeres, o sentimento do voluntário constitucionalista permanece o mesmo: é simples e absolutamente civil. E é por esse sentimento que o Exército da Constituição torna-se cada vez mais gigante e invencível.

CARLOS DE MORAES ANDRADE

HUGO PRADO

Quartel General da Força Pública (Força Pública)
Exército Constitucionalista

Hugo Prado, por sua capacidade e competência, foi escolhido para servir no Quartel General da Força Pública. Morreu em seu posto.

A 15 de Julho, numa tarde muito clara, verificou-se uma forte explosão no edifício do Quartel General da Força Pública, à avenida Tiradentes, de que resultou um incêndio de prejuízos totais. Querendo fugir ao perigo, Hugo Prado atirou-se de uma janela do primeiro andar, sendo infeliz na queda, pois que fraturou o crânio. Transportado para o Hospital Militar da Força Pública faleceu no dia seguinte. Foi sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Nasceu em Barretos a 28 de Agosto de 1909, filho de Antonio Bueno Prado, já falecido e de D. Anna Maria Prado. Era irmão de D. Alice Prado, viúva e de Romilda e Philomena Prado. Morreu solteiro.

HUMBERTO ANGELO BERETTA

Batalhão 23 de Maio (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Incorporado ao Batalhão 23 de Maio desde 13 de Julho, com batismo de fogo recebido a 17, Humberto Angelo Beretta tomou parte em diversas e arriscadas operações, valendo-lhe a sua atuação as divisas de sargento, posto que honrava quando da retomada de Amparo, a 18 de Setembro. Nesse dia, atingido na garganta, morreu combatendo. Está sepultado no Cemitério do Silvestre, em Amparo.

Dados Biográficos – Amparense, nascido a 14 de Julho de 1904, era Humberto filho do Sr. Joaquim Beretta e de D. Anna Maria Bertholdi e irmão de José Carlos, Benevenuto João, Amadeu, Elvira, Iracema e Yolanda Beretta. Solteiro, trabalhava no comércio em sua terra, onde era estimadíssimo e onde a sua memória foi largamente homenageada.

HUMBERTO BENEMERITTI

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Não se pode saber ao certo a que batalhão pertenceu o voluntário Humberto Benemeritti. Essas deficiências que notamos de quando em vez são, em si, mais uma prova da febre cívica que escaldara, em 1932, todos os peitos bandeirantes. A mocidade queria seguir com ou sem documentos, regular ou irregularmente. Assim sucedeu, provavelmente, com o nosso biografado que morreu, em plena luta, no setor de Itapira, onde foi sepultado.

HUMBERTO GOMES MAIA

1° Batalhão de Caçadores Voluntários (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Exemplo de grandeza do ideal que impulsionou os paulistas à jornada magnifica de Julho de 32; exemplo da unanimidade extraordinária de toda a população no gesto de esplendida rebeldia da Revolução Constitucionalista, é a figura deste moço, havia pouco chegado de seu Estado natal para dedicar-se aos estudos em São Paulo. Logo aos primeiros dias do movimento, Humberto Gomes Maia não resistiu ao entusiasmo coletivo, alistando-se no 1° Batalhão de Caçadores Voluntários e com ele partindo para os campos do Sul. Em Buri, a 21 de Agosto, recebeu os ferimentos que, dois dias depois, no Hospital de Sangue de Itapetininga, o haviam de matar. Está sepultado no Cemitério da Consolação em São Paulo, no jazigo da Família Figueirôa.

Dados Biográficos – Natural de Recife, Estado de Pernambuco, era Humberto filho do Dr. José J. Gomes Luz e de D. Maria do Carmo Maia Luz, nascido a 19 de Julho de 1913. Residia em São Paulo em casa do Sr. Genesio Figueirôa, que lhe serevia de pai e contra a vontade de quem alistara-se e partira. Deixou Humberto os seguintes irmãos: José Aluisio e Evangelina Gomes Maia.

HUMBERTO MARQUES

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

A Força Pública de São Paulo serviu à Revolução Constitucionalista não só com todas as suas forças regulares, como, também, com voluntários que se lhe apresentaram às centenas. Humberto Marques, ao que tudo faz crer, foi desses últimos, tanto que seus dados biográficos são muito deficientes, como consequência, evidente, do trabalho apressado, vertiginoso, que se fazia, por força de circunstâncias independentes da própria vontade humana, nos dias exaltados da Revolução Constitucionalista. Sabe-se, a propósito desse combatente, que seguiu para uma das frentes de batalha, tendo perecido em pleno combate, pelo ideal abraçado pelo povo paulista.

HYGINO MESSA

Batalhão Marcilio Franco (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Fazendo parte da 2° Companhia do Batalhão Marcilio Franco, Hygino Messa esteve nas operações de guerra do setor Sul. Em Guapiara sofreu um desastre de automóvel, em virtude do qual ficou com o tórax amassado. Vindo para São Paulo para se tratar, não resistiu aos ferimentos. Sepultado em São Paulo, foi mais tarde trasladado para Pirassununga.

Dados Biográficos – Residente em Pirassununga, ali nascera Hygino, que era filho do Sr. Custodio Messa e de D. Vicenta Ramona e irmão de Ignez, Antonio e Manoel Messa. Era solteiro e contava 22 anos de idade.

Alistamento de um menor

Merece especial registro o gesto do menor Tulio Monteiro de Andrade, de dezoito anos de idade, natural deste Estado, residente em Piratininga. Entusiasta da causa constitucionalista, desejando seguir o exemplo de um irmão que já se encontra numa das frentes de batalha e de parentes que estão alistados na Brigada do Sul, por duas vezes este jovem paulista, fugindo de casa de seus pais, procurou alistar-se em batalhões constitucionalistas, não o tendo conseguido, entretanto, devido à sua pouca idade. Agora, conseguindo, com o consentimento de seus pais, alistar-se no Regimento de Cavalaria, o valente paulista, cheio de entusiasmo, deverá seguir dentro de breves dias para uma das frentes. Assisti em Itapetininga, a uma cena que me comoveu. Numa de suas ruas vi um oficial que ia a meu lado chamar, em dado momento, um soldado, de cor, muito modesto, que caminhava à sua frente. Como este não o tivesse ouvido, o oficial adiantou-se e o abraçou fraternalmente. A cena era edificante. Perguntei a um outro oficial, com quem ia, quem era o combatente que merecera tão grande simpatia do oficial:

– Esse pequeno soldado – respondeu-me – é um exemplo de bravura. A ele se deve, num dos combates travados neste setor, a salvação de uma companhia.

ANTONIO DE SOUZA CUNHA

IGNACIO LEOPOLDO DE CAMARGO

1.º esquadrão do Regimento de Cavalaria (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Na graduação de sargento do 1.º esquadrão do Regimento de Cavalaria da Força Pública, Ignacio Leopoldo de Camargo seguiu para o Setor Norte no dia 15 de Julho. Tomou parte em vários combates, sendo atingido, no setor de Pinheiros, onde lutava com denodo, por uma rajada de metralhadora, morrendo no mesmo instante. Seu passamento deu-se a 16 de Agosto, sendo sepultado no Cemitério de Cruzeiro.

Dados Biográficos – Nasceu em Arraial dos Souzas, em Campinas, no mês de Setembro, em 1891. Era filho de Leopoldo Augusto de Camargo e de D. Guilhermina Ferraz de Camargo. Foi casado com D. Emilia Jesus de Camargo e deixou os seguintes filhos: Guilhermina, Waldemar, Fabiano, Petronilha, Hilda e Zilda.

Filhos da República, soldados da Constituição, vossa avançada é invencível, porque vosso ímpeto é desencadeado pela própria vontade indomável do Brasil. A pátria caminha com os vossos próprios passos, porque ela só pode ser concebida dentro da ordem constitucional. Basta esse vosso exemplo que a nação abençoa e aplaude, para atestar a vitalidade do Brasil, integrando-o ao ritmo do nosso passado, que foi constituído com o heroísmo, a sabedoria e a experiência dos nossos Maiores e que foi inscrito com estrelas de ouro nas dobras da vossa bandeira.

PEDRO DE TOLEDO

INDALECIO DA COSTA

2° Companhia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

No dia 20 de Julho, Indalecio da Costa incorporou-se em Quitauna ao Exército Constitucionalista. E no dia 26, como soldado da 2.ª Companhia, sob número 1750, comandado pelo capitão Tenorio de Castro, seguiu para frente no Setor Sul. Entrou logo em ação. Demonstrou-se valente em extremo, sendo considerado, pelos seus comandantes, um ótimo soldado e pelos seus companheiros um amigo exemplar. Em meio de um combate que se efetuou, renhidíssimo, morreu em Buri, dentro da trincheira, no dia 15 de Agosto. Um tiro de fuzil, no pescoço matou-o instantaneamente. Foi enterrado na própria trincheira e mais tarde trasladado para Tietê, sua terra natal.

Dados Biográficos – Nasceu em Tietê, a 8 de Janeiro de 1908, filho de Luiz da Costa e de D. Francisca da Costa. Deixou os seguintes irmãos: Maria da Costa Busmara. Agostinho da Costa e Luiz da Costa Junior ex-combatente do 6.º Batalhão de Caçadores da Reserva. Era bacharel em Ciências e Letras e exercia a profissão de corretor de café.

IPIROLDES MARTINS BORGES

3° Companhia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

No primeiro batalhão constituído em Rio Preto, Ipiroldes Martins Borges apresentou-se. Sua incorporação deu-se a 20 de Julho, sendo inscrito na 3° Companhia, sob o número 137. Em virtude de sua extrema juventude, tanto a sua família como o comando do Regimento de Rio Preto fizeram oposição ao seu alistamento. Tudo foi inútil. A decisão do jovem foi irrevogável. Nada pôde coibi-lo. Seguiu para a frente de combate, lutou bravamente. Porém, um mês depois precisamente a 20 de Setembro, no setor de Jaguari, foi atingido por um tiro de fuzil no peito, morrendo instantaneamente. Seu sepultamento deu-se em Carlos Gomes.

Dados Biográficos – Nascido em Serra Azul, neste Estado, a 22 de Fevereiro de 1915, era filho de João Martins Borges e de D. Emilia Martins Borges. Deixou os seguintes irmãos: Alipio, Octavio, Helena, Agenor, Emygdio, Liria, Cynira, Maria de Lourdes e Rosa. Exercia a profissão de mecânico.

IVAMPA DUARTE LISBOA

Batalhão Tiro Naval de Santos (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado em Santos, de onde era natural, Ivampa Duarte Lisboa, pertenceu ao Tiro Naval. Valente, cheio de entusiasmo, o bravo voluntário era um dos mais abnegados de seu batalhão. Por ocasião de um avanço, no Setor Norte, para onde foi destacado, recebeu um ferimento mortal. A posição

foi conquistada, enquanto Ivampa Duarte Lisboa perdia a vida, no dia 31 de Agosto. Está sepultado em Santos. Seus dados biográficos são deficientes. Sabe-se apenas que nasceu naquela cidade litorânea no ano de 1910.

IZAIAS GOMES

Batalhão Legião Negra (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Foi dos primeiros a acudir ao apelo da Legião Negra, onde se incorporou no dia 16 de Julho, o voluntário Izaias Gomes. Dois dias depois, sob o comando do tenente Silvino Mendes de Oliveira, já com a graduação de cabo, seguiu para Cunha, no Setor Norte. Sua atuação embora esforçada e eficiente, foi breve. No dia 27 de Julho, atingido por uma rajada de metralhadora, teve morte instantânea. Seu corpo foi sepultado em Campos Novos de Cunha. Contava trinta anos de idade e nascera em Santos. Era casado.

IZIQUIEL DE FREITAS

Batalhão Bento Gonçalves (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Pouquíssimas foram as informações obtidas a respeito deste voluntário do Batalhão Bento Gonçalves – 11.º Batalhão de Caçadores da Reserva. O Sr. Cyrillo Rodrigues Silva, que foi seu comandante em operações realizadas no Setor Norte, disse que ele foi um bom soldado, ativo, eficiente. Depois, soube-se que no Morro Verde, daquela mesma frente, Iziquiel de Freitas tombou, durante um duro ataque adversário e foi sepultado no próprio local onde morrera. Depois, mais nada. Seu passado, sua origem, ficaram ocultos na mesma campa rasa onde repousa o seu corpo.

JACINTHO KERRY VALENTE

Batalhão Rio Grande do Norte (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Jacintho Kerry Valente foi dos primeiros a apresentar-se. Incorporou-se em São Paulo, no dia 10 de Julho, sendo destacado para o Batalhão Rio Grande do Norte, na 3° Companhia, sob nº 44. Partiu para uma das frentes do setor Leste no dia 15 do mesmo mês. Tomou parte saliente em vários combates, tendo sido ferido em Entre Montes, setor de Amparo, no dia 23 de Setembro, morrendo instantaneamente. Foi sepultado nessa última cidade.

Dados Biográficos – Nasceu em Itu e contava 32 anos de idade. Era filho do Sr. Jacintho Valente Barbas e de D. Emilia Kerry Valente. Deixou os seguintes irmãos: Isaura, Carolina, Lydia, casada com o Sr. Alberto Patanini; Albertino Valente, casado com D. Maria Aguilera e Espedito Valente.

Nossa guerra não é mantida por conscrições militares, por coação, pela violência sob qualquer de suas formas; não se fez nenhuma chamada de reservistas; as nossas fileiras transbordam somente de voluntários representantes de nossas melhores famílias, muitos deles já triunfantes na vida, outros nela entrados cheios de esperança. Ninguém mediu, ninguém regateou a sua contribuição; pais conheço que tem seis filhos nas trincheiras; excedem de 200.00 os voluntários alistados, todos brasileiros natos; em mais de 40.000 contos importam os donativos, em dinheiro, em mercadorias, em bens de toda espécie; – e apesar deste esforço sobre-humano o ritmo do nosso trabalho ainda não se interrompeu!'. Semeiam-se os campos, custeiam-se as lavouras, funcionam as indústrias, não se interromperam as transações comerciais e não só nenhuma necessidade sofremos, como temos, pelo contrário, sobras para uma exportação abundante. São Paulo, como se disse da França, defende-se com um braço, trabalha com o outro; e quando um povo assim se levanta, unanime, uníssono na exaltação de sentimentos que constituem a própria base de dignidade humana, não pode mais ser vencido.

JOSÉ MARIA WHITAKER

JAIR FONTES DE GODOY

1° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Nos primeiros dias da Revolução, os voluntários do 1° Batalhão de Caçadores da Reserva, ocupando posição na fazenda Moraes, dominando Engenheiro Passos e Engenheiro Bianor, entraram em contato com os fuzileiros navais mandados ao seu encontro. Lá sofreram os primeiros ataques da aviação e lá sofreu o 1° Batalhão de Caçadores da Reserva a sua primeira perda: Jair Fontes de Godoy, que faleceu no hospital de sangue de Guaratinguetá, a 1° de Agosto, depois de ferido nos rins por estilhaços da mesma granada que vitimou o capitão Pradinho. Está sepultado no Cemitério do Pedregulho daquela cidade.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Sebastião Fontes de Godoy e de D. Narcisa Sender de Godoy, nascera Jair em São Paulo, a 1° de Fevereiro de 1911. Era irmão de Mario, também combatente casado com D. Annita Liguori de Godoy; Edgard, casado com D. Dolores Navajas; Cyro, casado com D. Rosinha de Godoy; D. Edith, casada com o Sr. José Portugal; Ary, casado com D. Diva de Godoy; Zilá, Jandyra e Helly. Antes da luta, Jair Fontes de Godoy era guarda livros em Mogi das Cruzes.

JANUARIO DOS SANTOS

8.º Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Logo no início da Revolução Constitucionalista, Januario dos Santos incorporou-se em Santos, onde trabalhava, sendo escalado para o 8.º Batalhão de Caçadores da Reserva. Reservista do Tiro de Guerra 598, seus trabalhos foram desde logo aproveitados. Demonstrou-se um soldado eficiente. Era um leal e valente companheiro. Sua morte deu-se no Hospital de Sangue de Cruzeiro. Ferido no setor de Pinheiros, no Setor Norte, por estilhaços de granada de avião, foi transportado com presteza para o citado hospital, mas não pode resistir aos seus padecimentos, vindo a falecer no dia 27 de Agosto. Foi sepultado no Cemitério de Cruzeiro, na sepultura n.º 275.

Dados Biográficos – Nasceu em Ribeirão Preto a 23 de Dezembro de 1909. Era filho do Sr. Fernando Pereira dos Santos e de D. Anna Maria dos Santos. Deixou os seguintes irmãos: Maria José dos Santos, Fernando dos Santos Junior e Mario dos Santos, do 7.º Batalhão de Caçadores da Reserva.

Na vida de cada povo, há uma hora de aflição sem igual, que quase consome a multiplicidade das energias. Deserto sem oásis para as mais modestas esperanças, oceanos sem praias visíveis para as menores impaciências, noite polar para todos os olhos ansiosos de rasgar o domínio da treva, é nesse instante de escuridão e de sede que sucumbem as coletividades, senão as alenta o concurso de uma vontade poderosa. No círculo dantesco a que a ditadura reduziu a vida de São Paulo, durante cerca de vinte meses, foram incontestavelmente os vossos incitamentos a matriz das primeiras resistências. Justificastes com uma evidência meridiana a antiga verdade de que os grandes pensamentos vêm sempre do coração.

JOAO NEVES DA FONTOURA

JANUARIO ZINGARO

2.º Batalhão de Caçadores Voluntários (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Sob o comando do capitão Benito Serpa e incorporado ao 2.º Batalhão de Caçadores Voluntários, corpo de voluntários auxiliar da Força Pública, Januario Zingaro recebeu, a 30 de Setembro, durante o combate havido em Conchal, um tiro de fuzil no fígado. Levado imediatamente para Araras, faleceu quando socorrido. Foi sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Nascido em Piracaia, Januario era filho do Sr. Thomaz Zingaro e de D. Lecticia Prestes e irmão de Antonio, Benedicto, Therezinha, Alzira, Luzia, Virginia, Amelia e Philomena Zingaro, todos residentes em Atibaia.

JASON XAVIER DE BARROS

5° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Com a graduação de cabo de esquadra do 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria, da 8.ª Companhia, Jason Xavier de Barros saiu de Campinas com seu batalhão no dia 16 de Julho, sob o comando do tenente coronel Antonio Alexandrino Gaia. No dia imediato tomava posição na serra da Mantiqueira. Foi também um dos sacrificados do setor do Tunel. Morreu nessa posição, em meio de renhido combate, no dia 30 de Agosto. Foi sepultado em Cruzeiro, na sepultura sob n° 291. Jason, que sempre honrou as glórias de que seu batalhão era detentor, nascera em Goiás, no ano de 1911 e era solteiro.

JAYME DE AGUILAR BARBOSA

Batalhão 9 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Quatro dias depois de estalada a revolução, Jayme de Aguilar Barbosa, esquecendo seus interesses, com o espirito en-

candecido pelo ideal que empolgava todo o povo paulista, incorporou-se ao Exército Constitucionalista, sendo destacado para a 1° Companhia do 1° Batalhão 9 de Julho. Partiu para a frente, sob o comando do major Labieno Gomes, alcançando, dentro em pouco, devido à sua atuação, o posto de 2° sargento. Morreu no dia 18 de Setembro, em Amparo, quando se tentava a retomada daquela cidade, atingido por uma rajada de metralhadora no peito. Sua morte foi instantânea. Sepultado em Amparo, seus despojos foram, depois, trasladados para São Paulo e sepultado no Cemitério do Araçá.

Dados Biográficos – Nasceu na cidade de Franca, aos 18 de Fevereiro de 1904, filho do Sr. Alberto José Barbosa e de D. Heraclita de Lima Barbosa. Era casado com D. Francisca Barbosa e deixou três filhos: Alberto, Annibal e Jayme. Era irmão de Mouzinho, Mario, Ruy e Lucilia de Aguilar Barbosa. Trabalhou no alto comércio de São Paulo, sendo na ocasião da Revolução funcionário do Instituto do Café.

JAYME TAVEIRA

Aviação do Exército (Aviação)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Entre os aviadores que no Rio de Janeiro trabalhavam pela causa constitucionalista, contava-se Jayme Taveira. Seus serviços de catequese junto a outros companheiros são conhecidos. Sabido, no entanto, quanto era vigiada a atuação dos aviadores e quão rigorosas foram as providencias tomadas pelo Governo Federal, pode-se avaliar o grau de habilidade e de sacrifícios que ele dispendeu até encontrar um avião e um processo para poder vir para o Estado de São Paulo, passando-se para o seu Exército. E quando tudo sorria aos seus propósitos, não quis o destino que se completasse o anseio de Jayme Taveira. Quando, de posse de um avião da Panair, vinha, em companhia de outros aviadores, em pleno voo, rumo aos céus de Piratininga, o aparelho foi vítima de um grave desastre de que resultou a morte de seus bravos tripulantes, inclusive a de Taveira. Esse fato deu-se no dia 25 de Setembro do glorioso ano de 1932. Jayme Taveira pertencia à Aviação do Exército e era irmão do Dr. Mario Taveira.

JOÃO DE ALMEIDA E SILVA

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

Como já tivemos ocasião de dizer, foram muitos os voluntários que, estalada a Revolução, incorporaram-se a Força Pública. João de Almeida e Silva foi um destes. Trabalhou junto às forças regulares daquela milícia. Serviu com denodo à causa de São Paulo, tendo morrido em combate.

JOÃO ALVES DE MORAES

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

Os dados biográficos de João Alves de Moraes são muito deficientes. Provavelmente foi daqueles que pediram sua incorporação na Força Pública de São Paulo nos torvos, mas exaltados dias de 1932, não deixando dados completos sobre sua personalidade. Incorporou-se e seguiu para uma das frentes de combate, onde morreu, de armas na mão, pelo ideal que abraçava o coração do povo paulista.

JOÃO ALVES DIAS

1° Esquadrão do Regimento de Cavalaria (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Na graduação de sargento do 1° Esquadrão do Regimento de Cavalaria da Força Pública, João Alves Dias esteve em diversos combates, primeiro no setor Sul, depois no setor Norte. Na segunda quinzena de Setembro, quando o Exército Constitucionalista do Setor Norte se concentrara nas trincheiras de Engenheiro Neiva, João Alves foi gravemente ferido num dos constantes choques entre as forças adversárias, descendo para o Hospital de Sangue de Guaratinguetá, onde morreu, sendo sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Nascido em Rio Claro no ano de 1905,

João Alves Dias era filho do Sr. Sebastião Alves Dias e de D. Thereza Nunes. Era casado.

JOÃO ALVES PIMENTA

6° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Iniciado o movimento revolucionário de São Paulo, João Alves Pimenta deixou o seu posto de telegrafista da São Paulo Railway e incorporou-se ao Exército Constitucionalista, sendo designado para a 3° Companhia do 6° Batalhão de Caçadores da Reserva, partiu com seus companheiros para o Setor Sule tais demonstrações suas de bravura e de eficiência que, dentro em pouco, foi promovido a cabo.
No combate travado a 16 de Setembro em Porto Serraria, Ligiana, João Alves foi atingido na cabeça por tiro de fuzil, morrendo instantaneamente. Seu corpo foi transportado para São Paulo e sepultado no Cemitério da 4ª parada.

Dados Biográficos – Seu nascimento deu-se em São Paulo, a 22 de Fevereiro de 1914. Era filho de Sr. Leonardo Alves Pimenta e de D. Ângela Pimenta e irmão de D. Clara Pimenta de Oliveira, casada com o Sr. Pedro de Oliveira. Era solteiro e, como dissemos, telegrafista de São Paulo Railway.

JOÃO ANTONIO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Leste

João Antonio não era do quadro regular da Força Pública. Foi, segundo todos as probabilidades, um daqueles voluntários que, em Campinas, se apresentaram e pediram sua incorporação naquela milícia, com o fim de defender, como defenderam, com real bravura, as cores do Exército Constitucionalista. Morreu nesse mesmo setor, no dia 12 de Setembro, tendo sido sepultado no Cemitério daquela cidade. E a razão por que não se conseguiu nenhum dado biográfico sobre esse soldado reside, principalmente, no fato que enunciamos na primeira linha desta nota.

JOÃO AUGUSTO NAVARRO

Batalhão Legião Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista

Incorporado no posto de 2° tenente a Legião Paulista, João Augusto Navarro tomou parte ativa na luta desde os primeiros dias. Incólume quanto a ferimento de guerra, contraiu, porém, nas trincheiras uma moléstia que muito o fez sofrer e da qual veio a falecer a 2 de Fevereiro de 1935. Está sepultado no Cemitério São Paulo, da Capital.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Luiz Navarro e de d. Francisca Carolina Navarro, João Augusto, nascido em Mococa a 12 de Abril de 1897, era casado com d. Antonietta Navarro, de cujo consorcio deixou dois filhos: Decio e Luiz Antonio. Advogado, vivia da sua carta. Em 1930, tomou parte na revolução, sendo preso em Casa Branca.

JOÃO AURELIO DE ALMEIDA

6° Regimento de Infantaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Apresentando-se a 11 de Julho ao quartel do 3° Batalhão do 6° Regimento de Infantaria, João Aurelio de Almeida foi a ele incorporado, seguindo para a frente quatro dias depois. Feito prisioneiro, foi levado para Itatiaia, de onde evadiu-se no dia 3 de Outubro. Ao tentar atravessar a nado um rio, afogou-se.

Dados Biográficos – Solteiro, estudante, cheio de entusiasmo que levou São Paulo a luta, João Aurelio de Almeida, filho do Sr. João Firmino de Almeida e de D. Alcinda de Almeida. Nasceu em São Paulo a 22 de Junho de 1912.

Passamos um dia inteiro junto à Companhia Isolada de Santo Amaro. Tivemos ocasião, assim, de observar o levantado estado de ânimo dos soldados constitucionalistas e observar alguns episódios interessantes. Primeiro uma esperteza. O oficial intendente perguntou aos soldados se precisavam de perneiras. Quase toda a companhia se apresentou. E o intendente, que sabia não ser verdade, resolveu tirar a prova real. Para isso lançou mão de um expediente. E aí é que se viu o exemplo de bravura de toda a tropa. Deixando passar algum tempo fez a companhia formar. Um oficial anunciou a necessidade de avançar localidades vizinhas, notificando os soldados, porém, que só iriam os que tivessem perneiras. Operou-se, então o milagre. Todos se apresentaram completamente fardados e equipados para seguir. As perneiras apareceram.

Nos cem mil soldados que em São Paulo se batem pela Constituição há cem mil leões porque a consciência do direito, a convicção da justiça, a superioridade do ideal decuplica a energia, o ardor, a bravura do homem.

MARIO PINTO SERVA

JOÃO BAPTISTA DE ARAUJO

Batalhão Voluntários de Rio Preto (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Incorporado em Rio Preto, logo no início das operações João Baptista de Araujo seguiu para o Setor Leste, como soldado do Batalhão Voluntários de Rio Preto. Foi um valente e um disciplinado defensor da causa constitucionalista. Morreu em pleno combate, no dia 10 de Setembro, na Fazenda Guedes, em Campinas, de um ferimento produzido por tiro de fuzil. Sua morte deu-se instantaneamente, sendo sepultado junto a um bambual onde tombara.

Dados Biográficos – Nasceu em Franca, no dia 8 de Fevereiro de 1898, filho do Sr. João Delphino de Araújo e de D. Maria C. de Jesus. Era casado com D. Maria Conceição Araújo e deixou quatro filhos menores: Helena, Celio, Christina e Sylvia. Exercia a profissão de motorista.

Não somente o número e a espontaneidade de inscrições de profissionais nos deve causar admiração. O número de donativos de roupas e medicamentos que a Comissão de Socorros Médicos tem recebido mostra sobejamente o espirito de cooperação do povo paulista. Não há distinção de classes ou religião. Todos tem concorrido igualmente à altura de suas forças. A Liga das Senhoras Católicas, a Assistência Evangélica, a Serenissima Grande Loja de Antigos e Aceitos Franco-Maçons do Estado de São Paulo, têm sido incansáveis no fornecimento de roupas de cama, o material médico-cirúrgico. Para se fazer a ideia do que tem sido esse movimento basta dizer que, só ao Serviço Sanitário, essas instituições forneceram: 1.640 camisas; 292 cachecóis; 1,964 fronhas; 2.581 pensos, 2.325 tampões lençóis; 14.269 ataduras; 155 pacotes de gazes, 87.026 compressas, 16.140 tampões, além de muitas outras peças de roupa.

Doutor JOSÉ DE TOLEDO PIZA

JOÃO BAPTISTA BUENO DOS REIS

Batalhão Voluntários de Piratininga (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

No flanco esquerdo de Queluz, os contrafortes da Mantiqueira se estendiam, íngremes, inóspitos, dominando a linha férrea da Central do Brasil. O morro da Fortaleza estava a cavaleiro de Engenheiro Bianor. Entrincheirado sobre ele, o Batalhão Voluntários de Piratininga defendia a posição. João Baptista Bueno dos Reis, soldado n° 749 da 3° Companhia, foi ali atingindo por uma rajada de metralhadora, morrendo no mesmo instante. Seus fiéis companheiros sepultaram-no no alto do morro, tão alto quanto pairava na consciência paulista o ideal da Revolução. Mais tarde, os seus despojos foram trasladados para o Cemitério São Paulo, na Capital.

Dados Biográficos – Nascera João Baptista a 9 de Fevereiro de 1912, em Espírito Santo do Pinhal, filho do Sr. Sebastião Bueno dos Reis e de d. Isabel Pinto Bueno e irmão de; José Liberato, também combatente; Mauro, Maria de Lourdes, Claudio e Cássio Bueno dos Reis. Funcionário acatado do Banco Comercial do Estado de São Paulo, era noivo da senhorita Antonia Vianna. Por ocasião da trasladação dos seus despojos, os diretores e colegas do Banco Comercial prestarem-lhe grandes homenagens. O Club dos Bancários inaugurou com solenidade o seu retrato no salão nobre da sua sede.

JOÃO BAPTISTA DE GODOY

8° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

O 8° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Publica teve atuação destacada nas operações levadas a efeito no Setor Sul do Estado. Fazia parte dessa valente unidade da Força o sargento João Baptista de Godoy, tombado dia 10 de Agosto quando, comandando um grupo de combate, tentava uma sortida sob intenso bombardeio adversário. Um estilhaço de granada na cabeça matou-o próximo a Guapiara. Foi sepultado em Capão Bonito.

Dados Biográficos – Estava destacado em Itaberá, onde se casara com D. Aurora M. de Godoy, de cujo consorcio nasceram seus filhos João, Lourdes, Dulce e Clodoaldo, quando foi chamado ás armas. Veterano das lutas de 1924 e de 30, sua bravura era conhecida e exemplar. Nascido em Rio Claro, no ano de 1894, João Baptista era filho do Sr. Joaquim Antonio de Godoy e de D. Maria Rita de Godoy.

Não há hoje no Brasil uma cidade tranquila, uma vila, um povoado em que não haja corrido ainda o frêmito revolucionário. Por toda a parte a revolta da nação civil contra as forças mercenárias que se conjugaram para disputar o poder, perpetuando-se nas posições de mando. A revolução constitucionalista é o mais profundo e mais amplo movimento de brasilidade que já engrandeceu as crônicas dos nossos sacrifícios coletivos. Pelo Brasil levantou-se São Paulo, abriu suas veias nas trincheiras, empenhou os seus haveres, deu a sua fortuna. Pelo Brasil é que o seu escudo, formado no calor destas lutas bravias, aconselha que se façam as coisas mais altas e mais nobres: PRO BRASILIA FIANT EXIMIA!

DJLAMA PINHEIRO CHAGAS

JOÃO BAPTISTA MENDES D'ALMEIDA

Batalhão 9 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Quando defendia o Morro Gravi, no setor de Itapira, João Baptista Mendes D'Almeida, voluntário da 2° Companhia do 4° Batalhão 9 de Julho, foi atingido por estilhaços de granada na cabeça e nas costas, a 4 de Setembro, morrendo instantaneamente. Foi sepultado no próprio local e mais tarde seus restos foram trasladados para Mogi Mirim.

Dados Biográficos – João Baptista nascera em Jaboticabal a 10 de Setembro de 1899, filho do Sr. Henrique Tibercio de Almeida e de D. Theodora M. de Almeida. Seus irmãos Sebastião, Noemia, Elsa e Raymundo Mendes D'Almeida residem, com seus pais, em Tanaby.

JOÃO BAPTISTA DE OLIVEIRA FARIA

4° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado em Xiririca (Eldorado), em Agosto, João Baptista de Oliveira Faria pertenceu ao 4° Batalhão de Caçadores Paulista provisório da Força Pública de São Paulo. De espírito combativo, enérgico, foi um bravo combatente. Em consequência de ferimentos recebidos por tiro de fuzil no ventre, o nosso biografado morreu no dia 17 de Setembro, em Barra do Batatal, município de Xiririca (Eldorado), no Setor Sul, litoral. Foi sepultado no lugar em que tombou.

Dados Biográficos – Nasceu em Xiririca (Eldorado) a 1 de Setembro de 1906, filho de Joaquim Clementino de Faria e de D. Amancia de Oliveira Faria, aquele falecido. Deixou uma Irmã, Isabel, que reside em Santos. Era solteiro e exercia a profissão de dentista.

JOÃO BAPTISTA PRADO

Integrante de Unidade do Exército Brasileiro
Exército Constitucionalista do Setor Norte

No setor da fazenda Moraes, além de Queluz, a luta não começara propicia. Nos primeiros choques, a tropa, na Maioria bisonha, composta de voluntários entusiastas e fortes, mas sem o traquejo necessário, mal comandada, mal alimentada, mal colocada a ponto de uma companhia do mesmo batalhão fazer fogo contra a outro, não opunha a resistência necessária. Gastava-se munição inutilmente em rajadas continuas de metralhadoras e de fuzis- metralhadores. Uma subunidade houve que passou duas noites e um dia amontoado num valo para fugir ao fogo das demais forças constitucionalistas, postas quase á sua retaguarda. Houve a primeira reação dentro dessa tropa, que não queria morrer atirada pelas costas. Consequentemente, mudança de comando e de batalhões. João Baptista Prado, oficial moço, ousado, capaz, foi um dos encarregados de reorganizar a defesa. Reuniu homens, organizou as forças e as dispôs. Estava sempre nas trincheiras quando a fuzilaria era mais intensa, dando o exemplo de sua coragem e do seu valor. Desde então foi outro o moral dos combatentes. Desde então, foi feita uma defesa eficiente. Desde então, as forças ditatórias encontraram resistência efetiva e solerte. Presente sempre onde o perigo era Maior, João Baptista Prado, que havia começado a luta como tenente e já merecera ser promovido a capitão, foi alcançado, no dia 31 de Julho, por uma granada de aviação, que esmagou totalmente o pé esquerdo. Removido incontinenti para o Hospital de Sangue de Cruzeiro, foi submetido a uma intervenção cirúrgica, sendo amputada a perna pouco abaixo do joelho. No dia seguinte, porém, morria ele, confiando na vitória de São Paulo, tendo nos lábios a mesma frase que lhe acudira ao espírito quando

fora ferido: - *Isto não é nada. São Paulo merece muito mais!* Seu corpo foi trazido para São Paulo e sepultado com todas as honras a que fizera jus.

Dados Biográficos – João Baptista Prado era natural de Leme, neste Estado, nascido a 15 de Abril de 1906, filho do Sr. Pedro da Silveira Prado e de D. Fileta Bennaton Prado, falecida sete meses depois da morte de João Baptista. Era irmão do tenente Newton Prado, um dos 18 do Forte Copacabana, falecido em 1922; dos Drs. José e Ruy Bennaton Prado; de Manoel Martiniano Prado, Pedro da Silveira Prado Junior, Antonio Pirajára Prado, falecido, e de D. Anna e Aurelia de Lourdes Prado. Era casado com D. Yolanda da Silva Prado, de cujo consorcio deixou um filhinho, Klebel, com 8 meses de idade. Oficial de carreira, em 1930 estava classificado como 2.º tenente do 7° Regimento de Infantaria, aquartelado em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, vindo para São Paulo com as forças revolucionarias de então. Na Campanha Constitucionalista foi duas vezes promovido: a 1° tenente e a capitão, posto em que morreu.

JOÃO BERNARDO VIEIRA

1° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista

Também na Capital do Estado foram dadas vítimas em holocausto ao sonho idealístico que levou São Paulo a guerra. Haviam-se passado seis dias do início da Revolução. Dia 16 de Julho, cerca de dezessete horas, uma formidável explosão abalou o bairro da Luz. Incendiava-se o Quartel General da Força Pública, depois de ir pelos ares o seu deposito de munições. João Bernardo Vieira, Sargento amanuense estava em serviço dentro do Quartel General apanhado em cheio foi removido em estado de coma para o Hospital Militar onde, seis horas depois, expirava, terminando dessa forma trágica os seus 26 anos de serviços a Força Pública. João Bernardo estava incorporado, ultimamente, ao 1° Batalhão de Caçadores Paulista.

Dados Biográficos – Nascido em São Paulo a 16 de Janeiro

de 1885, era João Bernardo filho do Sr. Manoel Ribeiro e de D. Maria Marcolina Vieira e irmão de Isolino e Manoel Felix Vieira. Era solteiro.

JOÃO BRASIL

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Cabo de esquadra do 7° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, João Brasil combatia desde 13 de Julho, quando foi mandado para o setor Leste. Ferido gravemente ao findar a luta, mereceu a sua promoção aa graduação de 3° sargento. Em virtude, porém, dos ferimentos produzidos por estilhaços de granada, veio a falecer a 21 de Outubro, na fazenda Sete Quedas, município de Itapira, sendo seu corpo trasladado para Campinas.

Dados Biográficos – Paulistano e solteiro, era filho do Sr. Augusto Brasil e de D. Antonia Brasil. Nascera no ano de 1902.

JOÃO CAPISTRANO DOS SANTOS

Centro de Instrução Militar da Força Pública
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sargento do Centro de Instrução Militar da Força Pública, sob o comando do tenente coronel Manuel Marinho Sobrinho, João Capistrano dos Santos foi destacado para o setor Norte, onde se demonstrou o eficiente militar que era. Depois de tomar parte, incólume, em vários combates, foi ferido gravemente. Morreu no dia 23 de Setembro, na Fazenda Jararaca, em Engenheiro Neiva. Foi sepultado no Cemitério de Guaratinguetá.

Dados Biográficos – Nasceu no Estado da Bahia, no ano de 1891, filho do Sr. Benedicto Capistrano dos Santos e de D. Adriana Maria da Conceição. Casado.

JOÃO CARLOS DE ARAUJO RIBAS

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista

João Carlos de Araújo Ribas pertenceu a uma unidade do Exército Constitucionalista cujos soldados eram ciosos de gloria e fortes lutadores. Morreu, como souberam morrer todos os voluntários desse batalhão heroico: em meio do combate e no lugar onde este era mais violento.

JOÃO CARLOS HERMANN

5° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Era quase um anônimo o voluntário do 5° Batalhão de Caçadores da Reserva. João Carlos Hermann, de quem só se sabe o nome e, aproximadamente, a idade: 47 anos. Um valente, porém. Combateu bravamente no Setor Norte, até 25 de Agosto. Nesse dia, varado por tiros de fuzil, baixou ao Hospital de Sangue de Cruzeiro onde, apesar de tratado carinhosamente e carinhosamente operado, não resistiu aos ferimentos. Foi sepultado no Cemitério local, onde a sua tumba tem o n° 432.

JOÃO CORRÊA DOS SANTOS

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Soldado do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, João Correa dos Santos seguiu ás primeiras horas da Revolução Constitucionalista para uma das frentes de combate. Seu batalhão foi destacado para o setor do Túnel. Lá, como tantos outros, se fez um herói autentico. As lutas desenvolvidas nessa frente eram citadas diariamente, a todas as horas. Ferido gravemente em um desses embates, João Correa dos Santos foi transportado para o Hospital de Saúde de Cruzeiro, onde morreu ás 12 horas do dia 30 de Agosto.

Foi sepultado em Cruzeiro, na sepultura n° 291. Os dados biográficos sobre o bravo militar são muito deficientes, constando apenas que nasceu em 1890.

JOÃO COSMO DOS SANTOS

1° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Primeiramente, João Cosmo dos Santos, soldado do 1° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, atuou com o seu batalhão no Setor Norte. Depois, foi mandado para o setor Leste. Foi na defesa de Amparo, a 19 de Setembro, que ele se distinguiu a ponto de merecer a sua promoção a cabo, post-mortem, pois nesse dia tombou, ferido quatro vezes por tiro de fuzil, quando cumpria uma ordem difícil. Está sepultado em Amparo em cujo Cemitério a sua campa tem o n° 22.085.

Dados Biográficos – Solteiro, nascido na Capital da Bahia, João Cosmo dos Santos, era filho do Sr. José Antonio Argolo e de D. Maria Chrispina da Silva.

JOÃO FERREIRA

Batalhão Visconde de Taunay (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Como soldado do Batalhão Visconde de Taunay, organizado em Campo Grande, de onde era natural, João Ferreira seguiu para a frente em defesa dos ideais paulistas. Lutou sob o comando do Sr. Dario de Carvalho e as notas que se possui sobre sua atuação em campanha são as mais lisonjeiras. Consta que era solteiro e que contava, presumivelmente, 22 anos de idade.

JOÃO FRANCISCO

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Embarcado a 11 de Julho com o 7° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, a que pertencia, João Francisco deu tais provas de valor em campanha que foi promovido ao posto imediato. Combatente das lutas travadas em todo setor Leste, a 28 de Setembro se matinha firme na defesa de Campinas, ameaçada vigorosamente pelas forças ditatoriais. Ferido gravemente nesse dia, baixou ao Hospital de Sangue do Juquery, onde faleceu no mesmo dia, sendo sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – João Francisco, que era solteiro, nascera em 1904 em São Simão, filho do Sr. José Francisco e de D. Barbara Maria de Jesus.

JOÃO GARIBALDI DOS SANTOS

18° Batalhão de Cavalaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Mato Grosso

Sorteado em São Paulo, João Garibaldi de Santos, foi designado, como tantos outros, para servir em Mato Grosso. Entrementes estalou a Revolução Constitucionalista. As tropas de Mato Grosso aderiram ao movimento. E foi como cabo da 2° Companhia, n° 320, do 18° Batalhão de Cavalaria de Campo Grande, sob o comando do tenente coronel Aquino Correia, que João Garibaldi dos Santos trabalhou, bravamente, no exército, que batalhava pela reconstitucionalização do país. Morreu a 10 de Setembro, em Porto Murtinho, naquele estado, vítima de uma rajada de metra-

lhadora. Foi sepultado no local onde caiu e, em Outubro de 1935, foi trasladado para Amparo.

Dados Biográficos – Nasceu em Amparo, a 6 de Maio de 1909, filho do Dr. Garibaldi José dos Santos e de D. Josephina Maria da Conceição. Era solteiro e, antes de ingressar no exército, lavrador.

JOÃO GIANGOLA

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Soldado do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, João Giangola esteve presente aos combates travados no Setor Norte até 5 de Setembro, dia em que uma granada, explodindo, matou-o com seus estilhaços, nas proximidade de Silveiras. Foi sepultado no local onde caiu.

Dados Biográficos – Solteiro, natural de Lagoinha, neste Estado, João era filho do Sr. Januario Giangola e de D. Maria Penella.

JOÃO IDALINO MONTEIRO

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista

Soldado do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, João Idalino Monteiro partiu, com o batalhão a que pertencia, para uma das frentes de combate, nos primeiros dias da Revolução Constitucionalista. Trabalhou duramente. Foi um digno combatente, tendo morrido, de armas na mão, em prol do ideal que acalentava a alma de todo o povo paulista. Não se sabe, contudo, onde foi sepultado.

JOÃO IZIDORI

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Soldado do 7° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Izidori morreu a 7 de Agosto, próximo a Mogi-Mirim, vítima de moléstia apanhada durante a luta. Está sepultado no Cemitério daquela cidade.

Dados Biográficos – Nascido em Ubatuba, em 1904, filho do Sr. Manoel Izidoro e de D. Paulista Felismina do Carmo, João Izidoro ingressara na Força Pública em 1926, tendo sido sempre um bom soldado. Em 1930 tomara parte na resistência aos revolucionários de então, tendo sido feito prisioneiro.

JOÃO JOAQUIM BOHM

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Engenheiro, profundo conhecedor de granadas de mão, o engenheiro João Joaquim Bohm fez-se não só auxiliar de sua fabricação como, principalmente, instrutor do seu manejo. Para isso, ia e vinha continuamente do Laboratório de Ensino de Materiais da Escola Politécnica para as linhas de frente, porque as suas lições eram dadas aos combatentes – magnifica escola de granadeiros! – em frente o inimigo, sob o bombardeio constante e a ininterrupta fuzilaria. Mal sentia escassear a sua munição preferida, volvia a São Paulo buscar mais. Na sua impaciência, não esperava as providências e as remessas feitas pelo Estado Maior. Preferia levar pessoalmente um punhado de caixotes cheios. Esteve em todas as frentes, sempre jovial e animoso. A 5 de Setembro, depois de ter estado vários dias no Túnel ministrava as suas lições aos combatentes do setor de Bragança, no posto avançado de Joanópolis, quando uma das granadas explodiu inopinadamente, dilacerando-lhe o ventre e provocando forte hemorragia em consequência da qual morreu.

Dados Biográficos – O engenheiro João Joaquim Bohm era natural de Dresden, Alemanha, filho do Sr. Rudolph Bohm e de D. Elisabeth Bohm, contava 38 anos de idade e era casado com D. Erna Margarida Bohm. Recebera grau de engenheiro civil na Universidade de Konigsberg, em seu país natal. Residia há muito na Capital paulista e durante a Revolução esteve adido à Escola Politécnica como instrutor de granadas de mão.

JOÃO JONAS

Batalhão D´Oeste, (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado a 4° Companhia, no 2° Pelotão do Batalhão D´Oeste, João Jonas seguiu para frente de combate, no Setor Norte, no dia 21 de Agosto. Voluntário patriota, demonstrou-se, desde logo, um soldado valente e disciplinado. Em um dos combates em que tomou parte, precisamente no dia 9 de Setembro, no Morro Verde, recebeu graves ferimentos. Transportado para o Hospital de Sangue de Cruzeiro, não pode resistir, morrendo algumas horas depois. Seu sepultamento deu-se no Cemitério dessa cidade.

JOÃO JOSÉ DE MELLO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Combatente como muitos outros dos quais ficou, com a notícia da sua morte, apenas o nome, João José de Mello morreu em consequência de ferimentos recebidos durante a Revolução, a 11 de Dezembro de 1932, em Campinas.

JOÃO MEDEIROS SIMAS

Batalhão Floriano Peixoto (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Soldado do Batalhão Floriano Peixoto, João Medeiros Simas incorporou-se ao Exército Constitucionalista, seguindo, com seus companheiros, para o Setor Sul, onde combateu bravamente. Em uma das lutas em que tomou parte, recebeu ferimentos de que não se pode salvar, sendo sepultado em local que não foi possível descobrir.

JOÃO DE PAULA FRANCO

Batalhão Marcilio Franco (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

João de Paula Franco incorporou-se em Pirassununga. Seguiu para frente de combate, no dia 26 de Julho, como um dos bravos componentes da 2° Companhia do Batalhão Marcilio Franco e sob o comando desse mesmo oficial. Em um dos renhidos combates travados no Setor Sul, precisamente em Capinzal, foi atingido, no dia 8 de Agosto, por tiro de fuzil. Transportado para o Hospital de Sangue de Itapetininga, não pode resistir aos seus graves ferimentos, tendo falecido dois dias depois, isto é, no dia 10 de Agosto. Foi sepultado nessa mesma cidade, sendo seus despojos mais tarde sido trasladados para Pirassununga.

Dados Biográficos – Nasceu em Araras a 5 de Julho de 1904, filho do Sr. Albano de Paula Zacharias e de D. Anna de Paula Franco. Foi casado com D. Anna de Paula Carvalho e deixou os seguintes irmãos: Elina, Clarindo, Apparecida e Paulo Zacharias.

JOÃO PEREIRA DOS SANTOS

3° Batalhão de Caçadores Voluntários (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A falta de munições nos momentos mais críticos da guerra de São Paulo foi a causa de sacrifícios sem conta e de profundas dores morais para os nossos soldados. A 10 de Setembro, a margem do rio da Almas, a rapaziada do 3° Batalhão de Caçadores Voluntários, corpo auxiliar da Força Pública, dominava uma posição magnífica, sustentada galhardamente mau grado as investidas furiosas dos ditatoriais, pródigos de vidas e de munições. Mas as munições começaram a escassear para os nossos bravos combatentes. Veio a ordem de retirada. Um grupo de dez homens sob o comando do tenente Darcy Bertoni foi encarregado da linha de resistência que a garantiria. João Pereira dos Santos foi um dos escolhidos para esta missão sobremaneira honrosa e cheia de perigos. A uma ordem, quando a retirada já estava feita, os componentes do grupo deveriam por sua vez retrair-se, um a um. João Pereira dos Santos – n° 39 da 1° Companhia do 3° Batalhão de Caçadores Voluntários – foi o oitavo. Cinquenta metros rastejados fora da trincheira foram vencidos quando um projétil o alcançou, dando-lhe morte instantânea. José Duarte Bertoni, que o seguia, arrastou-o, para dar-lhe sepultura amiga entre os nossos. A 11 de Setembro, Indaiatuba, sua terra adotiva, recebia o seu corpo e lhe prestava as mais solenes homenagens.

Dados Biográficos – Mineiro, natural de Beltrão, nascido a 3 de Maio de 1911, João Pereira dos Santos viera há muito para Indaiatuba onde, pelo seu gênio alegre e comunicativo, fez solidas amizades. Era solteiro e filho de D. Jovina Pereira dos Santos.

JOÃO PINHO

8° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Santos deu muitos voluntários para a campanha constitucionalista. E dos seus filhos o primeiro a tombar foi João Pinho, ferido no coração a 2 de Agosto nas trincheiras de Salto, flanco direito de Queluz, no Setor Norte. Incorporado a 26 de Julho ao 8° Batalhão de Caçadores da Reserva, apenas teve uma semana para lutar. E, ao morrer, nos braços de seu irmão, companheiro da mesma trincheira, recomendou-lhe: - *Estou ferido no coração. Cuide bem de Mamãe e de Emilia*. Está sepultado, hoje, no Cemitério do Paquetá, em Santos.

Dados Biográficos – Nascido em Santos a 11 de Novembro de 1908, João Pinho era filho do Sr. José Pinho e de D. Bertha de Pinho e irmão de Waldomiro, José Dyonisio, Oswaldo e Alda Pinho.

JOÃO PROCOPIO MODESTO

Batalhão 23 de Maio (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Na fazenda de D. Carlota Galvão Bueno, forças do Exército Constitucionalista defendiam a cidade de Amparo, ameaçada pelo exército ditatorial. João Procopio Modesto, incorporado Em Mogi Mirim ao Batalhão 23 de Maio, batia-se ali, como havia se batido anteriormente em outras trincheiras, com denodo que lhe valera a promoção a terceiro sargento. A 10 de Setembro, um tiro de fuzil inimigo varou-lhe o estômago. Pouco sobreviveu. Sepultado em Amparo, seu corpo foi reclamado pela cidade de Tambaú, que lhe prestou várias homenagens

e que pretende erigir um mausoléu em sua memória.

Dados Biográficos – Filho do Sr. João Carlos Modesto e de D. Vitalina Candida, João Procopio era nascido em Mococa aos 7 de Abril de 1913. Solteiro ainda. Dedicava-se a lavoura.

JOÃO SAMPAIO

Batalhão Piracicabano (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado em Marilia, João Sampaio fez parte do Batalhão Piracicabano e, depois, à Coluna Boaventura, juntamente com um grupo de marilienses. Seu falecimento deu-se em plena luta. Foi na Serra da Bocaina, no Morro Vermelho. Atingido por uma rajada de metralhadora na ocasião em que a coluna atacava o 19° Batalhão de Cavalaria da Bahia (que foi desalojado das posições que ocupava), João Sampaio morreu no dia 4 de Setembro.

JOÃO SEBASTIÃO GOMES

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

João Sebastião Gomes foi daqueles paulistas que, no ímpeto que empolgara todo o povo de São Paulo, incorporou-se ao Exército Constitucionalista sem qualquer outra credencial senão a de defender o ideal por que o povo se batia. Não se sabe, por isso, muito bem a que batalhão pertencia. Parece provável, contudo, que tivesse pertencido a um dos batalhões que foram formados à última hora na Força Pública ou então fosse um dos voluntários que se apresentaram aquela milícia, em Campinas, e foram destacados para o 7° Batalhão de Caçadores Paulista. E foi, justamente, nesse setor que João Sebastião Gomes foi mortalmente ferido no dia 31 de Agosto, tendo sido sepultado no Cemitério de Campinas, onde ainda se encontra.

JOÃO TAVARES FILHO

1° Batalhão de Engenharia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Combatente do 1° Batalhão de Engenharia, João Tavares Filho tomou parte nas operações do Setor Norte, tendo atuado especialmente no setor de Engenheiro Bianor, além de Queluz. Durante uma refrega particularmente difícil, morreu com outros companheiros, no dia 10 de Agosto sem que, posteriormente, fosse seu corpo recolhido. Por essa razão ignora-se onde foi sepultado.

Dados Biográficos – Comerciante, contando 26 anos de idade, era João filho do Sr. João Tavares e de D. Anna Tavares.

JOAQUIM ALVES

1° Batalhão de Caçadores Voluntário (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado em Araraquara a 19 de Julho, Joaquim Alves foi destacado para a 1° Companhia do 1° Batalhão de Caçadores Voluntário, na Brigada do Sul. Depois de tomar parte em vários combates, conseguiu uma licença. Não voltou. Em consequência de um desastre de automóvel, na cidade de Araraquara, teve o crânio esmagado, morrendo instantaneamente no dia 5 de Setembro. Foi sepultado nessa mesma cidade.

Dados Biográficos – Nasceu em Ribeirão Preto, a 13 de Fevereiro de 1900, filho do Sr. Antonio Alves e de d. Rita Alves. Era ferroviário e deixou os seguintes irmãos: Rosalia Alves de Castro e Antonio Alves.

O fenômeno de São Paulo, tenha ou não origem nas conveniências e agitações políticas, ele formou-se, tomou vulto e desprendeu-se, pela sua grandiosidade e sua unanimidade, de qualquer causa partidária que o possa ter iniciado, para se elevar à altura de um símbolo de pujança de nossa raça e de sua capacidade de sacrifício por um ideal. E é essa feição impressionante de sua significação que antes de tudo devemos encarar e salientar sempre que cogitarmos mais da grandeza do Brasil do que das paixões agora desencadeadas.

Doutor ROCHA LIMA

JOAQUIM FRANCISCO DE ASSIS

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Soldado do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Joaquim Francisco de Assis seguiu para uma das frentes de combate sob o comando do major Inojosa. Tomou parte em vários combates, com a bravura e a eficiência que lhe eram reconhecidas, tendo sucumbido, no dia 26 de Agosto, na Fazenda Amarela, em Itapira, Setor Leste. Supõe-se que esteja sepultado em Marília.

Dados Biográficos – Nasceu em Nazareth, no dia 12 de Novembro de 1897, filho do Sr. Joaquim Francisco de Assis e de D. Adelaide Maria de Jesus. Foi casado com D. Sebastiana Rodrigues Pinheiro e deixou um filho de nome Benedicto. Era irmão de Francisco Assis Salles e de D. Olympia da Silva.

JOAQUIM FRANCISCO SILVA

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado segundo se apurou a um dos batalhões da Força Pública, Joaquim Francisco Silva tomou parte em muitos e renhidos combates do Setor Sul. Foi ferido na Fazenda Juca de Almeida. Transportado, imediatamente, para Itaí, no Setor Sul, foi operado sem nenhum resultado. Morreu, no dia seguinte, isto é, entre 5 e 9 de Setembro. Foi sepultado, segundo uns, em Itaí e, segundo outros, em Avaré.

JOAQUIM HELENE

10° Regimento de Cavalaria Independente (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Praça do 10° Regimento de Cavalaria Independente, com sede em Bela Vista, Mato Grosso, veio também defender a causa que São Paulo abraçara. Seguiu para o Setor Sulintegrado na bateria de artilharia chefiada pelo capitão Mendonça, operando ativamente no setor de Buri. No dia 26 de Julho, morreu no seu posto, atingido por tiro de fuzil. Foi sepultado no Cemitério de Buri.

Dados Biográficos – Nascera Joaquim Heléne em São Manoel a 15 de Janeiro de 1907. Filho do Sr. Carlos Heléne e de D. Amelia Pereira Heléne, era solteiro e deixou os seguintes irmãos: Maria, Affonso, José, Manoel e Antonia Heléne.

JOAQUIM IGNACIO DE CARVALHO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

No Hospital de Sangue de Pindamonhangaba, em consequência de ferimentos recebidos em combate no Setor Norte, morreu o voluntário Joaquim Ignacio de Carvalho, natural de Campos do Jordão e filho do Sr. João Baptista de Carvalho. O seu entusiasmo levara-o á guerra sem deixar assentamentos quaisquer a seu respeito. Por isso é que esta nota se resume nas informações acima.

JOAQUIM LEAL

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado em São Paulo, Joaquim Leal foi destacado para a 3° Companhia do Batalhão Paes Leme, sob o número 287. Desde logo demonstrou ótimas qualidades de combate, conseguindo a graduação de cabo. Foi para o Setor Norte. Lutou

com denodo. Em um desses combates, em Vila Queimada, foi atingido, na boca, por um tiro de fuzil. Transportado para Cruzeiro, não pode resistir aos seus padecimentos, vindo a falecer no dia 1 de Setembro. Joaquim Leal foi daqueles que, aos milhares, não sendo paulista, lutou com a Maior lealdade pela causa que o povo de São Paulo abraçou. Tanto que, em pleno campo de batalha, sentindo-se gravemente ferido, escreveu a seguinte frase: *Chamo-me Joaquim Leal. Sou carioca, mas meu coração é paulista*.

Dados Biográficos – São deficientes. Sabe-se, apenas, que nasceu no Rio de Janeiro, tinha 34 anos de idade e era solteiro.

JOAQUIM MARQUES DE OLIVEIRA

Batalhão Voluntários de Rio Preto (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Mato Grosso

Incorporado em Rio Preto, no Batalhão Voluntários de Rio Preto, Joaquim Marques de Oliveira, sob o comando de Luiz de Mello, seguiu para a frente no dia 10 de Agosto.

Este não morreu na trincheira, mas nem por isso o posto era de menor honra. Foi ferido de morte, dentro de seu automóvel, quando conduzia alguns oficiais para a frente de combate, entre Porto Taboado e Lussanvira.

Foi atingido na cabeça por tiro de fuzil metralhadora, vindo a falecer instantaneamente.

Dados Biográficos – Nasceu em Uberaba, Estado de Minas. Aparentava a idade de 25 anos, era solteiro e motorista de profissão.

JOAQUIM NUNES CABRAL

4° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Quando estalou a Revolução Constitucionalista Joaquim Nunes Cabral era sargento do 4° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, na 3° Companhia. Mas tais provas deram desprendimento e de bravura que, logo no início, foi comissionado no posto de 2° tenente, posto em que deu o melhor de suas forças e, depois, a própria vida. Sob o comando do capitão Genesio de Castro e Silva, partiu para o setor Sul a 10 de Julho, tomando parte, portanto, nas operações iniciais. Sua morte deu-se a 21 de Setembro. Foi nas imediações do Rio Paranapanema, na fazenda Juca de Almeida. Vendo que não era possível sustentar a posição e que sua tropa estava ameaçada de ser presa, determinou que todos se retirassem, ficando apenas ele e o cabo Moraes, que não o quis obedecer, para sustentar a retirada. Ambos morreram como morrem os grandes heróis. Foi sepultado no lugar em que morreu, e, mais tarde, trasladado para Araraquara, onde seus despojos dormem o sono eterno no mausoléu que aquela cidade ergueu para seus filhos.

Dados Biográficos – Nasceu em Conceição do Rio Verde, no Estado de Minas Gerais, em 1893, filho de Paulino Nunes da Costa e de D. Anna Barbosa de Jesus Cabral. Era casado com D. Antonia Barbosa dos Santos Cabral e deixou quatro filhos: Anna, Rosa, Maura e Moyzes.

JOAQUIM RODRIGUES DE MOURA

8° Batalhão Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Sargento do 8° Batalhão Caçadores Paulista da Força Pública, na Companhia de Metralhadoras, Joaquim Rodrigues de Moura seguiu para frente sob o comando do tenente coronel Pedro de Moraes Pinto. No dia 31 de Agosto, no Setor Sul, foi ferido gravemente. Hospitalizado em Capão Bonito, veio a falecer no dia seguinte, isto é, a 1 de Setembro.

Dados Biográficos – Nasceu em Campinas, no ano de 1897, filho do Sr. Calixto Rodrigues de Moura e de D. Luiza Pinheiro do Amaral. Era casado.

JOAQUIM SOARES CABRAL

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

Nos primeiros dias da Revolução Constitucionalista Joaquim Soares seguiu para uma das frentes de combate, como soldado de um dos batalhões da Força Pública a que pertencia. Pouco se conhece sobre sua atuação, sabendo-se apenas que foi um valente e disciplinado combatente que morreu, de armas na mão, pela causa defendida, pelo povo de São Paulo.

JORDÃO CAMARGO DE OLIVEIRA

1° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Jordão Camargo de Oliveira era cabo de esquadra do 1° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, 4° Companhia, sob o comando do tenente coronel Virgilio Ribeiro dos Santos, quando estalou o movimento constitucionalista. Partiu com as primeiras levas para frente, na manhã de 10 de Julho. Depois de servir com a Maior eficiência a causa que empolgava todo o povo paulista, Jordão Camargo de Oliveira

foi mortalmente ferido no setor de Cunha, no dia 5 de Agosto. Seu corpo jaz no Cemitério local.

Dados Biográficos – Nasceu em Redenção, no Estado de São Paulo, no ano de 1904, filho de João Baptista de Almeida e de d. Rita Maria de Jesus. Era solteiro.

JORGE DE ALMEIDA QUIRINO

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

No posto de 1° tenente do 2° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Jorge de Almeida Quirino partiu para frente no dia 9 de Julho. Foi escalado para o setor do Túnel, a fábrica de heróis como foi denominado, pelos perigos constantes que oferecia. Sua atuação foi destacada. Foi ele um dos bravos do 2 de Ouro. Aliava a uma bravura controlada uma competência a toda prova no manejo das armas. Foi, numa palavra, um digno defensor da causa paulista. Sua morte deu-se em pleno combate, no dia 30 de Julho, no referido setor, quando atingido no ventre por um estilhaço de granada. Transportado para São Paulo, seu corpo foi sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Nasceu em Guaratinguetá a 2 de Setembro de 1892, filho do Sr. Irineu Quirino de Almeida e de D. Maria Thereza Quirino de Almeida. Era casado com D. Benedicta Josephina de Almeida e deixou os seguintes filhos: Irineu e Irene de Almeida. Foi irmão de Eduardo, Benedicto e Vicente Quirino de Almeida.

JORGE HANSEN

2° Batalhão Auxiliar da Força Pública (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Fazendo parte do 2° Batalhão Auxiliar da Força Pública, denominado Marcilio Franco – o nome do seu comandante – Jorge Hansen combateu no setor Sul, sendo elogiado em boletim pela maneira destacada com que se portou na defesa das posições de Buri. Defendendo a trincheira do Morro dos Candidos, no município de Capão Bonito, a 18 de Agosto, Jorge Hansen foi alcançado na cabeça por um tiro de fuzil, morrendo instantaneamente. O capitão Manoel Mendes Filho, em homenagem a bravura que ele havia demonstrado em todas as lutas, retirou o seu corpo do local onde cairá, para trazê-lo a Capão Bonito, onde lhe foi dada a sepultura. Jorge Hansen era filho do Sr. Emilio Hansen, nascera em São Paulo e contava 26 anos de idade.

JORGE JONES

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Em Vila Americana, onde residia, Jorge Jones apresentou-se para a guerra. Foi incorporado ao batalhão 23 de Maio, passando a servir como ordenança do tenente Manoel dos Santos Sobrinho. Fazia com ele e outros uma patrulha de reconhecimento, a 18 de Agosto, na frente da linha Lindóia-Socorro, quando, visados pelo adversário, ambos caíram sob seus tiros de fuzil. Foi sepultado no próprio campo da luta.

Dados Biográficos – Solteiro, proprietário em Villa Americana, Jorge Jones nascera em Piracicaba a 5 de Março de 1902, filho do Dr. Cicero Jones e de D. Martha Jones e irmão de Roberto, Yancey, Canol, Carlos, James, Franklin, Mary e Pattie Jones.

JORGE MOREIRA DE SOUZA

Companhia Tenente Cesar (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Incorporado em Ribeirão Preto, Jorge Moreira de Souza pertenceu á Companhia Tenente Cesar, adida á coluna Romão Gomes, tomou parte em vários combates. Demonstrou-se um valente. Atingido, no peito, porém, no dia 10 de Setembro, por uma rajada de metralhadora, morreu quase que instantaneamente, na cidade de Grama. Foi sepultado no Cemitério local pelas tropas adversárias, pois que estas tomaram, logo depois, as posições das forças constitucionalistas.

Dados Biográficos – Informações prestadas pelo Sr. Edesio Monteiro de Oliveira, ex-oficial da Companhia Tenente Cesar e diretor do Grupo Escolar de Serrinha, dizem que Jorge de Souza nasceu em Pedregulho, contava presumivelmente vinte anos de idade e era solteiro.

JORGE PALMYRO MERCADO

Batalhão 14 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Tendo feito toda a campanha como soldado da 3° Companhia do Batalhão 14 de Julho, Jorge Palmyro Mercado escapou a todos os perigos comuns na guerra. Contraiu, porém, grave moléstia que o levou ao túmulo a 30 de Setembro. A morte, encontrou-o num posto de trabalho: no S.A.T.O. (Serviço de Abastecimento às Tropas em Operações), onde fora buscar em que servir quando a sua moléstia não lhe permitiu permanecer na trincheira.

Dados Biográficos – Engenheiro agrônomo, solteiro, Jorge Palmyro era filho do Sr. Antonio Mercado e de D. Adilia Palmyro Mercado e irmão de Paulo, Drs. Victor e Antonio, este combatente do mesmo batalhão; D. Adilia, viúva do Dr. Guimarães Carneiro; D. Judith, viúva do Dr. Silveira Campos; e D. Olga, casada com o Dr. Ernesto Kury.

JORGE PIRES RAMALHO

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Partindo de São Paulo a 19 de Julho como praça do Batalhão Bahia, Jorge Pires Ramalho foi enviado diretamente para o Túnel, posição pivot do Setor Norte de Operações, onde tombou dois dias depois, a 21, sendo sepultado na própria trincheira.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Joaquim Pires Ramalho e de D. Georgina B. Ramalho, Jorge era nascido na Capital Paulista a 3 de Julho de 1911. Era irmão de D. Alice, casada com Eduardo Bozzia Corso; Odette, Helena, Carlos, João, Elza, Gessy, Sonia e Sergio Pires Ramalho. Solteiro, exercia a profissão de eletricista.

JORGE DOS SANTOS

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista

Jorge dos Santos é o verdadeiro nome do voluntário de Bragança, Antonio dos Santos, que lutou e morreu como soldado do 5° Batalhão de Caçadores Paulista, e cujos dados biográficos já traçamos.

JORGE ZOHLNER

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Jorge Zohlner pertencia á 2° Companhia do 2° Batalhão de Caçadores Paulista quando estalou o movimento revolucionário de 32. Seguiu para frente sob o comando do coronel Herculano de Carvalho e Silva. Conheceu as agruras dos combates travados no setor do Túnel e foi uma de suas vítimas. Atingido, na serra da Mantiqueira, por um estilhaço de granada, teve morte quase que instantânea, no dia 28 de Julho. Foi sepultado no lugar em que tombou, sendo, mais tarde, trasladado para Piracicaba, sua terra natal.

Dados Biográficos – Nasceu, como dissemos, em Piracicaba, no dia 3 de Outubro de 1903, filho do Sr. Arthur Zohlner e de D. Francisca Vallet Zohlner. Solteiro.

JOSÉ DE AGUIAR

3° Esquadrão do Regimento de Cavalaria (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Cabo do 3° Esquadrão do Regimento de Cavalaria da Força Pública, José de Aguiar deixou São Paulo rumo á guerra a 11 de Julho. Presente a muitos dos combates travados, foi ferido em Setembro, recolhendo-se ao Hospital de Sangue de Guaratinguetá, onde faleceu a 22 do mesmo mês, tendo sido sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Solteiro, com 24 anos de idade, mineiro de Belo Horizonte, José era filho do Sr. José de Aguiar e de D. Anna Bernardo.

JOSÉ ALVES BERNARDO

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Apresentando-se á Força Pública a 15 de Julho, foi incorporado ao 7° Batalhão de Caçadores Paulista daquela milícia, partindo a 28 para frente de Eleutério. José Alves Bernardo lutou verdadeiramente em todos os pontos onde esteve. A 24 de Agosto, ferido na cabeça, tombou, próximo a Eleutério e foi sepultado na própria trincheira. Trasladado seu corpo para Espírito Santo do Pinhal, Olímpia reclamou-o e hoje o tem no Cemitério local.

Dados Biográficos – A 30 de Novembro de 1906, nascera João Alves Bernardo em Monte Azul, filho do Sr. Pacifico Alves de Souza e de d. Maria Magdalena da Silva. Deixou os seguintes irmãos: Antonio, Sebastião, Augusta, Maria, Rita, Adelina, Ricardina e Olivia Alves de Souza. Era solteiro.

Descreve um folclorista as lutas que às vezes um elefante e uma jiboia travam no seio escuro das jungladas indianas. Obstinam-se, no corpo a corpo, os dois gigantes das selvas, enlaçando o réptil monstruoso a massa de músculos do paquiderme. Toda a floresta estremece aos urros da fera e longe se escutam os estalos da constrição apocalíptica. Se não consegue o elefante vencer a cobra, nesse abraço brutal, atira-se ao solo, no fragor de um desabamento, e esmaga-a ao peso de seu corpo gigantesco, abrindo em derredor uma clareira de árvores derrubadas. Brasileiros! Olhai! Vós todos estais no solo que já vai sendo juncado dos destroços desta luta. E enquanto olhais, lembrai-vos que a história de São Paulo é um poema de pertinácia na luta... Um povo assim não pode ser vencido. O triunfo de São Paulo é o Brasil novo que ressurge; é a harmonia que abençoará a família brasileira, sofredora pelos que deixaram de cumprir a palavra empenhada. Eu vos lembro da missão do Exército Nacional. Em todos os fastos da história o Exército nunca se opôs à vontade da Nação. A grandeza do ideal que São Paulo defende é tão forte que faz renascer os grandes homens do Brasil para vos apontar o caminho que o Exército deve seguir. É tão comovedor o patriotismo dos combatentes das trincheiras que vos digo – o Brasil se orgulhará depois da vitória. É uma nova mentalidade que floresce do idealismo desse grande povo. Eu vos lembro que o Exército Nacional não poderá se divorciar da soberania popular.

General PEREIRA DE VASCONCELLOS

JOSÉ DO AMARAL PALMEIRA

1° Batalhão Esportivo (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

A incorporação de José do Amaral Palmeira ao Exército Constitucionalista deu-se em São Paulo. Seguiu para frente como sargento da 3° Companhia do 1° Batalhão Esportivo. O bravo voluntário morreu em São Paulo, no dia 28 de Dezembro de 1933, em consequência – segundo atestados médicos – de se ter agravado a nefrite que o atacou quando prisioneiro na Ilha Grande.

Dados Biográficos – Nasceu em Jacareí, a 15 de Dezembro de 1913, filho do Sr. Zeno do Amaral Palmeira e de d. Rosaura Chagas Palmeira. Deixou os seguintes irmãos: Paulo, Cicero, Dulce, Euripes, Genesia e Marietta Palmeira.

Estamos dando um exemplo que por si só nobilitaria a nossa nacionalidade e nos faria ímpar de orgulho, se por ventura por outros feitos e façanhas já não estivéssemos consagrados definitivamente nos fastos e panegíricos do Universo. Vencendo a repugnância dos prélios armados, impostos pela defesa suprema da dignidade coletiva, abominando os desastres e infortúnios das guerras civis, reprimindo as dores sempre profundas e lamentáveis das lutas fratricidas, São Paulo cedeu à fatalidade dos acontecimentos e levantou-se com a consciência de que lhe cumpre suportar todos os sacrifícios afim de salvar o tesouro das liberdades públicas, os foros de nossa cultura política e as ideias que formam por assim dizer o arcabouço de nossa própria existência.

FRANCISCO MORATO

JOSÉ ANGELO GOMES RIBEIRO

Aviação Constitucionalista Gaviões de Penacho
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Declarada a revolução constitucionalista a 9 de Julho, a 10 estavam naturalmente interrompidas todas as comunicações com a Capital do país. Os últimos trens chegaram naquela manhã. O telegrafo e o telefone foram monopolizados para as transmissões oficiais.
Mas havia muita gente no Distrito Federal que desejava vir a São Paulo, para tomar parte na guerra que se iniciava contra a ditadura.
José Angelo Gomes Ribeiro, 1° tenente aviador, instrutor de pilotagem da Escola de Aviação, oficial de largo tirocínio na sua arma, pensou naturalmente que o avião seria o melhor meio para reunir-se aos que se batiam pela Constituição.
Suspeito, vigiado por todas as formas, o hangar e o próprio campo de decolagem lhe ficaram interditos. Animoso, crendo cumprir uma missão nobre, reuniu-se ao coronel Brazilio Taborda, ao 1° tenente Orsini de Araujo Coriolano e ao Dr. Mario Machado Bittencourt, civil. E uma canoa frágil os trouxe, pelo mar, a São Paulo. José Angelo recebeu um avião, que compartilhava com Mario Machado Bittencourt; ao coronel Brazilio Taborda foi entregue o Setor Sul difícil para comandar; ao tenente Orsini outra missão confiada. Arriscadas missões de reconhecimento, bombardeios e propaganda foram confiadas a José Angelo e a Machado Bittencourt. Em todas elas a execução dada foi esplêndida. Em Setembro, tiveram ordem de bombardear a esquadra ditatorial que bloqueava o porto de Santos. Foram. E com o heroísmo e o desprendimento que eram a marca preponderante dos seus feitos, levaram avante a missão. Em frente ao Guarujá, sobre o canal da ilha da Moela – naquela manhã clara de 24 de Setembro – o motor explodiu de repente, projetando-se numa vertigem para o mar. José Angelo e Machado Bittencourt tiveram por túmulo

o oceano profundo em cujas praias, há quatrocentos anos, Anchieta plantava as primeiras sementes da Terra de Piratininga.

Dados Biográficos – A 5 de Junho de 1901, nascera José Angelo na cidade do Rio de Janeiro. Filho do general João Gomes Ribeiro Filho e de D. Maria Eulalia Gomes Ribeiro e irmão de D. Maria Flora Lessa, do major Annibal Gomes Ribeiro e do cadete de Aviação Attila Gomes Ribeiro, José Angelo dedicara-se, também, à carreira militar. Aluno da Escola Militar em 1922, foi um dos nove alunos que se opuseram à rebelião de Julho; em 1925, já 1° tenente de artilharia, combateu de formas a merecer largos elogios, a Coluna da Morte, comandada pelo tenente Cabanas, em Formigas, no Estado do Paraná; em 1930, quando da revolução que apeou do poder o Sr. Washington Luis, José Angelo, já aviador, voou sobre o quartel do 12° Regimento de Infantaria, em Belo Horizonte, animando as suas forças, sitiadas pelos revolucionários; um defeito no aparelho obrigou-o a aterrar em território mineiro, pelo que foi preso com seu companheiro o então tenente Adherbal de Oliveira, que em 1932, também se passou para o Exército Constitucionalista, fugindo do Campo dos Affonsos com o seu aparelho. José Angelo Gomes Ribeiro era casado com D. Stella de Azevedo Gomes Ribeiro, de cujo casamento deixou um filhinho com seis meses de idade, de nome Carlos Roberto. A 1º de Julho de 2017, a sucursal da Sociedade Veteranos de 32 - M.M.D.C. em Itapetininga, em parceria com a Prefeitura deste município e a Polícia Militar do Estado de São Paulo, inauguraram o monumento *Gaviões de Penacho* em local que durante a revolução foi a pista de pouso e campo de manutenção da esquadrilha de aeronaves constitucionalistas da qual pertenceu o capitão José Angelo Gomes Ribeiro, cujo nome figura ao lado dos nomes de seus companheiros aviadores na placa constante deste monumento.

JOSÉ ANTONIO DO NASCIMENTO

Batalhão Theopompo de Vasconcellos (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Com José Antonio do Nascimento deu-se um caso que, embora não fosse único, foi singular: sua incorporação á 2° Companhia do Batalhão Theopompo de Vasconcellos deu-se nas trincheiras. Seu comandante foi o major Manoel Ribeiro da Cruz. Combateu com denodo até quase os últimos dias da Revolução Constitucionalista, tendo morrido no dia 24 de Setembro, vítima de um tiro de fuzil que o atingiu no peito na ponte da Estrada de Ferro Sorocabana, em Ourinhos. Foi sepultado no Cemitério de Salto Grande.

Dados Biográficos – Nasceu no Riacho do Navio, Pernambuco. Era casado com D. Antonia Maria de Souza e deixou os filhos: Lucila, Francisco, Geraldina e Francisco de Assis.

JOSÉ ANTONIO DA SILVA

8° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

No Setor Sul, figura o 8° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública. Como n° 168 da 2° Companhia dessa valente unidade, José Antonio da Silva tomou parte em diversas operações. Nos primeiros dias de Agosto, muito ferido, baixou ao Hospital de Sangue de Capão Bonito, onde, a 5 daquele mês faleceu, sendo sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Incorporado á Força Publica desde 28 de Novembro de 1924, José Antonio da Silva nasceu em Pindamonhangaba, em 1900. Filho do Sr. Pedro Pinto da Silva, e de D. Anna Pinto da Silva. Era casado com D. Sebastiana da Silva.

JOSÉ ARRAIS SANCHES

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

Cabo reformado da Força Pública, José Arrais Sanches apresentou-se logo que teve início o movimento revolucionário, sendo mandado servir num corpo de emergência em serviço no campo do Canindé, em São Paulo. No dia 22 de Setembro, quando em serviço, sofreu um desastre de automóvel, em virtude do qual veio a falecer na mesma noite, na Santa Casa.

Dados Biográficos – Contava José Arrais Sanches 59 anos de idade e era espanhol. Casado em segundas núpcias com D. Alice Prado Sanches, tinha três filhos.

Vacinação contra a febre tifoide e disenteria

Um dos principais fatores para a eficiência das tropas é a saúde dos soldados. Por essa razão, na grande guerra a vacinação das tropas se tornou obrigatória. Assim, é de toda a conveniência que os voluntários dos primeiros batalhões organizados e que pela premência de tempo não puderam ser imunizados contra a febre tifoide e disenteria, ao passarem por esta capital, ou quando estiverem em descanso nas cidades do interior, procurem os postos de saúde afim de, se socorrendo dessa salutar medida, ficarem imunizados contra essas moléstias, tão comuns nas grandes aglomerações. Para isso, os voluntários podem procurar as Seções de Serviço Sanitário ou os Postos de Concentração de Tropas, onde serão prontamente atendidos.

JOSÉ AUGUSTO ESCOBAR

6° Regimento de Infantaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

As demonstrações de abnegação e coragem foram constantes durante aqueles noventa dias de entusiasmo, vibração e guerra. Abnegação e desprendimento na retaguarda, onde as mães convidavam os filhos a partir. Abnegação e desprendimento nas trincheiras, onde cada qual queria se mostrar mais forte e melhor do que outro. Por isso é que a Revolução Paulista de 32 assombrou o mundo. José Augusto Escobar deu uma prova magnifica de desprendimento. Oficial farmacêutico adido ao 6° Regimento de Infantaria desde os primeiros dias esteve a postos no Setor Sul.

A 15 de Agosto, em Buri, soube que seu amigo Silvio Cervelini estava ferido no campo onde se travara a luta e onde as forças ditatoriais já começavam a pôr os pés. Era perigosa qualquer incursão naquele rumo. Ele, porém, fiel à sua amizade, foi procurar o amigo ferido, possivelmente morto. Foi infeliz. Encontrou apenas um tiro de fuzil inimigo que o prostrou e que, finalmente, levou-o para o mesmo hospital de sangue da coluna adversária. No dia seguinte, 16, a morte juntou-os, levando-os ao mesmo tempo. Sepultando em Buri, a cidade de São Paulo reclamou os seus restos e hoje os tem no Cemitério local.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Mario Teixeira de Escobar e de D. Auta Escobar e irmão de Irineu, Maria de Lourdes, Mario, Antonio e Edgard Escobar, José Augusto nascera em S. Pedro, neste Estado, a 26 de Junho de 1909. Formado pela Escola de Farmácia e Odontologia de São Paulo, em 1930, exercia sua profissão de farmacêutico em Garça.

JOSÉ AUGUSTO LOBO

Coluna Romão Gomes (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Quando estalou o movimento revolucionário encabeçado por São Paulo, José Augusto Lobo encontrava-se em Poços de Caldas. Desde o primeiro instante seu desejo foi retornar ao seu Estado natal afim de combater pelo ideal que orientava o movimento. Toda espécie de tropeços impunha-se a sua saída de Minas Gerais. Seu esforço e sua coragem – Principalmente seu civismo – foram mais fortes que todas as dificuldades e José Augusto Lobo conseguiu, enfim, vencer todas as linhas para se incorporar a coluna Romão Gomes. Desde então sua atuação foi admirável. Não escolheu posições. Não escolheu missões. Para tudo o comando encontrava um soldado em passo à frente: era José Augusto Lobo. Assim combateu até o fim. Ao final da luta, no entanto, morreu de um acidente. Quando da retirada de nossas tropas José Augusto Lobo vinha no estribo de um caminhão, quando, cuspido ao chão, feriu-se gravemente. Transportado para São Paulo, não resistiu a seus ferimentos, falecendo dois dias depois.

Dados Biográficos – Nasceu em Espirito Santo do Pinhal, no dia 1 de Outubro de 1902. Era casado com D. Anna Lobo e deixou três filhos menores.

Seria ocioso pretender debuxar o quadro do movimento armado sem igual, que se descortina majestoso, empolgante, a nossos olhos em êxtase. Todos os divisam, nitidamente e o admiram na beleza perturbadora de suas linhas e traços harmoniosos, inconfundíveis. Por toda parte, deparamos, embevecidos, deslumbrados, com as galas de um detalhe soberbo, um característico marcante, um elemento complementar, formando as perspectivas dessa tela magnífica destinada a figurar, algum dia, na galeria de preciosidades da história de Piratininga.

P. BALMACEDA CARDOSO

JOSÉ BARBOSA DA SILVA

8° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Manobrador de metralhadoras pesadas, como praça da Companhia de Metralhadoras do 8° Batalhão de Caçadores Paulista da Força pública.

José Barbosa da Silva foi vítima da mesma arma, tombando a 16 de Setembro, á margem do rio das Almas, com o peito completamente perfurado.

José Barbosa da Silva foi sepultado no Cemitério Municipal de Itapetininga.

Dados Biográficos – Filho do Sr. José de Barbosa da Silva e de D. Joaquina Maria da Silva e irmão de Egydio, Juvencio, Francisco, Carolina, Felisbina e Alceu Barbosa da Silva. José nascera em Guareri, neste Estado, em 1895. Ingressara para a Força Pública em 1930.

JOSÉ BENEDICTO

2° Batalhão Auxiliar (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado em Mogi das Cruzes, José Benedicto pertenceu ao 2° Batalhão Auxiliar da Força Pública, que era comandado pelo coronel Barbosa e Silva. Demonstrou-se, desde logo, um soldado valente e disciplinado. Morreu no dia 2 de Agosto, em Ribeirão Branco, no Estado do Paraná, em consequência de ferimentos produzidos por estilhaços de granada, no peito. Teve morte instantânea.

Dados Biográficos – Nasceu em Mogi das Cruzes, no dia 12 de Julho de 1915, filho do Sr. João Antonio Benedicto e de D. Joaquina Maria do Espírito Santo. Deixou os seguintes irmãos: Benedicto, Irmina, Anna e Luiz Benedicto.

JOSÉ BENEDICTO MOREIRA CESAR

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Combateu em Silveiras com o 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, de cuja 1° Companhia fazia parte sob n° 155.

José Benedicto Moreira Cesar foi ferido na garganta por tiro de fuzil a 18 de Agosto.

Hospitalizado em Lorena, dali foi transferido para o Hospital Militar em São Paulo, onde faleceu a 24 do mesmo mês. Foi sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Praça da Força desde 8 de Agosto de 1928, combatente contra os revolucionários de 1930. José Benedicto era filho do Sr. Humberto Cesar e nascera a 11 de Novembro de 1903. Casado com D. Benedicta Maria Fernandes, deixou duas filhinhas: Therezinha e Apparecida.

JOSÉ BENEDICTO ROCHA

Batalhão Jacques Felix (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

José Benedicto Rocha foi o n° 96, do Batalhão Jacques Felix. Incorporou-se em Taubaté onde foi formado o citado batalhão e lutou até o fim do movimento revolucionário.

Sua morte deu-se após terminada a Revolução Constitucionalista, vitima que foi de ferimentos recebidos em um dos combates em que tomara parte.

Dados Biográficos – Nasceu em Redenção, Estado de São Paulo, no dia 31 de Maio de 1913, filho do Sr. Manuel da Rocha Andrade e de D. Olympia da Conceição Borba. Era solteiro.

Os homens de letras são professores, mais ou menos voluntários, de independência. Confio na sua altivez. Podem eles confiar na coragem dos que se batem nas fronteiras paulistas pela salvação do nosso patrimônio moral. É noite ainda. Mas o poder das trevas não dura muito. É noite ainda. Mas há de amanhecer. São Paulo não tem, como Chantecler de Edmond Rostand, a ilusão pretensiosa de que é o seu canto que faz surgir o sol. Sabe São Paulo que é uma lei fatal que traz a madrugada; e que o seu grito de guerra anuncia apenas a todos os brasileiros o advento inevitável e próximo da alvorada do direito e da liberdade!

ALCANTARA MACHADO

JOSÉ BENEDICTO SALINAS

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Como soldado da 2° Companhia, n° 232, do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, José Benedicto Salinas partiu rumo ao setor Norte, nos primeiros dias da Revolução. Sobre sua atuação, desde o princípio até a sua última exclamação, é preciso demorarmo-nos um instante comovidos. Foi intensa a sua ação na guerra. Tomou parte em vários combates. Feito prisioneiro em São José do Barreiro, conseguiu evadir-se das linhas inimigas, carregando consigo um companheiro ferido. Depois entrou de novo na luta. Mostrou-se novamente o valente que era, até que, no setor de Vila Queimada, no dia 2 de Setembro, atingido em diversas partes do corpo por estilhaços de granada, viu finar-se sua carreira e sua vida. Já agonizante, dando provas de um heroísmo só comparável com o de alguns bravos combatentes do Exército Constitucionalista, exclamou:

Matam um Paulista, mas Paulista sabe morrer.
Morro como Paulista, graças a Deus!

Dados Biográficos – Nasceu em São Luiz de Paraitinga, a 20 de Setembro de 1908. Era filho de José Salinas e de D. Candida Patricio Salinas. Deixou os seguintes irmãos: Aguinaldo Salinas, Maria Samaritana, Nair, Luiz Benedicto Salinas Sobrinho, Maria do Carmo, Cecilia e João Gualberto Salinas. Era solteiro. Nosso biografado fez toda a campanha em 1930, tendo sido elogiado pelos seus comandantes.

JOSÉ BRUNO MARINS

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Roseira, um recanto do município de Aparecida do Norte, viu nascer José Bruno Marins que, em 1932, serviria á Causa de São Paulo com devotamento integral, finalizado com a morte, no Hospital de Sangue de Pindamonhangaba, vitimado por ferimentos recebidos em combate no Setor Norte.

JOSÉ BUENO BARBOSA

4° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado ao 4° Regimento de Infantaria, ficou constando na relação dos que partiram como soldados de tropa regular. Esteve no Setor Norte, presente aos terríveis bombardeios de Silveiras e á fuzilaria intensiva da serra da Bocaina. O dia 7 de Setembro, foi comemorado em todas as trincheiras pelas tropas paulistas que desfraldaram, prestando-lhe continência, a Bandeira Nacional. José Bueno Barbosa assistiu, nessa manhã, sua última comemoração cívica. Á tarde, um tiro de fuzil adversária roubou-lhe a vida. Do seu passado nada se soube. Nem o nome de seus pais. Da sua atuação na luta ficou a lembrança da sua bravura no espírito de seus companheiros.

JOSÉ CABRAL

11° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Soldado do 11° Batalhão de Caçadores da Reserva, do Batalhão Bento Gonçalves, o voluntário José Cabral foi destacado para combater no Setor Norte. Dizem seus companheiros de armas que foi um bravo entre os bravos que compunham aquele destacamento. Morreu, juntamente com vários camaradas, no dia trágico para as nossas armas que foi o 1° de Setembro. A explosão de uma granada, no Morro Verde, setor de

Vila Queimada, retirou da guerra, mortos de armas na mão, alguns bravos soldados do Exército Constitucionalista, entre os quais José Cabral, que era – segundo se apurou – natural de São Carlos.

JOSÉ CAMARGO

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Combatente com as forças do Batalhão Bahia, ao qual estava incorporado, José Camargo apanhou pneumonia dupla, recolhendo-se para tratamento ao Hospital de Lorena, onde faleceu a 28 de Julho. Foi sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – José Camargo era solteiro, nascera em Bragança no ano de 1910 e era filho do Sr. Pedro da Silva e de D. Maria das Dores.

Ao ser aberto o curso de enfermagem da Cruz Azul inscreveram-se imediatamente cerca de quatrocentas senhoras, que foram divididas em duas turmas. A primeira há tempos, conforme o noticiamos, já recebeu seus certificados. A segunda concluiu o curso há dias. O número total das que conseguiram, depois dos exames de competência, receber diplomas, foi de cento e quarenta.

Falou por último, o sr. Ibrahim Nobre. Suas primeiras palavras foram de felicitação ao novo comandante da Força Pública e um elogio à sua conhecida bravura e valor profissional. A seguir dirigiu-se aos soldados que se perfilaram estendendo o braço direito à frente e lê o seguinte juramento:

Juro pelo amor que tenho à minha mãe, pelo nome que tenho do meu pai: juro pela minha dignidade de homem, juro por Deus que lutarei até o fim por São Paulo, pelo Brasil e pela nossa bandeira. E os soldados repetiram solenemente: – Juro!

Logo que foi publicado o decreto, a secretaria da Agricultura entrou em contato com os agricultores, encontrando por toda a parte a Maior boa vontade. Nosso objetivo é estabelecer o equilíbrio e evitar o desequilíbrio, amparando aqueles que carecem de auxílio, e evitando que outros que se encontram numa situação regular a abandonem. Quem tiver máquinas de mais deverá cedê-las temporariamente àquele que tiver máquinas de menos; quem possuir terras de que não precisa deverá emprestá-las aos que delas carecem. E assim sucessivamente.

Major LEVY SOBRINHO

JOSÉ CANDIDO DE OLIVEIRA

4° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Alguns combatentes tiveram poucos dias para lutar. José Candido de Oliveira, sargento do 4° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, teve apenas uma semana. Chegado á linha de frente a 18 de Julho, a 25 morto a tiros de fuzil, era sepultado no Cemitério velho de Buri.

Dados Biográficos – Veterano da campanha de 1924 com os revolucionários do General Isidoro, foi nessa ocasião ferido no peito, no combate de Guaiauna. Excluído da Força em virtude desse ferimento e da sua atuação, foi reincluído em 1931. Tinha 35 anos de idade.

Era paulistano, filho do Sr. José Candido de Oliveira Netto e de D. Florisbella Borba de Oliveira e irmão de João Candido de Oliveira. Casado com D. Emilia Souza Oliveira, deixou quatro filhos: Odette, Noxley, José e Florisbella.

JOSÉ CARLOS FERREIRA

5° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Dentre os que poucos dias tiveram para combater, conta-se José Carlos Ferreira, soldado da 1° Companhia do 1° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria. Quinze dias depois de entrar em luta, a 27 de Julho, era ferido gravemente no Setor Norte. Hospitalizado em Cruzeiro, faleceu a 31 do mesmo mês, tendo sido sepultado no Cemitério daquela cidade.

Dados Biográficos – José Carlos nascera em Lorena a 24 de Agosto de 1910, filho do Sr. João Baptista Ferreira e de D. Philomena Maria de Jesus. Casado com D. Nica Andréa, deixou uma filha.

JOSÉ CELESTINO SOARES

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

São deficientes os dados obtidos sobre José Celestino Soares. Soube-se apenas que era, soldado da Força Pública, seguiu, nos primeiros dias da Revolução, para uma das frentes de combate, tendo lutado bravamente junto a seus companheiros de trincheira. Morreu em combate, não se sabendo, contudo, o local onde foi sepultado.

JOSÉ CESARINI

Batalhão Barreto Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

No dia 19 de Julho, na cidade de Campinas, José Cesarini incorporou-se ao Exército Constitucionalista, tendo seguido para frente como soldado, sob n° 29, do 2° Pelotão, da 2° Companhia, do Batalhão Barreto Leme, Coluna Romão Gomes, sob o comando do major Heliodoro Tenorio Vaz. Atingido por um tiro de fuzil, no dia 5 de Setembro, em Grama, Fazenda Totó, teve morte instantânea. Foi sepultado pelas tropas adversárias no local onde tombou. Posteriormente, porém, seus despojos foram trasladados para Araraquara.

Dados Biográficos – Nasceu no dia 15 de Outubro de 1905, na cidade de Limeira. Era filho de D. Helena Cesarini e irmão de Alfredo Cesarini. Era solteiro e trabalhava no comércio.

JOSÉ CERINO DE CARVALHO

1° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

José Cerino de Carvalho pertencia ao 1° Batalhão de Caçadores Paulista, auxiliar da Força Pública, que era comandado pelo oficial Antonio Gonçalves Barbosa e Silva. Ocupava a graduação de sargento. Depois de se distinguir, em vários combates, foi atingido por tiro de fuzil nas axilas, acidentalmente, quando em transito, no dia 9 de Agosto, em Sete Barras, setor de Apiaí, no Setor Sul. A despeito dos cuidados que lhe foram ministrados, José Cerino de Carvalho morreu no dia seguinte. Foi sepultado no Cemitério de Sete Barras.

Morrer em defesa dos nossos direitos, morrer para defender um ideal é sublime e divino! Sinto meu sangue escaldar nas veias com um desejo incontido de lutar, de lutar e vencer... Mas que hei de fazer meu Deus! Não temos ainda batalhões femininos de combate! Desejando ardentemente a vitória das armas constitucionalistas, espero muito breve num dia claro e luminoso com o céu azul lindo, muito lindo, e límpido como as nossas consciências, ouvir dizer que São Paulo foi vitorioso, então outra vez altaneiro, trabalhador e leal, assegurará a felicidade do Brasil.

ARMINDA VASCONCELLOS

JOSÉ CEZAR

5° Batalhão do Corpo Provisório de Milícias (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Cabo do 5° Batalhão do Corpo Provisório de Milícias da Força Pública, na 1° Companhia, José Cezar partiu para frente no dia 10 de Julho, sob o comando do capitão Odilon Aquino de Oliveira. No Setor Norte, para onde fora, o bravo militar portou-se sempre á altura de suas responsabilidades, tendo sido ferido gravemente em combate, no setor de Silveiras, no dia 21 de Agosto. Transportado para o hospital de Lorena, não pode resistir a seus ferimentos, falecendo no dia 24. Seu corpo foi sepultado no Cemitério dessa última cidade.

Dados Biográficos – Nasceu em Pindamonhangaba, no ano de 1903. Era filho do Sr. Humberto Cezar e de D. Dyonisia do Espírito Santo, e casado com D. Benedicta Maria Fernandes.

JOSÉ CORRÊA

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Ferido em combate na frente de Silveiras a 5 de Setembro, José Corrêa, soldado n° 146 da 2° Companhia do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, baixou ao Hospital de Sangue de Guaratinguetá. Os ferimentos, produzidos por estilhaços de granada, foram fatais, não obstante o tratamento feito. Falecido a 10 de Setembro, o já então cabo José Corrêa, promovido por ato de bravura, foi sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Antigo soldado da Força, foi feito prisioneiro, em 1924, pelos revoltosos de então. Excluído, foi reincluído em 1930. Filho de D. Belmira da Conceição e irmão de Alfredo, José Benedicto e Alzira Corrêa, nascera José Corrêa em Taubaté, a 8 de Março de 1903. Casado com D. Luiza Guerino Moreira, deixou dois filhos: Jandyro e José Antonio.

JOSÉ COSTA

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Praça da 1° Companhia do 7° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, José Costa deixou São Paulo a 11 de Julho com destino a Campinas, de onde prosseguiu para a frente de Eleutério. Em dias do mês de Setembro, morreu em combate próximo a Itapira, em cujo Cemitério foi sepultado. Foi promovido a cabo, *post-mortem*.

Dados Biográficos – Solteiro, José Costa tinha 32 anos de idade, era natural de São João Del Rei, em Minas, e era filho do Sr. Antonio Maximiano Costa e de D. Malvina Maria da Conceição.

JOSÉ COSTA JUNIOR

Batalhão Rio Grande do Norte (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Apresentando-se a 11 de Julho ao posto de alistamento do M. M. D. C., José Costa Junior foi incorporado ao Batalhão Rio Grande do Norte, 1° Companhia, com ele seguindo a 26 paro Setor Leste. Uma testemunha assim informa sobre as circunstancias da sua morte (exposição feita pelo tenente Isidoro):

Dia 25 de Agosto, José Costa Junior, o Sargento Murari e outro foram feitos prisioneiros. Ao serem conduzidos para retaguarda das forças adversárias, por qualquer motivo não apurado, a escolta tiroteou os prisioneiros. O primeiro a cair foi o sargento Murari. Costa Junior afastava-se do grupo,

já baleado a tiros de revolver, quando foi atingido em cheio por uma rajada de metralhadoras. Caído, seus perseguidores acabaram de mata-lo a baioneta. Seus restos, depois de sepultados em Itapira, foram trasladados para o Cemitério do Araçá, na Capital do Estado.

Dados Biográficos – Nascido em São Paulo a 22 de Agosto de 1912, era filho do Sr. José Costa e de D. Gelsemira F. Costa e irmão de Alvaro Costa. Diplomado em Comércio, exercia as funções de chefe de uma secção de contabilidade da Cia. Souza Cruz.

JOSÉ CUSTODIO ALVES

Batalhão Mato Grosso (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Silveiras fica dentro de um semi-circulo de morros que se estendem das fronteiras de Minas para os lados do mar. Todos eles foram cenários da luta esplendida em que o Ideal resistia á força fazendo-a pagar caro cada pedaço de terra conquistada. A serra da Bocaina, com o seu Morro Vermelho e as fazendas plantadas em suas encostas, foi um baluarte do Exército da Lei. Ali, como soldado do Batalhão Mato Grosso, combateu e morreu a 6 de Setembro José Custodio Alves que, lá da trincheira, escrevia aos seus pedindo que rezassem pela vitória da Revolução Justa. A sua trincheira serviu-lhe de tumulo até 11 de Novembro, quandoeus restos foram levados para Laranjal, que os reclamava para honra-los.

Dados Biográficos – No bairro José Alves, hoje Maristela, do município de Laranjal, nascera José Custodio a 10 de Novembro de 1898, filho do Sr. João Custodio Alves e de D. Manoela

Delphina de Almeida. Vaqueiro, com saúde de ferro, conquistada ao ar puro da fazenda onde morava, José Custodio levara para luta a fortaleza da sua mocidade sadia. Solteiro, deixou, além dos pais, os seguintes irmãos: Pedro, casado com D. Izabel Alves Corrêa; João, casado com D. Izabel Almeida; D. Manoela, casada com Ataliba Alves Corrêa; Antonio, casado com D. Lecticia Assumpção; Manoel, casado com D. Benedicta Simões; Floriano, Leonor e Custodio Manoel Alves.

JOSÉ CUSTODIO DOS SANTOS

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado no Exército Constitucionalista, em um dos batalhões de voluntários, José Custodio dos Santos seguiu para uma das frentes de combate, onde, desde logo, revelou-se um combatente digno do ideal de reconstitucionalização do país, por que São Paulo se batia com alma. Ferido a tiro de fuzil na perna, em um combate que se verificou em Ribeirópolis, morreu este bravo soldado no dia 22 de Setembro.

Dados Biográficos – Nasceu em Passa Quatro, no Estado de Minas, no dia 21 de Janeiro de 1908, filho do Sr. Custodio Fernandes dos Santos, falecido e de D. Ambrosina Coelho dos Santos. Deixou os seguintes irmãos: Joaquim, Benedicto, Manuel, Laudelino, Alberto, Florassú e Arthur.

JOSÉ DARIO DE ARRUDA

Batalhão 14 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado ao Batalhão 14 de Julho, José Dario de Arruda foi destacado para ser um dos motoristas civis dessa corporação. Não morreu nas trincheiras. Em seu posto, porém, muito trabalhou e esforçou-se tenazmente pelo batalhão a que pertencia. Ser motorista é aceitar um lugar de sacrifício. É ter confiança em seus pulsos. É ter valor serenidade. E foi, talvez, em consequência mesmo de seu trabalho exaustivo que,

no dia 7 de Agosto, em Fundão, no Setor Sul, José Dario de Arruda caiu morto em consequência de uma sincope cardíaca. Está sepultado no Cemitério de Capão Bonito.

Dados Biográficos – Nasceu em Guarulhos, no ano de 1906 e era filho do Sr. Benedicto de Arruda. Casado.

JOSÉ DIAS

12° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

José Dias pertencia ao 12° Regimento de Infantaria. Veio de Minas participar da Revolução Constitucionalista com parte do Regimento que aderiu á causa defendida por São Paulo. Serviu sob o comando do coronel Andrade. Depois de tomar parte em vários combates, foi ferido, gravemente, em Silveiras, no dia 5 de Agosto. Transportado para Guaratinguetá foi internado no Hospital de Sangue ali instalado onde morreu, em consequência desses ferimentos, no dia 21 do mesmo mês. Está sepultado no Cemitério local, na sepultura 19.785, quadra H. Nascido em Minas Gerais, no ano de 1910, era filho do Sr. Joaquim Dias.

Se da retaguarda passarmos para a frente de combate, a nossa admiração se transforma em verdadeiro pasmo. Ali vemos reunidos em admirável cooperação, jovens de todos os Estados, soldados do exército, da polícia e voluntários civis, pobres e ricos, formando uma só família de abnegados idealistas. Desse amalgama sublime, em que todos se irmanam e se confundem, visando um princípio, superior a cada um deles, deve sair uma mentalidade nova, despida de paixões partidárias, nobre e pura, capaz de conduzir nosso país a ovos destinos, a uma almejada renascença, para a qual, certamente, o destino nos conduz. Assim o assegurando, não faço senão repetir o que em históricos discursos já proclamaram os chefes eminentes dos dois partidos dominantes do Estado. Dir-se-ia que a providencia, nos arcanos de suas resoluções, misturou esses partidos em um só involucro e os atirou sobre a corrente, que, partindo das trincheiras, vai se avolumando dia a dia, até tornar-se avalanche. E assim seja para o bem de São Paulo e do Brasil.

PEDRO DE TOLEDO

JOSÉ ELEUTERIO DOS SANTOS

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

José Eleuterio dos Santos, sargento do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, foi dos primeiros homens a tomar posição para defesa do inexpugnável Túnel, onde se bateu como um bravo. Ferido mortalmente a 12 de Agosto, faleceu no dia seguinte em Cruzeiro.

Dados Biográficos – Filho do Sr. José Mariano dos Santos e de D. Marianna Augusta dos Santos, José Eleuterio nascera em Taubaté a 22 de Novembro de 1890. Era irmão de Maria Augusta, Maria de Lourdes, Augusto Theotonio, Marianna Alcinda e Messias Humberto dos Santos. Viúvo de D. Emilia Alves dos Santos, deixou três filhos menores: Waldomiro, Benedicta e Alice.

JOSÉ ELIAS JUNQUEIRA

18° Batalhão de Cavalaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Comandava uma trincheira no rio das Almas, no Setor Sul, o 1° tenente José Elias Junqueira, oficial da guarnição de Mato Grosso, quando foi atingido em cheio pelos estilhaços de uma granada de avião caída muito próximo a ele. Classificado no 18° Batalhão de Cavalaria, estava em armas desde o início da campanha. Está sepultado na própria trincheira em que morreu.

Dados Biográficos – Nascido em Muqui, Estado do Espirito Santo, a 15 de Março de 1901, era José Elias filho do Sr. Antonio Elias Junqueira e de D. Maria da Silva Junqueira e irmão de Luiz Elias Junqueira, combatente do mesmo batalhão.

JOSÉ ESTACIO GALVÃO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Os voluntários de 32 só tinham uma aspiração: partir o mais depressa possível para frente de combate. E, na ânsia de embarcar, deixavam de consignar nos quartéis os dados necessários á sua identificação futura. José Estacio Galvão fez assim. Hoje, que se sabe haver ele morrido em Pindamonhangaba em consequência de ferimentos recebidos em combate, não temos outros dados com que firmar a sua biografia e os seus feitos em luta – feitos que, aliás, estão suficientemente recomendados pela sua morte no campo da honra. Era filho do Sr. Antonio Marcellino.

JOSÉ FELICIANO DA SILVA

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

José Feliciano da Silva acudiu ao apelo da Revolução Constitucionalista no início das operações. Tomou parte saliente em vários combates, sendo morto, em plena luta, dia 7 de Setembro, dentro da cidade de Piraju. Foi sepultado nessa cidade. Contava 25 anos de idade, era casado e filho do Sr. Henrique Dias da Silva.

Após dois meses de luta, nada lhe falta. Bate-se com o denodo e provê a própria subsistência. Arma os soldados da Lei e ampara as famílias dos combatentes. Bloqueado por todas as fronteiras, não sofre esmorecimentos na normalidade da sua vida civil. Não lhe amarga o sacrifício da vida ou da fortuna; suaviza-o com a consciência do seu direito. E após dois meses de luta, não cremos que haja aí quem tenha prestígio para fazer recuar um passo, sem a conquista do ideal por que se bate nos campos de batalha.

D. DUARTE LEOPOLDO E SILVA
Arcebispo de São Paulo

JOSÉ FERREIRA

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

José Ferreira era soldado da 3° Companhia do 7° Batalhão de Caçadores Paulista, da Força Pública. Em operações de guerra seguiu para Ribeirão Preto, no dia 10 de Julho, sob o comando do tenente-coronel João Dias de Campos. Tomando parte em inúmeros renhidos combates, como valoroso militar que era, foi atingido por tiro de fuzil, nas proximidades de Campinas, falecendo no dia 30 de Setembro. Sepultado no local em que morreu, José Ferreira, mais tarde, foi trasladado para o Cemitério de Franca.

Dados Biográficos – Nasceu em Conquista, no Estado de Minas Gerais, no ano de 1898. Era filho do Sr. João Ferreira e de D. Rita Honoria de Jesus. Era irmão de Pedro, João, Maria, Geraldo e Wilson Ferreira. Casado com D. Rosa Ferreira, deixou dois filhos: Jayme e Alceu.

JOSÉ FERREIRA DOS SANTOS

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Deixou São Paulo a 12 de Julho, com destino á frente Norte, o soldado da 4° Companhia do 2° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública José Ferreira dos Santos. Depois de haver combatido valentemente no Túnel, obteve licença para ir á capital, a 29 de Setembro. Em Cannas, na estrada São Paulo-Rio, um desastre de caminhão matou-o.

Dados Biográficos – Filho do Sr. José Ferreira dos Santos, nascera José em São Paulo no ano de 1902. Era solteiro.

JOSÉ FOGAÇA BITTENCOURT

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Residindo em Silveiras, espectador, portanto, do movimento vertiginoso de tropas que se fazia por essa cidade, José Fogaça de Almeida, como quase todo o povo, não pode e não quis fugir ao imperativo de servir á Revolução. Incorporou-se ás forças que atuavam naquele setor, recebendo, no entanto, me meio de seus trabalhos, grave ferimento, na base do crânio, de que morreu, no dia 2 de Setembro, em Guaratinguetá. A origem de seus ferimentos não é conhecida, presumindo-se que tenha sido um acidente. Foi sepultado em Guaratinguetá.

Dados Biográficos – José Fogaça Bittencourt contava 38 anos de idade, era casado com D. Eulampia Bittencourt e filho do Sr. Antonio Fogaça Bittencourt e de D. Maria Bittencourt. Deixou seis filhos.

JOSÉ FONSECA DE ARRUDA

5° Regimento de Infantaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado à 9° Companhia do 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria, José Fonseca de Arruda foi um dos valentes defensores do Túnel, em uma de cujas trincheiras morreu e foi sepultado a 27 de Agosto de 1932.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Boaventura Arruda e de D. Maria Arruda, José Fonseca era solteiro, contava 23 anos de idade e residia em Campinas.

JOSÉ FRANCISCO DAS NEVES

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Procedente de Pinheiros, onde houvera sido ferido no pulmão por tiro de fuzil, deu entrada no Hospital de Sangue de Cruzeiro a 10 de Agosto o Anspeçada da 2° Companhia do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública José Francisco das Neves. Embora tratado carinhosamente, faleceu seis dias depois, tendo sido sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Havia doze anos que se incorporara á Força Publica, tendo tomado parte nas duas campanhas anteriores: 24 e 30, em ambas se salientando bastante. Em 32 foi dos primeiros a tomar posição no Setor Norte. Nascido em Redenção, neste Estado, a 14 de Julho de 1897, José Francisco era filho do Sr. Francisco Moreira das Chagas, e casado com D. Benedicta Antunes de Toledo, de quem deixou dois filhos; José Baptista e Maria de Lourdes.

JOSÉ FRANCISCO DA SILVA

8° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Era o primeiro do seu nome nos assentamentos da Força Pública, a cujo 8° Batalhão de Caçadores Paulista, 2° Companhia, pertencia e com o qual partiu para Itararé a 15 de Julho. Combatendo no setor Sul, a 15 de Setembro caiu á margem do rio das Almas e foi sepultado em Capão Bonito.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Sylvino José da Silva e de D. Maria Rosa de Jesus, nascera José Francisco em Bom Jesus de Meira, Estado da Bahia, no ano de 1897.

JOSÉ GABRIEL MARTINS FERREIRA

1° Batalhão da Milícia Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Cabo do 1° Batalhão da Milícia Paulista, José Gabriel Martins Pereira fez toda a campanha no setor de Leste, sempre incorporado à Coluna Romão Gomes. No último dia de luta – 30 de Setembro – foi morto com um tiro no coração. Está sepultado no Cemitério do Araçá, Capital.

Dados Biográficos – Solteiro, pintor de automóveis, José Gabriel nascera em São. Paulo a 19 de Março de 1906. Filho do Sr. Antonio Martins Pereira e de D. Thereza Manggieri e irmão de Georgina, Olga, Maria Apparecida, Isabel e Antonio Martins Pereira.

JOSÉ GABRIEL DE SOUZA

2° Batalhão de Cavalaria Destacado (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Era um entusiasta da Revolução e um rigoroso cumpridor dos seus deveres o sargento José Gabriel de Souza, da 4° Companhia do 2° Batalhão de Cavalaria Destacado. Com os companheiros daquela unidade, partiu para a frente a 10 de Julho. Dois ou três dias depois, estava no Túnel inexpugnável onde, a 24 do mesmo mês, foi atingido por estilhaços de granada numa das pernas. Baixou ao Hospital Militar e curou-se, obtendo alta a 14 de Setembro. Sentindo-se forte, mesmo sem autorização do comando, voltou ás linhas de frente, achando que ainda lhe faltava um dever a cumprir. Reviu o Túnel por alguns dias, como combatente intemerato que era. Sua dedicação custou-lhe a vida. No dia 22 seguinte morreu ele com

uma tiro na cabeça. E seu corpo veio para São Paulo, onde está sepultado.

Dados Biográficos – Solteiro, filho do Sr. Joaquim Garcia de Souza e de D. Benedicta de Souza, José Gabriel era nascido em Araras em 1913.

JOSÉ GUEDES

8° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Da Companhia de Metralhadoras do 8° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública fazia parte o Cabo José Guedes, combatente desde os primeiros dias no Setor Sul de operações. Atravessando incólume os riscos da guerra, veio a perecer num desastre de caminhão na estrada de Guapiara a Capão Bonito, em cujo Cemitério foi sepultado dia 11 de Agosto.

Dados Biográficos – Praça da Força Pública desde Janeiro de 1925, José Guedes nasceu a 8 de Março de 1906 em Mogi Mirim, filho de Antonio Guedes Sobrinho e Guilhermina Maria de Jesus, irmão de João de Campos Guedes.

Todos querem concorrer para evitar que o Tesouro de São Paulo seja o menos possível sobrecarregado com as despesas de guerra. Há cidades do interior que tem hospedado batalhões durante 15 dias, não permitindo que o governo gaste um real sequer. E o ouro que já deram a São Paulo! Não há palavras que descreva a grandeza desse quadro. Até este momento, sobem a 18.651 o número de objetos, cujo valor não se pode precisar, mas que devem andar em milhares de contos de réis.

MANOEL OLYMPIO ROMEIRO

JOSÉ GUIMARÃES

Integrante de Unidade da Guarda Municipal
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Prestando serviços no município de Bragança como guarda municipal, José Guimarães foi vítima de um acidente na manhã de 10 de Setembro, em que disparou ocasionalmente a sua arma, ferindo-se. Morreu instantaneamente.

Dados Biográficos – Nascido em Cambuí, Estado de Minas Gerais, a 4 de Maio de 1911, José era filho do Sr. Onofre Guimarães e de D. Adolphina Marques Guimarães e irmão de Ranulpho, Maria, Paulo, Lucas, Fernando e Onofre. Era solteiro, viajante e residia em Bragança.

Cabe à nova geração, que se tempera na forja do sacrifício e do heroísmo essa missão gloriosa e sagrada de reconstruir a solidez e a grandeza da nacionalidade. Aqueles, cujas frontes refletem os longos anos vividos e agitados, pelo bem público, sentem, na verdade, com orgulho, que os destinos de sua raça vão passar para as mãos desses titãs de civismo. São, com efeito, essas legiões inumeráveis de moços que oferecem, em holocausto aos nossos ideais, a bravura de seu coração, a cultura de sua inteligência, a generosidade de seu sangue e a energia de seu braço. Eles estão por toda parte: no parapeito das fortificações do solo, nos meandros dos laboratórios e das usinas, nas investigações do campo da ciência, na magnitude formidável das obras de engenharia e de sapa, na maravilha das realizações da indústria, nas organizações do transporte e dos hospitais, no seio dos campos, extraindo da terra a matéria prima dos explosivos, enfim, em todos os focos dessa atividade onimoda, sadia e febril, que faz, na vanguarda e na retaguarda, a assombrosa mobilização da guerra para a luta dentro das trincheiras, ou para abastecer a epopeia das trincheiras de todos os recursos da luta.

General ATALIBA LEONEL

JOSÉ HOMERO ROXO

5° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Combatente do Túnel como sargento da 7° Companhia do 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria, contraiu nas trincheiras a moléstia que, tempos depois, em Piracicaba, o levaria ao túmulo.

Dados Biográficos – Era instrutor do Tiro de Guerra de Campinas, onde residia. Nascido em Anhembi, neste Estado, a 13 de Janeiro de 1913, filho do Sr. Sylvino Roxo e de D. Anna Sampaio Luz, era noivo da senhorinha Josephina Jappur, residente em Catanduva. Dois irmãos tinha ele: Sylvio e José Olavo Roxo, este combatente do Batalhão Piracicabano.

Ficai certos, que, no atual momento histórico, se agitam no cenário nacional os magnos ideias suscitados pela ação política, filha da moral e da razão. Segundo o voto do patriarca da nossa Independência, mobilizam-se as legiões dos amigos da Lei; inúmeros cidadãos prestantes arregimentam-se e muitos já romperam a marcha para o mesmo objetivo que viais, apesar dos empecilhos de toda a sorte do poder discricionário e o guante da ditadura, e longe não está o dia em que pelo conjunto das forças constitucionalistas reunidas pela mesma vontade e ideal seja alcançada a vitória final. Humilde soldado da reserva da primeira linha do exército ininterruptamente fiel ao meu compromisso, não falto ao meu dever combatendo a ditadura a todo transe. Ontem, em Mato Grosso, empenhei para com a revolução a minha solidariedade moral e hoje tenho a vos oferecer todo o meu devotamento à vossa causa, que é a do Brasil. Vim para vós atraído pelo vosso exemplo e porque comungo com os vossos ideais neta campanha, em que vos empenhaste de corpo e alma com desprendimento e coragem cívica.

General ESCOBAR DE ARAUJO

JOSÉ HONORIO PRADO

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Dois dias depois de deflagrado o movimento revolucionário, José Honorio Prado incorporou-se ao Exército Constitucionalista, ingressando no Batalhão Paes Leme, sob o n° 425, na 4° Companhia. No dia 15 de Julho, sob o comando do capitão Pietcher, seguiu para uma das frentes de combate, sendo promovido a cabo, por atos de bravura, logo no início das operações. Combateu longamente. Lutou rudemente. Quis a fatalidade, contudo, que o valente soldado, que participou de sangrentos combates em Pouso Alegre, São José do Rio Pardo, Itapira, Vila Queimada e em outros setores, morresse longe das trincheiras, na capital de São Paulo, por ocasião de tiroteiro que se verificou na estação do Norte, no dia 30 de Setembro, quando terminava a Revolução e elementos exaltados promoviam conflitos dentro da cidade. Seu corpo foi sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Nasceu em Eloy Mendes no Estado de Minas Gerais, a 12 de Janeiro de 1913, filho do Sr. Zoroastro Prado e de D. Cacilda Ximenes Prado. Deixou os seguintes irmãos: Itamar, Wilson, Paulo, Hortencia e Selva. Era estudante e trabalhava no comércio. Solteiro.

JOSÉ JERONYMO DE VASCONCELLOS

Batalhão 14 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Componente do Batalhão 14 de Julho, portador de tantas glorias nos combates do Setor Sul, José Jeronymo de Vasconcellos tombou a 17 de Setembro nas trincheiras do Serrado, próximo a Capão Bonito. Hospitalizado em Itapetininga, faleceu no mesmo dia, tendo sido sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Nascido em Passos, Estado de Minas Gerais, veio muito moço para Casa Branca, onde contraiu núpcias com D. Isolina Nogueira de Vasconcellos, de cujo consorcio deixou duas filhinhas: Therezinha e Maria do Carmo. José Jeronymo era filho do Sr. Antonio Alves e de D. Bonifacia Alves.

JOSÉ LOBO

Coluna Romão Gomes (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Declarada a guerra constitucionalista, José Lobo, que se achava em Poços de Caldas, encontrou um meio de fugir a vigilância das autoridades mineiras e veio para São Paulo, incorporando-se logo a uma das unidades que compunham a Coluna Romão Gomes. Com ela tomou parte ativa na ação do Setor Leste, sempre procurando o lugar onde havia mais perigo a correr. Foi assim até quase o fim da luta. Quando já se delineava o fim da campanha, José Lobo, que tinha corrido impunemente todos os perigos das batalhas travadas, sofreu um desastre de automóvel ferindo-se muito. Em consequência, faleceu em Limeira, onde está sepultado. Era casado com D. Anna Lobo.

JOSÉ LOPES DA CRUZ CAMARGO

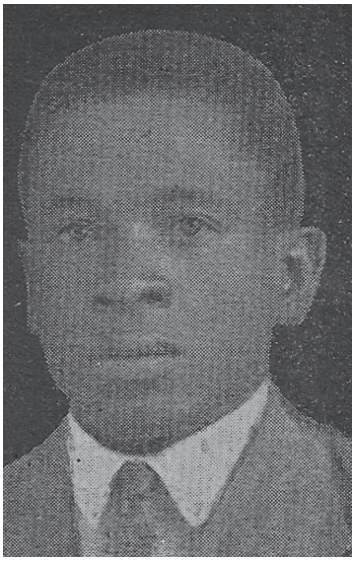
5° Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Cabo da 2° Companhia do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, José Lopes da Cruz Camargo foi promovido, *post-mortem*, a terceiro sargento pela bravura demonstrada em campanha. Morreu no Túnel a 20 de Agosto e foi sepultado no Cemitério de Cruzeiro.

Dados Biográficos – Solteiro, filho do Sr. Ponciano Lopes de Camargo e de D. Maria do Carmo do Espirito Santo, era José Lopes nascido em Redenção, neste Estado e contava 25 anos de idade.

JOSÉ LOURENÇO

Batalhão Caçadores de Piratininga (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste



Em serviço de reconhecimento, José Lourenço, do Batalhão Caçadores de Piratininga, se alongou, em sua motocicleta, muito além das linhas de São Bento do Sapucaí, chegando a atingir as proximidades de Lambari, no Estado de Minas. Surpreendido, foi morto a tiros de fuzil, na tarde de 12 de Agosto. Sua ação foi elogiada em ordem do dia.

Dados Biográficos – Nascera José Lourenço em Silveiras, a 9 de Setembro de 1902, filho do Sr. Lourenço Alexandre da Costa e de D. Crystalina Ferreira. Era noivo da senhorinha Benedicta de Andrade. Era eletricista.

JOSÉ MANUEL FILHO

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista

Ao estalar da Revolução Constitucionalista, José Manuel Filho, soldado do 7° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública de São Paulo partiu para uma das frentes de combate. Foi um dos heróis anônimos que formaram legiões. Serviu com fé e com coragem a causa que abraçara, tendo perecido em plena luta, de armas na mão. Não se sabe, contudo, nem o lugar onde tombou e nem onde se acha sepultado.

JOSÉ MARCELLINO DA FONSECA

Centro de Instrução Militar (Força Pública)
Quartel General das Forças Constitucionalistas

Capitão de curso, estudioso e capaz, José Marcellino da Fonseca era professor do Centro de Instrução Militar, que é a escola de oficiais da Força Pública. Dedicado à sua profissão, estudava-a em todos os detalhes, especializando-se em conhecimentos sobre as armas de guerra.

Iniciada a Revolução Constitucionalista, conhecedor da deficiência de material com que contávamos, projetou um novo tipo de morteiro, para lançamento de granadas de pequeno tamanho, mas de grande valor ofensivo. O novo canhãozinho, que recebeu o nome de Bombarda, foi construído logo. Fizeram-se as primeiras experiências com bons resultados. Os sapinhos, como mais tarde foi o invento batizado pelos combatentes por causa do ruído que fazia a granada quando projetada, foram preparados para a experiência oficial, marcada para o 23 de Julho, sábado, pela manhã, em Santo

Amaro. A ela compareceram o general Klinger, comandante em chefe das Forças Constitucionalistas, o coronel Julio Mancondes Salgado, comandante geral da Força Pública, diversos oficiais do Exército e da Força e autoridade civis. Dados diversos disparos com êxito, tudo ia muito bem quando uma granada explodiu dentro do morteiro, rompendo-o e lançando seus estilhaços por todos os lados. O comandante Marcondes Salgado, ferido na carótida, morreu no mesmo instante. O general Klinger, atingido no braço, ficou levemente ferido. Outros oficiais receberam ferimentos superficiais. O capitão José Marcellino da Fonseca, inventor da bombarda, recebeu ferimentos gravíssimos, atingido que foi em diversas partes do corpo pelos estilhaços. Hospitalizado e socorrido imediatamente, não resistiu, falecendo pouco depois, vítima de sua própria invenção.

Dados Biográficos – Mineiro de Santa Rita de Cassia, nasceu a 22 de Dezembro de 1890, filho do Sr. Marcellino Pereira da Fonseca. Há muito ingressara na Força Pública, onde conquistara o posto à custa de esforço e dedicação. Casado, deixou muitos filhos, hoje órfãos de pai e mãe, pois que sua viúva faleceu três anos depois, em 1935.

JOSÉ MARIA

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

Outro soldado da Força Pública, sobre o qual os dados biográficos são bastante deficientes. José Maria, incorporado aquela milícia, seguiu para frente tendo tomado parte, com bravura e disciplina, em vários combates. Pereceu em plena luta, na defesa do ideal defendido pelo povo bandeirante.

Não há um paulista que, contemplando o movimento altamente patriótico que vai por todo o Estado de São Paulo, não sinta orgulho de ter nascido ou vivido nesta grande terra, cujo povo se levantou unido e cheio de fé para lutar pela constitucionalização do país que trata novamente o Brasil ao regime da Lei e da Ordem. Levantando-se em armas, disposto até ao sacrifício extremo, São Paulo não tem em mira outra conquista, do que seja novamente a volta do país ao regime legal embora os nossos adversários felonicamente nos atirem a pecha de separatistas.

ALBERTO CARDOSO DE MELLO FILHO

JOSÉ MARIA DE AZEVEDO

Batalhão 14 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A velha ancestral virtude dos paulistas dominadores da selva e do gentio reviveu, fecunda e nobre, na mocidade que levou avante a epopeia esplêndida da Revolução de 32. O mesmo dinamismo, a mesma força de vontade, a mesma coragem ao enfrentar os perigos e no cumprir do dever assumido. Foi assim em todas as frentes, como foi assim na retaguarda. Era o São Paulo de sempre, vanguardeiro e integro. José Maria de Azevedo guardara o valor da gente paulista no cioso cumprimento do dever. Oficial voluntário do Batalhão 14 de Julho em operações no Setor Sul.

Obtivera, com o seu pelotão, uma licença para descanso. Vinha das trincheiras, a 26 de Agosto, rumo ao Posto de Comando, gozar a merecida trégua. Em meio do caminho deram-lhe a notícia de que um dos flancos da linha do Fundão estava em perigo de ceder por falta de reforços. A sua voz de comando, o pelotão mudou o rumo e tomou parte na defesa da posição ameaçada, que foi então mantida. Mas José Maria de Azevedo ficara no campo da luta: uma rajada de metralhadora o alcançara no ventre, cujo ferimento mortal o matou.

Dados Biográficos – José Maria de Azevedo, filho do Sr. Francisco Justino de Azevedo e de D. Albertina A. Silva Azevedo, nascera em São Paulo a 1° de Julho de 1904. Era irmão de Delphino, casado com D. Clementina Vallim Azevedo; Francisco Justino, casado com D. Nair Faro Azevedo; Joaquim, casado com D. Isabel Serzedello de Azevedo; Belarmino, casado com D. Eunice Almeida Azevedo; Florinda, Cecilia, Thereza, Antonia, Albertina, Luzia, Honorata, Paulo, Alberto, João Baptista e Pedro da Silva Azevedo. Formado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, dedicava-se a

sua profissão na Capital, onde contava com muitas relações nos meios jurídicos e sociais. Quando estudante, foi fundador do Club Atlético Bandeirante e seu primeiro presidente. Era noivo da senhorita Maria de Lourdes Ferraz.

JOSÉ MARIA DE MOURA

3° Esquadrão do Regimento de Cavalaria (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

José Maria de Moura pertencia ao 3° Esquadrão do Regimento de Cavalaria da Força Pública. Sob o comando do capitão José Camillo Valença seguiu para a frente de Itararé, no dia 11 de Julho. Depois de servir, rudemente, nesse setor, passou-se para o Setor Norte, onde continuou a trabalhar como um bravo em prol da Revolução Constitucionalista, tendo sido ferido mortalmente em um dos combates em que tomou parte. Está sepultado em uma das cidades servidas pela Central do Brasil.

Dados Biográficos – Era filho do Sr. Miguel Bernardo Moura e de D. Francisca Lemos de Moura. Nasceu em Palmeiras, neste Estado, em 1910.

JOSÉ MARQUES GINES

4° Batalhão de Cavalaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Cunha, no Setor Norte de operações era um canto de São Paulo debruçado por sobre as elevações da Serra do Mar olhando para o Estado do Rio de Janeiro, cuja primeira sentinela é, naquele lado, a cidade de Parati. Repercutindo menos, embora, que a das outras frentes, a luta foi intensa também ali. Guardam os espigões dos morros muitos corpos de Soldados da Lei. Na encosta da Serra do Divino Mestre, foi sepultado José Marques Gines, tombado no dia 24 de Agosto e que tomara posição naquele setor desde 18 de Julho como praça que era do 4° Batalhão de Cavalaria, 3° Companhia. Morreu lutando.

Dados Biográficos – Nascido em Bragança a 25 de Fevereiro de 1915, filho do Sr. Christovam Marques Prado e de D. Conceição Gines, José Marques fora antes de entrar para o Exército, telegrafista da São Paulo Railway em sua terra. No 4° Batalhão de Cavalaria, foi radiotelegrafista.

JOSÉ MATHIOLLI

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sargento da 2° Companhia, do 2° Batalhão de Caçadores Paulista, da Força Pública, também conhecido como o 2 de ouro, José Mathiolli partiu para a frente ao estalar da Revolução Constitucionalista, sob o comando do coronel Herculano de Carvalho e Silva. Foi destacado para o setor do Túnel e foi o primeiro soldado do seu batalhão morto no trágico local, no dia 18 de Julho, vítima de uma granada que explodiu quase que ao seu lado. Está sepultado em Cruzeiro.

Dados Biográficos – Nasceu em Amparo, no mês de Setembro de 1896, filho de Antonio Mathiolli e de D. Fiorina Mathiolli. Solteiro.

Desmantelada em todos os seus domínios a máquina administrativa, subvertida escandalosamente a hierarquia militar, implantada, como consequência, a anarquia por toda parte, temos vivido, os brasileiros, nestes vinte e dois longos meses de regime ditatorial, em sobressaltos, entre os vaivéns, as marchas e contra manchas de um ditador exímio na arte desmistificar e as ameaças e tropelias de uma recova de aventureiros, que, sob a máscara sedutora de propósitos regeneradores, mal oculta s mais desenvoltas e injustificadas ambições.

Doutor THEODOMIRO SANTIAGO

JOSÉ MENDES LEAL

4° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Com a 3° Companhia do 4° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, na qual era sargento, José Mendes Leal conduziu-se sempre com coragem nos combates do Setor Norte. Lutou quarenta dias. A 19 de Agosto, durante uma luta de muitas e fortes travadas em Vila Queimada, foi gravemente ferido, baixando ao Hospital de Sangue de Cruzeiro, onde morreu no mesmo dia. Está sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Fluminense de Volta Grande, nascido em 1895, José era filho do Sr. João Mendes Leal e de D. Amelia Mendes Freitas e deixou viúva D. Apparecida Maria Luiza. Soldado da Força desde 1915, tomou parte nas agitações revolucionarias anteriores e na perseguição, por Mato Grosso, das colunas rebeldes.

JOSÉ DE MORAES FILHO

6° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

Não houve fronteira de São Paulo em que se não tivessem travado combates em defesa do seu território e do ideal elevado que movia a sua gente. No litoral, forças de voluntários e de tropa regular operaram com o mesmo valor e a mesma bravura demonstrados em outros setores. José de Moraes Filho, cabo da 4° Companhia do 6° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública combateu no Setor litorânea e morreu na fazenda Juca de Almeida a 21 de Setembro.

Dados Biográficos – Natural do Estado da Paraíba, nascido na cidade de Souza em 1905, José era filho do Sr. José de ranea e morreu na fazenda Juca de Almeida a 21 de Setembro.

JOSÉ MOREIRA

6° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

Destacado em Ubatuba no serviço de policiamento daquela cidade, José Moreira, Cabo da 4° Companhia do 6° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, recebeu ordens de reunir-se ao seu batalhão para a luta. Não pode, porém, combater por muitos dias. Ainda em águas de Ubatuba, a 16 de Julho, quando viajava de canoa, esta virou e ele afogou-se. Seu corpo, retirado do mar, está sepultado no Cemitério de Ubatuba.

Dados Biográficos – Casado, com 35 anos de idade, nascido em Alagoinha. Estado da Bahia. José era filho do Sr. Antonio Moreira e de D. Maria Moreira.

JOSÉ NOVAES

9° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

José Novaes pertencia ao 9° Batalhão de Caçadores Paulista, da Força Pública, que era comandado pelo major Genésio de Castro e Silva. Sua morte deu-se no dia 21 de Julho, num desastre de automóvel ocorrido na estrada Piraju-Itaí. Quando seguia para a frente, o caminhão que o conduzia virou, ficando José Novaes com o tórax esmagado. Contava vinte e cinco anos de idade e era natural do Estado de Pernambuco.

JOSÉ NOVAES GREFF BORBA

Corpo de Granadeiros Voluntários (Voluntários)
Exército Constitucionalista

Prestando serviços em São Paulo como instrutor do Corpo de Granadeiros Voluntários, José Novaes Greff Borba foi vítima de sua própria dedicação. No dia 7 de Setembro, em meio do estudo que ministrava, uma granada explodiu lhe na mão, ferindo-o gravemente e a mais outros rapazes.

Em virtude desses ferimentos, Jose Novaes veio a falecer no Instituto Paulista, a 8 de Outubro, depois de ter sido tratado no Hospital Militar da Força Pública e na Santa Casa de Misericórdia. Por ocasião do seu enterro, foram-lhe prestadas grandes e merecidas homenagens.

Dados Biográficos – Nascido em São Paulo a 23 de Maio de 1908, era filho do Dr. Affonso Greff Borba e de D. Gabriela de Paula Novaes Greff Borba e irmão de Antonio, Helena, Julia Lucia e Maria Novaes Greff Borba, esta hoje Soror Maria Thereza da Eucharistia. Atleta do Club de Regatas Tiete, 4° anista de medicina, José Novaes era muito conhecido e estimado nos meios que frequentava.

JOSÉ DE OLIVEIRA

Batalhão 7 de Setembro (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sob o comando do capitão Ayres Bento de Oliveira, José de Oliveira seguiu para a frente incorporado ao Batalhão 7 de Setembro. Disciplinado e valente, tomou parte em vários combates, sendo ferido mortalmente no Batedor, Setor Norte,

por tiro de fuzil, no dia 18 de Setembro. Morreu no mesmo dia no Hospital de Sangue de Cruzeiro, tendo sido sepultado no Cemitério local, na sepultura n° 598.

Dados Biográficos – Filho do Sr. João Joaquim de Oliveira e de D. Anna Francisca de Paula, residia em Cruzeiro e contava com 24 anos de idade.

JOSÉ DE OLIVEIRA FILHO

Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista

Assim como nos vários departamentos de recrutamento que se formaram em São Paulo e pelo interior, era grande o número de voluntários que se apresentavam, também no quartel da Força Pública dava-se o mesmo fenômeno. José de Oliveira Filho foi dos que se incorporaram nessa milícia, deixando registrado apenas seu nome, sem qualquer outra indicação. Como soldado de um dos batalhões dessa milícia, combateu pelo ideal que São Paulo defendia, de armas na mão, em uma das frentes.

JOSÉ PEDRO DE SILOS SANTOS

5° Regimento de Infantaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Dos primeiros a serem incorporados ás forças constitucionalistas, José Pedro de Silos Santos partiu para a frente como soldado da 9° Companhia, do 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria do Exército. Nas montanhas Moraes, em Queluz, esteve presente aos duros embates ali travados. No dia 31 de Julho, durante um bombardeio das nossas posições pela aviação ditatorial, sendo ferido por estilhaços de granada o Cap. João Baptista do Prado, José Pedro correu para socorre-lo, sendo nessa ocasião alcançado por outro estilhaço que o feriu profundamente na cabeça. Levado para o Hospital de Sangue de Queluz, ali faleceu horas depois.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Paulo Correa dos Santos e de D. Maria de Silos Santos, nascera José Pedro em São José do Rio Pardo a 14 de Julho de 1912 e era irmão de Mario, Maria, Mercêdes, Geraldo e Adelaide Silos dos Santos. Terminara há pouco o curso ginasial em Campinas e preparava-se para ingressar na Faculdade de Direito quando se entregou inteiramente à Causa Paulista. Quase menino, lutou como homem, sem qualquer desfalecimento e sem duvidar um só instante da vitória. Seu retrato foi solenemente inaugurado a 6 de Novembro de 1932 no salão nobre do Ginásio de Campinas, perante a congregação de alunos. Outras homenagens tocantes foram prestadas á sua memória.

JOSÉ PEREIRA

6° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Era, no seu batalhão, 6° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, o segundo do seu nome e estava incorporado a 2° Companhia.

Com ela, José Pereira partiu para o Setor Sulde operações a 21 de Julho. E a 13 de Agosto, ao atravessar o rio Ribeira, afogou-se. Foi sepultado em Nuporanga.

Dados Biográficos - Solteiro, nascido em Santos no ano de 1906, José Pereira era filho do Sr. Henrique Rodrigues Pereira e de D. Amelia Rodrigues Pereira.

JOSÉ PEREIRA DE OLIVEIRA

7 de Setembro (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Deixando São Paulo a 22 de Julho como 2° sargento do Batalhão 7 de Setembro, José Pereira de Oliveira esteve como combatente no Túnel, onde tomou parte na admirável defesa daquele reduto paulista. Em consequência de graves ferimentos produzidos por estilhaços de granada, faleceu no Hospital de Sangue de Cruzeiro no dia 22 de Agosto, sendo sepultado no Cemitério local, onde a lápide tem o n° 382.

Dados Biográficos – Fluminense, nascido em Macaé a 2 de Março de 1894, era filho do Sr. José Pereira de Oliveira e de D. Martha Maria de Oliveira e irmão de João Angelo de Oliveira. Solteiro, exercia a profissão de mecânico.

JOSÉ PEREIRA REYMÃO

9° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

José Pereira Reymão, pertencia ao 9° Batalhão de Caçadores Paulista, da Força Pública quando estalou a Revolução Constitucionalista, tendo seguido para o Setor Sulde operações, na Companhia de Metralhadora, sob o comando do Tenente Coronel Genesio de Castro e Silva. Em um dos deslocamentos de sua companhia, porém, ao atravessar o rio Silveiras, pereceu afogado, entre Itaporanga e Xiririca (Eldorado).

Dados Biográficos – Nascido em Jacutinga, Estado de Minas Gerais, em, 1899, era filho de Francisco Pereira de Souza e de D. Sebastiana Dininha de Jesus. Casado.

JOSÉ PINTO DE ANDRADE JUNIOR

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista

No decorrer da guerra de 32, todos os valores foram aproveitados dentro de cada especialidade. José Pinto de Andrade Junior era engenheiro químico. Foi destacado, quando se apresentou, para o serviço da fabricação de granadas, em Quitaúna. Muito serviço tinha ele prestado, dedicadamente, a São Paulo no mister que lhe fora atribuído, quando, a 28 de Agosto, uma combinação inesperada de dois ácidos provocou forte explosão. Ferido gravemente. Andrade Junior foi trazido para o Instituto Paulista. Tratamento rigoroso, carinhosa atenção e cuidados sem conta não valeram para salva-lo. Sofreu uma semana inteira. A 3 de Setembro, afinal, a morte venceu. Foi sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Português de Vizeu, nascido a 3 de Novembro de 1898, veio menino ainda para o Brasil, fixando-se em São Paulo. Aqui formou seu espirito, estudou e fez-se homem. No Mackenzie College (Universidade Mackenzie), após um curso bem feito, colou grau de engenheiro químico. Ali e no círculo em que vivia, fez amizades sólidas e profundas. Filho do Sr. José Pinto de Andrade e de D. Mathilde da Conceição Cabral Andrade e irmão de D. Ophelia de Andrade Castro, casara-se Andrade Junior com D. Yvonette Marcondes de Andrade, de cujo consórcio deixou duas filhinhas gêmeas: Carmen Mathilde e Maria Cecilia.

JOSÉ PREIZ

Batalhão Ibrahim Nobre (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado ao se iniciar a Revolução Constitucionalista, no Batalhão Ibrahim Nobre, José Preiz seguiu logo para o Setor Sul de combate, integrando-se num destacamento do coronel Pedro Dias de Campos. Foi um bravo. Mostrou, exuberantemente, sua fibra patriótica, tal como os seus colegas da Faculdade de Direito de São Paulo. Não mediu sacrifícios

em benefício do ideal a que servia. Sua morte foi trágica e sublime. Morreu combatendo corpo a corpo com um oficial gaúcho, que também foi ferido. O trágico acontecimento deu-se entre Salto Grande e Ourinhos, à margem do Rio Pardo, presumivelmente a 27 ou 28 de Setembro. Os dados biográficos sobre José Preiz são muito deficientes. A despeito dos esforços dispendidos pelos organizadores deste livro nada se pode saber senão que era bem jovem e que cursava a Faculdade de Direito de São Paulo.

JOSÉ PUGLIESE

3° Batalhão 9 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

José Pugliese dá um bom exemplo de palpitação cívica que empolgou a alma da juventude paulista. Tinha 18 anos de idade. Incorporou-se, no início da luta, ao Batalhão Rio Grande do Norte. Não pode seguir, no entanto, junto aos seus companheiros. Tendo ficado doente e sendo desligado. O jovem voluntário, porém, ao invés de se subordinar a tal medida, não foi para casa tratar-se. Resolveu apresentar-se aos organizadores do 3° Batalhão 9 de Julho, em cuja 3° Companhia, sob o número 171 foi incorporado e partiu para a frente no dia 1° de Agosto. Sua atuação foi sempre brilhante. Quando da retirada de nossas tropas do setor de Itapira, o jovem voluntário foi atingido no coração, morrendo no dia 30 de Agosto, naquela cidade. Está sepultado no Cemitério local, na sepultura número 2053.

Dados Biográficos – A 23 de Setembro de 1914 em Tremembé, distrito da Capital de São Paulo, nasceu José Pugliese. Eram seus pais o Sr. Vicente Pugliese e de D. Elvira Pedrini Pugliese. Deixou uma irmã, Maria Aparecida, casada com o Sr. João Jazzini.

JOSÉ QUEIROZ DOS SANTOS

6° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Durante a campanha no setor Sul, com o 6° Batalhão de Caçadores da Reserva, a que pertencia, José Queiroz dos Santos sofreu a manifestação de moléstia intestinal que exigia pressurosa e imediata intervenção cirúrgica. Não pode ser socorrido a tempo e piorou internado no Hospital Santa Catarina, da Capital, faleceu, em consequência, a 30 de Outubro. Apesar de doente, deu todo o seu esforço pela causa.

Dados Biográficos – A 14 de Outubro de 1914, nascera José em São Paulo, filho do Dr. Antonio Queiroz dos Santos Netto e de D. Sebastiana Martins Queiroz dos Santos. Era irmão de Cecilia, Marina e Lourdes casada com o Sr. Darcy Stockler. Solteiro, fazia o curso de humanidades no Ginásio Normal.

JOSÉ RAMOS DA SILVA

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Mais um voluntário: José Ramos da Silva. Incorporado ao Exército Constitucionalista partiu para o Setor Norte onde tomou parte, com bravura, em vários dos sangrentos combates que se travaram em todos os seus setores. Ferido gravemente em uma das lutas de que participava, Ramos da Silva foi transportado para São Paulo, tendo falecido no Hospital Militar Divisionário, em dias de Agosto de 1932.

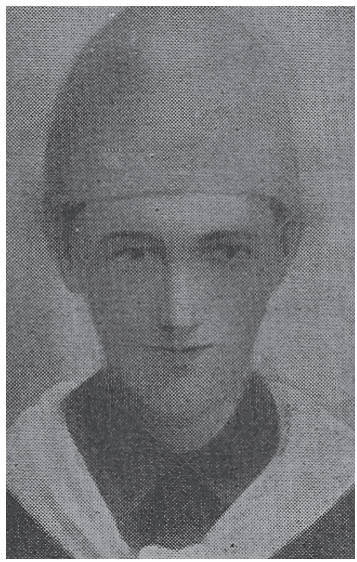
JOSÉ RODRIGUES DO NASCIMENTO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista

Que ele era voluntário, prova o fato de não constar nos assentamentos das tropas regulares que atuaram em 32. Que foi um valente, a prova está na sua morte numa trincheira perigosa onde só os bravos seriam capazes de ficar. Ousado e calmo, integrado no ideal que nos levou a todos à guerra com a certeza de lutarmos com menos homens e, sobretudo, com menos armas e munições, ele não pediu licença para descansar em São Paulo. Por isso, morreu quase anônimo. Tinha um nome que ficou. Figurará, para sempre, neste pantheon que os seus camaradas de todas as trincheiras elevam em memória de quantos souberam com honra.

JOSÉ RUFFINO

Batalhão Caçadores Francanos (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste



José Ruffino foi o n° 182, do 3° Pelotão da 1° Companhia do Batalhão Caçadores Francanos, Coluna Romão Gomes. Incorporou-se em Franca a 3 de Agosto, tendo seguido logo para a frente sob o comando do capitão Firmino de Andrade Junqueira. Morreu em São José do Rio Pardo, no dia 8 de Setembro, em consequência de ferimentos produzidos por tiros na cabeça e em outras partes do corpo. Está sepultado em Franca para onde os seus restos foram trasladados.

Dados Biográficos – Nascido em Franca, em Setembro de 1914, era filho do Sr. Fernando Ruffino e de D. Carolina Ruffino. Deixou os seguintes irmãos: Olivia, Virginia, Ernesto, Maria, Renato, Carlos e Domingos Ruffino. Exercia a profissão de sapateiro.

JOSÉ DOS SANTOS

4° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Durante um combate dos mais difíceis do Setor Sul, travado em Itaporanga a 8 de Agosto, faleceu José dos Santos, cabo da 1° Companhia do 4° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, combatente ousado e leal. Foi sepultado no campo da luta.

Dados Biográficos – Solteiro, filho do Sr. Januario dos Santos e de D. Maria Joaquina da Conceição, era José nascido em Brodowsky, neste Estado, no ano de 1907.

JOSÉ SILVA

Batalhão General Osorio (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Combatente do Batalhão, General Osorio como soldado n° 181 da 3° Companhia, José Silva desapareceu durante um difícil combate. Seu corpo não foi encontrado e entre os prisioneiros retornados a São Paulo, ele não estava. Morto com certeza, a sua lapide anônima deve estar no território paulista.

Dados Biográficos – Jornaleiro em Atibaia, entusiasta da causa, apresentou-se logo no início da campanha. Era filho da D. Maria José e nascera no bairro do Tanque, daquele município, a 29 de Dezembro de 1915.

JOSÉ DA SILVA

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Doze dias mediaram entre o começo da Revolução Constitucionalista e a morte de José da Silva, soldado do Batalhão Bahia. Dos primeiros a se apresentar, foi dos primeiros a serem enviados para o Túnel, cuja defesa exigiu a sua vida

como tributo. Morreu e foi sepultado naquela posição a 21 de Julho. Pedreiro em Bragança, solteiro, José da Silva não possui biografia. Na sua terra – a mesma em que residia – tinha por toda história de sua vida este apelido: - Pretinho.

JOSÉ DA SILVA LEME

Batalhão 23 de Maio (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

José da Silva Leme, a despeito de já não ser muito jovem, pois contava, presumivelmente, trinta e quatro anos de idade, não fugiu, em absoluto, ao imperativo de servir a São Paulo. Incorporou-se à 2° Companhia do Batalhão 23 de Maio, conseguindo, mercê de sua experiência, as divisas de cabo. Na tentativa da retomada de Amparo, recebeu ferimentos produzidos por baioneta, no hemotórax esquerdo, morrendo quase que instantaneamente. Seu passamento deu-se aos dezoito dias do mês de Setembro. Está sepultado no Cemitério do Silvestre, em Amparo, na sepultura 22.076.

JOSÉ SILVANO FILHO

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

José Silvano Filho incorporou-se em Cajurú, logo no início das operações bélicas, partindo para a frente, como soldado do 2° Regimento de Cavalaria Divisionária e como tal lutando, corajosamente, pela grandeza e vitória do ideal que o acalentava. No dia 25 de Agosto, porém, foi ferido. Embora medicado com carinho não resistiu aos seus ferimentos, falecendo no dia seguinte. Foi sepultado em Fartura e, depois, trasladado para Cajurú.

Dados Biográficos – Nasceu em Santa Rita do Passo Quatro, no dia 4 de Maio de 1909, e era filho de José Silvano e de D. Antonia Silvano. Era solteiro e exercia a profissão de pintor. Viveu grande parte de sua existência em casa do venerado casal Severino Eulalio Villela, que o criou e deu-lhe a

educação e os princípios morais que o distinguiam. Em 1926, passou a residir em Cajurú, onde era estimadíssimo, tanto que foi às expensas de seus moradores, que o seu corpo foi para lá trasladado, com grandes e merecidas homenagens.

JOSÉ SIQUEIRA

Batalhão 7 de Setembro (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Logo depois de formado, o Batalhão 7 de Setembro foi mandado reforçar as posições do Túnel, onde os seus soldados se bateram corajosamente e onde muitos deles ficaram sacrificados à força irrecorrível das necessidades da guerra, força que exigia a manutenção da posse daquela passagem, a todo transe. Dia 9 de Setembro, no mais acesso da fuzilaria e do bombardeio, José Siqueira tombou, cumprindo a ordem recebida de resistir, custasse o que custasse. Sua lápide perdeu-se no meio de muitas outras que marcam a encosta áspera do monte fronteiriço.

JOSÉ SOARES

4° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Na graduação de cabo da 3° Companhia do 4° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, José Soares seguiu para a frente de combate, no setor Norte, nos primeiros dias da Revolução Constitucionalista, sendo destacado para guarnecer a posição do Túnel da Mantiqueira, o posto perigoso por excelência. O valente soldado foi vítima do seu próprio ímpeto, vindo a falecer, em combate, no dia 22 de Julho. Foi sepultado na cidade de Cruzeiro.

Dados Biográficos – Nasceu em Piracicaba, em 1902, filho do Sr. Sebastião Soares e de D. Antonia Soares. Era casado com D. Ernestina Soares e deixou duas filhas menores: Dirce e Nelly.

JOSÉ TEIXEIRA DA ROCHA FILHO

Batalhão Marcondes Salgado (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Porto Antonio Prado, no Rio Grande, foi campo de operações também, durante a Revolução Constitucionalista. Foi lá que José Teixeira da Rocha Filho, soldado do Batalhão Marcondes Salgado, morreu em defesa intemerata da posição que lhe fora confiada. Seu corpo repousa no Cemitério de Guaraci, onde foi sepultado com todas as honras militares devidas aos valentes.

Dados Biográficos – Filho do Sr. José Teixeira da Rocha e de D. Olivia Teixeira da Rocha e irmão de João Baptista, Dario, Ottoni, Edgard, Adelaide, Lucinha, Iraides, Irene, Antonio, Rossi, Maria Esther casada com Antonio Silva, era José, ituano, nascido em 1893. Três filhas deixou de seu matrimonio com D. Rosaria Marchesano Teixeira: Olivia, Rosa e Ruth.

JOSÉ TOBIAS DAS NEVES

Batalhão Paraibuna (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

No dia 14 de Julho, José Tobias das Neves incorporou-se ao Batalhão Paraibuna. As notas que se possui de sua atuação são as mais lisonjeiras para a sua fibra de combatente. Demonstrou-se um soldado à altura da situação e, principalmente, digno do ideal que empolgava todo o povo bandeirante. Foi ferido em combate em Taquari e feito prisioneiro. A despeito dos esforços empregados pelos médicos do Exército adversário, José das Neves não suportou a gangrena que sobreveio à amputação de uma das pernas, falecendo no dia 27 de Setembro. Foi sepultado em Itaberá, onde morreu, na sepultura 82, chapa 3.

Dados Biográficos – Nasceu em 1910, na cidade de Paraibuna, e era filho do Sr. Benedicto Tobias das Neves e de D. Carmelina Tobias das Neves.

JOSÉ VICENTE FERREIRA

Batalhão Marilia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

José Vicente Ferreira pertencia ao Batalhão Marilia, sendo soldado número 55 da 1° Companhia. Sua incorporação ao Exército Constitucionalista deu-se naquela cidade de seu berço. Foi para o Setor Norte com seu batalhão. Tomou parte em vários combates. Demonstrou bravura e disciplina. Ferido, foi levado para Cruzeiro, em cujo Hospital de Sangue faleceu no dia 6 de Setembro. Foi, também, sepultado no Cemitério de Cruzeiro, na sepultura n° 622, sendo seus despojos, mais tarde, trasladados para Marilia.

Dados Biográficos – José Vicente Ferreira nasceu em Marilia, no ano de 1912. Era filho de Julião Ferreira e de D. Maria Pulcheria de Jesus.

JOSINO VIEIRA DE GOES

8° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Em operações no setor do Rio das Almas, o 8° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública perdeu vários de seus valentes soldados. Defendeu ele posições difíceis e não poucas vezes sustentou combates tremendos. A 10 de Setembro, parte de suas forças recebeu ordem de contra-atacar o adversário com o objetivo imediato de retomar trincheiras perdidas no dia anterior. Dessa tropa de ataque fazia parte o Sargento Josino Vieira de Goés que chegou, com outros rapazes, a tomar posse da cobiçada trincheira. Já dentro dela, recebeu um tiro de fuzil no ventre, sendo imediatamente removido para o Hospital de Sangue de Itapetininga, onde faleceu no dia imediato. Nesse choque perdemos cinco homens.

Dados Biográficos – Praça da Força Pública desde Setembro de 1923, tomara Josino parte nas lutas anteriores de 24 e 30, portando-se sempre com valor. Nascido no distrito de Araçariguama, município de S. Roque, a 19 de Novembro de 1901, era filho do Sr. João Vieira e de D. Maria Thereza de Jesus e irmão de João, José e Gabriel Vieira de Goés. Era casado com D. Laura da Silva Goes e tinha uma enteada: Horaide.

JOSUÉ GRANDE

Batalhão Patriótico de Catanduva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Foi um dos primeiros voluntários que se apresentaram. Josué Grande incorporou-se no dia 19 de Julho em Catanduva, no Batalhão Patriótico de Catanduva, que era comandado pelo Sr. Baptista da Luz. Contraiu na trincheira uma moléstia pertinaz, ás margens do Rio Grande, de que resultou o congestionamento do seu fígado. Sobreveio, ainda, uma pleurisia, que foi causa da sua morte. Hospitalizado em Campinas e, depois, em São Paulo, veio a falecer no dia 21 de Setembro. Está sepultado no Cemitério de Vila Maria.

Dados Biográficos – Sabe-se que nasceu no Estado de São Paulo, no dia 19 de Julho de 1906 e que era filho de D. Dolorata Grande. Deixou três irmãos: Nina, Angelina e Raphael Grande.Era solteiro e interessado na firma Bastos & Cia.

JOVINIANO VICTORIANO DE OLIVEIRA

1° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Com a primeira leva de soldados paulistas, seguiu o 2° tenente Joviniano Victoriano de Oliveira, na aurora da Revolução Constitucionalista, dia 10 de Julho, rumo à frente de combate. Pertencia à 4° Companhia, do 1° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, de que era comandante o tenente-coronel Virgilio Ribeiro dos Santos. Com a bravura própria dos soldados constitucionalistas tomou parte saliente em várias lutas, em inúmeros setores, até que, num ataque levado a efeito para retomada da cidade de Amparo, no dia 18 de Setembro, caiu gravemente ferido, morrendo horas depois. Seu sepultamento deu-se em Amparo.

Dados Biográficos – Nasceu em Sabará, Minas Gerais, no dia 5 de Junho de 1890. Era filho do Sr. Manuel Vicente de Oliveira e de D. Jesuina de Oliveira. Solteiro.

JULIO CENALVO

5° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Soldado do 3 Batalhão do 5° Regimento de Infantaria, o 3 de Ouro, Julio Cenalvo partiu de Campinas, a 16 de Julho, com destino ao setor do Túnel, sob o comando do tenente-coronel Antonio Alexandrino Gaia. Enunciado o setor, pode-se, perfeitamente, avaliar dos perigos a que se expôs. Tomou parte nos sangrentos combates que se travavam, todas as horas, até que foi ferido mortalmente. Transportado para o Hospital de Sangue de Cruzeiro, não sobreviveu aos seus graves ferimentos, falecendo horas depois, precisamente no dia 4 de Agosto. Foi sepultado em Cruzeiro, na sepultura 547. Era solteiro e contava 21 anos de idade.

JULIO DE CERQUEIRA CESAR

1° Batalhão Paulista de Milícias de Cavalaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Julio de Cerqueira Cesar Filho foi daqueles que, ao primeiro brado de revolta pela reconstitucionalização do país, integrou-se no exército que se formara. Patriota como os que mais o foram, incorporou-se ao 1° Batalhão Paulista de Milícias de Cavalaria seguindo para o Setor Leste de combate logo após o deflagrar do movimento, tendo tomado parte em diversos combates travados pela Coluna Romão Gomes, como elemento de destaque do pelotão comandado pelo Tenente Alberto de Aguiar Weissohn. Em campanha foi promovido aa graduação de sargento que honrou até o fim da luta. Julio de Cerqueira Cesar Filho ressentiu-se do esforço dispendido e das agruras da guerra. Nas trincheiras contraiu moléstia para a qual foram baldados todos os esforços médicos. Em consequência da mesma faleceu no dia 29 de Julho de 1936. O deputado Romão Gomes, nesse mesmo dia, prestando um preito de saudade ao jovem e valoroso combatente de 32, proferiu da tribuna da Assembleia Legislativa, as seguintes palavras com que terminou seu discurso: *Foi um dos meus bravos companheiros de 32, um desses moços destemidos que souberam por acima do seu bem-estar e da sua tranquilidade, os interesses de São Paulo e do Brasil. É com profunda saudade que relembro o nome desse valoroso e inesquecível companheiro*.

Dados Biográficos – Julio de Cerqueira Cesar Filho nasceu em 29 de Dezembro de 1908, na Capital de São Paulo, filho do Sr. Julio de Cerqueira Cesar e de D. Anesia Costa de Cerqueira Cesar. Era casado com D. Francisca de Paula Rezende de Cerqueira Cesar e deixou dois filhos: Julio Cerqueira Cesar Netto e Maria de Lourdes Cerqueira Cesar. Era

irmão de José Alves de Cerqueira Cesar Netto, casado com D. Mercedes C. Salles de Cerqueira Cesar; Euridice C. C. de Abreu Sodré, casada com o Dr. Antonio Carlos de Abreu Sodré; Lucilla, Marina, Edith, Anesia e Bento de Cerqueira Cesar. Trabalhou como corretor de café e cambio na praça de Santos e era corretor na praça de São Paulo quando a morte o alcançou.

JULIO MARCELLINO DE FARIA

6° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Foi ao lado dos valentes soldados do 3° Batalhão do 6° Regimento de Infantaria que Julio Marcellino de Faria se bateu no Setor Norte, tomando parte ativa na defesa dos primeiros tratos de terra paulista pisados pelos exércitos da ditadura. Pouco tempo pode combater. Quando Queluz foi deixada ás tropas invasoras, já Marcellino de Faria tinha entregue a sua vida por amor a São Paulo e ao Brasil e já repousava numa campa do Cemitério daquela cidade paulista.

O paulista acorda sempre, e gigantescamente, nos momentos supremos, supremos para a sua tradição impoluta, supremos para a nacionalidade. Quando ele se põe de pé, são grandiosos os seus gestos e incomensuráveis as suas realizações. Ele fez o Brasil. Ele há de guarda-lo. Para tanto necessitou, sobre a força das suas armas, o potentado inatacável da sua economia. E mais farta que a terra se revela agora a nobreza do seu povo. É esse o paulista! A Marinha Nacional tem força moral para se antepor à torrente que ameaça arrastar a nossa civilização, a nossa cultura, o nosso progresso, a própria integridade nacional, para o desconhecido, para o infortúnio, para o ódio entre as famílias. O Ministério da Marinha é o órgão autorizado para falar neste momento em nome da corporação aos que se negam em ouvir os apelos da razão, do patriotismo, da humanidade; e para ele a corporação recorre nesta hora sombria para que faça ouvir a sua voz, a voz dos marinheiros do Brasil, desejosos de ver voltar a harmonia da família desta luta fraticida e inglória.

Capitão AUGUSTO DURVAL DA COSTA GUIMARÃES

JULIO PINHEIRO

Batalhão Cavalaria de Pirassununga (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Incorporado em Jaú, no dia 2 de Agosto, Julio Pinheiro ingressou no Batalhão do Voluntários Jauenses, sendo transferido, em campanha, para a Cavalaria de Pirassununga. Nas linhas de frente portou-se como um bravo, até que, com muitos outros seus companheiros, foi feito prisioneiro do 21° Batalhão de Cavalaria da Paraíba. Em consequência de ferimentos recebidos em combate e, provavelmente, devido a sua estada, sem conforto, em um presidio das forças ditatoriais, o certo é que veio a morrer em Jaú, no dia 31 de Outubro de 1932. Está sepultado naquela cidade.

Dados Biográficos – Nasceu em Natal, no Rio Grande do Norte, filho do Sr. Francisco Pinheiro de Araújo e de D. Militana de Oliveira, residente em Jaú. Deixou os seguintes irmãos: Debora, Elza, Eunice, João e Ulysses. Era esportista de renome na cidade onde residia.

Ao iniciar esta investigação, eu pretendia, tanto quanto pudessem as minhas forças oratórias, levar aos nossos soldados palavras de exortação patriótica. Porque estava assim intencionado, ao dar frente com o primeiro fuzileiro, fui, de chofre, a queima roupa, dizendo-lhe da grandiosidade da nossa causa, da beleza da nossa arrancada, e... não foi preciso mais. O soldado – guerreiro feito orador – como que atingido no seu amor próprio, arrebatou-me a palavra, e eu o vi, num instante, manejá-la com a arte de um mestre e a eloquência de um incendiário. Já a sua eloquência escaldava o ambiente, eletrizava os ouvintes, batia o nosso entusiasmo, revigorava a nossa certeza na vitória. Mas, eu não esperava pelo empolgante da cena: é que o soldado da lei, antes de possuir a coragem que o fará sacrificar-se, possui a convicção que o sagrará herói. Corajoso porque convencido: e assim ele abre, através das dificuldades e dos perigos, o rutilante caminho para a glória.

SYLVIO RIBEIRO

JUVENAL LYRA

3° Batalhão de Caçadores Voluntários (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Quase não pode combater o soldado Juvenal Lyra, voluntário do 3° Batalhão de Caçadores Voluntários, corpo auxiliar da Força Pública do Estado de São Paulo,.
De fato, partindo para a frente a 2 de Agosto, Juvenal Lyra foi logo depois obrigado a regressar, presa de terrível moléstia que o vitimou, 11 dias depois, no Hospital Militar da Força. Não resistiu, sendo sepultado em Itu, onde residia.

Dados Biográficos – Sorocabano de nascimento, Juvenal Lyra era solteiro e mecânico de profissão, filho do senhor Narciso Emmanuele.

LAMARTINE MARIANO LEME

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Mais um voluntario de Bragança votado inteiramente à conquista da Constituição foi Lamartine Mariano Leme, incorporado sob o n° 45 na 5° Companhia do Batalhão Bahia, com o qual fez a campanha honrosa da defesa do Túnel. Ferido no estômago a 4 de Agosto e recolhido no Hospital de Sangue de Cruzeiro, faleceu a 11 do mesmo mês, sendo sepultado no Cemitério local, de onde, posteriormente, foi levado para sua terra natal, onde repousa ao lado dos outros heróis bragantinos.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Waldomiro Mariano Leme e de D. Palmyra O. Leme, nascera Lamartine em Bragança a 31 de Agosto de 1908. Solteiro, dedicava-se à agricultura.

LAUDELINO ANTONIO DE BRITO

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

Depois de iniciado o movimento constitucionalista, centenas de civis se incorporaram à Força Pública, quer em seus batalhões da Capital de São Paulo, quer nos que se encontravam no interior do Estado, todos em operações de guerra. Laudelino Antonio de Brito foi um deles. Combateu com denodo. Trabalhou pela causa de São Paulo, dando, além de seu esforço e de seu civismo, a própria vida.

LAURINDO AUGUSTO DE SOUZA

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Deixando São Paulo a 11 de Julho, rumo à frente de Itararé, Laurindo Augusto de Souza, em pouco era promovido a 2° tenente pela bravura demonstrada na luta. Dez dias depois, porém, a 21 do mesmo mês, morreu durante difícil entre choque, sendo seu corpo levado para Itapetininga e ali sepultado.

Dados Biográficos – Laurindo Augusto era bahiano, nascido em Bom Jesus da Lapa, em 1902, filho do Sr. João Antonio de Souza e de D. Sebastiana Ferreira. Solteiro, era militar disciplinado e correto.

São Paulo aceitou com toda a lealdade a vitória da revolução de Outubro e, serenamente confiado nas promessas solenes e públicas, assumidas pelos chefes que realizaram o movimento, aguardou com simpatias o anunciado ressurgimento de uma nova república, fundada em severas regras de moralidade e em rígidos princípios de sã política. Amarga e cruel decepção, que momento a momento tomava proporções mais inquietantes. Ao invés do ressurgimento de uma pátria nova, temos assistido ao descalabro do Brasil, a soçobrar nas profundezas do desconhecido com todo o seu passado cheio de nobres tradições e de belos feitos.

ANTONIO CARLOS DE ASSUMPÇÃO

LAURO DE BARROS PENTEADO

Batalhão 14 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A 10 de Julho em São Paulo, Lauro de Barros Penteado se apresentou ao batalhão universitário paulista que se tornaria quatro dias mais tarde o lendário Batalhão 14 de Julho. Incorporado na graduação de soldado, seguiu para o Setor Sul, combatendo sem descanso durante dois meses consecutivos. Era dos mais ativos e valentes integrantes do batalhão. Na jornada de 17 de Setembro, estava em uma trincheira no combate do Cerrado, trincheira essa castigadíssima pela artilharia e aviação adversária a ponto de seus ocupantes serem obrigados a evacuá-la. Os últimos a sair foram Lauro e o tenente Tacito. Quando o faziam, uma granada de 105mm explodiu sobre eles. Um estilhaço alcançou Lauro, que estava abaixado, na altura dos rins. Levado para a retaguarda sobre os ombros do tenente Tácito, sentiu Lauro que a morte rapidamente se aproximava em virtude da intensa hemorragia. Pediu que não o levassem para diante, em busca de socorro, que já sentia ser inútil. Queria morrer sobre a terra de São Paulo. Deitado no chão, sobre a maca, pediu a Epaminondas Valle que tomasse nota das seguintes palavras:

Sei que vou morrer por São Paulo. Quero ser sepultado com esta mesma farda com que vou morrer... Viva São Paulo!

E expirou. Levado seu corpo para Itapetininga, ali recomposto, foi trasladado para capital e sepultado no Cemitério São Paulo, onde se vê uma sepultura simples e comovente, com o vulto de Fernão Dias apontando uma placa em que se lê:

Este paulista, morreu defendendo a nossa Terra.

Dados Biográficos – Engenheiro pelo Mackenzie College (Universidade Mackenzie), nasceu em Piracicaba a 20 de Fevereiro de 1904, filho do engenheiro Dr. Antonio Augusto de Barros Penteado e de D. Celisa de Barros Penteado e neto do Sr. Manoel de Toledo Barros e de D. Maria Augusta de Barros Penteado; do Sr. Coronel Flaminio de Camargo e de D. Candida de Barros Camargo. Solteiro, residia, com os pais na capital. Em 1930, reservista do Exército Brasileiro, tomou parte na luta contra os revolucionários de então, tendo feito parte da guarnição do Forte de Itaipu, em São Vicente.

LAURO BENTO

2° Batalhão de Cavalaria (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Soldado do 2° Batalhão de Cavalaria da Força Pública, sua atuação da campanha valeu-lhe em poucos dias promoção a cabo, posto conquistado nas duras refregas do Túnel onde, a 26 de Julho, foi alcançado e gravemente ferido por estilhaços de granada. Morreu no mesmo dia e foi sepultado em Cruzeiro, onde ainda se encontra.

Dados Biográficos – Solteiro, nascido em São José do Paraiso, militar de profissão, era Lauro Bento, filho do Sr. Antonio Bento e de D. Maria Magdalena de Jesus.

Não são apenas os bravos soldados que estão na frente de batalha, lutando heroicamente nas trincheiras, os que contribuem para a vitória da causa constitucionalista. Na retaguarda das tropas valentes as populações prestam de várias formas o seu concurso inestimável à guerra sagrada. Desde os serviços auxiliares e de assistência que se realizam nas cidades, como elemento essencial à vida do soldado nas trincheiras, até a manutenção da ordem no trabalho normal e a conservação de um ambiente de entusiasmo e otimismo, a gente que está fora do acampamento concorre para a eficiência do esforço militar. Pode-se dizer que ela oferece o apoio máximo das forças em operações.

OSWALDO CHATEAUBRIAND

LAURO SODRÉ

6° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

Comissionado no posto de segundo tenente da 2° Companhia de emergência do Centro de Instrução Militar da Força Pública, Lauro Sodré, incorporado a 15 de Julho, partiu para a frente a 29 do mesmo mês, seguindo diretamente para a frente de operações além de Queluz. Comandando vinte soldados da Lei, Lauro Sodré ocupava a 10 de Agosto, uma trincheira avançada nas proximidades de Engenheiro Bianor e lutava ativamente. Em dado momento, sem aviso prévio, a guarnição do flanco esquerdo cedeu terreno, recuando. Cercados, Lauro e seus companheiros defenderam-se enquanto possível. Morreram quatro dos valentes defensores. Entre eles, o tenente Lauro, com um projétil na cabeça. Sepultado no próprio local, foi depois seu corpo trasladado para o Cemitério da 4° Parada, em São Paulo.

Dados Biográficos – Nascera em São Paulo a 2 de Fevereiro de 1907, filho do Sr. Virgilio Sodré e de D. Olinda Cardoso Sodré e irmão de D. Maria, casada com o Sr. Alberto Lopes. Casado com D. Jandyra Braga Sodré, deixou três filhos: Cicero, Carlos e Cynira Braga Sodré. Por ocasião da Guerra Constitucionalista, era Lauro Sodré funcionário dos Correios e Telégrafos, nesta Capital, depois de, por alguns anos, ter sido miliciano da Força Pública, onde conquistara, com esforço e estudo, diversos promoções. Esteve nas revoluções de 24 e 30: da primeira vez, revolucionário; da segunda, legalista.

LEVY DA SILVA

6° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Anspeçada do 6° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Levy da Silva partiu para o Setor Sul a 11 de Julho com o seu batalhão. Durante as operações levadas a efeito em Buri tombou ele valentemente em combate. Seus restos, porém, não foram encontrados, presumindo-se terem sido sepultados pelas próprias forças adversárias.

Dados Biográficos – Levy da Silva era fluminense, nascido em Santa Anna dos Tocos no ano de 1906, filho do Sr. Fidelis da Silva e de D. Benedicta Maria Conceição. Solteiro, dedicava-se à sua profissão de militar com devotamento, motivo por que a sua fé de oficio é das mais elogiosas.

LINO TEIXEIRA CABRAL

3° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Deixando São Paulo a 17 de Julho, Lino Teixeira Cabral, cabo da 1° Companhia do 3° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, partiu para o Setor Leste, tomando parte saliente nas operações ali realizadas. No setor de Itapira, a 30 de Agosto, durante difícil refrega, Lino morreu, varado por tiros de fuzil, sendo sepultado no próprio local do combate.

Dados Biográficos – Contava Lino 23 anos de idade e era nascido em Rezende, Estado do Rio de Janeiro, filho do Sr. José Teixeira e de D. Ruth Viggiene. Era casado e militar por profissão.

LOURENÇO CARLOS DE SAMPAIO GOES

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sabedor em Jaú, onde se encontrava e de onde era natural, que estalara o movimento revolucionário paulista, Lourenço Carlos de Sampaio Goes embarcou para a Capital do Estado no dia 10 de Julho, incorporando-se três dias depois, juntamente com seus irmãos, no batalhão comandado pelo coronel Abilio de Rezende. No dia 15 seguiu para o Setor Norte, em direção a Piquete. Data dali o seu serviço à guerra de São Paulo, serviço feito com a Maior dedicação e bravura, serviço patriótico, de todas as horas, desempenhado com alma, pelo ideal que acalentava o seu espirito. Esteve em Piquete e Lorena até os últimos dias de Agosto e, quando o coronel Abilio passou a comandar a frente de Bragança, Lourenço Goes passou a trabalhar em serviços de engenharia sob o comando do coronel Lucio de Castro. No dia 22 de Setembro, atacado de cólicas, que os médicos atribuíram a infecções em seu fígado, foi obrigado a abandonar o seu posto. No dia 25 do mesmo mês, ficando em piores condições, veio para São Paulo, onde foi operado de apendicite. Não melhorou nunca mais. Sofreu mais três operações, vindo a falecer quase dois anos depois, a 4 de Setembro de 1934.

LUCIO PAIM

Batalhão de Avaré (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Ao estalar do movimento revolucionário, Lucio Paim alistou-se no Batalhão de Avaré, seguindo logo para o setor de Caputera. No primeiro encontro de que participou, foi ferido gravemente por uma rajada de metralhadora, sendo socorrido por forças ditatoriais. Não pode resistir a esses ferimentos, morrendo no dia 3 de Agosto, sendo sepultado próximo a uma capela existente naquela povoação de Caputera, onde ainda se encontra. Era nascido no Rio de Janeiro.

LUIZ ANTONIO DE OLIVEIRA

Batalhão Noroeste Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Cearense, mostrando ter mais ou menos 28 anos, Luiz Antonio de Oliveira trabalhava em terra de São Paulo, ganhando para viver sem miséria e sem dificuldades, quando o grito da revolta magnifica de 9 de Julho ecoou por todo o Estado, indo alcança-lo nas paragens férteis da Noroeste. O Batalhão Noroeste Paulista recebeu-o, levou a combater em Mato Grosso pela mesma causa e trouxe-o depois para o Setor Leste da luta. Quase no fim da campanha, a 24 de Setembro, Luiz Antonio combatia na fazenda do Japonês, em Tanquinhos, quando uma granada o alcançou e o feriu gravemente. Transportado imediatamente para Campinas, morreu em viagem. Foi sepultado naquela cidade.

LUIZ COELHO

Batalhão Marcilio Franco (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Como soldado do Batalhão Marcilio Franco, cujo nome oficial era 2° Batalhão Auxiliar da Força Pública, o voluntário Luiz Coelho seguiu para o Setor Sulde operações. Sua atuação foi sempre destacada. Em todos os combates, de que participou demonstrou-se sempre um bravo e digno combatente do Exército Constitucionalista, tanto assim que mereceu a honra de um elogio em boletim do Comando, pela dedicação com que se conduziu na frente de Buri. A 10 de Agosto adoeceu, no entanto, gravemente, sendo obrigado, por isso, a abandonar a luta. Foi conduzido para Itapetininga e, a seguir, para São Paulo, onde, em consequência da moléstia que contraíra, faleceu dias depois. Luiz Coelho, cujos dados biográficos não conseguimos colher, era sargento reformado do Corpo de Bombeiros.

LUIZ FACCINI

Batalhão Bento Gonçalves (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Na manhã fatídica de 1° de Setembro, o Batalhão Bento Gonçalves, 11° Batalhão de Caçadores da Reserva, perdeu mais de uma dezena dos seus homens, vitimados todos por uma granada de artilharia caída no centro de um grupo de rapazes que descansava, um pouco atrás das trincheiras do Morro Verde, em Vila Queimada. Luiz Faccini, voluntário da 1° Companhia, sob o n° 107, estava, também, nesse grupo e foi colhido pelos estilhaços e pela própria explosão. Hospitalizado em Cruzeiro, ali morreu no dia seguinte e foi sepultado no Cemitério local, onde a sua lápide tomou o n° 366.

Dados Biográficos – Italiano, nascera Luiz Faccini em Trevisio, no ano de 1889. Viera cedo para o Brasil, radicando-se em São Paulo. Viúvo, deixou quatro filhos: Irma, Iride, Natalio e Isaura.

Este movimento revolucionário que empolgou todas as células vivas do território paulista, num delírio raciocinante e magnífico – foge às finalidades que costumam caracterizar outras revoluções que se têm desenrolado no Brasil e mesmo em toda a América. O historiador de amanhã, que não dispuser de uma forte cultura, jamais poderá facilmente deslindar a trama intricadíssima, da qual resultou a célebre noitada sangrenta de 23 de Maio, que afinal, culminou na grande jornada que se está operando, desde 9 de Julho, e que se vai prolongando há 50 dias, através de peripécias e sucessos esplêndidos de coragem e audácia. Jornada ponteada pelo metralhar contínuo e poderoso, que vibra desde os píncaros altaneiros da Serra da Mantiqueira, até às furnas e chapadões do extremo sul de São Paulo heroico, que se levanta quase só, numa unanimidade de renúncia, fé e sacrifício, para recompor o Brasil estraçalhado por uma horda temerosa de bandoleiros e loucos, que transformaram nossa terra em feudos e satrapias, cujos donatários são figurinhas apagadíssimas, sem cotação de espécie alguma no consenso unânime da nação.

Da Folha da Manhã de 29/08/1932

LUIZ FERNANDES DIOGO

6° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntário)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Luiz Fernandes Diogo incorporou-se em Tietê. Destacado para a 2° Companhia do 6° Batalhão de Caçadores da Reserva, seguiu para o Setor Sulde operações de guerra, sob o comando do Capitão Honorio de Castro, no dia 29 de Julho. Não lhe foi dado combater muito tempo pela causa que abraçara com todo entusiasmo e civismo.
Dezessete dias depois, ou mais propriamente a 15 de Agosto, morreu em Sorocaba, em consequência de graves ferimentos que recebeu em combate. Seu corpo foi transportado para Tietê, onde foi sepultado com todas as honras devidas a um digno e valente filho dessa terra.

Dados Biográficos – Nasceu em Tietê, no dia 19 de Setembro de 1910, filho do Sr. Antonio Fernandes Diogo e de D. Otilia Zaneto Diogo, já falecida. Era irmão de José Fernandes Diogo. Era solteiro e exercia a profissão de pedreiro.

LUIZ FRANÇA

Batalhão Marcilio Franco (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Número 12 da 4° Companhia do Batalhão Marcilio Franco, auxiliar da Força Pública, Luiz França incorporara-se a 12 de Julho, partindo logo para o Setor Sul. Pouco depois dos primeiros choques nas trincheiras, foi acometido de grave moléstia, o que o obrigou a baixar ao Hospital de Sangue de Itapetininga, onde faleceu a 17 de Agosto, sendo sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Paulistano, nascido a 13 de Abril de 1901, era filho do Sr. Joaquim França e de D. Leonilda França. Solteiro, empregado no comércio, era irmão de Joaquim França Junior, Carlos França e de D. Alzira Scalfaro França.

LUIZ GONZAGA FREIRE

10° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista

Incorporado em São Paulo, Luiz Gonzaga Freire pertencia ao 10° Batalhão de Caçadores da Reserva, na 2° Companhia. Seguiu para a linha de frente no dia 7 de Agosto, mas não morreu em combate. Sua morte representa um drama tremendo. Um assassino de um para outro companheiro de armas. Talvez devido à exacerbação de ânimos, talvez movidos por uma exaltação momentânea, o certo é que, depois de acalorada, mas simples discussão, Luiz Gonzaga foi estupidamente assassinado por um companheiro de armas. Luiz contava 30 anos de idade, presumíveis.

São Paulo improvisou exército, mobilizou suas industrias num esforço que assombra, concentrou todas as suas energias morais e materiais, e, como a flecha que parte do arco destemido, já não há forças que o possam reter na luta pela redenção do Brasil, contra seja qual for o regime que não derive da vontade do povo, e não se inspire, ao mesmo tempo, do ideal de justiça e no sentimento de humanidade. E vencerá, porque, além da força material que o encouraça, o anima a viva consciência de que está em legítima defesa na causa divina por que se bate. Não é uma ambição mesquinha, que se movimenta, não é a loucura comunista que se agita, não é a leviandade separatista, que sonhe. Estas balelas de que tanto cabedal se tem feito para engazopar os ingênuos do norte e do sul, são cordas gastas, que já não vibram. O que aqui se processa, é o clamor de todo um povo, toda a mocidade ardente, que marcha, velhos, mulheres e, até, crianças que se mobilizam, eletrizados, para a vitória da lei. E Deus não é indiferente à sorte dos justos.

SAMPAIO DORIA

LUIZ GONZAGA MARTINS RIBAS

3° Esquadrão do Regimento de Cavalaria (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Como Sargento do 3° Esquadrão do Regimento de Cavalaria da Força Pública, Luiz Gonzaga Martins Ribas seguiu para a frente sob o comando do Capitão José Camillo Valença. Os elementos que temos sobre o militar que honra esta página são os mais lisonjeiros. Dizem da sua coragem e referem-se à sua disciplina e eficiência. Morreu no dia 11 de Agosto em Cruzeiro em consequência de ferimentos recebidos em combate.

Dados Biográficos – Nasceu em Ponta Grossa, no Estado do Paraná, no ano de 1913, filho de João Manuel Ribas e de D. Rosa Martins Ribas. Era aluno da Escola de Cavalaria da Força Pública quando começou a Revolução. Solteiro.

LUIZ MARIANO BUENO

7° Batalhão de Cavalaria (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Comandante da 2° Companhia do 7° Batalhão de Cavalaria da Força Pública, o tenente Luiz Mariano Bueno combateu galhardamente no setor de Leste. A 1° de Setembro, defendia, valorosamente, uma trincheira avançada naquele setor, quando foi gravemente ferido por projéteis de metralhadora. Transportando para Campinas e ali internado no Hospital da Beneficência Portuguesa, veio a falecer, apesar de muito bem e carinhosamente tratado, a 7 do mesmo mês. Sepultado no Cemitério local, foi mais tarde trasladado para o mausoléu que os campineiros elevaram para os seus mortos.

Dados Biográficos – Nascido em S. Luiz do Paraibitinga, a 19 de Março de 1891, Luiz Mariano era filho do Sr. Benedicto Mariano Bueno e de D. Maria Olympia Guimarães. Casado com D. Julia Amelia Bueno, deixou os seguintes filhos: José, Olga, Carlos, Affonso, Wilson e Luizinho. Era estimadíssimo na Força Pública, onde deixou muitos e grandes amigos.

LUIZ NATALICIO

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Com a tropa que Fernão Salles levava para ocupar Pouso Alegre, a 21 de Julho, ia Luiz Natalicio, incorporado no dia 11 anterior, no Batalhão Paes Leme. Ferido no combate travado às portas daquela cidade mineira, foi ali hospitalizado, vindo a falecer três dias depois. Sepultado no Cemitério local, seu corpo foi mais tarde trasladado para a Capital paulista e sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Solteiro, pintor, nascera Luiz Natalicio em São Paulo a 14 de Setembro de 1905, filho do Sr. Estevão Natalicio e de D. Rosa Natalicio.

LUIZ RODRIGUES DE SOUZA

Batalhão Theopompo de Vasconcellos (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado em Ourinhos, a 20 de Agosto, Luiz Rodrigues foi o soldado n° 100, da 2° Companhia do Batalhão Theopompo de Vasconcellos, que era comandado pelo major Manuel Ribeiro da Luz. Seguiu incontinente para o Setor Sul, onde, a

esse tempo, travavam-se terríveis combates. Morreu no dia 17 de Setembro, nas barrancas do Paranapanema, próximo a Ourinhos, atingido na cabeça por tiro de fuzil. Está sepultado no Cemitério dessa cidade. Solteiro, exercia a profissão de lavrador.

LUIZ ROHRER

1° Batalhão 9 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Foi a 14 de Julho que Luiz Rohrer se incorporou ao 3° Pelotão da 3° Companhia do 1° Batalhão 9 de Julho, apresentando-se no posto de alistamento do Instituto do Café. A 16, iniciava ele a jornada para a qual contribuiria com a vida, dois meses mais tarde. Dia 18 de Setembro um fortíssimo ataque ditatorial desenvolveu-se contra o setor de Amparo, ocupado pelas nossas forças. Durante a luta intensíssima que então se travou, Luiz Rohrer, que se achava ao lado de seu irmão Mauro Nicolau, recebeu gravíssimos ferimentos de tiro de fuzil no pulmão. Não podendo resistir, as nossas forças tiveram que ceder terreno, deixando os feridos e mortos. Mais tarde, descoberto que Luiz estava sepultado em Amparo, fez-se a sua trasladação para São Carlos. Nessa ocasião, verificou-se que, além do ferimento à arma de fogo, tinha ele no peito sinais de duas perfurações por baioneta.

Dados Biográficos – Nascera Luiz Rohrer em Campinas, a 15 de Dezembro de 1889, filho do Sr. Fernando Rohrer e de D. Maria Infange. Tinha, além de Carlos, mais os seguintes irmãos, todos combatentes da mesma Causa: Francisco, José Paulo e Mauro Rohrer. Agricultor em Brotas, onde possuía uma fazenda, era casado com D. Lyria Barbosa Adorno, tendo deixado três filhos menores, de nomes Fernando, Raphael e Lazara Rohrer.

LUIZ TOSCHI

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Ao iniciar a Revolução Constitucionalista Luiz Toschi foi dos que, primeiro, deram um passo à frente. Foi incorporado a 3° Companhia do Batalhão Paes Leme, onde recebeu o número 333. Partiu para a frente de Pouso Alegre, sob o comando de Fernão Salles, cujo valor e patriotismo nunca será suficientemente lembrado. O episódio de sua morte vale ser referido. Na frente de Pouso Alegre sua companhia foi envolvida de surpresa pelo inimigo. A reação imediata.
Embora em situação de inferioridade os voluntários paulistas resistiram, custando essa resistência a morte de doze soldados do batalhão, inclusive a de Luiz Toschi, que se portava como um digno soldado da Constituição e de Fernão Salles que também nesse dia – 21 de Julho – tombou para não mais se levantar.

Dados Biográficos – Nascera em São Paulo, no dia 24 de Dezembro de 1913, filho do Sr. Orlando Toschi e de D. Hermelinda Guglielmo Toschi. Era irmão de D. Irma, casa com o Sr. Carlos Jiot e do Sr. Oswaldo Toschi.

O movimento é brasileiro, sem partidarismo, é uniorista, é sem militarismo. Visa a reimplantação do país no regime da lei. Só sob a égide da lei é que hão de viver as preferencias ou pendores, as aptidões ou competências que para isso possuírem a necessária vitalidade real. A vitória, que tanto está custando a todos, não há de ser propriedade de alguns. Não terá nenhum cunho regionalista, ou de partido, ou de classe, ou de pessoa. O futuro desse movimento, em breve vitorioso, há de ser digno de seu presente.

General BERTHOLDO KLINGER

MANOEL FARIA INOJOSA

4° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Aluno do Curso Especial da Força Pública, Manoel Faria Inojosa foi incluído no batalhão extranumerário do 4° Batalhão de Caçadores Paulista, com o qual partiu o Setor Leste a 18 de Julho, participando dos combates ali travados. A 29 de Agosto, combatendo em Itapira, recebeu uma tiro de fuzil na boca, morrendo instantaneamente. Sepultado naquela cidade, foi seu corpo transladado para o Cemitério São Paulo, na Capital.

Dados Biográficos – De Pesqueira, Pernambuco, onde nascera a 12 de Março de 1909, veio Manoel Faria para São Paulo, engajando-se na Força Pública, onde foi um bom soldado. Filho do Sr. Miguel Muniz de Faria e de D. Rita Inojosa, Manoel era casado com D. Adalgisa Dalva Inojosa, tendo deixado duas filhas: Edith e Ignez Dalva Inojosa.

MANOEL FERREIRA CARDOSO

6° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sargento do 3° Batalhão do 6° Regimento de Infantaria, Manoel Ferreira Cardoso partiu para o Setor Norte no começo da guerra pela constitucionalização do país, tomando parte destacada nos primeiros combates. Estava chefiando um comboio, no setor de Vila Queimada, quando foi atacado por alguns aviões, sendo atingido na carótida, que teve seccionada, por estilhaços de granada. Não pode resistir a seus ferimentos, morrendo no dia 26 de Julho. Seu corpo foi sepultado no Cemitério de Caçapava.

Dados Biográficos – Nasceu na Capital Federal, no dia 7 de Janeiro de 1897, filho do Sr. Lino Ferreira Cardoso e de D. Maria do Carmo Cardoso. Era casado com D. Maria José Telles de Freitas Cardoso e deixou quatro filhos: Lino, Olga, Carlos e Juarez. Era veterano das revoluções de 1924 e de 1930.

MANOEL DE FREITAS NOVAES

5° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Dentre os valentes do Setor Norte – e foram muitos – é justo dar-se uma posição de destaque ao capitão Manoel de Freitas Novaes, figura forte e nobre de soldado, entregue inteiramente à causa a que prometera o seu apoio. Deram-se em Bianor e Passos naquele setor, os primeiros sérios combates da Revolução Constitucionalista. Situados em posições estratégicas de valor, à margem da estrada de ferro Central do Brasil, foram tenazmente disputados pelas forças em choque. A 5 de Agosto, o trem blindado deveria avançar até as posições adversárias, numa ação conjunta com a infantaria. Havia, porém, um impedimento: as agulhas do desvio da estação de Bianor, que nesse dia era terra de ninguém, estavam defeituosas e não davam passagem ao blindado. Era preciso concerta-las, para que a ação não fosse prejudicada. Mas a terra de ninguém era-o exatamente porque a fuzilaria adversaria alcançava-a em cheio. Tentar chegar lá era morte na certa. No, entretanto, uma ordem foi dada: de qualquer forma o blindado deveria ter passagem. Foi então que o capitão Novaes, levando cinco heróis em sua companhia, tentou o impossível, avançando para a estação. Se a Causa exigia o seu sacrifício, ele não a negou. Ferido, no estômago, fígado e nos rins perfurados a

tiros de fuzil, Manoel de Freitas Novaes foi trazido pelos que conseguiram sair ilesos do combate, sendo imediatamente levado para o Hospital de Sangue de Cruzeiro em cuja mesa de operações expirou na mesma tarde. Cruzeiro prestou-lhe, nessa ocasião, homenagens excepcionais.

Dados Biográficos – capitão do Exército Brasileiro, classificado como comandante da 2° Companhia do 1º Batalhão do 5° Regimento de Infantaria, com sede em Cruzeiro, Manoel de Freitas Novaes formara-se na Escola Militar em 1915, tendo servido nas guarnições de Lorena, Barbacena, Realengo, Piquete, Curitiba, Caçapava e outras. Engenheiro militar com curso de aperfeiçoamento de oficiais e de química aplicada à guerra, era um dos mais competentes oficiais do seu posto. Filho do Sr. coronel Francisco de Paula Novaes e de D. Anna Romeu Novaes, nasceu em Cruzeiro, neste Estado, a 15 de Novembro de 1894. Era neto do major Manoel de Freitas Novaes, fundador de Cruzeiro. Casado, em 1915, com D. Maria Izabel Maldonado, deixou desse casamento os seguintes filhos: Maria Apparecida, Rubem, Manoel, Vera, Luiz e Marcos de Freitas Novaes.

MANOEL GONÇALVES

Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

O Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente trouxe Manoel Gonçalves para o Setor Sul de Combate, no Setor de Ourinhos. Fisicamente pouco forte, as agruras das trincheiras abateram-no antes dos tiros adversários. Vítima de uma pneumonia, foi hospitalizado em Ourinhos, onde faleceu a 24 de Agosto, tendo sido sepultado no Cemitério local. Manoel Gonçalves tinha 26 anos de idade.

MANOEL GONÇALVES

Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

São deficientes os dados sobre o soldado Manoel Gonçalves, que figura na relação dos mortos santistas. Para mais complicar o trabalho dos elaboradores deste Livro surgiu, ainda, um seu homônimo, pertencente ao Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente e que residia em Presidente Wenceslau. É certo, dada a diversidade de procedências, tratar-se de dois bravos soldados da Lei, vítimas, ambos, de armas na mão, do grande Ideal que empolgava todo o povo de São Paulo.

MANOEL JOAQUIM VILLA D'ALBA

2° Companhia do Corpo de Bombeiros (Corpo de Bombeiros)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Com a 2° Companhia do Corpo de Bombeiros, seguiu para o Setor Norte, a 28 de Julho, o soldado n° 2, Manoel Joaquim Villa D'Alba, que foi tomar posição na encosta invicta do Túnel, onde bateu-se com galhardia até 23 de Agosto, dia em que um tiro de fuzil na cabeça prostrou-o sem vida. Foi sepultado em Cruzeiro.

Dados Biográficos – Nascera Manoel Joaquim em Portugal 47 anos antes, filho do Sr. Francisco Villa D'Alba e de D. Maria Candida Valente. Era casado com D. Maria do Nascimento Villa D'Alba. Deixou brilhante fé de oficio na Força Pública, tendo merecido elogios especiais em 1910, 1922 e 1929.

A política pode oferecer dissenções e discordâncias quanto à ação, que o momento exige, se bem que o civismo brasileiro nos imponha apenas um imperativo único, que é abater o governo do arbítrio. Porém, o senso conservador de uma profissão apoiada sobre a base das ciências exatas, não consente que os engenheiros e ferroviários assistam longamente inertes, à luta que tem por fim salvar a Civilização Brasileira e restaurar as condições econômicas de que nascem os portentosos empreendimentos da Engenharia Civil.

MARIO CABRAL

MANOEL LEMES DA SILVA

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

A Companhia de Metralhadoras Pesadas do 7° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública deixou o seu quartel a 11 de Julho, rumando para o Setor Leste de combate. Dela fazia parte o soldado Manoel Lemes da Silva, que tomou parte em todas as operações levadas a efeito pela sua unidade. A 19 de Setembro, nas proximidades de Amparo, as Forças Constitucionalistas defendiam entusiasticamente uma posição, entre cujos defensores estava Manoel Lemes. Um tiro de fuzil, alcançando-o no peito, saiu-lhe pelas costas, dando-lhe morte instantânea. Foi sepultado na própria trincheira que ele soubera defender.

Dados Biográficos – Natural de Cruzeiro, nascido no ano de 1902, era filho do Sr. Joviano Lemes da Silva e de D. Gertrudes Maria da Conceição. Solteiro, dedicava-se inteiramente à sua profissão, motivo por que os assentamentos de sua vida militar estão cheios de elogios.

MANOEL MACHADO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

Apesar de ter morrido fora das trincheiras, fora mesmo das fronteiras de São Paulo, Manoel Machado deve ser classificado como voluntário de 32, tombado pela causa paulista. Era ele vigia da Panair, companhia de transportes aéreos, com funções na sua base do Rio de Janeiro. A 25 de Setembro, com outros bravos entusiastas da causa pela qual São Paulo se batia, levantou voo num aparelho da empresa. Por motivos até hoje não divulgados, o avião sofreu uma pane entre as cidades de Meriti e Vigário Geral, tombando ao solo. No desastre, morreram todos os tripulantes. Manoel Machado repousa num Cemitério do Rio de Janeiro.

MANOEL MARINO TAPIA

1° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

A morte de Manoel Marino Tapia, cabo da 1° Companhia do 1° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública deu-se em circunstâncias heroicas, que lhe valeram a promoção *post-mortem*, a graduação imediata de terceiro sargento. Combatia ele numa das trincheiras de Vila Queimada a 17 de Agosto, quando estilhaços de uma granada o alcançaram em diversas partes do corpo, produzindo, além de outros ferimentos graves, fratura exposta do braço direito. Tomando com o braço esquerdo o fuzil que havia tombando do direito, queria continuar a combater e a avançar, mesmo esvaindo-se em sangue como se encontrava. Seus companheiros impediram-no e encaminharam-no para o Hospital de Sangue de Cruzeiro onde, no dia seguinte, faleceu e foi sepultado no Cemitério local. Seu corpo, foi depois trasladado para São Paulo e repousa hoje no Cemitério do Araçá, sepultura n° 78 da quadra geral n° 109.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Manoel Tapia Tugas e de D. Thereza Scarpone, era Marino nascido na capital paulista a 1° de Janeiro de 1914. Solteiro, era militar por profissão, tendo feito o curso de formação de cabo com brilhantismo.

O dever das milícias estaduais

Impõe-se a nós que constituímos a Força Pública de São Paulo, a vós que sois a Força Pública de Minas, como igualmente às demais milícias estaduais, cumprir o nosso dever, que é nobre e sagrado, pois encarna hoje, como sempre, a aspiração nacional de governarmo-nos por nós mesmos, como povo livre que somos, sem as peias da tirania. Combater a ditadura é, portanto, o dever principal da Força Pública de São Paulo como da Força Pública de Minas. É uma condição de vida e de morte para as gloriosas milícias dos nossos Estados, ambas visadas pelos desmandos do regime discricionário.

Coronel JULIO MARCONDES SALGADO

MANOEL MARQUES DE OLIVEIRA

7° Batalhão de Caçadores Voluntários (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Quando se iniciou o movimento Constitucionalista, o major reformado da Força Pública Manoel Marques de Oliveira era delegado de polícia do município de Guarulhos. Apresentou-se imediatamente ao general Marcondes Salgado, que o destacou para Botucatu. Ali, organizou e comandou o 2° Batalhão de Caçadores Voluntários da Brigada do Sul, mais tarde denominado, como unidade independente, 7° Batalhão de Caçadores Voluntários. Comissionado no posto de tenente coronel, embarcou com sua tropa para Taquari, tornada base de operações do 7° Batalhão de Caçadores Voluntários e de centro das operações de 4 de Agosto contra as forças que ocupavam Itaberá. O tenente-coronel Manoel Marques de Oliveira manteve-se no seu posto até o final da luta, sacrificando sua saúde. Em consequência, o mal de que sofreu agravou-se de maneira terrível, já pelos combates da campanha, já pelo abandono total do regime médico alimentar a que estava submetido. Assim, quando regressou ao seu lar, fê-lo doente ao extremo. E, apesar de carinhosamente tratado, piorou gradativamente, vindo a falecer no dia 26 de Abril de 1933, quase um ano depois. Está sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – A 5 de Agosto de 1870, nascera Manoel Marques de Oliveira em Viçosa, Estado de Alagoas. Veio muito moço para São Paulo, entrando para a Força Pública no ano de 1895, depois de haver servido o Exército durante um lustro. Fez parte em todos os movimentos em que a Força esteve envolvida e mereceu as medalhas de ouro da Legalidade e de Mérito Militar. Era casado com D. Elisa Montes de Oliveira, de cuja, união deixou os seguintes filhos: Mamede, Mathias, Moacyr, Mercedes, Milton e Marinho.

MANOEL MARTINS

Trem Blindado (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Dentre as improvisações dos paulistas para a guerra de 32, vale salientar a dos trens blindados, que se tornaram armas bastante temidas pelos adversários, dado o seu grande poder ofensivo. Eram verdadeiros encouraçados sobre trilhos, fortemente armados de metralhadoras e fuzis, capazes de avançar pelas linhas adversárias, indo destroça-las em suas próprias posições. No trem blindado que percorreu as linhas da Companhia Mogiana, serviu como foguista Manoel Martins, antigo empregado da Estrada. Serviu com lealdade e valor na Coluna Romão Gomes. A 4 de Setembro, porém, uns dos interstícios que na locomotiva foram deixados para a entrada de ar, deixou passar um tiro de fuzil adversário que o alcançou em ponto mortal. Morreu assim Manoel Martins, entre Lagoa e Casa Branca, quando era levado a receber curativos. Sentindo-se morrer ele não se lamentou, nem considerou mal-empregada a sua vida, dada assim em holocausto a uma nobre causa. Pensou apenas na família e foram para ela as suas últimas palavras.

Dados Biográficos – Português de Funchal, nascido em 1899, veio cedo para o Brasil, instalando-se em Casa Branca, onde entrou para o serviço da Mogiana. Era filho do Sr. Antonio Martins e de D. Maria Perpétua. Casado com D. Amelia Martins, deixou vivos quatro filhos.

MANOEL PASCHOAL

6° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Soldado da 3° Companhia do 6° Batalhão de Caçadores Paulistas, com ele partiu a 12 de Julho, operando no Setor Leste, onde morreu, a 22 de Agosto, afogado no rio Atibaia, depois de ter tomado parte em muitos combates.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Salvador Paschoal e de D. Adoração Paschoal, tinha Manoel 23 anos de idade e era casado.

MANOEL PEDRO DE ALMEIDA

8° Batalhão de Caçadores Paulistas (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Na qualidade de cabo de esquadra da 1° Companhia do 8° Batalhão de Caçadores Paulistas da Força Pública, Manoel Pedro de Almeida combateu pouco mais de uma semana no Túnel, onde tomara posição a 16 de Julho e onde tombou, durante forte e insistente ataque adversário, no dia 25 do mesmo mês. Foi sepultado em Cruzeiro.

Dados Biográficos – Contava Manoel Pedro, em 1932, trinta e oito anos de idade. Era nascido em Tatuí, filho do Sr. Pedro Dias de Almeida e de D. Elzira Tobias de Almeida. A Força Pública contava-o entre os seus milicianos desde o ano de 1913, com uma fé de oficio exemplar. Era casado.

MANOEL PENHA

2° Batalhão de Caçadores Paulistas (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Tenente do 2° Batalhão de Caçadores Paulistas da Força Pública, Manoel Penha foi dos primeiros a partir. Deixou São Paulo a 10 de Julho, rumando com a sua unidade para o Setor Norte e ocupando, logo depois, difícil posição no Túnel invicto. Foi também, das primeiras vítimas. A 24 de Julho, defendendo, com seus homens, aquela posição que foi o baluarte da nossa guerra, tombou com o tórax varado por tiros de fuzil. Seu corpo, primeiramente sepultado na própria trincheira, repousa hoje no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Nascido em Boa Esperança a 12 de Outubro de 1893, o tenente Manoel Penha era filho do Sr. Antonio Penha e de D. Maria Penha e irmão de D. Philomena Penha e José Groba. Casado com D. Maria Vernalha Pena, deixou três filhos: José, Aracy e Adelina Penha. Era veterano das campanhas de 24 e 30 e tinha uma fé de oficio magnifica na Força.

MANOEL RODRIGUES DA ROCHA

4° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A 8 de Agosto, no setor de Itaporanga, houve feroz e sangrento combate entre forças do 4° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública e tropas adversárias. Manoel Rodrigues da Rocha, que era cabo da 1° Companhia da unidade paulista, desapareceu durante a luta. Nem seu corpo foi mais encontrado.

Dados Biográficos – Nascido em Jacareí no ano de 1907, era Manoel filho do Sr. José Rodrigues da Rocha e de D. Cesarina Maria de Jesus. Solteiro, entrara para a Força Pública há muitos anos, tornando-se militar por profissão.

MANOEL DOS SANTOS

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Já frisamos: no período revolucionário de São Paulo era tal entusiasmo que inflamara o ânimo da mocidade, que muitos jovens, na ânsia de se inscreverem e servirem ao Exército Constitucionalista, dispensavam os mais rudimentares protocolos. Daí a dificuldade com que, em parte, lutamos para elaborar este livro biográfico. Em relação ao voluntário Manoel dos Santos dá-se um fato dessa natureza. Não se sabe nem ao menos o batalhão a que pertenceu. Apenas a nota heroica: que morreu de armas na mão, valentemente, em prol da causa pela qual se incorporou, nas proximidades de Faxina (atual Itapeva) no dia 29 de Agosto. Sabe-se, também, que foi sepultado no Cemitério local, na sepultura 341.

MANOEL DOS SANTOS SOBRINHO

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Incorporado à 2° Companhia do 2° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Manoel dos Santos Sobrinho não era oficial de carreira. Foi comissionado no posto de segundo tenente para efeito das necessidades da campanha e como prova de respeito que as suas qualidades impunham aos seus superiores. E tão bem soube se manter no posto que por duas vezes sucessivas foi promovido. A 18 de Agosto, já no posto de capitão, viu-se cercado com três voluntários do Batalhão 23 de Maio, Aristeu Valente, Jorge Jones e Fernando Camargo, na estrada de rodagem que liga Socorro a Lindóia. Intimado a render-se, resistiu valentemente. Dominado pelo número,mais tarde seu corpo foi encontrado todo perfurado por tiros e o crânio amassado a coronhadas de fuzil. Trasladado para São Paulo, está sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Nascido em Pedra, Estado de Pernambuco, o capitão Manoel era filho do Sr. Quirino José dos Santos e de D. Maria Mônica de Jesus e era solteiro.

MANOEL DA VISITAÇÃO PITTA JUNIOR

Batalhão de Novo Horizonte (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Mato Grosso

Nas rodas dos seus íntimos e dos seus camaradas de trincheira, Manoel da Visitação Pitta Junior era mais conhecido como Nenê Pitta. Assim ficou ele conhecido entre os componentes do Batalhão de Novo Horizonte, ao qual se incorporara a 27 de Julho, na graduação de cabo, e com o qual partira, logo depois, para Porto Taboado, na fronteira de Mato Grosso. No primeiro combate ali travado, Nenê Pitta foi ferido a tiro de fuzil, ficando seu corpo no local denominado Jacú Queimado. Supõe-se que tenha sido sepultado pelas forças adversárias.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Manoel da Visitação Pitta e de Sophia Magdalena Pitta, era nascido em Ibitinga a 10 de Maio de 1887. Casado, deixou uma filha de nome Sophia Apparecida. Eram seus irmãos: José Honorio, Mamede, Emilia, Georgina, Julia, Alcindo, Alvaro, Maria e Olga Pitta.

MANUEL AQUILINO DOS SANTOS

5º Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Como elemento do 2º Batalhão do 5º Regimento de Infantaria, Manuel Aquilino dos Santos combateu, desde o início da Revolução, no Setor Norte de operações, tendo tomado parte em inúmeros combates. Morreu no Hospital Militar Divisionário, em São Paulo, em consequência de ferimentos recebidos em combate, no setor de Vila Queimada. Nasceu na Bahia.

MANUEL FERNANDES

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Manuel Fernandes incorporou-se à Força Pública do Estado durante o período revolucionário, tal como o fizeram centenas de outros soldados do Exército Constitucionalista. Como estes, também, portou-se com coragem e bravura, bem merecendo, portanto, figurar neste livro de tantos legítimos heróis. Morreu em Cruzeiro, às 13 horas do dia 11 de Agosto, no Hospital de Sangue, para onde fora transportado depois de gravemente ferido no setor de Engenheiro Bianor. Foi sepultado nessa cidade, na sepultura n° 580. Contava mais ou menos 31 anos de idade.

MANUEL THOMÉ DA SILVA

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

Presume-se que Manuel Thomé da Silva fosse dos soldados constitucionalistas que se incorporaram, depois de iniciado o movimento, nas fileiras da Força Pública do Estado. Destacado para diversos setores, demonstrou-se sempre um bravo e um disciplinado. Combateu até o fim da Revolução, tendo falecido após o seu término, no dia 5 de Outubro, em consequência de graves ferimentos de que foi vitima no último combate de que participou. Seu corpo está, hoje, no Mausoléu que o povo campineiro mandou erigir em Campinas para guardar os restos mortais dos seus sagrados mortos de 32.

MARCELLINO FERNANDES

5° Regimento de Cavalaria Divisionária (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Praça do 1° Esquadrão do 5° Regimento de Cavalaria Divisionária, Marcellino Fernandes veio do Paraná com a sua unidade e tomou parte vigorosa na defesa do Setor Norte. Ferido

por estilhaços de granada a 6 de Agosto, nas proximidades de Engenheiro Bianor, pouco além de Queluz, foi recolhido ao Hospital de Sangue de Lorena, onde veio a falecer dez dias depois.

Dados Biográficos – Solteiro, contava 28 anos de idade, era natural de Passo Fundo, Estado do Rio Grande do Sul, filho do Sr. Francisco Rim e de D. Victorina Fernandes.

MARCELLINO JOSÉ DE FREITAS

6° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Com as tropas que partiram de São Paulo a 21 de Julho, Marcellino José de Freitas, soldado da 2° Companhia do 6° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, seguiu também, rumo à frente Sul, tomando parte nos diversos combates travados à margem do Paranapanema. Estava, a 12 de Setembro, no Fundão, lá para os lados de Capão Bonito, ponto visadíssimo, então. Nesse dia, ferido de morte, tombou, sendo sepultado no próprio campo de luta.

Dados Biográficos – Mineiro, natural de Tremedal, nascera no ano de 1896, filho do Sr. Bernardino José de Freitas e de D. Joanna Maria de Jesus. Solteiro ainda, dedicava a sua vida à profissão que abraçara: militar da Força Pública.

MARCELLINO MARTYR DE OLIVEIRA

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Ao que tudo faz presumir, Marcellino Martyr de Oliveira pertencia à Força Pública, tendo à mesma sido incorporado no período revolucionário como centenas de outros combatentes da causa de São Paulo. Destacado para o Setor Norte, poucos dias combateu, no entanto. No dia 22 de Julho, em meio de sangrenta luta, foi ferido mortalmente. Seu sepultamento deu-se em Guaratinguetá.

MARCILIO DIAS DO AMARAL JUNIOR

Batalhão de Novo Horizonte (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Mato Grosso

No dia 29 de Agosto de 1932, quando São Paulo estava empenhado no movimento revolucionário, o voluntário paulista Marcilio Dias do Amaral Junior, vinha das trincheiras a São Bernardo, gozar uns breves dias de licença.

E nesse mesmo dia, querendo visitar seu irmão, que também estava prestando serviço militar próximo do Alto da Serra, foi vítima de um desastre de automóvel que em poucas horas lhe roubou a vida.

O destino, implacável nos seus desígnios, havia-lhe poupado a existência na luta das trincheiras para lhe dar a morte no momento em que praticava um ato fraternal.

Marcilio Amaral era um moço dotado de excepcionais qualidades de trabalho e de caráter. Contava apenas 22 anos, e era auxiliar da firma Giorgi Picossi & Companhia., e da Fábrica de Lanifícios Londres, de S. Caetano. Era ainda tesoureiro do Tiro de Guerra 34.

São Paulo, pelo que possui de mais representativo em sua sociedade pretende fechar com selo de Ouro o esforço titânico que os seus filhos desenvolveram no movimento armado de 1932. Vae erigir, nessas condições, o mausoléu em amplo terreno, que a Prefeitura desta Capital doou a Federação dos Voluntários, entidade cívica, onde deverão repousar os restos dos nossos queridos mortos. A obra grandiosa do Maior movimento cívico dos paulistas ficaria ainda incompleta, sim em praça pública não edificássemos o monumento que lembrar pelos nossos posso ter arrancada inesquecível e objetivo levar esse gigantesco cometimento. Meus objetivos serão alcançados desse modo: resgatar a dívida de gratidão que contraímos como esses heróis, homenageando os; ensinar os nossos descendentes que a vida muito vale, enquanto o sacrifício não é reclamada pela Pátria. Deus vive em nossa alma e Perpétuo estado de Revelação e é através do seu olhar que devemos ver e revelar todo o nosso amor aqueles que puseram acima de todos os interesses o amor à Pátria, a família e a Lei. Motivo algum dia separar os paulistas em 1932. Todas as

MARIO CAMARGO

6° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Mato Grosso

Cabo ordenança do capitão Cyro de Freitas Serpa, Mario Camargo foi, na Revolução Constitucionalista, o 127 do 6° Batalhão de Caçadores da Reserva, cuja ação foi das mais eficientes. Morreu no setor Sul de Mato Grosso, no dia 4 de Setembro, em consequência de um tiro de fuzil que recebeu no peito. Foi sepultado em Dourado, desse mesmo Estado.

Dados Biográficos – Nascera em Ariranha, em 1911 e era irmão de Luiz Camargo, Domingos Camargo, Jorge e Oscar Camargo, sendo que os dois últimos também participaram, como combatentes, da revolução paulista. Era irmão, ainda, de D. Amelia Camargo. Morreu noivo da senhorita Maria Rosa. Exercia a profissão de oficial de barbeiro.

rugas e ressentimentos foram sufocados então e daí a obra grandiosa de seus mortos. Todos os interesses subalternos deve cessar agora, na esplêndida homenagem que pretendemos levar á efeito. Não seria ela indigna dos paulistas, senão espalhar-se com nitidez que se tornou lendária, como lendária são as bandeiras a conquista da terra e do ouro brasílicos. Toda homenagem consiste em reconhecer homenageado efeito que se exalta, como verdadeiro e exato; e toda a sua forma e praticar aquilo. Tendo presentes Deus, a Justiça e o Amor as homenagens devem ser alegres como o sol, simples como a luz da lua e como esta misteriosa. Necessitamos, que neste momento; construir em nós consenso do Bem, uma consciência clara, limpa de reservas, sem reticências em esconderijos, sem pensamentos dúbios que viciadamente deslumbrados são capazes de sugestionar o que possuímos de mais delicado, que é a nossa alma, onde ficavam todas as lutas e onde se alcançam todas as vitórias.São Paulo levantou sem arma para repor a Lei salvar o Brasil, que é conquista sua, decorrendo daí a magnitude do feito. Não podem os paulistas, nesta

MARIO DA CUNHA CANTO

5° Batalhão de Caçadores Paulistas (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

No 5° Batalhão de Caçadores Paulistas da Força Pública, o cabo Mario da Cunha Canto tinha o número 200 da 2° Companhia. Quando sua unidade partiu, a 12 de Julho, para a frente tenebrosa do Túnel, onde os sacrifícios eram diários e numerosos, ele foi também. Ousado, forte, desprezando as posições onde o resguardo equivalia a ineficiência, procurava os pontos mais expostos. Poucos dias, no entanto, pode lutar. A 17 de Julho, nas primeiras trincheiras, recebeu ele um tiro de fuzil que o matou instantaneamente. Sepultado em Perequê, foi depois seu corpo trasladado para Cruzeiro, em cujo Cemitério está.

Dados Biográficos – Nascido em Mogi Mirim a 27 de Março de 1904, filho do sr. Antonio da Cunha Canto e de D. Julia Maria de Jesus Canto, Mario era solteiro e prestava seus serviços à Força Pública desde 1925. Esteve, também, na revolução de 1930. Eram seus irmãos: Angelo, casado com D. Maria Apparecida; D. Sebastiana, casada com Fernando Sampaio; Belmiro, casado com D. Sebastiana Canto; D. Clara, casada com Antonio Gomes; Pedro e Benedicta, esta, falecida pouco meses mais tarde.

obra, dar agasalho a mitos que os desviem dessa verdade. Perpetuemos esse feito, mantenhamos a nossa a lenda. As lendas são verdades universais, contendo uma síntese Luminosa das inúmeras verdades congêneres e dispersas. O paulista sabe que o sobrenatural que tem dentro desse manda no Sobrenatural que o envolve e estudar a consciência e o uso de suas energias inigualáveis. Estamos certos de que alcançaremos o objetivo colimado, já posso ser honesto O nosso propósito, Japurá justíssimas serem as honras que vamos prestar. O morgado de Mateus, governo de São Paulo, escrevia em 11 de Dezembro de 1766, informações prestadas a Metrópole portuguesa, seguinte tópico, a respeito dos paulistas: São os Paulistas, segunda minha própria experiência, grandes servidores de Sua Majestade. No seu real nome fazem tudo quanto se lhes ordena, expõe aos perigos a própria vida e Gastão sem dificuldade tudo quanto tem e vão

MARIO FURTADO

Regimento de Cavalaria do Rio Pardo (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Inútil será exaltar em mais adjetivos o Regimento de Cavalaria do Rio Pardo, que foi um ninho de heróis. Estamos em frente de um de seus componentes: Mario Furtado. Incorporado em Ribeirão Preto, no dia 16 de Julho, seguiu para o Setor Sul, sob o comando do capitão Feijó, a 28 do mesmo mês. Morreu na Fazenda Santa Ignez, no dia 15 de Setembro, quando, em companhia do bravo soldado Ayrton Roxo, fazia uma patrulha de reconhecimento. Foi sepultado no mesmo local onde tombou, de onde, mais tarde, seus restos foram trasladados para Orlândia, sua terra natal.

Dados Biográficos – Nascera no dia 16 de Março de 1905 e era filho do Sr. Custódio Severino Furtado, já falecido, e de D. Rita Maria de Jesus. Deixou vários irmãos e havia se casado, pouco antes do movimento constitucionalista, com D. Helena Novelli Furtado. Era lavrador.

MARIO GOMES

Batalhão Bento Gonçalves (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Mario Gomes, foi, segundo se conseguiu apurar, um dos bravos soldados do Batalhão Bento Gonçalves que atuou no Setor Norte de operações de guerra. Tomou parte em inúmeros combates, nas lutas diárias e sangrentas que se verificavam nos setores do citado setor. Sua morte deu-se a 1 de Setembro, juntamente com diversos companheiros, no Morro Verde, do setor de Vila Queimada, em consequência de ferimentos produzidos por estilhaços de granada. Foi sepultado, provavelmente, no mesmo local em que tombou, de armas na mão, pelo ideal que encandeceu a alma bandeirante.

até o fim do mundo, sendo necessário. Verificamos, com prazer que 1932 ainda possui os paulistas a bravura e a tenacidade de outros tempos; verificamos hoje, estamos certos, o seu desprendimento, colaborando largamente para perpetuar no mármore e no bronze ternos o feito inesquecível de seus filhos diletos.

ROMÃO GOMES

MARIO HILARIO DALLARI

Batalhão Marcilio Franco (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado em São Paulo no dia 14 de Julho, dois dias depois, como soldado do Batalhão Marcilio Franco, seguiu para o Setor Sul de operações. Seu gênio guerreiro (outro sulco imortal de seu patriotismo) se revelou nas trincheiras. Pela sua inteligência e coragem alcançou em curto espaço de tempo as graduações de cabo e sargento vindo a ser promovido ao posto de 2º tenente por bravura. Morreu em Capela dos Ferreiras, Capão Bonito, atingido por disparo de fuzil, no dia 10 de Setembro. Teve morte instantânea. Sepultado em Itapetininga, seus restos foram transladados para Serra Negra, sua terra natal.

Dados Biográficos – Nasceu no dia 13 de Janeiro de 1912, filho do Sr. Alfredo Dallari e de D. Maria Dallari, residentes em Serra Negra. Era solteiro e exercia a profissão de farmacêutico.

Há um longo soluço represado em todas as gargantas. Poucos são os lares que não espiam para um claro que se não preenche mais. Raros os que não cruciam o desespero de uma saudade. Mas, ninguém chora. São Paulo ainda sorri iluminado. Há dois meses que vive numa crepitação alucinante. Todas as suas bandeiras estão ao alto! A primavera mandou que as flores entrassem a reflorir para cobrir com elas os túmulos dos nossos bravos e heróis! São Paulo é um sonho cívico que a gente olha de olhos abertos! São Paulo, senhores, é o Brasil de amanhã e o Brasil de amanhã, à semelhança das grandes conquistas sanguinolentas, só crescerá à vista do mundo com o cimento do tempo, o heroísmo dos justos e o sangue dos bravos!

RAUL BASTOS

MARIO LEME WALTER

Batalhão Fernão Salles (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Os adversários dos soldados constitucionalistas muitas vezes fizeram justiça. Um desses casos transparece nítido na morte de Mario Leme Walter, componente da 1° Companhia, 2° Pelotão, do Batalhão Fernão Salles. Incorporado em São Paulo, partiu para o Setor Sul sob o comando do capitão Honório de Castro, dando desde logo sobejas provas de ousadia e de bravura.

Sobre sua morte vamos dar a palavra a uma autorizada noticia cuja veracidade conseguimos constatar. É a seguinte:

Perigava o Batalhão Fernão Salles, ameaçado de um envolvimento, na frente de Capão Bonito. O capitão Honorio de Castro, reconhecendo a situação procurou no Corpo de Saúde e Intendência todos os soldados validos, reuniu-os com uma patrulha que voltava de um reconhecimento e foi com eles reforçar um punhado de bravos que lhe defendia o flanco direito, em substituição ao batalhão que houvera recuado. Eram estes 23 homens apenas, escorando uma pressão de mais de 150 homens. Graças a esses esforços inauditos, o Batalhão Fernão Salles conseguiu uma retirada em ordem, sem perder um soldado sequer. Por fim, na trincheira mais avançada, no ponto mais hostilizado restavam oito homens. Um deles era Mario Leme Walter. O inimigo avançava. A munição diminuía. Esgotaram-se os pentes dos dois F.M (fuzis metralhadora) que eram as suas únicas armas automáticas. Para não as entregar ao inimigo, foi destacado o soldado Luiz Viegas, apelidado de Mato Grosso, o qual rastejou mais de 500 metros, sob uma terrível fuzilaria, até alcançar a crista topográfica do terreno, para levá-las ao batalhão que passava para a margem direita do rio. Ficaram 7 soldados com fuzis comuns. Num dado momento o inimigo aproximou-se, cerrando fuzilaria sobre a única trincheira que ainda impedia seu avanço. Foi quando recebeu um tiro de fuzil na cabeça o bravo soldado Mario, que se tornara comandante natural dos companheiros. Já não era possível, nem aconselhável mais resistência. A guarnição rendeu-se. Seis soldados foram levados presos para Capão Bonito, onde se achava o Quartel General inimigo. Os adversários enterraram

na própria trincheira o seu valente defensor, e dois dias depois colocaram uma cruz com os seguintes dizeres:

Aqui jaz um heroico sargento paulista, morto em defesa desta trincheira, quando lutava pela causa que abraçou.
21 de Setembro de 1932.

Homenagem do pessoal da 1° Seção, da 2° Companhia do 5° Regimento de Artilharia Montada. Rio Grande do Sul, Santa Maria. Esta cruz foi mandada confeccionar e colocar aqui pelo tenente comandante da seção acima referida.

Dados Biográficos – Nascera em Leme, no dia 11 de Fevereiro de 1902, filho do Sr. Arthur Walter e de D. Maria Leme Walter. Era irmão de José Leme Walter, casado com D. Carolina Figueiredo Walter; Amelia, casada com o Sr. Joaquim Fabricio dos Santos; Alzira, casada com o Sr. Joaquim Fabricio dos Santos; Alzira, casada com o Sr. João Kremper; Benedicto Leme Walter, casado com D. Izabel Cabral Walter; Sebastiana, casada com o Sr. Lazaro Crofi; Etelvina, Eliza, Djanira, Candida e Arthur, estes solteiros.

São Paulo não se deixará algemar. Enganaram-se pelas aparências de imobilidade os que viram uma energia cívica apenas em repouso. Desfeita a miragem desalterante das promessas, ao apresentar-se a seca realidade do areal deserto, próprio para aumentar a sede da autonomia, com ameaças de sufocação do pensamento, compressão de direitos e asfixia da liberdade, ouviu-se daquela energia o revoltado bramir. O povo paulista empunhou livremente as armas e livre permanecerá na luta. A alma não morre. Dir-se-ia adormecida a alma de São Paulo. Veio um dia o crime e a despertou. Agora ela permanecerá acordada, vigilante, irredutível na defesa da lei e da liberdade nacional. E, quando a vitória soar os seus clarins e a tranquilidade voltar ao seio da família brasileira, e a confiança em nossos destinos reentrar nos corações, então a mais ditosa das recompensas premiará a bravura e os sacrifícios de nossos heróis: a visão romântica do passado, a visão da poesia da história nacional redimida e transfigurada para a civilização.

Desembargador AFFONSO DE CARVALHO

MARIO LOVI

Batalhão 7 de Setembro (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

O Batalhão 7 de Setembro foi dos que primeiro estraram em contato com o adversário no Setor Norte. Esteve no Túnel e esteve no Batedor, perdendo nessas posições muitos de seus valentes soldados. Incorporado ao 7 de Setembro, Mario Lovi, a 22 de Agosto, quando resistia firmemente a mais um dos furiosos ataques adversários, foi alcançando pelos projéteis que choviam sobre a sua trincheira, morrendo instantaneamente. Trazido seu corpo para a retaguarda, foi sepultado no Cemitério de Cruzeiro, em campa que tomou o n° 356. Mario Lovi tinha vinte e dois anos.

MARIO MACHADO BITTENCOURT

1° Grupo de Aviação Constitucionalista Gaviões de Penacho
Exército Constitucionalista do Setor Sul

No dia seguinte aquele em que as armas paulistas se levantaram em prol da Ideia Constitucionalista, um eco profundo encheu todo o Brasil. Havia nos gestos e nas palavras dos brasileiros um assombro mudo. Porque todos os brasileiros, conhecendo os paulistas, sabiam que eles não se arriscariam a tamanha violência se não tivessem a certeza de que os meios brandos e suaves já estavam de todo gastos e de que a causa pela qual começavam uma guerra merecia a grandeza do sacrifício que lhe ia ser oferecido. E foi por isso que o gesto de Mario Machado Bittencourt. Moço advogado, recém egresso dos bancos acadêmicos, não causou surpresa aos que o viram rumar pressurosamente para São Paulo, num espontâneo e heroico oferecimento de si mesmo

à guerra que começa. Veio com José Angelo Gomes Ribeiro, de quem foi companheiro nas asas instáveis dos nossos aviões até o dia em que ambos tiveram por tumulo a imensidade do oceano, coroado por uma aureola de fogo. Veio com o coronel Brazilio Taborda, que foi a força extraordinária da resistência paulista no Setor Sul; e veio com Lysias Rodrigues, aquela figura serena de aviador que tanto brilho deu à nossa aviação. Saídos do Rio de Janeiro, depois de habilmente iludir a polícia ditatorial, a 16 de Julho, a 17 aportavam a uma praia de Santos, subindo imediatamente para ocupar os postos que o Comando em Chefe das Forças Constitucionalistas lhes confiou. Mario Machado Bittencourt tentou, no Rio de Janeiro, com outros companheiros, fazer ali estalar o movimento revolucionário. Vendo sua impossibilidade, reuniu-se aqueles três oficiais e, disfarçados em pescadores, tomaram uma canoa que os trouxe a São Paulo. Aqui, tomou parte em quase todas as operações do 1° Grupo de Aviação. Era considerado o melhor observador das nossas forças aéreas. Civil, logrou em pouco tempo o seu comissionamento no posto de 2° tenente. Pouco depois, era promovido, por distinta bravura, a 1° tenente, após difícil combate com aviões adversários, um dos quais tombou sob os seus tiros. Em boletim de 29 de Agosto, do comando do Setor Sul, foi elogiado e promovido; em boletim do Quartel General da Capital, teve a promoção e os elogios confirmados; e em boletim do Comando Geral do Exército Constitucionalista, teve esses elogios repetidos. Operou em todos os setores no Sul, onde a sua atuação e a de seus companheiros, deixou indelével recordação; a Leste onde a presença dos nossos aviadores valeu por mais de uma vitória; e no Norte, onde a bravura dos valentes aviadores constitucionalistas supriu a deficiência de número de aparelhos, que eram quase que apenas meia dúzia para todas as frentes de combate. A 24 de Setembro – uma semana antes de terminar a luta – Mario Machado Bittencourt e José Angelo Gomes Ribeiro foram mandados, pilotando o avião Kavaré-Y, fazer um reid sobre os navios de guerra ancorados na barra do porto de Santos, numa tentativa de romper o bloqueio. Não queriam voltar dizendo que a missão era difícil de cumprir. Arriscaram-se em voos baixo, sobre os navios de guerra. Obrigaram-nos a movimentos de defesa capazes de os deslocar do posto que ocupavam. Foram heróis. E como heróis morreram, com o avião em chamas, mergulhando no mar, à sombra da ilha da Moela, para neles sepultarem a força, a coragem o valor dos seus corações moços.

Dados Biográficos – Mario Machado Bittencourt nasceu no Rio de Janeiro a 7 de Julho de 1909 – tinha, portanto, apenas 23 anos de idade – filho do Dr. Raul Machado Bittencourt e de D. Cleonice de Mattos Bittencourt. Era neto do Marechal Carlos Machado Bittencourt; célebre em nossa História pelo seu gesto de defesa do presidente Prudente de Moraes, ameaçado pelo punhal de um assassino ao final da Guerra de Canudos (1897). Bacharel em Direito pela Universidade do Rio de Janeiro, em 1930, entregou-se desde logo à sua profissão, montando banca de advogado ao lado de seu pai. Não teve, pois, como disse o seu pai em carta que nos escreveu, tempo de deixar na carreira que abraçou traços marcáveis da sua personalidade. Provou-nos, porém, e excessivamente, que era um homem de caráter nobre e superior com a sua atuação na Revolução Constitucionalista de 32.

MARIO MASINI

Batalhão Caçadores Francanos (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Em Franca, onde o entusiasmo que empolgava toda a população paulista em 1932 encontrara um ambiente magnifico para se expandir, formou-se um batalhão: os Caçadores Francanos. Sua 1° Companhia ficou logo constituída. Incorporado a ela, com o n° 96, Mario Masini deixou Franca, a 30 de Julho, seguindo diretamente para Botucatu, onde a força demorou em treinamento. A seguir, recebeu seu batismo de fogo em Porto Taboado. De lá voltou, sendo mandado para Itapira, já com a graduação de 3° sargento, promovido por atos de bravura. Depois, foi para o setor de Eleutério, terminando a sua carreira na madrugada de 25 de Agosto, junto à ponte do Sapucaí, com um tiro na cabeça. Sepultado em Itapira, foi, a 23 de Maio de 1935, trasladado para sua terra natal.

Dados Biográficos – A 14 de Abril de 1900, em Franca, nascera Mario, filho do Sr. Salvador Masini e de D. Emilia Caramori Masini. Viveu sempre em sua terra natal, onde exercia a profissão de relojoeiro. Solteiro, deixou os irmãos: Ettore, Adolpho, Guilherme, Ultimina, Edmundo e Odone Masini.

MARIO M. DE CASTRO M. DE ARAGÃO

2° Batalhão de Engenharia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Engenheiro Civil pela Escola Politécnica, Mario Muniz de Aragão cursava o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva quando se iniciou a guerra de 32. Incorporado voluntariamente, logo aos primeiros dias, distinguiu-se de maneira notável durante toda a campanha. Figurava sempre nos mais rudes combates e nunca uma arrancada adversária, por mais forte que fosse, fazia-o dobrar o busto: recebia-a de pé, à frente dos soldados que lhe cabia comandar, como oficial que era do 2° Batalhão de Engenharia, coluna Romão Gomes. Bom e valente, prestou serviços em várias atividades. Era, a um tempo, oficial combatente e oficial da retaguarda. Combatia nas trincheiras ou vinha para a segunda linha preparar terreno para as diversas retiradas que as nossas tropas foram obrigadas a fazer. Nessa ocasião, dinamitava pontes, minava estradas, fazia ruírem barreiras. Era um soldado sempre pronto para todas as missões, difíceis ou arriscadas que fossem. A 30 de Setembro, quando em muitas frentes já as armas se abaixavam ante o armistício combinado, na frente de Campinas ainda se lutava. Mario Muniz de Aragão foi mandado dinamitar uma ponte já visada pelo fogo adversário. Foi conhecendo o perigo, contando com ele. Quando terminava o trabalho, uma rajada de metralhadora alcançou-o no ventre, peneirando-o de tiros. Morreu horas depois, na mesa de operações do Hospital de Sangue de Campinas, em cujo Cemitério foi sepultado e em cujo mausoléu hoje repousa, ao lado de outros heróis.

Dados Biográficos – Contava 25 anos de idade e era filho do coronel médico do Exército, Dr. João Muniz de Aragão e de D. Maria Augusta Meira de Castro Muniz de Aragão e irmão

de D. Maria Luiz, Raimundo, João Muniz de Aragão e Cesar e Renato Muniz de Aragão, oficiais do Exército. Formara-se em engenharia na Escola Politécnica de São Paulo em 1931.

MARIO MOSQUEIRA

11° Regimento de Cavalaria Independente (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Mato Grosso

Mario Mosqueira, incorporado em Ponta Porã, foi designado para o 11° Regimento de Cavalaria Independente, que esteve sob o comando do capitão Ildefonso. Lutou com coragem. Foi um digno voluntário constitucionalista. Morreu em princípios de Setembro, em consequência de ferimento produzido por faca, num acidente, quando ia tomar um caminhão que o conduziria à linha de frente, em Porto Murtinho. A faca pertencia-lhe. Foi sepultado no Cemitério de Bela Vista.

Dados Biográficos – Nasceu em Bela Vista, no dia 14 de Maio de 1915, filho do Sr. João Mosqueira e de D. Soila Mosqueira. Era solteiro e deixou os seguintes irmãos: João Martins, Onofre e Mathilde Mosqueira. Era tipografo.

MARIO RODRIGUES FON

9° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A Companhia de Metralhadoras do 9° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública deixou São Paulo a 16 de Julho, rumando para a Ribeira, na fronteira do Paraná, ali tomando posição. Fazia parte dessa força o soldado Mario Rodrigues Fon, valente e ousado metralhador. Por circunstâncias diversas, que sacrificaram outras tropas constitucionalistas, o 9° Batalhão de Caçadores Paulista teve que se retirar, atravessando a nado o rio Ribeira. Nessa travessia, operada entre Itaporanga e Xirica (Eldorado), Mario Rodrigues Fon morreu afogado.

Dados Biográficos – Contava em 1932, 28 anos de idade. Era nascido em Serra Negra, filho do Sr. Sebastião Rodrigues

e de D. Maria Rodrigues. Casado. Tomara parte, anteriormente, nas revoluções de 1924 e 1930, em ambas tendo merecido francos elogios de seus superiores. Fez parte, também da força paulista que, em 1926, excursionou por Goiás, em expedição de combate às forças remanescentes da revolução de 1924.

MARIO SARDELLI

1° Batalhão de Reservistas do Exército (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

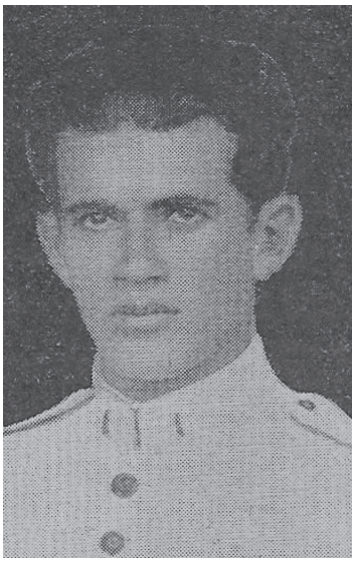
Sob o comando do Capitão Constantino Pinto, o reservista do Exército, Mario Sardelli, incorporado, justamente, no 1° Batalhão de Reservistas do Exército partiu para a frente em defesa da causa de São Paulo, no dia 26 de Julho. Foi para o Setor Sulde operações. Lá tomou parte em sangrentos combates, até que, no dia 24 de Setembro, em Ligiana, às margens do Paranapanema teve sua carreira e sua vida cortadas. Morreu instantaneamente em consequência de ferimentos produzidos por estilhaços de granada em diversas parte do corpo. Foi sepultado em Itapetininga, onde ainda se encontra. Era solteiro e tinha 25 anos de idade.

Percorremos todas as linhas do setor norte, desde Cruzeiro até Túnel, Pinheiros e Villa Queimada, de onde viemos depois para Guaratinguetá, onde pernoitamos. Ontem, daquela cidade partimos para Cunha, descendo as trincheiras que ficam além desta cidade. A Maior animação se notava em todos os soldados, que lutam com o mesmo entusiasmo do dia em que partiram. Trouxemos magnifica impressão da disciplina da tropa e da competência e do valor dos seus dignos comandantes coronéis Euclydes Figueiredo, Palimércio, Andrade, majores Sampaio, Braga e Virgilio, e de todos, em suma, que servem com a mesma dedicação. Eis, em resumo, as impressões que trouxe das linhas de frente.

ALTINO ARANTES

MATHEUS BARBOSA DE REZENDE

Regimento Misto de Artilharia (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Sul



Na coligação das forças que defenderam o ideal paulista de reconstitucionalização do Brasil, é justo dar um lugar de destaque aos mato-grossenses, cuja colaboração foi valiosa e eficaz. Dentre as unidades que, fieis ao compromisso de 9 de Julho, se integraram completamente na luta magnifica, releva notar o Regimento Misto de Artilharia, com sede em Campo Grande. A ele pertencia o sargento Matheus Barbosa de Rezende, chefe de peça da 1° Bateria, que atuou destemerosamente no setor Sul do nosso Estado. De tal forma se expunha o sargento Rezende que, a 26 de Agosto, era ferido gravemente com tiro de fuzil Mauzer. Baixado ao Hospital Militar Divisionário, em São Paulo, dali pouco depois foi transferido para o Hospital de Sangue do Mackenzie College. Não resistiu ao ferimento e veio a falecer no dia 22 de Setembro, quase um mês depois.

Dados Biográficos – Mato-grossense de Campo Grande, onde nascera a 18 de Agosto de 1905, filho do Sr. Manoel Candido de Rezende e de D. Davina Barborsa de Rezenda, era irmão de: Antonio, Maria, Candida, Odette e Ziza Barbosa de Rezende. Dedicava-se à profissão das armas, a que era inteiramente afeiçoado, o que o tornava um soldado disciplinado e bom, com ótima fé de oficio. Era solteiro.

MAXIMIANO CORRÊA DOS SANTOS

Batalhão Caçadores Francanos (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Já o dissemos: a deflagração do Movimento Constitucionalista foi como uma fagulha elétrica. Transmitiu-se de cérebro a cérebro, de coração a coração, de espirito a espirito de todo o povo paulista. Não houve quem não tivesse empolgado pela nobre causa. Maximiano Corrêa dos Santos foi dos primeiros a se apresentar para a luta. Partiu para a frente, sob o comando do glorioso paulista Fernão Salles, no dia 12 de Julho. No sangrento combate de Pouso Alegre, ao lado de vários outros companheiros, tombou os tiros adversários no dia 20. Seu corpo foi sepultado nessa mesma cidade, por iniciativa do Bispo local, sendo trasladado, mais tarde, por iniciativa de um grupo de senhoras paulistas, para o Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Nasceu em Aparecida do Norte, a 23 de Março de 1912, filho do Sr. Jorge Correa dos Santos e de D. Lydia Correa dos Santos. Era solteiro e comerciante.

MAXIMIANO GUEDES

Batalhão Legião Negra (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Soldado da Legião Negra, Maximiano Guedes seguiu para o Setor Norte de operações, onde, desde logo, se mostrou um ótimo e bravo combatente da causa de São Paulo. Num combate em que tomou parte, no entanto, recebeu grave ferimento, sendo transportado para o Hospital de Sangue de Guaratinguetá, onde faleceu no dia 17 de Agosto. Seu corpo foi sepultado nessa cidade, sendo, posteriormente, trasladado para Campinas. Seus dados biográficos são deficientes. Consta, apenas, que nasceu em Campinas, no ano de 1910.

MELCHIADES NERES DE CAMPOS

2° Batalhão da Legião Negra (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

A Legião Negra de São Paulo, acudiu, com louvável entusiasmo, ao apelo para a Revolução Constitucionalista. Seus homens acorreram, às centenas, aos postos de alistamento de voluntários. Só eles formaram, em poucos dias, dois batalhões. Ao 2° deles, foi incorporado Melchiades Neres de Campos, como praça da 1° Companhia. Esta unidade combateu no Setor Sul, tendo prestado serviços relevantes, atuando valorosamente em todos os setores que lhe foram confiados. A 17 de Agosto, no bairro dos Pinheiros, em Guapiara, município de Capão Bonito, resistiu o 2° Batalhão da Legião Negra a um forte e decisivo ataque das forças adversárias. Foi durante esse combate que Melchiades morreu, na primeira linha, com o crânio atravessado por um tiro de fuzil. Solteiro, anônimo na guerra como o fora na vida, Melchiades Neres de Campos foi sepultado no próprio campo da luta. Um dia, Garça, onde ele nascera no ano de 1913, por certo reclamara o seu corpo.

Meus Concidadãos:

Só o cumprimento de um dever indeclinável, far-me-ia vencer a natural relutância em vos dizer, pela primeira vez, algumas palavras. Mas recebi ordens para isso e um voluntário obedece. Não é, pois, sem emoção, que vos declaro iniciada a campanha de propaganda em prol da angariação de fundos para a construção de um monumento comemorativo da revolução de 32 e de um mausoléu para os seus heroicos mortos. Motivos ponderáveis fizeram que se retardasse, até hoje, o início desse movimento que o dever, o civismo e a gratidão do povo paulista reclamavam, mas que exigia condições de tranquilidade dos espíritos para alcançar as proporções necessárias. Agora, julgamos o momento oportuno e vos concitamos a dar-lhe o vosso apoio, o mais entusiasta. Não precisamos evocar a vós, vivestes aqueles dias de indizível beleza, o que foi a Campanha de 32. Fostes a geração que se pode dizer privilegiada, a qual coube a ventura de testemunhar uma das mais belas manifestações do espirito de um povo que sobrepuja todas as dificuldades, que despreza todas tória pátria e cujos reflexos brilham, com fulgor sem igual, além das fronteiras a assombrar o mundo. Sim, foi sobretudo uma manifestação do espirito a nossa gloriosa jornada, do espirito de um povo que sobrepuja todas as dificuldades, que despreza todas as deficiências materiais, que se desfaz das suas posses, que leva os sacrifícios aos Maiores extremos, com uma generosidade, com um desprendimento, com um entusiasmo, com uma dedicação, com uma fé que, mesmo, entre os Maiores povos é raro en-

MENALDO C. DA SILVA RODRIGUES

1° Batalhão da Liga da Defesa Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporando-se à 1° Companhia do 1° Batalhão da Liga da Defesa Paulista, Menaldo da Silva Rodrigues, foi destacado para operar no setor de Cunha, onde demonstrou ser um verdadeiro soldado herói. Tomando parte em todas as lutas ali travadas, foi, a 12 de Setembro, encarregado de, sob o comando do tenente Netto e em companhia do sargento Armando Santos, do soldado Mario Mezazzi e outros, fazer uma patrulha de reconhecimento e, ao mesmo tempo, tentar a captura de Antonio Portuguez e Chico Padre, dois conhecidos espiões. Cumprida a primeira parte da missão, a patrulha dava desempenho à segunda, tendo já prendido Antonio Portuguez, quando foi atacada de surpresa por uma tropa adversária. Menaldo, enquanto os demais procuravam abrigar-se para a defesa, feita valentemente, fez-se sentinela do prisioneiro. E nesse posto foi alcançado por uma rajada de metralhadoras. Logo que lhes foi possível, seus companheiros trouxeram-no para a retaguarda, internando-o no Hospital de Sangue de Cunha onde, não resistindo aos ferimentos, faleceu no dia seguinte. Seu corpo foi trazido para São Paulo e sepultado no Cemitério do Redentor.

Dados Biográficos – Nascido a 1° de Julho de 1893, em Sorocaba, era filho do Dr. Antonio Gomes da Silva Rodrigues e de D. Maria Magdalena Camargo da Silva Rodrigues. Era irmão de: D. Agalma, casada com o Sr. Roberto Muus; Aurora, casada com o Sr. Lionel de Oliveira; Adelfa, casada com o Sr. Joaquim Figueiredo, tenente do 2° Grupo de Artilharia de Posição, Amaryllida, solteira; e dos Srs. Marbanio e Megalvio, soldados do mesmo batalhão que Menaldo; Dr. Milton, comandante da 4° Companhia do 1° Batalhã de Engenharia. Toda a família prestou serviços à Revolução Constitucionalista. Menaldo Camargo da Silva Rodrigues era solteiro e bancário.

contrar, para marchar firmemente, como um só homem, para a conquista dos seus ideais. Coube aos voluntários, a linha de frente. Aos técnicos, as diversas funções da retaguarda. Aos outros, aquilo que fosse preciso.
A vós, mães, esposas e irmãs paulistas, coube o mais amargo quinhão, pontilhado de angustias, na ânsia das notícias dos que vos eram mais caros. Todos vôs, pois, voluntários, meus companheiros de trincheira, técnicos realizadores dos milagres da retaguarda, homens de todas categorias sociais, do governante ao operário, mulheres bandeirantes, que sois a mais esplêndida, a mais inesgotável reserve de civismo, e até vós,

MIGUEL CARMINE PITOSCIA

Quartel Central de Motoristas (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Miguel Carmine Pitoscia incorporou-se em São Paulo, em princípios de Agosto e foi destacado para o Quartel Central de Motoristas. Designado para servir no Setor Norte, passou para a trincheira. Foi um digno combatente constitucionalista, merecendo, da parte de seus companheiros e de seus comandantes, a Maior consideração. Tanto assim que, ao ter conhecimento de sua morte, por ferimento na carótida, no dia 20 de Setembro, o comando do batalhão a que pertencia, escreveu as seguintes palavras:

É com profundo pesar que este comando registra a morte de mais um voluntário do Quartel Central de Motoristas, ocorrida no setor de Cunha.Trata-se do soldado constitucionalista Miguel Carmine Pitoscia, que tombou gloriosamente pela causa que abraçou e pela qual todos nós nos batemos. Este comando ignora ainda as circunstâncias que causaram a morte daquele bravo, mas de antemão tem a certeza de que a morte o colheu quando, no cumprimento de seu dever, preferiu sucumbir a recuar um passo sequer do posto em que se achava.

Miguel Pitoscia, que nascera na Capital do Estado, no dia 12 de Fevereiro de 1910, foi sepultado no Cemitério da Consolação, da mesma cidade, com grandes homenagens.

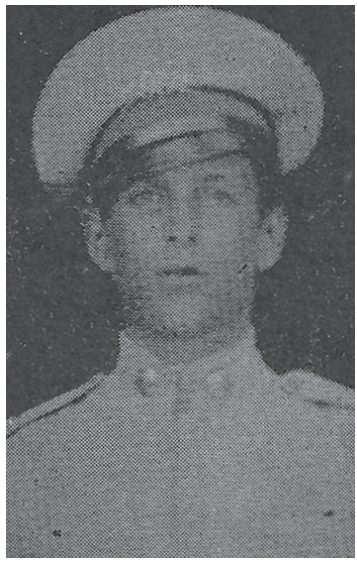
MIGUEL RODRIGUES

6° Batalhão da Força Pública (Força Pública)
Exército Constitucionalista

Como soldado do 6° Batalhão da Força Pública, Miguel Rodrigues combateu pela causa defendida por São Paulo desde os primeiros dias de guerra. Esteve em vários setores. Defendeu várias frentes, até que, em pleno combate, de armas na mão, perdeu a vida em holocausto à causa cívica por que todo o povo paulista vibrou naqueles heroicos dias de 32.

MILTON MAGALHÃES

10° Regimento de Cavalaria Independente (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Mato Grosso



Incorporado em Bela Vista, em meados de Agosto, Milton Magalhães seguiu para a frente de combate, ao Sul de Mato Grosso, logo depois, como soldado do 10° Regimento de Cavalaria Independente, sob o comando do 1° tenente Alcides do Amaral Barcellos. Tomou parte em um único combate. Foi vitima talvez de sua própria bravura, da forma intemerata por que lutou. Um tiro de metralhadora atingiu o seu ouvido direito, prostrando-o, morto, nas imediações de Porto Murtinho, no dia 10 de Setembro. Foi sepultado entre o quilômetro 4 e 5 da Estrada de Ferro Mate-Laranjeira.

Dados Biográficos – Nasceu em Campo Grande, no Estado de Mato Grosso, no dia 2 de Outubro de 1913. Era filho do Sr. Lidolpho Magalhães e de D. Eudoxia Peres Magalhães. Deixou os seguintes irmãos: Eurico, Maria, Octacilia, Moacyr, Ary e Neusa Magalhães. Solteiro.

crianças de São Paulo, até vós do Até nós si for preciso, homens de amanhã, herdeiros das tradições cívicas de Piratininga, todos deveis acompanhar-nos nesta empresa! Ajudai-nos a gravar, na eternidade do granito, o reconhecimento e a admiração que estão gravados, já, em nossos corações e ergamos ao Maior feito da gente bandeirante, o mais majestoso monumento, para que nele possam se inspirar as gerações vindouras, no amor à sua terra, tão profundo como o daqueles que fizeram a Campanha de 32. Agora... Agora, os nossos mortos, aqueles que não voltaram, que deram a vida ao serviço da sua causa. Aquele voluntário imberbe que tombou com um sorriso nos lábios; aquele humilde soldado da Força Pública, que se sacrificou pelo ideal coletivo; aquele conscrito do Exército, colhido por um estilhaço fatal e que, se não fosse conscrito, teria seguido como voluntário; aquele ancião, vergado ao peso dos anos, mas forte ainda para carregar um fuzil.... Um a um, os vultos heroicos que a morte tornou gigantescos, um a um, parece-me vê-los ainda no campo da luta, tendo previamente doado o ouro que possuíam no anel ou no relógio, os mais abastados, e no dente os mais humildes, ei-los entregando a terra

MISAEL CAYRET

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Apresentando-se voluntariamente para a guerra da constitucionalização do país, Misael Cayret foi mandado para o setor Sul, combatendo durante algum tempo, com grande coragem. Um dia, porém, estilhaços de granada alcançaram-no, dentro da trincheira, ferindo-o. A perda de sangue, os sofrimentos da luta atiroram-lhe a saúde, atacando-lhe os pulmões. Recolhido a São Paulo, foi hospitalizado no Hospital de Jaçanã, onde esteve em tratamento demorado e onde veio a falecer no dia 31 de Agosto de 1933, um ano depois da Revolução. Está sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Operário, solteiro, Misael vivia em São Paulo, onde nascera a 24 de Julho de 1911, filho do Sr. Claudio Cayret e de D. Elvira Cayret.

estremecida, a derradeira dadiva: a vida! Vultos que sumiste nas brumas do passado, estais presentes, radiosos, cheios de gloria no coração daqueles que vivem! Vultos que tombastes, no tumulo da luta, o pensamento voltado para a pátria! Corpos que repousais nas entranhas da terra que tanto amastes, que tanto dignificastes, fostes fecundos depois de mortos! Sim, fostes a semente fecundada com o vosso próprio sangue e que fez desabrochar a flor puríssima do vosso ideal. Fostes, mortos gloriosos, a semente da Constituição, plantada no solo da Pátria! A vós há de o povo paulista erguer uma derradeira morada a altura do vosso sacrifício e a altura da sua generosidade nunca desmentida.

HERBERT VITOR LEVY

MOACYR SIMÕES DA ROCHA

Integrante de Unidades de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

No combate desde as primeiras refregas entre as tropas constitucionalistas e as ditatoriais, o voluntário Moacyr Simões da Rocha conheceu as linhas mais avançadas das nossas trincheiras. Feito prisioneiro durante um combate, foi levado ao campo de concentração da Ilha das Flores. Ali adoeceu gravemente, sendo hospitalizado no hospital Paula Candido, em Jurujuba, Estado do Rio de Janeiro, onde veio a falecer a 10 de Setembro.

Dados Biográficos – Nascido em Campinas a 18 de Outubro de 1910, Moacyr era filho do Sr. Antonio Pedro Simões da Rocha e de D. Maria Pereira da Rocha e irmão de D. Arminda, casada com Eurides de Campos Macedo;D. Maria de Lourdes, casada com Joaquim Couto Dias; D. Alayde, Edith e Inides Simões da Rocha; e Isolino Simões da Rocha, casado com D. Amelia Lupporini. Seu corpo foi trasladado para Campinas, pouco depois de terminada a Revolução, sendo recebido com extraordinárias homenagens. Tropas da ditadura, nessa ocasião aquarteladas na linda cidade, portaram-se irreverentemente, o que deu causa a um grande conflito de que resultou algumas mortes de soldados ditatoriais.

MODESTO SANT'ANNA

Batalhão Bento Gonçalves (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

N° 94, 1° Companhia do Batalhão Bento Gonçalves. Modesto Sant'Anna depois de lutar muitos dias a fio, a 1° de Setembro, no setor de Vila Queimada, durante um dos difíceis combates ali travados, foi ferido gravemente, sendo hospitalizado em Cruzeiro onde, no dia seguinte, faleceu em consequência dos ferimentos. Sepultado no Cemitério local, foi mais tarde trasladado para S. Carlos. Era solteiro e contava com 24 anos de idade.

MOYSES ALVES DOS SANTOS

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Anspeçada do 2° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Moysés Alves dos Santos deixou São Paulo a 10 de Julho para seguir para o Setor Norte, onde se demonstrou um soldado valoroso e capaz. Combateu vigorosamente até 17 de Agosto, dia em que foi morto durante um choque havido nas proximidades de Silveiras, em cujo Cemitério foi sepultado.

Dados Biográficos – Nascido em Redenção, no ano de 1907, era filho do Sr. Bento Antonio dos Santos e de D. Maria José da Conceição. Era casado. Foi sempre um bom soldado do seu batalhão.

MOYSÉS JUSTINO

Estado Menor do Centro de Instrução Militar (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Pertencia Moysés Justino ao Estado Menor do Centro de Instrução Militar da Força Pública. Era Anspeçada ordenança. Ao começar a luta, foi, com os seus camaradas, para a frente de Leste onde, a princípio, tudo era calmo e as esperanças de uma frente sem choques eram grandes. Depois, veio a guerra com toda a sua violência. Toda a linde fronteiriça entre São Paulo e Minas se afogou numa tremenda batalha. Formou-se a Coluna Romão Gomes, núcleo impertérrito de soldados de todas as forças: voluntários, militares da Força, elementos do Exército, sob o comando do chefe que lhe deu o nome. Incorporado a esta força, Moysés lutou com bravura que mereceu a sua promoção ao posto imediato, *post-mortem*. Ele caiu, varado por tiros de fuzil, no dia 27 de Agosto, em Prata e foi sepultado em São João da Boa Vista.

Dados Biográficos – Em 1898, em Riachão, Estado do Ceará, nascera Moysés, filho do Sr. Estanislau José de Araujo e de D. Luiza Mello da Silva. Vindo para São Paulo, entrara para a Força Pública há muitos anos e nas suas fileiras aprendeu a amar a gente e a terra paulistas, pelas quais se bateu e se sacrificou. Era veterano das campanhas de 24 e 30.

No trigésimo dia de luta

Vai para trinta dias que São Paulo vive o mais emocionante dos seus momentos históricos e que, além de suas fronteiras, se lhe move a mais desleal das lutas. Levantou-se ele, de armas na mão, obedecendo às injunções em que o colocaram os desmandos de uma ditadura dissolvente e desorganizadora. Levantou-se para realizar não somente as legítimas aspirações de seu grande povo, senão e especialmente, as de todo o povo brasileiro, manietado por um regime incompatível com o seu sentimento liberal. Levantando-se, não o fez, entretanto, isoladamente, como se lançasse um desafio a todo o país. Fê-lo, ciente e consciente, de que seria secundado por outros contingentes militares e pelas forças políticas de outros Estados. Não iniciou um movimento regional. Assim o apresentaram ao resto da Nação os que procuram desvirtuá-lo nas suas origens e na sua finalidade. Assim apareceu aos olhos dos desprevenidos, pelas circunstâncias criadas pela falta daqueles que com São Paulo se comprometeram e, afinal, não cumpriram a palavra solene e formalmente empenhada. Ficou só. Mas ficando só não desanimou. Não blasfemou. Não

NABOR DE MORAES

5° Regimento de Infantaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Obediente ao primeiro apelo, Nabor de Moraes incorporou-se em Campinas, sendo designado para a 9° Companhia do 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria, o mesmo batalhão que, pela bravura de seus componentes, pelo denodo de seus comandantes, foi cognominado no setor do Túnel – o Dois de Ouro. E foi justamente para essa frente que, no dia 16 de Julho, Nabor de Moraes seguiu e onde participou do heroísmo de quantos serviram à invicta posição paulista. Aí, também, como tantos outros bravos, foi ferido mortalmente, morrendo no último dia de Agosto.

Dados Biográficos – Nascera em Jaguarí, Estado de São Paulo, no dia 12 de Maio de 1914, filho do Sr. Julio de Morais e de D. Olivia de Morais. Solteiro.

insultou. Não denegriu. Resistiu. Entrincheirou-se. Armou-se. E atirou-se, galhardamente, à luta. Para isso, transfigurou-se. Mediu a grandeza sem par de sua tradição na História Brasileira. Se, depois de ter dilatado e fixado as linhas territoriais do Brasil, se pôs a trabalhar dentro de suas linhas provincianas, o mais rude, mas, também, o mais profícuo dos trabalhos, numa faina incessante e progressiva, afim de converter a onda verde de seus cafeeiros na seara dourada com que se alimenta a economia brasileira – nem por isso ficou destituído de sentimento cívico e patriótico. Povoaram-se as suas terras de fazendas, de usinas, de cidades, trilhos se estenderam em todos os sentidos de seus dilatados horizontes; estradas se abriram; fabricas se edificaram; veículos de todos os feitios se moveram. E a sua vida pacífica e laboriosa se desenvolveu numa atividade fecunda e gloriosa. Construiu máquinas. Plasmou. Produziu. Movimentou riquezas. Incrementou o seu comércio. Deu à sua indústria um impulso formidável. Desenvolveu a sua agricultura. E não se descuidou de seu labor científico, cultural e técnico. Nesse afã, agiu como um povo pacífico e ordeiro. E isso por carecer da ordem e da paz para semear, para plantar, para manufatura, para produzir, para vender, para consumir, para gozar do benefício do seu trabalho, das luzes da sua inteligência, do brilho da sua cultura, das vantagens da sua civilização.

WALDEMAR FERREIRA

NATAL MARTINETTO

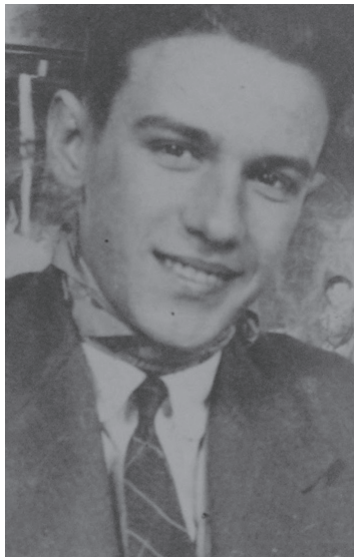
Integrante de Unidade da Guarda Civil
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Durante toda a campanha, o guarda civil Natal Martinetto prestou serviços diversos aos comandos das tropas em operações, transmitindo mensagens, fazendo ligações de setores, colaborando, enfim, de várias formas, para a vitória da causa que os paulistas defendiam com tanto brilho. Terminada a luta, ensarilhavam-se as armas quando ele morreu. Vinha de cumprir uma missão no Setor Norte, dia 2 de Outubro, quando, entre Jacareí e Mogi das Cruzes, sofreu um violento desastre. Um automóvel o vitimou, atropelando a motocicleta sobre a qual ele corria. Está sepultado no Cemitério de São Caetano.

Dados Biográficos – Paulistano, filho do Sr. Jacinto Martinetto e de D. Maria Martinetto, nascera Natal a 16 de Julho de 1907. Eram seus irmãos: D. Francisca, casada com José Alves Teixeira; D. Clara, casada com Alberto de Alexandre; Giocondo, João, Pedro, Linda, Primo, Segundo e Catharina Martinetto. Foi um bom guarda, tendo deixado grandes amizades na corporação a que pertencia.

NATAL MEIRA BARROS

2° Batalhão dos funcionários Públicos (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte



Na manhã de 27 de Agosto, Natal Meira Barros, voluntário do 2° Batalhão dos funcionários Públicos, estava ocupando, com outros elementos do mesmo batalhão, uma trincheira no Setor Norte, setor de Pinheiros, quando recebeu ordem de ir buscar numa trincheira próxima um pano para barraca. Cumprindo a ordem, com mais três rapazes, tomou ele um caminho que passava atrás de um bambual, de maneira a ficar oculto às vistas do adversário. Não lhe valeu a prudência. Um tiro de fuzil partido de uma posição ocupada pela polícia pernambucana, alcançou-o mesmo atrás do bambual, ferindo-o gravemente no pescoço. Recolhido ao Hospital de Sangue de Cruzeiro, não resistiu à grave hemorragia produzida pelo ferimento. Seu corpo está sepultado em sua terra natal.

Dados Biográficos – Nascido em Piracicaba a 25 de Dezembro de 1912, filho do Sr. Josué Meira Barros e de D. Bianca Buldrine de Barros, Natal era moço forte, esportista dedicado e exercia sua atividade no comércio. Era solteiro e foi por algum tempo instrutor do Tiro de Guerra de Piracicaba, onde residia.

NAZARIO SALVADOR DE PAULA

4° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sorteado para o serviço militar, Nazario Salvador de Paula fazia o seu tempo no 1° Batalhão do 4° Regimento de Infantaria, aquartelado em Quitaúna. Tinha o n° 1844 da 1° Companhia. A 11 de Julho, sua unidade partiu para o Setor Norte. E Nazario, consciente da nobreza da causa defendida, acompanhou-a, alegre, forte e entusiasmado. Lutou muito em pouco tempo. Dez dias depois, a 21 de Julho, um tiro de fuzil, perfurando-lhe o pescoço, matou-o instantaneamente numa das trincheiras do Túnel. Homenageando o seu valor, os companheiros sepultaram-no na encosta abrupta da Mantiqueira onde, mesmo deitado, ele está a cavaleiro daquelas terras que os ditatoriais não conseguiram conquistar.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Salvador Luiz de Paula e de D. Camilla Maria da Conceição, Nazario era nascido em São Paulo, Capital, a 28 de Julho de 1911. Solteiro, comerciário, era um bom filho e um bom amigo. Trabalhava afoitamente e com coragem, porque dele dependia o descanso da velhice rude de seu pai que, aos 84 anos, apenas com ele contava para viver.

NELIO BAPTISTA GUIMARÃES

Batalhão Marcondes Salgado (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

No dia 16 de Julho Nelio Baptista Guimarães incorporou-se em São Paulo. Dois dias depois como o soldado 126, da 3º Companhia do Batalhão Marcondes Salgado partia para o Setor Leste de operações. Seu destaque, desde o início, foi patente. Revelou-se um digno soldado da Constituição. Combateu com denodo. E só deixou as trincheiras quando, ferido no setor de Mogi Mirim, por uma rajada de metralhadora, se viu impossibilitado de continuar a lutar. Transportado para o Hospital de Sangue de Campinas, ali morreu no dia 13 de Setembro, isto é, dois dias depois do em que foi ferido.

Dados Biográficos – Nasceu em Salles de Oliveira, no dia 24 de Janeiro de 1908, filho do Sr. Luiz José Baptista Guimarães e de d. Honorarina VIeira Guimarães. Deixou os seguintes irmãos: José, Luiz, Álvaro, Mario, Leonor, Renato e Lydia baptista Guimarães. Nelio cursava o 3º ano da Faculdade de Direito de São Paulo, sendo considerado elemento de escol naquela casa de ensino. Seu corpo foi sepultado em sua terra natal, onde lhe foram prestadas significativas homenagens.

NELSON LOMANTO

6° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sargento do 6° Regimento de Infantaria, Nelson Lomanto combateu pelas cores do Exército Constitucionalista no Setor Norte. Tomou parte em inúmeros combates, nos quais demonstrou sua fibra de verdadeiro militar, enfrentando com bravura todos os perigos. Morreu em meio de sangrento combate, no dia 26 de Agosto, não se conhecendo, no entanto, qualquer pormenor biográfico sobre o bravo combatente constitucionalista.

NELSON PINTO

1º Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Durante um combate cerrado e difícil, na noite de 18 para 19 de Agosto, Nelson Pinto, Cabo da 1º Companhia do 1º Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, recebeu, numa das trincheiras da frente do Túnel e do Batedor, ferimentos ao qual o obrigaram a baixar imediatamente ao Hospital de Sangue de Cruzeiro, onde faleceu no mesmo dia. Foi sepultado no Cemitério local, recebendo o seu túmulo o n° 583.

Dados Biográficos – Bom Jesus da Lapa, Bahia, vira-o nascer em 1908, filho do Sr. João Pinto e da Sra. Maria de Souza Pinto. Era casado. Fazia parte da Força Pública desde o ano de 1929, tendo estado presente aos diversos combates da revolução de 1930, durante os quais demonstrara valor, calma e disciplina.

NELSON SPIELMAN

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado em Marília, Nelson Spielman foi destacado para a 7ª Companhia do 3° Batalhão do 6° Regimento de Infantaria, seguindo para uma das frentes de combate, sob o comando do capitão Plínio Coriolano. Desde o início demonstrou-se um soldado disciplinado, capaz e, principalmente, patriota. Trabalhou com valor até o dia em que, em Silveiras, na serra da Bocaina, no dia 6 de Setembro foi atingido na cabeça por uma rajada de metralhadora, morrendo instantaneamente. Seu corpo foi transportado para Marília, onde se acha sepultado.

Dados Biográficos – Nelson Spielman nasceu em Jaboticabal no dia 17 de Setembro de 1909, filho do Sr. Francisco Spielman e D. Madalena Spielman. Era solteiro e deixou os seguintes irmãos: Lauro, Ariovaldo e Edgard Spielman.

NICANOR NOGUEIRA

10º Batalhão de Caçadores da Reserva (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Com Nicanor Nogueira deu-se um fato curioso. Era soldado da Ditadura. Combatia-nos no Setor Norte, quando foi feito prisioneiro das tropas paulistas juntamente com outros companheiros do 3° Regimento de Infantaria. Conhecedor, aqui, do verdadeiro motivo da revolução de São Paulo, pediu com insistência que o incorporassem ao Exército Constitucionalista, pois que se convencera da nobreza da causa por que se combatia deste lado. Os chefes consideraram. Vendo tal ardor e tanta seriedade de sua parte, inscreveram-no no 10º Batalhão de Caçadores da Reserva, que seguira para o Setor Sul. Num combate, porém registrado em Aracassú no dia 30 de Agosto, tombou, sendo sepultado em Itapetininga.

NICOLA ROSELLI

5° Regimento de Infantaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incluído na 9° Companhia, sob n° 126, do 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria, Nicola Roseli partiu a 10 de Julho para o Setor Norte, sendo destacado para uma das difíceis e perigosas posições do Túnel. No cumprimento de missão que lhe fora imposta, tombou valorosamente a 7 de Agosto, gravemente ferido por estilhaço de granada, vindo a falecer cinco horas depois no Hospital de Sangue de Cruzeiro, onde fora recolhido. Trasladado seu corpo para Campinas, repousa hoje no mausoléu que aquela cidade elevou aos seus filhos mortos em 1932.

Dados Biográficos – Solteiro, estudante e empregado no comércio, foi, talvez, o primeiro filho de Campinas a morrer na Guerra de 32. Tinha apenas 16 anos de idade, pois nascera a 10 de Agosto de 1916, filho do Sr. Remo Roselli e de D. Cecilia de Goes Roselli e irmão de Josephina, Victor e Anna. Por ocasião de sua morte seu pai recebeu o seguinte telegrama:

Roselli. Corpo de Bombeiros. Campinas. Como herói tombou no campo da luta seu bravo filho Nicola. Queira aceitar pêsames dos camaradas do 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria.

NICOLAU MAFFEI

Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Estamos em frente ao nome de um lidimo herói da Revolução Constitucionalista. Soldados e comandantes do batalhão a que pertencia o reconheceram. E o próprio adversário prestou-lhe as homenagens a que lhe davam direito sua bravura e seu patriotismo. Nicolau Maffei alistou-se voluntário ao Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente e seguiu para a frente de operações sob o comando do Coronel Miguel de Oliveira Brisolla. Morreu no combate de Ribeirópolis, no setor Itaporanga - Tibiriçá, no dia 22 de Setembro, atingido na cabeça por tiro de fuzil. Foi sepultado em Ribeirópolis pelo inimigo, ao qual lhe prestou as honras militares a que fazia jus, quer por ser oficial quer pela bravura que revelou o que foi reconhecido pelo próprio adversário. Seu último combate é episódico: Cercado e intimado a render-se, disse alto e em bom som: Um paulista não se entrega, caindo segundos depois varado pelos tiros adversários. Era, nesse dia, o terceiro ferimento que recebia, pois que às 8 horas fora atingido na mão e às 10 horas no peito. Continuará a combater. Indiferente aos rogos de seus camaradas não quis abandonar sua trincheira até que a tarde, cercado e já sem munição, preferiu morrer a se entregar.

Dados Biográficos – Nascera em Amparo no dia 26 de Fevereiro de 1905, filho do Sr. André Maffei e da Sra. Francisca Maffei. Era casado com a senhora Matinilde Alves Maffei, tendo deixado um filhinho de nome Nelson Tabajara Maffei. Era funcionário da Prefeitura Municipal de Presidente Prudente. A uma das ruas dessa cidade, em sua homenagem, foi dado o seu nome.

NORIVAL LACERDA

4° Batalhão 9 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Estilhaços de granada alcançaram, matando instantaneamente, no morro do Gravi, próximo a Itapira, o cabo voluntário Norival Lacerda, do 4° Batalhão 9 de Julho, naquela manhã brumosa de 4 de Setembro. Batia-se ele, corajosamente, defendendo a posição que lhe fora e aos companheiros confiada. Seu corpo, foi o adversário que o sepultou no mesmo canto onde caíra. Mais tarde, porém, foi trasladado para o Cemitério de Mogi-Mirim.

Dados Biográficos – Contador, solteiro, residia em Tanabi com seus pais e foi de lá que ele partiu para incorporar-se ao Exército Constitucionalista. Nascido em Jaboticabal a 14 de Julho de 1910, era filho do Sr. Saturnino Lacerda e de D. Maria Candida Lacerda e irmão de Dalila, Izabel, Eglantina, Maria Conceição, Therezinha, José, Antonio e Carlos Alberto Lacerda.

Há dentro de nós uma imagem sacrosanta, um pensamento que apaga as nossas paixões partidárias reuni a família Paulista numa solidariedade indestrutível - a lembrança dos que tombaram em 1932. A geração atual, que lutou e sofreu na epopeia gloriosa, não quer confiar aos vindouros a perpetuação, no momento grandioso e bem Paulista, da memória dos que morreram defendendo a causa Sagrada. Assim, reunião sobre a bandeira da Federação dos Voluntários, estamos hoje congregados para levar Avante o empreendimento que não pode deixar de merecer a aprovação e o concurso de todos os paulistas. Disse um dia não tava escrito em francês: “ Les morts vont vite”. Não, meus senhores, os paulistas Não esqueceram jamais poderão esquecer dos seus heróis, das páginas de ouro gravadas a fogo na nossa história do fechadas com lágrimas e o sangue da nossa gente.

Paulistas!
Ontem, era o grande sacrifício:
A renúncia da vida;
O sangue da Redenção;
O ouro da Vitória.
Hoje, São Paulo pede apenas:
O bronze o granito da gratidão.

ANTÓNIO CARLOS PACHECO E SILVA

OCTACILIO DIAS FERNANDES

5º Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sorteado em 1932, Octacilio Dias Fernandes seguiu para o Setor Norte de operações, como soldado do 5º Regimento de Infantaria, da Companhia Mista de Metralhadoras, que era comandada pelo oficial João Hyppolito Simões da Costa. Sua atuação foi das mais destacadas. Ferido a tiro de fuzil no dia 28 de Julho, Octacilio foi hospitalizado em Lorena onde foi tratado convenientemente. Restabelecendo-se seguiu novamente para a frente onde continuou a pelejar com seu animo aguerrido e patriótico. Morreu instantaneamente em Pinheiros em consequência de ferimentos produzidos por estilhaços de granada, no dia 3 de Setembro. Foi sepultado na Vila de Pinheiros, pois sua família só teve conhecimento de sua morte depois de terminada a Revolução.

Dados Biográficos – Nasceu em Franca, no dia 29 de Abril de 1909, filho do Sr. Tobias Dias Fernandes e D. Maria Cherubina de Jesus, já então falecida. Era casado com a Sra. Alipia Candida de Jesus e deixou os seguintes irmãos: Ignez, Antonio, Jacinta e Francisco Dias Fernandes.

OCTAVIO DE ROSA

Batalhão Esportivo (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Octavio de Rosa incorporou-se em São Paulo, no Batalhão Esportivo. Logo depois ingressou na Coluna Sandim, partindo para uma das frentes de operações a 18 de Agosto. Não pode lutar senão poucos dias, pois a 25 morria soterrado pelo desmoronamento de sua trincheira com a explosão de uma granada. Seu sepultamento deu-se provavelmente em Pinheiros.

Dados Biográficos – Nasceu no dia 24 de Agosto de 1910, filho do Sr. Paschoal de Rosa e de D. Maria Dragonara. Era irmão dea senhorita Raphaela de Rosa. Solteiro. Foi mecânico-industrial e gozava da estima e do apreço de todos os que o conheciam.

OCTAVIO DOS SANTOS CALHEIROS

Batalhão Auxiliar da Força Pública (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Voluntário da 1° Companhia do Batalhão Auxiliar da Força Pública, Octavio dos Santos Calheiros combateu no setor Norte sob o comando do capitão Reynaldo Saldanha da Gama, cujo nome ficou ligado aquele batalhão.

Nos últimos dias de Setembro, estava essa unidade ocupando trincheiras na fazenda Emboaba, linha de Engenheiro Neiva, sobre as quais o adversário desencadeou um dos seus mais terríveis ataques.

Durante ele, Calheiros tombou, ficando seu corpo no campo da luta, de onde foi impossível retira-lo.

Dados Biográficos – Octavio era filho do Sr. Carlos Calheiros e de D. Lina dos Santos Calheiros. Nascera em Taquaritinga a 12 de Abril de 1913 e era solteiro.

OCTAVIO SEPPI

Batalhão 14 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Alistado em São Paulo a 10 de Julho, Octavio Seppi foi designado para o 1º pelotão, da Primeira Companhia do Batalhão 14 de Julho e seguiu para o Setor Sul de operações sob o comando do capitão Candido Bravo. Sobre sua morte, verificada próxima ao rio Apiaí Mirim, em Capão Bonito, o major Arlindo de Oliveira, descreveu-a com as seguintes palavras:

O sargento Octavio Seppi conduzia um caminhão que transportava munição de boca e fogo para as trincheiras avançadas, ao meio a paragens repletas de inimigos. Acompanhava-o o major Arlindo. Em determinado lugar, deixaram-no só, com ordem de vigiar a retaguarda do referido oficial que se internara nas posições paulistas que periclitavam em virtude de um projetado envolvimento do inimigo. Em dado momento Octavio notou que o inimigo rompia fogo contra seus companheiros envolvendo-os. Fazendo uso de um fuzil que estava em seu poder, atirou contra os agressores, matando um sargento e sendo logo em seguida atingido por uma rajada de metralhadora.

Foi sepultado no mesmo local em que tombou, tendo seus despojos, posteriormente sido trasladados para São Paulo, onde foram inumados no Cemitério do Carmo. Anos depois, a de 8 de Julho de 2015, monumento que leva o seu nome existente na Floresta Nacional de Capão Bonito foi restaurado e reinaugurado pela Sociedade Veteranos de 32 - M.M.D.C. que também lhe concedeu *post mortem* a Medalha Constitucionalista pelos atos de bravura que culminaram com o sacrifício de sua própria vida.

Dados Biográficos – Nasceu em São Paulo em 12 de Dezembro de 1912, filho do Sr. Cesar Seppi e D. Maria Seppi. Era irmão do Sr. José Seppi e de Hilda Seppi da Silva, casada com o Sr. Oswaldo Marra da Silva. Estudante de medicina.

ODILON DE OLIVEIRA

Batalhão 9 de Julho (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Odilon de Oliveira, sargento do 2° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, não serviu com a sua unidade. Foi mandado exercer posto de comando no segundo Batalhão 9 de Julho, com o qual seguiu para o Setor Sul. Lutou até o fim da Revolução. Quando ela já estava virtualmente terminada com as negociações para o armistício, ainda um tiro de fuzil adversário alcançou-o, no setor de Rechan, matando-o instantaneamente. Era dia 1° de Outubro.

Dados Biográficos – Cearense, com 37 anos de idade, solteiro, estava na Força Pública desde 1913. Foi sempre um soldado valente, tendo tomado parte nas campanhas de 1924 e 1930. Era filho do Sr. Francisco Tertuliano de Oliveira e de D. Georgina Maximina de Mello.

OLAVO AZEVEDO

4º Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Quando Ovalo Azevedo se apresentou, foi incorporado à Cia extra do 4º Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, com a graduação de cabo, seguindo logo depois para o Setor Norte. Tomou posição no Túnel e, como todos os que ali estiveram, lutou destemerosamente. A 17 de Agosto, muito ferido, baixou ao Hospital de Sangue de Cruzeiro, onde faleceu no dia seguinte em virtude dos ferimentos recebidos. Foi sepultado no Cemitério local, em campa que tomou o número 590. Olavo Azevedo tinha vinte e um anos de idade.

ODOLZAN GALVÃO

Integrante de Unidade do Exército Brasileiro
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Um tiro de fuzil alcançou, mantando instantaneamente, o capitão Odolzan Galvão, no seu segundo dia de operações no Túnel – dia 18 de Julho. Ele houvera chegado na antevéspera. E para bem cumprir a sua missão de comandante, fizera pessoalmente um reconhecimento, durante o qual foi visto e atingido. Seu corpo foi trazido para Cruzeiro, onde recebeu sepultura cristã no Cemitério local.

ONESIO GARCIA

9º Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado em Bauru, nos primeiros dias da Revolução, Onesio Garcia recebeu o número 278 do 9° Batalhão de Caçadores Paulista de emergência. Seguiu para a frente quase que imediatamente, tendo tomado parte em inúmeros combates, sempre de modo eficiente. Morreu no dia 2 de Agosto, em consequência de ferimento no ventre, por tiro de fuzil no setor de Itaporanga no Setor Sul de operações. Foi sepultado em Itaporanga, onde ainda se encontra. Sobre os antecedentes do bravo combatente, cuja atuação foi das mais destacadas, nada se sabe. Sua inscrição não deixou história. Inscreveu-se sem qualquer outra preocupação senão a de servir a São Paulo. Por isso mesmo sua gloria é Maior.

ORLANDO DE MORAES FERIA

Batalhão Floriano Peixoto (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

O Batalhão Floriano Peixoto não foi dos mais felizes da Revolução, pois que teve todo o seu esforço, logo no início, cercado por manobras infelizes que o levaram a cair, quase totalmente prisioneiro das tropas ditatoriais. Orlando de Moraes Feria fora incorporado ao Floriano Peixoto e com ele seguira para o Setor Sul.
Demonstrando em todas as suas atitudes ser um valente e um forte, Orlando foi logo destacado para uma patrulha de reconhecimento que deixou as trincheiras amigas dia 21 de Julho, não mais voltando. Caiu no cumprimento de sua missão.

Dados Biográficos – Nascido em Jaú a 24 de Julho de 1908, era filho do Sr. Francisco Feria e da Sra. Eponina de Moraes Feria. Tinha um irmão chamado Armando Feria.

ORESTES NATALINO

4º Batalhão de Cavalaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Orestes Natalino era soldado n° 238 do 4° Batalhão de Cavalaria, 2° Companhia, 1° Pelotão. Lutou com denodo e bravura pela causa abraçada por São Paulo e só abandonou-a sob o imperativo da Morte que o alcançou no dia 20 de Agosto de 32. Foi atingido em pleno coração por um tiro de fuzil, na fazenda Gandara, no setor de Cunha. Sua companhia provinha de Ubatuba e se dirigia a Cunha, para se unir ao grosso da tropa, quando, inopinadamente, foi alvo de mortífero fogo que vitimou além de Orestes Natalino mais o soldado de número 266. Foi sepultado no mesmo local em que caiu.

Dados Biográficos – Nasceu em São Paulo no dia 7 de Abril de 1911, filho do Sr. Arthur Natalino e D. Maria do Carmo Natalino. Deixou os seguintes irmãos Eduardo, Maria Eliza, Maria Esther, Adalgisa, Alcides, Jandyra e José Oscar Natalino. Era solteiro.

OSORIO FRANCO VILHENA

6° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Osorio Franco Vilhena era sargento da reserva do Exército e nesse posto foi incorporado ao 6° Batalhão de Caçadores da Reserva, com ele partindo para o Setor Sul nos primeiros dias de Agosto.
Em poucos dias demonstrou sua capacidade e seu valor, sendo promovido a 2° tenente, posto que honrou e em que morreu a 15 do mesmo mês, em Victorino Carmillo, alcançado por estilhaços de granada no peito, durante um dos difíceis e pesados combates travados ali, no sul do Estado. Foi sepultado no Cemitério Municipal de Itapetininga.

Dados Biográficos – Nascera Osorio em Dois córregos a 15 de Agosto de 1904, filho do Sr. Christovam Vilhena e de D. Ordalia Franco Vilhena. Era comerciário, solteiro.

OROZIMBO BEZERRA DE LIMA

3° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Cabo de esquadra da 1° Companhia do 3° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Orozimbo Bezerra de Lima honrou as tradições gloriosas da milícia a que pertencia, lutando bravamente nas trincheiras do Setor Norte desde 16 de Julho. A 10 de Setembro, sua vida e sua carreira foram cortadas pelos tiros adversarios, que o prostraram, morto de repente. Foi sepultado nas proximidades da trincheira em que morrera.

Dados Biográficos – Alagoano de Pão de Açúcar, viera para São Paulo e se integrara com a sua gente compreendendo-a e amando-a. Por isso foi valente na defesa do ideal dos paulistas, ideal defendido em bem de todo o Brasil. Solteiro, militar por profissão, era filho do Sr. Francisco de Lima e de D. Maria Bezerra de Lima.

OSWALDO DE ARRUDA REIS

2° Regimento de Cavalaria Divisionária (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Estava Oswaldo de Arruda Reis fazendo o seu tempo de serviço militar quando se iniciou a Revolução Paulista.

A tropa a que pertencia, o 2° Regimento de Cavalaria Divisionária, com quartel em Pirassununga, imediatamente aderiu. E Oswaldo seguiu para o Setor Norte, onde foi dos primeiros sacrificados pela grande causa.

Morreu em Areias, vítima de estilhaços de granada, dia 30 de Julho, depois de apenas duas semanas de luta. Sepultado naquela cidade

do Norte, no ano seguinte, a 30 de Outubro, foi trasladado para Descalvado.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Ananias dos Reis e de D. Lydia de Arruda Reis, nascera em Descalvado a 21 de Abril de 1911. Era solteiro e só tinha um irmão, menor, de nome Carlos.

OSWALDO BOND

5º Regimento de Cavalaria Divisionária (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

A solidariedade de outros Estados do Brasil nos veio em 1932, manifestada por várias formas. Desde o apoio moral que nos animava e fazia-nos sentir que a causa era bem compreendida fora das fronteiras do Estado, ao apoio material, mas palpável e concreto e que se efetivava pelo roçar dos ombros amigos de soldados não paulistanos juntos na mesma trincheira, caídos lado a lado, no campo da luta, ou sofrendo as mesmas dores em camas pares dos hospitais de Sangue. Foi uma força a mais a nos alentar na cruzada a que nos propuséramos não apenas em nome de São Paulo, mas em nome do Brasil. Do Paraná, vieram-nos o apoio moral e o auxílio material. Antes de findar a primeira quinzena de Julho, o 1° Esquadrão do 5° Regimento de Cavalaria Divisionária, cuja sede é em Castro, entrava em São Paulo sob as palmas da população, e logo depois ia tomar conta de um sub setor difícil nas fraldas da Mantiqueira, Setor Norte de operações. Oswaldo Bond tinha o n° 223 do 1° pelotão dessa subunidade paranaense. E lutava valorosamente na posição que lhe fora confiada quando uma rajada de metralhadora o alcançou na altura do peito, varando-o de tiros e matando-o instantaneamente. Sepultado em Queluz, teve a sua tumba marcada com uma pequena cruz de madeira.

Dados Biográficos – Oswaldo Bond, filho do Sr. Ernesto Bond e de D. Maria das Dores Rocha Pombo Bond, era nascido em Curitiba, capital do estado do Paraná, a 14 de Fevereiro de 1912. Solteiro, empregado no comércio anteriormente à sua incorporação ao Exercito, deixou oito irmãos: D. Caliope Bond Motta, D. Ernestina Bond Cunha, D. Maria Clara Bond da Silva, D. Odette Bond Carneiro e os Srs. Aristoteles, Oscar e Levi Bond.

OSWALDO CORRÊA

6° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

Oswaldo Corrêa combateu durante toda a campanha e, terminada ela, voltou ao seu quartel. Vinha, porém, doente, estropiado. Um edema agudo do pulmão não lhe dava sossego. Recolhido ao Hospital Militar da Força Pública, apesar de muito bem tratado, veio a falecer a 4 de Dezembro do mesmo ano de 1932. Foi sepultado no Cemitério do Araçá. Pertencia ele à 4° Companhia do 6° Batalhão de Caçadores Paulista e era soldado.

Dados Biográficos – Nascido em São Paulo, Capital, no ano de 1910, era filho do Sr. João Corrêa e de D. Felicia Corrêa. Solteiro.

OSWALDO JOSÉ BARBOSA

Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Mais um bravo não paulista. Oswaldo José Barbosa foi dos que não nascidos neste estado, revelaram um amor profundo pela causa que defendíamos, a causa da reconstitucionalização do país. Incorporado em Presidente Wenceslau, seguiu para o Setor Sul de combate, comissionado no posto de 2º tenente do Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente. Em virtude de ferimentos produzidos por baioneta, morreu nas proximidades de Taquary, onde foi sepultado. Um detalhe interessante: seu sepultamento foi feito pelas tropas adversá-

rias que, em virtude do seu valor e do seu posto, prestaram-lhe as honras devidas aos autênticos heróis.

Dados Biográficos – Nasceu no dia 6 de Fevereiro de 1902, em Santo Antonio do Rio Bonito da Consevatoria, na comarca de Valença, Estado do Rio. Era filho do Sr. José Joaquim Barbosa e de D. Margarida Coelho Barbosa e irmãos de: Herminia Barbosa Sampaio, Domingos Soriano Barbosa, Agostinho Ignacio Barbosa, Etelvina Barbosa Moreira, Julia Barbosa Guimarães, Antonio, José Joaquim e Maria Barbosa. Era casado com a D. Maria Madalena Meneghetti e deixou uma filhinha, Maria Aparecida. Exercia a profissão de telegrafista.

OSWALDO SANTINI

3° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Mato Grosso

Destacado para uma patrulha de reconhecimento nas proximidades de Porto Taboado, o cabo Oswaldo Santini, do 3° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, que até dias antes fora chefe de uma Metralhadora Pesada da defesa antiaérea da Capital paulista, foi visado e morto por tropas adversárias munidas de armas automáticas, a 12 de Agosto. Sepultaram-no no próprio local onde caíra. Posteriormente, seu corpo foi trasladado para Rio Preto, onde se encontra.

Dados Biográficos – Nascido em Ubatuba, filho do Sr. Jorge Santini e de D. Evarista Garcia Santini, Oswaldo tinha 20 anos de idade e era solteiro. Deixou os seguintes irmãos: Jorge, casado com D. Dolores Santini; D. Lydia, viúva de Castoamor Simões; Carlos, casado com D. Aurora Santini; D. Maria, casada com Nicola Capece; José, Dinorah, Ercilio, Ivone, Decio e Ary Santini.

OTHONIEL MARQUES TEIXEIRA

8° Batalhão de Caçadores da Reserva. (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Certa missão especial fora confiada ao Sargento do 8° Batalhão de Caçadores da Reserva. Othoniel Marques Teixeira, aquém das trincheiras da frente de Pinheiros, no Setor Norte de operações. Cumpriu-se integralmente.

E, cumprida, voltava satisfeito para a sua trincheira para ali continuar a dar o seu esforço e a sua contribuição para a vitória.

No instante em que o alcançava um tiro de fuzil, atingindo-o na testa, cortou-lhe o passo e a vida.Era dia 23 de Agosto de 1932.

Dados Biográficos – Othoniel era nascido em Rio Claro a 12 de Abril de 1911, filho do Sr. Marciano Marques Teixeira e de D. Leonor Bizarro Teixeira. Contador, residente em sua cidade natal, onde foi por algum tempo jornalista, redator de *O Ribeirense*. Dele disse um amigo: - *Só os bravos e os bons é que devem morrer pela Pátria*.

PAULISTAS!

As gerações que fizeram, sentiram e viveram a epopeia grandíloqua de Julho de 1932, a nossa Revolução Constitucionalista, reafirmando, perante o Mundo, o valor de nossa capacidade de renúncia e de organização, não podem se esquivar do auxílio para a ereção do Mausoléu ao Soldado Paulista. Não é, apenas, homenagem o que deve ser considerado, irrefutavelmente, o mais profundo início de gratidão. Nem é só este sentimento, o incitador da presente campanha. Não se permita, às gerações vindouras, formar seu conhecimento da mais brilhante página da nossa história, somente pelo estudo dos nossos historiadores. Impõe-se que a lenda, acaso por eles transmitida, e o misticismo, acaso por elas cultivados sejam nutridos e vividos pela grandiosidade eloquente de nosso Monumen-

OTTO GOMES MARTINS

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Otto Gomes Martins foi dos primeiros a atender ao imperativo da chamada para servir a causa de São Paulo.
Sua incorporação se deu dia 10 de Julho. E dias depois, como soldado n° 332, da 3° Companhia do Batalhão Paes Leme seguiu para a frente sob o comando do inolvidável patriota que foi Fernão Salles. Também morreu no combate de Pouso Alegre, ao lado de muitos bravos, no dia 21 de Julho.
O Bispo dessa cidade, sabendo do choque entre as duas forças, dirigiu-se às trincheiras e, em acordo com a oficialidade adversária, levou os mortos para aquela localidade onde seus corpos foram velados na Catedral.

Dados Biográficos – Nasceu em Sertãozinho no dia 25 de Julho de 1911, filho do Sr. Horacilio Gomes Martins e de D. Alexandrina Gomes Martins. Deixou os seguintes irmãos: Oscar, Osma, Maury e Alexandrina Martins. Era solteiro e exercia, em São Paulo, a profissão de Guarda-livros na firma Azevedo Soares & Cia. Em sua terra natal foram prestadas significativas homenagens à sua memória.

to. Porque, então, compreendendo a razão que nos uniu e ergueu, e usufruindo a liberdade que lhe asseguramos, elas dirão: “Bendito seja o povo, heroico, triunfante, fiel continuador da obra bandeirante! Benditos sejam aqueles de que nós descendemos! Com sua fé ardente e seu exemplo digno, seremos sempre a gente que eles sempre foram! ” Haverá quem não atenda ao nosso apelo?

CASSIO DA COSTA VIDIGAL

PAULINO DUENHA

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

O Túnel ficará na memória da geração que fez a Revolução de 32 como um marco imperecível do valor da gente bandeirante. Posição Inexpugnável pela tremenda força e coragem dos homens que a defendiam, manteve-se até o fim da luta sem ceder um passo.
Foi o Túnel o grande sorvedouro de vidas de bravos milicianos da Força Pública, de heroicos voluntários, muitos dos quais meninos mal saídos para a vida, e de magníficos soldados do Exército. Foi no Túnel que morreu, também Paulino Duenha, voluntário do Batalhão Bahia, incorporado em 19 de Julho, promovido a sargento pouco depois, e tombado em 8 de Agosto, vítima de estilhaços de granada. Ferido no dia 28 de Julho, removido para o Hospital Militar da Força Paulista em São Paulo, não resistiu. Foi sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Espanhol de Granada, nascido em 2 de Junho de 1891, era filho do Sr. Affonso Duenha e da Sra. Maria Martins. Motorista por profissão, era casado e deixou os seguintes filhos: Paulino, Affonso, Francisco, Mario, Elvira, Oswaldo e Irene.

PAULO DE ARAUJO

6° Regimento de Infantaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Soldado do 1° Batalhão do 6° Regimento de Infantaria da 3ª Companhia, sob nº 140, que era comandado pelo major Aguinaldo Caiado de Castro, Paulo de Araujo entregou-se de corpo e alma à causa defendida por São Paulo, segundo uma carta que escreveu a seus pais, nos seguintes termos:

Canas 12 de Julho de 1932. Bondosos papai e mamãe. Saúde e felicidade que desejo a meus pais e irmãos, que eu vou indo com saúde graças a Deus. Papai, nosso batalhão foi o primeiro a aderir à Revolução Constitucionalista. Viemos para Cachoeira guarnecer as fronteiras de São Paulo. Estamos muito animados. Peço não pensar em mim. Si morrer, morro satisfeito em prol da Constituição e defendendo o brio dos paulistas. Só não está conosco a Aviação e a 1° Região Militar, más é provável estarem aderindo neste momento. Estamos de partida para as fronteiras. Os inimigos estão avançando. Papai, quem está aqui não pensa em morrer; tenho orgulho de vencer ou morrer, por uma causa tão justa, que o senhor nem faz ideia. De notícias a todos os meus tios, parentes e amigos, um abraço em cada um de meus irmãos. Lancem a benção no vosso filho amante. (a) Paulo de Araujo.

Morreu no dia 27 de Julho, em Queluz, Setor Norte, atingido no ventre por estilhaços de granada que lhe produziram morte instantânea. Foi sepultado nessa cidade.

Dados Biográficos – Nasceu em Colina, no dia 7 de Agosto de 1912, filho do Sr. João de Araujo. Era solteiro e proprietário agricola.

PAULO BIFANO ALVES

Batalhão 14 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Junto à primeira leva de voluntários que seguiram de São Paulo, no dia 14 de Julho, em demanda à Setor Sul de operações, partiu Paulo Bifano Alves, como soldado do Batalhão que tomou aquela data para seu nome que brilhou desde o início até o final da Revolução Constitucionalista. Lutou com a bravura que dele se esperava pela sua coragem e civismo, até que ferido por uma rajada de metralhadoras, no rio das Almas, no dia 18 de Setembro, no combate do Cerrado, perdeu a vida para, só assim, abandonar a luta.
Foi sepultado na própria trincheira, de onde, posteriormente, seus despojos foram transladados para o jazigo de sua família, no Cemitério da Consolação.

Dados Biográficos – Nasceu em São Paulo, no dia 7 de Julho de 1908, filho do Sr. Antonio Jacintho Alves e de D. Maria Francisca Bifano Alves. Deixou os seguintes irmãos: Antonio Sylvio, Mari, Maria do Carmo, Dulce e Leonor Bifano Alves. Solteiro. Era funcionario da Atlantic Refining of Brazil.

PAULO FERREIRA DE SÁ

10° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Paulo Ferreira de Sá, incorporou-se ao 6° Batalhão de Caçadores da Reserva, passando-se posteriormente para o 10° Batalhão de Caçadores da Reserva, onde se encontravam seu irmão Octavio Ferreira da Rosa e seu cunhado Rubens Moraes e seu amigo Dr. Zarobabel F. de Sá, que era médico

do batalhão. O denodo e civismo desse combatente foram logo postos à prova e saíram-se airosamente pela forma com que servia a causa que aceitara. Morreu em Taquaral, nas margens do Paranapanema no Setor Sul de operações, em consequência de ferimento produzido por tiro de fuzil, no dia 27 de Setembro. Está sepultado no Cemitério São Paulo, na quadra 39, sepultura 401.

Dados Biográficos – Nasceu em São Paulo e era filho do Sr. Jacintho Ferreira de Sá, falecido e que fora prefeito e fundador da cidade de Ourinhos e de D. Josephina da Silva de Sá. Deixou os seguintes irmãos: Silas, Olavo, Aracy e jacintho Ferreira de Sá Filho. Solteiro.

PAULO LIMOEIRO

2° Regimento de Cavalaria Divisionária (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Número 418 do 2° Esquadrão do 2° Regimento de Cavalaria Divisionária cuja sede é em Pirassununga, Paulo Limoeiro fazia o seu tempo de serviço militar desde 1º de Novembro do ano anterior. Logo que a Revolução se iniciou o 2° Regimento de Cavalaria Divisionária, seguiu para o Norte, onde tomou parte em todas as operações com galhardia e valor notável. Em Silveiras, foi o mesmo, um dos baluartes da defesa, em momentos críticos que por vezes se repetiam. Naquele setor, em 27 de Agosto, Paulo Limoeiro tombou, ferido por tiro de fuzil no olho direito. Hospitalizado, cuidado carinhosamente, trazido para ser operado em São Paulo, nada valeu. Dez dias depois, faleceu. Seu corpo foi levado para Pirassununga e sepultado no Cemitério local com todas as honras a que o bravo paulista fazia jus.

Dados Biográficos – Nascera Paulo Limoeiro em Descalvado,em 30 de Outubro de 1911, filho do Sr. Francisco Limoeiro e de D. Etelvina Limoeiro. Era solteiro e irmão de Maria, Euphrosina, Sebastiana, Benedita, Alberto e João Limoeiro. Antes de entrar para o Exército foi empregado municipal e operário da Fiação e Tecelagem Pirassununga.

PAULO PINTO DA SILVEIRA

4° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Como Anspeçada do 4° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Paulo Pinto da Silveira seguiu para o Setor Norte de operações no dia 12 de Julho. Feito prisioneiro no setor de Cunha, no dia 4 de Agosto, foi conduzido para Ilha Grande. Acometido, nesse local, pelo typho, foi transportado para o Hospital de Angra dos Reis, onde morreu dias depois. Foi sepultado nessa mesma cidade.

Dados Biográficos – Nascera na cidade de S. José do Rio Pardo, dia 7 de Setembro de 1897, filho do Sr. Napoleão José Faustino e de D. Altina Maria de Jesus. Deixou sete irmãos: Nicomedes, Francisco, Maria José, Constancia, Virginia, Nair e Argentina. Era casado com D. Concheta Cucurulli Pinto e deixou quatro filhos menores: Marina, Mario, Emilio e Victorio.

PAULO GONÇALVES DOS SANTOS

Civil conhecido pelo apelido de Paulo Virginio
Herói da Revolução Constitucionalista de 1932

Ao serem relembrados feitos, evocar episódios, traçar biografias, este livro cumpre o objetivo de, quanto possível, dar uma ideia exata do que foi a Revolução Constitucionalista de 32. Assim sendo nada mais justo do que inserir nesta página, *o nome de Paulo Virginio.*

Paulo Gonçalves dos Santos ou Paulo Virginio – contou, em discurso proferido no Club Piratininga, na noite de 20 de Agosto de 1935, o senhor Cesar Salgado – mal sabia ler. Era, porém, inteligente e de boa prosa. No seu apelido não havia nenhuma reminiscência de Bernardin de Saint-Pierre e sim do nome paterno de Virginio Gonçalves dos Santos. Em princípios de Julho de 1932, Cunha foi sacudida, na sua pacatez, por graves e inesperados acontecimentos. Mal se comentava ali as primeiras notícias da revolução paulista, quando tropas da ditadura irrompem pela cidade desguarnecida e atônita. Era uma coluna mista de fuzileiros navais e soldados do exército. Dado o alarme após o instante de surpresa, um grupo de moços reunidos às pressas e mal armados, num gesto de audácia e destemor, investe contra os invasores pondo-os em fuga precipitada. Rechaçados, os ditatoriais se entrincheiraram nas alturas vizinhas, até que na arrancada vitoriosa de 20 de Agosto, os batalhões paulistas lhes infringem definitiva e espetacular derrota. Foi nesse intervalo, que os invasores, à mingua de melhores feitos de armas, resolveram aprisionar pacíficos moradores do bairro do Taboão, a duas léguas e meia da cidade de Cunha. Dentre os prisioneiros estava Paulo Virginio. Ele caminhava para o martírio e para a gloria. la cumprir-se o seu destino heroico.

O drama que se inicia tem lances shakespearianos. E a figura daquele humilde caboclo paulista não enaltece apenas a sua terra, mas eleva e dignifica a própria humanidade.

A Paulo Virginio e seus companheiros de infortúnio, impuseram logo, contra todas as leis da guerra, os mais rudes trabalhos. Injuriados a cada passo, agredidos, esfomeados, forçavam-nos a abrir trincheiras, carregar pesados blocos de pedra e derrubar arvores e conduzir cargueiros através de léguas e léguas da serrania abrupta.

Por vezes quando algum deles dobrava o corpo exausto às fadigas da jornada, caiam os estribilhos pejorativos como farpas envenenadas de rancor:

- Paulista, bandido! Rebeldes miseráveis! Raça de estrangeiros! Exploradores do Brasil!

Paulo Virginio nunca deixava sem replica os aleives. E cada chorrilho de insultos repetia sempre:

- São Paulo vence!

A sua altivez e obstinação acirravam ainda mais a animosidade dos inimigos. Certo dia, ele foi conduzido à presença do comandante da força ditatorial, o tenente Ayrton Teixeira Ribeiro, que o interrogou:

- Sei que você é quem melhor conhece o terreno por aqui, as estradas, os caminhos, os atalhos. Escute, Paulo Virginio: vou lhe fazer uma proposta de amigo: Se você nos apontar a posição das forças paulistas, terá a liberdade.

O caboclo ao ouvir essas palavras, fechou os olhos e tremeu num instante de vertigem. De súbito afloram-lhe a lembrança as figuras bem-amadas da mulher e dos filhos. Que seria feito deles? Estariam vivos? Sofreriam fome? E o seu rancho? E a sua roça? E o seu tordilho?

E Paulo julgou distinguir braços súplices que lhe acenavam de longe e vozes queridas a lhe pedir socorro.

A liberdade seria o fim daquele inferno de sobressaltos, de torturas e de ignominias. Uma palavra sua apenas, e tudo estaria acabado...

Súbito a sua feição se transfigurou. Havia no seu olhar o reflexo magnético de uma grande força interior que o subjugava. Ele ia jogar o seu destino num monossílabo.

E, encarando de frente o oficial, respondeu com voz firme e indignada:

- NÃO!

O tenente olhou surpreso para o caboclo inerme e debilitado, que o afrontava com o desassombro daquela negativa heroica.

- Ah, você não quer, não é? Pois havemos de conversar logo mais. Sargento, tome conta desse homem.

O sargento, Juvenal Bezerra Monteiro, avança ao encontro de Paulo Virginio e o empurra aos trancos e safanões até o recesso de um pequeno bosque. Arrancam-lhe a camisa, atam-lhe as mãos as costas e o suplico dantesco se inicia.

- Então, seu paulista salafrario, você não quer dizer onde estão os rebeldes? Pois vai ver como se faz um homem falar. Tome lá, miserável!

E a chibata estalou no dorso do prisioneiro entre o riso e a chacota dos algozes que se revezavam no manejo do aviltante instrumento.

Nos lábios de Paulo Virginio, nem um gemido, nem uma queixa, nem uma imprecação. A cada golpe, incoercíveis ritos de dor vingava-lhe o semblante. Nos seus olhos uma chama de ódio e de desprezo, ante a miséria moral dos bárbaros que o torturavam. Já agora, as forças lhe fugiam. Vergavam-se lhe as pernas. E ele caída de borco, empapado de suor e de sangue.

Arrastam-no até junto de uma árvore: dão-lhe pontaços como estimulante para chama-lo a vida. Paulo Virginio ergue-se trôpego, o dorso zebrado de listões escarlates.

- Fala, bandido!

O caboclo paulista, acuado pela matilha feroz, recostou-se ao tronco, aprumou a cabeça em assomo titânico de desafio e exclamou:

- São Paulo vence!

A impávida insolência daquele matuto indefeso e martirizado arrancava explosões vituperantes de rancor da boca dos seus verdugos. Na embriagues sanguinária que os alucinava, eles se sentiam desacatados entre as suas baionetas, os seus fuzis e as suas metralhadoras pela energia indomável de um pobre diabo, que sozinho lhe afrontava as iras, as ameaças e os tormentos. Era demais. Aquilo já parecia ofensa aos seus brios... O paulista havia de pedir misericórdia mesmo que fosse a poder de água fervente.

- Toma lá, caboclo dos diabos.

E atiram-lhe ao peito e ás costas, baldes de água em ebulição, que até levantava fumaça, no linguajar expressivo de uma testemunha do nefando atentado. Depois de uma ducha bem fria – era manhã geada – na bica do monjolo.

Paulo Virginio assemelhava-se a um farrapo humano. No corpo lanhado e requeimado a epiderme empolava-se em borbulhas sanguinolentas. As pernas trôpegas, mal se arrastavam no caminho pedregoso. Só os olhos não haviam perdido o estranho fulgor que os animava.

Foi assim que o reconduziram à presença do tenente Ayrton.

- Então, está disposto a falar? Vamos, onde estão os paulistas?

Paulo Virginio num apelo supremo às suas derradeiras energias, avançou para o oficial e gritou-lhe face a face:

- Não digo! São Paulo vence!

- Ah, não diz? Está abusando da minha paciência? Pois você vai morrer. Sargento, fuzile esse homem.

Foi junto a ponte da estrada do Divino Mestre que se consumou o cruel exício. Ali, lhe entregam a enxada para cavar a própria sepultura. Era no dia 28 de Julho de 1932, pela manhã, entre seis a sete horas.

Cada vez que a lamina de ferro acionada pelas mãos débeis do condenado caia sobre o solo, parecia exalar-se doloroso gemido do ventre maternal da terra, que se abria para receber o filho, herói e mártir sacrificado por ela, em holocausto supremo.

Que custo para se profundar a cova! Se o chão ouvisse a suplica de Paulo Virginio, ele se fenderia logo para abreviar-lhe o cruciante martírio.

- Vamos acabar com isso. Ande! Parece que está com medo de morrer, paulista amaldiçoado!

Paulo Virginio deixou cair a enxada e voltando-se para a escolta exclamou em derradeira e patética afirmação de heroísmo, de fé e de lealdade à sua terra:

- Morro, mas a minha morte será vingada. São Paulo vence!

Uma rajada de metralhadora. A queda de um corpo. E a tragédia estava consumada...

O humilde caboclo do bairro do Taboão tombava com dezoito tiros pelas costas.

- Eita sujeito renitente. Até depois de morto ainda está de cabeça erguida...

E ouviram-se pancadas surdas de coronha de fuzil no crânio da vítima...

A escolta marchava em silêncio, a largos passos, como se fugisse de um fantasma ou de uma maldição. Eram os sargentos Juvenal Bezerra Monteiro, Roque Eugenio de Oliveira, Ascendino Paiva e o fuzileiro naval Raymundo Jeronymo. Guardemos-lhes os nomes...

No casebre rustico do bairro do Taboão, tempos depois, uma pobre viúva, cercada de três pequenos órfãos, recusou, na sua extrema penúria, o dinheiro que a ditadura mandava lhe oferecer.

Paulo Virginio, mártir da nossa fé, nós compreendemos a grandeza do teu sacrifício. És o símbolo heroico da raça. Caíste para te levantar na imortalidade.

Descansa, bravo lidador. Um dia serás vingado! Aquele estribilho profético, que repetias diante da dor e da morte, há de se concretizar amanhã, na arrancada triunfal de um povo em marcha para altos destinos. E ergueremos, então, a tua imagem sobre os escudos, para guiar os nossos passos e estimular a nossa virtude.

Descansa, Paulo Virginio. Viverás, eternamente, na lembrança e no culto de um povo, porque enquanto houver um coração paulista, viverás!

PEDRO ALBA

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

A cidade de Santos, tal como todos os municípios de São Paulo, integrou-se, desde o primeiro instante, à causa defendida pelo Estado a que pertence. Do litoral partiram para as diversas frentes de combate dezenas de voluntários. Entre eles o soldado Pedro Alba que lutou, até o sacrifício da própria vida, em prol dos ideais que empolgavam todo o povo e tinham franca guarida em sua alma de patriota.

PEDRO ANTONIO CONCEIÇÃO

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista do Setor Leste

O soldado Pedro Antonio Conceição, incorporou-se em um dos batalhões da Força Pública, no período revolucionário, na cidade de Campinas. Serviu, com denodo, naquele mesmo setor, tomando parte em diversos e sangrentos combates. Morreu, lutando, nas proximidades daquela cidade, no dia 12 de Setembro, sendo sepultado em um dos Cemitérios locais. Seus restos, mais tarde, foram trasladados para o Mausoléu que Campinas mandou erigir em homenagem aos seus valentes filhos.

PEDRO BARBOSA

9° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Logo depois de deflagrada a Revolução Constitucionalista, Pedro Barbosa, cabo da 1° Companhia do 9° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, embarcara para o Setor Sul com a sua unidade, tomando posição junto à fronteira do Paraná. Lutou sem temor, mas por poucos dias. Em 9 de Agosto, um tiro de fuzil adversário alcançou-o ferindo-o gravemente na espinha. Transportado para o Hospital militar de

São Paulo no dia 19 de Agosto, faleceu no dia 28 de Setembro em virtude dos ferimentos.

Dados Biográficos – Foram seus pais o Sr. Francisco de Oliveira e D. Antonia Cardoso de Oliveira. Nascera em Paraibuna no ano de 1906 e era solteiro. Entrara para a Força Publica no ano de 1925, tendo sido sempre um bom e disciplinado soldado.

PEDRO BARBOSA DA SILVA

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista

Pedro Barbosa da Silva pertencia ao 7° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública e foi como um dos bravos dessa milícia que, em várias frentes de combate, com real denodo, serviu à causa constitucionalista. Tendo no peito, a inflamável, a mesma chama que brilhou no coração de todo o povo paulista, tudo que fez pela vitória das cores que defendia. Deus sua mocidade, sua bravura e por fim a própria vida. Seu exemplo, no entanto, há de ficar e seu nome brilhará, para todo o sempre, nas páginas deste livro, que não foi feito senão para perpetuar os heróis da guerra de São Paulo de 32.

PEDRO BRIANTE DA SILVA

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Na 3° Companhia, do 2° Batalhão de Caçadores Paulista, o cabo Pedro Briante da Silva foi sempre um bom soldado, disciplinado e dedicado. Audaz, corajoso, foi dos primeiros sacrificados na gloriosa defesa do Túnel invicto. Combateu vinte e quatro horas. Tomou posição em 16 de Julho. No dia 17, estilhaços de granada exigiram-lhe o tributo de sua vida moça. Foi sepultado no Cemitério de Cruzeiro.

Dados Biográficos – Bahiano de São Salvador, tinha 32 anos de idade e era filho do Sr. Francisco Briante da Silva e

de D. Maria Rosa da Conceição. Era solteiro e militar da Força desde 1929.

PEDRO CUNHA

6° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista

São muito deficientes os dados biográficos colhidos sobre Pedro Cunha. Sabe-se, no entanto, que foi um valente e, como todos, disciplinado soldado do 6° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública de São Paulo. Durante a Revolução movimentou-se através de vários setores. Serviu com o Maior civismo à causa defendida por São Paulo até que, ferido por tiro de fuzil, tombou morto em holocausto ao Ideal que empolgou, de maneira viva, todo o povo bandeirante.

PEDRO MARCIANO DE ALCANTARA

1° Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Pedro Marciano de Alcantara apresentara-se para a campanha ao Quartel General da Força Pública, sendo mandado incorporar ao 1° Batalhão de Caçadores Paulista auxiliar, 3° Companhia. Com ele partiu para o Setor Norte, combatendo desde o dia em que tomou posição. A 23 de Agosto, no Hospital de Sangue de Cruzeiro, onde fora recolhido com um tiro de fuzil no ventre, faleceu. Foi sepultado no Cemitério local. Pedro Marciano tinha 32 anos de idade.

PEDRO MEDEIROS

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Com a Companhia de Metralhadoras Pesadas do 7° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Pedro Medeiros partiu para a frente de combate dois dias depois de declarada

a Revolução Constitucionalista. Pouco mais tarde, a 21 do mesmo mês de Julho, entre Imbuia e Pouso Alegre, Medeiros tombou, com a vista esquerda varada por um tiro de fuzil, que o matou instantaneamente. Pelo seu valor, foi promovido a terceiro sargento, *post-mortem*.

Dados Biográficos – Natural de Lorena, onde nascera no ano de 1906, Pedro Medeiros era filho do Sr. Eugenio Augusto Carneiro e de D. Maria José. Era casado. Na Força Pública, deixou uma fé de oficio das mais brilhantes e elogiosas.

PEDRO MEIRA

8° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Na Companhia de Emergência do 8° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Pedro Meira, cabo de esquadra, partiu para o setor Sul no dia 15 de Julho. Um mês depois, morria valentemente no bairro do Capinzal, próximo a Guapiara, município de Capão Bonito, vítima de graves ferimentos. Está sepultado no Cemitério de Guapiara.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Salvador Joaquim Meira e de D. Gertrudes Maria da Conceição, nascera em Angatuba no ano de 1902. Era casado.

PEDRO PEREIRA

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Não se conseguiu saber ao certo a que batalhão pertencera Pedro Pereira, que se demonstrou, na guerra, um digno combatente da causa de São Paulo. Sabe-se apenas que atuava no Setor Sul de operações quando foi ferido mortalmente. Transportado para o Hospital de Itapetininga, ali faleceu no dia 17 de Setembro, sendo sepultado nessa mesma cidade. Pedro Pereira nascera em Pereiras, no ano de 1908 e era filho do Sr. João de Almeida.

PEDRO RODRIGUES

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sargento que era da 4° Companhia do 2° Batalhão de Caçadores Paulista, Pedro Rodrigues partiu no dia 10 de Julho para o Setor Norte, tomando desde logo posição no Tunel, fronteira de Minas, onde os combates assumiram, por vezes, proporções gigantescas. Ali tombou Rodrigues no dia 3 de Agosto, atingido por tiro de fuzil na cabeça. Recolhido a Cruzeiro, foi sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Natural de Mogi Guaçu, onde nascera no ano de 1902, filho do Sr. Francisco Rodrigues e de D. Ana Machado, era militar da Força Pública desde o ano de 1924. Tomara parte na campanha revolucionaria de 1930. Era casado.

PEDRO ROSA

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista

O 7° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública contou entre seus bravos soldados a Pedro Rosa. Destacado para vários setores, com o denodo próprio do combatente constitucionalista, trabalhou com todas as suas forças e toda sua inteligência, pela vitória da causa abraçada por São Paulo. Um tiro de fuzil, no entanto, em meio de sangrento combate em que se empenhara, cortou sua carreira e tirou-lhe a vida. Hoje, no entanto, nesta página de saudade, inscreve-se seu nome como um exemplo à geração presente e um estimulo aos filhos do Brasil de amanhã.

PEDRO DE SOUZA RAMOS

6° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Pedro de Souza Ramos, soldado do 1° Batalhão do 6° Regimento de Infantaria, da 1° Companhia, partiu para a linha de frente, ao alvorecer da Revolução Constitucionalista, ou seja, no dia 10 de Julho, sob o comando do coronel Andrade. Seu concurso à guerra de São Paulo foi breve. Sua bravura foi posta à prova durante poucos dias, os bastantes, porém, para que ficasse gravada, no espirito de todos seus companheiros e comandantes, como um exemplo a seguir. Morreu no dia 15 de Julho, em São José dos Barreiros, atingido no peito por uma rajada de metralhadora. Foi sepultado nessa mesma cidade e, posteriormente, trasladado para Jacareí, sua terra natal, por iniciativa da Federação dos Voluntários de São Paulo, núcleo local.

Dados Biográficos – Nasceu, como dissemos, em Jacareí, no ano de 1913, filho do Sr. Benedicto Antonio de Souza Ramos e de D. Benedicta Maria da Conceição. Era irmão de Vitalina, Ramira, Alcides, Cecilia, Manoel, Jacyra e Geny de Souza Ramos. Solteiro.

PEDRO THOME DE FREITAS

3° Companhia do Corpo de Bombeiros (Corpo de Bombeiros)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Pedro Thomé de Freitas, pertencia à 3° Companhia do Corpo de Bombeiros e tinha o n° 218. Partiu para o Setor Norte na aurora da Revolução, tendo tomado parte em todos os iniciais

combates. Foi ferido em circunstancias singulares: observando que dois dos seus companheiros haviam sido aprisionados quis auxiliá-los, recebendo nessa ocasião, o ferimento que o vitimou, 17 dias depois, isto é, no dia 17 de Agosto, em um dos hospitais de São Paulo. Pouco depois de ferido, Pedro Thomé de Freitas, pronunciou as seguintes palavras:- *Sei que morro, mas tenho a impressão de que cumpri o meu dever*.

Dados Biográficos – Nasceu em Areias, no dia 6 de Outubro de 1906, filho do Sr. Frederico Thomé de Freitas e de D. Maria José. Era solteiro, noivo de uma senhorita residente em Areias e irmão de D. Magdalena Thomé de Freitas.

PEDRO VIVIANI

10° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incluído ao 10° Batalhão de Caçadores da Reserva a 16 de Agosto, Pedro Viviani seguiu logo para o setor Sul, tomando posição no Setor do Taquaral, próximo a Capão Bonito. Ali combateu valentemente até dia 21 de Setembro, data em que, alcançado por uma rajada de metralhadora, teve morte rápida, que interrompeu a ligação que ele realizava, de uma trincheira a outra, em frente batida e visada pelo adversário. Foi sepultado no Cemitério de Taquaral Abaixo.

Dados Biográficos – Pedro Viviani era paulistano, nascido a 30 de Junho de 1909, filho do Sr. Sabbatino Viviani e de D. Elvira Viviani, e irmão de: Luiz, Antonio, Carmo, José e Magdalena Viviani. Durante a campanha portou-se como um bravo, tendo sido um dos mais eficientes soldados no ataque à Fazendinha, no setor Sul, a 5 de Setembro.

PERSIO DE SOUZA QUEIROZ FILHO

Batalhão Tiro Naval (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado em Santos, na 1° Companhia do Tiro Naval, Persio de Souza Queiroz Filho seguiu, com seu batalhão, para o Setor Norte, onde tomou parte, como soldado de ligação, nas várias operações que ali se executaram. Em meio de seus serviços, foi ferido, gravemente, pelos estilhaços de uma granada de avião. Seus companheiros transportaram-no imediatamente para o Hospital de Guaratinguetá. Deste, passou-se para o de Pindamonhangaba, onde, a 16 de Setembro, faleceu. Seu corpo foi, a seguir, trazido para São Paulo e sepultado no Cemitério da Consolação, onde se acha. Ao bravo voluntário constitucionalista foram prestadas, então, homenagens póstumas de grande significação, que bem demonstraram o carinho de que se fizera merecedor e o número de relações de amizade que o cercavam.

Dados Biográficos – Nasceu em São Paulo, no dia 21 de Outubro de 1906, filho do Sr. Persio de Souza Queiroz e de D. Maria Luiza Amaral de Souza Queiroz. Era solteiro. Agricultor.

PIRES (CABO PIRES)

12° Regimento de Infantaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

O cabo Pires foi um dos bravos combatentes do 12° Regimento de Infantaria, que se passou para o Exército Constitucionalista. O setor que lhe foi designado, juntamente com o batalhão a que pertencia no Setor Norte, foi, ultimamente o da Cachoeira. Lá, também, viu sua carreira cortada quando, em meio do combate, honrando as tradições gloriosas do seu Regimento, tombou morto sob os tiros adversários, no dia 9 de Agosto. Foi sepultado nessa mesma cidade.

PLACIDO BARBOSA

Integrante de Unidade do Corpo de Bombeiros
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Foi no dia 28 de Julho que o cabo Placido Barbosa, do Corpo de Bombeiros, embarcou para o Setor Norte, com o ânimo alevantado para combater, nas fronteiras de São Paulo, um fogo diferente, daquele contra o qual ele lutava, quase todo o dia, na Capital. Lá não havia o assovio das sirenes. Substituía-o o silvo das granadas. Combatendo com primor, Placido provou ser um valente. No dia 7 de Setembro no Hospital de Sangue de Cruzeiro, pagou ele o seu tributo de amor à causa pela qual se batera. Morreu nesse dia, em consequência de graves ferimentos recebidos em combate. Foi sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Nascido em Bragança, no ano de 1914, era filho do Sr. Cesar Barbosa e da Sra. Julia Maria da Conceição. Solteiro, deixou na corporação a que pertencia muitas amizades.

Unidos mais uma vez, Paulistas: como um só bloco do nosso granito para a grandeza de São Paulo. Para perpetuar efeitos gloriosos da nossa raça. Centro da nossa coesão, e Marco eterno a gerações vindouras Bandeirantes. A Federação dos Voluntários de São Paulo, convidar todos os paulistas, eu acho que comungaram conosco na jornada gloriosa de 23 de Maio e 9 de Julho de 1932, a vir trazer o vosso óbolo, para pagar o tributo que devemos aos nossos mortos incomparáveis que Tudo Fizeram por São Paulo. Eles se sacrificaram, derramando seu sangue, pela grandeza da causa de nossa gente, com a convicção e compreensão dos deveres máximos. Agora, a nós resta – nos pagar esse sacrifício perpetuando no bronze e no granito, a nossa gratidão eterna, por tantos feitos valorosos e heroicos. Unidos todos, vinde depositar vinde depositar o vosso donativo para o mausoléu e o monumento, a ser erigido nesta Capital, aos Paulistas dignos de 32, dignos de nossa admiração!

MANOEL OCTAVIANO MARCONDES DE SOUZA

PLINIO ZACCHI

10° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado em São Paulo no dia 16 de Julho, seguiu para o Setor Sulde operações junto ao 10° Batalhão de Caçadores da Reserva (Coluna Adato de Mello) no dia 18 de Agosto.
Ferido gravemente em campanha foi transportado para o Hospital Imaculada Conceição, em Itapetininga, onde faleceu no dia 29 de Setembro.
Foi sepultado em São Paulo, no Cemitério do Araçá. O féretro saia da residência de sua noiva, a Srta. Maria de Lourdes L. Marques.

Dados Biográficos – Nasceu em Casa Branca, no dia 26 de Setembro de 1909, filho do Sr. João Zacchi e de D. Adelina M. Zacchi, ambos falecidos. Era irmão de Elysio Zacchi. Empregado no comércio.

PAULISTAS!

São Paulo hospitaleiro e cosmopolita, tem atraído para seu seio, filhos do Norte, do Sul e do estrangeiro, que se unem aqui aos que tiveram a ventura de nascer nesta terra prodigiosa e se tornam, tanto quanto estes, paulistas de coração, sinceros e entusiastas. São Paulo se ergue em 32, para exigir dos governos de então, a volta do Brasil ao regime da Lei. Não houve um só paulista, de nascimento ou de coração, que não disputasse a gloria de oferecer-lhe voluntariamente, o seu ouro e o seu sangue. São Paulo, quer, agora perpetuar no mármore o heroísmo dos que por ele tombaram em combate, demonstrando, assim, sua profunda gratidão. Paulistas de nascimento! Paulistas de coração! São Paulo vos chama novamente. São Paulo pede a vossa cooperação para erigir o Monumento ao Soldado Constitucionalista. E São Paulo confia na vossa generosidade, a mesma generosidade que realizou a tão sublime “Campanha do Ouro”.

HORACIO DE MELLO

PRUDENTE MEIRELLES DE MORAES

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Muitos serviços prestou o engenheiro Prudente Meirelles de Moraes ao Exército Constitucionalista, muito embora não tenha tomado parte na Revolução como soldado de trincheira. Foi ele um dos elementos mais ativos da engenharia revolucionária, tendo estado em quase todos os setores, desde os primeiros momentos da luta. Faleceu, vítima de um desastre de automóvel quando em serviço entre Jacareí e São José dos Campos. Seu corpo foi transportado para a Capital e sepultado no Cemitério da Consolação.

Dados Biográficos – Filho do Doutor Antonio Prudente de Moraes e de Dona Maria Meirelles de Moraes, nascera em Piracicaba a 15 de Julho de 1904. Casado com D. Maria Duarte de Moraes, deixou um filho a que dera o nome de João Prudente. Era irmão de: Dr. Antonio Prudente Meirelles de Moraes, D. Adelaide Meirelles de Moraes Paula Souza, casada com o Dr. R. Paula Souza, e de D. Rosina Anna Maria e Maria Julia Meirelles de Moraes. Muito estudioso e esforçado, Prudente Meirelles de Moraes fez parte, ainda estudante de engenharia, da comissão de estudos da retificação do Tietê, em 1924. Trabalhou, também, nas obras novas da E.F. Sorocabana, em Avaré. Depois de formado, esteve a serviço da Companhia Mecânica e Importadora na tarefa de calçamento das ruas do Triângulo, da Capital, entrando, a seguir, para a Sociedade Técnica e Comercial, posto em que a Revolução o surpreendeu.

QUIRINO CARDOSO

3° Batalhão de Caçadores Voluntários (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Sob o comando do coronel Sylvio Sampaio e como soldado do 3° Batalhão de Caçadores Voluntários, Quirino Cardoso seguiu para o Setor Sulde operações logo depois de iniciada a Revolução Constitucionalista. Combateu com denodo. Idealista como todos quantos compunham as tropas de São Paulo, tomou parte em várias ações perigosas, tendo demonstrado sempre um animo forte. Morreu no dia 10 de Setembro, no mesmo combate em que tombaram o sargento Josino Vieira de Goes e o soldado Mario Dallari, de respeitosa memória.

PAULISTAS!

Cantando e glorificando pela voz cândida da criança; chorando e amado pela voz vibrante do coração das Mães; versejado e exaltado pela musa dos poetas, vivem ainda o valor do heroísmo do soldado Paulista de 32. Lídimas manifestações de um sentimento unânime, o amor de São Paulo pelos heróis vai levantar lhes, agora, um monumento é um mausoléu que imortalizem o glorificante holocausto da sua mais pujante mocidade. Amor, que, gravada na imortalidade da pedra, servirá de exemplo de conforto para os pósteros. Esse Monumento e esse mausoléu que vamos erigir terão na quietude fria do mármore, ouvidos para ouvir e cantar sibilante dos ventos, dizendo o poema de amor e de gratidão, perpetuando hosanas a glória do Paulista o que você fez herói, que se tornou um mártir de Honra e da tradição de sua Terra! Mães! Que colados trêmulos e com coração ardente, cobristes lágrimas a farda caqui de vossos filhos, farda que se fingiu de sangue, sangue do anônimo de todos os heróis, daí nós o Vosso altar e a vossa contribuição! Paulistas! Soldados de homem, Trabalhadores de hoje, trazemos o vosso aplauso e a vossa colaboração. É uma dívida de honra que vamos pagar! Não nos esquivemos dela, como paulistas que somos!

MIGUEL ARRUDA JÚNIOR

RAUL EUSTACHIO DOS SANTOS

1° Esquadrão do Regimento de Cavalaria (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

A 15 de Julho, Raul Eustachio dos Santos, soldado do 1° Esquadrão do Regimento de Cavalaria da Força Pública, partiu para o setor Norte. Lutou com denodo até 31 de Agosto, quando foi gravemente ferido e recolhido ao Hospital de Sangue de Cruzeiro, onde faleceu no mesmo dia. Foi sepultado no Cemitério local, sepultura 282.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Manoel Eustachio dos Santos e da Sra. Antonia Lucia da Conceição, nascera Raul em São Paulo, Capital, dia 24 de Fevereiro de 1908. Solteiro, houvera sido, antes de entrar para a Força Pública, encanador.

RAUL MAÇONE

Batalhão Francisco Glycerio (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Incorporado em Tayassú, onde residia, gozando de ótimo conceito, Raul Maçone foi designado, no dia 19 de Julho, para servir no Batalhão Francisco Glycerio Coluna Romão Gomes e, dois dias depois, partiu para o Setor Leste de operações, sob o comando do capitão Antonio de Menezes Moura. Depois de tomar parte em combates sangrentos foi ferido, gravemente, no dia 20 de Setembro. Transportado para o Hospital de Sangue de Campinas, não pode resistir a seus ferimentos, morrendo no dia seguinte. Estilhaços de granada haviam esfacelado o seu fígado.

Dados Biográficos – Nasceu em São Paulo no ano de 1911, filho do Sr. Domingos Maçone. Órfão de pai e mãe, quando tinha dez anos, Raul Maçone foi adotado pela família Tarzia, que o educou e lhe deu uma profissão.

RAUL RAIMO

2° Batalhão Mobilização Esportiva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Raul Raimo incorporou-se em São Paulo, na denominada Mobilização Esportiva. Classificado para o 2° Batalhão, foi designado para a sua 1° Companhia, sob n° 70. Foi um bravo. Sua atuação foi destacada. Depois de tomar parte em vários combates, foi ferido mortalmente, por tiro de fuzil, nas proximidades de Vila Queimada. Morreu quando era conduzido para o Hospital de Sangue de Cruzeiro.

Dados Biográficos – Nasceu em São Paulo, filho do Sr. Francisco Raimo e da Sra. Marietta Gioso Raimo. Deixou os seguintes irmãos: Nicolino Raimo do Corpo de Saúde do Exército Paulista, Sra. Raphaela Raimo, casada com o Sr. Francisco Ramos Pedroso; João Baptista Raimo; Senhoritas Annunciadina e Maria Antonieta Raimo, ambas da Cruz Vermelha; e Henrique, Leopoldo e Oswaldo Dyonisio, soldados do Exército Constitucionalista.

RAUL DOS SANTOS MACHADO

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

No segundo dia da Revolução Constitucionalista Raul dos Santos Machado incorporou-se em São Paulo, ao exército que se formava, sendo designado para integrar o Batalhão Paes Leme, sob o comando do capitão Pietcher. Ferido em Pouso Alegre foi internado num dos hospitais de sangue que se montou, então, por várias cidades paulistas. Não se conformando com sua situação e não contendo seu ânimo a lembrança de que seus companheiros combatiam, fugiu do hospital voltando às linhas de frente. Morreu em Cruzeiro para onde havia sido conduzido, em virtude de graves ferimentos que recebera em um sangrento combate de que participara em Villa Queimada. Sua morte ocorreu no mesmo dia desse combate, a 1º de Setembro. Foi sepultado em Cruzeiro, na sepultura n° 283, no Cemitério local. Raul dos Santos Machado era filho do Sr. Pedro Pereira Machado e de D. Carlota dos Santos Machado. Solteiro.

RAYMUNDO TESTA

Companhia de Bombardas (Guarda Civil)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Destacado para a Companhia de Bombardas, o guarda civil de 1° classe Raymundo Testa, n° 135 daquela Corporação, operou no setor leste, no lugar chamado Alto de Carlos Gomes, apenas durante vinte e quatro horas – que foram bastantes para tirar-lhe a vida, ferido que foi por tiro de fuzil que o matou instantaneamente. Ali mesmo foi sepultado, naquela tarde de 22 de Setembro.

Dados Biográficos – Nascido em São Paulo, Capital, a 23 de Julho de 1907, era filho do Sr. Carmine Testa e de D. Maria Barros Testa e irmão de Albina, João, Victorio, Henrique, Nelo, Arieno e Alberto Testa. Solteiro, exercia sua atividade na Guarda Civil de São Paulo.

RENÉ CARNEIRO FERNANDES

Batalhão Marcondes Salgado (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Fazendo uma patrulha de reconhecimento, missão perigosa e de confiança, René Carneiro Fernandes, voluntário do Batalhão Marcondes Salgado, foi gravemente ferido em ressaca, próximo a Campinas, em cujo Hospital de Sangue veio a falecer a 12 de Setembro. Foi sepultado no Cemitério local.

Dados Biográficos – Filho do Sr. José Ignacio Fernandes e de D. Dallila Carneiro Fernandes, nasceu em Machado, Minas Gerais, a 2 de Junho de 1904. Deixou os filhos René e Roberto. Era irmão de Ary Carneiro Fernandes, este também falecido valorosamente em combate no Setor Sul, integrante que foi do batalhão 14 de Julho.

REYNALDO CAJADO DE OLIVEIRA

Batalhão Caçadores de Piratininga (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

No Batalhão Caçadores de Piratininga quase todos eram destemidos e fortes, como dignos soltados do Exército Constitucionalista que era feito de almas. Entre os bravos que o compunham contava-se Reynaldo Cajado de Oliveira, da seção de metralhadoras, que conseguira a admiração e a amizade de todos os seus companheiros de armas. Tendo lutado até o fim da campanha, morreu no dia 14 de Outubro, no Hospital de Pindamonhangaba, de uma maneira estúpida. Terminada a guerra, Reynaldo, de passagem por Pindamonhangaba, procurou o Parque Hotel onde pretendia se hospedar. Ignorando ter sido o mesmo transformado em alojamento do Exército

adversário entrava na referida casa de hospedes, despreocupadamente, quando foi admoestado grosseiramente, a que revidou com energia. Foi o bastante. Vários militares o agrediram, tendo sido alvejado, em meio a luta pelo 1° tenente José Tavares Romero. Recolhido ao hospital, faleceu no dia 14 de Outubro, isto é, seis dias depois. (O 1° tenente Tavares Romero respondeu a júri, sendo absolvido sob a dirimente da legitima defesa).

Dados Biográficos – Nasceu em São Paulo no dia 4 de Fevereiro de 1899, filho do Sr. José Augusto de Oliveira e de D. Adalgisa Cajado de Oliveira. Era irmão do heroico voluntário paulista Ary Cajado de Oliveira, que morreu lutando em Queluz; de D. Aurea, casada com o Sr. Sylvio Cajado de Oliveira; de Horacio Cajado de Oliveira, casado com D. Odilia Junqueira de Oliveira, de D. Sylvia, casada com o Sr. José Raposo Junior e da Srta. Hilda Cajado de Oliveira. Foi engenheiro civil. Em 1922 foi comissionado para trabalhar nas obras contra a seca do Ceará. Trabalhou no serviço de proteção aos índios em Goiás e tomou parte ativa nos trabalhos de sondagem de petróleo. Era solteiro e noivo da senhorita Apparecida Moraes Levy.

ROBERTO FERNANDES

3° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Cabo da 1° Companhia do 3° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Roberto Fernandes partiu com a sua unidade a 12 de Julho para o Setor Leste, em que operou. A 27 de Agosto, quando em operação na usina de Espírito Santo do Pinhal, tombou valentemente, sendo ali mesmo sepultado.

Dados Biográficos – Nascido em Botucatú, contava ao morrer 18 anos de idade e era solteiro. Eram seus pais o Sr. Nicolau Fernandes e a Sra. Amelia Fernandes.

RODOLPHO LAGO

6° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Soldado da Força Pública, veterano da Revolução de 1930, Rodolpho Lago era o 176, da 2° Companhia, do 6° Batalhão de Caçadores Paulista. Partiu para a frente no início das operações de guerra. Lutou com valor, até que o destino cortou sua carreira no dia 16 ou 18 de Agosto, em Buri, quando defendia, combatendo rudemente, as cores de São Paulo. Presume-se que o seu sepultamento deu-se naquela cidade e foi feito pelas tropas adversárias.

Dados Biográficos – Nasceu na Capital do Estado de São Paulo, no dia 18 de Fevereiro de1912, filho do senhor José Lago e de D. Dolores Martins. Solteiro.

RODOLPHO PEREIRA LIMA

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Mereceria, talvez, um capítulo especial neste livro o sexagenário Rodolpho Pereira Lima se este livro não fosse dedicado a legítimos heróis. Porque ele o foi, realmente. Sua presença nos campos de combate foi um estimulo. Sua ação um exemplo. Seus serviços uma glória para os descendentes do consagrado bandeirante Fernão Dias Paes Leme. No dia 5 de Agosto partiu em uma patrulha de reconhecimento, através de envios caminhos, em demanda das divisas com o Paraná, ponto estratégico onde as tropas paulistas deveriam firmar suas posições. Animador da tropa – respeitável pela idade e pelo denodo – tornara-se o alvo de todas as atenções. A

jornada era das mais penosas. Mas o velho voluntário, a despeito de já ter caído duas vezes em virtude de cansaço físico, continuava com seu moral levantado. Avançava sempre. Entusiasmava os demais. A caminhada, no entanto, era demasiado pesada para as suas forças. Seu organismo havia de se ressentir. E foi o que se deu. Ao chegar ao banhado do rio das Minas, Pereira Lima caiu exausto para não mais se levantar.

ROGERIO ARMELIN GUANAES

Batalhão Bento Gonçalves (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Já fizemos sentir, em outros pontos deste livro, o quanto havia de heroísmo integral no esforço denodado e muita vez anônimo dos soldados da Lei, bisonhos combatentes que supriam a falta de conhecimentos técnicos pela bravura pessoal e amor ao sonho que os animava. Por isso é que de muitos valorosos combatentes ficou apenas o nome, como recordação e como exemplo. Rogerio Armelim Guanaes foi dos que deixaram, após a sua morte, apenas um rastro luminoso de gloria. Morreu em Vila Queimada, dia 1° de Setembro, vítima de estilhaços de granada, sendo sepultado no próprio campo da pugna, em cova rasa de que não ficou marca, acabada a guerra. Pertencia ao Batalhão Bento Gonçalves, o 11° Batalhão de Caçadores da Reserva que tantos heróis ofereceu em holocausto à Causa de São Paulo pelo Brasil. Fluminense, morava em São Paulo, exercendo a profissão de farmacêutico.

ROMARIO DE MELLO NERY

Batalhão Marcondes Salgado (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Irrompido o movimento revolucionário, Romario de Mello Nery apresentou-se, Reservista, com conhecimentos militares, foi aproveitado para o serviço de organização dos batalhões que partiam, formados no Palácio das Indústrias. Partiu, afinal, com o último deles – o Marcondes Salgado, para as margens do Rio Grande, de onde foi toda a unidade chamada, logo depois, para atender ao setor de Campinas, na ocasião ameaçado. Resistindo, com mais quatro companheiros, a um ataque das forças adversárias, nas proximidades de Mogi-Mirim, foram todos mortos a tiros de metralhadora, dia 11 de Setembro. Seu corpo está sepultado no Cemitério de Itapira.

Dados Biográficos – Romario era filho do Sr. Julio Nery Ferreira e de D. Manoela Mello Nery. Nascera em Piracicaba a 17 de Julho de 1909. Era funcionário da Secretaria da Agricultura, exercendo o cargo de fiscal de máquina de algodão, em Tietê, cargo esse conquistado por concurso.

RONALD DOUGLAS MAC LEAN

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista

Com os conhecimentos advindos da prática que a Grande Guerra lhe proporcionou unidos ao seu grande amor a São Paulo, o engenheiro Ronald Douglas Mac Lean, logo aos primeiros dias da luta, ofereceu a sua colaboração desinteressada aos Serviços de Guerra organizados pela Escola Politéc-

nica. Esses serviços compreendiam a atividade concentrada dos vários esforços técnicos no sentido de melhorar o material bélico existente e criar um novo, dentro das possibilidades do Estado, bloqueado por terra e por mar. O engenheiro Mac Lean era especialista em granadas de mão fabricadas por aqueles Serviços de Guerra, ultimamente, à razão de dez mil por dia. Anexo à fábrica de granadas, foi criada uma escola de granadeiros, com homens fortes, de nervos de aço, capazes de tirar da possante arma a Maior eficiência bélica possível. Para essa escola, como seu instrutor e seu diretor, foi escolhido o engenheiro Mac Lean, que a ela dedicou-se inteiramente. Funcionando, inicialmente, nos fundos da Escola Politécnica, o seu vulto obrigou-a, logo, a transferir-se para o campo de esportes da Floresta, à margem do Tietê. E foi ali, a 7 de Setembro, que o engenheiro Ronald Douglas Mac Lean, no desempenho da sua missão de instrutor dedicado e capaz, tombou sem vida, com o tórax atravessado por um estilhaço de granada de mão.

ROQUE GIANGRANDE FILHO

3° Companhia, do Corpo de Bombeiros (Corpo de Bombeiros)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Na graduação de cabo motorista, sob n° 47 da 3° Companhia, do Corpo de Bombeiros, Roque Giangrande Filho seguiu para uma das frentes de combate, no início das operações da Guerra Constitucionalista, sob o comando do capitão José Pinto de Oliveira. Soldado do fogo nos tempos de paz, não desmereceu a sua corporação. Tal como seus companheiros, portou-se brava e eficientemente, até o dia 9 de Agosto em que, em consequência de ferimentos, por tiro de fuzil no ventre, teve morte instantânea. Foi sepultado em Queluz, onde ainda se encontra.

Dados Biográficos – Nasceu em Itapira, no dia 7 de Dezembro de 1898, filho do Sr. Roque Giangrande e de D. Magdalena Justino. Era casado com a D. Maria Pereira Giangrande e deixou dois filhos: Magdalena e José.

ROQUE PEZZO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Já dissemos que muitos combatentes constitucionalistas, no afã de servir à guerra, prescindiam de toda e qualquer formalidade. Queriam seguir para a frente. Poucos lhes importava registro de nomes ou de profissões. Alheios a qualquer cabotinismo, uma coisa, apenas, os interessava: defender São Paulo. Nesse caso está o lavrador Roque Pezzo. Não se sabe ao certo a que batalhão se incorporou. Segundo uns, estava no Exército, prestando serviço militar; segundo outros, incorporara-se num dos batalhões de emergência da Força Pública. No setor de Cunha, para onde fora destacado, foi ferido por tiro de fuzil, acidentalmente, devido à imprudência de um companheiro. Transportado para o Hospital de Sangue de Guaratinguetá, faleceu oito dias depois, isto é, no dia 17 de Agosto. Seu sepultamento deu-se nessa cidade, sendo seus despojos, mais tarde, transladados para Mococa.

Dados Biográficos – Nasceu em Mococa, no dia 17 de Agosto de 1904, filho do Sr. Jorge Pezzo e de D. Vincenza Seranla. Era casado e exercia, em Mocóca, a profissão de lavrador.

ROSALINO SILVA

Batalhão 9 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Sargento do 2° Batalhão 9 de Julho, Rosalino Silva tomou parte viva nos combates do setor Sul, desde o começo. Foi um valente que defendeu com orgulho a causa pela qual se entregara inteiramente. A 1° de Setembro, no lugar denominado Saltinho, à margem do Paranapanema, estilhaços de

granada alcançaram-no no pulmão, ferindo-o de morte. Recolhido à fazenda Santa Albertina, nas proximidades de Engenheiro Hermillo, apesar de carinhosamente tratado, faleceu no mesmo dia, sendo sepultado em Angatuba.

Dados Biográficos – Filho do Sr. Fermino Pedroso e de D. Antonia das Dores e Silva, era nascido em Itapira. Casado com D. Maria Correia Silva, deixou dois filhos: Sebastião e Wilson, com 10 e 9 anos de idade, respectivamente.

RUBENS COTRIM

1° Batalhão Paulista da Milícia Civil (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Foi dos primeiros a se apresentar ao Exército Constitucionalista o jovem voluntário, que se incorporou à 3° Companhia do 1° Batalhão Paulista da Milícia Civil, que operou sob o comando do coronel Romão Gomes. Não lutou senão poucos dias. Quis a fatalidade que a Revolução se privasse do concurso do ardoroso paulista no seu alvorecer. Rubens Cotrim, morreu no dia 17 de Julho, quando se banhava no rio São José do Rio Pardo, no município de igual nome. Seu corpo foi trasladado para Pitangueiras, sua terra natal, onde foi sepultado.

Dados Biográficos – Como dissemos, Rubens Cotrim nasceu em Pitangueiras, filho do Sr. José Cotrim e de D. Odette Guimarães Cotrim. Deixou os seguintes irmãos: Heitor, casado com D. Esther Cotrim; Edgard, casado com D. Zali Cotrim; D. Antonieta Cotrim Romano, casada com o Sr. José Romano e Benedicto, Octavio, Carmen Lucy e Celia Cotrim. Trabalhava no Fórum desta Capital.

RUBENS FRAGA DE TOLEDO ARRUDA

Batalhão 14 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado em São Paulo, na aurora da Revolução Rubens Fraga de Toledo Arruda, seguiu para o Setor Sul, no dia 14 de Julho, como soldado da 2° Companhia do 2° Pelotão, do batalhão que tomou o nome daquela data, a que tanto brilhou deu. Morreu no Fundão, no dia 12 de Agosto, em meio de sangrento combate que se verificou naquele setor, ferido, no crânio, por estilhaço de granada. Foi sepultado em Capão Bonito, de onde, mais tarde, seus despojos foram trasladados para Bauru.

Dados Biográficos – Nasceu em Bauru, no dia 3 de Novembro de 1915, filho do Sr. José de Toledo Arruda e da Sra. Sylvia Fraga de Toledo Arruda. Era neto do acatado jurista Dr. Affonso Fraga. Deixou os seguintes irmãos: Fernando e Rogério Arruda, estudantes de direito e de engenharia, respectivamente, e soldados do mesmo batalhão; Helena e Lysia de Toledo Arruda.

São Paulo precisa pagar a sua dívida de honra contraída com toda essa Mocidade grande e generosa de 1932, que por São Paulo combateu de armas na mão, coração alçado espírito altaneiro. Durante todo o inverno do ano glorioso, essa Primavera de energia e de valor viveu nas trincheiras o momento mais heróico da história da Nação. O coração de muitos parou petrificado, iluminando o grande ideal que os arrebatara. Outros voltaram, pela graça de Deus! Hoje, já que nos integramos no regime da lei, é preciso que trabalhemos com o amor, com desvelo, com devotamento, para se perpetuar no bronze, no momento magnífico, a fama EA Glória daqueles que não hesitaram um só momento em combater e dar a sua vida pela nossa Terra, pela nossa gente, pela nossa honra. Quem já deu ouro para o bem de São Paulo, também fará para glorificação dos que tombaram, pela linda causa e para que a posterioridade, vendo o monumento grandioso, renda um peito de ternura e gratidão aos que sacrificaram pelo ideal e pela glória de São Paulo!

NAIR MESQUITA

RUY BARBOSA LIMA

2° Regimento de Cavalaria Divisionária (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Escolhendo o 2° Regimento de Cavalaria Divisionária, por ser reservista do mesmo, Ruy Barbosa Lima partiu para o Setor Sulde operações, na graduação de sargento, sob o comando do Capitão Octavio Garcia Feijó. Foi um colaborador dos mais eficientes, daqueles que uniram sempre à bravura a inteligência, ao denodo o ideal de uma causa. Morreu no dia 12 de Agosto, no mais acesso do combate de Apiaí-Mirim, onde se portava com sua costumeira coragem, quase que ao lado do seu comandante.

Dados Biográficos – Nasceu em Agudos, no dia 13 de Agosto de 1910, filho do Sr. José Barbosa Lima falecido e de D. Regina Olandim Barbosa Lima. Era irmão dos Srs. Octavio Barbosa Lima, Maria Lima Redó, esposa do Sr. José Redó; Amalia Lima Laurent, casada com o Dr. René Laurent; Iracema Lima de Abreu; esposa do Dr. Domingos Santos Abreu; Alecia Lima da Silva, casada com o Sr. Estevam Tavares da Silva e Tabajara Barbosa Lima. Foi casado com D. Alfrida Barbosa Lima e deixou uma filha de nome Euza. Escrevente do cartório de Pongai, onde, também, colaborava, com muito brilho, na imprensa local.

RUY CAMARGO

4° Regimento de Artilharia de Montanha (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Reservista do Exército, foi incorporado como Sargento ao 4° Regimento de Artilharia de Montanha a 9 de Julho, seguindo no dia 10 para o Setor Norte. Combateu durante toda a Revolução sem ter recebido ferimentos em combate. Na volta da frente, porém, próximo a Aparecida, sofreu um desastre de automóvel, de que lhe resultou um edema pulmonar. Hospitalisado em Taubaté, inicialmente, veio depois para São Paulo, continuar o tratamento. Não resistiu, porém à moléstia, vindo a morreu no dia 14 de Dezembro. Está sepultado no Cemitério de São Paulo.

Dados Biográficos – Nascido em São Paulo, Capital, no dia 23 de Dezembro de 1900 era filho do Sr. José de Arruda Camargo e de D. Maria Garcia Camargo e irmão de D. Aurora, casada com Francisco de Toledo; Clotilde, casada com Paulo Bellegarde; Santuza, casada com Octavio de Mello, todos eles também voluntários constitucionalistas; José de Arruda Camargo Junior, também combatente, e senhorinhas Lucia e Edina Camargo. Era solteiro, trabalhava no comércio e era veterano das revoluções de 1924 e 1930, nas quais tomara parte saliente.

RUYTEMBERG ROCHA

Batalhão Marcilio Franco (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Aluno do Curso de Oficiais da Força Pública, partiu para o Setor Sul, como capitão, logo no começo da campanha. Em Buri, dia 26 de Julho, quando em combate, recebeu um tiro na cabeça, morrendo instantaneamente. Foi sepultado no Cemitério velho de Buri. Esse combate, um dos mais duros daquela frente, durara nada menos que dezessete horas. Em 3 de Abril de 2009, a Sociedade Veteranos de 32-MMDC e a Academia de Polícia Militar do Barro Branco fundaram o Núcleo MMDC Cadete Ruytemberg Rocha, tendo sido condecorações instituidas em seu nome segundo o Decreto Estadual de nº 54.629 de 3 de Agosto do mesmo ano. Já em 9 de Julho de 2012, aos oitenta anos da Revolução Constitucionalista, a Academia de Polícia Militar do Barro Branco, a Sociedade Veteranos de 32-MMDC. e a Prefeitura Municipal de Buri o homenagearam com a inauguração de monumento que leva o seu nome. Ruytemberg Rocha é também patrono do Centro Adadêmico XV de Dezembro da Academia de Polícia Militar do Barro Branco.

Dados Biográficos – Nasceu no dia 19 de Janeiro de 1908 em São João da Bocaina, filho do Sr. Ozorio Rocha e de D. Julieta Simões Rocha. Era solteiro e irmão de José Eurideval, Olinda, Ladidopeia e Servio.

SABINO RODRIGUES DA SILVA

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

Sobre muitos dos combatentes constitucionalistas que sucumbiram nas várias frentes em que se desenvolveu a guerra de São Paulo, não foram conseguidos dados biográficos suficientes. O fato aconteceu mesmo com soldados da Força Pública, o que poderá parecer estranho, tratando-se de uma milícia organizada como é a de São Paulo. O fenômeno, no entanto, é explicável. Tais combatentes incorporaram-se à Força Pública depois de deflagrado o movimento, não só nesta Capital, mas, também, em vários setores onde seus batalhões operavam. Está nesse caso o soldado Sabino Rodrigues da Silva, sobre o qual sabe-se que foi um valente em combate, um bravo defensor do Exército Constitucionalista e que morreu, de armas na mão, pelo ideal que defendíamos.

SANDOVAL MEIRELLES

5° Regimento de Infantaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Incorporado em Campinas, no alvorecer da Revolução Constitucionalista, Sandoval Meirelles seguiu para a frente, como cabo do 3° Batalhão do 5° Regimento de Infantaria, na 9° Companhia sob o número 65. Seu setor foi o da Serra da Mantiqueira, no Túnel e o seu batalhão foi o que, pela bravura de seus soldados, foi cognominado o 3 de Outro. Lutou durante muitos dias. Pôs a prova a sua resistência e a sua coragem. Um tiro de fuzil, contudo, no dia 5 de Setembro, pôs termo a sua vida preciosa, matando-o instantaneamente. Seu corpo foi sepultado em Cruzeiro e, mais tarde, trasladado para São Paulo.

Dados Biográficos – Nasceu em Congonhas do Campo, no Estado de Minas Gerais, no dia 29 de Março de 1908, filho do Sr. Annibal Meirelles e de D. Maria Nazareth Meirelles. Deixou os seguintes irmãos: Maria das Dores, casada com o Sr. Benedicto de Godoy; Annibal Meirelles, casado com D. Eulalia Faria Meirelles; Celia, casada com o Sr. Porfiro Cardoso Novaes; Asdrubal Meirelles, casado com D. Judith Meirelles e Luiza, Geraldo e Benedicta Meirelles. Sandoval Meirelles era ferroviário da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro.

SEBASTIÃO ALVES

Batalhão Francisco Glyierio (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Quando se organizou a Companhia de Guerra Alta Araraquarense, um baiano forte, aparentemente 40 anos de idade, apresentou-se para ser incluído. Experimentado, deram-lhe o posto de 2° sargento. Sebastião Alves, nada contou a seu próprio respeito. Contentasse com o nome que dava. E partiu. Lutou como poucos bravos que sabem lutar. Operou reconhecimentos perigosíssimos. Conheceu a primeira linha de todas as trincheiras onde a sua tropa operou, principalmente nos setores do Leste. A Companhia Alta Araraquarense, depois, 2° Companhia do Batalhão Francisco Glyierio, esteve todo o tempo incorporada à Coluna Romão Gomes. E foi na tomada de Grama que Sebastião Alves, combatendo de fuzil metralhadora na mão, ao lado do seu comandante, sentindo-se ferido entregou-lhe a arma e rolou para o fundo da trincheira, morto. Foi sepultado no Cemitério de Itobi, com todas as honras.

SEBASTIÃO BARRETO DE OLIVEIRA

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Dentre os batalhões que deram à defesa do Túnel o máximo das suas energias, é justo destacar o 2° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, em cujas fileiras muitos claros se abriram nos combates quase ininterruptos travados nas encostas abruptas da Mantiqueira. Sebastião Barreto de Oliveira era sargento do 2° Batalhão de Caçadores Paulista. De tal forma lutou que foi promovido em campanha. E tanto se arriscou que, em Setembro, estilhaços de granada alcançaram-lhe, ferindo-o. Trazido para o Hospital Militar de São Paulo, faleceu no dia 21 daquele mês, em consequência dos ferimentos.

Dados Biográficos – Em 1907, no bairro Alto, nascera Sebastião, filho do Sr. Benedito Barreto da Silva e de D. Rita Jeremias de Oliveira. Solteiro, foi sempre um bom soldado da Força.

SEBASTIÃO CHAGAS

Batalhão da Reserva, de Santos (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Incorporado ao 3° Grupo do 3° Pelotão da 6° Companhia do Batalhão da Reserva, de Santos, Sebastião Chagas esteve em campanha desde os primeiros dias da Revolução Constitucionalista. Tomou parte em diversos assédios e muitas defesas tiveram o seu concurso, principalmente no Monte Cabrão, de onde foi, depois, destacado para Itatinga. Ali, o disparo acidental do fuzil de um de seus companheiros, prostrou-o sem vida. Seu corpo, removido para Santos, foi sepultado no Cemitério do Saboó.

SEBASTIÃO CHAVES

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

Sebastião Chaves foi um dos bravos voluntários santistas. Incorporado ao Exército Constitucionalista lutou como um bravo até o sacrifício da própria vida. Seu nome e seu gesto, no entanto, ficarão gravados nesta página. Ficarão como um exemplo aos de sua geração e como uma lição sempre viva às gerações futuras.

SEBASTIÃO FERNANDES

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Das notas constantes dos arquivos que serviram para a elaboração deste livro, consta que Sebastião Fernandes pertencia à Força Pública do Estado quando estalou a Revolução Constitucionalista. Designado para o Setor Leste, lá se demonstrou um valente soldado. Sabe-se, também, que morreu combatendo no setor de Usina. Seu sepultamento deu-se em Pinhal.

SEBASTIÃO FERREIRA DA SILVA

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

Por Maiores esforços dispendidos não foi possível obter qualquer dado biográfico sobre Sebastião Ferreira da Silva. Soube-se apenas que serviu em um dos batalhões da Força Pública e que, possivelmente, se havia incorporado depois de deflagrado o movimento. Daí a razão da falta de elementos, de que aquela corporação é tão ciosa. Sebastião Ferreira da Silva tem, no entanto, uma grande gloria: morreu pelo ideal de São Paulo, que era, de modo claro, um ideal brasileiro, qual o de reconstitucionalizar o país.

SEBASTIÃO FRANCISCO DE OLIVEIRA

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista

Presume-se que Sebastião Francisco de Oliveira tivesse se incorporado ao 2° Batalhão de Caçadores Paulista. Outros elementos, contudo, indicam-no como componente do 5° Batalhão de Caçadores Paulista. Dados de outra natureza também são nulos. Não importa. Certamente que, na ânsia de servir ao Exército Constitucionalista, procedeu tal como milhares de combatentes, dispensou todos os protocolos. Sabe-se, também, para sua gloria, que morreu combatendo pelo ideal que empolgava todo o povo de São Paulo e aqui figurará nesta página de honra como exemplo aos pósteros.

SEBASTIÃO MARQUES

18° Batalhão de Cavalaria (Exército Brasileiro)
Exército Constitucionalista do Setor Mato Grosso

De Campo Grande, onde tem o seu quartel, veio o 18° Batalhão de Cavalaria do Exército trazer a sua solidariedade e a sua cooperação ao movimento paulista de 32. Dele fazia parte o soldado Sebastião Marques, sorteado pouco tempo antes para o serviço militar. Veio disposto e feliz, combater pela sua terra. E defendeu-a, defendendo seus ideais, mesmo em terras de Mato Grosso, no setor de Porto Murtinho, onde o 18° Batalhão de Cavalaria firmou a sua ação e o seu valor. Sebastião Marques, morto por uma rajada de metralhadora a 25 de Agosto, repousa ainda no Cemitério de São Roque, no Estado em que servia o Exército.

Dados Biográficos – Contava, ao morrer, 23 anos de idade e tinha dois filhos de seu casamento do D. Carmen Procopio. Eram seus pais o Sr. Francisco Marques e D. Maria Joaquina. Sebastião Marques era nascido em S. Manoel, Estado de São Paulo.

SEBASTIÃO RIBEIRO GOMES

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Estava enquadrado na Companhia de Emergência do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, na qualidade de enfermeiro, posto de que ele não se soube valer para ficar na retaguarda. Sebastião Ribeiro Gomes estava sempre na primeira linha, acudindo aos feridos, transportando-os para a retaguarda, mesmo quando o tiroteio era cerrado e perigoso. No dia 9 de Setembro, um tremendo ataque corpo a corpo foi desfechado pela força adversária contra as nossas trincheiras do Morro Melado, em Silveiras. O choque foi brutal e as nossas linhas cederam um pouco. Ameaçou-se o pânico na troca desorientada. O cabo enfermeiro Ribeiro Gomes tomou a frente dos soldados, gritando e incitando-os à luta. Apanhando um fuzil metralhador, avançou, de pé, magnificamente ousado, contra o adversário, disparando, disparando... Um golpe de baioneta, lançado violentamente contra ele, matou-o. E Sebastião, caiu abraçado ao seu fuzil metralhadora. Seu corpo não foi sepultado. As contingências da luta obrigaram os companheiros a deixá-lo onde caíra. Sebastião Ribeiro Gomes tinha 26 anos de idade.

SEBASTIÃO DA SILVA

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sebastião da Silva, soldado da 3° Companhia do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, pouco tempo pode lutar. Nos primeiros dias da luta, partiu para o setor Norte, tomando parte nas escaramuças travadas nas proximidades de São José do Barreiro, onde foi ferido por tiro. Hospitalizado naquela cidade e, depois, em Areias, veio afinal para São Paulo, internando-se no Hospital Militar, onde veio a morrer, em consequência dos ferimentos, dia 24 de Setembro. Está sepultado no Cemitério de São Paulo.

Dados Biográficos – Nascido em S. José dos Barreiros, contava, ao morrer, 36 anos de idade. Era casado e filho do Sr. João Baptista da Silva e da Sra. Olympia Rodrigues.

SEBASTIÃO TEIXEIRA DA SILVA

Centro de Instrução Militar (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Para o Setor Norte de operações foi que Sebastião Teixeira da Silva, seguiu, deixando o quartel do Centro de Instrução Militar da Força Pública, ao qual estava adido. Esteve presente nas lutas travadas em toda a frente de Areias e Silveiras. Veio para Cachoeira e para Lorena. E, finalmente, esteve nas trincheiras de Engenheiro Neiva onde, próximo à fazenda Jararaca, foi ferido e morto durante um combate. Seu corpo está sepultado no Cemitério Municipal de Guaratinguetá.

Dados Biográficos – Ituano, contava, em 1932, trinta anos de idade. Era filho do Sr. Bento Ramos da Silveira e de D. Cherubina Teixeira da Silva. Foi sempre um bom soldado. Casado, deixou uma filhinha: Rosalinha. Era irmão da Sra. Rosa Teixeira da Silva, casada com o Sr. Francisco de Oliveira.

SEBASTIÃO VALENTIM

Batalhão de Operário de Santos (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Segundo ficou mais ou menos apurado, Sebastião Valentim (mais propriamente Valentino Sebastiano, pois era natural da Hungria) ingressou no Batalhão de Operário de Santos, com o fim de defender, com entusiasmo e com ardor, a causa de São Paulo, que lhe pareceu digna de sacrifícios.
Morreu em Vila Queimada, no Morro Verde, a 1 de Setembro, juntamente com vários companheiros de armas, em consequência de ferimentos produzidos por estilhaços de granada. Consta que foi sepultado no mesmo local em que caiu. Sebastião Valentim, conforme dissemos, era húngaro de origem, tinha 45 anos de idade presumivelmente. Era casado. Deixou seis filhos menores. Soubemos que trabalhou por muito tempo na Companhia Docas e residia em Santos quando estalou a Revolução Constitucionalista.

SEGUNDO MURARI

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Segundo Murari foi incorporado ao batalhão Rio Grande do Norte, comandado pelo Major Abrantes e seguiu para uma das frentes de combate logo após a sua apresentação. Foi designado para o Setor Leste, no setor de Eleutério, onde combateu com denodo. Ferido por tiro, na cavidade abdominal, interessando o estomago e fígado, foi Furari transportado, em estado grave, para o Hospital de Itapira, onde morreu no dia 25 de Agosto. Contava cerca de 23 anos, era solteiro e residia, com sua família, na cidade de São Paulo.

SERAPHIM DIAS MACHADO

1° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

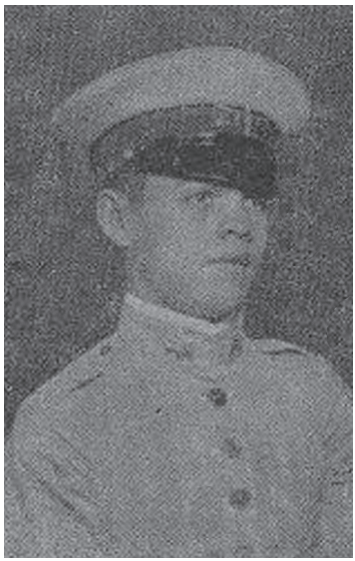
Soldado do 1° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Seraphim Dias Machado partiu para uma das frentes de combate, sob o comando do tenente coronel Virgilio Ribeiro dos Santos. Trabalhou eficientemente para a vitória de São Paulo.

Não foi feliz, no entanto. Quando foi da retomada da cidade de Amparo, caiu morto, em virtude de um ferimento, por tiro de fuzil, na boca, no dia 18 de Setembro. Foi sepultado nessa cidade e depois trasladado para São José dos Campos, onde se encontra.

Dados Biográficos – Nasceu em Pedro Leopoldo, no Estado de Minas Gerais, no dia 12 de Agosto de 1902. Era filho do Sr. Sylvio Machado e de D. Francisca Dias Machado. Irmão de André Vicente e Adalberto Dias Machado.

SERGIO ANTUNES DE ANDRADE

8° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul



Sob n° 90, da 1° Companhia do 8° Batalhão de Caçadores Paulista, da Força Pública, que era comandado pelo tenente coronel Pedro de Moraes Pinto, o soldado Sergio Antunes de Andrade seguiu para uma das frentes de combate ao iniciar a Revolução Constitucionalista.
Foi para o Setor Sul, para o setor que fez heróis, entre os perigos constantes e ininterruptos combates que lá se registraram. E foi na colina à margem no rio das Almas, ferido a tiro, no dia 28 de Agosto, que Sergio viu sua carreira cortada e sua vida extinta. Sepultaram-no no Cemitério de Capão Bonito.

Dados Biográficos – Nasceu em Santos, no ano de 1911, filho do Sr. Antonio Fernandes e de D. Gertrudes Fernandes. Ele era solteiro.

SEVERINO DIAS DE SOUZA

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sob o comando do tenente coronel Octaviano Gonçalves Silveira e como soldado da 2° Companhia do 2° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Severino Dias de Souza seguiu para a guerra de São Paulo com a alma candente de entusiasmo. Sua atuação, contudo, foi breve. Promovido, por atos de bravura, aa graduação de cabo, teve, porém, sua vida extinta no dia 24 de Julho. Um tiro de fuzil, no setor do Túnel, ferindo-o na cabeça, matou-o. Seu corpo foi sepultado em Cruzeiro.

Dados Biográficos – Nasceu em Nova Cruz, no Estado do Rio Grande do Norte, no ano de 1904. Era filho do Dr. Lucas Dias Padilha e de D. Maria Guilherme de Souza. Solteiro.

SEVERIO NUNES DA COSTA

9° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Severino Nunes da Costa ocupava a graduação de cabo do 9° Batalhão de Caçadores Paulista, da Companhia de Metralhadoras, quando estalou a Revolução. Sob o comando do tenente coronel Genésio de Castro e Silva seguiu para a frente onde sempre se distinguiu mesmo em tarefas difíceis que foi obrigado a desempenhar. Morreu em Vila Queimada, no Setor Norte, no dia 19 de Agosto, em pleno combate. Natural da Paraíba do Norte, era filho do Sr. Francisco Nunes e da Sra. Maria da Conceição. Solteiro.

SEVERINO SOARES CABRAL

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

Severino Soares Cabral é mais um soldado da Força Pública sobre o qual não se conseguiu obter qualquer dado biográfico. Foi dos que, evidentemente, se inscreveram em batalhões daquela milícia, depois de estalada a guerra, razão por que não foi protocolada a sua inscrição com todos os elementos indispensáveis. De qualquer modo, sabe-se que foi um dos valentes de 32 e que, honrando esta página com seu nome, será para todo o sempre um exemplo flagrante da nobreza do movimento constitucionalista daquele ano heroico para a história do Brasil.

SILVERIO EUZEBIO GUIMARÃES

8° Batalhão de Caçadores Paulista (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Silverio Euzebio Guimarães não era da tropa regular. Estalado o movimento, não pode, contudo, sopitar seus sentimentos cívicos e se incorporou, em Itapetininga, a um dos batalhões de emergência da Força Pública, o 8° Batalhão de Caçadores Paulista, que era comandado pelo capitão José Ferreira Lameirão. Depois de tomar parte em vários combates, no Setor Sul, onde se destacou sobremaneira, foi acometido de grave enfermidade de que o obrigou, contra a vontade, a ir para a retaguarda. Seguiu, então, para a sua terra natal – a cidade de Descalvado – onde, em consequência do mesmo mal, faleceu no dia 15 de Maio de 1934. Por essa ocasião recebeu as honras militares devidas aqueles que lutaram e sofreram em prol do movimento que visava, antes de tudo, a ordem e a disciplina no Brasil.

Dados Biográficos – Nasceu a 15 de Novembro de 1890, em Descalvado, filho do Sr. Tertuliano de Oliveira Guimarães e de D. Felisbina de Oliveira Guimarães. Deixou a viúva D. Adelia Gerantola Guimarães e cinco filhos: Sylla Marcos, Sidney Luiz, Sinesio, Tertuliano e Hina. Era alfaiate.

SIZENANDO MOREIRA

Batalhão Marcondes Salgado (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Incorporado em Barretos, no dia 15 de Julho, Sizenando Moreira seguiu para uma das frentes de combate, logo em seguida como soldado do Batalhão Marcondes Salgado, sob o comando do major Antenor Musa Sobrinha. Tomou parte em inúmeros combates, tendo se destacado sempre pela sua bravura e valor. Morreu na cidade de Mogi Mirim, no dia 10 de Setembro, atingido no peito por uma rajada de metralhadora. Umburana, como era conhecido – informou uma testemunha ocular de sua morte – caiu, com outros companheiros, prisioneiros das tropas ditatoriais concentradas, então, em Mogi Mirim. Quando escoltados, não suportando os pesados insultos que caiam sobre os soldados paulistas, Sizenando Moreira rebelou-se. E tirando uma garrucha que escondera na polaina, virou-se para o oficial que o conduzia, dizendo-lhe, peremptório: - *Sei que morro, mas levo você comigo.* Ato continuo alvejou-o no coração, prostrando-o. Seus subordinados, então, como desforra, pegaram Sizenando, colocaram-no à frente de uma metralhadora pesada, crivando-o de tiros de fuzil. Seu corpo foi sepultado na tumba 252, da quadra M. do Cemitério local. Posteriormente seus despojos foram trasladados para Barretos. Sizenando nascera em Montes Claros, no Estado de Minas. Era solteiro e empregado no comércio de Barretos.

SYLVIO CERVELLINI

6° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Em Garça, onde residia, Sylvio Cervellini apresentou-se voluntariamente para combater ao lado de São Paulo pela Revolução Constitucionalista. Doze dias depois, estava ele incorporado ao 6° Batalhão de Caçadores da Reserva e ocupando posição no setor Sul, frente de Buri. Foi ali que, a 16 de Agosto, Sylvio foi atingido por tiro no ventre, sendo recolhido ao Hospital de Sangue de Buri, onde recolhido ao Hospital de Sangue de Buri, onde morreu dois dias depois. Sepultado no Cemitério local, foi seu corpo trasladado para Piracicaba.

Dados Biográficos – Piracicabano, nascido a 16 de Fevereiro de 1911, era filho do Sr. Eugenio Cevellini e de D. Augusta Cervellini. Solteiro, contador formado pela Escola de Comércio Christovam Colombo, de sua terra natal, ultimamente dedicava-se ao comércio de café na cidade de Garça.

SYLVIO FLEMING

1° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Estamos diante de um autentico militar que se identificou, desde o primeiro instante com a Revolução em prol da re-constitucionalização do país. O 1º tenente Sylvio Fleming do 4º Regimento de Artilharia de Montanha (4º R.A.M), aquartelado em Itu, partiu para o Setor Norte, comandando um grupo de artilharia, nos primeiros dias do movimento. Seu concurso foi dos mais preciosos. Em toda a parte, onde atuou reve-

lou-se um lidimo expoente do Exercito Brasileiro, honrando, sobre modo, as nobres tradições do seu nome. Morreu no dia 21 de Agosto, na frente de Silveiras. A Ordem do Dia do Quartel General do Destacamento do coronel Andrade disse o seguinte: Falecimento de Oficial - Em consequência dos ferimentos recebidos, na linha de frente, no exercício de seu posto, faleceu ontem, às 16:50 horas, o Sr. 1º Tenente Sylvio Fleming do 4º R.A.M. Grande esperança do nosso Exercito, o novel e já notável artilheiro foi vitimado em consequência de ferimentos recebidos em um reconhecimento avançado. A perda do distinto camarada abre claro nas nossas fileiras onde ele era considerado um destacado elemento de valor. E enche de luto os seus camaradas que viam nele o símbolo da honra, do valor profissional, da dignidade militar, aliado ao seu espírito de justiça e bondade. Porém, o sangue do nosso companheiro servirá para nós de estimulo e de exemplo para a continuação porfiada da luta, cujo, ideal ele encarnou com tão decidido e denodado civismo. (Boletim do Destacamento de 22/8/1932). - (a) José Joaquim de Andrade, coronel comandante.

Sylvio Fleming foi sempre destaque por sua sua inteligência e suas atitudes. Aluno exemplar da Escola Militar, foi classificado no 4º R.A.M. Exímio esportista participante da Hípica Paulista representando o regimento.

Dados Biográficos – Nasceu, em 1905, no Rio de Janeiro. Filho do Almirante Thiers Fleming. Era casado e pai de dois filhos.

PAULISTAS,

Recordar é viver. E si os dias gloriosos, como os de Julho a Setembro de 32, não se repetem senão de cem em cem anos, recordemo-los a todo instante, para que os vivamos a cada momento. Perpetuemos, no bronze e no mármore, o sacrifício dos que se imolaram pelo Bem de São Paulo, escrevendo com o próprio sangue essa página sublime de civismo e de Indômita bravura. E o monumento aos heróis que tombaram na peleja, conservando a memória dos feitos épicos da campanha Constitucionalista, manterá acesa no peito dos contemporâneos, a chama viva de amor à São Paulo, indicará aos pósteros a rota que é um de trilhar na defesa das tradições altivez e heroísmo da gente de Piratininga. Todas as energias do Povo Paulista, refinada no crisol crepitante da epopeia de 32, se acham intactas, senão aumentadas pela lição de dor e do sofrimento. Havemos de dar ao mundo o testemunho de que arde em nossos corações a mesma fé que nos fez marchar sorrindo para os campos de batalha: e de que, si

THIAGO FERREIRA

Batalhão do Tiro Naval (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Thiago Ferreira, quatro dias depois de estalado o movimento revolucionário incorporou-se em Santos, no Batalhão do Tiro Naval, onde recebeu o número 710. No dia 30 seguiu para o Setor Norte de operações, onde se portou com valor próprio de um soldado idealista. Morreu no setor de Silveiras, no dia 18 de Agosto, sendo sepultado no lugar onde tombou, na Fazenda Flores.

Dados Biográficos – Nasceu em Santos, no dia 1 de Maio de 1911, filho do Sr. Manuel Paulo Ferreira e de D. Anna Giannite Ferreira. Deixou os seguintes irmãos: Juvenal, Onofre, Oscar, Pedro, Albertina e Edith Ferreira.
Era noivo da senhorita Zilda de Almeida. Exercia o cargo de funcionário da Saúde do Porto, em Santos, onde era muito estimado.

nos dias de guerra soubermos doar o nosso ouro para vitória, saberemos agora concorrer para a glorificação dos que alcandoraram a nossa terra às altas regiões onde pairam o brio, a honra e o sentimento de liberdade, virtudes que constituem o mais alto o caro patrimônio do Povo Bandeirante. Paulistas, Provemos que a seiva do nosso patriotismo não se consumiu na voragem da luta homérica sustentada pela autonomia e pela lei, nem sucumbiu diante da força bruta. Ela resplandecerá nas galas e louçanias de sua glória Imortal, exaltada no monumento que havemos de levantar ao gigantes de 32. Como nos dias estupendos, em que a bandeira das treze listas tremulava nas trincheiras, conservemo-nos unidos nesta campanha de civismo; conjuguemos todos os esforços para que os nossos mortos queridos tenha um mausoléu condizente como seu sacrifício; sobretudo, concorramos, com o mesmo fervor e entusiasmo de 32, para que o monumento erguido na em praça pública traduza, pela grandiosidade e magnificência, ajusta ufania, que todos sentimos, de ser paulistas.

ALARICO FRANCO CAIUBY

THOMAZ DE ARAUJO

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Depois de estalado o movimento constitucionalista, muitos foram os civis que se incorporaram à Força Pública do Estado, quer em São Paulo, quer em várias cidades e particularmente em Campinas. Foi nesta última cidade que Thomaz de Araújo se apresentou aquela milícia para combater pelo ideal de São Paulo. Foi aceito. Partiu imediatamente para uma das frentes de combate, onde lutou com denodo e com bravura. Morreu em combate, nas proximidades de Campinas, no dia 19 de Setembro, sendo sepultado nessa cidade, no Cemitério local e depois trasladado para o mausoléu que o povo campineiro mandou erigir em honra de seus queridos e inesquecíveis mortos.

THOMAZ JOSÉ DO NASCIMENTO

2° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Thomaz José do Nascimento era sargento do 2° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, comando pelo tenente coronel Octaviano, quando estalou a guerra de São Paulo. Foi destacado para o setor mais perigoso naquele momento e de que tantas vezes temos falado no decorrer deste livro: o do Túnel. Sua atuação foi breve. Morreu no dia 21 de Julho, na Serra da Mantiqueira, no referido setor.

Dados Biográficos – Nasceu em Jacobina, Estado da Bahia, em 1902, filho do Sr. Domingos José do Nascimento e de D. Olinda Maria da Conceição. Era casado com Sra. Anna Maria do Nascimento.

THOMAZ JUSTINO RODRIGUES

7° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

3° sargento do 7° Batalhão de Caçadores Paulista, Thomaz Justino Rodrigues, seguiu para uma das frentes de combate, sob o comando do tenente coronel João Dias de Campos. Serviu dura e eficientemente ao Exército Constitucionalista, merecendo sempre de seus comandantes, palavras de elogios. Em consequência de ferimentos por tiro que recebeu em Capão Bonito, faleceu em Itapetininga no dia 4 de Setembro, onde foi sepultado no cemitério local.

Dados Biográficos – Thomaz Justino Rodrigues era natural de Thomaz de Aquino, no Estado de Minas Gerais. Nasceu no ano de 1896, filho do Sr. Justino Rodrigues da Rocha e da Sra. Guilhermina da Conceição. Foi casado com a Sra. Severiana Rosa Rodrigues e deixou quatro filhos: Justina, Sebastiana, Thomazinho e Maria Aparecida.

TITO GUIMARÃES JUNQUEIRA

Regimento da Cavalaria do Rio Pardo (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Foi um dos valentes soldados do Regimento da Cavalaria do Rio Pardo, a cujo primeiro esquadrão pertencia. Tito Guimarães Junqueira incorporou-se em São Paulo no dia 20 de Julho e seguiu para a frente sob o comando do capitão Alfredo Feijó. Desde então tomou parte em todas as operações do seu esquadrão, praticando as perigosas incursões de que foi fértil a guerra de 32. Morreu no dia 16 de Dezembro de 1933, em consequência de moléstia contraída em campanha, às margens do Paranapanema, segundo foi atestado

Dados Biográficos – Nasceu em Jardinopolis, a 19 de Julho de 1909, filho do Sr. Braulino Junqueira e de D. Otilia Guimarães. Era solteiro e deixou os seguintes irmãos: Rogerio, João e Lucilla Guimarães Junqueira. Era Funcionário do Banco Comercial do Estado de São Paulo e contador formado pelo Mackenzie College, de São Paulo.

TORQUATO GONÇALVES DE ANDRADE

9° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

No posto de anspessada do 9° Batalhão de Caçadores Paulista, da Força Pública, que era comandado pelo tenente coronel Genésio de Castro e Silva, foi que Torquato Gonçalves de Andrade serviu à Revolução Constitucionalista. Trabalhou com a Maior eficiência. Em todos os postos para onde foi destacado sua bravura foi sempre elogiada e sua competência comprovada. Morreu no dia 7 de Setembro, em Taquary, no Setor Sul de Operações, sendo sepultado nessa mesma localidade.

Dados Biográficos – Nasceu em Minas Gerais, no ano de 1885, filho do Sr. Hypolito Gonçalves e de D. Marcolina Maria da Conceição. Solteiro.

Um monumento. Um mausoléu. Para os que partiram. Para os que não retornaram. 9 de Julho de 1932. Ninguém poderá, jamais, olvidar a data grandiosa querida! Julho! A mocidade, impulsionada pelo nobre ideal que a empolgava, partia. Ideal de Justiça de direito. Direito de viver livre, como povo livre, que sabe governar se. Julho de 32 é um poema escrito na História de São Paulo, com letras de ouro, de lágrimas, de sangue, de heroísmo. Cristalizássemos essa página no bronze e no granito, para que a posteridade tome para exemplo o sacrifício e a dedicação dos Filhos de Piratininga. Levantemos o Mausoléu. Para os que caíram na fronteira, os campos, e ainda jazem na terra esquecida, fria, longínqua... para os companheiros de ontem, para os irmãos tombados quando, conosco compartilhavam as mesmas agruras das trincheiras. Cada um de nós teve um parente, o irmão dele ficou. Um tiro em quem depositávamos nossas melhores esperanças. E que vimos partir alegre, cheio de vida. E, que lá, heroico, deixou a vida, grato a São Paulo por lhe ter dado oportunidade de morrer por ele. Como este, muitos outros, sorrindo, morreram. E, dormem o seu sono tranquilo de Heróis na mesma terra em que combateram. E nós vamos buscá-los. Devemos descer e precisamos ir buscá-los. Traze-los para o nosso lado. Perpetuar-lhes a glória. Guardá-los, com carinho e emoção, com saudade e veneração, no Mausoléu que ergueremos para a sua glória.

ALBERTO AGUIAR WEISSOHN

UBIRAJARA LEME DE AGUIAR

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

São os mais deficientes possíveis os dados colhidos sobre o soldado constitucionalista Ubirajara Leme de Aguiar. Sua ficha é a mais incompleta. Pertenceu, certamente, à falange heroica dos que, querendo combater, na ânsia de servir à causa paulista, inscreveram-se sem nenhum cuidado, apressadamente. Faleceu ele no Hospital de Sangue de Cruzeiro, às 22 horas do dia 14 de Agosto, em consequência de ferimentos recebidos em combate. Foi sepultado em Cruzeiro, na sepultura n° 515, depois, transladado para um local que não conseguimos descobrir. Sabe-se, ainda, que era casado e que nascera em Pernambuco no ano de 1909.

ULYSSES FRANÇA

2° Companhia (Corpo de Bombeiros)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Soldado da 2° Companhia, n° 27, do Corpo de Bombeiros, Ulysses França partiu para a guerra sob o comando do capitão Joaquim Ferreira de Souza. Acostumado aos perigos do fogo nos tempos de paz, demonstrou-se, nos campos de batalha, um verdadeiro combatente idealista, como era a Maioria dos que se batiam pela causa de São Paulo. Atingido, no entanto, por tiro de fuzil, no Setor Sul, na cidade de Buri, teve morte instantânea no dia 26 de Agosto. Está sepultado em Capão Bonito.

Dados Biográficos – Nasceu em Sorocaba, no dia 12 de Março de 1912. Filho do Sr. Elpidio França e de D. Benedicta França. Era solteiro e deixou os seguintes irmãos: Benedicto, Armando, Eugenio, Nair e Julieta França.

VALERIANO CORRÊA DOS SANTOS

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

São deficientes os dados biográficos sobre Valeriano Corrêa dos Santos. Ele foi para as trincheiras. Seu lugar, no entanto, era precioso. Seus serviços à causa não o eram menos. E os perigos a que se expunha era dos Maiores. Era ajudante de cozinha no Setor Norte e morreu no Hospital de Sangue de Cruzeiro, em consequência de um edema agudo no pulmão. Foi sepultado no Cemitério local, na sepultura sob n° 566. Nasceu em 1911.

VENANCIO RAMOS

5° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Soldado da 2° Companhia do 5° Batalhão de Caçadores Paulista da Força Pública, Venâncio Ramos partiu para uma das frentes de combate, sob o comando do capitão Odilon Aquino de Oliveira, nos primeiros dias da Revolução Constitucionalista. Lutou com denodo, tal como seus bravos companheiros da milícia estadual, do Exército e do formidável corpo dos voluntários constitucionalistas. Ferido em combate, em São José dos Barreiros, morreu no dia 29 de Agosto, sendo sepultado no Cemitério daquela cidade.

Dados Biográficos – Nasceu em Jacareí, no ano de 1908, filho do Sr. João Ramos e de D. Inocência Rodrigues de Moraes. Ele era casado.

VICENTE AMATO

Integrante de Unidade de Voluntários
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Já dissemos: centenas, para não dizer milhares de jovens, inflamados de patriotismo, incorporaram-se ao Exército Constitucionalista e partiram para as diversas frentes de combate indiferentes a todo e qualquer protocolo. Queriam combater, para combater. A luta lhes parecia obrigação, dever, lei. Seguiam sem prestar qualquer informação, sem nenhuma inscrição regular. A flama que lhes incendia o coração era o baluarte, era o guia. Isso lhes bastava. Vicente Amato está incluído no número desses voluntários. Sabendo-se que foi um lidimo combatente, nada se conhece, no entanto, sobre sua vida e sobre sua morte. Apenas que morreu, de armas na mão, no Setor Norte de Operações.

VICENTE DE OLIVEIRA

1° Batalhão de Engenharia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Soldado da 3° Companhia, do 1° Batalhão de Engenharia que atuava sob o comando do oficial Affonso Clanciuli, o voluntário Vicente de Oliveira, que se mostrara valente e operoso, morreu longe das trincheiras, vítima de um assassínio estúpido. Foi em São João da Boa Vista, no dia 3 de Agosto, quando em descanso que, por motivos não apurados devidamente, um de seus companheiros o matou com um tiro que lhe varou a nuca. Foi sepultado nessa mesma cidade, onde ainda se encontra.

Dados Biográficos – Contava com 25 anos de idade e era filho do Sr. Francisco Antonio de Oliveira e de D. Maria dos Anjos Catharina. Era solteiro e trabalhava na Light and Power quando estalou a guerra.

VICENTE PINHEIRO

6° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista

Cabo atirador do 6° Batalhão de Caçadores da Reserva, seu verdadeiro nome era Fernando Pinheiro. E com esse nome é que registramos os dados sobre ele obtidos.

VICENTE DE SOUZA BARROS

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Seis dias depois de deflagrado o movimento constitucionalista, precisamente no dia 15 de Julho, Vicente de Souza Barros incorporou-se, na Capital de São Paulo, ao Batalhão Paes Leme, que era comandado pelo capitão Pietcher. No dia 18 de seguiu para a frente. Contam seus companheiros e seus comandantes que foi sempre um bravo. Nada o atemorizava. Cada dia mais sentia-se preso ao Ideal por que se batia. Ferido em combate, no setor de Vila Queimada, foi transportado para São Paulo. Foram inúteis todos os cuidados. Seu passamento foi registrado no dia 2 de Setembro, quinze dias depois de ferido. Foi sepultado no Cemitério São Paulo.

Dados Biográficos – Nasceu em Itatiba, no dia 10 de Novembro de 1912, filho do Sr. Luiz Galvão de Barros e de D. Etelvina de Souza Barros. Deixou os seguintes irmãos: Hortencia, Hercilia, Luiz, Herminia, Noemia, Honorina, José e Oscar. Solteiro e estudante.

VICTORIANO BORGES

3° Batalhão 9 de Julho (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Dia 10 de Julho, Victoriano Borges apresentou-se para prestar os serviços que dele fossem exigidos em favor da causa à qual se entregava de coração alto. Comissionado, esteve em Bauru e Lins organizando em Batalhões os elementos dispostos à luta. Depois, obteve sua incorporação na graduação de sargento da 1° Companhia do 3° Batalhão 9 de Julho, com o qual se bateu em Eleutério, Pinhal, fazenda Santo Antônio e outras posições. A 27 de Setembro, fazia com mais três ou quatro companheiros uma patrulha de reconhecimento em Tanquinho, município de Campinas, quando foi atingido na cabeça por um tiro de fuzil que o matou instantaneamente. Sepultado ali mesmo, seu corpo foi mais tarde trasladado para Pindamonhangaba.

Dados Biográficos – Natural de Barra Mansa, onde nascera a 17 de Junho de 1888, filho do Major Antonio Joaquim da Silva Borges e de D. Onofrina Borges e irmão de D. Carmen Borges Goffi, Victoriano era casado com D. Alice Goffi Borges, não tendo deixado filhos. Guarda-livros, morou muitos anos na cidade de Lins, tendo vindo ultimamente para a Capital como funcionário do Instituto do Café, posto em que o veio encontrar a Revolução Constitucionalista.

VIRGILIO CUNHA

Integrante de Unidade da Força Pública
Exército Constitucionalista

Entre os bravos que foram sacrificados por São Paulo, na Revolução Constitucionalista, conta-se Virgilio Cunha, que se incorporara à Força Pública, em meio à guerra. Essa a razão, também, por que não se pode obter nenhum dado biográfico sobre o bravo combatente. Presume-se, por isso, que tenha se inscrito em um dos batalhões daquela milícia em alguns dos setores onde combatia, tendo-se extraviado a ficha de sua inscrição. O que se positivou foi sua bravura no campo de batalha e seu patriotismo em servir, até o sacrifício da vida, ao exército que tinha em mira, antes do mais, o bem da terra brasileira, pela volta do regimento constitucional ao país.

VIRGILIO ESTEVAM DA COSTA

5° Batalhão de Caçadores Paulistas (Voluntários)
Exército Constitucionalista

Soldado do 5° Batalhão de Caçadores Paulistas, Virgilio Estevam da Costa serviu à causa constitucionalista parece que desde o seu alvorecer. Juntamente com o batalhão a que pertencia – como um de seus bravos – tomou parte em rudes pelejas verificadas nos vários setores para onde foi destacado. Não mediu sacrifícios. Trabalhou com disciplina e com valentia. E não titubeou em dar, num momento supremo, o supremo bem que possuía: a sua vida.

VIRGILIO GOMES

3° Batalhão de Caçadores Voluntários (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Incorporado em Itu, Virgilio Gomes partiu para a guerra como cabo do 3° Batalhão de Caçadores Voluntários, que era comandado pelo major Garrido. Serviu à Revolução Constitucional até seus derradeiros dias. Conheceu assim todas as de-

cepções de que fomos testemunhas, ele que era um valente e disciplinado combatente. Morreu a 11 de Abril de 1933, em consequência de grave enfermidade contraída nas trincheiras. Foi sepultado em Itu.

Dados Biográficos – Nasceu em Bragança, no dia 16 de Abril de 1902, filho de João Gomes e de D. Marina Conceição. Deixou os seguintes irmãos: Oscarlina, Herminia, Juvenal, José, Benedicto, Silvino e Cherubina. Foi casado com D. Francisca Vera Silva e deixou uma filhinha de nome Dalva.

VIRGILIO RIBEIRO

4° Batalhão de Cavalaria (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Soldado n° 226, da 2° Companhia do 4° Batalhão de Cavalaria, Virgilio Ribeiro seguiu para a frente ao estalar da Revolução Constitucionalista, sendo designado, com seus companheiros, para o Setor Norte de operações. Depois de tomar parte, como um bravo, em inúmeros combates (e aquele setor foi prodigo em operações de guerra), teve sua carreira cortada e sua vida extinta no setor de Cunha, no dia 23 de Agosto, em consequência de ferimentos produzidos por tiro de fuzil. Foi sepultado nessa cidade.

Dados Biográficos – Nasceu em Dourado no dia 13 de Março de 1913, filho do Sr. Custodio Ribeiro e de D. Amantina Ribeiro. Deixou os seguintes irmãos: Ricardina, José, Zaira e Lourdes Ribeiro.

PAULISTAS!

Como representante de um dos Municípios do Estado de São Paulo, Bica de Pedra, é que vos venho falar sobre a nobilíssima campanha, que vai culminar com a ereção de um monumento é um mausoléu aos heróis de 1932. É certo que representa uma pequena célula desse imenso progressista que é São Paulo. Moeda na extensão territorial, entretanto grande foi como os demais na colaboração entusiástica para epopeia de 1932. Coerentemente, hoje, o povo de Bica de Pedra, revivendo, entre saudoso e grato, os seus heróis, e aqueles grandiosos dias de luta indômita, quer também te mostrar com o seu mais caloroso apoio à campanha Pró-Monumento e Mausoléu, que a chama acesa pela guerra Paulista, não se

WALDEMAR DE SOUZA FERREIRA

4° Batalhão de Caçadores Paulista (Força Pública)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sob o comando do capitão Lopes da Silva, como soldado do 4° Batalhão de Caçadores Paulista, da Força Pública, da Companhia de Metralhadoras, Waldemar de Souza Ferreira partiu para uma das frentes de combate ao estalar da Revolução Constitucionalista. Dizem os comunicados, atestam seus comandantes e afirmam seus companheiros que era um valente e que morreu lutando com o Maior destemor pelo ideal que se continha na guerra de São Paulo. Sua morte verificou-se no dia 3 de Agosto, no Hospital de Sangue de Cruzeiro, para onde fora transportado, gravemente ferido, no setor de Engenharia Bianor. Foi sepultado em Cruzeiro. Waldemar Ferreira nasceu no dia 24 de Agosto de 1916, e era filho do Sr. Agapito Ferreira e de D. Laura Ferreira. Solteiro.

apagou, e não se apagará nunca, em nossos corações, porque ela visava realizar, como realizou, com o bem de São Paulo, A Redenção da Pátria oprimida. Caminhando das trincheiras para o futuro de majestosas realizações, não nos é dado povo de São Paulo, esquecer aqueles que cobriram como seu sangue a estrada que percorremos vitoriosos. Mausoléu que seguir pela inspiração da nossa saudade e da nossa gratidão, e do nosso sou inapagável culto aos heróis de 1932, ficaram simbolizadas todas as virtudes paulistas, todos os sentimentos da raça Bandeirante, que, assim como teve grandeza de ânimo para conquistar uma Pátria, também tem arrojo de a reconquistar, para a liberdade e para lei! Os anos passarão, passarão as gerações e os povos, mas, para sempre, esse mausoléu impassível e eterno, certificar aos vindouros quanto de heroísmo, de amor e de desprendimento, animou esses novos Bandeirantes de 1932 da defesa intemerata da dignidade de sua terra natal!

ARTUR DE FREITAS MONTENEGRO

WALDEMAR URBANI

1° Companhia do Corpo de Bombeiros (Corpo de Bombeiros)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Waldemar Urbani foi outro soldado do fogo dos tempos da paz vítima da guerra de 32. Pertencia à 1° Companhia do Corpo de Bombeiros e seguiu para o Setor Sulao estalar da Revolução Constitucionalista. Morreu no dia 26 de Julho, atingido no ventre por tiro de fuzil. Não se sabe ao certo onde foi sepultado.

Dados Biográficos – Nasceu na Capital de São Paulo no dia 8 de Junho de 1909, filho do Sr. Esnesto Urbani e de D. Gilda Cesarini Urbani. Deixou os seguintes irmãos: Yolanda, casada com o Sr. Pedro Sanches; Belmiro, Augusta, Lydia, Onice e Ernesto Urbani.

WALDOMIRO GONZAGA SILVA

Batalhão Raposo Tavares (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Leste

Waldomiro Gonzaga Silva incorporou-se em sua cidade natal – Campinas – no dia 19 de Julho de 1932. Ingressou, sob n° 157, na 4° Companhia do Batalhão Raposo Tavares. Depois de ter prestado, na retaguarda, muitos e valiosos serviços, partiu para o Setor Leste de operações no dia 19 de Agosto. Lutou com denodo e com o patriotismo tantas vezes decantado do soldado constitucionalista até o fim da guerra. E foi justamente em consequência de moléstia contraída nas trincheiras no setor de Bragança, que morreu em Campinas no dia 3 de Março de 1933. Está sepultado no Cemitério de Campinas, no Mausoléu que foi construído nessa cidade em homenagem aos voluntários campineiros.

Dados Biográficos – Nasceu em Campinas no dia 16 de Maio de 1907, filho de Damião Gonzaga da Silva e de D. Benedicta Gonzaga da Silva, esta falecida. Era casado com D. Angelina Gonzaga da Silva e deixou dois filhos: Oswaldo e Judith. Era irmão de Honório, Francisco, Virgilio e Alice Gonzaga da Silva.

WALDOMIRO MACHADO

1° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Nos primeiros dias da Revolução Constitucionalista, Waldomiro Machado seguiu para uma das frentes de combate, como sargento do 1° Batalhão de Caçadores da Reserva, na 1ª Companhia, sob o comando do capitão Lelio Boaventura. Lutou com denodo. Comandantes e companheiros, o reconheciam. Foi um bravo. Morreu no dia 5 de Setembro, vítima de um tiro de fuzil que lhe arrancou o braço direito. Foi sepultado em Areias e, posteriormente, transladado para Araraquara.

Dados Biográficos – Nasceu em Araraquara, no dia 28 de Outubro de 1907, filho do Sr. Carlos Felisberto da Costa Machado e de D. Rosa de Almeida Machado. Era solteiro e deixou os seguintes irmãos: Carlos, Casemiro e Maria de Lourdes Machado. Exercia a profissão de ferroviário.

WALTER SCAGLIONE

Batalhão Bahia (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Grande foi o número de voluntários que Bragança deu para a Guerra Constitucionalista. E grande foi o seu tributo de vidas oferecidas em holocausto à vitória. Walter Scaglione saiu de Bragança para incorporar-se ao Batalhão Bahia, em cuja 5° Companhia recebeu o n° 33, e para com ele tomar parte nas duras refregas da defesa do Túnel. Depois de ter provado fartamente o seu valor, Walter foi mortalmente ferido na cabeça no dia 5 de Agosto, vindo a falecer no dia seguinte. Seu corpo

repousa, hoje, em sua terra natal.

Dados Biográficos – Irmão de Naly, Darcy e Edy Scaglione, Walter era filho do Sr. Luiz Scaglione e de D. Angelina Diniz Scaglione, e nascera em Bragança no dia 25 de Novembro de 1910. Comerciante na sua terra, havia pouco contratara casamento com a senhorita Deosolina Moretti.

WALTER VOSS

Integrante de Unidade de Aviação
Exército Constitucionalista do Setor Litoral

Segundo está positivamente apurado, Walter Voss, foi vítima de um desastre de aviação, quando com outros companheiros, inclusive Jayme Taveira de que já falamos, pretendia chegar a São Paulo para incorporar-se ao Exército Constitucionalista. Alguns dizem, ainda, que o aparelho em que viajavam foi bombardeado. O incidente e consequente morte de vários bravos rapazes deu-se em Meriti, no dia 25 de Setembro.

Dados Biográficos – Walter Voss era alemão de nascimento, tendo servido na Aviação Imperial Alemã, na Grande Guerra. Era casado com mulher brasileira, D. Nair Veiga Reis Voss e deixou uma filhinha.

WILLY SCHEERSCHMIDT

10° Batalhão de Caçadores da Reserva (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Sul

Muitos foram os estrangeiros que, não podendo conter a onda de entusiasmo que ia por todo o Estado de São Paulo, se integraram ao movimento e lhe deram pleno apoio e solidariedade Willy Scheerschmidt, incorporado ao Batalhão Bandeirantes, que ficou adido ao 10° Batalhão de Caçadores da Reserva. Sob o comando do capitão Alexandre Poludarow, pariu para o Setor Sul. Lutou com o denodo dos legítimos soldados constitucionalistas, tendo, no entanto, morte instantânea, varado por uma rajada de metralhadora, juntamente com alguns de

seus companheiros, inclusive seu valente comandante, no dia 28 de Setembro, em Taquaral, no referido setor. Foi transportado para a capital do Estado e sepultado no Cemitério São Paulo, na sepultura 404, na quadra 39.

Dados Biográficos – Nasceu em Erfurt na Alemanha, no dia 26 de Maio de 1912, filho do Sr. Wilhelm Scheerschmidt e de D. Wilhelmine Scheerschmidt. Era irmão de Henrique, Eduardo, Eich, Helena e Hildegard Scheerschmidt. Era solteiro e exercia a profissão de mecânico.

PAULISTAS!

As gerações que fizeram, sentiram e viveram a epopeia grandíloqua de Julho de 1932, a nossa Revolução Constitucionalista, reafirmando, perante o Mundo, o valor de nossa capacidade de renúncia e de organização, não podem se esquivar do auxílio para a ereção do Mausoléu ao Soldado Paulista. Não é, apenas, homenagem o que deve ser considerado, irrefutavelmente, o mais profundo início de gratidão. Nem é só este sentimento, o incitador da presente campanha. Não se permita, às gerações vindouras, formar seu conhecimento da mais brilhante página da nossa história, somente pelo estudo dos nossos historiadores. Impõe-se que a lenda, acaso por eles transmitida, e o misticismo, acaso por elas cultivados sejam nutridos e vividos pela grandiosidade eloquente de nosso Monumento. Porque, então, compreendendo a razão que nos uniu e ergueu, e usufruindo a liberdade que lhe asseguramos, elas dirão: Bendito seja o povo, heroico, triunfante, fiel continuador da obra bandeirante! Benditos sejam aqueles de que nós descendemos! Com sua fé ardente e seu exemplo digno, seremos sempre a gente que eles sempre foram! Haverá quem não atenda ao nosso apelo?

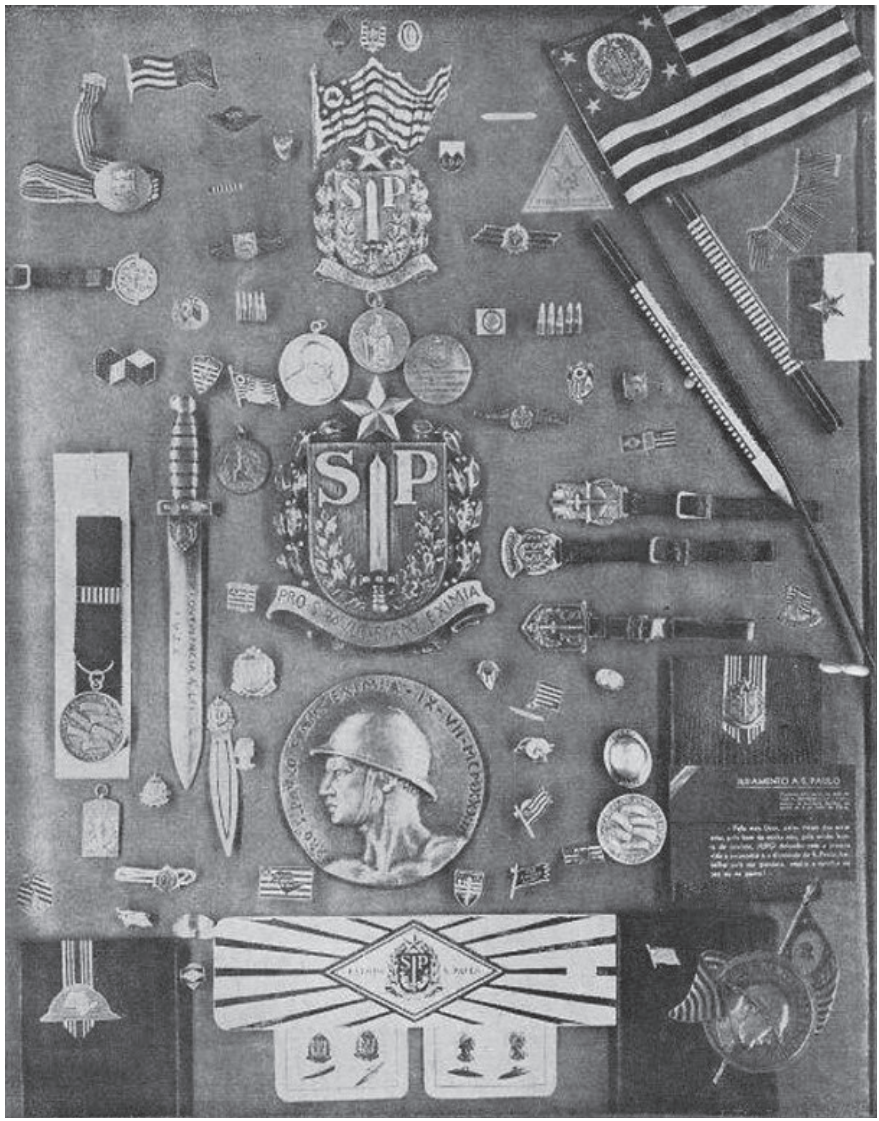
CASSIO DA COSTA VIDIGAL

YOLANDO RIBEIRO BOAVENTURA

Batalhão Paes Leme (Voluntários)
Exército Constitucionalista do Setor Norte

Sob o comando do capitão Pietcher, o jovem Yolando Ribeiro Boaventura incorporou-se em São Paulo no dia 14 de Julho, sendo designado para a 2º Companhia do Batalhão Paes Leme. Pela sua bravura e intrepidez foi várias vezes citado em Ordens do Dia, tendo sido promovido, por atos de bravura, à graduação de cabo. Morreu em Vila Queimada, no dia 1º de Setembro, tendo seu corpo sido transportado para São Paulo e sepultado no Cemitério do mesmo nome.

Dados Biográficos – Nasceu em Ipaussu no dia 4 de Outubro de 1913, filho do Sr. Theophilio C. Boaventura e da Sra. Helena R. Boaventura, ambos falecidos. Deixou os seguintes irmãos: Dr. Oswaldo Boaventura, casado com D. Marietta R. Boaventura; Dr. Raul Boaventura; Dr. Lelio Boaventura, capitão do Exército; Xerxes, Nelson, Leonidas e Odette, esta casada com o Dr. Luiz Muniz Barreto e das senhoritas Nair e Geny Ribeiro Boaventura. Foi irmão do voluntário Bolivar Boaventura, que, também, figura neste livro e que, no posto de 1º tenente do Batalhão Paes Leme, morreu em combate. Estudante.



Objetos fabricados durante a Revolução de 1932

VOCÊ
tem um dever a
CUMPRIR
Consulte
M.M.D.C.
a sua consciencia!

Apêndice I - Forças Constitucionalistas

por setores de combate durante a revolução

Nota da Comissão Editorial (2017)

Parte do trabalho de revisão e ampliação de CRUZES PAULISTAS (1936) nos ensejou angariar um significativo conhecimento acerca do aspecto bélico da Revolução de 32. Nesse sentido, um levantamento das unidades militares do Exército Brasileiro, Forças Públicas de São Paulo e Mato Grosso, Corpo de Bombeiros e Voluntários é o que apresentamos neste primeiro apêndice, na expectativa de podermos contribuir para o estudo da epopeia neste que é um dos seus aspectos mais significativos. Isto posto, as unidades foram organizadas segundo os exércitos constitucionalistas que pertenceram, quais foram, Sul, Leste, Norte, Litoral e Mato Grosso, divisão didática que optamos para relacionar as unidades que chegaram ao nosso conhecimento nas pesquisas realizadas. A listagem que apresentamos nas páginas a seguir está longe de ser exaustiva e, nesse sentido, estamos à disposição em cruzespaulistas@gmail.com para os melhoramentos que forem necessários, quando não acertos, porquanto ela não está isenta de erros. A Comissão Editorial (2017) agradece à tecnóloga Cintia Akiko Tsunemoto pelo minucioso trabalho de levantamento das unidades junto aos vários setores de combate.

Forças Constitucionalistas

Quartel General do Comando em Chefe

SÃO PAULO (Capital)

Sede do Comando em Chefe dos Exércitos
Constitucionalistas existentes nos setores
Sul, Norte, Leste, Litoral e Mato Grosso

Exército Constitucionalista

SETOR SUL

Quartel General do Setor: Itapetininga (SP)

Unidades do Exército Brasileiro:
18° Batalhão de Cavalaria
4° Regimento de Infantaria
Regimento Misto de Artilharia
2° Grupo de Artilharia de Montanha
2° Regimento de Cavalaria Divisionária
10° Regimento de Cavalaria Independente
Centro de Preparação de Oficiais da Reserva

Unidades da Força Pública e Bombeiros:
1° Regimento de Cavalaria
1° Batalhão de Caçadores Paulista
4° Batalhão de Caçadores Paulista
6° Batalhão de Caçadores Paulista
7° Batalhão de Caçadores Paulistas
8° Batalhão de Caçadores Paulistas
9° Batalhão de Caçadores Paulistas
1° Companhia do Corpo de Bombeiros
2° Companhia do Corpo de Bombeiros
Centro de Instrução Militar da Força Pública

Unidades de Voluntários:
Batalhão Jaúense
Batalhão de Avaré
2° Batalhão Auxiliar

Batalhão Paraibuna
Batalhão Chavantes
Batalhão 14 de Julho
Batalhão Borba Gato
2° Batalhão 9 de Julho
Batalhão Fernão Sales
Batalhão Ibrahim Nobre
Batalhão Marcilio Franco
1° Batalhão Bandeirantes
Batalhão Floriano Peixoto
Batalhão Milícia Santistas
Batalhão Constitucionalista
2° Batalhão da Legião Negra
Batalhão Visconde de Taunay
Regimento de Cavalaria do Rio Pardo
1° Batalhão de Caçadores Voluntários
2° Batalhão de Caçadores Voluntários
3° Batalhão de Caçadores Voluntários
4° Batalhão de Caçadores Voluntários
6° Batalhão de Caçadores da Reserva
7° Batalhão de Caçadores Voluntários
7° Batalhão de Caçadores da Reserva
8° Batalhão de Caçadores da Reserva
9° Batalhão de Caçadores da Reserva
Batalhão Theopompo de Vasconcellos
1° Batalhão de Reservistas do Exército
10° Batalhão de Caçadores da Reserva
Batalhão Constitucionalista de Presidente Prudente

Unidades de Blindados:
Trem Blindado
Auto Blindado 14 de Julho

Unidade de Aviação:
1° Grupo de Aviação Constitucionalista Gaviões de Penacho

Exército Constitucionalista

SETOR NORTE

Quartel General do Setor: Cruzeiro (SP)

Unidades do Exército Brasileiro:
4° Batalhão de Cavalaria
4° Regimento de Infantaria
6° Regimento de Infantaria
12° Regimento de Infantaria
4° Regimento de Artilharia Montada
2° Regimento de Cavalaria Divisionária
5° Regimento de Cavalaria Divisionária
5° Regimento de Infantaria (Três de Ouro)
Centro de Preparação de Oficiais da Reserva

Unidades da Força Pública e Bombeiros:
1° Regimento de Cavalaria
1° Batalhão de Caçadores Paulistas
3° Batalhão de Caçadores Paulistas
4° Batalhão de Caçadores Paulistas
5° Batalhão de Caçadores Paulistas
8° Batalhão de Caçadores Paulistas
9° Batalhão de Caçadores Paulistas
2° Batalhão de Cavalaria Destacado
2° Companhia (Corpo de Bombeiros)
3° Companhia do Corpo de Bombeiros
5° Batalhão do Corpo Provisório de Milícias
Centro de Instrução Militar da Força Pública
2° Batalhão de Caçadores Paulistas (Dois de Ouro)

Unidades de Voluntários:
Coluna Sandin
Batalhão Bahia
Batalhão Marilia
Batalhão D'Oeste
Coluna Boaventura
Batalhão Piratininga
Batalhão Paes Leme
Tiro Naval de Santos
1° Batalhão Esportivo

2° Batalhão Esportivo
Batalhão Piracicabano
Batalhão Mato Grosso
1° Batalhão 9 de Julho
3° Batalhão 9 de Julho
4° Batalhão 9 de Julho
Batalhão Jacques Felix
Batalhão Barreto Leme
Batalhão Legião Negra
Batalhão 7 de Setembro
Batalhão Henrique Dias
Batalhão José Bonifácio
Batalhão General Osorio
Batalhão Baptista da Luz
1° Batalhão de Engenharia
Batalhão Operário de Santos
Quartel Central de Motoristas
Batalhão Voluntários Jauenses
2° Batalhão Mobilização Esportiva
Batalhão Voluntários de Piratininga
Batalhão de Assalto (Indios Loiros)
Batalhão Cavalaria de Pirassununga
2° Batalhão dos Funcionários Público
2° Batalhão de Caçadores Voluntários
1° Batalhão de Caçadores da Reserva
4° Batalhão de Caçadores da Reserva
5° Batalhão de Caçadores da Reserva
7° Batalhão de Caçadores da Reserva
8° Batalhão de Caçadores da Reserva
9° Batalhão de Caçadores da Reserva
5° Regimento de Cavalaria da Reserva
11° Batalhão de Caçadores da Reserva
2° Batalhão de Engenharia do M.M.D.C.
1° Batalhão da Liga da Defesa Paulista
1° Batalhão do Regimento de Engenharia do M.M.D.C.
Companhia de Bombardas do Centro de Instrução Militar
Companhia de Emergência do Centro de Instrução Militar

Unidades de Blindados:
Auto Blindado
Trem Blindado
Lancha Blindada

Unidade de Aviação:
1° Grupo de Aviação Constitucionalista Gaviões de Penacho

Outros:
Jornal *A Tribuna* (Repórter-fotográfico)

Exército Constitucionalista

SETOR LESTE

Quartel General do Setor: Campinas (SP)

Unidades do Exército Brasileiro:
6° Regimento de Infantaria

Unidades da Força Pública e Bombeiros:
Coluna Romão Gomes
1° Batalhão de Caçadores Paulistas
3° Batalhão de Caçadores Paulistas
4° Batalhão de Caçadores Paulistas
5° Batalhão de Caçadores Paulistas
6° Batalhão de Caçadores Paulistas
7° Batalhão de Caçadores Paulistas

Unidades de Voluntários:
Batalhão do Brás
Batalhão 23 de Maio
Batalhão Pinhalense
Batalhão Paes Leme
Batalhão Anhanguera
1° Batalhão Esportivo
1° Batalhão Esportivo
3° Batalhão 9 de Julho
4° Batalhão 9 de Julho
4° Batalhão 9 de Julho
Batalhão Barreto Leme
14° Bateria de Morteiros
Batalhão Legião Paulista
Batalhão Raposo Tavares
1° Batalhão de Engenharia

1° Batalhão da Milícia Civil
Batalhão Noroeste Paulista
Batalhão Francisco Glycerio
Batalhão Marcondes Salgado
Batalhão Rio Grande do Norte
1° Batalhão da Milícia Paulista
Batalhão Caçadores Francanos
Batalhão Patriótico de Catanduva
Batalhão Voluntários de Rio Preto
Batalhão Caçadores de Piratininga
Batalhão Pinhalense de Voluntários
8° Batalhão de Caçadores da Reserva
Batalhão Nossa Senhora da Aparecida
2° Batalhão da Liga de Defesa Paulista
Companhia de Bombardas (Guarda Civil)
1° Batalhão Paulista de Milícias de Cavalaria
18° Batalhão de Caçadores de Campo Grande

Unidades de Blindados:
Auto Blindado
Trem Blindado
Lancha Blindada

Unidade de Aviação:
1° Grupo de Aviação Constitucionalista Gaviões de Penacho

Exército Constitucionalista

SETOR LITORAL

Quartel General do Setor: Forte Itapiru em Santos (SP)

Unidades do Exército Brasileiro:
4° Batalhão de Cavalaria

Unidades da Força Pública e Bombeiros:
6° Batalhão de Caçadores Paulistas

Unidades de Voluntários:
Batalhão 23 de Maio
Batalhão Santo Amaro
Batalhão Marechal Floriano

Unidades de Blindados:
Lancha Blindada

Unidade de Aviação:
1° Grupo de Aviação Constitucionalista Gaviões de Penacho

Exército Constitucionalista

SETOR MATO GROSSO

Quartel General do Setor: Campo Grande (MS)

Unidades do Exército Brasileiro:
18° Regimento de Cavalaria
18° Batalhão de Caçadores
10° Regimento de Cavalaria Independente

Unidades da Força Pública e Bombeiros:
3° Batalhão de Caçadores

Unidades dos Voluntários:
Batalhão Noroeste Paulista
Batalhão de Novo Horizonte
6° Batalhão de Caçadores da Reserva

PARA COMPLETAR
O BATALHÃO
ALISTE-SE
M.M.D.C.

Apêndice II - Estatísticas de Cruzes Paulistas

segundo seus efetivos constitucionalistas

Nota da Comissão Editorial (2017)

Esta segundo apêndice tem por finalidade apresentar dados estatísticos acerca dos efetivos constitucionalistas que tombaram pela Glória de Servir a São Paulo em 1932 segundo os diferentes universos que pertenceram dentro de cada um dos cinco exércitos constitucionalistas retratados em CRUZES PAULISTAS (1936). Organizados em tabelas, os dados estatísticos propiciam ao leitor uma maior dimensão dos quantitativos de mortos entre voluntários civis e militares do Corpo de Bombeiros, Força Pública e Exército Brasileiro no maior movimento cívico de São Paulo. Nossos agradecimentos vão à tecnóloga Cintia Akiko Tsunemoto e ao professor Jefferson Biajone pelo minucioso trabalho de levantamento realizado nesta obra para que as estatísticas a seguir viessem a constituir este segundo apêndice da edição comemorativa.

Apêndice II - Estatísticas de Cruzes Paulistas

segundo seus efetivos constitucionalistas

Efetivos em Cruzes Paulistas		
Total Voluntários	372	59.2%
Total Força Pública	178	28.3%
Total Exército Brasileiro	55	8.8%
Total Corpo de Bombeiros	12	1.9%
Total Guarda Civil	03	0.5%
Total Guarda Municipal	01	0.2%
Total Aviação Constitucionalista	02	0.3%
Total Ferroviários	01	0.2%
Total Repórteres	01	0.2%
Total Alunos do C.P.O.R	02	0.3%
Total Herói 32 (Paulo Virgínio)	01	0.2%
Dr. Pedro de Toledo, Gen Marcondes Salgado, jovens MMDC e Alvarenga	07	1.1%
Total de Mortos em Cruzes Paulistas	**635**	100%

A tabela acima apresenta os efetivos de **635** personalidades cujas biografias estão retratadas na obra **CRUZES PAULISTAS** segundo seus diferentes universos de origem.

Efetivos do Exército Brasileiro em Cruzes Paulistas		
Setor Norte	43	78%
Setor Sul	07	13%
Setor Leste	01	2%
Setor Litoral	01	2%
Mato Grosso	02	4%
Sem Setor declarado	01	2%
Total Exército Brasileiro	***55***	100%

Com efeitos, das **635** personalidades existentes no livro **352** delas (55%) estão com seus restos mortais alojados no Monumento e Mausoléu ao Soldado Constitucionalista de 32 segundo levantamento realizado em 1º de Maio de 2017.

Efetivos de Força Pública em Cruzes Paulistas		
Setor Norte	62	35%
Setor Sul	49	28%
Setor Leste	34	19%
Setor Litoral	02	1%
Mato Grosso	03	2%
Sem Setor declarado	29	16%
Total Força Pública	**179**	100%

Quanto aos demais **283** (45%), acredita-se que estejam sepultados em outras localidades ao redor do Estado de São Paulo e do Brasil, senão no exterior.

Efetivos de Corpo de Bombeiros em Cruzes Paulistas		
Setor Norte	6	50%
Setor Sul	4	33%
Setor Leste	2	17%
Setor Litoral	0	0%
Mato Grosso	0	0%
Sem Setor declarado	0	0%
Total Corpo de Bombeiros	**12**	100%

Em todas os dados, sobressai-se o Setor Norte com o Maior número de retratatos em **CRUZES PAULISTAS**.

Efetivos de Voluntários em Cruzes Paulistas		
Setor Norte	140	38%
Setor Sul	113	30%
Setor Leste	90	24%
Setor Litoral	10	3%
Mato Grosso	05	1%
Sem Setor declarado	14	4%
Total Voluntários	**372**	100%

Na tabela a seguir relacionados estão os **629** falecidos por setores de combate, deduzidos do total os quatro jovens do M.M.D.C., Alvarenga e o governador Dr. Pedro de Toledo.

Total de Mortos em Cruzes Paulistas por Setor		
Setor Norte	254	40%
Setor Sul	174	28%
Setor Leste	132	21%
Setor Litoral	14	2%
Mato Grosso	10	2%
Sem Setor declarado	45	7%
Total de efetivos	**629**	**100%**

Com os dados estatísticos de **CRUZES PAULISTAS** organizados nestas tabelas, encerramos a presente edição comemorativa de oitenta e cinco anos da Revolução Constitucionalista de 1932.

E para nos despedirmos dela, a opção para fazê-lo não poderia ser outra, senão com um poema, cujos versos expressam no seu essência toda uma saga paulista de luta por uma São Paulo grande dentro um Brasil maior nos três meses que aquele movimento perdurou.

Com efeito, despeçamo-nos do **Pantheon** que é a obra **CRUZES PAULISTAS** na mesma reverência que outrora nas suas primeiras linhas o adentramos, mas agora ***ante a última trincheira*** que estas suas páginas finais constituem.

Itapetininga, 10 de Maio de 2017.

Prof. Dr. JEFFERSON BIAJONE
AFRÂNIO FRANCO DE OLIVEIRA MELLO
BENEDITO MONTENEGRO NETO
HELIO RUBENS DE ARRUDA E MIRANDA
OSVALDO BRETAS SOARES FILHO

Comissão Editorial
Ano MMXVII

Oração ante a última trincheira

Guilherme de Almeida

Agora é o silêncio
É o silêncio que faz a última chamada
É o silêncio que responde:

- Presente!

Depois será a grande asa tutelar de São Paulo - asa que é dia e noite e sangue e estrela e mapa - descendo, petrificada, sobre um sono que é vigília.

E aqui ficareis, em Heróis-Mártires, plantadas, firmes: - para sempre, neste santificado torrão de chão paulista.

Para receber-vos, feriu se ôle da máxima de entre as únicas feridas, na terra que nunca se cicatrizam, porque delas uma imensa coisa emerge e impõe-se que as eterniza.

Só para o alicerce, a lavra, a sepultura, e a trincheira se tem o direito de ferir a terra.

E, mais legítima que a ferida do alicerce, que se eterniza na casa, a dar teto para o amor, à família, a honra, a paz.

Mais legítima que a ferida da lavra, que se eternizam na árvore, a dar lenho para a leita, a mesa, o cabo da enxada, a coronha do fuzil; mais legítima que a ferida da sepultura, que se eterniza no mármore a dar imagem para a saudade, o consolo, a bênção, a inspiração, mais legítima que essas feridas é a ferida da trincheira, que se eterniza na Pátria a dar a pura razão de ser da casa, da árvore e do mármore.

Este cavado trapo de terra - corpo místico de São Paulo em que hora existia, consubstanciados, mais que corte de alicerce, sulco de lavra, cova de sepultura é rasgão de trincheira.

E esta, perene, que povoais, é a nossa última trincheira.
Esta é a trincheira que não se rendeu
a que deu a terra o seu suor,
a que deu a terra sua lágrima,
a que a terra o seu sangue!
Esta é a trincheira que não se rendeu,
a que é nossa bandeira gravada no chão,
pelo branco do nosso Ideal
pelo negro do nosso Luto,
pelo vermelho do nosso Coração,
Esta é trincheira que não se rendeu:
a que, atenta, nos vigia;
a que, invicta, nos defende;
a que, eterna, nos glorifica!
Esta é a trincheira que não se rendeu:
a que não transigiu,
a que não esqueceu,
a que não perdoou!
Essa é trincheira que não se rendeu:
aqui a vossa presença, que é a relíquia,
transfigura e consagra num altar,
para o voo até Deus da nossa Fé!
E, pois, ante este altar, alma de joelho,
a vós rogamos:

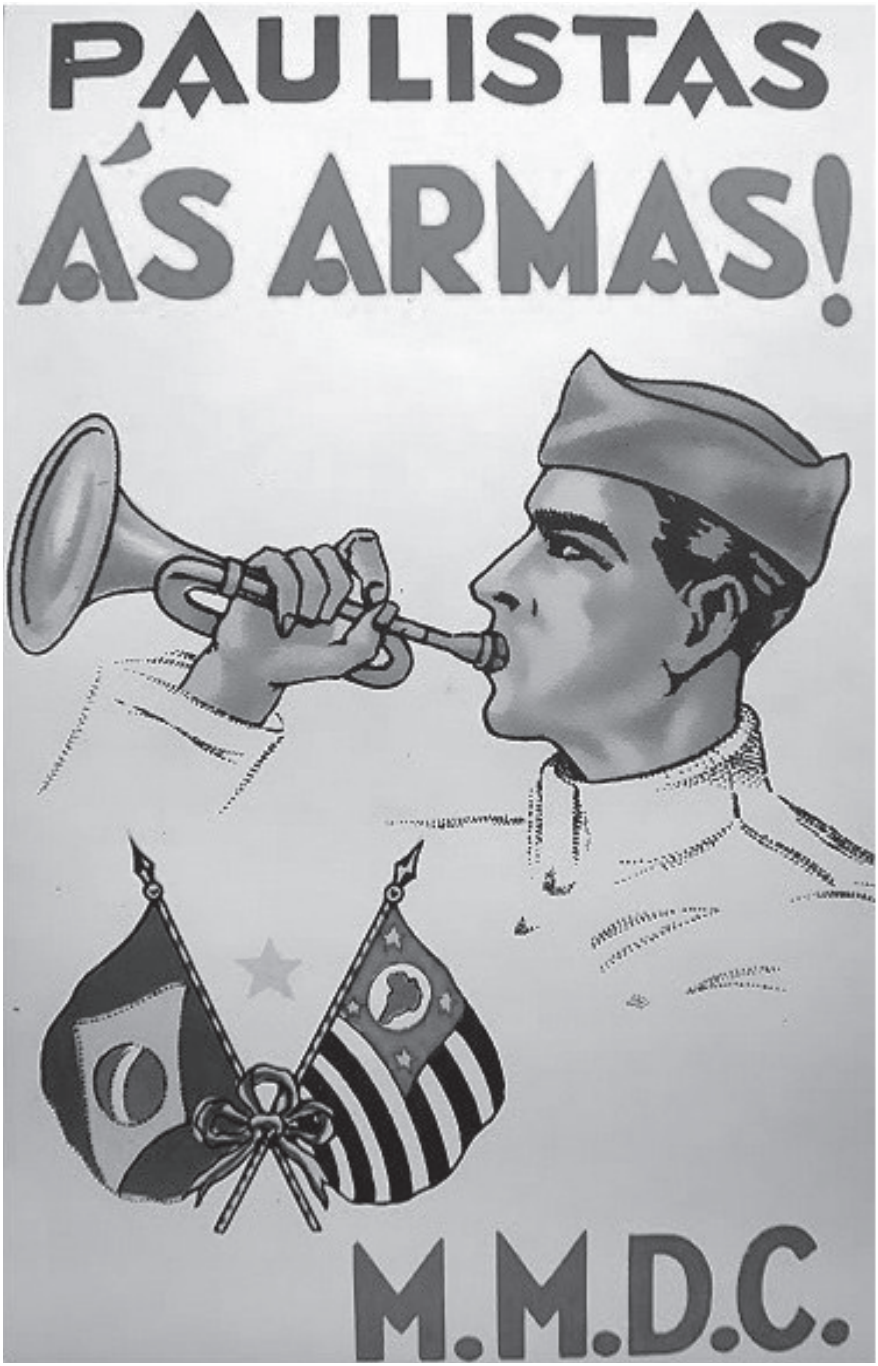
- Soldados santos de 32!

sem armas em vossos ombros, velai por nós!
Sem tiros na cartucheira, velai por nós!
Sem pão em nosso bornal, velai por nós!
Sem água em nosso cantil, velai por nós!
Sem galões de ouro no braço, velai por nós!
Sem medalhas sobre o caqui, velai por nós!
Sem mancha no pensamento, velai por nós!
Sem medo no coração, velai por nós!
Sem sangue já pelas veias, velai por nós!
Sem lágrimas ainda nos olhos, velai por nós!
Sem sopro mais entre os lábios, velai por nós!
Sem nada a não ser vós mesmos, velai por nós!
Sem nada senão São Paulo, velai por nós!

Oração ante a última trincheira

Guilherme de Almeida

Neste QR CODE está disponibilizada a versão em áudio
da *Oração ante a última trincheira* do poeta de 32
Guilherme de Almeida na interpretação de
Eric Lucian Apolinário


PAULISTAS
ÁS ARMAS!
M.M.D.C.

HINO DA REVOLUÇÃO DE 32

Nove de Julho é a luz da Pátria
Data imortal deste berço augusto
Dos bandeirantes denodados
Deste São Paulo vanguardeiro e justo

Nove de Julho é a glória do Brasil
Cantado por São Paulo
Sob um lindo céu anil

Nove de Julho é a luz da Pátria
Data imortal deste berço augusto
Dos bandeirantes denodados
Deste São Paulo vanguardeiro e justo

Nove de Julho heroica e bela data
Marco inicial da jornada democracia
Piratininga terra do trabalho
Onde são reais a enxada e o malho

Seu povo altivo vai espalhando
Amor pela pátria e vai cantando
Solo querido terra amorosa
Pátria de bravos, sempre formosa
Nove de Julho heroica e bela data
Marco inicial da jornada democracia

Seu povo altivo vai espalhando
Amor pela pátria e vai cantando
Solo querido terra amorosa
Pátria de bravos, sempre formosa
Piratininga terra do trabalho
Onde são reais a enxada e o malho

DECÁLOGO DA VITÓRIA

O movimento constitucionalista vencerá:

1) Porque é um movimento de opinião;
2) Porque tais reivindicações são inspiradas por Deus e, jamais, fracassaram;
3) Porque seus soldados trazem um ideal no coração, o mesmo não sucedendo aos seus irmãos de além fronteira;
4) Porque tudo aqui é feito pelo povo, absolutamente identificado com a causa abraçada; o mesmo não acontecendo com os que, iludidos, defendem a Ditadura – tudo lá lhes sai a peso de ouro;
5) Porque a guerra depende decisivamente de fator econômico, o qual, mercê de Deus, não falta a este povo laborioso;
6) Porque a eficiência do soldado na trincheira depende, sobremodo, do trabalho da retaguarda – e aqui a ordem, disciplina e racionalização de serviço bélico;
7) Porque a mulher constitucionalista vibra e labuta no aprestamento da vitória;
8) Porque, à medida que cresce nossa eficiência, tudo nos indica o depauperamento ditatorial;
9) Porque a ditadura está, irremediavelmente, desacreditada e desmoralizada;
10) Porque 40 milhões de habitantes, deste glorioso Brasil, anseiam pela Ordem e pela Lei.

Dos jornais
18 de Setembro de 1932

Uma Iniciativa de Resgate e Preservação
da Memória da Revolução Constitucionalista de 1932 da

SOCIEDADE VETERANOS DE 32-MMDC

http://mmdc.org.br

QR CODE de acesso à

CRUZES PAULISTAS

edição digital comemorativa que contém
apreciações, referências e futuras
atualizações da edição impressa

PRO BRASILIA FIANT EXIMIA

SOCIEDADE VETERANOS DE 32-MMDC

1932 - 1936 - 2016 - 2017